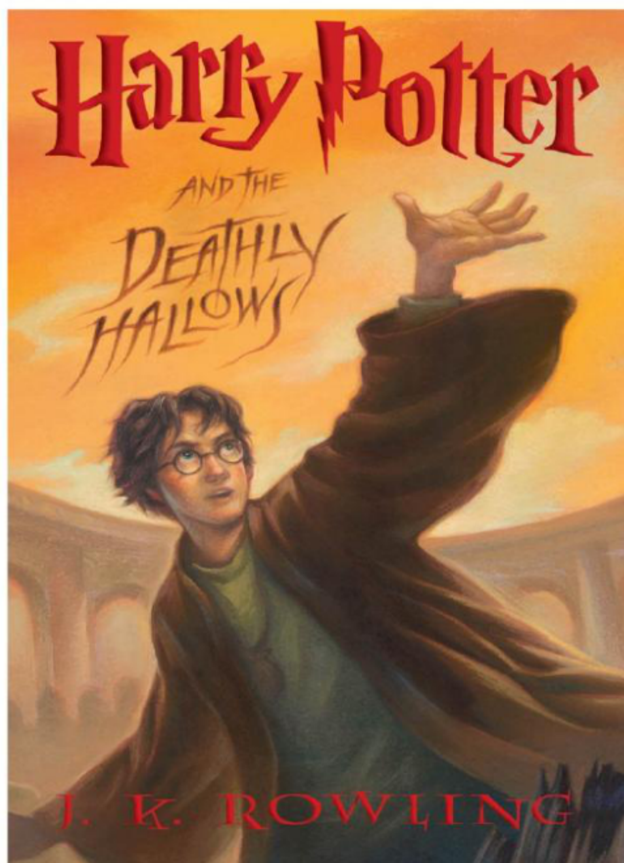
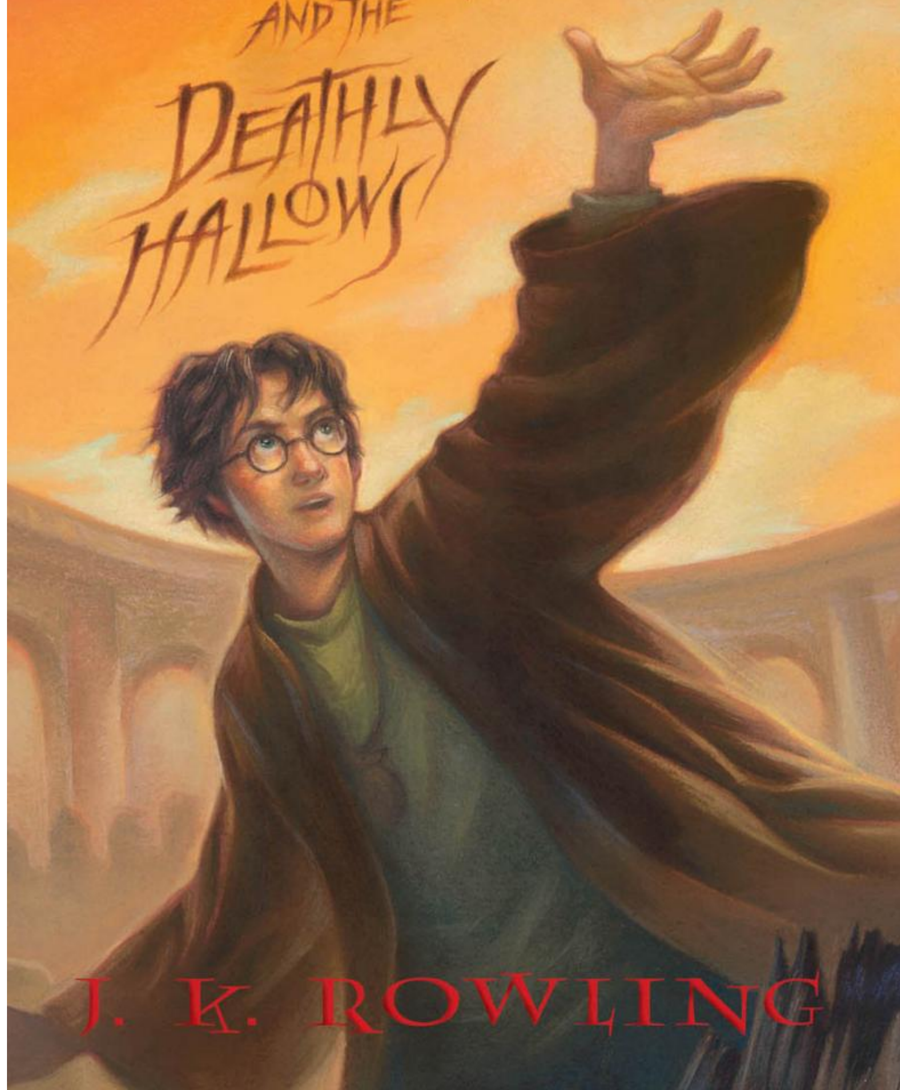
HARRY POTTER E AS RELÍQUIAS DA MORTE




Harry Potter
AND THE
DEATHLY HALLOWS
J. K. ROWLING

HARRY POTTER E AS RELÍQUIAS DA MORTE

Notas de tradução: Há palavras e nomes que não foram traduzidos, além

de expressões que foram adaptadas para o melhor entendimento.

Agradecimentos:

A todos os tradutores e revisores: DarkElite, Francis, Felipe, Mary

Federer, Mariana, Amanda, Martin, Douglas, Bruno Marcatto, João,

Alexandre, Caio, Luiz, Viviane, <<Viviane>>, Nicolas, Ariadne, Carolina,

Juliana, Rebecca, Nina, Julio, bellatrix, Doug, Golden Fake, Alvus

Severus, Fernanda, Kiko, Braian, Jonathan, Vanessa, Nicolas, Neto,

Samuel, João, Lucas Liborio, Agatetepe, Nathalia, bruno, Marcelo Arruti,

Leiza, Anna Carolina, Rebecca, viktor zanini, Rafaela, nand00, aberforth,

Lilla, Fernanda, Déia, Mischa, Eduardo, Liv Snape Bownie, Lilla, Ana

Paula, Tiul, Marie Helène, André, Ana Letícia, Cibelle Vilela, Orlando

Manganotti, Maria, Ana Letícia, Rafaela, *Lilla*, Simplismente,

Fernando,Lendo HP7, Norton, FlÁviA s2 BrUnO, Bruno, S2 Srtah Black,

Rhuan, Rosângela, e outros que não foram citados.

Outros:

Everton ~ Disponibilizou Livro Completo Transcrito em Inglês.

Fábio ~ O brasileiro que conseguiu o livro antes da data de lançamento.

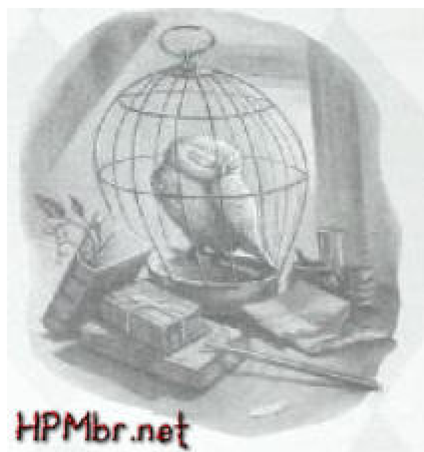
A todos os visitantes que incentivaram a tradução do livro e nos

divulgaram.

Mafia dos Livros:

Fleur Snape, Aluado Lupin, Lord Voldemort (Sh3rl0cK_H0lm3S), Draco

Lovegood, Luna, Bellatrix, Severus.



A

DEDICATÓRIA

DESTE

LIVRO

FOI FEITA

A SETE PESSOAS

PARA NEIL

PARA JESSICA

PARA DAVID

PARA KENZIE

PARA DI

PARA ANNE

E PARA VOCÊ

QUE TEM

ACOMPANHADO

HARRY

ATÉ

O

FIM.

Oh, o tormento criado na raça,

o grito da morte moendo

o golpe que fere a veia,

a hemorragia que ninguém pode estancar, a dor,

a maldição que nenhum homem pode agüentar.

"Mas há uma cura na casa

mas fora dela, não,

não de outros males,

sua discussão sangrenta. Nós cantamos a vocês,

deuses das trevas abaixo da terra."

"Agora ouça, você pode ser feliz em baixo da terra,

responda á chamada, envie ajuda.

Abençoe as crianças, os dê a vitória agora."

[Aeschylus, The Libation Bearers]

~~

Aqueles que amam além do mundo não podem ser separados por este. A morte não pode matar o que nunca morreu. Espíritos não podem ser divididos, pois amor e vida são do mesmo principio divino; a raiz e o registro de suas amizades. Se a falta não for da morte, também não é deles. Neste vidro divino, eles vêem cara a cara, e sua conversão é livre, assim como pura. Este é o conforto de amigos, que embora eles morram, sua amizade e sociedade serão, no melhor sentido, sempre presente, porque é imortal.

Escrito por William Penn.

Sumário (Índice de capítulos):


HPMbr.net

Capítulo Um

A Ascensão do Lorde das Trevas

Os dois homens apareceram do nada, separados por apenas alguns metros na estreita rua iluminada pela lua. Por um momento eles ficaram parados, com as varinhas apontadas para seus peitos, então, ao se reconhecerem, guardaram suas varinhas debaixo de suas capas e começaram a andar apressadamente na mesma direção.

- "Novidades?" Perguntou o mais alto dos dois.

- "As melhores." Respondeu Severo Snape.

A rua era cercada à esquerda por pequenas amoreiras, e à direita por

uma fileira de altos arbustos cuidadosamente podados. As longas capas dos

homens balançavam ao redor de seus tornozelos enquanto caminhavam.

- "Já pode ser demasiado tarde," disse Yaxley, suas feições arredondadas

ficando fora de vista a medida que galhos desgarrados de suas árvores

bloqueavam a luz do luar. "Foi um pouco mais complicado do que eu

imaginava. Mas eu acho que ele ficará satisfeito. Você está confiante de

que a sua recepção será boa?"

Snape concordou afirmativamente mas não se aprofundou no

assunto. Eles viraram à direita, em uma larga garagem que dava acesso à

rua. A alta fileira de arbustos continuava à distância, além dos

impressionantes portões de ferro trabalhados que barravam o caminho dos

homens. Em silêncio, ambos levantaram seus braços esquerdos numa

espécie de cumprimento e atravessaram os portões, como se este fosse feito

de fumaça.

As amoreiras abafavam os sons dos passos dos homens. Ouviu-se um

farfalhar à direita. Yaxley sacou sua varinha e apontou-a por cima da

cabeça de seu companheiro, mas a fonte sonora provou-se ser apenas um

pavão albino varrendo majestosamente de uma ponta a outra do topo do

arbusto.

- "Ele sempre fez bem a si mesmo, Lúcio, Pavões." Yaxley guardou de

volta sua varinha debaixo de sua capa com um grunhido.

Um belo casarão se destacava na escuridão ao final do caminho

estreito, com luzes piscando nas janelas brilhantes do térreo. Em algum

lugar no jardim escuro, atrás dos arbustos, uma fonte soava curta e grave

abaixo de seus pés, enquanto Snape e Yaxley se apressavam em direção à

porta da frente, que se abriu para dentro com a aproximação deles, embora

não houvesse ninguém visível capaz de abri-la.

O hall de entrada era grande, pouco iluminado, e suntuosamente

decorado, com um magnífico carpet cobrindo a maior parte do chão de

pedra. Os olhos dos retratos nas paredes seguiram Snape e Yaxley assim

que eles passaram. Os dois homens pararam em uma pesada porta de

madeira que levava à próxima sala, hesitaram pelo tempo de um pulsar de

seus corações, até que Snape girou a maçaneta de bronze.

A sala de estar estava cheia de pessoas em silêncio, sentadas em uma

grande e ornamentada mesa. Os móveis costumeiros da sala foram

empurrados bruscamente em direção às paredes. A iluminação vinha de

uma fogueira estalante acesa em uma bela lareira de mármore cercada de

um espelho banhado a ouro. Snape e Yaxley se demoraram por um

momento na entrada. À medida que seus olhos se acostumaram à falta de

luz, eles tomaram consciência do detalhe mais estranho da cena: uma figura

humana aparentemente inconsciente, estava pendurada de cabeça para

baixo acima da mesa, girando vagarosamente como se estivesse suspensa

por uma corda invisível, refletida no espelho e na superfície polida da mesa

abaixo. Nennhuma das pessoas próximas a essa situação singular estavam

olhando para ela, exceto por um jovem pálido sentado praticamente abaixo

dela. Ele parecia incapaz de evitar de olhar para cima de minuto em

minuto.

- "Yaxley, Snape," falou uma voz aguda e clara da cabeceira da mesa,

"Vocês estão muito, quase atrasados."

O interlocutor estava sentado diretamente à frente da lareira, de

maneira que era difícil, a princípio, aos recém chegados, distinguir mais

que sua silhueta. À medida que chegaram mais perto, no entanto, sua

face

brilhou através da penumbra, careca, um rosto ofídico, com rasgos estreitos

no lugar de narinas e olhos vermelhos e brilhantes cujas pupilas eram

verticais. Ele era tão pálido que parecia emitir um brilho perolado.

- "Severus, aqui," disse Voldemort, indicando o assento imediatamente à

sua direita, "Yaxley-ao lado de Dolohov."

Os dois homens tomaram seus lugares definidos. A maioria dos

olhares na mesa seguiam Snape, e foi com ele que Voldemort falou

primeiramente.

- "E então?"

- "Meu Lorde, a Ordem da Fênix pretende tirar Harry Potter de seu atual

lugar de segurança no Sábado, ao anoitecer."

O interesse ao redor da mesa mudou perceptivelmente. Alguns

enrijeceram, outros ficaram inquietos, todos olhando para Snape e

Voldemort.

- "Sábado,... ao anoitecer," repetiu Voldemort. Seus olhos vermelhos

fitando os pretos de Snape com tanta intensidade que alguns dos

observadores desviaram o olhar, aparentemente receosos que eles mesmos

seriam atingidos pela ferocidade do olhar. Snape, no entando, olhava

calmamente no rosto de Voldemort, e após alguns momentos, a boca sem

lábios de Voldemort se curvou no que parecia ser um sorriso.

- "Bom, muito bom. E essa informação vem de-"

- "-da fonte sobre a qual discutimos." disse Snape.

- "Meu Lorde."

Yaxley se curvou para frente para olhar para Voldemort e Snape.

Todos os rostos se viraram para ele.

- "Meu Lorde, eu ouvi outra coisa."

Yaxley esperou, mas Voldemort não falou, então ele continuou.

- "Dawlish, o Auror, deixou escapar que Potter não vai ser transferido até o

dia 13, o que é antes do aniversário de 17 anos dele."

Snape estava sorrindo.

- "Minha fonte me disse que há planos de dar um alarme falso; esse deve

ser o referido. Não há dúvida que um Feitiço Confumdus foi posto em

Dawlish. Não seria a primeira vez, ele é conhecido por ser suscetível a tais

artifícios."

- "Eu posso lhe assegurar, meu Lorde, que Dawlish parecia estar muito

certo do que disse," disse Yaxley.

- "Se ele está sob feitiço, obviamente ele vai parecer confiante." disse

Snape

- "Eu lhe garanto, Yaxley, que o escritório dos Aurores não vai

desempenhar papel na proteção de Harry Potter. A Ordem acredita que nós

estamos infiltrados no Ministério."

- "A Ordem supõe uma coisa corretamente então, né?" disse um homem

baixo e gordo sentado não muito distante de Yaxley, ele deu uma risadinha

forçada que ecoou aqui e ali por toda a mesa.

Voldemort não riu. Seu olhar havia se detido acima, em direção ao

corpo que girava vagarosamente, e ele parecia perdido em pensamentos.

- "Meu Lorde," Yaxley continuou, "Dawlish acredita que um esquadrão

inteiro de Aurores vai ser usado para transferir o garoto-"

Voldemort levantou uma grande mão branca, e Yaxley parou de uma

vez, olhando amargamente à medida que Voldemort se virou para Snape.

- "Onde eles vão esconder o garoto em seguida?"

- "Na casa de um dos participantes da Ordem" disse Snape. "O lugar, de

acordo com a fonte, recebeu toda proteção que a Ordem junto com o

Ministério podem dar. Eu acredito que a chance de o pegarmos assim que

ele estiver lá é pequena, meu Lorde, a não ser que o Ministério, é claro,

tenha sido derrotado antes do próximo sábado, o que talvez nos daria

oportunidade de descobrir e desfazer encantamentos suficientes para passar

pelos restantes."

- "Bom, Yaxley?" Voldemort chamou-o através da mesa, a luz do fogo

refulgindo estranhamente em seus olhos vermelhos. "O Ministério será

derrotado até o próximo Sábado?"

Mais uma vez, todas as cabeças giraram. Yaxley ajeitou seus

ombros.

- "Meu Lorde, eu tenho boas notícias em relação à isso. Eu consegui - com

grande dificuldade, e depois de muito esforço - lançar uma maldição

Imperius em Plus Thicknesse."

Muitos daqueles sentados em volta de Yaxley pareceram

impressionados, seu vizinho de cadeira, Dolohov, um homem com uma

grande e estranha face, deu um tapinha em suas costas.

- "É um começo," disse Voldemort, "Mas Thicknesse é apenas um homem,

Scrimgeour deve estar cercado de nossa gente antes que eu aja. Um

atentado mau-sucedido à vida do Ministro, pode me retroceder um bom

caminho.

- "Sim - meu Lorde - isso é verdade - mas você sabe, como Chefe do

Departamento de Aplicação das Leis da Magia, Thicknesse tem contato

regular não somente com o ministro, bem como todos os chefes de

departamento do Ministério. Será fácil, creio eu, agora que nós temos um

oficial de ranking tão elevado sob nosso controle, subjugar os outros, e

então eles podem todos trabalhar juntos para derrubar Scrimgeour."

- "Isso se o nosso amigo Thicknesse não for descoberto antes que ele tenha

convertido o resto," disse Voldemort. "Em qualquer ritmo, ainda continua

sendo improvável que o Ministério seja meu antes do próximo sábado. Se

nós não podemos alcançar o garoto em seu destino, então isso deve ser

feito enquanto ele viaja."

- "Nós estamos em vantagem aqui, meu Lorde." disse Yaxley, que parecia

determinado a receber algum tipo de aprovação. "Agora nós temos muitas

pessoas posicionadas dentro do Departamento de Transporte Mágico. Se

Potter Aparatar ou usar a rede de Floo, nós saberemos imediatamente."

- "Ele não fará nenhum dos dois," disse Snape. "A Ordem está evitando

todo tipo de transporte que seja controlado ou regulado pelo Ministério,

eles desconfiam de tudo que tenha a ver com o mesmo."

- "Melhor ainda." disse Voldemort. "Ele vai ter que se mover em campo

aberto. Mais fácil de pegá-lo, sem dúvidas."

Mais uma vez Voldemort fitou o corpo que girava vagarosamente

enquanto ele continuou

- "Eu mesmo vou atrás do garoto. Já houve muitos erros no que diz respeito

a Harry Potter. Alguns deles foram meus próprios. O fato de Potter viver se

deve mais a meus erros do que aos seus triunfos."

O grupo em volta da mesa observou Voldemort apreensivamente,

cada um deles, através de sua expressão. Com medo de serem culpados por

Harry Potter continuar existindo. Voldemort, no entanto, parecia estar

falando mais consigo mesmo do que para qualquer um deles, ainda atento

ao corpo inconsciente acima dele.

- "Eu não fui cuidadoso, e também fui frustrado pela sorte e pela chance,

esses estraga prazeres de todos menos dos planos mais bem elaborados.

Mas eu sei melhor agora, eu entendo coisas que eu não entendia antes, eu

devo ser a pessoa que matou Harry Potter, e eu vou ser."

Com essas palavras, como que em resposta à elas, um repentino

berro ressoou um terrível grito profundo de miséria e dor. Muitos dos que

estavam na mesa olharam para baixo, surpresos pelo som que parecia ter

vindo debaixo de seus pés.

- "Rabicho?" falou Voldemort, sem mudar o seu tom baixo e sóbrio, e sem

tirar os olhos do corpo que girava acima, "Eu já não te falei sobre manter o

nosso prisioneiro quieto?"

- "Sim, m-meu Lorde," engasgou um pequeno homem na metade da mesa,

que estava sentado tão profundamente em sua cadeira que a princípio

parecia desocupado. Agora ele saltava de sua cadeira e disparava da sala,

deixando nada mais atrás dele que um curioso brilho de prata.

- "Como eu estava falando" continuou Voldemort, olhando mais uma vez

para as tensas faces de seus seguidores. "Eu entendo agora, posso precisar,

por exemplo, da varinha de um de vocês emprestada, antes de ir matar

Potter."

As faces à sua volta entraram em choque, ele pareceu ter anunciado

que queria um braço de um deles emprestado.

- "Sem voluntários?" disse Voldemort, "Vamos ver... Lúcio, eu não vejo

razão para você ainda ter uma varinha."

Lúcio olhou para cima. Sua pele parecia amarela e feita de cera sob a luz do fogo, seus olhos eram profundos e sombrios. Quando ele falou, sua voz estava embargada.

- "Meu Lorde?"

- "Sua varinha, Lúcio. Eu estou requisitando a sua varinha."

- "Eu..."

Malfoy olhou de lado para sua esposa. Ela estava parada logo à frente, quase tão pálida quanto ele, seu longo cabelo loiro caído em suas costas, através da mesa os dedos finos de sua esposa fecharam brevemente em seu punho. Ao toque dela, Malfoy pôs a mão em seu robe, sacou uma varinha e a passou para Voldemort, que segurou-a em frente à seus olhos vermelhos, examinando-a atentamente.

- "Do que ela é feita?"

- "Ulmeiro, meu Lorde" sussurou Malfoy.

- "E o núcleo?"

- "Dragão - coração de dragão."

- "Bom." disse Voldemort. Ele sacou sua própria varinha e comparou os comprimentos. Lúcio Malfoy fez um movimento involuntário, por uma fração de segundo, pareceu que ele esperava receber a varinha de

Voldemort em troca da sua. O gesto não foi ignorado por Voldemort, cujos

olhos apertaram maliciosamente.

- "Te dar a minha varinha, Lúcio? Minha varinha?"

Alguns dos presentes deram risadinhas.

- "Eu dei a você a sua liberdade, Lúcio, isso não é o suficiente para você?

Mas eu tenho notado que você e a sua família parecem menos que felizes.

O que há com a minha presença em sua casa que o incomoda, Lúcio?"

- "Nada - nada, meu Lorde."

- "Tais mentiras Lúcio..."

A voz suave parecia continuar a sair como um chiado de cobra,

mesmo depois da boca cruel ter parado de se movimentar. Um ou dois dos

bruxos quase não seguraram um tremido assim que o chiado começou a

ficar mais alto; alguma coisa pesada pôde ser ouvida deslizando através da

mesa, embaixo dela.

A cobra imensa emergiu e escalou lentamente a cadeira de

Voldemort. Ela se levantou, aparentemente sem fim, e veio a descansar nos

ombros de Voldemort. Seu pescoço da espessura da coxa de um homem;

seus olhos, com seus orifícios verticais no lugar de pupilas, não piscavam.

Voldemort tocou a criatura distraidamente com seus longos dedos, ainda

olhando para Lúcio Malfoy.

- "Porquê os Malfoy parecem tão infelizes com seu bando? Não é o meu

retorno, minha ascensão ao poder, o que eles sempre proclamaram desejar

por tantos anos?"

- "Mas é claro meu Lorde," disse Lúcio Malfoy. Sua mão tremia enquanto

ele secava o suor de seu lábio superior. "Nós desejávamos isso - nós ainda

desejamos."

À esquerda de Malfoy, sua mulher fez um estranho gesto de

afirmação, seus olhos desviados de Voldemort e da cobra. À sua direita,

seu filho, Draco, que esteve olhando o corpo inerte pendurado, olhou

rapidamente Voldemort e desviou o olhar em seguida, aterrorizado com o

contato visual.

- "Meu Lorde," disse uma mulher morena na metade da mesa, sua voz

modificada pela emoção. "é uma honra tê-lo aqui, na casa de nossa família.

Não há honra maior que essa."

Ela sentava ao lado de sua irmã, diferente dela na aparência, com

seus cabelos negros e olhos de pálpebras pesadas, assim como também era

diferente em seu comportamento; enquanto Narcissa estava sentada rígida e

impassiva, Bellatrix estava curvada em direção a Voldemort, como se

palavras não pudessem demonstrar o seu anseio por contato físico com ele.

- "Não há prazer maior," repetiu Voldemort, sua cabeça virou um pouco

para um lado enquanto ele analisava Bellatrix. "Isso significa muito,

Bellatrix, vindo de você."

Seu semblante se encheu de cor, seus olhos lacrimejaram de prazer.

- "Meu Lorde sabe que eu falo nada além da verdade!"

- "Não há prazer maior...mesmo comparado com o evento feliz que eu

fiquei sabendo que aconteceu com a sua família essa semana?"

Ela o fitou, seus lábios partidos, evidentemente confusa.

- "Eu não sei do que você está falando, meu Lorde."

- "Eu estou falando da sua sobrinha, Bellatrix. E sua também, Lúcia e

Narcissa. Ela acabou de se casar com o lobisomem, Remus Lupin, vocês

devem estar tão orgulhosos."

Houve uma erupção de gargalhadas desrespeitosas ao redor da mesa,

muitos se curvaram para a frente para uma troca de olhares contentes,

alguns bateram na mesa com seus punhos. A grande cobra, não gostando da

bagunça, abriu a sua boca exageradamente e chiou nervosa, mas os

Comensais da Morte não prestaram atenção, embriagados de felicidade

pela humilhação de Bellatrix e dos Malfoy. O rosto de Bellatrix,

recentemente inundado de felicidade, ficou rubro.

- "Ela não é nossa sobrinha, meu Lorde." ela gritou em meio à balbúrdia,

"Nós - Narcissa e eu - nunca colocamos os olhos em nossa irmã depois que

ela se casou com o sangue-ruim. Aquela peste não tem nada conosco, e

nem a besta com a qual ela se casou."

- "E o que você diz, Draco?" perguntou Voldemort, e apesar de sua voz ser

baixa, ela passou claramente por todo o barulho e excitamento, "Você vai

ser babá dos filhotinhos?"

Gargalhadas tomaram conta do recinto; Draco Malfoy olhou em

terror para seu pai, que estava olhando para seu próprio colo, e depois

cruzou o olhar com o de sua mãe. Ela balançou sua cabeça

imperceptivelmente, então voltou a olhar letargicamente para a parede

oposta.

- "Já basta." disse Voldemort, acariciando a cobra raivosa, "Já basta"

E as risadas pararam de uma só vez.

- "Muitas de nossas mais tradicionais árvores genealógicas se tornam um

pouco doentes com o passar do tempo," ele disse enquanto Bellatrix olhava

para ele, sem fôlego e implorando.

- "Vocês devem podar as suas, não devem, para mantê-las saudáveis?

Cortar fora aquelas partes que ameaçam a saúde do resto."

- "Sim, meu Lorde." sussurou Bellatrix e seus olhos se enchiam de lágrimas

de gratidão novamente. "Na primeira chance!"

- "Você a terá" disse Voldemort. "E em sua família, assim como no

mundo...nós vamos cortar fora a praga que nos infesta até que somente os

sangue-puro restarão..."

Voldemort levantou a varinha de Lúcio Malfoy, apontou ela

diretamente para a figura que rodava vagarosamente, suspensa acima da

mesa, e deu um pequeno giro. A figura voltou a vida com um grunhido e

começou a lutar contra barreiras invisíveis.

- "Você reconhece nosso convidado, Severo?" perguntou Voldemort

Snape ergueu seus olhos para o rosto virado de cabeça pra baixo.

Todos os Comensais da Morte estavam olhando para o prisioneiro agora,

como se lhes tivesse sido dada a permissão para demonstrar curiosidade. À

medida que girava para encarar a luz do fogo, a mulher disse em uma

aguda e aterrorizada voz.

- "Severo, me ajude!"

- "Ah sim," disse Snape enquanto a prisioneira virava de devagar de volta.

- "E você, Draco?" perguntou Voltemort, acariciando o focinho da cobra

com a mão livre. Draco concordou com sua cabeça de maneira boba. Agora

que a mulher havia acordado, ele parecia ser incapaz de continuar olhando

para ela.

- "Mas você não fazia disciplina dela," disse Voldemort. "Para aqueles que

não sabem, nós estamos reunidos aqui hoje à noite, por Charity Burbage

que, até recentemente, lecionava na Escola de Magia e Bruxaria de

Hogwarts!"

Houve pequenos barulhos de compreensão ao redor da mesa. Uma

mulher brega, de dentes pontudos gargalhou.

- "Sim...Professora Barbage ensinava às crianças bruxas tudo sobre os

trouxas... como eles não são muito diferentes de nós..."

Um dos Comensais da Morte bateu no chão. Charity Burbage girou a

ponto de fitar Snape novamente.

- "Severus...por favor...por favor..."

- "Silêncio," disse voldemort, com mais um movimento com a varinha de

Malfoy, e Charity ficou em silêncio como se tivesse sido calada. "Não



contente em corromper e poluir as mentes das crianças bruxas, semana

passada, a Professora Burbage, escreveu uma apaixonada defesa sobre os

sangue-ruims no Profeta Diário. Os bruxos, ela diz, devem aceitar esses

ladrões de seus conhecimentos e magias. A diminuição dos sangue-puros é,

diz a Professora Burbage, uma circunstância mais que desejável... Ela faria

todos nós casarmos com trouxas... ou, não duvido nada, com

Lobisomens..."

Ninguém riu dessa vez. Não havia como não discernir a raiva e o

desprezo na voz de Voldemor. Pela terceira vez, Charity Burbage girava e

fitava Snape. Lágrimas saíam de seus olhos e escorriam em seus cabelos.

Snape olhou de volta pra ela, praticamente impassível, enquanto ela girava

para longe dele novamente.

- "Avada Kedavra"

Um flash de luz verde iluminou cada canto da sala. Charity caiu, com

um barulho ressoante, na mesa abaixo, que rachou e quebrou. Vários dos

Comensais da Morte pularam para trás em suas cadeiras, Draco caiu da sua

própria cadeira e foi para o chão.

- "Jantar Nagini" disse Voldemort suavemente, e a grande cobra rastejou de

seus ombros em direção ao chão de madeira polido.

Capítulo Dois

Em Memória

Harry estava sangrando, segurando firmemente sua mão direita com

a esquerda, ofegante, ele abriu a porta de seu quarto com um encontrão.

Houve um barulho de louça se quebrando; Ele tropeçou numa xícara de chá

fria que esteve parada no chão do lado de fora da porta de seu quarto.

- "Que m...?"

Ele olhou à sua volta, o número quatro da Rua dos Alfeneiros estava deserto. Provavelmente a xícara de chá era a idéia de Duda de uma armadilha inteligente. Mantendo a sua mão que sangrava elevada, Harry juntou os pedaços de xícara quebrada com a outra mão e os lançou no lixo já cheio que havia dentro de seu quarto. Então ele foi em direção ao banheiro e colocou seu dedo na torneira.

Era estúpido, irritante além do que se pode imaginar que ele ainda teria quatro dias em que teria problemas para lançar magias... mas ele tinha que admitir que esse corte profundo em seu dedo teria o derrotado. Ele nunca havia aprendido como curar ferimentos, e agora que pensava nisso - particularmente tendo em vista seus planos imediatos - isso parecia ser uma séria falha em sua educação mágica. Fez uma nota mental para perguntar à Hermione como se fazia, ele usou um grande chumaço de papel higiênico para absorver o máximo de chá que ele conseguiu, antes de retornar ao seu quarto e bater a porta atrás dele.

Harry havia passado a manhã na tarefa de esvaziar seu baú da escola pela primeira vez desde que ele tinha o arrumado seis anos antes, entre os anos anteriores, ele apenas havia remexido no topo de seus pertences e substituído ou melhorado eles, deixando uma camada de coisas sem utilidade no fundo - penas velhas, olhos dissecados de besouros, e meias sem par que não mais o serviam. Minutos antes, harry havia mergulhado sua mão nessas coisas, sentiu uma dor lancinante no dedo anelar de sua mão direita, e ao retirá-lo viu que estava sangrando muito.

Agora ele prosseguia com mais cuidado, ajoelhando-se ao lado do baú novamente, apalpou o fundo, achando um velho broche que trocava a frase que mostrava, ora dizendo APÓIE CECDRICO DIGGORY, ora dizendo POTTER FEDE, um velho que quebrado Bisbilhoscópio, e um medalhão dourado dentro do qual um bilhete assinado por R.A.B esteve escondido, ele finalmente descobriu o objeto pontudo que produziu o dano.

Ele reconheceu-o como um pedaço de 5 centímetros do espelho encantado que o seu padrinho morto, Sirius, havia dado para ele. Harry colocou-o de lado e cuidadosamente vasculhou o baú a procura do resto, mas nada mais

restava do último presente de seu padrinho, exceto vidro em pó que se agarravam firmemente às camadas mais profundas como uma areia brilhante.

Harry se sentou e examinou o pedaço afiado com o qual ele havia se cortado, vendo nada mais que seu próprio olho verde brilhante refletido de volta. Então ele colocou o fragmento no topo do Profeta Diário daquela manhã, que continuava sem ser lido na cama, e tentou suprimir a onda crescente de memórias amargar, as punhaladas de arrependimento e saudosismo, que a descoberta do espelho quebrado havia causado, estando junto com o resto do lixo no baú.



Ainda foi gasta mais uma hora para esvaziá-lo completamente, jogar fora os itens sem utilidade, e distribuir o restante em pilhas de acordo com que ele iria necessitar de agora em diante. Suas vestes da escola e de quadribol, caldeirão, pergaminho, penas e a maioria dos seus livros didáticos foram empilhados em um canto, para ser deixados para trás. Ele

imaginou o que seus tios fariam com eles, queimá-los na calada da noite,

provavelmente, como se fossem evidência de um crime horroroso. Suas

roupas de trouxa, Capa da Invisibilidade, kit de fazer poções, alguns livros,

o álbum de fotografia que Hagrid uma vez deu para ele, uma pilha de cartas

e sua varinha foram recolocados em uma mochila velha. Num bolso frontal

onde o Mapa do Maroto e o medalhão com o bilhete assinado por R.A.B,

dentro dele. O medalhão ocupava esse lugar de honra não por ser valioso -

no senso comum ele era inútil - mas sim pela dificuldade que enfrentara

para obtê-lo.

Isso deixou um monte considerável de jornal em sua escrivaninha ao

lado de sua coruja branca Edwiges: um para cada dia que Harry havia

passado na Rua dos Alfeneiros neste verão.

Ele se levantou do chão, se recompôs e se dirigiu para sua

escrivaninha. Edwiges não se movimentou enquanto ele começou a folhear

os jornais, jogando-os na pilha de lixo um por um. A coruja estava

adormecida, ou até mesmo fingindo, ela estava brava com Harry sobre o

limitado tempo que ela era permitida ficar fora de sua gaiola naqueles

dias.

À medida que se aproximava ao começo da pilha de jornais, Harry

diminuiu o ritmo, procurando por uma situação em particular que ele sabia

ter acontecido pouco tempo depois dele ter chegado na Rua dos Alfeneiros

para o verão, ele se lembrava de haver uma pequena menção acima da

renúncia da professora para Estudo dos Trouxas em Hogwarts. No final o

encontrou. Virando para a página dez, ele se afundou na cadeira da

escrivaninha e releu o artigo pelo qual esteve procurando.

LEMBREM-SE DE ALVO DUMBLEDORE

Por Elphias Doge

Eu conheci Alvo Dumbleadore aos onze anos, em

nosso primeiro dia em Hogwarts. Nossa atração mútua se

devia sem dúvidas pelo fato que ambos nos sentíamos como

estranhos. Eu havia contraído sífilis Draconiana logo antes

de chegar à escola, mesmo não sendo contagioso, meu semblante cheio de

buracos e com um tom esverdeado não encorajava muitos a se aproximar

de mim. No que o concernia, Alvo havia chegado em Hogwarts sob o fardo

de uma notoriedade indesejada. Praticamente um ano antes, seu pai,

Percival, foi condenado por um ataque selvagem e de conhecimento geral a

três trouxas jovens.

Alvo nunca tentou negar que seu pai (que estava condenado à morte

em Azkaban) havia cometido esse crime; pelo contrário, quando eu tomei

coragem para perguntá-lo sobre isso, ele me afirmou que sabia que seu pai

era culpado. Além disso, Dumbledore se recusava a falar sobre o ocorrido,

apesar de muitos tentarem fazê-lo falar disso. Alguns, além disso, estavam

dispostos a endossar a atitude do pai de Alvo, e assumiam que ele também

odiava trouxas. Eles não podiam estar mais enganados. Assim como

qualquer um que conhecesse Alvo pode atestar, ele nunca revelou de

maneira remota qualquer tendência anti-trouxas, e além, seu determinado

apoio aos direitos dos Trouxas renderam muitos inimigos nos anos

subseqüentes.

Em questão de meses, porém, a fama do próprio Alvo começou a se

sobrepor àquela de seu pai. Ao final do primeiro ano ele nunca mais seria

conhecido como o filho do Odeia-Trouxas, mas nada menos que o mais

brilhante estudante já visto na escola. Aqueles de nós que éramos

privilegiados de ser seus amigos, nos beneficiamos do seu exemplo,

para

não falar de sua ajuda e encorajamento, com o qual ele era sempre

generoso. Ele confessou para mim mais tarde na vida, que ele sabia desde

aquela época que o seu maior prazer se encontrava em lecionar.

Ele não apenas ganhou cada prêmio que a escola oferecia, como

também mantinha contato regular com os mais notáveis nomes do mundo

da magia naqueles dias, incluindo Nicolau Flamel, o celebrado alquimista,

Bathilda Bagshot, a notável historiadora, e Adalbert Wafflind, o teórico da

magia. Muitos de seus trabalhos encontraram espaço em publicações

conhecidas como Transfiguração Hoje, Desafios nos Encantamentos e O

Prático Pocionista. A carreira futura de Dumbledure parecia ser meteórica,

e a única questão era quando ele iria se tornar Ministro da Magia. Apesar

de ser dito algumas vezes nos anos seguintes que ele estava quase

aceitando o emprego, no entanto, ele nunca teve ambições Ministeriais.

Três anos depois de começarmos Hogwarts o irmão de Alvo,

Aberforth, chegou à escola. Eles não eram parecidos; Aberforth nunca foi

centro das atenções, e, ao contrário de Alvo, preferia argumentar através do

duelo em vez de utilizar a discussão racional. No entanto, é errado

sugerir,

como alguns fazem, que os irmãos não eram amigos. Eles se relacionavam

tão confortavelmente como dois garotos tão diferentes podem fazer. Em

justiça à Aberforth, deve-se admitir que viver à sombra de Alvo não deve

ter sido uma experiência agradável. Sendo continuamente ofuscado era um

risco ocupacional de ser seu amigo, e não pode ter sido mais fácil como

irmão.

Quando Alvo e eu deixamos Hogwarts, nós tínhamos intenção de

seguir o caminho tradicional à época, visitando e observando bruxos

estrangeiros, antes de perseguirmos nossas carreiras separadas. Porém, a

tragédia interferiu. Na véspera de nossa viagem, a mãe de Alvo, Kendra,

morreu, tornando Alvo arrimo da família. Eu adiei minha partida o

suficiente para prestar minhas homenagens no funeral de Kendra, e então

parti para o que seria então uma jornada solitária. Com um irmão e uma

irmã mais novos para tomar conta, e com pouco dinheiro deixado para eles,

não havia como Alvo me acompanhar.

Aquele foi o período das nossas vidas em que tivemos menos

contato, eu escrevi para Alvo, descrevendo, talvez insensivelmente, as

maravilhas da minha jornada, como quando quase não consegui escapar de

quimeras na Grécia, assim como as experiências do Egípcios alquimistas.

As suas cartas me diziam pouco sobre seu dia-a-dia, que eu imaginava ser

frustrante e tediosa para um mago tão brilhante. Imerso em minhas próprias

experiências, foi com horror que eu ouvi, ao final do meu ano de viagens,

que mais uma tragédia atingiu Dumbledore: a morte de sua irmã, Ariana.

Apesar de Ariana ter estado em má saúde por muito tempo, a

temporada após a morte de sua mãe, teve um profundo efeito em ambos

irmãos. Os mais próximos de Alvo - e eu me incluo como um sortudo nesse

meio - concordam que os sentimentos de responsabilidade de Alvo pela

morte de Ariana (apesar de obviamente ele não ter culpa nenhuma),

deixaram sua marca nele para sempre.

Eu voltei para casa e encontrei um jovem rapaz que tinha

experimentado o sofrimento de uma pessoa muito mais velha, Alvo estava

mais reservado que antes, e com o coração muito menos brilhante. Em

adição à sua miséria, a perda de Ariana levou, não à uma reaproximação

entre Alvo e Aberforth, mas para um estranhamento.(Em tempo isso iria

mudar - anos mais tarde eles restabeleceram se não uma relação próxima,

cordial ao menos.) No entanto, ele raramente falava de seus pais ou de

Ariana a partir daquela época, e seus amigos aprenderam a não mencionálos.

Outras penas vão descrever os triunfos dos anos seguintes. As

inúmeras contribuições de Dumbledore para o conhecimento Bruxo,

incluindo a descoberta dos 12 usos de sangue de dragão, que beneficiarão

as gerações por vir, assim como a sua sabedoria que ele demonstrou nos

vários julgamentos que fez quando Chefe Bruxo do "Wizengamot". Ainda

se diz, que nenhum duelo bruxo se comparou àquele entre Dumbledore e

Grindelwald em 1945. Aqueles que testemunharam, escreveram do terror e

respeito que sentiram ao observar esses dois extraordinários bruxos

duelarem. O triunfo de Dumbledore e suas conseqüências para o mundo da

magia, são considerados um ponto de mudança na história mágica,

comparável à introdução do Estatuto Internacional de Segredo ou à queda

d'Aquele-que-não-deve-ser-nomeado.

Alvo Dumbledore nunca foi orgulhoso ou vaidoso, ele podia

encontrar algo a se valorizar em qualquer um, no entanto aparentemente

insignificante e cabisbaixa, e eu acredito que suas perdas iniciais o beneficiaram com uma grande humanidade e simpatia. Vou sentir a falta de sua amizade mais do que eu posso falar, mas minha perda não é nada comparada com a perda do mundo da magia. Que ele era o mais inspirador e mais amado de todos os diretores de Hogwarts não se pode questionar. Ele morreu enquanto vivia: trabalhando sempre para um bem maior, e como sempre, disposto a estender a mão para um garotinho com sífilis Draconiana como ele estava no dia em que o conheci.

Harry terminou de ler mas continuou a observar a figura que acompanhava o obituário. Dumbledore estava com o seu familiar e gentil sorriso, mas ao olhar por cima de seus oclinhos de meia-lua, ele deu a impressão, até mesmo em uma foto, de olhar através de Harry, cuja tristeza se fundia com um senso de humilhação. Ele pensou que conhecia Dumbledore bem, mas desde que leu esse obituário ele foi forçado a reconhecer que ele mal o conhecia na verdade. Nunca havia antes imaginado a infância ou a juventude de Dumbledore, era como se ele apenas houvesse existido como Harry o conheceu, respeitável, de cabelos pratas e velho. A idéia de um Dumbledore adolescente era simplesmente estranha, como tentar imaginar

uma Hermione estúpida ou um Explosivim amigável.

Ele nunca havia imaginado perguntar à Dumbledore sobre o seu passado.

Sem dúvida pareceria estranho, até mesmo impertimente, mas em verdade,

era de conhecimento geral que Dumbledore participou daquele duelo

lendário com Grindelwald, e Harry não havia pensando em perguntar a

Dumbledore como foi que aconteceu, e nem sobre qualquer outra de suas

conquistas famosas. Não, eles haviam sempre discutido Harry, o passado

de Harry, o futuro de Harry, os planos de Harry... e parecia agora que,

apesar de seu futuro ser tão perigoso e incerto, que ele havia perdido

oportunidades únicas quando ele falhou em perguntar a Dumbledore mais

sobre ele, mesmo sabendo que a única pergunta pessoal que ele havia

perguntado ao seu diretor, foi a única que ele suspeitava que Dumbledore

não respondeu honestamente.

- "O que você vê quando você olha no espelho?"

- "Eu me vejo segurando um par de grossas meias de lã."

Depois de pensar demoradamente, Harry rasgou o obituário fora do

Profeta, dobrou-o cuidadosamente, e o enfiou dentro do primeiro volume

de Defesa Mágica Prática e Em Uso

Contra as Artes Negras. Então ele jogou o resto do jornal na pilha de

lixo e

virou-se para encarar a sala. Estava muito mais arrumada. As únicas coisas

que constinuavam fora do

lugar era o Profeta Diário do dia, ainda em cima da cama, e em cima dele o

pedaço de espelho quebrado.

Harry andou através da sala, afastou o fragmento de espelho do Profeta

Diário do dia e desdobrou o jornal. Ele tinha apenas olhado a manchete

quando ele retirou o jornal enrolado do correio coruja naquela manhã e

jogou-o de lado, depois de constatar que não falava nada sobre Voldemort.

Harry tinha certeza que o Ministério estava pressionando o Profeta para

suprimir notícias sobre Voldemort. E apenas naquele momento, entretanto,

que ele viu o que havia deixado passar;

Na extensão da metade inferior da capa do jornal, uma pequena manchete

pairava acima de uma pequena foto de Dumbledore que caminhava

parecendo estar com pressa.

DUMBLEDORE - A VERDADE ATÉ QUE ENFIM

A ser lançada semana que vem, a história chocante do gênio imperfeito que

é considerado por muitos como o maior Bruxo de sua geração. Desfazendose dessa sua popular imagem serena, sabedoria de barba prateada, Rita

Skeeter revela a a infância conturbada, a juventude transviada, os desafetos

vitalícios e os segredos culposos que Dumbledore levou para sua tumba.

POR QUÊ o homem cotado para ser Ministro da Magia se contentou em

permanecer como diretor? QUAL era o real propósito da organização

secreta conhecida como a Ordem da Fênix? COMO foi que Dumbledore

encontrou seu fim?As respostas para essas e outras questões são exploradas

na explosiva nova biografia A Vida e as Mentiras de Alvo Dumbledore, por

Rita Skeeter, entrevistada exclusivamente por Betty Braithwaite, na página

13 interna. Harry abriu o o jornal e achou a página 13. O artigo era

encabeçado por uma foto mostrando outro rosto familiar; uma mulher

usando óculos com gemas com cabelos encaracolados, seus dentes cerrados

naquilo que claramente era pra ser um sorriso de vitória, apontando seus

dedos para ele. Fazendo o melhor possível para ignorar essa imagem

nauseante, Harry continuou a ler. Pessoalmente, Rita Skeeter é muito mais

calorosa e suave que os seus famosos retratos de pena sugerem.

Cumprimentando-me no hall de sua aconchegante residência, ela me leva

diretamente para a cozinha para uma xícara de chá, uma fatia de bolo inglês

e começamos a falar das últimas fofocas.

"Bem, obviamente, Dumbledore é o sonho de qualquer biógrafo," diz

Skeeter. "Uma vinda longa e ocupada. Tenho certeza que meu livro será o

primeiro de uma série de

muitos."Skeeter certamente estava a postos. Seu livro de 900 páginas foi

terminado apenas quatro semanas depois da misteriosa morte de

Dumbledore em Junho. Eu a questionei sobre como ela gerenciou essa obra

super rápida. "Oh, quando você já foi uma jornalista por tanto tempo como

eu fui, trabalhar com prazos curtos se torna natural. I sabia que o mundo da

Magia estava clamando pela história completa e eu queria ser a primeira a

contemplar essa necessidade."

Eu menciono a recente, amplamente publicada declaração de Elphias Doge,

Consultor Especial para o "Wizengamot" e amigo de longa data de Alvo

Dumbledore, de que "O livro de Skeeter contém menos verdades que uma

carta de um sapo de chocolate."Skeeter curva sua cabeça para trás e ri.

"Querido Dodgy! Eu me lembro de entrevistá-lo alguns anos atrás sobre os

direitos dos sereianos, Deus o abençoe. Completamente gagá, parecia estar

pensando que estávamos sentados no fundo do Lago Windermere, ficava

me falando para tomar cuidado com as trutas."

E as acusações de Elphias Doge de imprecisão já ecoaram em muitos

lugares. Será que Skeeter realmente sente que nossas quatro curtas semanas

foram o suficiente para obter uma visão geral e completa da vida longa e

extraordinária de Dumbledore?

"Oh, minha querida" sorri Skeeter, envolvendo carinhosamente minhas

falanges. "Você sabe tão bem quanto eu quanta informação pode ser gerada

por uma sacola gorda cheia de Galeões, uma recusa de ouvir a palavra 'não'

e uma bela e afiada Pena de Notas-Rápidas! As pessoas estavam ansiosas

por se livrar das sujeiras de Dumbledore de qualquer maneira.

Não, é da mãe e da irmã que eu fico intrigada, e um pouco de insistência

revelou um ninho de perversão - mas, como eu disse, vocês terão que

esperar pelos capítulos 9 ao 12 para detalhes completos. Tudo o que eu

posso falar agora é que eu entendo porquê Dumbledore nunca falou como

quebrou o nariz."Deixando os podres familiares de lado, será que Skeeter

nega o brilhantismo que levou Dumbledore à muitas de suas descobertas

mágicas?

"Ele era um crânio", ela concorda, "apesar de que agora muitos se

questionam se ele pode levar todo o crédito por todas as suas supostas

conquistas. Como eu revelo no capítulo 16, Ivor Dillonsby diz que já havia

descoberto oito usos do sangue de dragão antes de Dumbledore 'emprestar'

seu trabalho." Mas a importância de alguns dos feitos de Dumbledore, não

podem, eu me arrisco a dizer, ser negados. E sobre a sua famosa vitória

sobre o bruxo Grindelwald?

"Oh, agora eu estou grata de você ter mencionado Grindelwald," diz

Skeeter com um sorriso tentador "Eu receio que aqueles que acreditam

cegamente na vitória espetacular de Dumbledore devem se preparar para

uma bomba - quem sabe uma bomba de bosta. Negócios muito sujos. Tudo

que irei falar é que não tenham absoluta certeza que houve mesmo um

duelo lendário. Depois de terem lido meu livro, as pessoas podem ser

forçadas a concluir que Grindelwald simplesmente conjurou um

guardanapo branco da ponta de sua varinha e ficou quieto!"

Skeeter se recusa a revelar qualquer coisas mais nesse assunto intrigante,

então nos direcionamos para a relação que irá fascinar seus leitores mais do

que qualquer outra.

Harry sentou bruscamente na cama. O pedaço quebrado de espelho saiu

voando para longe dele, ele o pegou e ficou girando em seus dedos,

pensando em Dumbledore e nas mentiras com as quais Rita Skeeter o

estava difamando...

Um clarão do mais brilhante azul. Harry congelou, seu dedo machucado

passando na ponta afiada do espelho novamente. Ele havia imaginado isso,

ele deve ter imaginado. Ele olhou por cima de seu ombro, mas a parede era

da cor pêssego que a Tia Petúnia havia escolhido. Não havia nada azul aqui

que o espelho pudesse refletir. Ele olhou dentro do fragmento de espelho

novamente e não viu nada, além do seu próprio olho verde olhando em

resposta pra ele.

Ele havia imaginado isso, não havia outra explicação, imaginado isso,

porquê ele esteve pensando no seu falecido diretor. Se alguma coisa era

certa, era que os olhos azuis brilhantes de Alvo Dumbledore nunca mais o

penetraria com seu olhar.



Capitulo Três

A Partida dos Dursleys

O som da porta da frente batendo ecoou escadaria acima e uma voz bradou, "Oh! Você!".

Dezesseis anos sendo chamado dessa maneira não deixaram dúvidas em Harry de que era seu tio quem falava. Ele, porém, ele nunca respondia imediatamente. Ele ainda estava pensando na

pequena lembrança, onde por um segundo pensou ter visto o olho de Dumbledore. No momento em que seu tio berrou “GAROTO!”, Harry saiu vagarosamente da cama e se dirigiu para a porta do quarto, parando para colocar o pedaço do espelho quebrado na mochila cheia de coisas que ele levaria consigo.

" Você perde seu tempo!" gritou Tio Valter quando Harry apareceu no topo da escadaria.

"Venha aqui embaixo agora. Quero falar com você!"

Harry desceu as escadas, suas mãos enfiadas nos bolsos da calça. Quando ele olhou na sala-de-estar lá estavam os três Dursleys. Eles estavam prontos para a partida; Tio Válter em uma velha e surrada jaqueta e Duda, o grande, loiro e musculoso primo de Harry, em uma jaqueta de couro.

"Sim?" perguntou Harry.

"Sente-se!", disse Tio Valter. Harry levantou suas sobrancelhas.

"Por favor!", adicionou Tio Valter, se retraindo enquanto a palavra estava afiada em sua garganta.

Harry se sentou. Ele pensou saber o que estava por vir. Seu tio começou a andar pra cima e pra baixo. Tia Petúnia e Duda seguiam seus movimentos com expressões ansiosas. Finalmente, enrugou sua grande cara púrpura, em sinal de concentração. Tio Valter parou em frente à Harry e começou a falar.

“Eu mudei de opinião", ele disse.

"Que surpresa", disse Harry.

"Não ouse usar esse tom...", começou Tia Petúnia, numa voz aguda, mas Válter Dursley não deu importância.

“Tudo não passa de uma armadilha”, disse Tio Valter, olhando fixamente para Harry, com seus pequeninos olhos de porquinho.

“Eu decidi que não acredito em uma palavra disso tudo. Vamos ficar por aqui mesmo, não vamos a lugar algum.”

Harry olhou para seu tio e sentiu uma mistura de amargura e divertimento. Valter Dursley andou mudando de idéia todos os dias nas últimas quatro semanas, fazendo, desfazendo e refazendo as malas cada vez. O momento favorito de Harry foi aquele em que Tio Valter, sem perceber que Duda havia colocado seus halteres de musculação dentro, tentou colocar a mala no porta-malas do carro, mas caiu, soltando grunhidos de dor e praguejando muito.

“De acordo com o que você diz”, Valter Dursley disse, agora parando com suas indas e vindas pela sala, “Nós – Petúnia, Duda e eu – estamos em perigo. Perigo de... de...”

“Coisas ‘da minha conta’, certo?” disse Harry.

“Bom, eu não acredito”, repetiu Tio Valter, parando na frente de Harry novamente.

“Eu estive acordado a noite toda pensando, e acredito que seja uma trama para conseguir a casa!”

”A casa?” repetiu Harry. “Que casa?”

”ESSA casa!”, gritou Valter, a veia em sua fronte começando a pulsar. “NOSSA casa! Os preços das casas estão nas alturas por

aqui! Você nos quer fora do caminho, e então você fará essa sua coisa de hocus-pocus e antes de percebermos você colocará a casa em seu nome e...”

”Você está fora de si?”, perguntou Harry. “Uma trama para pegar esta casa? Você é realmente tão estúpido quanto parece?”

”Não se atreva!...”, gritou Tia Petúnia, mas outra vez, Valter a acalmou. Menosprezou sua aparência, que não era nada, comparado ao mal que ele havia causado.

“Pois caso você tenha esquecido”, disse Harry, “Eu já tenho uma casa, que meu padrinho me deixou. Então, por que eu ia querer esta? Por todas as lembranças felizes?”.

Houve silêncio. Harry pensou ter impressionado seu tio com este argumento.

“Você alega...”, disse Tio Valter, começando a andar novamente, “que essa coisa de Lord...”

“...Voldemort”, disse Harry impacientemente, “e nós falamos sobre isso centenas de vezes. Isso não sou eu que digo, é fato. Dumbledore lhe disse no ano passado, e Kingsley, e o Sr. Weasley...”

Valter Dursley arqueou seus cotovelos com raiva e Harry Achou que seu tio estava tentando proteger-se das lembranças das visitas nãoanunciadas de dois bruxos bastante crescidos, durante as férias de verão de Harry. A chegada de Kingsley Schakelbot e Arthur Weasley veio como o mais desagradável choque para os Dursleys. Harry teve que admitir que o Sr. Weasley havia uma vez demolido

metade da sala de estar, então seu retorno não poderia ser esperado como um prazer para Tio Valter.

“Kingsley e o Sr. Weasley explicaram tudo também”, Harry disse, sem piedade “Quando eu fizer dezessete anos, o feitiço de proteção que me mantém a salvo vai se quebrar, e isso deixa vocês expostos, tanto quanto eu. A Ordem tem certeza de que Voldemort virá até vocês, para torturá-los e descobrir onde eu estou, ou porque ele pensa que seqüestrando vocês eu tentaria resgata-los”.

Os olhos de Tio Valter encontraram os de Harry. Harry teve certeza de que nesse instante eles estavam imaginando a mesma coisa.

Então Harry continuou: “Você tem que se esconder e a Ordem quer ajudar. Eles ofereceram proteção séria, a melhor que existe!”

Tio Valter não disse nada, mas continuou a caminhar pra cima e pra baixo. Lá fora o sol se abaixou sobre os telhados. O cortador de grama do vizinho estalou novamente.

“Eu pensei que houvesse um Ministro da Magia?”, perguntou Valter abruptamente.

“Há”, disse Harry, surpreso.

“Então, por que eles não podem nos proteger? Parece-me que, como vítimas inocentes, culpados de nada além de acolher um homem marcado, nós devemos nos qualificar para proteção governamental!”

Harry riu, ele não podia se segurar. Era tão típico de seu tio colocar as esperanças em algum órgão, mesmo dentro desse mundo que

ele não gostava nem confiava.

“Você ouviu o que o Sr. Weasley e Kingsley disseram”, Harry respondeu. “Nós achamos que o ministério foi infiltrado!”

Tio Valter caminhou até a lareira e voltou, respirando tão pausadamente que seu bigode preto ondulava sua face ainda púrpura de concentração.

“Tudo bem”, ele disse, parando em frente à Harry outra vez. “Tudo bem, vamos dizer, que em razão dos argumentos, aceitemos essa proteção. Eu ainda não entendo por que não podemos ter aquele Kingsley!”

Harry tentou com dificuldade não revirar os olhos. Esse assunto também já havia sido discutido uma dúzia de vezes.

“Como eu falei...”, ele disse entre dentes cerrados, “Kingsley está protegendo o trou... Quero dizer, o seu Primeiro Ministro.”

”Exato... Ele é o melhor! - disse Tio Valter, apontando para a tela de TV em branco. Os Dursleys haviam visto Kingsley no noticiário, caminhando discretamente junto ao Primeiro Ministro dos Trouxas enquanto este visitava um hospital. Isto, e o fato de que Kingsley havia se tornado mestre em se vestir como um trouxa, sem mencionar certa entonação em sua profunda voz, fez com que os Dursley tratassem Kingsley como sem dúvida jamais trataram qualquer bruxo, mesmo que seja verdade que eles nunca o viram com seu brinco.

“Bom, ele está ocupado”, disse Harry. “Mas Héstia Jones e Dédalo

Diggle são ótimos pro trabalho...”

"Se ao menos tivéssemos visto CVs....” começou Tio Valter, mas Harry perdera a paciência. Se levantando, ele avançou contra o tio, agora apontando para a TV ele mesmo.

“Aqueles acidentes não foram bem acidentes – as batidas e explosões e descarrilhamentos e tudo o mais que vêm aparecendo nas notícias. Pessoas estão desaparecendo e morrendo e ELE está por trás disto! Voldemort! Eu venho falando e falando isso, ele mata trouxas por diversão! Mesmo as neblinas, que são causadas por dementadores – e se você não lembra o que eles são, pergunte ao seu filho!”

As mãos de Duda rapidamente se moveram para proteger sua boca. Com o olhar de Harry e de seus pais sobre si, ele calmamente as abaixou e perguntou “Existe... Mais deles?”

“Mais?”, riu Harry. “Você quer dizer mais do que aqueles dois que nos atacaram? Mas é claro! Existem centenas, talvez milhares agora, levando-se em conta como eles espalham o medo e o desespero...”

“Tudo bem, tudo bem”, interrompeu Valter Dursley. “Você tem razão...”

”Eu espero que sim”, disse Harry, “Porque assim que eu fizer dezessete anos, todos eles, Comensais da Morte, Dementadores, talvez até os Inferi - que significa corpos mortos encantados por um bruxo das trevas - estarão livres para encontrar você e certamente

vão te atacar. E se você se lembra a última vez que tentou ganhar de um bruxo, eu acho que você concordaria que precisa de ajuda.”

Houve um breve silêncio no qual na distante lembrança de Hagrid esmagando uma porta de maneira pareceu atravessar os anos. Tia Petúnia estava olhando para Valter, Duda estava fitando Harry.

Finalmente Tio Valter disse:

“Mas e quanto a meu trabalho? E quanto à escola de Duda? Eu não acho que essas coisas importem para um punhado de bruxos vagabundos...”

“Você não entende?”, disse Harry. “Eles irão te torturar e matar como fizeram aos meus pais!!”

”Pai”, disse Duda em voz alta. “Pai... Eu vou com essas pessoas da Ordem...”

”Duda”, disse Harry “Pela primeira vez na sua vida, você está sendo racional...”

Ele sabia que a batalha estava vencida. Se Duda estava amedrontado o suficiente para aceitar ajuda da Ordem, seus pais o acompanhariam. Não haveria questionamentos sobre serem separados das suas coisas. Harry checou o relógio de parede.

“Eles estarão aqui em cerca de cinco minutos”, ele disse, e quando mais de um dos Dursley respondeu, ele deixou a sala. A visão de se separar - provavelmente pra sempre - de sua tia, tio e primo era algo que ele podia contemplar alegremente, mas certamente havia algo estranho no ar. O que você diz a alguém após dezesseis anos

de desgosto sólido?

De volta ao seu quarto, Harry tateou sem rumo com sua mochila, depois despejou algumas sementes para coruja aos arredores da gaiola de Edwiges. Eles caíram na parte de baixo, onde ela os ignorou.

“Nós vamos sair logo”, Harry disse a ela. “E então você poderá voar novamente.”

A campainha tocou. Harry hesitou, então saiu de seu quarto e desceu as escadas. Era demais esperar que Héstia e Dédalo enfrentassem os Dursley sozinhos.

“Harry Potter!”, gritou uma voz excitada, no momento em que Harry abriu a porta. Um pequeno homem de cartola estava lhe fazendo uma profunda reverência. “Uma honra, como sempre!”

“Obrigado, Dédalo”, disse Harry, dirigindo um pequeno e embaraçado sorriso à Héstia, com seus cabelos negros. “É muito legal de sua parte fazer isso... Eles estão por aqui... Minha tia, meu tio e meu primo...”

“Bom dia pra vocês, parentes do Harry Potter!”, disse Dédalo, alegremente, adentrando a sala de estar. Os Dursley não pareceram felizes pelo parentesco; metade de Harry esperava outra mudança de opinião. Duda encolheu-se para perto de sua mãe, que estava ao lado dos bruxos.

“Eu vejo que vocês estão prontos. Excelente! O plano, como Harry explicou, é bem simples - disse Dédalo, puxando um imenso relógio

de bolso fora de seu casaco e o examinando - Nós devemos partir antes de Harry. Devido ao perigo em usar mágica em sua casa - Harry ainda é menor de idade, poderia dar ao Ministério uma desculpa pra prendê-lo - nós devemos dirigir umas dez milhas ou mais, antes de desaparatar para um local seguro que nós escolhemos pra vocês. Você sabe dirigir, eu presumo?", ele perguntou ao Tio Valter, polidamente.

"Se eu sei...? É claro que eu sei dirigir!", disse Tio Valter.

"Muito bom da sua parte, senhor, muito bom. Eu pessoalmente ficaria confuso com todos aqueles botões e alavancas", disse Dédalo. Ele estava com a impressão de que estava lisonjeando Tio Valter, e este estava visivelmente perdendo a confiança no plano a cada palavra que Dédalo dizia.

"Não sabe nem ao menos dirigir", ele sussurrou seu bigode ondulando indignadamente, mas felizmente nem Dédalo ou Héstia o escutaram.

"Você, Harry", Dédalo continuou. "Você espera aqui por sua guarda. Houve uma pequena mudança nos planos..."

"O que você quer dizer?", disse Harry na hora. "Eu pensei que OlhoTonto viria e me levaria por Aparatação?"

"Não vai dar", disse Héstia. "Olho-Tonto explicará!"

Os Dursley, que estavam ouvindo tudo isso com olhares de preocupada incompreensão em suas faces, se assustaram quando uma voz alta gritou "Apressem-se!" Harry olhou na sala inteira antes de perceber que a voz vira do relógio de bolso de Dédalo.

“Bem certo, nós estamos com um horário bem apertado”, disse Dédalo, olhando em seu relógio e o colocando de volta em seu casaco. “Nós estamos tentando temporizar sua saída da casa com a desaparatação de sua família, Harry, além do que, o encanto se quebra no momento em que todos estiverem indo para locais seguros.” Ele se virou para os Dursley “Então, todos prontos pra ir?”

Ninguém respondeu. Tio Valter ainda estava fitando, pálido, o volume no bolso do casaco de Dédalo.

“Talvez nós devêssemos esperar no Hal , Dédalo”, murmurou Héstia. Ela claramente sentiu que seria falta de tato da parte deles ficar na sala enquanto Harry e os Dursley trocavam amorosos e possivelmente chorosos adeus.

”Não há necessidade”, Harry disse, mas Tio Valter fez de qualquer explicação desnecessária dizendo alto:

”Bom, então isto é um adeus, garoto!”

Ele levou seu braço direito à frente para apertar a mão de Harry, mas no momento final pareceu incapaz de fazê-lo, e meramente fechou seu punho e começou a balançá-lo pra frente e pra trás como um metrônomo.

“Pronto Dudinha?”, perguntou Tia Petúnia, evitando olhar pra Harry.

Duda não respondeu, mas permaneceu no lugar com sua boca meio aberta, lembrando a Harry um pouco do gigante Grope.

“Venha, então”, disse Tio Valter.

Ele já havia chegado à porta da sala de estar quando Duda

murmurou: “Eu não entendo...”

“O que você não entende, querido?” perguntou Tia Petúnia.

Duda apontou para Harry sua mão grande e parecida com um presunto: “Por que ele não está vindo com a gente?”

Tio Valter e Tia Petúnia pararam onde estavam, fitando Duda como se ele tivesse dito que queria se tornar uma bailarina.

”O que?”, Tio Valter disse alto.

”Por que ele não está vindo também?”, perguntou Duda.

”Bom, ele... ele não quer!”, disse Tio Valter, virando parar olhar pra Harry e adicionando “Você não quer, quer?”

”Nem um pouco”, disse Harry.

”Viu?”, Tio Valter disse a Duda. “Agora venha, estamos indo!”

Ele atravessou a sala. Eles ouviram a porta da frente abrir, mas Duda não se moveu após alguns pequenos passos. Petúnia parou também.

”O que foi agora?”, rosnou tio Valter, reaparecendo na porta.

Parecia que Duda estava lutando com concepções muito difíceis para colocar em palavras. Após vários momentos de uma luta interna aparentemente dolorosa, ele disse: ”Mas pra onde ele está indo?”

Tia Petúnia e Tio Valter olharam um pro outro. Estava claro que Duda os estava assustando. Héstia Jones quebrou o silêncio.

”Mas... você com certeza sabe pra onde seu sobrinho está indo?” ela perguntou, parecendo confusa.

”Claro que sabemos”, disse Valter. “Ele está saindo com gente da sua laia, não está? Certo, Duda, vamos indo pro carro, você ouviu o homem, estamos com pressa.”. Outra vez, Valter Dursley marchou o mais longe que pôde da porta da frente, mas Duda não o seguiu.

“Saindo com gente da nossa laia?”, Héstia parecia ofendida. Harry nunca vira essa atitude antes. Bruxos e bruxas pareciam chocados com o fato de que os parentes mais próximos dele tinham pouco interesse no famoso Harry Potter.

“Está tudo bem”, Harry disse a ela. “Não importa, mesmo!”

”Não importa?”, repetiu Héstia, sua voz aumentando gradativamente

“Essas pessoas não têm idéia do que você passou? Do perigo que você corre? A posição única em que você se encontra nos corações do movimento anti-Voldemort?”

“Er... Não”, disse Harry. “Eles acham que eu sou uma perda de espaço, mas eu estou acostumado...”

”Eu não acho que você seja uma perda de espaço!”

Se Harry não tivesse visto os lábios de Duda mexerem, ele não teria acreditado. Ele fitou Duda por bastante tempo antes de aceitar que fora seu primo que havia dito aquilo. Duda estava vermelho. Harry estava embaraçado e chocado.

”Bem... Er... Obrigado, Duda!”

Outra vez Duda pareceu lutar contra seus pensamentos fortemente antes de dizer

“Você salvou minha vida!”

”Na verdade não”, disse Harry. “Era a sua alma que o dementador iria pegar…”

Ele olhou curiosamente para seu primo. Eles não tiveram basicamente nenhum contato no último verão, ou depois, pois Harry voltou para a Rua dos Alfeneiros recentemente e ficou praticamente o tempo todo em seu quarto. Agora pareceu a Harry, em contrapartida, de que o copo de chá gelado em que ele se cortara não tinha sido uma brincadeira afinal… Apesar de meio tocado, ele estava aliviado de que Duda parecia ter acabado com sua habilidade de expressar seus sentimentos. Após abrir a boca uma ou duas vezes mais, Duda se rendeu a um silêncio escarlate.

Tia Petúnia caiu em lágrimas. Héstia Jones deu a ela um olhar aprovador que mudou para neutralidade quando Tia Petúnia correu e abraçou Duda ao invés de Harry.

”Tão… Doce… Dudinha…”, ela suspirou em seu peito compacto. “Um… garoto… tão… amável… d..dizendo… Obrigado…”

”Mas ele não disse obrigado!”, disse Héstia Jones indignada. “Ele apenas falou que não achava que Harry era um desperdício de espaço!”

”Sim, mas vindo de Duda isso é quase um 'Eu te amo’ ”disse Harry, dividido entre preocupação e uma vontade de rir enquanto Tia Petúnia se agarrava em Duda como se este tivesse acabado de salvar Harry de um prédio em chamas.

”Nós estamos indo ou não?”, rosnou Tio Valter, reaparecendo outra vez na porta da sala de estar. “Eu pensei que tivéssemos um horário apertado!”

”Sim, sim nós temos...” disse Dédalo, que estava assistindo a essas trocas com um ar de incredulidade e agora parecia se recompor. “Nós realmente precisamos partir… Harry...”

Ele avançou e pegou na mão de Harry com ambas as mãos “...boa sorte! Espero nos encontrarmos novamente! As esperanças do Mundo Bruxo estão sobre seus ombros!”

“Ah...”, disse Harry “...certo! Obrigado.”

“Adeus, Harry!”, disse Héstia também apertando sua mão. “Nossos pensamentos vão com você”

“Espero que tudo dê certo”, disse Harry dando uma olhadela para Tia Petúnia e Duda.

“Tenho certeza de que tudo isso acabará bem!” disse Diggle, balançando seu chapéu ao deixar a sala. Héstia o seguiu.

Duda gentilmente se desvencilhou das garras de sua mãe e caminhou até Harry que teve que reprimir um desejo de ameaçá-lo com magia. Então Duda estendeu sua grande e rosada mão.

”Até, Duda”, disse Harry sob o olhar de censura de Tia Petúnia. “Os dementadores colocaram uma nova personalidade em você?”

”Não sei“, murmurou Duda. “Te vejo por aí, Harry!”

”Sim...”, disse Harry, apertando a mão de Duda e a balançando. “Talvez. Se cuida, Grande D!”

Duda quase sorriu, então saiu da sala. Harry ouviu seus passos pesados saindo, e então uma porta de carro bateu.

Tia Petúnia, cuja face estava enterrada em seu lenço, olhou em volta com o som. Ela não esperava ter ficado sozinha com Harry. Nojentamente guardando seu lenço em seu bolso, ela disse:

"Bem... Adeus", e caminhou até a porta sem olhar pra ele.

"Adeus", disse Harry.

Ela parou e olhou pra trás. Por um momento, Harry teve o sentimento estranho de que ela queria dizer algo a ele. Ela lhe deu um estranho e trêmulo olhar e pareceu interromper-se antes de dizer, mas então, com um pequeno aceno de cabeça, ela saiu à sala atrás de seu marido e filho.



Capítulo Quatro

Os 7 potters

Harry correu de volta para seu quarto, chegando na janela à tempo de ver o carro dos Dursley partindo. Era visível o chapéu de Dedalus entre tia petúnia e Duda no banco de trás. O carro virou à direita no fim da Rua dos Alfeneiros, suas janelas brilharam por um momento durante aquele pôr do sol e então o carro já havia ido. Harry pegou a gaiola de Hedwig, sua Firebolt e suas mochilas, deu uma ultima olhada em seu quarto, e fez seu caminho de volta ao hal , onde ele deixou a gaiola, vassoura e bagagem ao pé da escada. A luz estava se esvaindo mais rapidamente agora, o hal cheio de sombras na luz do anoitecer. Houve o estranho sentimento de estar parado ali no silêncio e saber que ele estava para deixar a casa pela ultima vez. Há muito, quando ele era deixado para trás sozinho enquanto os Dursleys saiam para curtir, as horas de solidão eram raras. Parando somente para comer algo bom da frigideira, ele corria para cima para jogar no computador de Duda ou assistir tv. Ele teve um súbito momento de felicidade ao lembrar desses tempos, era como lembrar de algo precioso que ele havia perdido. “Você não quer dar uma ultima olhada neste lugar?” Ele perguntou. Hedwig, que permanecia com a cabeça embaixo da asa. “ Nós não voltaremos aqui. Não quer relembrar todas as coisas boas? Quero dizer, olhe só para isso. Que memórias... Duda mudou depois que eu o salvei dos dementadores ... Mostra seu lado grato depois de tudo, você pode acreditar?... E no ultimo verão, Dumbledore veio através da porta da frente...”

Harry perdeu a linha de seus pensamentos por um instante e Hedwig não fez nada para ajudá-lo, e sim, continuou com sua cabeça embaixo de sua asa. Harry voltou suas costas para a porta da frente.

"E bem aqui embaixo – Harry abriu a porta embaixo das escadas – era onde eu costumava dormir! Você nunca me conheceu então – Droga, eu tinha me esquecido como isso aqui é pequeno..."

Harry olhou em volta os sapatos e sombrinhas empilhados, lembrando de como ele costumava acordar todas as manhãs, olhando para cima por dentro da escadaria, a qual freqüentemente abrigava uma ou duas aranhas. Aqueles haviam sido os seus dias antes dele saber qualquer coisa sobre sua verdadeira identidade; antes dele descobrir como seus pais haviam sido mortos ou porque coisas estranhas sempre aconteciam a sua volta. Mas Harry ainda conseguia lembrar dos sonhos que o perturbavam, até mesmo naquela época; sonhos confusos envolvendo raios verdes, e uma vez – Tio Vernom quase bateu o carro quando Harry contou – uma moto voadora.

Houve um repentino, ensurdecedor barulho vindo de algum lugar por perto.

Harry levantou-se bruscamente e bateu sua cabeça no topo da porta. Parando apenas para utilizar alguns dos seletos palavrões de Tio Vernom, ele voltou para a cozinha, enfiando a cabeça para fora da janela que dava para o jardim.

A escuridão parecia estar se agitando, o ar estava tremulo. Então, uma por uma, figuras começaram a passar levemente à medida que suas magias de desilusionamento se elevavam. Dominando a cena estava Hagrid, usando um capacete e óculos de proteção, sentado em uma enorme motocicleta com um gato preto apegado a si. Em toda a sua volta, outras pessoas estavam desmontando de suas vassouras, e, em dois casos, cavalos esqueléticos pretos com asas. Abrindo de mal-jeito a porta dos fundos, Harry correu até o meio deles. Houve um choro geral de cumprimento, enquanto Hermione jogou seus braços em volta dele, Ron deu um tapinha em suas costas e Hagrid disse: "Tudo certo Harry? Pronto para irmos?"

"Definitivamente," disse Harry, olhando todos a sua volta "Mas eu não esperava tantos de vocês!"

"Mudança de planos" disse Olho-tonto, que estava segurando dois enormes sacos cheios, e o qual o olho girava rapidamente, alternando entre Harry, a casa, o jardim e o céu. "Vamos para um lugar coberto antes de falar disso com você"

Harry guiou-os para a cozinha onde, rindo e batendo papo, assentados em cadeiras, sentaram-se sobre as brilhantes superfícies de Tia Petúnia, ou recostaram-se contra seus impecáveis aparelhos. Ron, Alto e Lanky; Hermione, seus cheios cabelos presos para trás em uma longa trança; Fred e George, sorrindo idênticos; Gui, mal cicatrizado e com cabelos longos; Sr. Weasley, sorrindo, desonrteado, com os olhos perdidos analizando

cada detalhe; Olho-Tonto, cansado-de-batalha, seu olho mágico brilhando estava girando; Tonks, utilizava um cabelo curto da sua cor favorita, rosa claro; Lupin, cabelo mais grisalho, e alinhado; Fleur, magra e bonita, com seu longo cabelo louro-prateado; Kingsley, parecendo irreal; Hagrid, com seu cabelo e barbas bagunçados; Mundungus Fletcher, pequeno, sujo e desajeitado, com seu casaco marrom aparecendo. O coração de Harry parecia irradiando-se de felicidade. Ele sentiu um inacreditável carinho por todos, até mesmo Mundungus, o qual ele tentou estrangular na ultima vez que haviam se visto.

“Kingsley, pensei que você estava cuidando do Primeiro Ministro” ele disse do outro lado da sala.

“Ele pode se virar sem mim por uma noite” disse Kingsley “Você é mais importante”.

“Harry, adivinhe?!” Disse Tonks de seu lugar no alto da maquina de lavar, ela mostrou a ele sua mão esquerda, um anel se encontrava lá.

“Você se casou?” Harry gritou, olhando de Lupin para ela.

“Ok, ok, nós teremos tempo para uma conversa agradável depois” Disse Moody, e o silêncio reinou sobre a cozinha. Moody pôs seus sacos perto de seus pés e se voltou para Harry. “Assim como Dedalus provavelmente contou-te, nós abandonamos o plano A. Thicknesse se foi o que nos trás um grande problema. [Não deu pra ler por causa do flash, mas pelo visto, fala de como eles não podem

transportar Harry pelos métodos mágicos].

“Segundo problema, você é menor de idade, o que significa que você ainda tem The Trace sobre você.”

“Eu não –“

“The Trace, The Trace!” disse Olho-tonto impacientemente “o encanto que detecta atividades mágicas praticadas por menores, o jeito do Ministério encontrar menores infratores! Se você, ou qualquer um aqui, utilizar uma magia para transportar você, Thicknesse irá saber disso, e junto com ela os Comensais da Morte.”

“Nós não podemos esperar o Trace ser quebrado, porque no momento em que você atingir a maior idade, você perderá toda a proteção que sua mãe lhe deu. Resumindo: Thicknesse pensa que te encurralou.”

Harry não podia ajudar, apenas concordar com a desconhecida Thicknesse.

“Então o que faremos?”

”Nós iremos usar o único método que nos restou, o único método que o Trace não pode detectar pois não dependemos de magia para utiliza-lo: Vassouras, testralios, e a moto de Hagrid.”

Harry podia ver defeitos naquele plano, contudo, ele segurou sua língua para dar a Olho-Tonto a chance de continuar:

“Agora, o feitiço de sua mãe somente irá quebrar sobre duas condições: quando você atingir a idade, ou” – Moody gesticulou ao

redor da impecável cozinha – "Você não mais chame este lugar de casa. Você, sua tia e seu tio terão os caminhos separados esta noite, em total entendimento que jamais verão um ao outro novamente, certo?"

Harry concordou.

"Então dessa vez, não haverá volta, e o encanto se quebrará assim que você sair do raio de visão. Nós escolhemos quebrá-la mais cedo, pois a única alternativa é esperar por Você-Sabe-Quem vir e matar-te quando completar 17 anos"

"O que nós temos ao nosso favor é que Você-Sabe-Quem não sabe que estamos te transportando esta noite. Nós deixamos escapar uma falsa pista para o ministério: Eles acham que você não sairá até que o encanto seja desfeito. Contudo, estamos lidando com Você-Sabe-Quem, então nós não podemos contar com que ele realmente saiba a data errada. Ele provavelmente tem os Comensais Da Morte patrulhando os céus em toda essa área, só para o caso. Então, nós providenciamos para uma dúzia de casas diferentes toda a proteção que poderíamos. Todas elas parecem possíveis lugares os quais usaríamos para esconder-te, todas tem alguma ligação com a Ordem; minha casa, a casa de Kingsley, Mol y – você pegou a idéia"

"Yeah" Disse Harry, não totalmente confiante pois ele podia ver um grande buraco naquele plano.

"Nós iremos para a casa dos pais da Tonks. Uma vez que é a casa

mais preparada para receber-nos e devido aos encantamentos de proteção que lá jogamos, você poderá utilizar uma chave de portal até a Toca. Perguntas?”

”Err – Sim” Disse Harry “ Talvez eles não saibam a qual das 12 protegidas casas eu estou indo primeiro, porém não ficará óbvio? – contou rapidamente – 14 de nós indo em direção a casa dos pais de Tonks?”

“Ah” disse Moody “Eu me esqueci de dizer o ponto-chave. Quatorze de nós não estarão voando para a casa dos pais de Tonks. Irão haver 7 Harry Potters voando através dos céus hoje a noite, cada um deles com um companheiro, cada par indo para uma casa diferente”

De dentro de sua capa Moody agora retirou uma garrafa do que parecia lama. Não havia motivos para ele dizer qualquer outra palavra; Harry havia entendido todo o plano imediatamente.

“Não” Ele disse de forma audível, sua voz ecoando pela cozinha

“Corta essa!”

“Eu disse a eles que você reagiria dessa forma” disse Hermione.

“Se vocês pensam que eu deixarei 6 pessoas se arriscarem dessa forma –“

“Não é a primeira vez para nenhum de nós” disse Ron.

“Dessa vez é diferente, fingindo ser eu –“

“Bem, nenhum de nós deseja isso Harry” Disse Fred “Imagina se algo dá errado e nós cairmos como uma pedra, ficando inúteis para

sempre...”

Harry não riu.

“Vocês não podem fazer isso sem minha cooperação, vocês precisam que eu lhes dê algum fio de cabelo.”

“Exatamente, não tem como nós continuarmos com o plano sem você cooperar”

disse George.

“Sim! Treze de nós contra um cara que não pode usar magia; não temos nenhuma chance” disse Fred.

“Engraçado” disse Harry “muito engraçado.”

“Todos aqui são maiores de idade, Potter, e estão todos dispostos a se arriscar.”

Mundungus deu de ombros e fez careta; O Olho mágico de Moody logo o fitou.

“Não vamos mais discutir. O tempo está passando. Eu quero um pouco do seu cabelo, garoto, agora!”

“Mas isso é ruim, não há necessidade –“

“Não há necessidade” enfatizou Moody “Com Você-Sabe-Quem lá fora e metade do Ministério ao seu lado? Potter, se tivermos sorte, ele terá engolido a falsa pista e estará planejando te pegar somente em seu aniversário, mas ele provavelmente tem um ou dois comensais te vigiando, é o que eu faria. Eles podem não ter sido capazes de te pegar enquanto o encantamento de sua mãe ainda existe nessa casa, mas é só ele se quebrar e eles terão posse

desse lugar. Nossa única chance é usar estas iscas. Até mesmo Você-sabe-quem não pode se dividir em sete.”

Harry encontrou o olhar de Hermione e o desviou logo após.

“Então Potter – Um pouco do seu cabelo, por favor”.

Harry olhou para Ron de relance, este sinalizou um apenas-o-faça.

“Agora” irritou-se Moody.

Com todos o observando, Harry estendeu sua mão até sua cabeça, agarrou um punhado de cabelo, e puxou.

“Ótimo” disse Moody, pegando o vidro de poção

“Logo aqui, por favor”

Harry jogou o cabelo no liquido lamacento. No momento em que houve contato em sua superfície, a poção começou a se modificar e então tornou-se, por fim, um claro dourado brilhante.

“Ah, você parece muito mais apetitoso do que Crabbe e Goyle, Harry” Disse Hermione, antes de focar as sobrancelhas levantadas de Ron, corando levemente ela disse “Ah, você entendeu o ponto – a poção de Goyle parecia ‘emperrada’.

“Certo então. Falsos Potters, alinhem-se aqui, por favor” disse Moody. Ron, Hermione, Fred, George e Fleur se alinharam em frente a impecável pia de Tia Petúnia.

“Falta um” disse Lupin.

“Aqui” disse Hagrid grosseiro, e levantou Mundungus pelo pescoço e o colocou ao lado de Fleur, que franziu o nariz como sinal de desaprovação e se moveu ligeiramente para entre Fred e George.

“Isso está errado, eu deveria ser um protetor” disse Mundungus

“Calado” bracejou Moody “Como eu já lhes disse, qualquer Comensal da Morte que encontrarmos terá a intenção de capturar Potter, não matá-lo. Dumbledore sempre dizia que Você-sabe-quem desejaria matá-lo pessoalmente. Os protetores são aqueles que mais tem o que temer; os Comensais da Morte não hesitarão em matá-los.”

Mundungus não parecia exatamente tranqüilizado, mas Moody já estava pegando meia dúzia de copos de dentro de sua capa, os quais ele distribuiu, antes pondo um pouco de Poção Polissuco em cada um.

“Todos juntos, agora...”

Ron, Hermione, Fred, George, Fleur e Mundungus beberam.

Todos eles engasgaram e fizeram caretas de nojo à medida que a poção atravessava suas gargantas; Hermione e Mundungus davam chutes para cima; Ron, Fred e George estavam tremendo; suas mãos estavam escurecendo, Hermione e Fleur pareciam ferir-se por dentro.

Moody, um tanto desconcertado, estava agora afrouxando os nós dos largos sacos que ele havia trazido consigo. Quando ele endireitou-se, havia seis Harry Potters engasgando e cuspindo à sua frente.

Fred e George voltaram-se um para o outro e disseram ao mesmo tempo, “wow – Estamos idênticos!”

“Eu não sei, todavia. Penso que continuo um pouco mais bonito” Disse Fred examinando seu reflexo.

“Bah” disse Fleur, checando a si mesma na porta do microondas “Gui, não me olhe – estou terrível”

“Aqueles os quais as roupas estão um pouco largas, eu tenho menores aqui” disse Moody, indicando o primeiro saco, “e vice versa. Não esqueçam os óculos, há seis pares no bolso lateral. E quando estiverem vestidos, há bagagem no outro saco.

O Harry verdadeiro pensou que aquilo era a coisa mais estranha que ele já havia visto, e ele já havia visto coisas extremamente estranhas. Ele observou suas seis cópias vasculhando os sacos, procurando as roupas, pondo óculos; Ele sentiu como pedindo a eles para demonstrarem um pouco mais de respeito pela sua privacidade à medida que eles começaram a trocar de roupas deixando a vista seu corpo (no caso, o corpo de Harry), eles deveriam tratar como se estivessem com seus próprios corpos.

“Eu sabia que Ginny estava mentindo sobre aquela tatuagem,” disse Ron, olhando para baixo para seu peito nu.

“Harry, sua visão é realmente terrível” disse Hermione, enquanto colocava seus óculos.

Uma vez vestidos, os falsos Harrys pegaram suas bagagens e gaiolas de corujas, cada uma contendo uma coruja branca empalhada, vindas do segundo saco.

“Ótimo” disse Moody, quando o sétimo Harry terminara de se vestir,

e aguardava com a bagagem pronta. Os Harrys encararam-no. “Os pares serão estes: Mundungus viajará comigo, de vassoura–”

“Por que eu estou com você?” Grunhiu o Harry mais perto da porta dos fundos.

“Porque você é um dos que precisa ser vigiado,” Rosnou Moody, e Mundungus não saiu da mira de seu olho mágico “Arthur e Fred—“

“Eu sou George,” disse o gêmeo para o qual Moody estava apontando “Vocês não podem parar de nos confundir nem quando somos Harry?”

“Desculpa, George –“

“Só estou te enchendo, sou o Fred na verdade –“

“Basta de inutilidades” enraiveceu-se Moody “O outro – George ou Fred ou qualquer um que seja – você esta com Remus. Senhorita Delacour – “

“Eu estou levando Fleur em um testrálio,” disse Gui [AKA Gui] “Ela não é muito fã de vassouras”

“Senhorita Granger com Kingsley, também de testrálios –“

Hermione pareceu tranqüilizada ao responder o sorriso de Kingsley; Harry sabia que Hermione também não era muito intima de vassouras.

“O que deixa você e eu, Ron!” disse Tonks, empolgada, acenando para ele.

Ron não parecia tão satisfeito quanto Hermione.

“E você esta comigo, Harry. Tudo certo?” disse Hagrid, parecendo

um pouco ansioso. “Nós estaremos na moto, vassouras e testrálios não suportam meu peso, sabe. E você não cabe no assento comigo junto, mas, você pode ir carrinho lateral.”

“Está ótimo” disse Harry, não totalmente certo disso.

“Nós achamos que os Comensais da Morte estarão esperando que você esteja em uma vassoura,” disse Moody, que pareceu adivinha como Harry se sentia. “Sanpe teve muito tempo para dizer a eles tudo que ele nunca disse antes, então caso sejamos perseguidos por qualquer Comensal, estamos crentes que ele irá escolher um dos Potters que está em uma vassoura, tudo certo então,” Ele continuou, carregando o saco com as roupas dos falsos Potters e caminhou para a porta, “Eu fiz este plano três vezes até antes de sair. Não tranque a porta de trás, isso não manterá os Comensais da Morte fora quando eles vierem.

“Vamos”

Harry se apressou, pegou suas bagagens, Firebolt e a gaiola de Hedwigs e se apressou no escuro jardim.

Por todos os lados, vassouras estavam levantando vôo. Hermione já havia recebido ajuda de Kingsley para subir no grande testrálio negro. Fleur subira no outro com Gui. Hagrids estava parado, pronto para partir ao lado de sua moto, óculos postos.

“É essa! É essa a moto de Sirius?”

“Ela mesma” disse Hagrid.

Harry não pode ajudar, mas sim sentir-se um pouco hmulhado à

medida que entrava dentro do carrinho lateral.

[Agora pelo pouco que da pra ler, fala do sentimento de culpa do Harry e de como eles estavam para partir, descrevendo como estavam, tipo: Hermione estava sentada ansiosa... algo do gênero]

Hagrid ligou a motocicleta. Ela rugiu como um dragão, e o carrinho lateral começou a vibrar.

"Boa sorte, para todos." Gritou Moody. "Vejo vocês todos em uma hora na Toca. No três. Um... Dois... TRÊS!"

Houve um grande rugido de moto, e Harry sentiu o carrinho lateral dando uma boa arrancada.

Ele estava cortando o ar rapidamente, seus olhos enchendo de lágrimas levemente, seus cabelos ventavam para fora de seu rosto. Em volta dele, vassouras levantavam vôo também; a longa calda negra de um testrálio passou por ele. Suas pernas, apertadas dentro do carrinho lateral devido a gaiola de Hedwig e suas bagagens, já doíam e começavam a ficar dormentes. Tão grande era seu desconforto que ele quase esqueceu de dar uma ultima olhada no número 4 da Rua dos Alfeneiros; no momento em que ele olhou pela beirada do carrinho lateral, ele não mais podia dizer qual era. Cada vez mais altos, eles adentraram o céu --.

E então, fora de nenhum lugar, fora de nada, eles estavam cercados. Pelo menos trinta figuras encapuzadas, voando, formaram um grande circulo em volta deles, o qual os membros da Ordem [ilegível] – Houveram vários raios verdes passando por eles,

ai algo caiu Harry gritou e].

Um feixe de luz verde. A coruja caiu para o chão da gaiola.

“Não – NÃO!”

A motocicleta foi à toda velocidade para frente; Harry vislumbrou encapuzados Comensais da Morte espalhando-se à medida que Hagrid disparou através do circulo.

“Hedwig – Hedwig –“

Mas a coruja permaneceu imóvel e patética como um brinquedo no chão de sua gaiola. Ele não podia aceitar, e seu terror pelos outros foi primordial. Ele olhou por cima de seu ombro e viu uma massa de gente se movendo, feixes de luz verde, dois pares de pessoas em vassouras se afastando, mas ele não podia dizer quem eram –

“Hagrid, nós temos que voltar, nós temos que voltar!” ele gritou em meio ao barulho de feitiços e ao rugir da motocicleta, puxando sua varinha, colocando a gaiola de Hedwig no chão, se recusando a acreditar que ela havia morrido. “Hagrid, VOLTE!”

“O meu trabalho é levá-lo lá a salvo, Harry!” berrou Hagrid.

“Pare – PARE!” Harry gritou, porém quando olhou para trás novamente, dois jatos de luz verde passaram por pouco de sua orelha: Quatro comensais da morte tinham deixado o círculo e estavam a persegui-los, mirando nas largas costas de Hagrid.

Hagrid desviou-se, porém os Comensais estavam na cola da moto; mais jatos, e Harry teve que se encolher no carrinho lateral para evitá-los. Esgueirando-se ele gritou, “Estupefata!” e um raio saiu de

sua varinha, criando um vão entre os quatro Comensais da Morte à medida que eles desviavam.
“Segure-se Harry, essa é pra eles!” gritou Hagrid, e Harry olhou justo na hora que Hagrid esmurrou um espesso dedo em um botão verde próximo ao medidor de combustível.
Uma parede, uma sólida parede, surgiu pelo exaustor. Esticando seu pescoço, Harry a viu expandir-se no meio do ar. Três Comensais desviaram-se bruscamente e a evitaram, mas o quarto não teve tanta sorte; Ele desapareceu de vista e então caiu como um pedregulho por detrás, sua vassoura quebrou em pedacinhos. Um de seus companheiros diminuiu para salvá-lo, mas ele e a parede voadora foram engolidos pela escuridão à medida que Hagrid retomou o guidom e acelerou.
Mais ‘feitiços da morte’ passaram pela cabeça de Harry vindos dos dois Comensais restantes; eles estavam mirando em Hagrid. Harry reagiu com feitiços estonteantes: Vermelho e verde colidiram no meio do ar, em um espetáculo de faíscas multicoloridas, e Harry lembrou-se um pouco de fogos de artifício, e então dos Trouxas abaixo os quais não tinham idéia do que ocorria –
“Aqui vamos nós de novo. Harry, segure-se!” gritou Hagrid, e ele pressionou um segundo botão. Desta vez uma grande teia saiu do exaustor, mas os Comensais da Morte estavam preparados para isso. Não somente desviaram, mas o companheiro que havia voltado para salvar o amigo inconsciente voltara. Ele surgiu

repentinamente da escuridão e agora três deles estavam

perseguindo a motocicleta, todos soltando feitiços.

“Agora vai Harry, segura firme!” gritou Hagrid, e Harry o viu meter

toda a mão em um botão roxo ao lado do medidor de velocidade.

Com um inconfundível barulho, chamas de dragão saíram do

exaustor, branca, quente e azul, e a motocicleta atingiu a

velocidade de uma bala com o som de metal desvencilhando. Harry

viu os Comensais da Morte desviarem bruscamente para evitar a

chama mortal, e ao mesmo tempo sentiu o carrinho lateral balançarse sinistramente: Suas conexões metálicas com a moto haviam

lascado com a força da aceleração.

“Ta tudo bem, Harry” berrou Hagrid, agora com o corpo muito para

trás devido à velocidade; ninguém estava conduzindo agora e o

carrinho lateral começou a girar violentamente.

“Esta tudo sobre controle Harry, não se preocupe!” Hagrid gritou, e

de dentro do bolso de sua jaqueta ele puxou sua sombrinha rosa e

florida.

“Hagrid! Não! Deixa que eu faço!”

“Reparo!”

Houve um bang ensurdecedor e o carrinho lateral desvencilhou-se

da moto completamente; Harry voou para frente, impulsionado pelo

ímpeto do vôo da moto, então o carrinho lateral começou a perder

altura –

Desesperado, Harry apontou sua varinha para o carrinho lateral e

gritou

“Wingardium Leviosa!”

O carrinho levitou, desestabilizado, mas ao menos continuava no ar.

Ele teve alguns segundos, porém, novos feitiços passaram por ele:

Os três Comensais da Morte estavam se aproximando.

“Estou indo, Harry!” Hagrid berrou do meio da escuridão, mas Harry

pôde sentir o carrinho começar a desabar novamente: agachandose o máximo que conseguira, ele apontou para o meio das figuras

na escuridão e gritou “Impedimenta!”

O feitiço atingiu o Comensal do meio bem no peito: Por um

momento, o homem estava absurdamente perdido ao bater em uma

barreira invisível: Um de seus companheiros quase bateu com ele –

Então o carrinho começou a cair para valer, e o Comensal restante

lançou um feitiço muito próximo a Harry que ele teve que se abaixar

bruscamente, batendo um dente na beira do assento –

“Estou indo Harry, estou indo!”

Uma grande mão pegou as vestes de Harry e o puxou para fora do

carrinho; Harry pegou sua mochila enquanto foi puxado para o

assento na motocicleta.

Enquanto eles subiam, fora do alcance dos dois comensais

restantes, Harry cuspiu o sangue para fora de sua boca, apontou

sua varinha para o carrinho caindo e gritou, “Confringo!”

Ele sentiu uma péssima ponta de culpa por Hedwig; o Comensal da

Morte mais próximo fora jogado para fora de sua vassoura e caiu;

seu companheiro voltou e desapareceu;

“Harry, Eu sinto muito, sinto muito.” Gemeu Hagrid “Eu não deveria

ter tentado reparar o carrinho eu mesmo – eu não sei fazer nada –"
"Isso não é um problema agora, só continue voando!" Harry gritou de volta, avistando mais dois Comensais que emergiram da escuridão, se aproximando.
À medida que os feitiços iam passando por eles, Hagrid desviava: Harry sabia que Hagrid não hesitaria em usar o 'botão do fogo do dragão' novamente, com Harry espremido ali, de forma tão insegura. Harry mandou feitiço depois de feitiço de volta contra seus perseguidores, mal segurando-os. Ele mandou outro feitiço impedimenta: O Comensal mais próximo desviou-se bruscamente e seu capuz caiu, e pela luz vermelha do feitiço Harry pôde reconhece-lo – Stanley Shunpike – Stan –
"Expeliarmus!" Harry gritou.
"É ele, é ele, é o verdadeiro!"
O grito do Comensal chegou a Harry mesmo com todo o barulho da moto: No outro momento, ambos os perseguidores ficaram para trás e desapareceram de vista.
"Harry, o que houve?" berrou Hagrid. "Para onde eles foram?"
"Eu não sei!"
Mas Harry estava com medo: O Comensal encapuzado havia gritado: "É o verdadeiro!" Como ele sabia? Ele olhou fixamente em volta para a escuridão e sentiu a ameaça. Onde eles estavam?
Ele subiu com dificuldade no assento para olhar para frente e agarrou-se às costas de Hagrid.

“Hagrid, faz a coisa do fogo do dragão de novo, vamos embora logo!”

“Segura firme então Harry!”

Houve novamente um barulho inconfundível e as chamas brancas, quentes saíram pelo exaustor: Harry sentiu ele mesmo voltando para trás do pequeno assento, Hagrid afundou para trás também, mal mantendo o controle do guidom –

“Eu acho que eles nos perderam Harry, eu acho mesmo!” gritou Hagrid.

Mas Harry não estava convencido: O medo corria por ele quando ele olhava da direita para esquerda a procura de perseguidores... Por que eles haviam ficado para trás? Um deles ainda possuía uma varinha... *é o verdadeiro* ... eles disseram isso depois da tentativa de desarmar Stan...

“Estamos quase lá Harry, quase lá!” disse Hagrid.

Harry sentiu a moto baixar um pouco, porém continuaram no caminho.

Então a cicatriz em sua testa queimou como fogo; Um Comensal da Morte apareceu em cada lado da bicicleta, duas maldições da morte erraram Harry por milímetros. –

E então Harry o viu. Voldemort estava voando como fumaça no vento, sem vassoura ou trestálio para segurá-lo, sua cara de cobra brilhando na escuridão, seus dedos brancos segurando sua varinha novamente –

Hagrid foi com a moto para um repentino mergulho. Esgueirandose, Harry mandou uma série de feitiços contra a escuridão. Ele viu um corpo passar por ele e soube que tinha atingido algum deles, mas então ele ouviu um bang e viu fagulhas saírem do motor; a motocicleta pirou no ar, completamente fora de controle –

Jatos de luz verde passaram por eles de novo. Harry não fazia idéia do que era cima, ou o que era baixo: Sua cicatriz continuava a queimar; ele esperava morrer em qualquer segundo. Uma figura encapuzada em uma vassoura estava logo à sua frente, ele a viu levantar seu braço –

"NÃO!"

Com um grito de fúria, Hagrid jogou-se de dentro da moto até o Comensal; para seu horror, Harry viu ambos caindo, seus pesos combinados eram muito para a vassoura –

Mal segurando-se a motocicleta com seus joelhos, Harry ouviu Voldemort gritar, "Meu!"

Estava acabado: Ele não podia ver ou ouvir onde Voldemort estava; ele vislumbrou outro Comensal da Morte voando e ouviu, "*Avada*—"

Assim como a cicatriz de Harry forçou seu olhos a se fechar, sua varinha agiu por conta própria. Ele sentiu ela empunhada em sua mão como um imã, viu um esguicho de fogo dourado através dos seus olhos semi-abertos, ouviu um crack e um grito de fúria. O Comensal restante berrou; Voldemort gritou, "Não!"-De alguma forma, Harry achou o botão do fogo de dragão. Ele o apertou com sua outra mão e a moto lançou mais fogo no ar.

“Hagrid!” Harry chamou, segurando-se na moto.

“Hagrid – Accio Hagrid!”

A moto aumentou a velocidade, puxada diretamente para a terra. Cara a cara com o guidom, Harry não via mais nada a não ser as distantes luzes cada vez mais perto: ele ia bater e não havia nada que ele podia fazer. Atrás dele pôde ouvir-se outro grito “Você, Selwyn, dê-me sua varinha!”

Ele sentiu Voldemort antes de vê-lo. Olhando para os lados, ele



visualizou os olhos vermelhos e tinha certeza que seriam a ultima coisa que ele veria: Voldemort estava se preparando para atacá-lo mais uma vez –

E então Voldemort sumiu. Harry olhou para baixo e viu Hagrid jogado no chão embaixo dele. Ele puxou forte o guidom para evitar bater nele, tateou atrás do freio, mas com um barulho estrondoso, o chão tremia, ele caiu direto em um poço de lama.

Capítulo Cinco

Guerreiro Caído

Hagrid?

Harry esforçou-se para se levantar dos restos de metal e couro que o encobriam, suas mãos afundaram em polegadas de água enlameada quando tentou se levantar. Ele não podia entender aonde Voldemort tinha ido e esperava que ele emergisse da escuridão a qualquer instante. Algo quente e úmido estava escorrendo pelo seu queixo abaixo e pela sua testa. Ele rastejou para fora da lagoa e tropeçou em uma massa gigante e escura, que era Hagrid.

“ Hagrid? Hagrid, fale comigo –”.

Mas a grande massa não se mexeu.

“ Quem está ai? É Potter? Você é Harry Potter?”

Harry não conseguiu distinguir a voz do homem.

Então uma mulher gritou,

“Eles bateram, Ted! Bateram no jardim!”

A cabeça de Harry estava girando.

“ Hagrid” ele repetiu estupidamente, e seu joelhos cederam.

A próxima coisa que ele soube foi de estar recostando em coisas como almofadas, com a terrível sensação de queima em suas costelas e seu braço direito. Seu dente perdido havia crescido. A cicatriz em sua testa ainda latejava.

“ Hagrid?”

Ele abriu seus olhos e viu que estava deitado em um sofá não

familiar, e uma simples sala de estar. Sua mochila estava no chão um pouco distante, úmida e lamacenta. Um homem com cabelo justo e um grande inchaço no rosto estava olhando para Harry ansiosamente.

“ Hagrid está bem, filho” – disse o homem – “A mulher ‘tá’ cuidando dele. Como você se sente? Tem algo mais quebrado? Eu curei suas costelas, seu dente e braço, por falar nisso, Ted Tonks – Pai da Ninfadora”

Harry levantou-se rapidamente: algo estralou, ele se sentiu enfermo e inconsciente.

-Voldemort...

-Não se preocupe agora – disse o homem pondo a mão no ombro de Harry e o empurrando de volta para as almofadas – Aquilo foi uma batida cruel! De qualquer forma, o que aconteceu? Deu algo errado com a moto? Arthur Weasley de novo, ele e aquela adoração por trouxas dele?

-Não – disse Harry com a cicatriz pulsando como um ferimento aberto – Os comensais da morte nos encontraram – Nós fomos perseguidos

Comensais da Morte – Disse Ted bruscamente – O que você está falando? Comensais da morte? Eu pensei que eles não soubessem que você seria transportado hoje –”

“Eles sabiam,” disse Harry.

Ted Tonks olhou para o teto como se pudesse ver através dele o

céu que estava acima. “Bem, nós sabemos que nosso encanto protetor nos segura, não é? Eles não serão capazes de chegar aqui e nos atingir, então estamos seguros." Agora Harry entendia porque Voldemort havia desaparecido: tinha sido o ponto em que a motocicleta cruzou a barreira do encanto da Ordem. Ele apenas esperava que eles continuariam a trabalhar: Ele imaginou Voldemort, cem jardas à sua frente como eles disseram, procurando uma maneira de penetrar no que Harry via como uma grande bolha Ele balançou suas pernas para fora do sofá; necessitava ver Hagrid com seus próprios olhos antes que pudesse acreditar que ele estava vivo. Ele mal tinha se levantado, contudo, quando uma porta se abriu e Hagrid deslizou por ela, sua cara coberta com lama e sangue, um pouco fraco mas milagrosamente vivo “Harry!” Apoiado sobre duas delicadas muletas, ele cobriu o assoalho que os separava, e deu em Harry um abraço de partir costelas. “Graças a Deus Harry, como nós conseguimos sair dessa? Eu pensei, por um momento, que nós dois havíamos...”.

“É, estou tão surpreso quanto você, nem acredito que saímos dessa.” – disse Harry com a voz embargada pelo abraço Hagrid. Harry interrompeu o abraço. Observava a mulher que entrara no quarto logo após Hagrid. “Você!” ele gritou, e sua mão voou automaticamente para seu bolso, em busca da varinha, mas ele estava vazio. “Sua varinha está comigo, filho.” Disse Ted, dando um tapinha no braço de Harry. “Ela caiu logo ao seu lado, eu a peguei.

E essa com a qual você estava gritando é minha esposa”

“Oh, m-me desculpe...”

Adentrando a sala, a semelhança da Sra.Tonks com sua irmã Bel atrix ficou muito menos acentuada: Seu cabelo era de um castanho claro, e seus olhos eram largos e amáveis. De qualquer maneira, ela olhou de forma tão simpática para a exclamação de Harry, que não poderia ser Bel atrix.

”O que aconteceu à nossa filha?” Ela quis saber. “Hagrid disse que vocês foram cercados; onde está Ninfadora?”

”Eu não sei,” disse Harry. “Nós não sabemos o que houve a nenhum dos outros.” Ela e Ted trocaram olhares. Uma mistura de medo e culpa agarrou Harry ao ver suas expressões; se qualquer um deles tiver morrido, era sua culpa, tudo sua culpa. Ele havia consentido com o plano, dando a eles seu cabelo... “A Chave de Portal” ele disse, lembrando-se de tudo repentinamente. “Nós temos que ir para a Toca e descobrir – então seremos capazes de nos comunicar com Tonks, uma vez que ela...”.

“Nossa filha estará bem, Andrômeda,” disse Ted “ ela sabe se cuidar, ela vêm andado com os Aurores todo esse tempo. A Chave de Portal é por aqui,” disse ele se dirigindo a para Harry. “A Chave está programada para funcionar daqui a três minutos, se vocês quiserem ir...”.

“Sim, nós desejamos,” disse Harry. Ele agarrou sua mochila, jogando-a sobre os ombros. “Eu –“ Ele olhou para a Sra. Tonks,

desejando se desculpar por deixá-la amedrontada e que ele se sentia o responsável, mas não lhe ocorreram palavras para tal.

“ Eu direi a Tonks – Dora – Para comunicar-se com vocês, quando ela ... Obrigado por nos abrigar, obrigado por tudo. Eu –“ Ele estava satisfeito por deixar a sala e seguiu Ted Tonks por um pequeno corredor até um quarto. Hagrid veio após eles, se abaixando para evitar bater a cabeça no topo da porta. "Aqui estamos, filho. Aqui está a Chave de Portal." Sr. Tonks estava apontando para uma pequena e prateada escova de cabelo na mesinha. “Obrigado” disse Harry, estendendo para a escova o seu dedo, pronto para ir.

“Espere um instante” disse Hagrid, olhando à sua volta.

“Harry, cadê a Edwiges?” “Ela... ela foi atingida,” disse Harry, Foi então que lhe caiu a ficha: Ele se envergonhou de si mesmo quando as lágrimas escorreram de seus olhos. A coruja havia sido sua companhia, sua grande conexão com o mundo mágico até mesmo quando ele era obrigado a voltar para a casa dos tios.

Hagrid estendeu a grande mão e deu tapinhas dolorosos em seu obro. “Não importa,” ele disse grosseiramente. “Não importa. Ela já tinha vivido muito –“ “Hagrid!” alertou Ted Tonks, quando a escova brilhou em um azul brilhante e Hagrid só pusera o dedo na ultima hora. Harry sentiu um enorme puxão para trás, na altura do umbigo, como um gancho invisível que o tivesse levando. No momento seguinte, seus dedos escorregavam da Chave de Portal, e Hagrid e o Sr. Tonks ao seu lado faziam o mesmo. Logo após Harry sentiu o

impacto do chão, e suas mãos apalparam o gramado a Toca. Ele ouviu barulhos. Imaginou ser o vento farfalhando as árvores e os arbustos. Levantando a cabeça ele vê a Sra. Weasley e Gina correndo em sua direção. Ao seu lado, Hagrid se levantou. “Harry? Você é o verdadeiro Harry? O que houve? Onde estão ou outros?” perguntou a Sra. Weasley apreensiva. “Como assim? Ninguém mais esta de volta?” Harry desesperou-se.

A resposta à pergunta de Harry estava clara pela expressão pálida do rosto da Sra. Weasley. “Os Comensais da Morte estavam nos esperando” Harry contou-lhe. “Nós fomos abordados no momento em que nos separamos – eles sabiam que seria esta noite – Eu não sei o que aconteceu a nenhum dos outros, quatro deles correram atrás de nós, foi tudo o que podemos fazer para fugir, e então Voldemort apareceu – Ele podia perceber o tom de justificativa em sua voz, o necessário para que ela entendesse o porquê dele não saber o que acontecera a seus filhos, mas –“Graças a Deus você está bem” ela disse, puxando-o para um abraço que ele não achou que merecia.

“Você não tem conhaque, Moly?” perguntou Hagrid um pouco agitado. “Para fins medicinais?”. Ela podia tê-lo feito através de magia, mas quando ela foi se retirando para o interior da torta casa, Harry sabia que ela desejava esconder seu rosto. Ele se voltou para Gina, e ela respondeu a sua não dita súplica por informações.

“Rony e Tonks deveriam ter voltado primeiro, mas eles perderam

sua Chave de Portal, ela voltou sem eles,” ela disse, apontando uma enferrujada lata de óleo que repousava sobre o chão ali perto. “E aquele ali,” ela apontou para um tênis velho, “devia vir junto com papai e Fred, eles deviam ser os segundos. Você e Hagrid eram os terceiros e,” ela checou o relógio, “se eles tiverem conseguido, Jorge e Lupin estarão de volta em um minuto.”

Sra. Weasley reapareceu carregando um vidro de conhaque, o qual ela entregou a Hagrid. Ele o abriu e o tomou imediatamente.

“ Mãe!” gritou Gina, apontando para um local há uma pequena distancia.

Uma luz azul apareceu no meio da escuridão; Ela cresceu rapidamente e de repente Lupin e Jorge apareceram, girando e então caindo.

Harry soube imediatamente que algo estava errado: Lupin estava carregando Jorge, o qual permanecia inconsciente e tinha a cara coberta de sangue.

Harry correu para frente e agarrou as pernas de Jorge. Juntos, ele e Lupin carregaram Jorge para dentro da casa e através da cozinha até a sala, onde o colocaram sobre o sofá. A lâmpada caiu em cima de Jorge, Gina parou de respirar e o estômago de Harry embrulhou. Falta uma orelha de Jorge. Aquele lado da cabeça e pescoço estavam banhados de um sangue escarlate.

Não antes da Sra. Weasley estar agarrada ao filho, Lupin pegou Harry pelo braço e o arrastou, sem muita gentileza, de volta para a

cozinha, onde Hagrid ainda tentava facilitar o acesso á porta de trás.

" Oi!" disse Hagrid indignado. "Solte ele! Solte o Harry!"

Lupin o ignorou.

“ Qual criatura estava no canto de minha sala quando Harry Potter a visitou pela primeira vez em Hogwarts?” ele disse, dando-lhe umas sacudidas. “Responda-me!”

“ A – é um grindylow no tanque, certo?”

Lupin soltou Harry e caiu contra um armário na cozinha.

“ O que você queria com isso?” berrou Hagrid

“ Me desculpe, Harry, mas eu tinha que conferir,” disse Lupin alarmado. “Precisamos ter cuidado. Voldemort sabia que você seria transportado hoje e as únicas pessoas que poderiam ter contado estavam diretamente ligadas ao plano. Você podia ser um impostor.”

“Então por que você não conferiu se eu era eu mesmo?” perguntou Hagrid, esforçando-se para manter a voz impassível.

“ Porque você é meio-gigante.” Disse Lupin, olhando diretamente nos olhos de Hagrid. “A Poção Polissuco não faria efeito em você, pois só fazem em humanos.”.

“ Ninguém da Ordem diria a Voldemort que eu estaria sendo transportado esta noite,” disse Harry. A idéia de que alguém da Ordem fosse traidor era desprezível para ele, ele não acreditaria se soubesse que alguém da Ordem era um Comensal da Morte.

“Voldemort só sabia que era realmente eu, porque ele sabia que eu estaria com o Hagrid”.

“ Voldemort alcançou vocês?” disse Lupin aterrorizado. “O que houve? Como você escapou?”.

Harry explicou rapidamente como os Comensais da Morte o reconheceram como verdadeiro Harry, como eles abandonaram a perseguição, e depois voltaram com Voldemort, que apareceu pouco antes de ele e Hagrid chegarem a casa dos pais de Tonks.

“ Eles reconheceram você? Mas como? O que você fez?”

“ Eu...” Harry tentou lembrar; toda a jornada pareceu um borrão de pânico e confusão. “Eu vi Stan Shunpike... você sabe, o cara que era o condutor do Nôitebus? E eu tentei desarmá-lo ao invés de – bem, ele não sabia o que ele estava fazendo, sabia? Ele devia estar sobre efeito da maldição Imperius!”

Lupin observou.

“ Harry, a hora de desarmar passou! Essas pessoas estão tentando te capturar e te matar! Ao menos faça-os ficarem inconscientes se não esta preparado para matar!”

“ Nós estávamos centenas de pés no ar! Stan não era ele mesmo, e caso eu o tivesse feito ficar inconsciente ele teria caído, e teria morrido da mesma maneira que se eu tivesse usado Avada Kedavra! Expel i armus salvou-me de Voldemort dois anos atrás.”

Harry adicionou desafiador, Lupin o estava lembrando o aluno da Lufa-Lufa Zacharias Smith, o qual estava rindo de Harry por este

querer ensinar a AD como desarmar.

“Sim, Harry” disse Lupin com compostura, “ e um grande número de Comensais da Morte testemunharam aquilo acontecendo!”

Perdoe me, mas é uma coisa muito pouco usual, sobre o caso de morte iminente. Repetir isso hoje na frente dos Comensais os quais já haviam testemunhado ou ouvido falar sobre a primeira ocasião foi quase suicídio!”

“ Então você acha que eu deveria ter matado Stan Shunpike?”

Disse Harry nervoso.

“ Mas é claro que não,” disse Lupin, “ mas os Comensais da Morte – ou melhor, a maioria das pessoas! – esperariam que você atacasse de volta! Expel iarmus é uma magia muito útil, Harry, porém os Comensais parecem ter em mente que esta é sua marca registrada, e eu o alertaria para não deixar que isso aconteça.”

Lupin estava fazendo com que Harry se sentisse idiota, e ainda havia um grão de desafio dentro dele.

“ Eu não irei jogar as pessoas para fora de meu caminho só porque elas estão lá.” Disse Harry. “Esse é o trabalho de Voldemort.”

Lupin pareceu perdido por um momento: finalmente, tomou-se por satisfeito e se espremeu para passar pela porta entreaberta. Hagrid pegou uma cadeira, desajeitado, e sentou-se fitando Harry atenciosamente. Não dando atenção à Hagrid, Harry decidiu colocar Lupin novamente na conversa:

“ George ficará bem?”

Todas as frustrações e preocupações de Lupin em relação à Harry pareceram se esvair com a pergunta do garoto.

“ Imagino que sim, no momento não há como ajudá-lo, mas ele ficará bem...”.

Harry se animou com a notícia, Lupin saiu pela porta, Hagrid permaneceu sentado, e aproveitando a deixa de Lupin, Harry foi explorar o jardim, e olhando-o pela janela viu dois vultos distintos. Harry olhou pela janela e viu Hermione, que havia retornado à sua forma, e ao seu lado Kingsley, ambos com expressões cansadas, mas aparentemente bem.

“ As últimas palavras que Alvo Dumbledore falou ainda pairam sobre nós.”.

“ Harry é a maior esperança que nós temos, devemos cofiar nele” disse Lupin calmamente.

Kingsley apontou sua varinha rapidamente para Harry, fazendo o garoto se sobressaltar. Lupin interrompeu:

“É ele, eu já conferi!”

“ Certo, certo” disse Kingsley enquanto guardava sua varinha no bolso interno de suas vestes. “Mas alguém nos traiu! Eles sabiam, eles sabiam que seria essa noite...”.

“É o que parece,” replicou Lupin. “mas aparentemente eles não sabiam sobre os Sete Harrys...”.

“ Isso não é grande consolo.” retorquiu Kingsley. “Quem mais voltou?”

“ Somente Harry, Hagrid, Jorge e eu.”

Hermione tinha um pequeno arranhão nas costas de sua mão.

“ O que houve com vocês?” perguntou Lupin se dirigindo à Kingsley.

” Fomos seguidos por cinco, consegui ferir dois deles, e tive de

matar um outro,” respondeu Kingsley, “e nós vimos Você-SabeQuêm também, nós o perseguimos, mas ele conseguiu escapar

rapidamente. Remo, ele é capaz de...”.

“ Voar” completou Harry. “Eu o vi também, ele veio depois de mim e

Hagrid”.

“ Mas por que ele parou de te seguir?!” exclamou Kingsley “Eu não

consigo entender porque ele fugiu. O que o fez mudar de direção?”.

“Harry viu uma pequena parte do rosto de Stan Shunpike” disse

Lupin.

“ Stan?” repetiu Hermione confusa. “Pensei que ele estivesse preso

em Azkaban, não?”

Kingsley estava visivelmente perdendo a paciência.

“ Hermione, é óbvio que ele fugiu de Azkaban, com a queda do

Ministro. Eu o procuraria na Travessa do Tranco, se quer saber.

Mas, Remo, o que está acontecendo com você? Onde está o

Jorge?”.

“ Ele perdeu uma orelha...” respondeu Lupin, sua voz falhando.

“ Perdeu uma...?” disse Hermione com a voz embargada.

“ Obra do Snape!” sussurrou Lupin lentamente.

“ Snape?” engasgou-se Harry. “Não pode ser...”.

“ Ele perdeu sua capa, durante a perseguição. Sectumsempra foi

sempre uma especialidade do Snape. Mas vamos conseguir curálo. Ele perdeu bastante sangue...”.

Todos ficaram em um silêncio mútuo, contemplando o céu azulmarinho. Não havia nenhum movimento, não havia estrelas reluzentes, e a lua nova se escondia por trás de uma nuvem particularmente grande. Onde estaria o Rony? Onde estaria Fred e o Sr. Weasley? Onde estava Gui e Fleur? Mundungo, Olho-Tonto e Tonks? Estariam todos bem?

Harry, nos dê uma ajuda!’ Chamou Hagrid da porta onde ele acabou entalando de novo. Feliz por fazer algo, Harry o puxou, depois entraram na cozinha e voltaram a sala de estar onde a Sra. Weasley e Gina ainda continuavam olhando Jorge. A Sra Weasley estava limpando o sangue, e pela lâmpada Harry pode ver um buraco onde deveria estar a orelha de Jorge.

Como ele está?’

Sra Weasley olhou em volta e disse ‘Não posso fazê-la crescer. Não quando foi removida pro Magia Negra..mas podia ser pior...pelo menos ele está vivo!’

‘É ..’ Disse Harry. ‘Graças a Deus.’

‘ Escutei mais alguém no jardim?’ Perguntou Gina.

‘ Hermione e Kingsley’

‘ Que bom.’ Gina murmurou. Eles trocaram olhares, Harry quis abraçá-la, ele nem se importava que a Sra Weasley estivesse ali, mas antes que ele agisse por impulso houve um grande ‘crash’ na cozinha.

“Eu provarei que sou verdadeiro Kingsely, depois que eu ver meu filho, agora saia da minha frente se você souber o que é realmente bom pra você!”

Harry nunca escutou Sr. Weasley falar daquele jeito. Ele entrou na sala de estar, sua cabeça quase careca misturando-se com suor.

Fred estava logo atrás dele, ambos pálidos mas sem machucados.

‘ Arthur!’ exclamou Sra Weasely. ‘Graças a Deus.’

‘ Como ele está?’

Sra. Weasley ficou sobre os joelhos ao lado de Jorge. Pela primeira vez desde que conhecera Fred, o ruivo parecia sem palavras.

Ele assustou-se atrás do sofá olhando o estado do gêmeo, como se não quisesse acreditar no que estava vendo.

Talvez pelo som da chegada de Fred e Sr. Weasley. Jorge soltou um muxoxo.

‘ Jorge, como se sente?’ Murmurou Sra. Weasley.

Os dedos de Jorge pararam num lado da cabeça.

‘ Como um anjo.’

‘ Qual o problema dele?’ Perguntou Fred parecendo horrorizado.

‘Perdeu o juízo? O cérebro foi afetado?’

‘ Anjo.’ Repetiu Jorge abrindo os olhos e olhando para seu irmão.

‘Vê..sou sagrado. Santo, Fred..entendeu?’

Sra. Weasley prendeu a respiração mais do que nunca. O rosto de Fred se empalideceu ainda mais.

‘ Patético’ Ele disse para Jorge. ‘Patético! Com o mundo todo de

humor relação-orelha, você diz sagrado?’

‘ Ah bem’ Disse Jorge limpando a lagrima da mãe. ‘Você agora vai poder nos diferenciar mãe.’

Ele olhou em volta.

‘ Oi Harry---você é Harry, certo?’

‘ Sim, sou.’ Respondeu Harry chegando perto do sofá.

‘ Bem, pelo menos nos conseguimos trazer você a salvo.’ Disse Jorge. ‘Por que Ron e Gui não estão em volta da minha cama?’

‘ Eles ainda não voltaram Jorge.’ Respondeu Sra Weasley. Harry olhou para Gina e mencionou para ela o seguir até lá fora.

Enquanto caminhava pela cozinha ela falou em voz baixa.

‘ Rony e Tonks devem voltar daqui a pouco. Eles não tiveram uma longa viajem, Tia Muriel não é muito longe daqui.’

Harry não disse nada. Ele vem tentando afastar o medo dele desde que chegou a Toca, mas agora parecia completamente dominado por ele, dentro da sua pele, incomodando a garganta e machucando o peito. Enquanto caminhavam pelo jardim, Gina pegou sua mão. Kingsley caminhava para frente e para trás, olhando para o céu toda vez que se virava. Harry lembrou-se do Tio Valter passando pela sala de estar há milhões de anos atrás. Hagrid, Hermione e Lupin estavam em pé ombro com ombro, observando em silêncio. Ninguém olhou em volta quando Harry e Gina se juntaram ao silêncio dos três.

Os minutos passaram como se fossem anos. A brisa mais delicada

fez eles sobressaltarem e virarem em direção ao vento ou a alguma arvore com a esperança de que algum membro da Ordem pudesse aparecer entre as folhas. E então uma vassoura se materializou diretamente sobre eles e seguiu em direção ao chão.

‘ São eles’ Gritou Hermione.

Tonks deslizou perto do chão, jogando terra pra todo lugar.

‘ Remo! ‘Gritou Tonks enquanto largava da vassoura e se jogava nos braços de Lupin. O rosto de Lupin estava branco. Parecia ser incapaz de falar. Rony caminhava em direção a Harry e Hermione.

‘ Você ta bem.’ Ele disse, antes de Hermione abraçá-lo com força.

‘ Pensei, pensei que...’

‘ To bem.’ Disse Rony dando um tapinha de leve nas costas de Hermione. ‘To ótimo.’

‘ Rony foi muito bem.’ Disse Tonks amável ainda abraçada em Lupin. ‘Maravilha. Acertou um comensal bem na cabeça mesmo sendo um alvo fácil sobre uma vassoura ---‘ Mesmo?’ – Perguntou Hermione mirando Rony, ainda com seus

braços em volta do pescoço do ruivo.

"-Sempre tem um tom de surpresa" ele disse quebrando a tensão

"Os últimos ainda não voltaram?"

" - Não - disse Gina - Gui e Fleur, Olho Tonto e Mundungo ainda não voltaram. Eu vou avisar o papai e a mamãe que você está bem, Rony..."

Ela correu para dentro da casa.

" O que aconteceu?" perguntou Lupin parecendo irritado com

Tonks.

" Belatriz" disse Tonks "Ela me queria tanto quanto ela quer Harry. Ela tentou me matar. Eu apenas desejei ter ela {?}. Mas nós definitivamente ferimos Rodolfo. Então nós fomos para a Tia Muriel, de Rony, e ela emprestou uma chave de portal e... [não dá pra ler por causa do flash].

Um músculo estava pulando no rosto de Lupin. Ele se aquietou, mas ainda parecia incapaz de falar.

‘ Então o que aconteceu com vocês todos?’ Tonks perguntou, virando para Harry, Hermione e Kingsley.

Eles recontaram a historia da viajem de cada um, mas a continua ausência de Gui, Fleur, Olho Tonto, e Mundungus parecia cobri-los como uma crosta. Era cada vez mais difícil tentar ignorar.

‘ Tenho que voltar para Downing Street, deveria estar lá a uma hora.’ Disse Kingsley finalmente depois de mais uma olhada para o céu ‘Me avisem quando eles chegarem.’

Lupin assentiu com a cabeça. Com um aceno para os outros, Kingsley caminhou na escuridão rumo ao portão. Harry pensou ter ouvido um fraco 'pop' bem em frente a Toca.

Sr. e Sra. Weasley vieram correndo com Gina em seu encalço. Os dois Pais abraçaram Rony antes de virar para Lupin e Tonks.

" Obrigada" disse a sra. Weasley, "pelos meus filhos"

" Não seja boba, Mol y" pela primeira vez Tonks falou.

" Como está o Jorge?" perguntou Lupin.

" O que há de errado com ele?" sibilou Rony.

" Ele perdeu..."

Mas o final da mensagem dos Weasley foi abafada por um berro

???? Gui e Fleur estavam de volta, mas eles estavam ilesos.

"Gui. Graças a Deus, graças a Deus..."

A Sra. Weasley correu para abraçar Gui [não dá pra ler o resto].

Parecendo com o pai dele, Gui disse "Olho Tonto morreu..."

Ninguém falou nada. Ninguém se moveu. Harry sentiu que alguma coisa atrás estava caindo, caindo através da terra, o deixando para sempre.

" Nós o vimos" disse Gui, Fleur assentiu, ouviu-se um pedaço de pano rasgando,[?], as luzes da cozinha acenderam "Aconteceu depois que nós quebramos o círculo, Olho Tonto e Dung estavam perto da gente, eles estavam indo para a direção norte também.

Dung apavorou-se. Eu ouvi ele chorando, Olho Tonto tentou parálo, mas ele desapareceu. Não havia nada que pudéssemos fazer.

Nós estávamos em meia dúzia...

A voz de Gui falhou.

" Claro que vocês não podiam ter feito nada" disse Lupin.

Eles levantaram olhando cada um olhando o outro. Harry compreendia o silêncio, Olho Tonto não poderia ter partido, era tão resistente, tão bravo, tinha sobrevivido...

Por último teve a impressão de todos estavam alvoroçados, embora ninguém dissesse isso, não havia mais o que esperar, e o silêncio seguido dentro da Toca e dentro da sala estavam Fred e Jorge

rindo juntos.

- O que está errado? - perguntou Jorge varrendo o riso de suas faces - O que aconteceu? Quem está...

- Olho Tonto - disse o Sr. Weasley - Morto!

Os gêmeos ficaram em choque. Ninguém sabia o que fazer. Tonks estava chorando silenciosamente. Ela tinha estado perto de Olho Tonto. Harry sabia, ela era a favorita dele e protegida do Ministério da Magia [?]. Hagrid quem tinha sentado no piso no canto, onde havia mais espaço, estava limpando os olhos com a toalha de mesa feita sob medida handketchief [?].Gui rodeou a mesa e pegou uma garrafa de Whisky com alguns copos.

- Aqui - disse ele com um movimento de onda enviando doze copos cheios para cada um deles, elevando o décimo terceiro como ao alto - Ao Olho Tonto!

- Ao Olho Tonto! - eles disseram e beberam.

- Ao Olho Tonto - ecoou Hagrid, um pouco tarde, com um soluço.

O whisky de fogo queimou a garganta de Harry. Pareceu queimar por dentro, disppel ing the numbness e uma sensação de irrealidade, queimando ele como alguma coisa como se sentisse coragem.

- Então Mundungo desapareceu? - disse Lupin, quem tinha drenado o copo para pegar outro.

A atmosfera mudou pela primeira vez. Todo mundo olhou tenso, assistindo Lupin, esperando que ele fosse adiante, isso parecido

com Harry [?], e todos ligeiramente com medo do que pudessem ouvir.

- Eu sei o que você está pensando - disse Gui - E eu quero saber também, dessa maneira, eles estão parecendo estar esperando nós, não estão? Mas Mundungo não abandonou a gente. Eles não saberíamos que nós éramos sete Harrys, o que os confundiu quando nós nos separamos, e no caso esquecido, e foi Mundungo quem sugeriu um pouco de skul duggery [?]. Por que não deveríamos ter contado o ponto essencial? Eu acho que Dung entrou em pânico, é tão simples. Ele não queria vir em primeiro lugar, mas Olho Tonto fez ele vir, e Você-Sabe-Quem quer tudo em linha reta para eles. É o suficiente para fazer as pessoas entrarem em pânico."Você-Sabe-Quem atuou exatamente como Olho Tonto esperava" guinchou Tonks "Ele sempre disse que Você-Sabe-Quem esperaria ser o Harry verdadeiro o que estivesse com o mais resistente, o mais hábil dos Aurores. Ele perseguiu Olho Tonto primeiro, como quando Mundungus deu a eles uma comunidade para Kingsley..."

" Sim, e eles estavam todos muito bem," cortou Fleur,"mas isso ainda não explica como eles sabiam que nós estávamos mudando o Harry hoje à noite, explica? Alguém deve ter sido descuidado. Alguém deixou escapar a data para alguém de fora. É a única explicação para o conhecimento deles sobre a data, mas não sobre o plano inteiro."

Ela brilhou em volta deles todos, as rachaduras - cortes - deixavam o seu rosto ainda bonito, silenciosamente ninguém ousou contradizer ela. Ninguém o fez. O único som que quebrou o silêncio foi o hiccuping de Hagrid atrás de sua handkierchief. Harry olhou de relance para Hagrid, quem tinha arriscado para salvar a vida de Harry - Hagrid quem o amava - quem ele confiava, quem uma vez tinha dado a Voldemort uma informação crucial na troca de um ovo de Dragão...

" Não" disse Harry alto e todos eles olharam para ele, surpresos - O whisky de fogo parecia ter ampliado a sua voz – "Eu quero dizer... Se alguém cometeu um erro e deixou alguma coisa escapar, eu sei que se eles não deixaram escapar porque queriam. Não foi de propósito." - Harry repetiu mais ruidosamente tanto quanto ele deveria ter falado "-Nós temos que confiar uns aos outros. Eu confiei em todos vocês, e eu não acho que alguém nesta sala queria me entregar ao Voldemort."

Mais silêncio seguiu diante de suas palavras. Eles estavam olhando para ele, Harry sentiu um pequeno calor novamente, e bebeu mais um pouco para fazer efeito. Enquanto bebia, ele pensou em Olho Tonto, Olho Tonto teria dispensado a voluntariedade de Dumbledore para confiar nas pessoas.

- Muito bem, Harry - disse Fred inesperadamente.

- Viva, orelha, orelha - disse Jorge olhando rápido para Fred, cujo canto da boca estava machucada.

Lupin estava ouvindo com uma expressão estranha quando ele olhou para Harry. Estava perto de sentir pena.

- Você acha que eu sou um tolo? - exigiu Harry.

- Não, eu acho que você se parece com o Tiago - disse Lupin - Quem teria considerado-o mesma atitude, teria a mesma confiança com os amigos dele.

Harry sabia que Lupin estava se referindo quando um amigo dele tinha sido traído por um amigo, Peter Pettigrew. Ele se sentiu irritado. Ele queria discutir, mas Lupin afastado dele, e sentou com o seu copo do outro lado da mesa, e tinha se dirigido ao Gui - Existe trabalho a fazer. Eu posso perguntar ao Kingsley se...

- Não! Eu farei, eu irei! - disse Gui uma vez.

- O corpo de Olho Tonto, nós precisamos recolhê-lo! - disse Lupin.

- Podemos? - começou o Sr. Weasley apelando para Gui.

- Devemos esperar - disse Gui - A não ser que os comensais já tenham pegado!

Ninguém falou, Lupin e Gui disseram adeus e saíram.

O resto deles deixaram-se cair nas cadeiras, exceto Harry que já tinha levantado. Repentinamente a morte tinha como presença. [?]

- Eu tenho que ir também - disse Harry.

Dez pares de olhos viraram para ele.

- Não seja teimoso, Harry - disse a Sra. Weasley - Sobre o que nós estávamos falando?

Eu não posso ficar aqui.

Ele esfregou a cicatriz, estava ardendo de novo, como acontecera no ano anterior.

- Vocês estão em perigo enquanto eu estou aqui. Eu não quero...

- NÃO SEJA TOLO! - disse a Sra. Weasley - [Não dá pra ler] essa noite você está seguro aqui, e se obrigado pela bondade. E a Fleur concordou em fazer o casamento aqui, melhor do que na França. Nós arranjamos tudo, então nós podemos ficar aqui juntos e...

Ele não entendia, ela estava fazendo ele se sentir pior, não melhor.

- Se Voldemort me procurar, eu estarei aqui...

- Existem dezenas de lugares que você poderia estar agora, Harry! disse a Sra. Weasley - Não existe jeito de saber qual casa você está.

- Eu não estou preocupado comigo, estou preocupado com vocês - disse Harry.

- Nós conhecemos - disse a Sra. Weasley inquieta - Mas se você o fizer teremos que nos empenhar igual essa noite.

- Ele não vai a lugar algum - rosnou Hagrid - Depois de tudo o que fizemos você quer sair daqui?

- É, e sobre minha orelha sangrando? - disse Jorge.

- Eu sei que...

- Olho Tonto não iria querer...

- EU SEI - berrou Harry.

Ele sentiu beleaguered e mandou de volta: Eles pensam que ele não sabia o que tinham feito por ele, não entendem que

precisamente a razão que dele querer ir agora, antes que eles

sofram mais do que ele tinha sofrido? Havia um silêncio inábil, na

qual a sua cicatriz continuou a arder como da última vez, que foi

quebrado pela Sra. Weasley. (o silêncio).

-Onde está Edwiges, Harry? - ela perguntou - Nós podemos colocála com Pitchinho e damos a elas o que comer.

Ele não poderia contar a ela a verdade. Ele tinha bebido o resto do

Whisky de Fogo para evitar responder a essas perguntas.

- Espere até sairmos [yeh?] de novo, Harry - disse Hagrid - Escapou

dele quando estávamos no topo da [yeh?].

- Não era eu - disse Harry rapidamente - Era minha varinha. Minha

varinha agiu por contra própria!

Depois de alguns minutos, Hermione disse gentilmente "Mas isso é

impossível, Harry. Você quer dizer que você fez mágica sem ela.

Você deve ter alcançado-a instintivamente.

- Não - disse Harry - A motocicleta estava caindo. Eu deveria ter

contado a você onde Voldemort estava, mas minha varinha girou na

minha mão, encontrou ele e disparou por um momento, e no

mesmo momento eu reconheci. Eu nunca fiz aparecer um [Hame ---o que seria Hame?? ---] dourado antes.

- Freqüentemente - disse o Sr. Weasley - Quando você exerce

pressão sob a situação você pode produzir feitiços que você nunca

sonhou. Algumas crianças o fazem freqüentemente, mesmo antes

de serem treinadas...

- Mas não era eu - disse Harry gritando através dos dentes. A

cicatriz dele estava queimando. Ele estava furioso e frustrado: Ele odiava a idéia de que eles estavam imaginando que Harry pudesse ter poder igual aos que Voldemort tem.
Ninguém disse nada. Ele sabia que todos não acreditavam nele. Agora ele vinha pensando nisso, nunca tinha ouvido falar de varinha que produzia feitiços por conta própria.
A cicatriz dele continuava ardendo, ele não poderia gemer alto. Deu a desculpa que queria tomar ar fresco e deixou a sala.
Quando ele cruzou com a jarda escura, o grande threstral esqueletal trancou-se, toda enferrujada com asas batklike, recomeçou a pastar [?], Harry parou na porta olhando fixamente para fora olhando o jardim grande em excesso, ele esfregou a cicatriz dele pensando em Dumbledore.
Dumbledore acreditaria nele, ele sabia disso. Dumbledore teria acreditado como e porquê a varinha de Harry tinha agido independemente, porque Dumbledore sempre tinha as respostas, ele sabia tudo sobre varinha, tinha explicado a Harry a grande conexão existente entre a varinha dele e de Voldemort... Mas Dumbledore como Olho Tonto, Sirius Black, como pais dele, como sua coruja, todos tinham ido para onde Harry nunca poderia falar com eles novamente. Ele sentia a garganta doer e não tinha nada a ver com Whisky de Fogo.
Então, fora de em nenhuma parte, a dor da cicatriz dele piorou, embrenhado na cicatriz, ele fechou os olhos, escutando uma voz

em sua cabeça.

- Você me contou que o problema seria resolvido usando outras varinhas!

E teve uma visão na mente de um velho homem mentindo, gritando, terrível, prolongado pelos gritos, um grito de agonia...

- Não, não, eu imploro a você, não...

- Você mentiu para Voldemort, Olivaras.

- Eu não... Eu juro que não...

- Você procurou ajudar o Potter, ajudou-o a escapar!

- Eu juro que não... Eu sei a diferença de uma varinha quando deveria funcionar!

- Explique, então o que aconteceu. A varinha de Lúcio está destruída!

- Eu não posso entender... A conexão... Existe apenas... Entre duas varinhas...-Mentira...

- Eu imploro...

E Harry viu a mão branca aumentando para pegar a varinha e sentiu Voldemort arder de raiva, viu a frágil mão do homem no chão, contorcia em agonia...

- Harry?

Acabou tão rapidamente quanto veio. Harry levantou na escuridão, o seu coração disparado, a cicatriz ainda doía. Estava vendo difíceis momentos antes de Rony e Hermione aparecerem.

- Harry, volte para a casa - Hermione chamou - Você não está

pensando em nos deixar, não é?

- Você tem que ficar aqui - disse Rony batendo em suas costas.

- Tá tudo bem? - perguntou Hermione, perto o suficiente olhando para a face de Harry - Você parece terrível!

- Bem - disse Harry - Eu provavelmente pareço melhor do que Olivaras...

Quando ele terminou de contar o que tinha visto, Rony olhou normal, mas Hermione parecia assustada.

- Mas isso tinha que ter parado! Sua cicatriz - não devia estar fazendo isso mais. Você não deve fazer conexão com ele de novo - Dumbledore queria que você fechasse sua mente!

Enquanto ele não tinha resposta, ela prendeu o abraço dele.

- Harry, ele está fazendo exame sobre Ministério e no jornal e na metade do Mundo Bruxo! Não deixe que ele entre em sua mente de novo!



Capitulo Seis

O Vampiro de Pijama

O choque causado pela perda de Olho Tonto abateu a casa nos dias seguintes; Harry continuava esperando vê-lo entrar pela porta de trás como os outros membros da Ordem, que entravam e saiam trazendo noticias. Harry sentia que nada além de ação acalmaria aquele sentimento de culpa e dor, que ele deveria iniciar sua missão de encontrar e destruir os Horcruxes o mais rápido possível.

‘ Bem, nós não podemos fazer nada a respeito dos ...’ Rony mexeu a boca formando a palavra “Horcruxes” - ‘até que você tenha 17 anos. Você ainda tem o Trace sobre você. E nós podemos planejar aqui como em qualquer outro lugar, não podemos? Ou...’ ele diminui sua voz até sussurrar -‘ou você pensa que já sabe onde os “Você-sabe-o-que” estão?’

‘ Não,’ Harry adimitiu.

‘ Eu acho que a Hermione esteve fazendo um pouco de pesquisa” Disse Rony ‘ Ela disse que estava guardando-a para quando você chegasse aqui.’

Eles estavam sentados na mesa do café da manhã; o Sr. Weasley e Bil tinham acabado de sair para o trabalho. A Sra. Weasley tinha subido as escadas para acordar Herminone e Gina, enquanto Fleur tinha ido tomar um banho.

‘ O Trace vai ser quebrado no dia 31’, disse Harry, ‘o que significa

que eu só preciso ficar aqui mais quatro dias. Depois eu posso...'

' Cinco dias' Rony o corrigiu com firmeza. 'Nós temos que ficar para o casamento. Elas vão nos matar se nós não formos.'

Harry entendeu "elas" como sendo Fleur e a Sra Weasley.

'É só um dia a mais' disse Rony, quando Harry pareceu mutinous...

[eu não entendi o que tah escrito =/]

' Elas não percebem o quanto é importante...?'

' Claro que elas não percebem.' Disse Rony. ' Elas não têm nem idéia. E já agora que você mencionou , quero conversar com você sobre isso.'

Rony lançou um olhar ao corredor, através da porta, para conferir se a Sra. Weasley ainda não estava voltando, e inclinou-se para mais perto de Harry.

A mamãe está tentando tirar isso de mim e da Hermione. Mas nós não estamos dispostos a contar. Então, ela vai tentar descobrir de você agora, por isso prepare-se. O papai e o Lupin também já perguntaram, mas quando nós dissemos que Dumbledore te disse para não contar para ninguém além de nós, eles desistiram. Mas a mamãe não. Ela está determinada em descobrir. '

A premonição de Rony tornou-se verdade em horas. Logo depois do jantar, a Sra. Weasley separou Harry dos outros pedindo-o para ajudá-la a identificar uma meia masculina a que ela pensou ter

vindo da sua mochila. Uma vez que ela o tinha curvado na minúscula copa, fora da cozinha, ela começou.

“ Rony e Hermione parecem pensar que vocês três estão abandonando Hogwarts” começou ela, num tom leve e casual.

‘ Oh...’ Disse Harry ‘Bem, é. Nós estamos pensando sim.’

A máquina de lavar roupas se mexeu sozinha, torcendo o que parecia ser uma das vestes da Sra. Weasley.

“ Posso perguntar porque vocês estão abandonando sua educação (o processo, no caso)?’ Disse a Sra. Weasley.

‘ Bem... Dumbledore deixou... coisas para eu fazer.’ Murmurou Harry. ‘Rony e Hermione e sabem sobre elas, e eles querem vir também.’

‘ Mas que tipo de coisa...?’

‘ Me desculpe, eu não posso.’

‘ Bem, francamente, acho que eu e Arthur temos o direito de saber, e eu tenho certeza que o Sr. e a Sra. Granger concordariam!” Harry tinha estado com medo daquele “ataque de pais preocupados”. Ele forçou-se a olhar diretamente dentro dos olhos dela, percebendo assim que o fez que eles eram tão castanhos quanto os de Gina. E isso não ajudou.

‘ Dumbledore não queria que mais ninguém soubesse, Sra. Weasley. Eu sinto muito, Rony e Herminone não precisam vir, é escolha deles...”

" Eu não vejo por que você tem que ir também!" ela insistiu,

desistindo de todas as pretensões agora. "Você é muito jovem, tem muito pela frente! Não faz sentido, se Dumbledore tivesse trabalho a ser feito, ele tinha toda a Ordem no seu comando! Você deve ter entendido mal. Provavelmente ele estava falando de alguma coisa que ele quis ter feito, e você achou que ele queria que você..."

" Eu não entendi mal" disse Hary. "Era pra mim."

Ele entregou de volta a ela a simples meia que supostamente ele foi identificar, que era desenhada em (não entendi a palavra :S) dourados.

" E não é minha, eu não suporto Puddlemere United."

" Oh, claro que não." disse Sra. Weasley com repentina e um tanto enfraquecedora volta ao seu tom de voz normal. "Eu devia saber. Bem, Harry, enquanto você continuar aqui conosco, você não se importa em ajudar nos preparativos do casamento de Gui e Fleur, não é? Ainda há muita coisa pra fazer."

" Não... eu... é claro que não." disse Harry, desconcertado pela rápida mudança de assunto.

" Você é um doce" respondeu ela, e sorriu saindo da copa.

Apartir daí, Sra Weasley deixou Harry, Rony e Hermione tão ocupados com os preparativos para o casamento que eles mal tinham tempo pra pensar. A mais gentil explicação dessa (não entendi) teria sido que a Sra. Weasley queria distraí-los para não pensarem em olho tonto e o terror da recente jornada.

Depois de dois dias sem parar de limpar talheres, enfeites e flores

do jardim, e ajudando a Sra. Weasley a cozinhar várias fornadas de canapés, contudo, Harry começou a suspeitar de outro motivo dela. Todos os trabalhos que ela os deu pareciam deixar ele, Rony e Hermione longe um do outro; ele não tinha tido chance de conversar sozinho com os dois desde a primeira noite, quando havia contado a eles sobre a tortura de Voldemort a Ol ivander.
" Eu acho que a mamãe acha que deixando vocês separados pode parar com os planos, que vai ser capaz de adiar sua partida." Gina disse a Harry em voz baixa, enquanto arrumavam a mesa para o jantar na terceira noite de sua estadia lá.
" E então o que ela acha que vai acontecer?" Harry sussurrou. "Alguém mais pode matar Voldemort enquanto ela está nos segurando aqui?"
Ele falou sem pensar, vendo o rosto pálido de Gina.
" Então é verdade?" ela disse "É isso que você está tentando fazer?"
" Eu... não... eu estava brincando." disse Harry evasivo.
Eles fixaram o olhar um no outro, e havia alguma coisa a mais do que a expressão de choque de Gina. Subitamente Harry veio prevenido de que essa era a primeira vez que ficava sozinho com ela desde aquelas horas no canto separado dos terrenos de Hogwarts. Ele tinha certeza de que ela estava relembrando-os também. Ambos deram um pulo quando a porta se abriu, e Sra. Weasley, Kingsley e Gui entraram.

Eles estavam freqüentemente junto com outro membro da Ordem para jantar agora, por que a Toca substituiu o número 12 no Largo Grimmauld como o quartel-general. Sra. Weasley explicou que depois da morte de Dumbledore, o Guardião do Segredo, cada uma das pessoas pra quem Dumbledore confidenciou a localização do Largo Grimmauld veio a ser um Guardião do Segredo em favor.

" E como há por volta de vinte de nós, era bom dissolver o poder de Fidelius Charm. Vinte vezes como muitas oportunidades para os Comensais da Morte conseguirem o segredo de alguém. Nós não podemos esperar que isso aconteça para fazer alguma coisa.

" Mas certamente Snape contaria aos Comensais da Morte o endereço agora?" perguntou Harry.

"Bem, Olho-Tonto ocasionou um par de maldições contra Snape pro caso de ele voltar lá novamente. Esperamos que ambas sejam fortes o bastante para deixá-lo fora de lá e segurar sua língua se ele tentar falar sobre o lugar, mas não podemos ter certeza. Teria que estar insano pra continuar usando como quartel-general agora que sua proteção tornou-se tão vacilante."

A cozinha estava tão cheia esta noite que era difícil de manejar garfos e facas. Harry encontrou-se abarrotado ao lado de Gina; as coisas não ditas que tinham acabado de passar entre eles o fez desejar que estivessem separados por um pouco mais de pessoas. Ele estava tentando tão duramente evitar varrer seu braço que ele poderia simplesmente cortar seu frango. (também não entendi essa

frase)

" Nenhuma novidade sobre Olho-Tonto?" Harry perguntou a Gui.

" Nada." respondeu Gui.

Eles não tinham estado capacitados para celebrar um funeral para Alastor, por que Gui e Lupin haviam falhado na recuperação do seu corpo. Estava difícil para descobrir onde ele poderia ter caído, dada a escuridão e a confusão da batalha.

" O Profeta Diário não falou uma palavra sobre sua morte ou sobre a busca do corpo." disse Gui. "Mas isso não significa muito. Ele está escondendo muito esses dias."

" E eles continuam não tendo chamado uma audiência sobre magia na menoridade. Eu costumava iludir os Comensais da Morte?"

Harry chamou Sr. Weasley do outro lado da mesa, que balançou a cabeça.

" Por que eles sabem que eu não tenho escolha ou por que eles não querem que eu conte ao mundo que Voldemort me atacou?"

" O último, eu acho. Ministro da magia não quer admitir que VocêSabe-Quem é tão poderoso quanto ele, não que Azkaban tem visto

fuga em massa."

"É , por que contar ao povo a verdade?" disse Harry, agarrando sua faca tão apertado que ela caiu na cicatriz atrás da sua mão direita, escrita contra a pele: Eu não devo contar mentiras.

" Não tem ninguém no Ministério preparado para subtituí-lo?"

perguntou Rony nervoso.

"É claro, Rony, mas as pessoas estão amedrontadas" respondeu Sr. Weasley. " amedrontadas que elas sejam as próximas a desaparecer, seus filhos os próximos a serem atacados! Existem rumores desonestos em volta; eu não acredito que a professora de Estudo dos Trouxas demita-se de Hogwarts. Ela não tem sido vista a semanas. Enquanto isso Ministro da magia permanece calado no seu escritório todo dia; eu só espero que esteja trabalhando em um plano."

Houve uma pausa na qual Sr. Weasley magicamente empilhou os pratos e se serviu de torta de maçã.

" Nós temos que decidir 'ow você vai ser disfarçado,Harry", disse Fleur, uma vez que todos tinham pudim. "Para o casamento." adicionou ela, quando ele a olhou confusa. ""Claro, nenhum de nossos convidados são Comensais da Morte, mas nós não podemos garantir que eles não irão deixar escapar alguma coisa depois de terem tomado champagne"

A partir daí, Harry deduziu que ela estava suspeitando de Hagrid.

" Sim, bom ponto de vista." disse Sra. Weasley da ponta da mesa, onde ela, com os óculos pousados no final do seu nariz, examinando uma imensa lista de trabalhos que ela tinha rabiscado em um pedaço de pergaminho muito longo. "Agora, Rony, você já limpou seu quarto?"

- Por quê? - exclamou Rony batendo sua colher no chão e fixando os olhos em sua mãe - Por que o meu quarto deve ser limpo? Eu e

o Harry estamos nos sentindo bem com ele assim!

- Nós estaremos celebrando o casamento do seu irmão aqui em poucos dias, jovenzinho...

- E eles vão casar no meu quarto? - perguntou Rony furtivamente - Não! Por isso que em nome de Merlin eu...

- Não fale desse jeito com a sua mãe! - disse o Sr. Weasley firmemente - E faça o que ela falou!

Rony zangado com seus pais, deixou a colher e atacou a torta de maçã.

- Eu posso ajudar - Harry contou a Rony, mas a Sra. Weasley o cortou.

- Não, Harry, querido! Será melhor se você ajudar Arthur com as galinhas, e Hermione, eu ficaria grata se você mudasse os lenços da Monsieur e Madame Delacour, você sabe que eles estão chegando amanhã às onze horas da manhã.

Quando Harry seguiu para fora, havia pouco para fazer com as galinhas.

- Não é necessário, er... Dizer isso para Mol y! - Sr. Weasley disse para Harry - Mas, er.., Ted Tonks me mandou quase tudo o que sobrou da moto do Sirius e, er..

eu estou escondendo - quer dizer, guardando - os pedaços lá

Coisas fantásticas: há uma exausta quantidade de peças como eu acredito que seja chamada, a maior e magnífica bateria,e será uma grande oportunidade de descobrir como os freios funcionam. Vou

tentar colocar tudo junto novamente quando a Mol y não... - quer dizer, quando eu tiver tempo!

Quando eles retornaram para a casa, Sra. Weasley não estava em nenhum lugar à vista, então Harry correu escadaria acima para o quarto de Rony.

- Estou arrumando, estou arrumando! Ah, é você - disse Rony aliviado, assim que Harry entrou no quarto.

Rony deitou na cama, que ele tinha evidentemente a pouco desocupado. O quarto estava tão bagunçado quanto havia estado toda a semana; a única mudança é que Hermione estava agora sentada no canto mais longe, seu fofo e ruivo gato, Bichento a seus pés, olhando livros, alguns deles os quais Harry reconheceu como dele, em duas enormes pilhas.

- Oi Harry - disse ela, enquanto ele sentou em sua cama - E como você fez pra se livrar?

- Oh, a mãe do Rony esqueceu que ela tinha pedido pra Gina e eu pra mudarmos os lençóis ontem - disse Hermione.

Ela jogou 'Numerologia e Gramática' em uma pilha e 'A ascensão e a queda das Artes das Trevas' em outra pilha.

- Nós estávamos falando sobre Olho-Tonto - Rony disse a Harry - Eu acredito que ele tenha sobrevivido!

- Mas Gui o viu sendo atingido pela Maldição da Morte - disse Harry.

- Ok, mas Gui estava sendo atacado também - disse Rony - Como

ele pode ter certeza do que viu?

- Mesmo se a Maldição da Morte não o acertou, Olho-Tonto ainda caiu de muitos pés de altura - disse Hermione, agora folheando 'Termos do Quadribol da Inglaterra e Irlanda' em sua mão.

- Ele poderia ter usado um encantamento de Escudo!

- Fleur disse que a varinha dele voou da mão dele disse Harry.

- Bom, tudo bem, se você quer que ele esteja morto," disse Rony grunhindo, colocando seu travesseiro de uma forma mais confortável.

- Claro que não queremos que ele esteja morto! - disse Hermione, parecendo chocada. - É péssimo que ele esteja morto! Mas estamos sendo realistas!

Pela primeira vez, Harry imaginou o corpo de Olho-Tonto, quebrado como o de Dumbledore, ainda com aquele olho girando sobre seu apoio. Ele sentiu uma facada de repulsa misturada com uma vontade bizarra de rir.

- Os Comensais da Morte provavelmente se organizaram para não deixar pistas, é por isso que ninguém o achou - disse Rony pensativo.

- Ok - disse Harry - Como Bartô Crouch se transformou em um osso e se enterrou no jardim da frente do Hagrid. Eles provavelmente transfiguraram Moody e o empalharam!

- Não! - gritou Hermione. Espantado, Harry olhou em tempo de vê-la cair em lágrimas sobre sua cópia de 'Spel man´s Syl abary'.

- Oh não - disse Harry, lutando pra levantar da velha cama - Hermione, eu não queria desapontá-la!

Mas, com um grande rangido de cama enferrujada, Rony pulou imediatamente da cama e chegou antes.

Com um braço em volta de Hermione, ele procurou em seu bolso jeans e retirou um aparente amassado guardanapo que ele havia usado para limpar o forno mais cedo. Rapidamente retirando sua varinha, ele apontou para o pano e disse "Targeo.”.

A varinha o limpou até ficar mais brilhante. Parecendo mais satisfeito com ele mesmo, Rony alcançou o leve guardanapo para Hermione.

- Oh... obrigada Rony... me desculpe... - Ela assoou o nariz e soluçou - É tão ho-horrível, não? L-Logo depois de Dumbledore... Eu ap-apenas nunca imaginei Olho-Tonto morrendo, de alguma maneira, ele parecia tão forte!

- É, eu sei - disse Rony, dando-lhe um apertãozinho - Mas você sabe o que ele nos diria se ele estivesse aqui?

- V-Vigilância constante. - disse Hermione, esfregando seus olhos.

- Isso mesmo - disse Rony, confirmando - Ele nos diria para aprender com o que aconteceu com ele. E o que eu aprendi é a não confiar naquele pequenino covardezinho, Mundungo!

Hermione deu uma gargalhada e seguiu em frente para pegar mais dois livros. Um segundo depois que Rony tirou o braço dos ombros dela, ela deixou cair 'O Monstruoso Livro dos Monstros' em seu pé.

O livro se libertou de seu cinto de restrição e abocanhou apetitosamente o calcanhar de Rony.

- Desculpe-me, desculpe-me! - Hermione choramingou enquanto Harry tirava o livro da perna de Rony e o amarrava novamente, fechando-o.

- Estou apenas tentando decidir quais livros levaremos conosco - disse Hermione. - Quando estivermos procurando pelas Horcruxes!

- Oh, claro - disse Rony, dando um tapa em sua própria testa - Eu esqueci que iremos caçar o Voldemort em uma biblioteca móvel!

- Há - disse Hermione, olhando para 'Spel man´s Syl abary' - Eu imagino... Será que precisaremos traduzir Runas?É impossível... Acho melhor levarmos esse, para ter segurança!

Ela deixou cair o silabário na maior das duas pilhas e pegou 'Hogwarts, uma história'.

- Ouçam - disse Harry.

Ele sentou-se ereto. Rony e Hermione olharam para ele com similar mistura de resignação e desafio.

" Eu sei que vocês disseram depois do funeral de Dumbledore que vocês gostariam de vir comigo," Harry começou.

- Lá vem ele – Rony - disse para Hermione, virando os olhos.

- Quer saber, eu acho que vou levar 'Hogwarts, uma história'. Mesmo que não voltemos para lá. Eu não acho que me sentiria bem se eu não o tivesse comigo!

- Ouçam! - disse Harry novamente.

- Não, Harry, você vai ouvir - disse Hermione - Nós vamos com você. Isso foi decidido meses atrás - anos, na verdade.

- Mas...

- Cale a boca - Rony o advertiu.

- Vocês tem certeza que pensaram sobre tudo? - Harry insistiu.

- Vamos ver - disse Hermione, arremessando 'Viagens com Trol s' na pilha de descartes com um olhar ameaçador.

- Eu estive empacotando livros por dias, então estamos prontos para sair no momento imediato de qualquer notícia, que para sua informação incluiu fazer algumas magias realmente complicadas, pra não mencionar, contrabandear todo o estoque de Poção Polissuco de Olho-Tonto bem debaixo do nariz da mãe de Rony.

- Eu também modifiquei a memória de meus pais para que eles se convençam de que realmente se chamam Wendel e Mônica Wilkins, e que a ambição de suas vidas é mudar para a Austrália, o que eles fizeram agora.

Isso tudo é para tornar mais difícil para Voldemort seguí-los e interrogá-los sobre mim - ou você, porque infelizmente, eu contei a eles um pouco sobre você.

- Assumindo que eu sobreviva à nossa caçada pelas Horcruxes, eu procurarei Mamãe e Papai e vou retirar o encantamento. Se eu não sobreviver - bem, eu acho que lancei um encantamento bom o suficiente para mantê-los seguros e felizes. Wendel e Mônica Wilkins não sabem que eles têm uma filha, como você vê!

Os olhos de Hermione estavam mergulhados em lágrimas novamente. Rony pulou da cama, colocou seu braço em volta dela mais uma vez, e franziu a testa para Harry, como que o repreendendo pela falta de tato. Harry não conseguiu pensar em nada pra dizer, pelo fato de ser altamente não-usual da parte de Rony estar ensinando alguém a lidar com tato.

- Eu - Hermione sinto muito... Eu não...

- Você percebe que Rony e eu sabemos perfeitamente o que pode acontecer se formos com você? Bom, nós sabemos. - Rony, mostre para o Harry o que você fez!

- Nah, ele acabou de comer - disse Rony.

- Continue, ele precisa saber!

- Oh, está bem. Harry, venha cá.

Pela segunda vez Rony retirou seu braço de volta de Hermione e rumou em direção a porta.

- Venha.

- Por quê? - Harry perguntou, seguindo Rony para fora do quarto pelo estreito corredor.

- Descendo! - murmurou Rony, apontando sua varinha para o baixo teto.

Um alçapão abriu sobre suas cabeças e uma escada escorregou para baixo, até seus pés. Um som horrível, meio-sugador, meiogemendo saiu do buraco quadrado, juntamente com um desagradável cheiro de esgoto aberto.

- É seu vampiro, não é? - perguntou harry, que na verdade nunca

havia encontrado a criatura que algumas vezes aparecia na noite silenciosamente.

É sim - disse Rony, subindo a escada. - Venha e dê uma olhada nele!

Harry seguiu Rony até os poucos e curtos degraus até o estreito espaço. Sua cabeça e ombros estavam no cômodo antes dele ter visão da criatura a poucos pés dele, adormecido na escuridão com sua grande boca totalmente aberta.

- Mas ele... ele parece... Vampiros usam pijamas normalmente?

- Não - disse Rony - Também usualmente eles não têm cabelo vermelho ou aquele número de pústulas!

Harry contemplou a criatura, levemente revoltada. Era humana em forma e tamanho, e estava usando, agora que os olhos de Harry estavam acostumados à escuridão, o que era claramente um velho pijama de Rony. Ele também tinha certeza que vampiros eram geralmente mais magros e carecas, certamente não eram cabeludos e cobertos de bolhas púrpuras.

- Ele é eu, vê? - disse Rony.

- Não - disse Harry - Não vejo!

- Vou te explicar tudo quando voltarmos pro meu quarto, esse cheiro está me impregnando - disse Rony.

Eles desceram à escada, e Rony colocou-a de volta no teto, e juntaram-se novamente à Hermione, que ainda estava escolhendo livros.

- Assim que sairmos, o vampiro virá e viverá aqui embaixo no meu quarto - disse Rony - Acho que ele está ansioso para isso. Bem, na verdade, é difícil dizer, porque tudo que ele consegue fazer é gemer e babar - mas ele confirma bastante com a cabeça quando menciono isso. De qualquer maneira, ele será eu com algo molhado para fora Bom, não?

Harry olhou meramente sua confusão.

- Sim, é! - disse Rony, claramente frustrado por Harry não ter compreendido a genialidade do plano.

- Olha, quando nós três não voltarmos para Hogwarts novamente, todos pensarão que Hermione e eu devemos estar com você, certo? O que significa que os Comensais da Morte irão direto até nossas famílias pra checarem se eles têm informações sobre onde nós estamos!

- Mas felizmente vai parecer que eu saí com Mamãe e Papai; muitos dos que são nascidos trouxas estão pensando em se esconder no momento - disse Hermione.

- Nós não podemos esconder minha família toda, parecerá muito egoísmo e eles não podem simplesmente largar seus empregos - disse Rony - Então não colocaremos em prática a história de que eu estou seriamente doente com vampirismo que é porque eu não posso voltar para a escola. Se alguém vier
investigar, Mamãe ou Papai podem mostrar a eles o vampiro na minha cama, coberto de pústulas é muito contagioso, por isso eles

não vão querer chegar perto do vampiro. E não vai importar que ele não consegue dizer nada também, porque você realmente não consegue, uma vez que o fungo se espalhou por seu corpo.

- E sua mãe e seu pai estão concordando com seu plano? - perguntou Harry.

- Papai sim. Ele ajudou Fred e George a transformar o vampiro. Mamãe... Bom, você viu como ela é. Ela não aceitará que vamos até que nós tenhamos ido.

Fez silêncio no cômodo, quebrado apenas por leves baques de Hermione, que continuava a jogar livros em uma pilha outra. Rony sentou, olhando-a, e Harry olhava de um para o outro, incapaz de dizer qualquer coisa. As medidas tomadas para proteger suas famílias fizeram-no perceber, mais que qualquer coisa que poderiam ter feito, que eles realmente iriam com ele e sabiam exatamente o quão perigoso isso seria. Ele queria dizer a eles o quanto aquilo significava para ele, mas simplesmente não conseguia encontrar palavras suficientes.

Através do silêncio vieram os sons abafados do Sr. Weasley gritando há quatro andares abaixo.

- Gina provavelmente deixou um pouco de sujeira em algum portaguardanapo - disse rony - Eu não sei o porque os Delacour tem que

chegar 2 dias antes do casamento!

A irmã da Fleur é a dama de honra, ela precisa estar aqui para se arrumar adequadamente e ela é muito pequena para vir sozinha -

disse hermione enquanto estudava indecisamente sobre "ferias com fadas"

- Bem, convidados não vão ajudar a diminuir o nível do stress da mamãe - disse Rony.

- O que a gente precisa decidir - disse hermione fazendo alguma coisa com teoria de defesa de magia dentro da bolsa sem um segundo relance e pegando O manual de educação em magia na Europa - É a onde vamos depois de sair daqui, eu sei que você disse que quer ir à Godric's Hol ow primeiro, Harry, e eu te entendo, mas... bem... Nós não deveríamos fazer das horcruxes nossa prioridade?

- Se a gente soubesse onde as horcruxes estão eu concordaria com você - disse harry, que não acreditou que hermione entendesse seu desejo de voltar a Godric's Hol ow. O tumulo de seus pais era somente parte do que o atraia para lá: ele tinha um forte e inexplicável sentimento de que o lugar guardava respostas para ele. Talvez fosse simplesmente porque foi lá que ele sobreviveu ao feitiço mortal de Voldemort, agora que ele estava encarando o desafio de repetir o feito, Harry foi arrastado para o lugar onde tudo aconteceu, esperando entender.

- "Você não acha que tem a possibilidade de Voldemort manter um espião em Godric's Hol ow?" perguntou hermione - "Ele deve esperar que você volte para la para visitar o tumulo de seus pais uma vez que você está livre para ir aonde você quiser, não acha?"

Isso não havia ocorrido a Harry. Uma vez que ele tentava encontrar um contra argumento, Rony falou evidentemente seguindo a mesma linha de pensamento que ele.

- Esse R.A.B - ele disse - Você sabe, quem roubou o verdadeiro medalhão? Hermione acenou que não com cabeça.

- Ele disse no bilhete que ele iria destruir, não disse ?

Harry abriu seu malão, vasculhou e puxou a horcrux falsa onde o bilhete de RAB continuava colado

- “Eu roubei a horcrux real e tenho a intenção de destruí-la o mais rápido que eu conseguir” Leu harry

- Bem e se ele realmente a destruiu? - disse Rony

- Ou ela - interpôs Hermione

- Que seja - disse Rony. - Só vai ter sobrado uma para nós destruirmos!

- Sim, mas mesmo assim nós ainda vamos ter que procurar o verdadeiro medalhão não vamos? -disse Hermione - Para descobrir se foi destruído ou não!

- E uma vez que nós a temos em mão, como se destrói uma horcrux harry? - perguntou Rony.

- Bem - disse hermione - Eu tenho pesquisado isso!

- Como? - perguntou harry - Eu não pensei que tivesse nenhum livro sobre horcrux na biblioteca!

- Eles não estavam - disse hermione ficando rosa dumbledore retirou todos, mas ele - ele não destruiu eles!

Rony pulou endireitando-se a olhando estreitamente

- Como em nome da calça de merlin você conseguiu colocar a mão nesses livros sobre horcrux?

- Não foi roubado! - disse Hermione olhando de harry para rony com um tipo de desespero - Eles continuam sendo livros de biblioteca mesmo que dumbledore os tenha tirado das prateleiras. De qualquer forma se ele realmente queria que ninguém chegasse a eles, eu tenho certeza que ele faria isso ser muito mais difícil!

- Vá direto ao ponto! - disse Rony

- Bem...foi fácil - disse hermione com a voz fraca - Eu só fiz o feitiço para atrair objetos, você sabe Accio, e eles voaram da janela da sala do dumbledore direto para o dormitório das meninas!

- Mas quando você fez isso ? - perguntou Harry a Hermione com um misto de admiração e incredulidade.

- Logo após o funeral dele... Do dumbledore - disse Hermione com a voz mais fraca - Ainda logo depois que nós concordamos em largar a escola e ir atrás das horcruxes. Quando eu subi as escadas para guardar as minhas coisas apenas me ocorreu que quanto mais a gente souber sobre elas melhor vai ser... e eu estava sozinha la... então eu tentei... e funcionou ... eles voaram direto da janela aberta e eu os guardei!

Ela respirou fundo e então disse implorado:

- Eu não acredito que Dumbledore ficaria bravo, não é como se a gente fosse usar a informação para fazer uma horcrux é?

- Você esta nos ouvindo reclamar? - disse rony - Onde estão esses livros de qualquer maneira ?

Hermione revistou por um momento e então tirou da pilha um grande livro, escrito em uma apagada letra preta. Ela olhou um pouco nauseada e segurou como se fosse algo recentemente morto

- Esse é um que da as instruções especificas de como se fazer uma horcrux “Segredos das artes das Trevas" é um livro horrível, realmente terrível, cheio de magia negra. Eu imagino quando dumbledore retirou este da biblioteca... Se ele não o fez antes de se tornar diretor, aposto que voldemort conseguiu todas as informações que ele precisava aqui!

- Porque ele teve que perguntar para Slughorn como se faz uma Horcrux se ele já tinha lido tudo la? perguntou Rony

- Ele só perguntou a Slughorn para descobrir o que aconteceria se você dividisse sua alma em Sete partes - disse Harry - Dumbledore tinha certeza que Riddle já sabia fazer uma Horcrux quando perguntou a Slughorn sobre elas . Eu acho que você está certa hermione, ele pode facilmente ter tirado a informação daqui!

- E quanto mais eu leio sobre elas – disse Hermione - Mais horríveis elas parecem, e eu acredito menos ainda que ele realmente fez seis. Avisa no livro o quão instável você deixa o resto da sua alma repartindo ela, e isso fazendo apenas uma horcrux!

Harry se lembrou do que Dumbledore disse sobre voldemort se movendo sobre um "mal usual "

- Não tem nenhum jeito de se colocar junto de novo? perguntou Rony.

- Sim - disse hermione com um sorriso - Mais seria excruciantemente dolorido!

- Por quê?Como se faz isso? - perguntou Harry

- Remorso - disse Hermione. - você tem que se arrepender muito do que fez. Tem uma anotação de rodapé. Aparentemente a dor disso pode te destruir!

- Eu não consigo ver Voldemort se atentando a isso de algum jeito , vocês conseguem?

- Não - disse Rony, antes que harry pudesse responder - Então diz nesse livro como destruir as horcrux?

- Sim - disse Hermione , agora virando as frágeis paginas como se examinasse a entrada de ar - Porque avisa aos bruxos das trevas o quão forte eles tem que fazer o encantamento neles. De tudo que eu li , o que Harry fez com o diário de riddle foi um dos poucos jeitos de destruir uma horcrux!

- O que? perfurar com uma presa de basilisco? perguntou Harry

- Bem, que sorte que nós temos um estoque tão grande de presas de basilisco, então - disse Rony - Eu estava imaginando o que a gente iria fazer com elas!

- Não precisa ser presa de basilisco - disse Hermione pacientemente - Tem que ser alguma coisa tão destrutiva que a horcrux não possa reparar a si própria. Veneno de basilisco tem

apenas um antídoto, e é incrivelmente raro!

- Lagrimas de fênix! - disse harry , balançando a cabeça.

-Exato - disse Hermione -O nosso problema é que existem pouquíssimas substâncias destrutivas como veneno de basilisco, e elas são todas perigosas de carregar por aí com você. Esse é um problema que a gente vai ter que resolver, pense, porque rasgar, amassar ou amaldiçoar a Horcrux não fará o truque, você tem que pensar além de reparos mágicos.

-Mas mesmo que se ‘arranque’ a coisa que vive lá dentro - disse Rony - Por que o pedaço de alma não pode simplesmente fugir e ir viver em outra coisa ?

-Porque uma Horcrux é exatamente o oposto de um ser humano.

Vendo que Harry e Rony a olhavam completamente confusos, Hermione se apressou - Olha, se eu pegasse uma espada agora, Rony, e golpeasse eu não causaria nenhum dano à sua alma.

-O que é um grande conforto para mim, com certeza - disse Rony.

Harry riu.

-Deveria ser mesmo! Mas o meu ponto é qualquer coisa que aconteça com seu corpo, sua alma vai sobreviver, intocada. - disse Hermione - Mas não é assim com as Horcruxes. O fragmento de alma dentro, depende do que a contém, é um corpo encantado, para sobreviver. Não pode existir sem isso...

-O diário meio que morreu quando eu o perfurei - disse Harry, lembrando a tinta surgindo como sangue das paginas perfuradas, e

os gritos dos pedaços da alma de Voldemort sendo banida "
-E uma vez que o diário foi propriamente destruído, o pedaço de alma guardado nele pode não mais existir. A Gina tentou se livrar do diário antes de você, jogando fora, mas obviamente voltou novo como antes.
-Espera aí, - disse Rony - o pedaço de alma estava possuindo a Gina não estava ? Como isso funciona então ?
-Enquanto o objeto que contém a alma estiver intacto, o pedaço de alma pode sair e entrar em alguém se essa pessoa estiver muito próxima do objeto. Eu não quero dizer segurar por bastante tempo. Não tem nada a ver com tocar. - ela falou mais antes que o Rony pudesse aflar - Eu quero dizer emocionalmente perto. Gina colocou o coração naquele diário, ela se fez incrivelmente vulnerável. Você está com problemas se você fica muito dependente de uma Horcrux.
-Eu imagino, como Dumbledore destruiu o anel? - Disse Harry " Por que eu não perguntei ? - A voz dele foi desaparecendo: ele estava pensando em todas as coisas que ele deveria ter perguntado para Dumbledore, e como, desde que o diretor morreu, pareceu a Harry que ele perdeu muitas oportunidades quando Dumbledore estava vivo, de descobrir mais, de descobrir tudo.
O silêncio estava predominando quando a porta do quarto se abriu com um balanço da parede. Hermione tremeu e derrubou o "Segredos das Artes das Trevas" Bichento tremeu debaixo da

cama, saindo indignado; Rony pulou da cama, um sapo de chocolate se abriu e bateu sua cabeça na parede oposta , e Harry instintivamente pegou sua varinha antes de perceber que estava olhando para a Sra Weasley , cujo cabelo estava bagunçado e cujo rosto estava contorcido de raiva

-Me desculpe interromper esse bate papo - ela disse com a voz tremendo - Tenho certeza que todos vocês precisam de descanso, mas tem presentes de casamento estocados em meu quarto que precisam sair e eu tive a impressão de que vocês concordaram em ajudar.

-Ah sim - disse Hermione, olhando apavorada enquanto ela se punha de pé, mandando livros voando em todas as direções - a gente vai... a gente lamenta.

Com um olhar angustiado de Harry e Rony , Hermione se apressou fora do quarto atrás da Sra. Weasley

-É como ser um elfo doméstico - reclamou Rony baixinho - ainda massageando a cabeça enquanto ele e Harry andavam - exceto pela falta de satisfação pelo trabalho. Quanto antes for esse casamento, mais feliz eu ficarei.

-É!-disse Harry - Aí nós não teremos nada pra fazer, exceto achar as Horcruxes... Vai ser como feriado não vai ?

Rony começou a rir, mas quando viu o enorme tamanho da pilha de presentes esperando por eles no quarto da Sra. Weasley, parou abruptamente.

Os Delacours chegariam na manhã seguinte às 11 horas. Harry, Rony. Hermione e Gina estavam sentindo um pouco de ressentimento pela família da Fleur a essa altura . e foi com uma graça doentia que Rony subiu as escadas para colocar terno e Harry para arrumar os cabelos. Uma vez que eles foram todos espertos o suficiente, eles foram para fora no ensolarado jardim receber os visitantes.

Harry nunca viu o lugar tão arrumado. O caldeirão e as velhas botas de Wel ington que normalmente ficavam nas escadas da porta de trás tinham ido embora, substituídos por duas novas plantas colocadas do lado da porta em largos vasos, dando um efeito atrativo. As galinhas foram expulsas, o quintal foi varrido, e o quintal ao lado foi podado, contudo Harry, que gostava do jardim em seu estado original, achou que o lugar estava sem graça sem o seu usual contingente de gnomos.

Ele perdeu a conta de quantos encantamentos de segurança foram colocados sobre as lareiras pela ordem e pelo ministério, tudo o que ele sabia é que não era possível pra mais ninguém viajar diretamente para os lugares . Sr. Weasley tinha ido encontrar os Delacours no topo da colina lá perto, quando eles chegassem por chave do portal. O primeiro som deles se aproximando foi uma anormal risada, que estava vindo do Sr. Weasley, que apareceu no portão momentos depois, e liderando uma linda mulher loira que estava em longos verdes robes, que poderia ser a mãe de Fleur.

-Maman! - chorou Fleur, correndo para abraçá-la. - Papa!

Monsieur Delacour não era nem um pouco atraente como sua esposa; ele tinha a cabeça pequena e extremamente exata, com uma pequena barba preta pontual. Contudo ele parecia naturalmente bem, pulou em direção a Sra. Weasley em botas de salto, ele a beijou duas vezes em cada bochecha, deixando-a sem graça.

-Você teve tanto trabalho - disse ele com uma voz profunda - a Fleur nos disse que você tem trabalhado muito.

-Ah não tem sido nada, nada - disse a Sra. Weasley, - nenhum trabalho mesmo.

Rony liberou seus sentimentos dando um chute num gnomo que estava pendurado numa das novas plantas.

-Querida dama! - disse Mounsieur Delacour ainda segurando as mãos da Sra Weasley entre as suas - Nós estamos honrados com a aproximação de nossas famílias! Deixe-me apresentar minha esposa, Apol ine.

Madame Delacour deu um passo pra trás e parou de cumprimentar o Sr. Weasley também.

-Enchantée - disse ela, seu 'filho' nos contou varias historias impressionantes!'

Sr. Weasley deu uma risada maníaca. Sra. Weasley lançou a ele um olhar, que o fez ficar imediatamente em silêncio e assumir uma expressão apropriada para ficar ao lado da cama de um amigo

doente.

- E claro, vocês conheceram minha filha mais nova Gabriel e! - disse monsieur Delacour. Gabriel e era a Fleur em miniatura. 11 anos, com longo cabelo louro prata, ela deu a Sra. Weasley um sorriso e a abraçou, então lançou a Harry um olhar. Gina limpou a garganta alto.

-Bem, entrem - disse a Sra. Weasley brilhando, e ela levou os Delacours para dentro da casa, com muitos "Não, por favor" e "Depois de você" e "Não seja por isso"

- Os Delacours logo se mostraram prestativos e agradáveis hóspedes. - Eles estavam satisfeitos com tudo e com os preparativos do casamento.

Monsieur Delacour providenciou tudo desde a decoração até os sapatos da dama de honra "charmant!" Madame Delacour se comprometeu mais com feitiços caseiros e propriamente limpou; Gabriel e seguiu a sua irmã mais velha para ajudá-la do jeito que pudesse e falando rapidamente em francês.

No interior, a Toca não foi construída pra acomodar tantas pessoas. Sr e a Sra Weasley estavam dormindo na sala, deixando de lado os protestos e Monsieur e Madame Delacour e insistindo para que eles ficassem com o quarto deles. Gabriel e estava dormindo com Fleur no antigo quarto de Percy, e Gui estaria dividindo com Carlinhos, seu padrinho, uma vez que Carlinhos viera da Romênia.

Oportunidades para fazer planos juntos se tornaram virtualmente

não existentes e foi com desespero que Harry, Rony e Hermione se voluntariaram para alimentar as galinhas só para escapar da casa cheia.

-Mas ela ainda não nos deixou sozinhos - reclamou Rony, e a segunda tentativa deles de um encontro no jardim foi desfeita pela aparição da Sra. Weasley carregando uma sexta de roupas em seus braços.

-Muito bem, vocês alimentaram as galinhas - disse ela se aproximando deles - É melhor expulsarmos elas de novo antes que o homem chegue amanhã para colocar a tenda do casamento - explicou ela parando para descansar no galinheiro. Ela parecia exausta "Toldos Mágicos de Mil amant" Eles são muito bons. Gui os trouxe. É melhor vcs ficarem dentro da casa enquanto eles estão aqui. Harry eu devo dizer que é complicado organizar um casamento, tendo todos esses feitiços de segurança pelo lugar.

-Sinto muito - disse Harry balbuciando

-Não seja tolo querido - disse a Sra. Weasley - eu não quis dizer... bem, você está seguro isso é muito mais importante! Na verdade eu estava querendo te perguntar como você quer celebrar seu aniversario, Harry. 17 anos, é um dia importante.

-Eu não quero uma festa. - disse Harry rapidamente, pensando na tensão adicional que isto colocaria em todos eles. –Sério Sra. Weasley, só um jantar normal vai estar bom... é um dia depois do casamento.

-Se você está certo disso querido. Eu convidarei Remo e a Tonks, posso ? e que tal o Hagrid ?

-Vai ser ótimo - disse Harry - mas, por favor, não quero causar problemas

-De jeito nenhum, de jeito nenhum, não é um problema.

Ela o olhou, analisando-o com os olhos, e entao sorriu tristemente, levantando-se e indo embora. Harry observou como ela movia a varinha perto da lavanderia, e entao derrubou roupas no ar para segura-las e de repente ele sentiu uma grande onda de remorso pela inconveniência e a dor que estava dando a ela.



Capitulo Sete

O Testamento de Alvo Dumbledore

Ele estava caminhando ao longo de uma estrada montanhosa numa madrugada fria. Um pouco abaixo misturado com a névoa, pode ver a sombra de uma pequena cidade. Era o homem que ele estava procurando, ele estava ali embaixo, o homem que ele precisava tanto que mal conseguia pensar, o homem que tinha as respostas...as respostas para todas as perguntas?

'Oi, acorde!'

Harry abriu os olhos. Ele estava deitado sobre o colchonete no quarto sujo de Rony. O sol não havia raiado ainda e o quarto ainda se encontrava na escuridão. Pitchinho estava dormindo com a cabeça sob a asa. A cicatriz na testa de Harry estava ardendo.

'Você estava falando enquanto dormia.'

'Estava?'

'Sim, Gregorovitch. Você dizia Gregorovitch.'

Harry não estava usando seus óculos. O rosto de Rony parecia levemente embaçado.

'Quem é Gregorovitch?'

'Não sei! Era você que estava dizendo.'

Harry friccionou sua testa, pensando. Ele tinha a vaga idéia de que já havia ouvido falar desse nome antes, mas ele não pode lembrar onde.

'Acho que Voldemort está procurando por ele.'

'Pobre homem' Disse Ron zeloso.

Harry sentou sobre o colchão, ainda com a mão em sua cicatriz, um pouco mais acordado. Ele tentou lembrar exatamente o que viu no seu sonho, mas tudo que veio-lhe a mente era um horizonte na montanha e um pouco de um vilarejo num profundo vale.

'Acho que ele está fora do país.'

'Quem?, Gregorovitch?

'Voldemort! Acho que ele está em algum lugar fora do país, procurando Gregorovitch. Não parece com nenhum lugar da GrãBretanha.'

'Você estava dentro da mente dele de novo?' Ron parecia procurado.

'Me faça um favor e não diga a Hermione' Disse Harry. 'Embora ela espere que eu de um jeito de parar de ver essas coisas em sonhos...'

Ele fitou a pequena gaioloa de Pitchi pensativo...Por que o nome Gregorovitch era tão familiar?

'Quadribol?' Perguntou Rony. 'Tem certeza que você não ta pensando em Gorgovitch?'

'Quem?'

'Dragomir Gorgovitch, artilheiro, transferido para os Chuddley's Cannons por uma contrato recorde há dois anos. Recorde pela goles mais rápida da temporada.'

'Não.' Disse Harry. 'Definitivamente não estou pensando em Gorgovitch.'

'Eu também penso que não.' Disse Ron. 'Aliás, feliz aniversário. '

'Wow, é mesmo..eu esqueci. Agora eu tenho 17.'

Harry pegou sua varinha que estava do lado do colchonete, apontou para a escrivaninha onde havia deixado seus óculos e disse 'Accio Óculos.' Embora estivesse apenas um pouquinho longe, Harry sentiu algo imensamente satisfatório vendo os óculos indo até ele, até o objeto machucar o olho.

'Limpo.' Avisou Ron.

Revelando a remoção do Trace , Harry fez os pertences de Rony flutuarem no quarto, acordando Pitchinho que começou a bater as asas excitada em volta da gaiola. Harry tentou fazer os laços de seus professores por magia (o resultado não demorou mais que alguns segundos para serem desamarrados) e puramente por prazer, transformou as roupas de laranjas do Chuddley Cannons de Rony num azul brilhante.

'Eu poderia fazer suas coisas voarem também.' Avisou Ron rindo quando Harry parou imediatamente. 'Ai estão seus presentes. Desembrulhe logo aqui, não é para minha mãe ver.'

'Um livro?' Disse Harry pegando o embrulho retangular. 'Um pouco da tradição de chegada , não é?

‘ Não é o livro da escola.’ Disse Ron. ‘É puro ouro: 20 Maneiras Seguras Para Enfeitiçar bruxas. Explica tudo que voce deve saber sobre garotas. Se eu tivesse tido esse livro ano passado eu saberia exatamente como me livrar da Lavender e eu saberia como chegar

na...Enfim, Fred e Jorge me deram uma copia , e eu aprendi muito com isso. Você ficaria surpreso, não se resolve tudo com feitiços, também.’

Quando eles chegaram na cozinha eles encontraram uma pilha de presentes esperando em cima da mesa. Gui e o Sr Delacour estavam terminando seus cafés da manha, enquanto Sra. Weasley conversava com eles com a frigideira na mão.

Arthur me disse para lhe desejar um ótimo aniversario, Harry.’ Disse a Sra. Weasley olhando para ele. ‘Ele teve que sair mais cedo para o trabalho. Mas ele voltará para o jantar. Nosso presente é o de cima.’

Harry sentou, pegou o embrulho quadrado que ela indicou e desembrulhou. Dentro havia um relógio muito parecido com o que Ron havia ganhado no seu aniversário de 17 anos do Sr. e da Sra. Weasley. Era dourado, com estrelas rodando no lugar dos ponteiros.

‘É de tradição dar um relógio a um bruxo quando este se torna de idade.’ Disse Sra. Weasley observando Harry ansiosamente.‘Estou com medo de não parecer exatamente com o de Rony, na verdade nenhum (palavra não dá pra ler) de Fabian e ele não era muito cuidadoso com seus pertences, tem uma depressão nas costas (do relógio), mas..’O resto da frase da Sra. Weasley foi perdido.

Harry levantou-se e a abraçou. Ele tentou colocar todas as palavras mudas naquele abraço e talvez ela tenha percebido, pois ela deu

um pequeno tapa de leve nas costas dele quando a soltou, ela moveu a mão com a varinha fazendo que um pedaço de bacon voasse da frigideira para o chão.

‘ Feliz Aniversario, Harry’ Disse Hermione caminhando pela cozinha e colocando seu presente no topo da pilha. ‘Não é muito, mas espero que goste. O que deu nele?’ Perguntou Hermione a Rony que parecia não escuta-la.

‘ Vamos, abra logo o presente de Hermione’. Disse Ron.

Harry. Rony e Hermione não sentaram a mesa, pois a chegada de Madame Delacour, Fleur e Gabriel e fez a cozinha ficar insuportavelmente barulhenta.

‘ Carrego isso pra você.’ Disse Hermione, pegando os presentes de Harry enquanto os três voltavam para cima. ‘Estou quase pronta, só estou esperando as calças do Rony secarem, Rony ---‘

A raiva de Rony foi interrompida pelo abrir de uma porta no primeiro andar.

‘ Harry poderia vir aqui por um momento?’

Era Gina. Rony abruptamente deu um pulo, mas Hermione o segurou pelo cotovelo e o levou para o andar de cima. Nervoso, Harry seguiu Gina até o quarto dela.

Ele nunca havia entrado lá antes. Era pequeno, mas brilhante. Havia um pôster imenso da banda mágica As Esquisitonas numa parede, e na outra parede uma figura de Gwenog Jones, capitão do único time de Quadribol composto só por garotas, Holyhead

Harpies. Uma escrivaninha parada em frente a janela aberta, que pareceu a parte do jardim que uma vez ele e Gina haviam jogado Quadribol com um time de dois contra dois junto com Rony e Hermione. A bandeira dourada no mesmo nível da janela.

Ginny olhou para o rosto do Harry, respirou fundo, e disse. 'Feliz aniversario.'

'É ...obrigado.'

Ela estava olhando para ele profundamente, mas ele encontrou uma dificuldade de olhar de volta nos olhos de Gina, era como ficar olhando uma luz brilhante.

' Bela vista' Disse ele fracamente apontando para a janela.

Ela o ignorou. Harry não podia culpa-la.

' Eu não sabia o que dar a você.' Ela disse.

' Você não precisa me dar nada.'

Ela também ignorou.

sabia o que poderia ser útil. Nada tão grande porque você não poderia levar com você.

Ele olhou para ela. Ela não estava com medo, isso era uma das coisas mais fantásticas sobre Gina, ela raramente ficava assustada. Ele pensou que ter seis irmãos talvez havia 'endurecido' ela.

Ela deu um passe pra perto dele.

' Entao eu pensei, eu gostaria que você levasse consigo algo que me lembrasse, sabe, se você conhecer alguma veela quando você tiver fazendo sei lá o quê.'

‘ Para ser sincero acho que chance para namoros vão ser melhores.’

‘ Essa é a linha crucial que eu estava procurando.’ Ela sussurrou e depois ela beijou ele como se nunca houvesse feito antes, Harry devolvia o beijo e a sensação era melhor do que um Whisky de fogo, ela era a única coisa real no mundo, Gina, o sentimento dela, uma mão nas costas dela e a outra no seu longo, macio e cheiroso cabelo.

A porta abriu-se violentamente atrás deles, e eles se afastaram rapidamente.

‘ Oh, desculpe.’ Disse Ron.

‘ Rony!’ Hermione estava logo atrás dele, parecendo um pouco sem ar. Houve um silêncio e então Gina disse com uma voz doce.

‘ Bem, feliz aniversario, Harry.’

Assim que ele chegou no jardim com a grama cortada, Ron se voltou para Harry.

‘ Você tinha terminado com ela! O que estava fazendo agora beijando ela por aí?

‘ Eu não estou beijando ela por aí.’ Disse Harry enquanto Hermione tentava parar a discussão dos dois.

‘ Rony...’

Mas Rony levantou a mão fazendo gesto para Hermione ficar em silêncio.

‘ Ela estava realmente embarassada quando você terminou..’

‘ E eu também. Você sabe porque eu parei, e não é porque eu queria.’
‘É ..mas você vai beijar ela agora e ela vai ter esperanças de te namorar de novo.’
‘ Ela não é idiota, ela sabe que isso não pode acontecer, - ela também não está esperando a gente-se casar ou..’
Assim que disse isso, uma imagem vivida de Gina num vestido branco formou-se na mente de Harry, casando com um alto, sem rosto e desagradável estranho. Em um momento, um redemoinho pareceu atingir Harry...
O futuro de Gina era livre (o.O) e sem omissões, onde quer que ele...Harry não conseguia ver nada a sua frente, além de Voldemort.
‘ Se você continuar agarrando ela toda vez que tem a chance..’
‘ Não vai acontecer de novo.’ Disse Harry duramente. O dia estava sem nuvens mas Harry sentiu que o Sol desapareceu. ‘Okay?
Ron pareceu um pouco com raiva, um pouco envergonhado . Ele começou a andar pra frente e para trás por um momento, depois disse ‘Certo..entao..bem é isso...ok.’
Gina não procurou outro encontro com Harry pelo resto do dia, nem mesmo demonstrou com um olhar ou gesto que eles dividiram mais que uma conversa educada no quarto da ruiva. Nem mesmo a chegada de Carlinhos veio como um alivio. Apenas providenciou um momento de distração, observando Sra. Weasley forçar Carlinhos a sentar, levantando a varinha ameaçadoramente e anunciando que

ele precisava de um corte de cabelo urgente.

Como o jantar do aniversario de Harry iria aumentar a cozinha da Toca antes da chegada de Carlinhos, Lupin, Tonks, e Hagrid, varias mesas foram postas até o fim do jardim. Fred e Jorge transformaram algumas lanternas roxas, todas com um grande numero 17 para segurar entre os convidados. Graças aos serviços da Sra. Weasley, a ferida de Jorge estava limpa, mas Harry ainda não havia se acostumado com o buraco do lado da cabeça dele, mesmo com as várias piadas dos gêmeos sobre isso.

Hermione fez algumas flâmulas douradas e púrpuras saírem de sua varinha e coloca-las nas arvores e nos arbustos.

'Legal' Disse Rony enquanto Hermione transformava as folhas das macieiras em douradas. 'Você realmente tem o dom para isso.'

' Obrigado, Rony!' Disse Hermione, ambos parecendo alegres e confusos. Harry virou, rindo para si mesmo. Ele teve uma vaga idéia do que ele ia encontrar num dos capítulos da copia de 20 Maneiras Seguras para Enfeitiçar Bruxas, ele encontrou o olhar de Gina e sorriu antes de se lembrar da promessa que fez a Rony e rapidamente arrancou uma conversa com o Sr. Delacour.

' Saiam da frente. Saiam da frente!' Cantou Sra. Weasley saindo da porta com o que parecia ser um gigante Pomo de ouro do tamanho de uma bola de vôlei flutuando na frente dela. Só entao Harry percebeu que era seu bolo de aniversario cujo Sra. Weasley suspendia com sua varinha. Melhor do que correr o risco

carregando sobre o chão. Quando o bolo finalmente chegou na metade da mesa, Harry falou.

‘ Parece delicioso, Sra. Weasley.’

‘ Ah, não é nada querido.’ Ela disse com afeição ao menino.

Por volta das sete horas, todos os convidados haviam chegado, conduzidos pela casa por Fred e George, que os havia esperado no final do corredor. Hagrid honrou a ocasião com seu melhor (e mais horrivel) terno marrom. Embora Lupin sorrisse enquanto apertou a mão de Harry, Harry percebeu seu olhar um pouco infeliz. Ao contrário, Tonks ao lado de Lupin, olhou simplesmente radiante.

- Feliz aniversário, Harry - ela disse dando um abraço repentino nele.

- Décimo sétimo, eh! - disse Hagrid enquanto ele aceitava uma taça de vinho de Fred - Seis anos desde que nos encontramos, não é Harry? Você pode se lembrar?

'Eu não sei o que poderia ser útil. Nada tão grande porque assim você não poderia levá-lo com você.'

“ Obrigado, Hagrid!”

“ Não há de que” disse Hagrid acenando com a sua minúscula mão.

“E este é Carlinhos, sempre adorei ele. Ei, Carlinhos!”

Carlinhos aproximou-se, acenando sua mão, enquanto seus cabelos curtos esvoaçavam ao vento. Ele era menor que Rony, com um grande número de queimaduras e riscos em seus braços fortes e musculosos.

“ Olá Hagrid, como está indo?”

“ Excelentemente bem. O que Norberto está fazendo?”

“ Norberto?” perguntou Carlinhos pensativo. “O Dorso Cristado Norueguês? Deve estar ligando para Norberta agora...”

“ Norberta?” assustou-se Hagrid. “Ele tem uma garota?”

“ Claro, o garanhão...” disse Carlinhos rindo.

“ O que você está dizendo?” perguntou Hermione.

“ Ele tem vários vícios” disse Carlinhos. Ele olhou por cima do ombro e abaixou a voz. “Gostaria que o papai estivesse aqui, ele apressaria as coisas. Mamãe está triste.”

Todos olharam em direção a Sra. Weasley. Ela fazia uma tentativa de convencer a Madame Delacour a sair do portão.

“Imagino que teremos de começar sem o Arthur,” gritou ela, sua voz ecoando pelo jardim. “Ele deve estar ocupado... Oh!”

Todos olharam ao mesmo tempo: um relâmpago de luz cruzou o jardim acima das mesas, terminando em um belo conjunto de doninhas prateadas e brilhantes, e todos puderam ouvir a voz do Sr. Weasley.

“ Ministro da Magia venha comigo.”

O Patrono se dissolveu, deixando a família de Fleur apreensiva.

“ Nós não deveríamos estar aqui,” disse Lupin com sua voz grave. “Harry, me desculpe, explicarei uma hora mais propícia.”.

Ele segurou o pulso de Tonks; eles se encaminharam até a cerca, escalaram-na, e desapareceram de vista. A Sra. Weasley olhou

preocupada.

“ O Ministro? Mas por quê? Não entendo...”

Mas não havia tempo para discutir; um segundo depois, o Sr. Weasley apareceu para fora da porta, acompanhado por Rufo Scrimgeour, ligeiramente sério através de seus cabelos grisalhos. Os dois atravessaram o jardim, pisando firme na grama, todos se sentaram em silêncio, olhando para frente. Scrimgeour estava perto das lanternas, e Harry pode ver que ele estava muito mais velho que a ultima vez que o vira, pálido e preocupado.

“ Desculpe a intromissão,” disse Scrimgeour, enquanto irrompia da porta. “Especialmente por perceber que estou invadindo uma festa.” Seus olhos se fixaram por um momento no enorme bolo de aniversário.

“ Parabéns!”

“ Obrigado,” disse Harry

“ Eu gostaria de ter uma conversa em particular com você,” começou Scrimgeour. “Com o Sr. Ronald Weasley e com a Srta. Hermione Granger também.”

“ Com a gente?” disse Rony, parecendo surpreso. “Por que com a gente?”

“ Contarei a vocês quando estivermos em um lugar mais privado,” disse Scrimgeour. “Tal lugar existe?” Ele olhou para o Sr. Weasley.

“ Sim, claro” disse o Sr. Weasley, que pareceu nervoso. “A, hum, sala de estar, por que você não a usa?”

“ Você pode mostrar o caminho,” disse Scrimgeour a Rony. “Sua presença não será necessária, Arthur.”
Harry viu o Sr. Weasley trocar um olhar preocupado com a Sra. Weasley, enquanto eles se dirigiam a se dirigiam a sala de estar. Enquanto voltavam à casa em silêncio, Harry sabia que os outros dois estavam pensando o mesmo que ele, Scrimgeour descobrira de algum jeito que eles estavam planejando abandonar Hogwarts. Scrimgeour não falou enquanto eles passavam pela cozinha bagunçada, em direção à sala de estar d’A Toca. Quando chegaram à sala, Scrimgeour sentou-se na poltrona que o Sr. Weasley costumava ocupar, deixando para os três garotos o sofá que restou, quando os três sentaram-se Scrimgeour falou.
“ Eu tenho algumas perguntas para cada um de vocês, e eu acho que seria melhor fazer tais perguntas individualmente. Se vocês dois” – ele apontou para Harry e Hermione—“pudessem esperar lá em cima, começarei com o Sr. Weasley.”
“ Nós não iremos à lugar algum,” disse Harry. “Você pode falar com todos nós juntos, ou nada.” Scrimgeour lançou um frio e áspero olhar a Harry.
“ Tudo bem, todos juntos” ele disse. Ele limpou sua garganta. “Eu estou aqui, como vocês sabem, por conta do desejo de Alvo Dumbledore.”
Harry, Rony e Hermione se entreolharam.
“ Uma surpresa, aparentemente! Vocês não estão cientes que

Dumbledore deixou algo para vocês?”

“ Para todos nós?” disse Rony. “Para mim e Hermione também?”

“ Sim, para todos –“

Mas Harry interrompeu.

“ Dumbledore morreu há mais de um mês. Por que demorou tanto para nos darem algo que ele deixou?”

“ Não é óbvio?” disse Hermione, antes que Scrimgeour pudesse responder. “Eles queriam examinar o que ele nos deixou. Vocês não tinham o direito de fazer isso!”

Sua voz aumentou gradativamente.

"Tenho todo o direito," disse scrimgeour dissimulativamente. "o decreto para justificavel confiscação da ao ministerio o poder de confiscar o conteúdo de um testamento. Essa lei foi criada para impedir que bruxos passem artefatos de magia negra," disse hermione. E o ministerio eu suponho tem poder suficiente para apreender os pertences dos falecidos que são ilegais antes de passá-los."

- O Senhor esta dizendo que Dumbledore estava tentando nos passar algo almadicoado?

- Então o seu plano é seguir carreira no Ministerio da Magia Grander? perguntou Scrimgeour.

- Não, eu não,-retrucou Hermione. Eu espero fazer algo bom pelo mundo.

Rony Riu, Os olhos de Scrimgeour's fitaram para ele e afastado

outra vez

Harry Falou:

- Porque eles decidiram deixar-nos ter nossas coisas agora? Não penso que isso seja um pretesto para mantê-los.

- Não, isso acontecerá porque 31 dias passaram," disse Hermione prontamente.

- Eles não podem manter os objetos por mais que isso a não ser que eles provem que são perigosos. Certo?

- Você diria que você era próximo ao Dumbledore, Ronald"? Scrimgeour perguntou, ignorando Hermione. Ron olhou alarmado.

- Eu? Não, não era proximo, harry que era próximo...

Roni olhou ao redor para Harry e Hermione, para ver Hermione pegando ele... e com o olhar pedindo para parar a conversa, mas a catasfrofe estava feita. Scrimgeour olhou como se tivesse ouvido exatamente o que esperava, e querendo ouvir. Ele Voou para cima de Rony como uma passaro de rapina.

- Se você não era muito próximo do Dumbledore, como você responde pelo fato dele ter te lembrado no testamento dele? Ele fez pouquissimos pedidos pessoais. A grande maioria das suas posses --sua biblioteca privada, seus instrumentos mágicos, e outros itens pessoais --foram deixados pra Hogwarts. Porque você pensa que você foi deixado de fora?

- Eu...não sei," disse Ron. "eu...quando eu digo que nós eramos próximos...eu me refiro, eu acho que ele gostava de mim..."

- Você esta sendo modesto Rony, disse Hermione. Dumbledore era muito próximo de você."

Isso estava intrigando harry em um ponto, pelo que ele sabia Rony e Dumbledore nunca haviam saido juntos

e nem tinha contato direto ou algo que fosse significante.

Entretanto, Scrimgeour não pareceu escutar. Colcou suas mãos no bolso e puxou uma longa maleta muito maior do que Hagrid havia dado para Harry. De dentro dela ele tirou um trecho de folha, denserolando e comecou a ler:

-Este é o Ultimo testamento de Alvo Percival Wulfrico Dumbledore. Sim isto é... "Para Rony Bilius Weasley, eu deixo meu Apagueiro, na esperança de que ele se lembrará como se usa isso.

Scrimegeour examinou e guardou o objeto antes que Harry visse antes: olhou algo como um isqueiro de prata de cigarro mas logo soube que o objeto tinha o poder de sugar toda a luz de um lugar e restaurá-lo com um simples clique. Scrimegeour inclinou-se e passou o Apagueiro para Rony que o examinou e brincou por entre os dedos olhando espantado.

"É um objeto valioso," disse Scrimgeour, olhando Ron. "Pode até ser único. Certamente é design do próprio Dumbledore. Porque ele haveria de ter deixado pra você um item tão raro?" Ron balançou sua cabeça negativamente, parecendo desnorteado.

" Dumbledore lecionou a milhares de alunos," Scrimgeour continuou.

" Agora os únicos que ele lembraria em seu testamento são vocês três. Porquê isso? Que uso ele achou que você daria ao 'Deluminador' Sr.Weasley?"

" Apagar luzes, acredito," murmurou Ron. "O que mais eu poderia fazer com isso?"

Evidentemente Scrimgeour não tinha sugestões. Depois de se inclinar para Ron por um momento ou dois, ele virou-se de volta para o testamento de Dumbledore.

" Para a senhorita Hermione Jean Granger, deixo minha cópia de 'Contos de Beedle o Bardo', na esperança de que ela o achará interessante e instrutivo."

Scrimgeour havia retirado agora um pequeno livro que parecia tão antigo quanto a cópia de 'Segredos das Artes das Trevas'. Seu encadernamento estava manchado e descascando em alguns lugares.

Hermione pegou o livro de Scrimgeour sem dizer nada. Ela segurou o livro na palma de sua mão e fixou o olhar para ele.

Harry viu que o título estava em runas; ele nunca havia aprendido a lê-las. Enquanto ele olhava, uma lágrima caiu nos símbolos entalhados.

" Porquê você acha que Dumbledore te deixaria esse livro, Senhorita Grander?" perguntou Scrimgeour.

" ele... ele sabia que eu gostava de livros," disse Hermione com uma voz fina, enxugando os olhos com a manga da blusa.

" Mas porquê esse livro em especial?"

" Não sei. Ele deve ter pensado que eu gostaria dele."

" Você alguma vez discutiu códigos, ou métodos de passar mensagens secretas, com Dumbledore?"

" Não, não," disse Hermione, ainda limpando os olhos na manga. "E se o Ministério não achou nenhum código
escondido nesse livro em 31 dias, duvido que eu encontrarei."

Ela segurou um soluço. Eles estavam todos tão próximos que Ron moveu com dificuldade seu braço para
colocá-lo em volta dos ombros de Hermione. Scrimgeour virou-se para o testamento.

" Para Harry Tiago Potter," ele leu, e as estranhas de Harry se contraíram em repentina excitação,

" Eu deixo o Pomo de Ouro que ele capturou em sua primeira partida de Quadribol em Hogwarts,
como uma lembrança da recompensa de ser perserverante e habilidoso."

Assim que Scrimgeour retirou a minúscula, em formato de noz, bola de ouro, suas asas prateadas
bateram fracas, e Harry não conseguiu evitar o sentimento de anticlimax.

" Porquê Dumbledore te deixaria esse Pomo de Ouro?" perguntou Scrimgeour.

" Não faço idéia," disse Harry. "Pelas razões que você acabou de

ler, eu creio... para me lembrar

do que eu consigo se eu... perseverar e tudo mais."

" Você acha que é uma lembrança simbólica então?"

" Acho que sim," disse Harry. "O que mais poderia ser?"

" Sou eu quem faço as perguntas," disse Scrimgeour, desclocando

sua cadeira para mais perto do sofá.

O anoitecer estava chegando lá fora agora; a movimentação para

além das janelas pareciam fantasmagoricamente

brancas por cima da cerca.

" Eu percebi que seu bolo de aniversário tem o formato de um

Pomo de Ouro," disse Scrimgeour para Harry - "Porquê será?"

Hermione gargalhou alto.

" Oh, não pode ser uma referência ao fato de Harry ser um grande

apanhador, é muito óbvio," ela disse.

" Deve ter uma mensagem secreta de Dumbledore escondida no

glacê!"

" Não acho que haja nada escondido no glacê," disse Scrimgeour,

"mas um Pomo de Ouro seria um bom esconderijo

para um objeto pequeno. Você sabe o porquê, tenho certeza."

Harry deu de ombros, Hermione, no entanto, respondeu: Harry

pensou que responder questões corretamente

era um hábito já tão intrínseco que ela não conseguia segurar essa

urgência.

" Porque Pomos de Ouro tem memória corporal," ela disse.

" O quê?" disseram Harry e Ron juntos; os dois consideravam que o conhecimento de Hermione por Quadribol era negligente.

" Correto," disse Scrimgeour. "Um Pomo de Ouro não pode ser tocado por pele sem proteção antes de ser solto,
nem mesmo por seu criador, que usa luvas. Ele carrega consigo um encantamento pelo qual ele pode identificar
o primeiro ser humano que colocar suas mãos sobre ele, em caso de uma captura disputada. Esse pomo" --ele levantou a pequena bolinha de ouro --"lembrará o seu toque, Potter."

" Me parece que Dumbledore, que tinha uma prodigiosa habilidade mágica, esquecendo suas falhas,
pode ter encantado esse Pomo de Ouro para que ele se abra somente a você."

O coração de Harry estava batendo um pouco mais rápido. Ele tinha certeza que Scrimgeour estava certo.
Como ele poderia evitar pegar o Pomo com sua mão desprotegida na frente do Ministro?

" Você não me diz nada," disse Scrimgeour. "Talvez você já saiba o que o Pomo contém?"

" Não," disse Harry, ainda imaginando como ele poderia aparentar tocar o Pomo sem realmente fazê-lo.
Se ao menos ele soubesse Legimilência, se realmente soubesse e pudesse ler a mente de Hermione; ele conseguia
praticamente ouvir o cérebro dela zumbindo ao lado dele.

" Pegue," disse Scrimgeour baixinho.

Harry encontrou os olhos amarelos do Ministro e sabia que ele não tinha outra opção a não ser obedecê-lo.

Ele segurou sua mão e Scrimgeour direcionou-se para frente e colocou o Pomo, devagar e cautelosamente,

na palma da mão de Harry.

Nada aconteceu. Assim que os dedos de Harry se fecharam em torno do Pomo, suas asas cansadas se agitaram e permaneceram paradas. Scrimgeour, Ron e Hermione continuaram encarando avidamente para a bola, parcialmente oculta, como se ainda houvesse esperança de que se transformaria de alguma maneira.

" Isso foi dramático," disse Harry aliviado. Ron e Hermione riram.

"É só isso então, não é?", perguntou Hermione, retirando-se do sofá.

" Não tudo," disse Scrimgeour, que parecia mau-humorado agora. "Dumbledore te deixou uma segunda herança, Potter."

" O que é?" perguntou Harry, novamente agitado.

Scrimgeour não tornou a ler o testamento dessa vez.

" A espada de Godrico Grifinória," ele disse. Hermione e Ron ficaram tensos.

Harry olhou em volta procurando pelo sinal do rubi entalhado, mas Scrimgeour não retirou a espada da algibeira de couro, que em todo caso parecia muito pequena para conter a espada.

" Então onde está?" Harry perguntou suspeito.

" Infelizmente," disse Scrimgeour, "aquela espada não era de Dumbledore, para ser dada assim. A espada de Godrico Grifinória é um artefato histórico importante, e portanto, pertence--"

" Pertence a Harry "! Hermione disse calorosamente. " O escolheu, ele quem a achou, saiu para ele do Chapéu Seletor"

" De acordo com fontes históricas seguras, a espada pode se apresentar a qualquer Gryfinório merecedor, Scrimgeour " disse. "Isso não o faz propriedade exclusiva de Sr. Potter, Dumbledore poderia ter decidido dá-la à qualquer um". Scrimgeour passou a mão na bochecha , examinando Harry. " Por que você pensa...?"

"... que Dumbledore quis me dar a espada "? disse Harry, lutando para manter o temperamento dele. " Talvez ele penssase que pareceria agradável em minha parede.

"Isso não é uma piada, Potter!", grunhiu Scrimgeour. "Foi porque Dumbledore acreditou que somente a espada de Godrico Grifinória poderia derrotar o Herdeiro da Sonserina? Ele queria te dar aquela espada, Potter, porquê ele acreditava, assim como muitos, que você é o destinado a destruir Aquele-Que-Não-Deve-SerNomeado?"

"Teoria interessante," disse Harry. "Alguém já tentou alguma vez enfiar uma espada em Voldemort? Talvez o Ministério devesse colocar algumas pessoas nessa função, ao invés de gastar seu tempo recolhendo Apagueiros ou encobrindo as fugas de Azkaban. Então é isso que você tem feito, Ministro, trancado em seu

escritório, tentando forçadamente abrir o Pomo? Pessoas estão morrendo - eu quase fui uma delas - Voldemort me perseguiu por três países, matou Olho-Tonto Moody, mas o Ministério não se pronunciou quanto a isso, não? E você ainda espera que cooperemos com você!"

"Você foi longe demais!" gritou Scrimgeour, levantando-se: Harry ficou em pé também. Scrimgeour rumou em direção a Harry e o apertou forte no peito com a ponta de sua varinha; isso fez um buraco na camiseta de Harry, como o de um cigarro aceso.

"Ha!" disse Ron, pulando e erguendo sua própria varinha, mas Harry disse, "Não! Você quer dar a ele uma desculpa para nos prender?"

"Lembraram-se que vocês não estão na escola?" disse Scrimgeour respirando forte contra o rosto de Harry.

"Lembraram-se que eu não sou Dumbledore, que perdoou sua insolência e falta de subordinação?

Você deve usar essa cicatriz como uma coroa, Potter, mas não é da conta de um garoto de 17 anos me dizer como fazer o meu trabalho! É tempo de você aprender um pouco de respeito!"

"É tempo de ganhar respeito." disse Harry. O chão tremeu; um som de passos correndo, e então a porta que leva até a sala de estar se abriu violentamente e Sr. e Sra.Weasley correram para dentro.

"Nós--nós pensamos ter ouvido--" começou Sr.Weasley, olhando completamente alarmado para Harry e o Ministro ligados nariz com

nariz.

"--vozes altas," terminou Sra.Weasley.

Scrimgeour deu dois passos de Harry, olhando rapidamente para o buraco que ele havia feito na camiseta de Harry.

Ele parecia arrependido or sua falta de controle.

"Foi - não foi nada," ele grunhiu. "Eu... lastimo sua atitude," ele disse, olhando Harry nos olhos uma vez mais.

"Você deve estar pensando que o Ministério não deseja o que vocês - o que Dumbledore - desejava. Nós devemos trabalhar juntos."

"Não gosto de seus métodos, Ministro," disse Harry. "Lembra-se?"

Pela segunda vez, ele levantou seu pulso direito e mostrou para Scrimgeour a cicatriz ainda branca atrás de sua mão, dizendo 'Eu não devo contar mentiras'. A expressão de Scrimgeour endureceu ainda mais. Ele se virou sem mais nenhuma palavra e saiu do cômodo. Sra.Weasley se apressou depois dele; Harry a ouviu parar na porta dos fundos.

Após um minuto ou quase isso, então ela gritou, "Ele se foi!".

"O que ele queria?" Sr.Weasley perguntou, olhando para Harry, Ron e Hermione quando Sra.Weasley veio correndo de volta até eles.

"Queria nos dar o que Dumbledore nos deixou," disse Harry. "Eles tinham acabado de liberar o conteúdo de seu testamento."

Lá fora no jardim, sobre as mesas de jantar, os três objetos que Scrimgeour entregou a eles foram passados de mão em mão.

Todos exclamavam pelo Apagueiro e 'Contos de Beedle o Bardo' e lamentavam o fato de Scrimgeour ter se recusado a entregar a espada, mas nenhum deles conseguia dar nenhuma sugestão de porque Dumbledore teria deixado para Harry um velho Pomo.
Enquanto Sr.Weasley examinava o Deluminador pela terceira ou quarta vez, Sra.Weasley tentava dizer, "Harry, querido, todos estão terrivelmente famintos e não queremos começar sem você... Posso servir o jantar agora?"
Todos eles comeram apressadamente e depois de um rápido coro de 'Parabéns a você' e muitos pedaços de bolo, a festa terminou.
Hagrid, que tinha sido convidado para o casamento no dia seguinte mas era muito volumoso para dormir na pequena Toca, saiu para armar uma tenda para ele mesmo no campo ao lado.
"Encontre-nos lá em cima," Harry sussurrou para Hermione, enquanto eles ajudavam Sra.Weasley a re-arrumar o jardim.
"Depois que todos estiverem dormindo."
No quarto do sotão, Ron examinava seu Deluminador, e Harry enchia a carteira de Hagrid, não com dinheiro,
mas daqueles itens que eles mais gostava, aparentemente sem valor, entre eles o Mapa do Maroto, o pedaço do
espelho encantado de Sirius e o cofrinho de R.A.B. . Ele amarrou a carteira apertado e colocou-a em volta de seu pescoço,
então sentou-se segurando o velho Pomo e assistindo suas asas cansadas. Finalmente, Hermione bateu à porta e entrou

na ponta dos pés.

"Muffiato,' ela sussurrou, balançando sua varinha em direção às escadas.

"Ache que você não aprovasse esse feitiço" disse Ron.

"Os tempos mudam," disse Hermione. "Agora, mostre-nos o Apagueiro."

Ron obedeceu de uma vez. Segurando na sua frente, ele apertou o Apagueiro. A lâmpada solitária que eles haviam acendido se apagou rapidamente.

"O fato é que," sussurrou Hermione na escuridão, "nós poderíamos ter conseguido isso com o 'Pó da Escuridão Instantânea'.

Ouviu-se um pequeno 'click' e a bola de luz da lâmpada voltou ao teto e iluminou todos novamente.

"Mesmo assim, é legal," disse Ron, se defendendo. "E pelo que eles disseram, foi Dumbledore que inventou o Apagueiro!"

"Eu sei, mas certamente ele não deixou com você só pra nos ajudar a apagar as luzes!"

"Você acha que ele sabia que o Ministério confiscaria seu testamento e examinaria tudo que ele nos deixou?" perguntou Harry.

"Com certeza," disse Hermione. "Ele não poderia nos dizer no testamento porquê ele estaria nos deixando essas coisas, mas o testamento não explica..."

"...porquê ele não poderia ter nos deixado uma pista enquanto ele

estava vivo?" perguntou Ron.

"Bom, exatamente," disse Hermione, agora folheando 'Contos de Beedle o Bardo'.

"Se essas coisas são importantes o suficiente pra passar por debaixo do nariz do Ministério, vocês pensariam que ele teria que ter nos deixado um porquê... a não ser que fosse óbvio?"

"Ele pensou errado então, não?" disse Ron. "Eu sempre disse que ele tinha uma mente brilhante e tudo mais, mas louco. Deixar para o Harry um velho Pomo - a troco de quê?"

"Não faço a mínima idéia," disse Hermione. "Quando Scrimgeour fez você pegar o Pomo, Harry, eu tinha certeza de que algo iria acontecer!"

"Yeah, bem," disse Harry, sua pulsação acelerou quando ele ergueu o Pomo em seus dedos.

"Eu não iria me esforçar muito na frente do Scrimgeour, não é mesmo?"

"O que você quer dizer?" perguntou Hermione.

"O Pomo que eu peguei na minha primeira partida de Quadribol?" disse Harry. "Não se lembram?"

Hermione parecia simplesmente confusa. Ron, no entanto, engastou, apontando louco de Harry para o Pomo até conseguir recuperar sua voz.

"É aquele que você quase engoliu!"

"Exatamente," disse Harry, e com seu coração batendo rápido, ele

pressionou sua boca contra o Pomo.

Não abriu. Frustração e desapontamento tomaram conta de Harry: ele abaixou a esfera dourada, mas então Hermione gritou:

"Escrita! Há algo escrito nele, rápido, olhem!"

Harry quase deixou cair o Pomo em meio a surpresa e agitação. Hermione estava mesmo certa.

Gravado por sobre a leve camada dourada, onde segundos antes não havia nada, haviam quatro palavras escritas com a fina e inclinada caligrafia que Harry reconheceu ser de Dumbledore: 'Eu abro ao fechar."

Ele mal tinha lido as palavras e elas desapareceram novamente.

"Eu abro ao fechar... ao fechar... eu abro ao fechar..." Mas não importou o quanto eles repetiam as palavras, com variadas entonações, eles se encontraram incapazes de deduzir qualquer coisa mais.

"E a espada," disse Ron depois, quando eles tinham finalmente abandonado as tentativas de adivinhar o significado da inscrição no Pomo. "Porquê ele queria que Harry ficasse com a espada?"

"E porque ele não podia ter simplesmente me falado?" disse Harry baixinho. "Eu estava lá, ela estava lá na parede de seu escritório durante todas as nossas tarefas pelo ano passado! Se ele queria que eu ficasse com a espada, então porque ele simplesmente não a entregou para mim?"

Ele sentiu-se tão pensativo como se estivesse sentado num exame com uma questão que ele deveria saber
responder na sua frente, seu cérebro lento e sem resposta. Teve algo que ele perdeu em suas longas conversas
com Dumbledore ano passado? Deveria ele saber o que tudo isso significava? Será que Dumbledore esperava que ele entendesse?

"E esse livro" disse Hermione, "Contos de Beddle o Bardo"... nunca nem ouvi falar de tais contos!"

"Você nunca ouviu 'Contos de Beedle o Bardo'?" disse Ron incrédulo. "Você tá brincando né?"

"Não, não estou," disse Hermione surpresa. "Você conhece?"

"Mas é claro que sim!"

Harry olhou-os, divertindo-se. O fato de Ron ter lido um livro de que Hermione nunca havia ouvido falar era quase impossível. Ron, no entanto, ficou amuado com a surpresa deles.

"Ah, vamos! Todas as velhas histórias infantis são do Beedle não são? 'A Fonte da Fortuna Justa'...
'O Bruxo e o caldeirão saltitante'... 'Coelhinho Babbity e sua Cackling Stump'..."

"Como?" disse Hermione dando risadinhas. "Como é o nome do último?"

"Sai fora!" disse Ron, olhando desacreditado de Harry para Hermione. "Você deve ter ouvido sobre 'Coelhinho Babbity'-"

"Ron, você sabe muito bem que Harry e eu fomos criados por

Trouxas!" disse Hermione.

"Nós não ouvíamos histórias como essas quando éramos pequenos, nós ouvíamos 'Branca de neve e os Sete Anões', e 'Cinderel a'-"

"O que é isso, uma doença?" perguntou Ron.

"Então isso são histórias para crianças?" perguntou Hermione, apertando os símbolos [runas].



"Yeah." disse Ron incerto. "Quer dizer, é que se ouve, sabe, que todas essas velhas histórias vieram de Beedle. Eu não sei como elas são em suas versões originais."

"Mas eu fico pensando porque Dumbledore achou que eu deveria lê-las?" Algo estalou escada abaixo.

"Provavelmente é Carlinhos, agora que Mamãe está dormindo, escapando para recompor seu cabelo," disse Ron nervoso.

"Isso mesmo, nós deveríamos nos deitar," sussurrou Hermione.

"Não devemos acordar tarde amanhã."

"Não," concordou Ron. "Um brutal assassinato triplo feito pela mãe do noivo poderia deixar mais animado o casamento. Vou apagar a luz."

Então ele apertou o Apagueiro mais uma vez assim que Hermione saiu do quarto.

Capítulo Oito

O Casamento

Às três horas da manhã seguinte Harry, Ron, Fred e Jorge encontravam-se ao lado da grande marquise instalada no pomar, esperando pela chegada dos convidados do casamento. Harry havia tomado uma grande dose da Poção Polissuco e agora era uma cópia de um garoto ruivo trouxa morador do vilarejo de Ottery St. Cathpole, de quem Fred havia roubado cabelos usando um Feitiço de Evocação. O plano era apresentar Harry como o "Primo Barny" e acreditar que o grande número de parentes Weasley conseguiria camuflá-lo.

Todos os quatro seguravam planos indicando onde sentar, então podiam ajudar as pessoas a encontrar suas cadeiras. Um exército de garçons vestidos de branco havia chegado há uma hora, juntamente com uma banda de jaquetas douradas, e todos esses bruxos já haviam sentado a uma curta distância dali, sob uma árvore; Harry podia ver uma fumaça azulada de cachimbo que saía de um determinado ponto.

Mais adiante, a entrada da marquise revelava montes de frágeis cadeiras douradas enfileiradas a cada lado de um longo carpete vermelho. Os postes de suporte estavam encimados com flores

brancas e douradas, Fred e Jorge haviam atado um enorme cacho de balões dourados sobre o ponto exato onde em breve Gui e Fleur se tornariam marido e mulher. Lá fora, borboletas e abelhas esvoaçavam preguiçosamente sobre a grama que recobria o jardim. Harry estava um pouco desconfortável. O garoto trouxa cuja aparência ele havia tomado era um pouco mais magro que ele, e suas roupas eram quentes e apertadas demais para um dia de verão.

- Quando eu me casar, - disse Fred, afrouxando o colarinho de sua própria camisa, - não vou me aborrecer com essas tolices. Vocês poderão vestir o que quiserem, e vou colocar uma Maldição Body Bind na Mamãe até que tudo termine.

- Ela não estava tão má essa manhã, na verdade – disse Jorge. – Chorou um pouco pelo Percy não ter vindo, mas quem quer ele por aqui? (Trecho ofuscado) se segurem – aí vem eles, veja!

Figuras coloridas brilhantes apareceram, uma a uma, nos limites do jardim. Dentro de minutos, uma procissão havia se formado, que começou a serpentear pelo jardim até a marquise. Flores exóticas e pássaros enfeitiçados enfeitavam os chapéus das bruxas, enquanto pedras preciosas brilhavam nos plastrões dos bruxos: um murmúrio de excitação crescia mais e mais, soterrando o som das abelhas conforme a multidão se aproximava do local.

- Excelente, acho que vi algumas primas veela, - disse Jorge, esticando o pescoço para ver melhor. – Elas vão precisar de ajuda

para entender nossos costumes ingleses, vou cuidar delas...

- Não tão depressa, seu apressadinho, - disse Fred, e assim que os grasnidos de bruxas de meia idade que lideravam a procissão passou, ele disse – Aqui, permel ez moi ajudar vous – para um par de belas garotas francesas, que riram e deixaram que ele as ajudasse a alcançar seus lugares. Jorge teve que lidar com as bruxas de meia idade e Ron se encarregou do velho amigo de Ministério do Sr Weasley, Perkins, enquanto um casal de velhinhos surdos seguiu para a ala que Harry cuidava.

- Olha, - disse uma voz familiar que o fez sair da marquise e ver Tonks e Lupin na frente da fila. Ela havia deixado seu cabelo loiro para a ocasião. – Arthur nos disse que você era o único com cabelos encaracolados. Sinto muito pela noite passada – ela complementou, em um sussurro quando Harry os deixou na nave. – O Ministério tem se mostrado bastante anti-lobisomem no momento e achamos que nossa presença não ajudaria em nada.

- Está bem, eu compreendo – disse Harry, falando mais com Lupin que com Tonks. Lupin deu a ele um pequeno sorriso, mas quando se virou novamente, Harry viu que sua face expressava as linhas do sofrimento. Ele não entendeu, mas não havia tempo para pensar no assunto: Hagrid estava causando alguns distúrbios. Sem entender as orientações de Fred, ele se sentara não sobre o banco magicamente aumentado e reforçado, preparado para ele na última fileira, mas sobre cinco assentos que agora pareciam uma grande

pilha de palitos de fósforos dourados.

Enquanto o Sr. Weasley arrumava o estrago e Harry berrava desculpas para quem quisesse ouvir, Harry correu de volta para a entrada, para ver Ron cara a cara com o bruxo de aparência mais excêntrica. Levemente estrábico, com cabelos brancos na altura dos ombros e com textura de algodão doce, ele usava uma capa cuja borla oscilava em frente ao seu nariz e uma viseira amareloovo. Um símbolo estranho, parecido com um olho triangular, resplandecia de uma corrente dourada em seu pescoço.

- Xenofilius Lovegood – ele disse, estendendo a mão para Harry, - minha filha e eu vivemos logo além da colina, foi tão gentil que os bons Weasley tenham nos convidado. Mas acho que você conhece minha Luna? – ele completou, virando-se para Ron.

- Sim – disse Ron. – Ela não está com você?

- Ela se atrasou no encantador jardinzinho para dizer oi para os gnomos, que gloriosa infestação! É interessante como alguns bruxos perceberam quanto nós podemos aprender com os sábios e pequenos gnomos. Ou, para dar o nome correto, os Gernumbli Garensi.

- Os nossos conhecem vários excelentes palavrões, - disse Ron, - mas acho que Fred e Jorge que ensinaram a eles.

Ele levava um par de warlocks até a marquise quando Luna entrou correndo.

- Olá, Harry – ela disse.

- Er… meu nome é Barny – respondeu ele, corando.

- Oh, você mudou isso também? – ela respondeu, com os olhos brilhando.

- Como você sabia...?

- Oh, só pela sua expressão – ela disse.

Como o pai, Luna vestia uma roupa amarelo brilhante, que combinava com um grande girassol que havia em seu cabelo. Uma vez superado o brilho de tudo aquilo, o efeito geral chegava a ser agradável. Ao menos não havia rabanetes pendurados em suas orelhas.

Xenofilius, que estava absorto em uma conversa com um conhecido, perdeu o diálogo entre Luna e Harry. Deixando o bruxo de lado, ele se virou para a filha, que segurava um dedo ao dizer – Papai, olhe! Um dos gnomos me mordeu mesmo!

Que maravilha! Saliva de gnomos é altamente benéfico – disse o Sr. Lovegood, analisando o dedo machucado de Luna e as marcas ensangüentadas das mordidas. – Luna, meu amor, se você sentir algum talento germinando hoje – talvez uma urgência inesperada em cantar ópera ou declamar em serêanico – não reprima! Você pode ter sido presenteada pelos Germumblies!

Ron, passando na direção oposta, deixou escapar uma fungada alta.

- Ron pode rir – disse Luna serenamente para Harry, enquanto ele conduzia ela e Xenofilius para seus assentos – mas meu pai tem feito muitas pesquisas sobre a magia Gernumbli.

- Verdade? – disse Harry, que há tempos havia decidido não desafiar os peculiares pontos de vista de Luna ou de seu pai. – Tem certeza que não quer colocar nada nesse machucado, então?

- Oh, está bem – disse Luna, chupando o dedo com ar sonhador e medindo Harry de alto a baixo. – Você parece esperto. Falei para o papai que a maioria das pessoas provavelmente usaria túnicas, mas ele acha que devemos usar as cores do sol em casamentos, para dar sorte, sabe?

Enquanto ela seguia o pai, Ron reapareceu com uma bruxa mais velha enganchada em seu braço. O nariz pontudo, os olhos avermelhados e o chapéu rosa de plumagens davam a ela um ar de flamingo de mau humor.

- … e seu cabelo está muito comprido, Ronald, por um momento achei que você fosse Ginevra, pelas barbas de Merlin, o que Xenofilius Lovegood está usando? Ele parece um omelete. E quem é você? – ela perguntou para Harry.

- Oh, sim, Tia Muriel, este é nosso primo Barny.

- Outro Weasley? Vocês procriam como gnomos. Harry Potter não está aqui? Eu queria conhecê-lo, achei que ele fosse seu amigo, Ronald, ou você estava só contando vantagem?

- Não... Ele não pôde vir...

- Hmm. Deu uma desculpa, foi? Não tão destemido como parece nas fotos da imprensa, então. Eu estava ensinando à noiva a melhor maneira de usar minha tiara – ela girou para Harry – feita

por goblins, sabe, e que está na família há séculos. Ela é uma bela garota, mas... francesa. Bem, bem, ache um bom lugar para mim, Ronald, tenho cento e sete anos e não devo ficar em pé tanto tempo.

Ron lançou um olhar cheio de significados a Harry quando passou e não reapareceu por algum tempo: na próxima vez que se encontraram na entrada, Harry havia mostrado para uma dúzia de pessoas os seus lugares. A marquise já estava quase cheia, e pela primeira vez não havia fila do lado de fora.

- Um pesadelo, Muriel – disse Ron, esfregando a testa na manga. – Ela costumava vir para o Natal todos os anos, até que, graças a Deus, ficou ofendida quando Fred e Jorge jogaram uma bomba de bosta sob sua cadeira na hora da janta. Papai sempre disse que ela deve ter tirado os dois do testamento – como se eles ligassem, eles estão ficando mais ricos que qualquer um da família, logo eles vão... Uou! – ele completou, piscando rapidamente quando Hermione chegou correndo até eles – Você está ótima!

- Sempre esse tom de surpresa – disse Hermione, apesar de sorrir. Ela usava um vestido lilás esvoaçante com sapatos de salto alto; seu cabelo estava macio e brilhante. – Sua tia-avó Muriel não concorda, eu acabei de encontrá-la lá em cima enquanto ela entregava a tiara a Fleur. Ela disse: "Oh, querida, é a nascidatrouxa?" e depois "Má postura e quadris estreitos".

- Não leve para o lado pessoal, ela é rude com todo mundo – disse Ron.

- Falando da Muriel? – perguntou Jorge, emergindo da marquise juntamente com Fred. – Sim, ela acabou de me dizer que minha orelha está torta. Morcega velha. Espero que o velho Tio Bil ius ainda esteja conosco, entretanto; ele era risada certa em casamentos.

- Não foi ele que viu um Grim e morreu vinte e quatro horas depois? – perguntou Hermione.

- Bom, é, ele estava meio estranho perto do fim – concordou Jorge.

- Mas antes de ficar doido, ele era a vida e alma das festas – disse fred. – Ele costumava derramar uma garrafa inteira de Whisky de fogo e ir para a pista de dança, erguer a túnica e começar a lançar buquês de flores de seus...

- Sim, parece encantador – disse Hermione, enquanto Harry gargalhava.

- Não sei por quê, nunca se casou – disse Ron.

- Você me espanta – disse Hermione.

Eles riam tanto que ninguém notou o último convidado, um jovem rapaz com cabelos escuros e um grande nariz curvo e sobrancelhas negras, até ele mostrar o convite a Ron e dizer, com os olhos em Hermione:

- Você está linda.

- Viktor! – ela gritou, e derrubou sua pequena bolsa bordada, que fez um barulho desproporcional ao seu tamanho. Enquanto lutava, corada, para recolher as coisas, disse – Eu não sabia que...

Caramba... É adorável ver... Como vai você?

As orelhas de Ron estavam novamente vermelhas. Depois de olhar para o convite de Krum, como se não acreditasse em uma palavra do que estava escrito, ele falou, muito alto:

- Como você está aqui?

- Fleur me convidou – disse Krum, franzindo as sobrancelhas

Harry, que não tinha nada contra Krum, apertou sua mão; então, sentindo que seria prudente preservar Krum da proximidade de Ron, se ofereceu para mostrar a ele seu lugar.

- Seu amigo não ficou feliz em me ver – disse Krum quando entrou na marquise agora cheia. – Ou ele é um parente? – completou, olhando para o cabelo ruivo cacheado de Harry.

- Primo – Harry murmurou, mas Krum não estava escutando. Sua aparição havia causado um pequeno tumulto, principalmente entre as primas veelas. Ele era, apesar de tudo, um famoso jogador de Quadribol. Enquanto as pessoas esticavam seus pescoços para dar uma boa olhada nele, Ron, Hermione, Fred e Jorge vieram apressados pelo corredor.

- Hora de sentar – Fred disse a Harry – ou seremos atropelados pela noiva.

Harry, Ron e Hermione sentaram na segunda fileira atrás de Fred e Jorge, Hermione parecia rosada e as orelhas de Ron ainda estavam escarlates. Após uns momentos ele sussurrou para Harry:

- Você viu que ele deixou uma estúpida barbicha?

Harry lançou um grunhido sem comentários.

Um sentimento de ansiosa antecipação enchia a tenda, o murmúrio geral quebrado por ocasionais jorros de risadas nervosas. O Sr. e a Sra. Weasley percorreram o corredor, sorrindo e acenando para os parentes; o Sr. Weasley usando um novo conjunto de ametista, túnica vermelha com um chapéu combinando.

Um momento depois, Gui e Carlinhos surgiram na frente da marquise, ambos usando túnicas vermelhas, com grandes rosas brancas nas casas dos botões; Fred uivou baixinho e surgiram risadinhas das primas veela. Então a audiência ficou silenciosa quando a música escorreu do que pareciam ser balões dourados.

- Oooooh! – disse Hermione, girando em seu assento para olhar para a entrada.

Um grande suspiro coletivo foi lançado das bruxas e bruxos reunidos conforme Monsieur Delacour caminhava e conduzia. Fleur usava um vestido branco muito simples e parecia emitir uma forte radiação prateada. Geralmente sua radiação tornava todos menores comparativamente, hoje ela embelezava a todos que a percebiam. Ginny e Gabriel e, ambas usando vestidos dourados, pareciam ainda mais bonitas que o normal, e quando Fleur o alcançou, Gui não parecia jamais ter encontrado Fenrir Greyback.

- Senhoras e Senhores – disse uma voz musical aguda, e com um pequeno choque, Harry viu o pequeno bruxo de cabelos em tufos que havia presidido o funeral de Dumbledore, parado agora em

frente a Gui e Fleur. - Estamos aqui reunidos para celebrar a união de duas almas fiéis...
- Sim, minha tiara combinou com tudo maravilhosamente – disse Tia Muriel com um sussurro áspero. – Mas devo dizer que o vestido de Ginevra está um pouco curto.
Gina olhou em volta, sorrindo, piscou para Harry, então rapidamente olhou para a frente de novo. A mente de Harry viajou para longe da marquise, de volta às tardes ocupadas a sós com Gina nas partes desertas do terreno da escola. Elas pareciam tão distantes; já pareciam boas demais para ser verdadeiras, como se ele estivesse roubando horas brilhantes da vida de uma pessoa normal, uma pessoa sem cicatriz com forma de raio na fronte...
- Você, Wil iam Arthur, aceita Fleur Isabel e...?
Na primeira fila, a Sra. Weasley e Mme. Delacour estavam fungando lagrimas em seus lenços. Sons semelhantes a trompetes vieram da parte de trás da marquise avisaram a todos que Hagrid havia sacado um de seus lenços do tamanho de toalhas de mesa. Hermione se virou e acenou com a cabeça para Harry, com os olhos cheios de lágrimas.
- ... então eu os declaro amarrados pela vida [marido e mulher].
O bruxo de cabelos em tufos agitou a varinha sobre as cabeças de Gui e Fleur e uma chuva de estrelas prateadas caiu sobre eles, em espirais ao redor de suas agora entrelaçadas silhuetas. Quando Fred e Jorge começaram os aplausos, os balões dourados sobre

suas cabeças se romperam; aves do paraíso e pequenos sinos dourados voaram e planaram sobre eles, juntando suas canções e tilintares ao fragor do aplauso.

- Senhoras e senhores – chamou o bruxo de cabelo de tufos, - se vocês puderem, se levantarem!

Todos se ergueram, Tia Muriel reclamando audivelmente; ele agitou a varinha novamente. A tenda sob a qual eles estavam sentados ergueu-se graciosamente no ar enquanto as paredes de canvas da marquise sumiram, assim, parecia que elas eram mantidas por um dossel de postes dourados, com uma vista gloriosa do pomar iluminado pelo sol e a cidade ao fundo.

A seguir, um jorro de ouro derretido espirrou do centro da tenda formando uma brilhante pista de dança; as cadeiras pairaram e se agruparam ao redor de pequenas mesas com toalhas brancas, e os garçons de jaquetas douradas circularam até um pódio.

- Legal! – disse Ron, aprovadoramente, enquanto os garçons surgiam de todos os lados, alguns carregando jarras prateadas de suco de abóbora, cerveja amanteigada e whisky de fogo, outros empilhando tortas e sanduíches.

- Nós devemos parabenizá-los! – disse Hermione, ficando na ponta dos pés para ver o lugar onde Gui e Fleur haviam desaparecido no meio de uma multidão de amigos.

- Teremos tempo depois, - respondeu Ron, dando de ombros e agarrando três cervejas amanteigadas de uma bandeja que

passava, e entregando uma para Harry. – Hermione, se segura, temos que encontrar uma mesa... Não aí! Não perto da Muriel!

Ron atravessou o caminho da pista de dança vazia, olhando para os lados; Harry teve certeza que ele queria distância de Krum.

Quando eles alcançaram o outro lado da marquise, a maioria das mesas estavam ocupadas. A mais vazia era aquela em que Luna sentava-se sozinha.

- Tudo bem se ficarmos com você? – perguntou Ron.

- Oh sim! – ela disse alegremente. – Papai foi até nossa casa para pegar o presente de Gui e Fleur.

- O que será? Um suprimento vital de Gurdyroots? – Perguntou Ron.

Hermione queria chutar sua perna sob a mesa, mas invés disso agarrou Harry. Com os olhos lacrimejantes pela dor, Harry perdeu o fio da conversa por alguns momentos.

A banda começou a tocar. Gui e Fleur tomaram a pista de dança primeiro, sob aplausos. Depois de um tempo, Sr. Weasley levou Mme. Delacour até a pista, seguido pela Sra. Weasley com o pai de Fleur.

- Gosto desta música – disse Luna, marcando o tempo do compasso semelhante a valsa e alguns segundos depois ela levantou e foi até a pista onde fez um pequeno giro, sozinha, com os olhos fechados e ondulou os braços.

- Ela é ótima, não é? – disse Ron, admirado. – Sempre original.

Mas o sorriso sumiu de seu rosto de uma vez: Victor Krum sentara no lugar vago de Luna. Hermione pareceu satisfeita, mas dessa vez Krum não viera por ela. Com um olhar azedo no rosto, ele disse:

- Quem é aquele homem de amarelo?

- Aquele é Xenofilius Lovegood, ele é pai de uma amiga nossa – disse Ron. Seu tom pungente indicava que não havia nada de engraçado em Xenofilius, apesar da clara provocação. – Venha dançar – ele acrescentou abruptamente para Hermione.

Ela olhou em volta, novamente satisfeita, e se levantou. Eles desapareceram rumo à pista de dança.

- Ah, eles estão juntos, agora? – Krum perguntou, momentaneamente distraído.

- Er... mais ou menos – disse Harry.

- Quem é focê? – perguntou Krum. [NT: as falas do Krum tem sotaque carregado, inclusive no livro, por isso algumas letras estão trocadas, mas não é erro de ortografia nem de digitação.]

- Barny Weasley.

Eles se cumprimentaram.

- Barny, focê conhece pem esse Lovegood?

- Não, eu o conheci apenas hoje. Por quê?

Krum olhou sobre seu copo e observou Xenofilius, que estava conversando com diversos warlocks ao lado da pista de dança.

- Porque – disse Krum, - se ele não fosse um dos confidados da Fleur, eu o tessafiaria, aqui e agorra, para ferr aquela assinatura

imunda sopre seu peito.

- Assinatura? – perguntou Harry, olhando também para Xenofilius. Um estranho olho triangular brilhava sobre seu peito. – Por quê? O que há com aquilo?

- Grindewald. É o símpolo de Grindewald.

- Grindewald... O Bruxo das Trevas que Dumbledore derrotou?

- Exatamente.

Os músculos da mandíbula de Krum se contraíram como se estivesse mastigando, então ele disse:

- Grindewald matou muitas pessoas. Meu avô, por exemplo. Claro, ele não era poderoso neste país, dizem que temia Dumbledore... e te fato, feja como tudo acapou. Mas este – disse, apontando o dedo para Xenofilius – este é seu símpolo, eu reconheci de imetiato: Grindewald o esculpiu em uma parede em Durmstrang quando era um aluno. Alguns idiotas o copiaram em seus lifros e roupas querendo chocar, querendo parecer impressionantes... e até pessoas que perderam mempros familiares para Grindewald começaram a fê-los com outros olhos.

Krum estalou os dedos e lançou outro olhar para Xenofilius. Harry ficou perplexo. Parecia incrivelmente improvável que o pai de Luna fosse um partidário das Artes das Trevas, e ninguém mais na tenda parecia haver reconhecido o símbolo triangular.

- Você… er… tem certeza que é de Grindewald?

- Não me engano – disse Krum friamente. – Passei por esse

símpolo durante fários anos, conheço-o pem.

- Bom, há uma chance – disse Harry – que Xenofilius não saiba exatamente o que significa, os Lovegood são bem… diferentes. Ele poderia facilmente ter pego em algum lugar e achado que é um pedaço da cabeça de um Crumple-Horned Snockack ou algo assim.

- Um pedaço de quê?

- Eu não sei o que Harry achou que estava fazendo um péssimo trabalho ao tentar explicar Luna e seu pai.

- Essa é a filha – ele disse, apontada para Luna, que ainda dançava sozinha, ondulando os braços ao redor da cabeça como alguém que tentasse arremessar anões.

- Porr que ela está facendo aquilo? – perguntou Krum.

- Provavelmente está tentando se livrar de um Wrackspurt – disse Harry, que reconheceu os sintomas.

Krum pareceu não entender se Harry estava zombando dele. Ele tirou a varinha de dentro da túnica e fez com ela um gesto significativo sobre a coxa; fagulhas saíram da ponta da varinha.

- Gregorovitch – disse Harry em voz alta, e Krum começou, mas Harry estava muito excitado para se preocupar; a memória havia voltado a ele quando viu a varinha de Krum. Olivaras pegando-a e examinando-a cuidadosamente antes do Torneio Tribruxo.

- O que tem ele? – Krum perguntou, intrigado.

- Ele é fabricante de varinhas!

- Eu sei disso – volveu Krum.

- Ele fez sua varinha. Então eu pensei… Quadribol…

Krum olhava para ele mais e mais intrigado.

- Como focê sape que Gregorovitch fez minha farinha?

- Eu… eu li em algum lugar. Acho – disse Harry – em uma revista de fãs... – ele improvisou e Krum olhou para ele amolecido.

- Não sapia que discutiam a minha farinha nas refistas de fãs – ele disse.

- Então... Er… Onde está Gregorowitch atualmente?

Krum pareceu confuso.

- Ele se aposentou há muitos anos. Fui um dos últimos a comprar uma farinha de Gregorovitch. São as melhores... Embora, claro, eu saipa que focês ingleses costumam comprar as de Olivaras.

Harry não respondeu. Ele fingiu observar os dançarinos, como Krum, mas estava pensando furiosamente. Então Voldemort estava procurando por um famoso fabricante de varinhas, e Harry não atinara com o motivo. Era certamente por causa daquilo que a varinha de Harry havia feito quando Voldemort o perseguira pelos céus. A varinha de azevinho e pena de fênix havia vencido a emprestada, algo que Olivaras não havia previsto ou compreendido. Será que Gregorowitch saberia? Seria ele realmente mais habilidoso que Olivaras, será que ele saberia segredos de varinhas que Olivaras não sabia?

- Essa garota é muito ponita – dise Krum, trazendo Harry de volta à realidade. Krum apontava para Gina, que havia se juntado a Luna. –

Ela tampém é sua parente?

- Sim – disse Harry, repentinamente irritado. – E ela está saindo com alguém. Um carinha ciumento. Um cara grande. Você não gostaria de se encontrar com ele.

Krum grunhiu:

- Qual a fantagem – disse ele, secando sua taça e levantando-se novamente – de ser um jogador de Quadribol famoso internacionalmente se todas as garotas ponitas já têm alguém?

E saiu de perto da mesa, deixando Harry livre para apanhar um sanduíche de um garçon que passava ali perto e dar uma volta pela pista de dança. Queria avisar Ron do que havia descoberto sobre Gregorovitch, mas ele estava dançando com Hermione bem no meio da pista.

Harry se apoiou em um dos pilares dourados e observou Gina, que agora dançava com Lino Jordan, o amigo de Fred e Jorge, tentando não ficar ressentido pela promessa que fizera a Ron.

Ele nunca havia ido a um casamento antes, então não sabia dizer se as celebrações dos bruxos são diferentes das dos trouxas, embora estivesse certo que as últimas não deveriam ter um bolo de casamento com duas pequenas fênix em cima que voavam quando o bolo fosse cortado, ou garrafas de champagne que flutuavam sobre a multidão. Conforme a tarde avançava, mariposas começavam a pousar sobre o dossel, agora iluminado por lanternas douradas voadoras, a festança ficava cada vez mais descontrolada.

Fred e Jorge já haviam desaparecido na escuridão com um par de primas de Fleur; Carlinhos, Hagrid e um bruxo gordinho cantavam alegremente "Ode a um Herói" em um canto.

Perambulando pela multidão tentando escapar de um tio bêbado de Ron que havia cismado que Harry era seu filho, Harry mirou um velho bruxo sentado sozinho em uma mesa. Sua nuvem de cabelos brancos o deixava mais parecido com um antigo dente-de-leão. Ele era vagamente familiar para Harry. Esforçando o cérebro, Harry subitamente percebeu que era Elphias Doge, membro da Ordem da Fênix e autor do obituário de Dumbledore.

Harry se aproximou dele.

- Posso me sentar?

- Claro, claro – disse Doge; ele tinha uma voz rouca, ligeiramente asmática.

Harry se inclinou para perto dele.

- Sr. Doge, eu sou Harry Potter.

Doge engasgou.

- Meu menino! Arthur me disse que você estaria aqui, disfarçado... Estou tão contente, tão honrado!

Tremendo de satisfação nervosa, Doge derramou sobre Harry uma taça de champagne.

- Pensei em escrever para você – sussurrou – após Dumbledore... O choque... E para você, tenho certeza...

Os olhos miúdos de Doge brilharam com lágrimas repentinas.

- Vi o obituário que você escreveu para o Profeta Diário – disse Harry. – Não sabia que conhecia tão bem o Professor Dumbledore.

- Tão bem como qualquer um – disse Doge, enxugando os olhos com um guardanapo. – Eu certamente o conhecia há mais tempo, sem contar Aberforth... E não sei por que, ninguém nunca conta com Aberforth.

- Falando no Profeta Diário… Não sei se o Sr. viu, Sr. Doge...?

- Por favor, me chame de Elphias, caro rapaz.

- Elphias, não sei se você viu a entrevista que Rita Skeeter deu sobre Dumbledore?

A face de Doge ficou imediatamente avermelhada.

- Oh sim, Harry, eu vi. Aquela mulher, ou urubu, seria um termo mais adequado, ela positivamente me importunou a falar com ela, tenho vergonha de dizer que fui um tanto rude, disse que era uma, uma truta intrometida, o que resultou como você viu, em indiretas a respeito da minha sanidade.

- Bom, nessa entrevista – Harry continuou – Rita Skeeter declarou que o Professor Dumbledore estava envolvido com as Artes das Trevas quando era jovem.

- Não acredite em uma única palavra! – disse Doge, de uma vez. – Nem uma, Harry! Não deixe que nada macule suas memórias de Alvo Dumbledore!

Harry olhou para a face constrita e enrugada de Doge e sentiu não segurança, mas frustração. Será que Doge realmente achava que

seria tão fácil, que Harry poderia simplesmente escolher não acreditar? Ele não entendia que Harry precisava ter certeza, saber tudo?

Talvez Doge houvesse suspeitado dos sentimentos de Harry, pois pareceu preocupado.

- Harry, Rita Skeeter é uma maldita...

Mas foi interrompido por um cacarejo estridente.

- Rita Skeeter? Oh, eu a amo, sempre leio sua coluna!

Harry e Doge olharam para cima e viram Tia Muriel parada ali, com as plumas dançando em seu chapéu, uma taça de champanhe na mão.

- Ela está escrevendo um livro sobre Dumbledore, vocês sabem!

- Olá, Muriel – disse Doge. – Sim, estávamos justamente discutindo...

- Você aí, me dê sua cadeira! Eu tenho cento e sete anos!

Mal o ruivo primo Weasley pulou de seu assento, parecendo alarmado, e a Tia Muriel mergulhou nele com surpreendente agilidade e se acomodou entre Doge e Harry.

- Olá, novamente, Barry ou o que quer que seja – disse a Harry. – Agora, o que vocês estavam falando da Rita Skeeter, Elphias? Sabe, ela está escrevendo uma biografia de Dumbledore. Mal posso esperar para ler. Devo lembrar de encomendar uma cópia na Floreios e Borrões!

Doge parecia sério e solene, mas tia Muriel secou a taça em um

gole e estalou os dedos ossudos para um garçom que passava voltar a enchê-la. Então, tomou um grande gole, arrotou e disse:

- Não precisam ficar me olhando como um par de sapos empalhados! Antes de se tornar tão respeitado e reverenciável e tudo o mais, houve uns rumores engraçados sobre Alvo!

- Fofocas. – disse Doge, ficando novamente rubro.

- Você pode dizer isso, Elphias – cacarejou Tia Muriel. – Já notei como você patinou sobre os trechos de assuntos naquele seu obituário!

- Sinto muito que você tenha pensado isso – disse Doge, ainda mais frio. – Garanto que escrevi de coração.

- Oh, todos sabemos como você idolatrava Dumbledore; ouso mesmo dizer que você ainda acha que ele seja um santo mesmo que isso signifique esquecer o que ele fez com sua irmã Aborto!

- Muriel! – exclamou Doge.

Um arrepio que não tinha nada a ver com a champanhe gelada foi sentido dentro do peito de Harry.

- O que você quer dizer? – ele perguntou a Muriel. – Quem disse que a irmã dele era um aborto? Pensei que ela estivesse doente.

- Então você pensou errado, não é, Barry? – disse tia Muriel, parecendo deliciada com o efeito de suas palavras. – De qualquer forma, como você poderia esperar saber algo sobre esse assunto? Tudo aconteceu muitos anos antes de você ser sequer um pensamento, meu querido, e a verdade é que aqueles de nós que já

eram vivos nunca souberam o que realmente aconteceu. Por isso eu não posso esperar para ver o que Skeeter descobriu! Dumbledore manteve sua irmã quieta por muito tempo!

- Não é verdade! – ofegou Doge. – Absolutamente falso!

- Ele nunca me disse que a irmã era um aborto – disse Harry, sem pensar, ainda gelado por dentro.

- E por que motivo ele diria isso a você? – guinchou Muriel, se remexendo um pouco no assento enquanto tentava focalizar Harry.

- O motivo pelo qual Alvo nunca falou de Ariana – começou Elphias, com a voz embargada pela emoção – é, devo imaginar, muito claro. Ele esteve tão devastado com sua morte...

- E por que ninguém mais a viu, Elphias? – grasnou Muriel. – Por que metade de nós sequer sabíamos que ela existia até que eles carregaram o caixão para fora da casa e fizeram um funeral para ela? Onde estava o santo Alvo enquanto Ariana esteve trancada no porão? Certamente brilhando em Hogwarts, e deixando para lá o que acontece em sua própria casa!

- O que você quer dizer com trancada no porão? – perguntou Harry. – O que é isso?

Doge parecia miserável. Tia Muriel cacarejou novamente e respondeu:

- A mãe de Dumbledore era uma mulher terrível, simplesmente terrível. Nascida trouxa, embora eu já tenha ouvido que ela fingia ser pura...

- Ela nunca fingiu nada assim! Kendra era uma boa mulher – sussurrou Doge, angustiado, mas Tia Muriel o ignorou.
- É o que você diz, Elphias, mas explique, então, por que ela nunca foi a Hogwarts! – disse Tia Muriel. Ela voltou-se para Harry. – em nossa época, Abortos eram freqüentemente renegados, embora fosse um extremo aprisionar uma garotinha em casa e fingir que ela não existia...
- Estou dizendo, isso não aconteceu! – disse Doge, mas Tia Muriel apenas revirou os olhos, ainda se dirigindo a Harry.
- Abortos eram normalmente enviados a escolas trouxas e encorajados a integrar a comunidade trouxa... Muito melhor que tentar encontrar para eles um lugar no mundo mágico, onde sempre seriam cidadãos de segunda classe, mas naturalmente Kendra Dumbledore nem sonharia em deixar a filha ir a uma escola trouxa...
- Ariana era delicada! – disse Doge, desesperadamente. – Sua saúde sempre foi frágil para permitir que ela...
- Para permitir que ela saísse de casa? – cacarejou Muriel. – E ainda assim ela jamais foi levada a Hospital St. Mungus e nenhum Curandeiro jamais a viu?
- Realmente, Muriel, como você pode saber se...
- Para sua informação, Elphias, meu primo Lancelot era um Curandeiro em St. Mungus naquela época, e ele falou para minha família em estrita confidência que Ariana nunca foi vista ali. Tudo muito suspeito achava Lancelot!

Doge parecia estar à beira das lágrimas. Tia Muriel, que parecia enormemente satisfeita consigo mesma, estalou os dedos em busca de mais champanhe. Harry pensou nebulosamente em como os Dursley já haviam feito ele se calar, trancado-o, mantido-o em segredo, tudo pelo crime de ser um bruxo. Teria a irmã de Dumbledore sofrido o mesmo destino ao contrário: aprisionada por sua falta de magia? E teria Dumbledore realmente deixado-a ao sabor do seu destino enquanto ia para Hogwarts e mostrava ser brilhante e talentoso?

- Agora, se Kendra não houvesse morrido antes – resumiu Muriel – eu diria que foi ela que acabou com Ariana...

- Como você pode, Muriel! – grunhiu Doge – Uma mãe matar a própria filha? Pense no que está dizendo!

- Se a mãe em questão for capaz de aprisionar a própria filha por anos a fio, por que não? – volveu Tia Muriel, pensativamente. – balance a cabeça o quanto quiser, Elphias. Você esteve no funeral de Ariana, não?

- Sim, estive – disse Doge, com os lábios trêmulos – E foi a situação mais triste e desesperadora que posso me lembrar. Alvo estava com o coração partido...

- Seu coração não era a única coisa. Não se lembra que Aberforth quebrou o nariz de Alvo a caminho da cerimônia fúnebre?

Se Doge já parecia aterrorizado antes disso, não era nada em comparação com seu aspecto agora. Muriel poderia tê-lo

apunhalado. Ela cacarejou em voz alta e tomou outro gole de champanhe, que escorreu por seu queixo.

- Como você... – crocitou Doge.

Minha mãe era amiga da velha Bathilda Bagshot – disse Tia Muriel, alegremente. – Bathilda descreveu tudo para minha mãe e eu escutei atrás da porta. Uma rixa ao lado do caixão. Pelo que Bathilda disse, Aberforth gritou que era tudo culpa de Alvo, que Ariana estava morta e então socou sua cara. De acordo com Bathilda, Alvo sequer se defendeu, e isso já foi bem esquisito. Alvo poderia ter destruído Aberforth em um duelo com as duas mãos amarradas nas costas.

Muriel tomou ainda mais champanhe. A narrativa de todos aqueles escândalos parecia entretê-la tanto quanto horrorizava Doge. Harry não sabia o que pensar, em que acreditar. Ele queria a verdade e ainda assim tudo o que Doge fazia era ficar ali sentado repetindo fracamente que Ariana estivera doente. Harry mal podia acreditar que Dumbledore não tivesse interferido se tamanha crueldade que acontecesse dentro de sua própria casa, e ainda assim, havia algo indubitavelmente estranho na história.

- E vou dizer mais – continuou Muriel, soluçando alto ao pousar a taça. – Acho que Bathilda entregou o ouro a Rita Skeeter. Todas essas notas na entrevista da Skeeter sobre uma fonte importante perto dos Dumbledores... Deus sabe que ela esteve por lá durante toda essa coisa com a Ariana, e poderia ser ela!

- Bathilda jamais falaria para rita Skeeter – sibilou Doge.
- Bathilda Bagshot? – Harry disse. – A autora de História da Magia?
O nome estivera impresso na capa de um dos livros escolares de Harry, embora ele admitisse que não lera com muita atenção.
- Sim – disse Doge, se agarrando á pergunta como um homem que se afoga a uma bóia. – Uma das melhores historiadoras mágicas e velha amiga de Alvo.
- Meio gagá atualmente, ouvi dizer – acrescentou Tia Muriel animadamente.
- Se é assim, é ainda mais vergonhoso para Skeeter tomar vantagem dela – disse Doge, - e nenhum crédito pode ser dado ao que Bathilda diz!
- Oh, há maneiras de trazer de volta as memórias, e tenho certeza que Rita Skeeter conhece todas elas – disse Tia Muriel. – Mas mesmo se Bathilda estiver completamente lelé, tenho certeza que ainda tem velhas fotografias, talvez até cartas. Ela conhecia os Dumbledores há anos… Bem, valeria uma viagem a Godric´s Hol ow, acredito.
Harry, que estivera tomando um gole de cerveja amanteigada, engasgou. Doge bateu em suas costas enquanto ele tossia, olhando para Tia Muriel por entre as lágrimas. Quando recobrou o controle da voz, ele perguntou:
- Bathilda Bagshot mora em Godric's Hol ow?
- Oh sim, ela está lá há uma eternidade! Os Dumbledore se

mudaram para lá depois que Percival foi preso, e ela era a vizinha.

- Os Dumbledore moravam em Godric's Hol ow?

- Sim, Barry, foi o que eu acabei de dizer – reiterou Tia Muriel.

Harry se sentiu drenado, vazio. Nunca, jamais, em seis anos, Dumbledore havia dito a Harry que ambos haviam vivido e perdido pessoas queridas em Godric's Hol ow. Por quê? Será que Lílian e Tiago haviam sido enterrados perto da irmã e da mãe de Dumbledore? Teria ele visitado suas sepulturas, talvez caminhado até a de Lílian e de Tiago para isso? E ele nunca contara a Harry… Jamais se importou em dizer...

E qual a importância disso tudo, Harry não poderia explicar nem para si mesmo, mas mesmo assim sentia que era quase uma mentira não contar a ele que tinham essas experiências em comum. Ele se ergueu, mal notando o que acontecia ao seu redor, e não percebeu que Hermione surgira da multidão até que ela se deixasse



cair em uma cadeira ao seu lado.

Eu simplesmente não posso mais dançar... – ela ofegou, tirando um dos sapatos e esfregando a sola do pé. – Ron foi procurar mais

cervejas amanteigadas. É um pouco estranho, eu acabei de ver Victor se afastando do pai da Luna, parecia que eles discutiram... – ela baixou a voz, olhando para ele – Harry, você está bem?

Harry não sabia por onde começar, mas isso não importava, naquele momento, alguma coisa grande e prateada baixou do dossel até a pista de dança.

Gracioso e brilhante, o lince pousou levemente no meio dos dançarinos atônitos. Cabeças se viraram conforme os mais próximos absurdamente congelaram no meio da dança. Então a boca do patrono se abriu e ele falou com a voz profunda e lenta de Kingsley Shaklebolt:

- O Ministro caiu. Scrimgeour está morto. Eles estão chegando.

Capítulo 9

Um lugar para se esconder

Tudo parecia nebuloso, lento. Harry e Hermione ficaram de pé e puxaram suas varinhas. Muitas pessoas estavam começando a perceber que algo estranho tinha acontecido; cabeças ainda estavam se virando em direção ao gato cinza quando ele desapareceu. O silêncio se espalhou em ondas frias do lugar onde o patrono tinha chegado. Depois alguém gritou.

Harry e Hermione se jogaram no meio da multidão que estava em pânico. Pessoas corriam em todas as direções, muitas estavam desaparatando; o encantamento que protegia a Toca tinha sido

quebrado.

“ Rony!” Hermione gritou “Rony, onde você está?”

Enquanto eles traçavam seu caminho através da pista de dança Harry viu figuras mascaradas e cobertas aparecendo na multidão; depois ele viu Lupin e Tonks, com as varinhas levantadas e escutou os dois gritarem

“ Protego!” Um grito que ecoou por todos os lados.

“ Rony, Rony,!” Hermione chamou meio que chorando enquanto ela e Harry eram empurrados por convidados apavorados. Harry agarrou sua mão para ter certeza que eles não se separassem enquanto listras de luzes passavam pelas suas cabeças, se era um feitiço de proteção ou algo mais sinistro ele não sabia.

E de repente Rony apareceu, ele segurou o braço livre de Hermione, e Harry disse a ela para guiá-lo: visão e audição estavam se extinguindo enquanto a escuridão aumentava em relação a ele; tudo que podia sentir era a mão de Hermione enquanto a pressionava através do tempo e espaço, para longe da Toca, longe dos Comensais da Morte, longe talvez, até mesmo, de Voldemort .

“ Onde estamos?!” disse a voz de Rony

Harry abriu os olhos. Por um momento ele pensou que eles ainda não tinham deixado o casamento: eles ainda pareciam estar cercados por pessoas.

“ Tottenham Court Road.” Disse Hermione “Ande, só ande, precisamos achar algum lugar para vocês se trocarem.”

Harry fez o que ela tinha pedido. Eles meio que andaram, meio que correram rua escura cheia de revelações da madrugada e marcado por lojas fechadas, estrelas brilhando sobre eles. Um ônibus de dois andares passou fazendo barulho e um grupo de “pub-goers“ olharam para eles enquanto passavam. Harry e Ron ainda estavam vestindo roupas arrumadas.

“ Hermione, nós não temos nada para vestir” Ron disse a ela enquanto uma jovem mulher abriu um sorriso amarelo quando o viu.

“ Por que eu não verifiquei se estava com a capa de invisibilidade?” disse Harry, reclamando da sua própria estupidez. “todo o ano passado eu estava com ela o tempo todo e..”

“ Ta tudo certo, eu estou com a capa. Eu tenho roupa para vocês dois.” Disse Hermione. “ apenas tentem parecer normal por enquanto, isso vai funcionar.”

Ela guiou eles para um lado da rua, depois para o abrigo de uma passagem escura.

“ Quando você disse que tinha a capa e roupas, você..” disse Harry franzindo as sobrancelhas para Hermione que estava carregando nada exceto pela sua pequena e adornada bolsa, na qual ela estava mexendo.

“ Sim, eles estão aqui.” Disse Hermione e para uma maior surpresa de Harry e Hermione ela tirou uma calça jeans, uma camisa suada, algumas meias marrons, e finalmente a acinzentada capa de invisibilidade.

“ Mas, como..?

“ Feitiço de extensão indetectável” disse Hermione. “enganador, mas eu acho que eu fiz ele certo, de qualquer forma, eu consegui colocar tudo que nós precisávamos aqui dentro.”

Ela olhou a bolsa que parecia frágil e balançou um pouco, e isso ecoou como se uma carga de vários objetos pesados se mexessem dentro da bolsa. “Ah, maldição... Deve ter sido os livros” ela disse mexendo dentro da bolsa “e eu tinha separado eles por matéria.. Ah, bem. Harry é melhor você pegar a capa de invisibilidade, Rony, apresse-se e se troque... ”

“ Quando foi que você fez isso tudo?!”Harry perguntou enquanto Rony tirava sua roupa.

“ Eu te disse, na Toca. Eu tinha o essencial arrumado há dias, você sabe, caso nós precisássemos sair rapidamente, eu guardei sua mochila hoje de manhã, Harry, depois de você se trocar, e coloquei aqui, eu simplesmente tive a sensação de que eu devia..”

“ Você é incrível...Você é..” Rony disse entregando a ela suas roupas empacotadas.

“ Obrigada” disse Hermione dando um pequeno sorriso enquanto ela colocava as roupas dentro da bolsa. “Harry, por favor, coloque a capa!”

Harry jogou a capa por trás de seus ombros e sobre sua cabeça, desaparecendo. Só agora ele estava começando a avaliar o que tinha acontecido.

“ Os outros – todos no casamento”
“ Não podemos nos preocupar com eles agora” cochichou Hermione “É você que eles estão procurando Harry, e nós só vamos deixar os outros em um perigo maior se voltarmos.”
“ Ela está certa” disse Rony que parecia saber que Harry estava prestes a argumentar, mesmo sem poder ver seu rosto. “ A maioria da Ordem estava lá, eles vão cuidar dos outros.”
Harry afirmou com a cabeça, depois se lembrou que não podiam vê-lo e disse “O.k.” mas ele pensou em Gina e sentiu como se tivesse ácido em seu estômago.
“ Vamos, eu acho que nós devemos continuar andando” disse Hermione
Eles voltaram para a rua e depois para a avenida principal novamente, onde um grupo de homens do outro lado da rua estavam cantando e cruzando a calçada..
“ Só por curiosidade, por que Torrenham Court Road?”Rony perguntou pra Hermione.
“ Não tenho a menor idéia, simplesmente veio à minha mente, mas eu tenho certeza que estamos mais salvos no mundo dos trouxas, não é o lugar que eles esperam que nós estejamos.”
“ Verdade.” Disse Ron olhando ao redor “Mas você não se sente um pouco exposta?”
“ Qual seria o outro lugar?”Perguntou Hermione, se encolhendo enquanto o homem do outro lado da rua começou a assobiar como

um lobo para ela. “Nós mal podemos garantir quartos no Caldeirão Furado, podemos? E Largo Grimmauld está descartado porque se Snape chegar lá... Eu achei que nós poderíamos tentar a casa de meus pais embora eu ache que tem uma chance deles irem ver se nós estamos lá... Ah, eu queria que eles se calassem!”

“ Tudo bem querida?”o mais bêbado dos homens na outra calçada estava gritando “Aceita um drinque? Anime-se e venha tomar um gole!”

“ Vamos nos sentar em algum lugar.” disse ela rigidamente enquanto Rony abria sua boca para gritar algo de volta “Veja, isso vai ser o suficiente, aqui dentro!”

Era um desgastado e pequeno café 24 horas. Havia uma camada leve de sujeira em todas as mesas com tampo de fórmica, mas pelo menos estava vazio. Harry foi para uma cabine, primeiro e Rony se sentou perto dele, de frente pra Hermione, que estava de costas para a entrada e não estava gostando da posição. Ela olhava para trás tão frequentemente que parecia ter uma contração muscular. Harry não gostava de estar parado, enquanto eles estavam andando parecia que eles tinham um objetivo. Debaixo da capa ele podia sentir os últimos vestígios da Poção Polissuco indo embora, suas mãos voltavam ao seu comprimento e forma normais. Ele tirou seus óculos do bolso e os colocou novamente.

“ Se isso não colocá-los em perigo. Acho que eles já devem estar presos

Depois de um ou dois minutos Rony disse “Você sabe que não estamos tão longe do Caldeirão Furado, ele fica na Charing Cross – “

“ Rony, nós não podemos!” disse Hermione uma vez por todas.

“ Não para ficar lá, mas pra descobrir o que está acontecendo!”

“ Nós sabemos o que está acontecendo! Voldemort está controlando o Ministério, o que mais nós precisamos saber?!”

“ Certo, certo.. foi só uma idéia!”

Eles caíram em um silencio incômodo. A garçonete que mastigava chiclete passou e Hermione pediu dois capuccinos: como Harry estava invisível iria parecer estranho pedir o dele.

Dois trabalhadores entraram no café e se sentaram na cabine do lado e Hermione diminuiu sua voz a um sussurro.

“Eu sugiro que nós devemos encontrar um lugar calmo para desaparatar e ir para o campo. Quando chegarmos lá, nós poderemos mandar uma mensagem para a Ordem.”

“ Você pode fazer aquela coisa do Patrono falante? Rony perguntou

“ Eu andei treinando e acho que sim.” Disse Hermione.

“Bem, contanto que eles não se metam em problemas, embora eles possam já estar presos. Deus, é revoltante.” Completou Rony dando um gole no seu café espumoso. A garçonete ouviu e disparou a Rony um olhar de desprezo enquanto saia para anotar os pedidos de novos clientes. O maior dos dois recém – chegados, que era loiro e bem grande, agora que Harry tinha parado para

observar, acenou que ela fosse embora. Ela o encarou, afrontada.
“Vamos indo então, não quero beber essa porcaria” disse Rony “Hermione, você tem dinheiro trouxa para pagar por isso?”
“Sim, eu peguei todas as minhas economias da Biuding Society (Banco) antes de vir à Toca, aposto que todos os trocados estão aí no fundo”, falou Hermione apontado para sua bolsa.
Os dois outros clientes fizeram movimentos idênticos e Harry os imitou sem perceber o que fazia. Os três tinham sacado as varinhas. Rony alguns segundos depois percebendo o que aconteceu pulou por cima da mesa e protegeu Hermione para baixou do banco. A força do feitiço dos Comensais da Morte foi tão grande que quebrou o telhado bem no lugar que a cabeça de Ron tinha estado segundos antes. Harry, ainda invisível, gritou “Estupefaça”.
O comensal loiro e alto foi atingindo por um jato vermelho bem no rosto. Ele caiu para o lado, inconsciente. O seu companheiro, incapaz de ver quem lançou o feitiço, disparou outro contra Rony. Cordas negras e brilhantes saíram da ponta de sua varinha e laçaram Rony dos pés a cabeça-A garçonete gritou e saiu correndo em direção á porta. Harry lançou outro Feitiço Estuporante, agora no Comensal da Morte que havia prendido Rony, mas o feitiço que ricocheteou na janela e atingiu a garçonete que caiu diante da porta de entrada.
“ Expulso”, gritou o comensal da morte, e a mesa atrás da qual

Harry se escondia foi pelos ares.A força da explosão o jogou contra a parede e sua varinha escorregou da sua mão enquanto sua capa escorregava.
“ Petrificus Total us” Gritou Hermione de fora da confusão e o comensal caiu como uma estátua no meio da mesa e das louças quebradas. Hermione rastejou de baixo do banco , sacudindo cacos de vidro de seu cabelo e tremendo toda”
“ Di...Diffindo” disse apontando a varinha para Ron que rugia de dor,enquanto ela rasgava jeans dele no joelho e dizia “OH, desculpe, Ron, minhas mãos estão tremendo. Diffindo”
As muitas cordas caíram, Rony ficou de pé e começou a sacudir seus braços, para voltar a senti-los. Harry pegou sua varinha e foi até o homem loiro estatelado no banco.
“Eu deveria ter reconhecido, ele estava na noite que Dumbledore morreu” disse. E se virou para o comensal mais escuro aos seus pés que tinha os olhos se movendo de Harry para Rony e Hermione.
“ Esse aí é o Dolohov” falou Rony “Reconheci do cartaz de procurado. Acho que foi naqueles grandões em Thorfinn Rowle”
“ Não importa onde Rony” falou Hermione um tanto histérica “ O importante é :Como eles nos encontraram? E o que vamos fazer com eles?”
De alguma maneira, seu pânico pareceu clarear as idéias de Harry.
“ Tranque a porta” Harry disse a ela” e Rony desligue as luzes”

Ele olhou para o paralisado Dolohov e pensou tão rápido quanto Hermione trancou a porta e Rony usou o Apagueiro para trazer a escuridão para o café. Harry pôde ouvir os homens que mais cedo cantaram Hermione, gritando com duas garotas ao longe.

“O que faremos com eles?” sussurrou Rony para Harry na escuridão, depois ainda mais baixo. “Matá-los? Eles nos matariam, eles acabaram de tentar fazê-lo”.

Hermione deu um passo para trás, Harry balançou a cabeça.

“ Nós só precisamos apagar suas memórias” explicou Harry “ É melhor assim e tirá-los da cena. Se os matarmos, saberão onde nós estamos”

“ Você quem manda” falou Ron parecendo aliviado “ Mas nunca realizei encantamentos de memória antes”

“ Nem eu” falou Hermione “ Mas eu sei a teoria”

Ela respirou profunda e calmamente, apontou sua varinha para a testa de Dolohov e falou “Obliviate”.

De repente, os olhos de Dolohov ficaram desfocados e sonhadores.

“ Brilhante”, disse Harry dando-lhe um tapinha nas costas “ Cuide do outro e da garçonete, enquanto eu e Rony damos uma arrumada aqui”

“ Arrumar” protestou Rony olhando para o café parcialmente destruído “Por que?”

“ Você não acha que eles estranhariam se acordassem e se vissem em lugar que mais parece ter sido atingido por uma bomba?”

“ Tá bom...”

Rony relutou um pouco antes de tentar retirar a varinha de seu bolso.

“ Não é de admirar que eu não consiga pegar minha varinha, Hermione, você encolheu meus jeans velhos, eles estão apertados”.

“ Oh, me desculpe” sussurrou Hermione enquanto arrastava a garçonete da frente da janela, ela ouviu Hermione sugerir a Rony outro lugar para guardar a varinha.

Uma vez que o Café havia voltado a sua condição normal, eles trataram de por os Comensais na sua posição original de frente para o outro.

“ Mas como eles nos acharam?”, falou Hermione olhando de um para o outro. “Como eles sabiam que estávamos aqui?”.

“Você-você não acha Harry que seu Trace ainda está atrás de você, acha?”

“ Não, não pode ser, o trace é rompido aos 17 anos” Disse Rony “É a lei dos bruxos, não se pode por o Trace num adulto”.

“ Até onde nós sabemos” falou Hermione” Mas se os Comensais da Morte tiverem descoberto um jeito de por em uma pessoa de 17 anos?”

“ Mas Harry nem sequer andou próximo a um Comensal da morte nas últimas 24 horas. Quem botaria o Trace atrás do Harry novamente?”

Hermione não respondeu. Harry se sentiu contaminado, tentado.

Foi realmente isso que fez com que os Comensais o achassem?

“Se eu não posso usar magia, e vocês não podem usar magia perto de mim sem denunciar nossa localização...” começou.

“Nós não vamos nos separar” falou Hermione firmemente.

“Nós precisamos de um lugar seguro para nos esconder” disse Ron “Dê-nos um tempo para pensar”.

“ Lago Grimmauld”, disse Harry

Os outros dois gemeram

“ Não seja estúpido, Harry. Snape pode entrar lá”.

“ O pai do Rony disse que eles puseram azarações para que ele não pudesse entrar lá-e mesmo que eles não funcionem” ele começou antes que Hermione pudesse interrompê-lo.” E daí? Eu juro, não tem nada que eu gostaria mais do que encontrar Snape”

“ Mas...”

“ Hermione, para onde mais iríamos? É a nossa melhor chance. Snape é apenas um Comensal, se eu ainda tenho o Trace atrás de mim, teremos uma multidão deles atrás de nós, aonde quer que formos.”

Ela não teve argumentos, embora parecesse que se os tivesse, usaria.

Enquanto ela destrancava a porta, Rony usou o Apagueiro para trazer a luz de volta ao lugar. Depois Harry contou até três e eles reverteram o feitiço das três vítimas e antes que a garçonete e os dois comensais pudessem acordar da dormência, eles voltaram à

saída e sumiram numa densa escuridão mais uma vez.

Segundos depois, os pulmões de Harry se encheram agradecidos e ele abriu os olhos. Eles agora estavam no meio de uma pequena e simples região residencial.Casas altas e rústicas, cercavam os meninos por todos os lados.O número 12 era visível para eles que tinham sido avisados da sua existência por Dumbledore, o guardião do segredo. Eles se apressaram em alcançar a porta, verificando a cada passo se estavam sendo seguidos ou observados. Eles correram até o degrau de entrada, e Harry bateu na porta com a varinha uma vez.

Eles ouviram uma série de cliques metálicos e correntes se movendo, então a porta se abriu e eles se apressaram em entrar. Quando Harry fechou a porta atrás deles, as velhas lâmpadas de gás voltaram à vida, espalhando luz cintilante ao longo do corredor. Harry lembrava de tudo: filas de cabeças de elfos nas paredes lançando estranhas sombras sobre as escadas, longas cortinas negras cerravam o retrato da mãe de Sirius. A única coisa que estava fora do lugar era a perna de trasgo onde se punham os guarda-chuvas e que estava caído para o lado como se Tonks tivesse tropeçado nela novamente.

“ Eu acho que alguém esteve aqui” sussurrou Hermione apontando para trás da perna.

“ Isso pode ter acontecido enquanto a Ordem partia” Ron murmurou em resposta.”

“ Então, cadê essas azarações que eles botaram contra o Snape?” perguntou Harry

“ Talvez elas só sejam ativadas se ele aparecer” sugeriu Ron

“ Bem, não podemos ficar aqui para sempre”, disse Harry e deu um passo à frente

“ Severus Snape?”.

A voz de Moody sussurrou da escuridão, fazendo com que os três dessem um pulo para trás, assustados. “Não somos o Snape”, esganiçou Harry, antes que alguma coisa o atingisse como vento frio e enrolasse sua língua para dentro, impedindo de falar.Antes que ele tivesse tempo para senti-la sua boca, no entanto, sua língua se endireitou novamente.

Os outros dois devem ter passado pela mesma situação desagradável . Rony estava fazendo barulhos estranhos e Hermione estava gaguejando “Essa deve ser a maldição da língua presa que olho tonto fez para Snape”.

Harry deu mais um passo à frente. Alguma coisa se móvel no final do hal e antes que eles pudessem dizer qualquer coisa, uma figura emergiu do carpete, alta, descolorida e terrível: Hermione berrou, assim como a senhora Black quando suas cortinas se abriram. A figura acinzentada movia em direção a eles cada vez mais rápido com seus cabelos e barba prateados e compridos com a esvoaçando atrás dele. O rosto cadavérico, sem carne, com as órbitas oculares vazias. Horrivelmente familiar, assustadoramente

alterado, ele levantou um braço horrendo apontando para Harry.
“Não”, gritou Harry e embora ele tenha erguido sua varinha, não lhe ocorreu nenhum feitiço “Não, não fomos nós, nós não o matamos”.
Na palavra “matamos” a figura explodiu numa imensa nuvem de poeira. Tossindo, os olhos cheios de água, Harry olhou em volta para ver Hermione agachada junto a porta, com as mãos na cabeça e Rony tremendo dos pés à cabeça apertando o ombro dela e dizendo” Tá... tudo bem...foi....embora”
A poeira se aglutinou ao redor de Harry como névoa, envolvendo a luz enquanto a senhora Black continuava a gritar.
“ Sangue ruins, escória, estátuas da vergonha, motivo de vergonha na casa de meus pais”
“ Cala a boca” berrou Harry apontando a varinha para ela, e com um estrondo e uma jato de fagulhas vermelhas, as cortinas se fecharam de novo, silenciando-a”.
“ Aquele... Aquele era...” balbuciou Hermione, enquanto Rony a ajudava a ficar de pé.
“ Yeah” disse Harry “Mas não era realmente ele, era?Era somente alguma coisa para assustar Snape”.
Funcionou, imaginou Harry, ou Snape apenas se livro da figura casualmente, como matou o verdadeiro Dumbledore? Nervos ainda pulsando, ele liderou os outros dois para o hal superior, meio que esperando que um novo terror se revelasse, mas nada se moveu, exceto por um esqueleto de rato no assoalho.

“ Antes de irmos mais longe, acho melhor conferirmos”sussurou Hermione e ela levantou sua varinha “Homenum Revelio”.

Nada aconteceu.

“ Você acabou de ter uma grande choque” disse Rony “O que isso deveria fazer?”.

“ Deveria fazer aquilo que eu queria que fizesse” falou Hermione “Isso era um feitiço para revelar presenças humanas e não ninguém além de nós aqui”

“ Um velho empoeirado” falou Ron olhando para o pedaço de carpete do qual a figura cadavérica havia se elevado.

“ Vamos subir” disse Hermione, com um olhar assustado para o mesmo lugar e liderou um caminho das escadas do Hal até as salas de pintura no primeiro andar.

Hermione balançou sua varinha para acender a antiga lâmpada de gás. Hermione sentou –se no sofá com os braços em volta de si mesmo.Rony atravessou a sala até a janela e moveu a pesa da cortina de veludo alguns centímetros.

“ Não consigo ver ninguém lá fora” reportou Rony “ Se Harry ainda tem o Trace atrás dele eles deveriam ter nos encontrado, eu sei que eles não podem entrar nem nada, mas... Qual o problema, Harry?”.

Harry tinha dado uma lamúria de dor. Sua cicatriz doera de novo como se algo tivesse passado pela sua cabeça como um raio brilhante na água. Harry viu uma sombra imensa e sentiu uma enorme fúria que não era sua se apoderando do seu corpo, violenta

e breve como um choque elétrico”.

“ O que você viu” perguntou Ron “ você o viu na minha casa?:”

“ Não, eu senti raiva, muita raiva”

“ Mas poderia ser na Toca”, falou alto Ron” Você viu alguma coisa? Eles estava amaldiçoando alguém?”

“ Eu senti raiva, eu não posso dizer nada”.

Harry se sentia mal e confuso e Hermione não ajudou quando disse em voz assustada “ Sua cicatriz de novo? Mas o que está acontecendo? Eu pensei que essa ligação havia sido fechada”.

“ Fechou por um tempo” murmurou com a cicatriz ainda doendo o que tornou difícil ele se concentrar.” Acho que começa a se abrir novamente quando ele perde o controle, pelo menos é assim que costumava ser”.

“ Mas você tem que fechar sua mente” disse Hermione esganiçada”Dumbledore não queria que você usasse essa ligação, queria que você acabasse com ela, era por isso que deveria aprender Oclumência! Senão o Voldemort pode plantar imagens falsas na sua cabeça, lembre-se”

“ Eu lembro sim, obrigado” falou Harry entre dentes. Ele não precisava de Hermione lembrando que uma vez Voldemort já usou essa mesma ligação para levá-lo a uma armadilha que resultou na morte de Sirius. Ele queria não ter contado a eles o que ele viu e sentiu, isso fazia de Voldemort mais ameaçador, por mais que tivesse pressionado contra a janela sua cicatriz ainda doía e ele

lutava contra isso como resistia a urgência em vomitar.

Ele deu as costas para Rony e Hermione fingindo olhar a velha tapeçaria na parede. Então Hermione tremeu e Harry empunhou sua varinha novamente e moveu para ver um patrono prateada aparecer pela janela da sala de pinturas e subir até o piso em que estavam se solidificando na forma de doninha que falou na voz do pai de Rony.

“ Família bem, não responda, estamos sendo observados”

Rony deixou escapar um ruído entre um ganido e um suspiro e se deixou cair no sofá: Hermione se juntou a ele agarrando seu braço”.

“ Eles estão bem, Eles estão bem” ela murmurou, Rony respondeu com um meio sorriso e a abraçou.

“ Harry” disse ele por cima do ombro de Hermione “Eu...”.

“ Isso não é problema”, disse enjoado pela dor em sua cabeça.“É a sua família, claro que você está preocupado, eu sentiria do mesmo jeito em relação a eles, aliás eu me sinto desse jeito em relação a Gina”

E a dor na sua cicatriz crescia cada vez mais ele não poderia mais suportar... ele falou que deveriam pegar sacos de dormir e dormir ali mesmo aquela noite.

Ele ouviu Rony concordar e a dor na sua cicatriz apertar, ele tinha de sucumbir...

“ Banheiro” ele murmurou e deixou a sala apressado, mas sem correr. Ele mal conseguiu chegar até lá , fechou a porta atrás dele e

pôs a sua cabeça, que pesava muito no chão, foi uma explosão de agonia, sentiu uma raiva incontrolável possuir sua alma, viu uma longa sala iluminada apenas por um lareira e um Comensal da Morte jogado no chão, grunhindo e choramingando para uma figura alta na frente dele, varinha em riste, falando com uma voz alta, fria e sem misericórdia.

"Mais, Rowle, ou devemos terminar e alimentar Nagini ... Voldemort não está muito certo se perdoará dessa vez, você não poderia voltar e dizer que Harry Potter escapou ... Draco, dê a ele mais uma mostra do nosso descontentamento."

Um registro caiu na lareira. Flamas subiram, sua luz dançando...assustado, apontou para seu rosto pálido... com uma sensação de estar afogando em água , Harry afogou depois voltou a respirar e abriu seus olhos.

Ele estava de braços e pernas abertos no chão negro e frio de mármore, bem perto de uma das caudas de serpente de prata que sustentavam a grande banheira. Sentou-se direito. O rosto magro de Malfoy, rosto petrificado permaneceu ainda em seus olhos.Harry estava enjoado com o que tinha visto e com a função a qual Voldemort designara Draco.

Houve uma batida na porta e Harry pulou assim que ouviu a voz de Hermione.

“ Harry, você quer uma escova de dentes? Eu tenho aqui”.

“ Quero, valeu” tentando soar o mais casual possível e ficando de

pé para abrir a porta e deixá-la entrar...



Capitulo 10

A História de Monstro

Harry acordou cedo na manhã seguinte, envolto no seu saco de dormir no chão desenhado do quarto. Um pedaço do céu era visível entre as pesadas cortinas; Era fresco, um azul claro de tinta aguada; em algum lugar entre a noite e o amanhecer, tudo estava quieto exceto pela respiração lenta e profunda de Rony e Hermione. Harry olhou de relance as formas escuras que eles projetavam perto dele.Rony teve um ímpeto de galanteio e insistiu que Hermione dormisse sobre os travesseiros do sofá, por isso sua silhueta se erguia acima dos dois.Seu braço estava curvado sob o chão, seus dedos estavam muito próximos de Rony. Harry se perguntou se não teriam dormido de mãos dadas. A idéia o fez sentir-se extremamente solitário.

Ele olhou para o teto sombreado, para o lustre coberto de teias de aranha. Menos de 24 horas atrás, ele manteve-se postado sob a luz do sol na entrada da tenda, esperando os convidados do casamento. Isto lhe parecera uma vida em outro lugar.O que vinha por acontecer agora? Ele se deitou no chão e pensou nas horcruxes, no medo, na complexa missão que Dumbledore havia deixado para ele. Dumbledore.

O sofrimento que o possuíra desde a morte de Dumbledore era diferente agora.As acusações que ele ouvira de Muriel no

casamento pareciam ter se aninhado em seu cérebro como uma doença, infectando suas lembranças sobre o bruxo que ele idolatrara.Podia Dumbledore ter deixado aquelas coisas acontecerem? Teria ele sido como Duda e se contentado em assistir ao menosprezo e ao abuso sem que isso o afetasse? Podia ele ter virado as costas a uma irmã que vivia aprisionada e escondida?

Harry pensou em Godric's Hol ow, nos túmulos que Dumbledore nunca havia mencionado, pensou nos misteriosos objetos deixados sem explicação no testamento de Dumbledore, e sua raiva crescia na escuridão.Porque Dumbledore não o teria avisado? Porque ele não teria explicado? Teria Dumbledore realmente prevenido Harry de tudo? Ou teria Harry sido nada mais que um instrumento para ser polido e afiado, mas não confiável, nunca confiável? Harry não podia continuar sentado ali sem ter nada alem de pensamentos amargos por companhia. Desesperado por alguma coisa para fazer, uma distração, ele escorregou para fora do seu saco de dormir, ergueu sua varinha e se arrastou para fora do quarto.

Ao sair murmurou: "Lumus", e começou a subir as escadas com a ajuda da luz da varinha

Na segunda parada estava o quarto de dormir onde ele e Rony tinham dormido a ultima vez que ele tinha estado aqui; olhou de relance para ele. As portas do armário estavam abertas e as roupas de cama tinham sido jogadas de volta. Harry se lembrou da perna

de trasgo debaixo da escada. Alguém tinha procurado a casa desde que a Ordem a tinha deixado. Snape?

Ou talvez Mundungus, que havia furtado as riquezas da casa antes e depois da morte de Sirius?

O olhar de Harry recaiu sob o retrato de Fineus Nigel us Black, tataravô de Sirius, mas estava vazio, não mostrando nada além de uma tela enlameada.

Fineus Nigel us gastava evidentemente as noites examinando o escritório do diretor em Hogwarts. Harry continuou subindo as escadas ate que alcançou o final delas, onde havia somente duas portas.

Uma, de frente a ele, tinha uma pequena placa contendo a palavra SIRIUS. Harry nunca havia entrado no quarto de seu padrinho antes. Empurrou a porta, abrindo-a, mantendo sua varinha no alto para que a luz corresse tão extensamente quanto possível. O quarto tinha uma vastidão considerável. Havia uma cama grande com uma cabeceira de madeira entalhada, uma janela alta obscurecida por longas cortinas de veludo, e um lustre revestido de poeira grossa ainda com velas, e havia cera sólida dependurada neste, como gotas congeladas. Uma fina película de poeira cobria os retratos nas paredes e a cabeceira da cama, uma teia de aranha estava entre o lustre e o alto do grande armário de madeira, e enquanto Harry adentrava o quarto, ouvia o correr de ratos perturbados.

O Sirius adolescente tinha emplastrado as paredes com muitos

pôsteres e retratos que deixavam a vista pouco da seda pratacinzenta. Harry poderia somente supor que os pais de Sirius tinham

sido incapazes de remover

o Feitiço Adesivo Permanente que os prendia na parede, porque

era certo que eles não apreciarariam o gosto de seu filho mais velho

para a decoração. Sirius pareceu ter tentado a sua maneira irritar os

pais.

Havia diversas bandeiras de Gryffindor, carmim e ouro, para

acentuar sua diferença de todo o resto da família de Slytherin.

Havia muitos retratos de motocicletas de trouxas, e também (Harry

teve que admirar os nervos de Sirius), diversos pôsteres de garotas

trouxas de biquíni; Harry sabia que eram trouxas porque

permaneciam paradas em seus retratos, seus sorrisos e seus olhos

estavam congelados no papel. Isto em contraste à única fotografia

bruxa nas paredes, um retrato de quatro estudantes de Hogwarts

que estavam abraçados, rindo para a câmera.

Com um pulo de prazer, Harry identificou seu pai, seu cabelo preto

desarrumado na parte de trás como o de Harry, e seus óculos

igualmente desgastados.

Ao lado dele estava Sirius, de cara ligeiramente arrogante, mas

sendo o mais jovem e mais feliz deles, e tão vivo como Harry nunca

o tinha visto. Do lado direito estava Pettigrew, o mais baixo de

todos, gordo e de olhos aquosos ao mirar

Sirius, parecendo se sentir muito bem pela sua inclusão no grupo

mais legal de todos, com os tão admirados e rebeldes Tiago e Sirius. A esquerda de Tiago estava Lupin, com as vestes surradas, mas tinha o mesmo ar da surpresa deleitada em encontrar-se neste grupo, e de ser gostado e incluído, ou foi simplesmente porque Harry soube que assim tinha sido, que viu o que estes pensam no retrato? Tentou tirá-lo da parede, era dele agora, apesar de tudo.. Sirius tinha-lhe deixado tudo. Mas não se movia.
Sirius não quis dar chances a seus pais para redecorar seu quarto.
Harry olhou em volta, para o assoalho. O céu lá fora crescia brilhante: Um eixo de luz revelou bocados de papel, livros, e pequenos objetos dispersados sobre o tapete.
Evidentemente, o quarto de Sirius havia sido vasculhado também, embora seus índices parecessem ter sido julgados na maior parte, se não inteiramente, inúteis.
Alguns dos livros haviam sido agitados a ponto de perderem suas capas, e as páginas dispersadas estavam sob o assoalho.
Harry olhou ao redor. O céu lá fora estava crescendo em brilho. Um fio de luz revelou pedaços de papel, livros e pequenos objetos espalhados sobre o carpete.
Evidentemente, o quarto de Sirius havia sido alcançado também, apesar de seus pertences parecerem ter sido julgados, em sua maioria, sem valor. Alguns dos livros tinham sido sacudidos tão grosseiramente a ponto de partir pedaços de capas
e páginas amareladas entupirem o chão.

Harry se abaixou, pegou algumas folhas de papel e examinou-as. Ele reconhece uma como parte de uma velha edição de 'História da Magia', de Barhilda Bagshot, e outro pertencente a um manual de moto. O terceiro estava escrito à mão e amarrotado. Ele desamassou.

Querido Almofdadinhas

Obrigada, obrigada pelo presente de aniversário de Harry! Foi o favorito dele até agora. Um ano de idade e já zunindo com uma vassoura de brinquedo, ele parecia satisfeito. Estou enviando uma foto para que você veja.

Você sabe que sobe apenas a doiu pés de distância do chão, mas ele quase matou o gato e quebrou um vaso horrível que Petúnia me mandou no Natal (sem aborrecimentos). É claro que Tiago achou engraçado, e diz que ele será um grande jogador de Quadribol, mas nós tivemos que retirar todos os enfeites e ter certeza de que não podemos tirar os olhos dele quanto ele 'voa'.

Nós tivemos um calmo chá de aniversário, somente nós e a velha Bathilda que sempre foi doce conosco e é apaixonada por Harry. Ficamos tristes que você não pôde vir, mas a Ordem é importante, e Harry não tem idade o suficiente para saber que é seu aniversário! Tiago está ficando um pouco frustrado trancado aqui, ele tenta não demonstrar, mas eu posso dizer - que Dumbledore ainda está com a Capa da Invisibilidade dele, então sem chances de pequenas excursões. Se você pudesse visitá-lo, isso o animaria

muito. 'Wormy' esteve aqui semana passada. Achei que parecia pra baixo, mas isso era provavelmente o próximo sobre os McKinnons; chorei a tarde toda quando soube.

Bathilda vem aqui quase todos os dias, ela é uma lady fascinante com as histórias mais incríveis sobre Dumbledore.

Não tenho certeza se ele ficaria contente se ele soubesse! Eu não sei até que ponto acreditar, porque na verdade parece incrível que Dumbledore...

As extremidades de Harry pareciam estar desnorteadas. Ele permaneceu um tempo parado, segurando o milagroso papel em seus dedos soltos enquanto dentro dele um tipo de silenciosas erupções mandavam felicidade e mágoa, mensurando igualmente as quantidades em suas veias. Balançando-se até a cama, sentouse. E leu a carta novamente, mas não extraiu mais nenhum significado dela e ele se limitou a analisar a caligrafia na carta.Ela fazia os “g” da mesma maneira que ele. Ele procurou na carta, cada um deles parecia um pequeno lampejo por detrás do véu. A carta era um tesouro incrível, provava que Lil y Potter havia vivido, vivido de fato, que sua mão calorosa já havia roçado esse pergaminho, riscando com tinta essas letras, essas palavras, palavras sobre ele, Harry, seu filho. Enxugando impacientemente os olhos molhados, ele releu a carta, dessa vez atentando para seu significado. Era como ouvir a uma voz semi-conhecida.

eles tinham um gato... talvez tenha morrido como os seus parentes em Godric’s Hol ow... ou se foi quando não havia mais ninguém

para alimentá-lo... Sirius tinha lhe dado sua primeira vassoura... Seus pais tinham conhecido Bathilda Bagshot; Será que foi Dumbledore quem os apresentou? Dumbledore ainda tinha a sua capa da invisibilidade... havia algo estranho aí... Harry parou, ponderou as palavras da mãe. Por que Dumbledore pegou a capa de Tiago? Harry lembrava claramente de seu diretor lhe falando anos atrás "Não preciso da capa para me tornar invisível" Talvez algum membro menos habilidoso da Ordem tenha precisado e Dumbledore tenha agido como um intermediador? Harry foi adiante...Que verme…Pettigrew o tridor parecia abatido? Ele estava consciente de estar vendo Tiago e Lil y pela última vez?

E finalmente Bathilda de novo que contou histórias incríveis sobre Dumbledore. Parece incrível que Dumbledore – Que Dumbledore o que? Mas havia inúmeras coisas que pareciam incríveis sobre Dumbledore, que ele uma vez tinha tirado notas baixas no teste de transfiguração o que tenha sido atingindo pela azararão do bode como Aberforth...

Harry se levantou e vasculhou o chão, talvez o resto da carta estivesse em algum lugar pó aqui. Ele agarrou os papeis, agindo com ansiedade, com pouca consideração por quem procurava anteriormente, ele puxou gavetas abertas, chacoalhou os livros, subiu em um cadeira para alcançar a parte superior do guarda roupa e rastejou debaixo da cama e da poltrona..

Por último, deitou com a cara no chão, ele viu o que parecia um

pedaço amassado de papel de baixo de uma gaveta. Quando ele puxou, pareceu ser a maioria das fotografias que Harry falou na carta. Um bêbe de cabelos negros entrava e saia de foco com uma vassourinha e um par de pernas que deviam pertencer a James perseguindo-o. Harry guardou a fotografia no bolso com a carta e continuou olhando para a segunda folha.

Quinze minutos depois, no entanto, ele foi forçado a concluir que a o resto da carta de sua mãe extraviou. Tinha simplesmente se perdido nos 16 anos de espaço entre o dia que foi escrita ou ela foi levada por quem quer que tenha vasculhado a casa? Harry releu a primeira folha novamente, dessa vez procurando por pista sobre o que poderia conter de valioso na segunda parte da carta. A sua vassoura de brinquedo dificilmente seria interessante para comensais da morte...A única coisa útil seria uma possível informação sobre Dumbledore . Parecia incrível que Dumbledore o quê?

"Harry? Harry? Harry"

"Estou aqui" ele chamou" O que aconteceu"?

Ouviu o barulho de passos do lado de fora, e Hermione adentrouse.

"Acordamos e não sabíamos onde você estava" falou sem fôlego.

Ela se virou e gritou por cima do ombro, "Ron! Eu o encontrei"

"Ótimo! Diga a ele que ele é um idiota".

"Harry você não pode simplesmente desaparecer, por favor, ficamos aterrorizados. Por que você subiu até aqui? " Ela verificou

em volta “O que você estava fazendo? ”

Ele mostrou a carta de sua mãe. Hermione pegou e leu enquanto ele a observava. Quando ela chegou ao fim da página ela olhou para ele.

“Oh,Harry e tem mais isso”

Ele deu a ela a foto amassada, e Hermione sorriu do bebê entrando e saindo da cena numa vassoura de brinquedo.

“Andei procurando o resto da carta” disse Harry ”Mas não está aqui”

Hermione deu uma olhada na sala

“Você fez essa bagunça? Ou alguém já tinha feito quando você chegou? ”

“Alguém andou procurando antes de mim “ disse Harry

“Eu imaginei, todos os cômodos que eu passei foram revirados” respondeu Hermione “ do que eles estavam atrás?

“Informação da Ordem se for Snape”

“Mas não acha que ele já sabe de tudo que precisa. Quero dizer, ele estava na Ordem, não estava? ”

“Bom” disse Harry tentando formular uma teoria “E quanto a informação sobre Dumbledore? A segunda parte da carta, por exemplo. Você sabe quem é essa Bathilda que minha mãe menciona? ”

“Quem? ”

“Bathilda Bagshort autora..”’

“De a história da magia” falou Hermione interessada “ então seus

pais a conheciam? Ela era uma incrível historiadora da magia.”

“ E ela ainda está viva,” disse harry “ela vive em Godric Halows, a tia de Ron, Muriel falava sobre ela no casamento. Ela conhecia a família de Dumbledore também. Uma pessoa interessante de se falar, não é? ” Teve um pouquinho de compreensão demais no sorriso que Hermione deu a Harry . Ele pegou a carta e a fotografia e pôs na bolsa ao redor de seu pescoço, para que não ficassem olhando e se perdesse.

“Eu entendo porque você gostaria de falar com ela sobre Dumbledore também” disse Hermione” Mas isso não nos ajudaria na nossa busca pelos Horcruxes, ajudaria? ” Harry não respondeu e ela se apressou .

“Harry eu sei que você realmente quer ir a Godric Hol ows, mas eu estou com medo”

Os comensais da Morte nos acharam ontem. Isso me faz acreditar cada vez mais que não deveríamos ir ao lugar onde seus pais estão enterrados. Tenho certeza que eles estão esperando que você os visite.”

“Não é apenas isso,” respondeu Harry evitando olhá-la “Muriel disse coisas sobre Dumbledore no casamento, Eu quero saber a verdade...”.

“Ele disse a Hermione tudo que Muriel lhe dissera no casamento. Quando ele terminou, Hermione disse “Mas é claro que entendo porque isso o deixa chateado...”

“Não estou chateado,” mentiu “ Eu apenas quero saber se é ou não verdade”

“Harry, você realmente acha que vai chegar a verdade através de uma mulher maldosa como Muriel ou Rita Skeeter? Como pode acreditar nelas? Você o conhecia”.

“Eu pensei que conhecia,” murmurou

“Mas você sabe o que há de verdade em tudo que Rita escreveu sobre você? Doge está certo, como você pode deixar essas pessoas sujar as lembranças que você tem de Dumbledore? ”

Ele olhou ara os lados tentando não demonstrar seu ressentimento. Então era isso: Ele tinha de escolher em que acreditar. Ele queria a verdade, porque todo mundo parecia estar tentando dissuadi-lo?

“Podemos ir para a cozinha?”, sugeriu Hermione após uma pequena pausa. “Arranjar alguma coisa para o café da manhã?“

Ele concordou, de má vontade, e a seguiu pelo patamar passou pela segunda porta e saiu. Havia profundos arranhões nas pinturas abaixo de uma pequena marca que ele não notara no escuro. Ele parou no alto das escadas para ler. Era uma pequena e pomposa marca, aparentemente escrita à mão, o tipo de coisa que Percy Weasley gravaria na porta de seu quarto.

Não entre Sem a permissão expressa de

Régulus Arcturus Black

Uma excitação tomou conta de Harry, mas ele não estava certo do por que. Ele leu marca novamente. Hermione já estava um lance de

escadas abaixo dele.

“Hermione” disse em uma voz surpreendentemente calma “suba aqui”.

“Que foi”

“R.A.B acho que eu o encontrei”.

Houve um suspiro alto, e Hermione subiu correndo os degraus.

“Nas cartas de sua mãe? Mas eu não vi”

Harry balançou a cabeça e apontou para a marca de Régulus. Ela leu e depois apertou o braço de Harry com tanta força que ele estremeceu.

“O irmão de Sirius” ela sussurrou.

“Ele era um Comensal da morte” disse Harry ”Sirius me falou sobre ele, Régulus se juntou a eles ainda muito jovem, mas ele teve azar e tentou sair, então eles o mataram.

“Faz sentido!” gritou feliz Hermione ”Se ele era um comensal tinha acesso direto a Voldemort . E se ele ficou desencantado, ele pode ter desejado derrubar Voldemort”.

Ela largou Harry, se inclinou sobre o corrimão e gritou “RON, Ron suba aqui, rápido”.

Ron apareceu, aprumado, minutos depois com sua varinha na mão.

“O que aconteceu? Se for uma aranha gigante novamente, eu quero tomar café antes de...”

Ele parou em frente a marca do porta de Régulos, que Hermione estava apontando silenciosamente “O quê, esse era o irmão de

Sirius, não era? Régulos ... Arcturus... R.A.B. O medalhão-vocês não acham que...”

“Vamos descobrir” disse Harry. Ele empurrou a porta, estava trancada. Hermione apontou a varinha para maçaneta e disse “Alohomorra”. Houve um click e a porta se abriu largamente.

Eles entraram timidamente olhando tudo a sua volta atentamente. O quarto de régulos era menor que o de Sirius, embora tivesse o mesmo aspecto de antiga grandeza. Onde Sirius era diferente de sua família, Régulus parecia ser exatamente igual. A cores verde e prata da Sonserina estavam por toda a parte no dossel da cama, na paredes,na janela. O elmo da família Black estava pintado sobre a cama junto do seu lema, Toujors Pur(?). abaixo disso, havia uma coleção de recortes jornais amarelados postos juntos formando uma colagem. Hermione atravessou a sala para examiná-los.

“São todos sobre Voldemort,” disse Hermione ”Régulos parece ter sido fã anos antes de ter se juntado aos Comensais da morte”.

Um pouco de poeira levantou das cobertas quando Hermione sentou-se para ver os recortes. Harry, entrementes havia notado uma outra fotografia. O time de quadribol de Hogwarts estava sorrindo e acenando na imagem. Ele se aproximou e viu o brasão com serpentes em seus peitos: Sonserina. Régulos era facilmente discernível como o garoto sentado no meio da fila da frente.Ele tinha os mesmos cabelos escuros e a mesma expressa arrogante e desdenhosa do irmão, embora fosse menor mais magro e menos

bonito do que Sirius fora.

“Ele era apanhador” disse Harry

“O que? ” disse vagamente Hermione que ainda estava entretida com a colagem de Voldemort.

“Ele está sentado no meio da fileira da frente é onde fica o apanhador... deixa para lá”, disse Harry ao perceber que ninguém estava ouvindo. Ron estava com as mãos nos joelhos procurando debaixo do armário, Harry olhou em volta do quarto procurando um provável lugar para esconder coisas e se aproximou da mesa.

Ainda sim, alguém tinha andado por ali antes deles, contudo das gavetas haviam sido revirados recentemente, havia muita poeira, mas nada de valor: quinquilharias velhas, agenda e uma lata de tinta amassada que deixou resíduo em tudo que tinha na gaveta.

“Tem um jeito mais fácil” disse Hermione, enquanto Harry limpava seus dedos sujos de tinta no jeans, ela levantou a varinha e disse ”Accio medalhão”.

Nada aconteceu, Ron que vinha procurando nas dobras da cortina desgastadas, pareceu desapontado.

“É isso, então? Não está aqui? ”.

“Ow, ainda pode estar aqui, mas sob um feitiço de contenção” explicou Hermione “Vocês sabem, um encantamento para impedir que sejam convocados magicamente.”

“Da mesma forma que Voldemort o colocou na bacia de pedra na caverna,” disse Harry, recordando como tinha sido incapaz de

convocar o medalhão falsificado.

“Como nós iremos encontrá-lo então? ”, perguntado Ron.

“Nós procuraremos manualmente,” disse Hermione.

“É uma idéia boa,” disse Ron, virando os olhos, e voltou a examinar as cortinas.

Vasculharam cada polegada do quarto por mais de uma hora, mas foram forçados, finalmente, a concluir que o medalhão não estava lá.

O sol tinha agora nascido; sua luz os deslumbrou até mesmo pelas janelas encardidas.

"Poderia estar em outro lugar no houve, entretanto" disse Hermione em um tom reunindo enquanto eles caminhavam escada abaixo: Como Harry e Ron tinham se tornado mais desencorajados, ela parecia ter se tornado mais determinada. "Se ele tinha conseguido destruir isto ou não, ele quereria manter isto escondido de Voldemort, não iria? Lembra de todas essas coisas terríveis que nós tivemos que nos libertar de quando estivemos aqui na última vez? Aquele relógio que atirou parafusos a todo o mundo e essas batas velhas que tentaram estrangular o Ron; Regulus poderia ter posto lá para proteger o lugar em que está escondido o medalhão, embora nós não percebêssemos isto na... na..."

Harry e Ron a olharam. Ela estava estando com um pé em midair, com o olhar de dumbstruck de um que tinha sido há pouco Obliviated,; os olhos dela tinham acumulado até mesmo fora de

foco.

"... na ocasião, " ela terminou em um sussurro.

" Algo errado "? perguntou para o Ron.

"Havia um medalhão."

"O que "? disse Harry e Ron junto.

" No gabinete no quarto de desenho. Ninguém poderia abrir isto. E nós... nós..."

Harry se sentia como se um tijolo tinha deslizado abaixo pelo tórax no estômago dele. Ele se lembrou: Ele tinha dirigido a coisa até mesmo como eles passaram isto, cada tentando em virar para computar isto aberto, ao redor. Tinha sido lançado info um saco de lixo, junto com o snuffbox de pó de Wartcap e a caixa de música que tinham feito todo o mundo sonolento...

Monstro roubava e escondia muitas coisas de nós." disse Harry.

Essa era a única chance, a única fraca esperança que os restava e ele estava decidido a levar até o fim. "Ele tinha uma grande quantidade de coisas no seu "quarto" na cozinha, Vamos."

Ele desceu as escadas dois degraus por vez, os outros dois atrás dele. Eles fizeram tanto barulho que acordaram o quadro da Mãe de Sirius enquanto passavam pelo hal . "Sangue-ruins, escórias..." Ela gritou com eles, e eles desceram ao porão da cozinha e bateram a porta atrás deles.

Harry correu através da cozinha até a porta do quarto de Mostro e escanacarou-a. Existiam uns cobertores velhos e sujos onde o elfo

uma vez dormira, mas não havia pistas de que ele continuava ali, Monstro havia sumido. A única coisa que existia era uma velha cópia de natureza nobre: Uma Arvore Genealógica Bruxa.
Negando-se a acreditar nos seus olhos Harry remexeu os cobertores. Um rato morto caiu no chão. Ron gemeu enquanto se jogou em uma cadeira da cozinha, Hermione fechou seus olhos.
"Ainda não acabou" Harry disse, e ele aumentou a voz e chamou "Monstro"
Houve um grande crack e o elfo domestico que harry tão relutantemente herdou de Sirius, apareceu de lugar nenhum na frente da vazia e fria lareira: pequeno, tamanho de meio-humano sua pálida pele caindo de suas "folds", cabelos brancos saltando de suas orelhas pontudas, ele ainda estava usando as ruins vestes de quando os três o conheceram, e o olhar que ele dava a harry dizia que sua atitude quanto a mudança de dono tinha mudado tanto quanto suas vestes. "Mestre" disse Monstro com sua "voz de sapo" e reverenciou-o.... baixo, murmurando aos joelhos dele," atrás ena casa de minha Senhora com o taridor Weasley e a sangue-sujo--"
" Eu lhe proíbo que chame qualquer um ' traidor' de sangue ou ' sangue-sujo, ' " grunhiu Harry. Ele teria achado Monstro, com o nariz de snoutlike dele e olhos sanguinolentos, um distintamente objeto mal-amado, mesmo se não tivesse traído Sirius.
" Eu tenho uma pergunta para você," disse Harry, o coração dele batendo bastante rápido enquanto ele olhava para baixo ao duende,

" e eu ordeno que você responda isto com a mais pura verdade. Entendeu "?

" Sim, Mestre" disse Monstro, curvando baixo novamente,: Harry viu os lábios dele movendo-se em silêncio e os insultos indubitavelmente lhe proibiram agora que articulasse.

" Dois anos atrás," disse Harry, o coração dele martelando agora contra as costelas dele " havia um medalhão de ouro grande em cima da escada. Nós jogamos fora isto. Você roubou isto "?

Havia o silêncio de um momento durante o qual Monstro encarou Harry. Então ele disse, "Sim ".

" Onde está agora "? perguntou para Harry jubilantly enquanto Rony e Hermione pareciam alegres.

Monstro fechou os olhos dele como se ele não pôde nenhum ouvir ver as reações deles para a próxima palavra dele.

"Se foi ", ecoou Harry. " O que quer dizer você, foi "?

O elfo tiritou. Ele balançou.

" Monstro" disse Harry duramente, " eu o ordeno--"

" Mundungus Fletcher, " coaxou o duende, os olhos dele ainda apertados. Mundungus Fletcher roubou tudo: Senhorita Bel a e Senhorita Cissy quadros, as luvas de minha Senhora, a Ordem de Merlin, Primeira Classe, o cálices com o emblema da família, e--e--"

Monstro estava lutando para respirar: O tórax oco dele estava subindo e estava descendo rapidamente, então os olhos dele voaram aberto e ele articulou um grito de bloodcurdling.

"--e o medalhão, Mestre o medalhão de Regulus, Monstro prejudicou, Monstro falhou nas ordens dele "

Harry reagiu instintivamente: enquanto Monstro tentou pegar o pôquer [algo como uma lança, creio] , ele se lançou no duende. O grito de Hermione entrosou com o de Monstro, mas Harry berrou mais alto que ambos: " Monstro, eu ordeno que você fique ainda "!

Ele sentia o elfo gelado e o soltou. Monstro deitou sobre o chão de pedra frio, lágrimas que esguichando de seus olhos.

" Harry, deixe-o" Hermione sussurrou.

" Então ele pode se bater com o pôquer "? snotted Harry, ajoelhando fora do armário do Monstro com a mão dele cheio dos tesouros do Monstro. Monstro disse para o ladrão covarde que parasse, mas Mundungus Fletcher riu e e-então"

" Você disse que o medalhão é de Regulus", disse Harry. " Por que? De onde veio? O que Regulus teve a ver com isto? Monstro, sentese e me conte tudo o que você sabe sobre aquele medalhão, e tudo o que Regulus tem a ver com isto "!

O duende se sentou, enrolado em uma bola, colocou a face molhada dele entre os joelhos, e começou a balançar para trás e para frente.

Quando ele falou, a voz foi ecoando pela cozinha.

" Mestre Sirius fugiu, libertação boa, porque ele era um menino ruim e sem dinheiro quebrou o coração de minha Senhora com os modos sem lei dele. Mas Mestre Regulus teve orgulho próprio; ele sabia o que fazia devido ao nome Black e a dignidade do puro

sangue dele. Durante anos ele falou do Lord das Trevas que ia trazer os magos para reger os trouxas e os nascidos-trouxas... e quando ele completou dezesseis anos, Mestre Regulus uniu-se com o Lorde das Trevas. Tão orgulhoso, tão orgulhoso, tão feliz por servir..."

" E um dia, um ano depois que ele se uniu, Mestre Regulus desceu a cozinha para ver Monstro. Ele sempre gostou de Monstro. E Mestre Regulus disse... ele disse..."

O elfo velho balançou mais rapidamente.

" ...ele disse que o Lord das Trevas precisava de um elfo ".

" Voldemort precisou de um elfo "? Harry repetiu e deu uma olhada ao Rony e à Hermione que olharam da mesma maneira confusa como ele fez.

" Oh sim, " gemeu Monstro. " E Mestre Regulus tinha oferecido Monstro. Era uma honra, Mestre Regulus disse, uma honra para ele e para Monstro que deve ter certeza de fazer qualquer coisa que o Lorde das Trevas peça... e depois v-voltar para casa ".

Monstro balançou ainda mais rapidamente, a respiração dele entrando em soluços.

" Assim Monstro foi para o Lorde das Trevas. Ele não contou para Monstro o que eles iam fazer, mas levou Monstro com ele para um de caverna perto do mar. E além da caverna havia um grande lago preto..."

O cabelo na parte de trás do pescoço de Harry se levantou. A voz

de Monstro parecia vir do interior da água negra. Ele viu o que tinha acontecido tão claramente como se ele tinha estado presente.

"... Havia um barco..."

Claro que havia um barco, Harry vira o barco, fantasmagoricamente verde e pequeno, enfeitiçado para carregar um bruxo e uma vítima até a ilha no centro. Assim, então, havia sido como Voldemort tinha testado as defesas que cercavam o Horcurx; pegando emprestado uma criatura dispensável, um elfo domético...

"Havia uma bacia cheia de poção na ilha. O Lord das Trevas fez com que Monstro a bebesse..."

O elfo tremeu da cabeça aos pés.

"Monstro bebeu, e enquanto Monstro bebia, ele viu coisas terríveis... o interior de Monstro queimava... Monstro chorou para o Mestre Régulus salvá-lo, ele chorou por sua Senhora Black, mas o Lord Negro apenas riu... Ele fez Monstro beber toda a poção... Ele colocou um medalhão dentro da bacia vazia... Ele encheu a bacia com mais poção"

"E então o Lord das Trevas foi embora, deixando Monstro na ilha..."

Harry pode ver acontecendo. Ele visualizou a face ofídica branca de Voldemort desaparecendo na escuridão, aqueles olhos vermelhos fixados impiedosamente no derrotado elfo que a morte levaria em minutos, quando ele sucumbisse a sede desesperadora que a poção causava em sua vítima... Mas aqui, a imaginação de Harry não pôde ir longe, senão ele não veria como Monstro escapou.

"Monstro precisava de água, ele engatinhou para a borda da ilha e bebeu do lago negro... e mãos, mãos mortas, saíram da água e arrastaram Monstro para baixo da superfície..."

"Como você escapou? " Harry perguntou, e não ficou surpreso de se ver sussurrando.

Monstro levantou sua feia cabeça e olhou para Harry com seu mais mortal olhar.

"Mestre Regulus disse a Monstro pra voltar" ele disse.

"Eu sei, mas como você escapou do inferi? "

Monstro não parecia entender...

"Mestre Regulus disse a Monstro pra voltar" ele repetiu.

"eu sei mas..."

"Bem, é óbvio num é Harry? Ele desaparatou."

"Mas você não pode aparatar naquela caverna" Harry disse "A não ser que Dumbledore..."

"Mágica de elfo num é como mágica de bruxo, é? "Disse Ron, "eu quero dizer, eles podem aparatar e desaparatar em Hogwarts, enquanto não podemos"

Houve um silêncio e Harry digeriu aquilo. Como pode Voldemort cometer um erro como este? Mas mesmo ele pensando nisso, Hermione falou e sua era gelada.

"É claro, Voldemort subjugaria as maneiras de um elfo, assim como todos os puros-sangue que os tratavam como animais... Nunca ocorreu a ele que os elfos tem mágica que ele num tem..."

"A maior lei que um elfo segue é a ordem de seu dono" entoou Monstro. "Monstro tinha sido ordenado a vir pra casa, então ele veio."

"Bem, então você fez o que foi mandado, num fez? "

Monstro balançou sua cabeça mais rápido que nunca.

"Então o que aconteceu quando você voltou? " Harry perguntou "O que Regulus disse quando você contou a ele o que havia acontecido? "

"Mestre Regulus estava muito preocupado, muito preocupado" murmurou Monstro. "mestre Regulos disse a Monstro pra se esconder e não sair de casa. E depois de um tempo, Mestre Régulus veio falar com Monstro no seu armário a noite, e Mestre Régulos estava estranho, diferente do usual, perturbado, Monstro poderia dizer.... E Ele pediu a Monstro para levá-lo a caverna, a caverna que Monstro tinha ido com o Lord das Trevas"

E Então eles foram, Harry podia vê-los claramente, o assustado velho elfo e o magro, negro apanhador que tanto parecia Sirius. Monstro sabia como abrir a entrada selada para a caverna interna, sabia como fazer surgir o pequeno barco, e desta vez foi o seu amado Regulos que navegou com ele até a Ilha com a tina com a poção...

"E ele fez você beber a poção? " perguntou Harry enojado.

Mas Monstro tremeu sua cabeça e emudeceu. Hermione levou as mãos e boca e e pareceu entender algo.

"Mestre Régulus tirou do seu bolso um medalhão como o que o Lord tinha " Lágrimas escorrendo pelos dois lados de seu longo nariz "e ele disse a monstro para pegá-lo e, quando a tina estivesse vazia, pra trocar os medalhões..."

Monstro começou a tremer e "gritar". Harry se concentrou bastante para entendê-lo.

"E ele ordenou Monstro pra sair sem ele. Ele disse a Monstro pra ir pra casa, e nunca contar a minha senhora o que ele havia feito, mas para destruir o primeiro medalhão. E ele bebeu toda a poção, e Monstro trocou os medalhões, assistiu Mestre Regulus ser sugado pela água, e...."

"Oh Monstro". Murmurou Hermione que estava chorando, ele se ajoelhou e tentou abraçar o elfo, e de uma vez ele se levantou, chorando e fugindo dela, obviamente cheio de repulsa...

" A sangue-sujo tocou Monstro, ele não permitirá isto, o que diria a Senhora dele? "

" Eu já lhe disse para não a chamar de ' sangue-sujo' " grunhiu Harry, mas o elfo já estava se castigando: Ele caiu ao solo e bateu a frente dele no chão.

" Pare--pare!" Hermione chorou. " Oh, você não vê agora o quão doente ele está , o modo que eles têm que obedecer "?

" Monstro--parado, parado "! gritou Harry.

A elfo deitou no chão, arquejando e tiritando, muco verde brilhando ao redor de seu focinho, uma contusão já florescendo na testa

pálida onde ele tinha se golpeado, os olhos dele inchados, sanguinolento e nadando em lágrimas. Harry nunca tinha visto qualquer coisa tão lamentável.

" Então você trouxe para a casa o medalhão, " ele disse implacavelmente, " E você tentou destruir isto "?

" Nada que Monstro fez causa qualquer marca nisto, " gemeu o elfo.

" Monstro tentou tudo, tudo o que ele soube, mas nada, nada funcionou... tantos feitiços poderosos na cobertura, não abriria.. Monstro se castigou, ele tentou novamente, ele se castigou, ele tentou novamente, Monstro não obedeceu as ordens, Monstro não pôde destruir o medalhão! E a Senhora dele estava furiosa, porque Mestre Regulus tinha desaparecido, e Mestre não lhe pôde contar o que tinha acontecido, não, porque Mestre Regulus tinha lhe p-pproibido que contasse para qualquer um da f-f-família o que aconteceu na c-caverna..."

Monstro começou a soluçar tão duro que não havia mais nenhuma palavra coerente. Lágrimas fluíram das bochechas de Hermione enquanto ela assistia ao Monstro, mas ela não ousou o tocar novamente. Até mesmo Ron que era

Mesmo Rony, quem não era fã de Monstro olhou inquieto. Harry sentou novamente em seus calcanhares e balançou a cabeça, tentando clarear as coisas.

"Eu não o entendo, Monstro," ele finalmente falou. "Voldemort tentou te matar, Régulus morreu para derrubar Voldemort, mas você ainda assim estava feliz em trair Sirius por Voldemort? Você

estava feliz em ir até Narcissa e Bel atrix, e passar informação para

Voldemort através delas..."

"Harry, Monstro não pensa assim," disse Hermione, enxugando

seus olhos com as costas das mãos. "Ele é um escravo, elfosdomésticos são usados para o mal, até para tratamentos brutais, o

que Voldemort fez a Monstro não é mundo diferente que isso. O

que uma guerra de bruxos significa para um elfo como o Monstro?

Ele é leal com as pessoas que são agradáveis com ele, e a Sra.

Black deve ter sido, e Régulus certamente era, então ele servia a

eles de bom grado e apegou-se às suas crenças. Eu sei o que você

vai dizer," ela continuou quando Harry começou a protestar, "que

Régulus mudou sua opinião... mas ele não pareceu explicar isso ao

Monstro, pareceu? E eu acho que sei porque, Monstro e a família

de Régulus estariam a salvo se eles continuassem com a antiga

linhagem de puros-sangue. Régulus estava tentando proteger a

todos eles."

"Sirius --"

"Sirius foi horrível com Monstro, Harry, e não é tão agradável assim,

você sabe que é verdade, Monstro havia ficado muito tempo

sozinho quando Sirius veio morar aqui, e ele estava provavelmente

morrendo por um pouco de afeição. Eu estou certa e que Sra. Cissy

e Sra. Bel a foram perfeitamente adoráveis com Monstro quando ele

se virou, então ele as fez um favor e contou todos o que elas

desejavam saber. Eu sempre disse que os bruxos iriam pagar por

como eles tratam seus elfos-domésticos. Bem, Voldemort pagou...

assim como Sirius."

Harry não teve resposta. Enquanto olhava Monstro soluçar on the

[prox cap]

ele lembrou o que Dumbledore tinha dito uma vez a ele, poucas horas depois da morte de Sirius: "Eu não acho que Sirius alguma vez viu Monstro como sendo ou tendo sentimentos como humanos..."

"Monstro," disse Harry "quando você se sentir a vontade pra isso, pode se sentar"

Passaram-se alguns minutos até que Monstro saísse do silencio. Então ele se colocou numa posição sentada com as juntas perto dos olhos como uma pequena criança.

"Monstro, eu vou te pedir pra fazer uma coisa uma coisa" disse Harry, ele vislumbrou hermione em busca de assistência. Ele queria dar a ordem gentilmente, mas ao mesmo tempo ele não poderia fingir que não era uma ordem. Entretanto, a mudança no seu tom de voz pareceu ter ganhado a aprovação da menina: Ela sorriu encorajando.

"Eu quero que você, por favor, vá e ache Mundungos Fletcher. Nós precisamos achar o medalhão. Onde o medalhão de Mestre Régulus está. É muito importante, nós queremos terminar o trabalho que Mestre Régulos começou, nós queremos garantir que ele não morreu em vão...."

Monstro abriu seus punhos e olhou para Harry

"Achar Mundungus Fletcher? " ele gemeu...

"E traga-o aqui ao Largo Grimmauld" disse Harry. "Você acha que poderia fazer isso por nós? "

Enquanto Monstro assentiu e se levantou, Harry teve uma inspiração, ele pegou a bolsa de Hagrid e pegou a Horcruxe falsa, na qual Régulus colocou o bilhete a Voldemort.

"Monstro, eu queria, er, te dar isso" pressionando o medalhão nas mãos de Monstro. "Isso pertenceu a Régulus e tenho certeza que ele gostaria de que você tivesse isso em retribuição do que você fez..."

"Na mosca," disse Rony enquanto o elfo olhava pro medalhão, deixava escapar um uivo de choque e dor, e se jogava novamente no chão.

Passou-se quase meia-hora para acalmar Monstro, que, devido ao êxtase por ser presenteado com uma relíquia da Familia Black, ficou muito fraco para se agüentar nas próprias pernas. Quando finalmente ele pôde caminhar um pouco, todos o acompanharam ao seu armário, assistiram-no guardar o medalhão a salvo em seus cobertores sujos e assegurou-se de que eles cuidariam do medalhão enquanto ele estivesse fora. Então ele fez duas reverências compridas para Harry e Rony, e até mesmo um engraçado e breve espasmo na direção de Hermione que pareceu uma tentativa de um cumprimento respeitoso, antes de Desaparatar com o habitual barulho.


HPMbr.net

Capitulo Onze

O Suborno

Se Monstro pôde escapar de um lago cheio de inferis, Harry estava confiante que a captura de Mundungo levaria apenas algumas horas no máximo, e ele rondou a casa a manhã toda num estado de muita ansiedade. Porém, Monstro não retornou naquela manhã, nem mesmo na parte da tarde. No começo da noite, Harry se sentiu desesperançado e ansioso, e uma super massa de pão mofado, junto com hermione tentou uma variedade de transfigurações que não deram certo, nada ajudou a aliviar a tensão.

Monstro não voltou no dia seguinte, nem no outro. Porém, dois homens mascarados apareceram na praça na frente do número doze, e eles permaneceram lá a noite toda, olhando na direção da casa que eles não podiam ver.

- Comensais da morte, com certeza - disse Rony, quando ele, Harry e Hermione observavam pelas janelas desenhadas da sala - Acha que eles sabem que estamos aqui?

- Eu não acho que saibam - disse Hermione, enquanto ela olhava apavorada - ou eles não teriam mandado Snape em nossa procura, teriam?

- Você acha que ele esteve aqui e teve a língua presa pelo discurso do Moody? - perguntou Rony

- Sim - disse Hermione - Ou então ele foi capaz de contar como

entrar, não foi? Mas eles provavelmente estão vigiando para ver o que fazemos. Eles sabem que a casa é de Harry, afinal de contas!

- Como eles? começou Harry - Testamentos bruxos são abalizados pelo ministério, lembra? Eles iriam saber que Sirius deixou a casa para você!

A presença dos comensais da morte do lado de fora aumentou o medo do lado de dentro no número doze. Eles não tinham ouvido uma palavra de ninguém que estivesse fora do largo Grimmauld. Desde o patrono do Sr. Weasley, e o nervosismo estava à flor da pele. Impaciente e irritadiço, Rony desenvolveu o incômodo hábito de brincar com o apagueiro em seu bolso. Isso irritou particularmente Hermione, que estava matando o tempo da espera pelo Monstro estudando "Os contos de Beedle o bardo" e não gostou do modo como às luzes ficavam acendendo e apagando.

- Pare com isso! - ela choramingou na trigésima noite desde a partida de Monstro, quando toda a luz foi sugada da sala novamente.

- Desculpe, desculpe! - disse Rony, acionando o apagueiro e restaurando as luzes - Eu não percebo quê estou fazendo isso!

- Bom você não poderia achar algo útil para fazer?

- Como o que, ler histórias para crianças?

- Dumbledore me deixou esse livro, Rony!

- E ele me deixou o apagueiro, então talvez eu devesse usá-lo!

Sem vontade de presenciar a briga, Harry saiu da sala sem ser

notado por nenhum dos dois. Ele desceu as escadas até a cozinha, que ele continuava visitando porque era lá que Monstro mais gostava de aparatar.

No meio do caminho perto do hal , porém, ele ouviu uma batida na porta da frente, e então clicks metálicos e o tilintar da corrente.

Cada um dos nervos de seu corpo pareceu ficar alerta: Ele puxou sua varinha, e se escondeu nas sombras junto às cabeças decapitadas dos elfos, e esperou. A porta se abriu: Ele viu um relance da praça lá fora e um homem mascarado entrou no hal e fechou a porta atrás de si. O intruso deu um passo a frente, e a voz de Moody perguntou:

- Severo Snape?

Então a figura de pó se ergueu no final do corredor e correu em direção a ele, brandindo sua mão morta.

- Não fui eu quem te matou, Alvo - disse uma voz baixa.

A maldição se quebrou: a figura de pó explodiu de novo, e era impossível enxergar o visitante através da intensa nuvem de cinzas que ele deixou para trás.

Harry apontou a varinha para o meio dela.

- Não se mova!

Ele tinha se esquecido do retrato da Sra. Black: Ao som do grito dele, as cortinas que escondiam seu quadro se abriram, e ela começou a gritar.

- Mestiços imundos infectando minha casa!

Rony e Hermione vieram tropeçando pelas escadas atrás de Harry, varinhas apontadas, como a dele, para o homem desconhecido de braços levantados no hal barulhento.

- Cessar fogo, sou eu, Remo!

- Oh graças à Deus - disse Hermione fracamente, apontando a sua varinha para a Sra. Black no mesmo instante; com um baque, as cortinas se fecharam e o silencio reinou.

Rony também abaixou sua varinha, mas Harry não.

- Mostre-se! - ele ordenou de volta.

Lupin se moveu para de baixo da luz, mãos na cabeça em sinal de rendição.

- Eu sou Remo Lupin, lobisomem, algumas vezes chamado de aluado, um dos quatro criadores do Mapa do Maroto, casado com Ninfadora, conhecida também como Tonks, e eu te ensinei como produzir um patrono, Harry, que toma a forma de um veado!

- Oh, tudo bem - disse Harry abaixando a varinha, - Mas eu tinha que checar não tinha?

- Falando como o seu ex-professor de defesa contra as artes das trevas, e eu concordo que você tinha que checar. Rony, Hermione, vocês não deveriam abaixar suas varinhas tão rápido!

Eles desceram as escadas seguindo-o. Embrulhado em uma grossa capa de viagem preta, eles os mirou exausto, porém feliz em vê-los.

- Nem sinal de Severo, ainda? - ele perguntou.

- Não - disse Harry - O que está havendo? Estão todos bem?

- Sim - disse Lupin - Mas estamos todos sendo vigiados. Há uma dupla de Comensais da Morte na praça em frente!

- Nós sabemos!

- Eu tive que aparatar bem colado à porta para que eles não me vissem. Tenho certeza de que eles não sabem que você está aqui, ou teriam enviado mais gente; Eles estão espalhados por todos os lugares que possam ter alguma ligação com você, Harry. Vamos descer as escadas, Tenho muitas coisas para lhe contar, e eu quero saber o que aconteceu quando você deixou a rua dos alfeneiros!

Eles adentraram a cozinha, onde Hermione apontou sua varinha para a lareira. Um fogo começou a crepitar instantaneamente. Isso gerou a sensação de aconchego nas paredes de pedra escura, e se refletiu na grande mesa de madeira. Lupin puxou algumas cervejas amanteigadas de dentro de sua capa de viagem, e eles se sentaram.

- Eu estive aqui há três dias, mas eu tinha que checar o que o Comensal da Morte me disse - disse Lupin - Então, vocês vieram para cá depois do casamento?

- Não - disse Harry - Só depois que nós fugimos de uma dupla de Comensais da Morte num café em uma estrada Totenham Court.

- O QUE?

Eles explicaram o que tinha acontecido. Quando terminaram, Lupin olhou perplexo.

- Mas como eles te encontraram tão rápido? É impossível seguir

alguém que desaparata, a menos que você agarre a pessoa na hora que ela desaparatar!

- E não parece que eles estavam apenas passeando pela estrada Totenham Court para matar o tempo, parece?

- Nós estávamos pensando. - disse Hermione vagarosamente - Harry poderia ainda ter o trace nele?

- Impossível - disse Lupin. Rony sorriu convencido, e Harry se sentiu muito aliviado - Além de tudo, eles saberiam que o Harry está aqui se ele ainda tivesse o trace nele, não saberiam? Mas eu não consigo entender como eles rastrearam você na estrada Totenham Court, isso é preocupante, realmente preocupante...

Ele pareceu transtornado, mas como Harry estava muito preocupado, aquilo podia esperar.

- Diga-nos o que aconteceu depois que partimos, nós não tivemos notícias desde que o pai de Rony disse que a família estava a salvo!

- Bom Kim nos salvou - disse Lupin - Agradeço a preocupação dele que os convidados do casamento pudessem desaparatar antes dele chegar!

- Eles eram Comensais da Morte ou funcionários do ministério?

- Uma mistura, mas devemos confederá-los a mesma coisa agora - Disse Lupin - Haviam dezenas deles, mas eles não sabiam que você estava Harry. Arthur ouviu um rumor de que eles tentaram torturar Scrimgeour para falar de você, antes de matá-lo; se for

verdade, ele não te entregou!

Harry olhou para Rony e Hermione; suas expressões refletiam a mesma mistura de choque e gratidão que ele sentia. Ele nunca gostou muito de Scrimgeour, mas se o que Lupin dizia era verdade, a última coisa que ele fez foi tentar proteger Harry.

- Os Comensais da Morte procuraram na Toca de cima a baixo - Lupin comentou - Eles acharam o fantasma, mas não quiseram chegar perto e então eles interrogaram os que restavam de nós por horas. Eles estavam tentando conseguir informações de você, Harry, mas é claro que ninguém de fora da Ordem sabe que você está aqui! Ao mesmo tempo em que eles estavam acabando com a cerimônia, mais Comensais da Morte estavam arrombando todas as casas de membros da Ordem no país. Sem mortes - acrescentou ele rápido, esclarecendo a questão - mas como você sabe, ele não estava lá, e eles usaram a maldição *Cruciatus* na família de Tonks. De novo, tentando arrancar onde você estava depois que esteve lá. Eles estão bem, balados, obviamente, mas bem.

- Os Comensais da morte passaram por todas aquelas armadilhas de segurança? - perguntou Harry, se lembrando de como elas foram efetivas quando ele bateu no jardim dos pais de Tonks.

- O que você tem que entender Harry, é que os Comensais da Morte agora têm toda a força do ministério ao lado deles - disse Lupin - Eles conseguiram o poder de agir de forma brutal sem medo de serem identificados como fugitivos. Eles planejaram superar

cada mágica de defesa que colocamos contra eles, e uma vez dentro da casa, eles estavam completamente certos do motivo por terem vindo

E eles tem uma desculpa por estarem tentando arrancar notícias sobre o paradeiro de Harry das pessoas? - perguntou Hermione, com uma voz fina.

- Bem - disse Lupin. Ele hesitou, então tirou uma edição do Profeta Diário.

- Aqui-ele disse, estendendo ela sobre a mesa para Harry - Você iria saber mais cedo ou mais tarde de qualquer forma. Esse é o pretexto deles por estarem atrás de você!

Harry desdobrou o papel. Uma imensa fotografia dele cobria toda a primeira página. Ele leu a linha em baixo dela:

Procurado para interrogatório sobre a morte de Alvo Dumbledore

Rony e Hermione deram urros de raiva, mas Harry não disse nada. Ele jogou o jornal fora; ele não queria ler mais: Ele sabia o que iriam dizer. Ninguém além daqueles que estavam no topo da torre no dia em que Dumbledore morreu sabia quem havia realmente o matado, como Rita Skeeter já havia dito para todo o mundo bruxo. Harry havia sido visto fugindo do lugar momentos depois de Dumbledore ter caído.

- Sinto muito Harry - Lupin disse.

- Então os Comensais da Morte tomaram o profeta diário também?

perguntou Hermione furiosamente.

Lupin acenou com a cabeça.

- Mas certamente as pessoas percebem o que está havendo?

- A carruagem deslizou silenciosamente - disse Lupin-A versão oficial do assassinato de Scrimgeour é o que ele designou; ele foi re-designado por Pius Thicknesse, que está sob a maldição *Imperius.*

- Por que Voldemort não se declara ministro da magia? - perguntou Rony.

Lupin riu.

- Ele não precisa. Rony, efetivamente ele é o ministro, mas por que ele se sentaria atrás de uma mesa de ministério? A marionete dele, Thicknesse, esta tomando conta dos negócios do dia-a-dia, deixando Voldemort livre para estender seus poderes para além do ministério. Naturalmente muitas pessoas deduziram o que está havendo: foi uma mudança muito dramática na guarda do ministério nos últimos dias, e muitos estão suspeitando que Voldemort deve estar por trás disso. De qualquer forma, esse é o ponto: eles suspeitam. Eles não confiam uns nos outros, sem saber em quem confiar; eles têm medo de falar, no caso de suas suspeitas serem verdade e suas famílias poderem ser atacadas. Sim, Voldemort está fazendo um jogo muito bom. Declarando ele mesmo como ministro talvez provocasse uma rebelião; Permanecendo mascarado ele gera confusão, incerteza, e medo!

- E essa mudança dramática na guarda do ministério - disse Harry - Envolve colocar o mundo bruxo atrás de mim, ao invés de Voldemort?

- Essa é certamente uma parte disso - disse Lupin - e esse é um truque de mestre. Agora que Dumbledore está morto, você – o garoto que sobreviveu – com certeza seria um símbolo de resistência a Voldemort. Mas sugerindo que você teve culpa na morte de um antigo herói, Voldemort não apenas jogou uma recompensa por sua cabeça, mas também plantou dúvida e medo naqueles muitos que protegeriam você!

- Enquanto isso, o ministério começou a caçar bruxos nascidos trouxa - Lupin apontou para o Profeta Diário - Olhe na página dois!

Hermione virou as páginas com a mesma expressão de desgosto que ela usou quando estavam limpando a sala das artes das trevas.

- Registro de nascidos trouxas! - ela leu revoltada - O ministro da magia está exigindo um exame dos chamados "Nascidos trouxas" para saber como eles vieram a adquirir os poderes mágicos.

"Uma pesquisa recente pesquise feita pelo departamento de mistérios revela que a mágica só pode ser passada de pessoa para pessoa quando os bruxos se reproduzem. Não existem provas de que ancestrais bruxos tenham existido, consequentemente, os nascidos trouxas só podem ter adquirido esse poder por roubo ou força bruta."

"O ministério está determinado a acabar com os usurpadores de

poder mágico, e para esse fim enviou uma convocação para todo nascido trouxa se apresentar parar a recém criada Comissão de Registros de Nascidos Trouxas".

- As pessoas não deixariam isso acontecer - disse Rony

- Está acontecendo Rony - disse Lupin – "Nascidos trouxas" estão sendo caçados enquanto falamos!

- Mas como eles acham que se poderia "roubar" mágica? - disse Rony - É mental, se houvesse como roubar mágica não haveriam fogos de artifício, haveriam?

- Eu sei - disse Lupin - Mas de qualquer forma, a menos que você possa provar que tem um parente bruxo na família, será considerado como tendo poderes mágicos ilegais e terá que ser punido.

Rony olhou para Hermione, então disse

- E se puros-sangues e mestiços quiserem um nascido trouxa na família? Eu vou dizer a todos que Hermione é minha prima!

Hermione pegou as mãos dele com as suas e segurou-as

- Obrigada Rony, mas eu não poderia deixar você....

- Você não tem escolha - disse Rony firmemente, segurando as mãos dela - Eu vou te ensinar a árvore genealógica da minha família, então você pode responder todas as perguntas sobre ela!

Hermione teve um acesso de risos.

- Rony, enquanto estivermos com Harry Potter, a pessoa mais procurada do país, eu não acho que isso vá importar. Se eu

estivesse voltando para a escola isso faria diferença. Quais os planos de Voldemort para Hogwarts? - ela perguntou a Lupin.
- A seleção agora é compulsória por bruxos e bruxas mais novos - ele respondeu - Isso foi anunciado ontem. È uma mudança porque nunca foi obrigatório antes. Claro, todos os bruxos e bruxas na Inglaterra tem sido educados dês de cedo em Hogwarts, mas seus pais tinham o direito de escolher ensina-los em casa ou envia-los para outra escola, se preferirem. Desse jeito, Voldemort vai ter a população bruxa sob sua vigilância dês de tenra idade. E esse é um outro modo de manter longe os nascidos trouxas, porque os estudantes devem ter Status de Sangue – Significa que eles têm que provar ao ministério que eles são descendentes de bruxos – antes que eles sejam autorizados a entrar.
Harry se sentiu enojado e zangado; naquele momento, crianças ansiosas de onze anos de idade estariam comprando montes de livros de magia sem saber que talvez nunca chegassem a ver a escola, talvez eles nunca mais vissem suas famílias novamente.
- Isso é... Isso é... - Ele gaguejou, tentando achar palavras que descrevessem o horror desses pensamentos, mas Lupin disse calmamente:
- Eu sei - Lupin hesitou - Eu vou entender se você não puder confirmar isso Harry, mas a Ordem acredita que Dumbledore te deixou uma missão!
- Ele deixou - Harry respondeu - E Rony e Hermione estão nela

comigo e vão vir comigo

- Posso saber que missão é essa?

Harry olhou para aquele rosto prematuramente envelhecido e desejou que pudesse dar uma resposta diferente.

- Eu não posso, Remo, Me desculpe. Se Dumbledore não contou a você, não acho que eu possa

- Eu achei que fosse dizer isso - disse Lupin, olhando desapontado - Mas talvez eu pudesse ser de alguma serventia para você. Você sabe o que eu sou e o que eu posso fazer. Eu poderia ir com você para lhe dar proteção. Não haveria necessidade de me dizer exatamente o que vai acontecer!

Harry hesitou, era uma oferta tentadora, porém como poderiam manter a missão deles em segredo de Lupin se ele estivesse com eles todo o tempo ele não era capaz de imaginar. Hermione, porém, Pareceu bestificada.

- Mas e quanto à Tonks? - ela perguntou.

- O que tem ela? - disse Lupin.

- Bem - disse Hermione franzindo as sobrancelhas - Vocês estão casados! Como ela se sentiria se você fosse embora conosco?

- Tonks estará perfeitamente segura - disse Lupin. -Ela estará na casa dos pais dela!

Havia algo de estranho no fato de Tonks permanecer escondida na casa dos pais, ela era, ainda, um membro da Ordem e pelo que Harry sabia, gostava de se manter em ação.

- Remo - disse Hermione vagarosamente - Está tudo bem... você sabe... entre você e...

- Tudo está perfeitamente bem, obrigado - disse Lupin prontamente.

Hermione ficou rosa. Houve uma outra pausa desconfortável e embaraçosa, e Lupin disse com um tom de quem está se forçando a admitir algo desagradável.

- Tonks está grávida!

- Oh. Que maravilha - Esganiçou-se Hermione.

- Excelente - disse Rony entusiasticamente.

- Parabéns - disse Harry.

Lupin deu um sorriso artificial que pareceu mais uma careta, e então disse:

- Então, aceita minha oferta? Vão três se tornar quatro? Eu não acho que isso desagradaria Dumbledore, ele me nomeou seu professor de Defesa Contra as Artes da Trevas, além de tudo. E eu preciso te dizer que eu acho que nós estamos encarando mágicas que muitos de nós nunca vimos ou imaginamos...

Rony e Hermione olharam juntos para Harry.

- Só... Só para ficar claro - ele disse - Você quer deixar Tonks na casa dos pais dela e ir embora conosco?

- Ela ficará perfeitamente segura lá, eles tomarão conta dela - disse Lupin. Ele disse isso com um ar de maçante monotonia - Harry eu estou certo de que Tiago iria querer que eu ficasse junto você!

- Bem - disse Harry vagarosamente - Eu não estou eu tenho certeza

que meu pai iria querer saber por que você não está com o seu próprio filho, na verdade!

O rosto de Lupin perdeu a cor. A temperatura na cozinha deve ter subido uns 10 graus. Rony começou a andar de um lado para o outro da sala como se estivesse tentando se lembrar de algo, enquanto os olhos de Hermione alternavam entre Harry e Lupin.

- Você não entende - disse Lupin finalmente.

- Me explique então disse Harry.

Lupin engoliu em seco.

- Eu... Eu cometi um grave erro ao me casar com Tonks. Eu fiz isso fora de juízo perfeito, e eu tenho lamentado desde então...

- Entendo - disse Harry - Então você vai apenas abandoná-la e fugir conosco?

Lupin encarou seus próprios pés; se balançou na cadeira para frente e para trás, e ele os encarou de um modo tão violento que Harry viu, pela primeira vez, a sombra do lobo no rosto humano.

- Você não entende o que eu fiz para a minha mulher e para meu filho? Eu nunca deveria ter me casado com ela, eu fiz dela uma excluída!

Lupin voltou a cadeira para o chão com um baque.

- Você só me viu entre os membros da ordem, ou sob a proteção de Dumbledore em Hogwarts! Você não sabe como o mundo bruxo vê criaturas como eu! Quando eles descobrem o meu problema, eles ficam apavorados e não falam mais comigo! Não vê o que eu fiz?

Mesmo a própria família dela está descontente com o nosso casamento, que pais iriam querer que sua única filha casasse com um lobisomem? E a criança... a criança...

Lupin passou as mãos pelos cabelos, e olhou desolado.

- Minha raça não costuma se reproduzir! Ele vai ser como eu, eu estou certo disso... Como eu poderia me perdoar, quando eu posso ter passado o vírus da minha doença para uma criança inocente? E se, por algum milagre, a criança não for como eu, então ela estará melhor, mil vezes melhor, sem um pai que a deixe sempre envergonhada!

- Remo - Sussurrou Hermione, com lágrimas nos olhos - Não diga isso... Como poderia qualquer criança ter vergonha de você?

- Oh, não sei Hermione - disse Harry - Eu estaria com muita vergonha dele!

Harry não sabia de onde a sua raiva estava vindo, mas ela tinha o colocado de pé também. Lupin o encarava como se Harry tivesse batido nele.

- Se o novo ministério acha que nascidos trouxas são ruins - disse Harry - O que irão fazer para um lobisomem mestiço que tem um pai que trabalha para a Ordem? Meu pai morreu tentando proteger minha mãe e a mim, e você acha que ele concordaria com você abandonar seu filho e sair para uma aventura conosco?

- Como... Como você se atreve? - disse Lupin - Isso não é uma questão de desejo por… por perigo ou glória pessoal… como você

se atreve a dizer uma coisa assim...

- Eu acho que você está querendo ser um homem corajoso - Harry disse - Está seguindo os passos de Sirius...

- Harry, não! - Hermione choramingou, mas ele continua encarando o rosto branco de Lupin

- Eu não consigo acreditar nisso - disse Harry - O homem que me ensinou a luta contra dementadores... um covarde

Lupin levantou a mão tão rápido que Harry não conseguiu se defender; ele ouviu um soco barulhento e se sentiu voando para trás com a pancada, então bateu contra a parede da cozinha e escorregou para o chão. Ele viu de relance a capa de Lupin desaparecendo pela porta.

- Remo, Remo, volte! - Hermione choramingou, mas Lupin não respondeu. Um Segundo depois eles ouviram a porta da frente bater.

- Harry! - ralhou Hermione - Como você pôde?

- Foi fácil - disse Harry. Ele se levantou, podia sentir uma lâmpada brilhando na cabeça dele onde ela tinha atingido a parede. Ele continuava com tanta raiva que estava tremendo - Não olhe para mim desse jeito! - ele gritou para Hermione...

- Não grite com ela! - gritou Rony.

- Não... não... Nós não devemos brigar! - disse Hermione se colocando entre eles.

- Você não deveria ter dito aquelas basbaquices para o Lupin -

disse Rony a Harry.

- Ele mereceu ouvir - disse Harry. Fragmentos de imagens apostavam corrida em sua mente: Sirius caindo pelo véu, Dumbledore caindo da torre, no meio do ar, um flash de luz verde e a voz de sua mãe gritando, implorando misericórdia...

- Pais - disse Harry - Não deveriam nunca deixar seus filhos a menos... a menos que eles sejam obrigados!

- Harry… - disse Hermione, estendendo a mão para consolá-lo, mas ele empurrou a mão dela e saiu, com os olhos no fogo que Hermione havia conjurado. Ele uma vez tinha falado com Lupin de dentro daquela lareira, decepcionado com as ações de seu pai, e Lupin o consolara. Agora o rosto branco e magoado de Lupin pairava no ar em frente a ele. Ele sentiu uma pontada de remorso. Nem Rony nem Hermione estavam falando, mas ele podia senti-los se entreolhando atrás dele, e se comunicando silenciosamente.Ele se virou e os flagrou se afastando rapidamente um do outro:

- Eu sei que não deveria ter o chamado de covarde!

- Não, não devia - disse Rony secamente.

- Mas ele está se comportando como um!

- Mesmo assim... - começou Hermione

- Eu sei - disse Harry - Mas se isso o fazer voltar para Tonks, será melhor, não será? -Ele não podia deixar a súplica fora de sua voz. Hermione olhou para ele compreensivamente, Rony incerto.Harry olhou para os próprios pés pensando em seu pai. Ele apoiaria Harry

no que ele disse a Lupin, ou ficaria bravo pelo como seu filho tratou seu velho amigo?

A cozinha silenciosa parecia vibrar com o choque da cena que abara de se suceder, e com as críticas subentendidas de Rony e Hermione. O profeta Diário que Lupin trouxe continuava sobre a mesa. O próprio rosto de Harry o encarava da primeira página. Ele deu a volta e se sentou, abriu o jornal na mesa, e fingiu lê-lo. Ele não conseguia se concentrar nas palavras; sua mente estava muito cheia por causa do encontro com Lupin. Ele tinha certeza que Rony e Hermione haviam voltado à comunicação silenciosa do outro lado do aposento. Ele virou a página devagar, e o nome de Dumbledore chamou a atenção dele. Foram um ou dois segundos até ele entender o significado da fotografia, que mostrava uma família agrupada.Em baixo da fotografia havia a frase:

A família de Dumbledore, da direita para a esquerda: Alvos, Percival, segurando a recém nascida Ariana, Kendra e Alberfoth.

Aquilo chamou sua atenção, Harry examinou a foto com mais cuidado. O pai de Dumbledore, Percival, era um homem de boa aparência com olhos que pareciam brilhar, mesmo nessa velha fotografia. O bebe, Ariana, era pouco maior que um saco de pão e não muito diferente. A mãe, Kendra, tinha cabelos muito pretos, presos num coque apertado. O rosto dela tinha um olhar fixo. Harry pensou em fotos de nativo americanos que ele havia visto enquanto ele observava os olhos negros dela, rosto cheio, o nariz

reto, formalmente completos com uma gola de seda. Alvo e Aberfoth estavam vestindo casacos de gola de renda e tinham cortes de cabelo idênticos... Alvo parecia alguns anos mais velho, mas fora isso, os dois garotos se pareciam muito, mas isso foi antes de Alvo ter o nariz quebrado, e antes que ele precisasse de óculos. A família parecia feliz, normal, sorrindo serenamente para os leitores do jornal. Os braços pequenos da bebe Ariana se movendo vagamente fora de sua manta. Harry olhou para o título acima da foto:

Fragmento exclusivo da futura biografia de Alvo Dumbledore

Por Rita Skeeter

Pensando que isso talvez o fizesse se sentir pior do que estava, Harry começou a ler:

Orgulhosa e arrogante, Kendra Dumbledore não poderia continuar em Mould-on-the-Wold depois que eu marido Percival foi detido em Azkaban. Por isso ela decidiu mover a família, e se mudar para "Godric's Hol ow, o vilarejo que alguns anos depois seria famoso pelo estranha escapatória de Harry Potter d'Aquele que não deve ser nomeado.

Como Mould-on-the-Wold, Godric's Hol ow era o lar de inúmeras famílias de bruxos, mas como Kendra não conhecia nenhuma delas, ela manteria afastada a curiosidade de outros sobre o crime de seu marido, que ela teria enfrentado no seu vilarejo original.

Depois de inúmeras recusas de amizade com seus novos vizinhos,

ela logo assegurou que sua família estivesse completamente sozinha.

"Bateu a porta na minha cara quando eu fui até sua casa dar boas vindas com uma forma de bolinhos", disse Bathilda Bagshot. "O primeiro ano em que eles estiveram lá eu só vi os dois garotos. Não saberia que havia uma menina se não estivesse colhendo Plangetines à luz do luar no inverno em que eles se mudaram, e não tivesse visto Kendra levando Ariana para os jardins de trás. Passeou com ela pela vizinhança, segurando-a firmemente, e então a levou de volta para dentro. Não sabia o que fazer com isso."

Parece que Kendra pensou que se mudar para Godric's Hol ow era a perfeita oportunidade de esconder Ariana de uma vez por todas, algo que ela provavelmente planejou por anos. O tempo era insignificante. Ariana tinha apenas sete anos de idade quando ela sumiu de vista, e sete é A idade que os bruxos mais inteligentes acham que a mágica vai se revelar se existente. Ninguém ainda se lembra de Ariana ter dado algum mísero sinal de possuir poderes mágicos. Parece claro, então, que Kendra decidiu manter em segredo a existência da filha do que admitir que ela houvesse produzido um aborto. Se mudando para longe dos amigos e vizinhos que conheciam Ariana e, é claro, aprisionando ela em casa. O pequeno número de pessoas que sabia da existência de Ariana era confiável para manter o segredo, inclusive os dois irmãos dela, que fugiam de perguntas relativas à irmã com a resposta

ensinada pela mãe: "Minha irmã é muito nova para escola".

Semana que vem: Dumbledore em Hogwarts – Prêmios e Recompensas

Harry estava errado: o que ele leu realmente fez ele se sentir pior. Ele olhou de novo para a fotografia da família aparentemente feliz. Isso poderia ser verdade? Como ele poderia descobrir? Ele queria ir para Godric's Hol ow, mesmo que Bathilda não estivesse em perfeito estado para conversar com ele; ele queria visitar o lugar onde Dumbledore perdera entes queridos. Ele estava pegando o jornal, para perguntar a opinião de Rony e Hermione, quando um ruído barulhento ecoou pela cozinha.

Pela primeira vez em três dias Harry havia se esquecido de Monstro. Seu primeiro pensamento foi de que Lupin havia voltado, e por um segundo, ele não acreditou na massa de trapos amassados que apareceu bem ao lado de sua cadeira. Ele afastou seus pés quando Monstro se revelou e, fazendo uma reverencia para Harry, crocitou:

- Monstro retornou com o ladrão do Mundungo Fletcher, mestre!

Mundungo cambaleou e puxou sua varinha; Hermione, porém, era rápida de mais para ele:

-*Expel iarmus!*

A varinha de Mundungo foi arremessada no ar, e Hermione a pegou. De olhos arregalados, Mundungo tentou fugir pelas escadas. Rony o agarrou e ele atingiu o chão de pedra com um baque seco.

- O que? - ele questionou, lutando para se livrar de Rony - O que eu fiz? Mandando um maldito elfo doméstico atrás de mim; o que você acha que eu fiz? Deixe me ir! Deixe me ir ou...
- Você não está em posição de fazer ameaças - disse Harry.
Ele jogou o jornal de lado, cruzou a cozinha em poucos passos e se ajoelhou em frente à Mundungo, que parou de lutar e pareceu apavorado. Rony se levantou cambaleando e observou Harry apontar sua varinha diretamente para o nariz de Mundungo. Mundungo e suas vestes estavam fedendo a suor e cigarro, seu cabelo estava embaraçado e suas vestes estavam manchadas.
- Monstro pede desculpas pela demora mestre - crocitou o elfo - Monstro sabe como foi difícil, teve que procurar em todos os buracos e esconderijos, mas capturou-o por fim!
- Você fez muito bem, Monstro. - disse Harry, e o elfo se curvou - Certo, nós temos algumas perguntas para você - Disse Harry a Mundungo, que começou a gritar.
- Eu entrei em pânico, ok? Eu nunca quis seguir em frente. Sem ofensas cara, mas eu nunca me fui voluntário para morrer por você. E ele estava sangrando, Você-sabe-quem veio voando até mim, qualquer um teria dado o fora de lá. Eu disse o tempo todo que não queria fazer isso...
- Para a sua informação, nenhum dos outros desaparatou - Disse Hermione.
- Bem, vocês são um bando de Heróis então, não são?Mas eu

nunca fingi que estava disposto a me sacrificar...

- Nós não estamos interessados na razão de você ter fugido de Olho-Tonto - disse Harry, colocando sua varinha um pouco mais perto dos olhos injetados de Mondongos - Nós sempre soubemos que você era um irrecuperável monte de merda!

- Bem, então por que diabos eu estou sendo interrogado por vocês? Ou isso é por causa daqueles cálices de novo? Eu na sei como você poderia reavê-los...

- Isso não é por causa dos cálices também, você está me irritando - disse Harry - Cale a boca e escute!

Era maravilhoso ter alguma coisa para fazer, alguém de quem eles pudessem extrair num pouco de verdade. A varinha de Harry estava tão perto do nariz de Mundungo que ele tinha ficado vesgo tentando mantê-la em vista.

- Quando você limpou essa casa de tudo o que pudesse ser valioso - Harry começou, mas Mundungo interrompeu de novo.

- Sirius nunca ligou para nada daquele lixo...

Ouviram o som de pés se movendo rápido, um barulho de metal tinindo, um baque seco e um grito de agonia; Monstro havia corrido até Mundungo e bateu na cabeça dele com uma caçarola.

- Diga para ele parar! Diga para ele parar! Ele deveria ser trancado!

Monstro levantou a panela de ferro de novo.

- Monstro, não! - gritou Harry.

Os braços magros de Monstro tremiam com o peso da panela, que

ele mantinha levantada.

- Só mais uma mestre Harry, pra finalizar?

Rony riu.

- Nós precisamos dele consciente, Monstro, mas se precisarmos persuadi-lo você pode fazer as honras - disse Harry.

- Muito obrigada mestre - Disse Monstro com uma reverencia, e se colocou a pouca distancia, com seus olhos de bola de golfe fixos em Mundungo com repulsão.

- Quando você limpou essa casa de tudo de valor que você pode pegar - Harry começou de novo - Você pegou um monte de coisas que estavam guardadas na despensa. Havia um medalhão entre elas - A boca de Harry ficou repentinamente seca; ele podia sentir a tensão e excitação de Rony e Hermione também - O que você fez com ele?

- Por que? - perguntou Mundungus - É valioso?

- Você ainda o tem! - choramingou Hermione.

- Não, ele não tem - disse Rony secamente - Ele está se perguntando se poderia ter pedido mais dinheiro por ele.

- Mais? - disse Mundungus - Isso não seria realmente difícil... Eu dei embora não foi? Não tive escolha.

- O que quer dizer?

- Eu estava vendendo no Beco Diagonal ela veio até mim e me perguntou se eu tinha uma licença para vender artefatos mágicos. Maldita fiscal. Ela ia me prender, mas ela me deu um galeão pelo

medalhão e disse que ia me deixar ir aquele dia, e para eu me considerar com sorte.

- Quem era essa mulher? - perguntou Harry.

- Eu acho que alguma funcionária do ministério!

Mundungus pensou por um momento, de testa franzida. - Mulher baixa. Laço no alto do cabelo. Ele franziu testa de novo e acrescentou - parecia um sapo!

Harry abaixou a varinha, ela bateu no nariz de Mundungus e lançou faíscas vermelhas nas sobrancelhas dele, que começaram a queimar.

- *Aguamenti!* - gritou Hermione, e um jato de água saiu de sua varinha, engolindo, embarcando e afogando Mundungus.

Harry olhou e viu seu próprio choque refletido nos rostos de Rony e Hermione. As cicatrizes nas costas de sua mão direita pareceram estar formigando novamente.



Capítulo Doze

Magia é poder

Como agosto já tinha começado, um quadrado de grama intocada no meio de Grimmauld Place shivereled [?] no sol até que estava seca e marrom. Os habitantes do número 12 nunca eram vistos por ninguém da vizinhança, e nem o próprio número 12 era visto. Os trouxas que viviam no Grimmauld Place tinha há muito aceitado os erros deliciosos que fizeram com que o número 11 estivesse ao lado do número 13.

E ainda que o quadrado estava agora atraindo um número de visitantes que pareciam achar essa anormalidade muito interessante. Mal passou um dia sem que uma ou duas pessoas tivessem chegado a Grimmauld Place sem outro propósito, ou assim parecia, mas o de se curvar contra as grades da cerca entre o número 11 e 13, só para assistir o espaço entre as duas casas. Esses vigias mudavam a cada dia, embora todos parecessem não apreciar roupas formais. A maior parte dos londrinos que passavam por eles estavam acostumados à roupas excêntricas e não notaram isso, embora ocasionalmente um deles pudessem encarar, se perguntando quem usaria tais longas capas naquele calor.

No primeiro dia de setembro havia mais pessoas de vigilha no quadrado que nunca. Meia dúzia de homens usando longas capas ficou assistindo silenciosamente, encarando como nunca as casas

11 e 13, mas a coisa pela qual eles estavam esperando ainda parecia clusive [???]. Enquanto a noite chegava, trazendo uma inesperada ventania de chuva fria pela primeira vez em semanas, ocorreram uns dos momentos mais inexplicáveis quando eles pareceram ver algo interessante. O homem com a face revirada apontou para seu companheiro mais próximo, um homem magro e pálido, começaram a se adiantar, mais um momento depois eles tinha relaxado de volta ao seu estado inicial de inatividade, olhando frustrados e desapontamos.

Enquanto isso, dentro do número 12, Harry tinha acabado de entrar no hal . Ele quase perdeu o equilíbrio enquanto aparatava fora do degrau atrás da porta, e achou que os Comensais da Morte poderiam ter tido um relance do seu cotovelo exposto momentaneamente. Fechando cuidadosamente a porta atrás dele, ele puxou fora a capa de invisibilidade, enrolou-a no seu braço e se apressou pela penumbra do corredor em direção à porta que levava ao porão, um cópia roubada do Profeta Diário estava apertada em sua mão.

O murmúrio usual de “Severo Snape” o cumprimentou, um vento frio o varreu e então sua língua rolou para trás por um momento. “Eu não matei você, ele disse, uma vez que já estava desenrolada, então ele prendeu seu fôlego e a figura de poeira do feitiço de proteção explodiu. Ele esperou até que tivesse passado metade do caminho dos degraus da cozinha, depois do campo de audição da

Sra Black e limpo da nuvem de poeira, antes de gritar: “Eu tenho notícias, e vocês não vão gostar!”

A cozinha estava irreconhecível. Toda superfície agora brilhava: Potes de cobre e panelas tinham sido clareadas para um brilho rosado; a mesa de madeira reluzia; os cálices e os pratos já arrumados para o jantar brilhavam à luz de uma mera chama de fogo, na qual um caldeirão estava cozinhava. Nada na sala, entretanto, estava mais dramaticamente diferente do que o elfo doméstico que agora se apressava em direção à Harry, usando uma toalha branca com a neve, seus cabelos da orelha fofos e limpos como algodão, o colar de Régulus balançando no seu peito.

“Tire os sapatos, Mestre Harry, e as mãos lave antes do jantar”, resmungou Monstro, tomando a Capa de Invisibilidade e pendurando-a num gancho da parede, ao lado de um número de roupões fora de moda que tinham sido lavados recentemente.

“O que acontece?” perguntou Ron apreensivamente. Ele e Hermione tinham estado tentando decifrar um maço de notas rabiscadas e mapas desenhados a mão que cobriam toda longa mesa da cozinha, mas agora eles assistiam Harry enquanto ele corria em direção a eles e jogava o papel em cima de seus pedaços de pergaminhos.

Uma grande foto de um homem familiar de nariz curvado e cabelo preto encarava a todos eles, atrás de uma manchete que dizia: Severus Snape confirmado como Diretor de Hogwarts.

"Não!" Disseram Rony e Hermione alto.

Hermione foi a mais rápida; ela puxou o jornal e começou a ler acompanhando a estória em voz alta.

"Severus Snape, aquele que ensinou por muito tempo Poções na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, foi apontado hoje como diretor na mais importante de muitas mudanças radicais na antiga Escola. Seguido da demissão da antiga professora de Estudos Trouxas, Alecto Carrow vai tomar o posto enquanto seu irmão, Amycus, preenche a posição de professor de Defesa contra a Arte das Trevas".

"Eu dou boas vindas à oportunidade de preservar nossas melhores tradições e valores Bruxos – Como cometer homicídio e cortar orelhas dos outros, eu suponho! Snape, Diretor! Snape no lugar de Dumbledore – Pelas calças de Merlin!" Ela chorou enquanto ambos Harry e rony pulavam. Ela se levantou da mesa e correu da sala, gritando enquanto ia, "Eu vou voltar em um minuto!"

"Calças de Merlin?" repetiu Rony, parecendo amuado, " Ela deve estar triste" Ele puxou o jornal para si e leu atentamente o artigo sobre Snape..

"Os outros professores não irão suportar isso, McGonagal , Flitwick e Sprout, todos sabem a verdade, eles sabem como Dumbledore morreu. Eles não irão aceitar Snape como diretor. E quem são esses Carrows?"

"Comensais da Morte", disse Harry. "Tem fotos deles dentro [do

jornal]. Eles estavam no topo da torre quando Snape matou Dumbledore então são todos farinha do mesmo saco. “E” Harry continuou amargamente, puxando uma cadeira, “ Eu não consigo ver como os outros professores têm alguma escolha além de ficar. Se o Ministério e Voldemort estão por trás de Snape, será uma escolha entre ficar e ensinar, ou alguns bons anos em Azkaban – e isso se tiverem sorte. Suponho que eles ficarão pra tentar proteger os estudantes.”

Monstro veio com alvoroço para a mesa com uma larga bandeja em suas mão, e serviu sopa para uma tigela primitiva, assobiando por entre seus dentes como ele sempre fazia.

“ Obrigado, Monstro,” disse Harry, virando o Profeta para não ter que olhar para cara de Snape. “Bem, pelo menos agora nós sabemos exatamente onde Snape está”.Ele trouxe a colher de sopa para sua boca. A qualidade dos pratos de Monstro aumentou dramaticamente desde que ele deu o medalhão de Regulus: Hoje as cebolas Francesas estavam tão boas quanto Harry jamais tivera provado.

“Ainda tem um carregamento de Comensais vigiando a casa,” disse Rony enquanto observava, “mais do que o normal. É como se eles tivessem esperando nossa saída carregando nossos malões indo para o Expresso Hogwarts.”

Rony deu uma olhada no seu relógio.

“Tenho pensado nisso o dia todo. O Expresso saiu 6 horas atrás.

Estranho não estar nele, não é?”

Em seus pensamentos Harry parecia ver a locomotiva escarlate à vapor o qual ele e Rony uma vez perseguiram pelo ar, por serpenteando entre campos e montes, lançados suas nuvens de fumaça aos borbotões. Ele estava certo que Gina, Nevil e e Luna estavam sentados juntos naquele exato momento, talvez imaginando, onde ele, Rony e Hermione estão, ou debatendo a melhor maneira de minar o novo regime de Snape.

“Eles quase me viram voltando agora a pouco,” disse Harry. “ Eu aterrissei mal no degrau de cima e a Capa escorregou.”

“ Eu faço isso o tempo todo. Oh, aqui está ela“ completou Rony, levantando-se do seu assento para ver Hermione reentrar na cozinha. “E o quê em nome das calças de Merlin!! Porquê aquela cara?”

“Eu lembrei disso,” disse Hermione

Ela estava carregando uma enorme foto emoldurada, a qual ela agora tinha abaixado para o chão antes de pegar seu pequeno e redondo saco no aparador da cozinha.

Abrindo-o, ela prosseguiu forçando a pintura para dentro, e apesar do fato de que claramente era muito grande para o pequeno pacote, dentro de poucos segundos tinha sumido, como muitos outros, dentro da profunda capacidade da sacola.

"Fineus Nigel us," Hermione explicou assim que jogou a sacola na mesa da cozinha com um som de estrondo costumeiro.

"Como é?" Disse Rony, mas Harry entendeu. A imagem pintada de Fineus Nigel us Black era capaz de perpassar entre seu retrato no Lago Grimmauld e um que estava pendurado no escritório circular do diretor de Hogwarts, onde Snape estava sem dúvidas sentado bem agora, em uma possessão triunfante da coleção de delicados e prateados instrumentos mágicos de Dumbledore, a Penseira de pedra, o Chapéu Seletor e, a menos que tivesse sido movida para outro lugar, a espada de Gryffindor.

"Snape poderia mandar Fineus Nigel us olhar dentro desta casa por ele," Hermione explicou a Rony assim que ela retomou seu assento. "Mas deixe-o tentar isso agora, tudo que Fineus Nigel us vai ser capaz de ver é o fundo da minha bolsa."

"Boa idéia!" disse Rony, impressionado.

"Obrigada," sorriu Hermione, puxando sua sopa para si. "Então, Harry, o que mais aconteceu hoje?"

"Nada" disse Harry "Vigiando a entrada do Ministério por sete horas. Nem sinal dela. Vi seu pai, aliás, Rony. Ele parece bem."

Rony assentiu sua apreciação das novas. Eles tinham concordado que era muito perigoso tentar se comunicar com Sr. Weasley enquanto ele entrava e saía do Ministério, pois ele sempre estava cercado por outros colegas do Ministério. Isso era, de qualquer modo, reconfortante, esses relances, mesmo que ele realmente parecesse cansado e ansioso.

“Papai sempre nos disse que muita gente do Ministério usa a Rede

de Flu para chegar ao trabalho," disse Rony " É por isso que nós nunca vimos Umbridge, ela nunca andava, ela pensava que era muito importante."

"E aquela bruxa velha engraçada e aquele mágico pequeno em robe de marinheiro ?" perguntou Hermione.

"Ah sim, eles são da Manutenção Mágica" disse Rony

"Como você sabe que ele trabalha na Manutenção Mágica? " perguntou Hermione sua colher de sopa suspensa no ar.

"Papai disse que todos da Manutenção Mágica vestem robe azul de marinheiro"

"Mas você nunca nos disse isso!"

Hermione largou sua colher e pegou seu bloco de notas e mapas que ela e Rony estiveram examinando quando Harry voltou para a cozinha.

"Não tem nada aqui sobre robes azuis de marinheiro, nada!" Ela disse, passando as páginas febrilmente.

"Bem, isso é realmente importante?"

"Rony, tudo é importante! Se nós vamos entrar no Ministério e não queremos ser pegos enquanto eles estão vigiando todo lugar à procura de intrusos, cada pequeno detalhe importa! Estamos passando esse plano várias vezes, quer dizer, qual o sentido de todas essas viagens de reconhecimento se você nem ao menos se incomoda de nos dizer –"

"Calma, Hermione, Eu esqueci uma coisinha-"

“Você tem idéia, não é, que provavelmente não há lugar mais perigoso no mundo para nós estarmos agora do que o Ministério da”.

“Acho que devemos fazer isso amanhã” disse Harry.

Rony cuspiu um pouco de sua sopa.

- Amanhã? - repetiu Hermione - Você não está falando sério, Harry?

- Estou - disse Harry - Eu não acho que estaremos muito mais preparados do que estamos agora mesmo que rondemos a entrada do Ministério por mais um mês. O quanto mais adiarmos isso, mais longe o medalhão pode estar. Tem uma boa chance de Umbridge ter o jogado fora, aquela coisa não abre.

- Ao menos que - disse Rony - Ela tenha achado uma maneira de abri-lo e agora esteja possuída.

- Não faria diferença alguma para ela, ela é má em sua essência - retrucou Harry

Hermione estava mordendo os lábios, perdida em seus pensamentos.

- Nós sabemos tudo de importante - Harry continuou, direcionandose pra Hermione - Nós sabemos que eles impediram a aparatação para entrar ou sair do Ministério. Nós sabemos que apenas os membros sêniores do Ministério têm permissão para usar a Rede de Flu para entrar em contato com suas casas agora, porque Rony ouviu aqueles Inomináveis reclamando disso. E nós sabemos aproximadamente onde fica o escritório de Umbridge, pois você ouviu o cara dizendo onde seria o seu encontro com ela.

- Eu vou estar lá em cima, Dolores quer me ver - recitou Hermione imediatamente.

- Exatamente - disse Harry - E nós sabemos como entrar, usando aquelas moedas engraçadas, ou fichas, ou o que quer que sejam, porque eu vi aquela bruxa pegando um emprestado

- Mas nós não temos uma...

- Se o plano der certo, teremos. - Harry continuou calmamente

- Eu não sei Harry.. As chances de dar errado são grandes...

“Isso continuaria sendo verdade mesmo que eu gaste mais três meses planejando” disse Harry “É hora de agir”

Ele poderia dizer pelas caras de Rony e Hermione que eles estavam apavorados, ele não poderia dizer que estava exatamente confiante, mas ele tinha certeza de que tinha chegado a hora de por o plano deles em ação.

Eles tinham gastado as 4 semanas anteriores dividindo turnos com a Capa de Invisibilidade e espionado a entrada oficial para o Ministério, que Rony, graças ao Sr. Weasley, conhecia desde sua infância. Eles tinham seguido funcionários do Ministério em seu caminho para o trabalho, escutado as suas conversas e aprendido com suas cuidadosas observações em quais deles poderia contar que apareceria, sozinho, no mesmo horário todo dia. Uma vez ou outra eles tinham a chance de surrupiar um Profeta Diário da maleta de alguém. Vagarosamente eles construíram o esboço dos mapas e notas que agora se amontoavam em frente da Hermione.

“Tudo bem” disse Rony devagar “Digamos que iremos lá amanhã... Acho que deviria ser só eu e Harry”

“Ah, não comece com isso novamente!” suspirou Hermione “ Pensei que tínhamos resolvido isso”

“Uma coisa é passear por aí pelas entradas debaixo da Capa, mas isso é diferente, Hermione” Rony apontou um dedo para a cópia do Profeta Diário datado de dez dias antes “Você está na lista de Trouxas – que não se apresentou para interrogação!”.

“E você deveria estar morrendo de spattergroit n’A Toca! Se alguém não deve ir, é Harry, que está com a cabeça valendo dez mil galeões-“

“Certo, ficarei aqui” falou Harry “Me avise se você derrotar Voldemort, certo ?”

Enquanto Rony e Hermione riam, uma dor surgiu na cicatriz da testa de Harry, a mão dele foi diretamente para ela, ele viu os olhos preocupados de Hermione e tentou disfarçar mudando o movimento sobre a cicatriz para o seu cabelo.

“Bom, se todos nós concordarmos, temos que desaparatar separadamente”, Rony estava dizendo. “Não cabemos todos nós embaixo da capa”.

A cicatriz de Harry estava ficando cada vez mais dolorida. Ele tentava permanecer em pé. Monstro logo apareceu apressado em seus calcanhares.

“Mestre não terminou sua sopa, Mestre não gostou desse sabor?

De qual o Mestre tanto gosta?”

“Obrigado, Monstro, mas eu voltarei em um minuto... er....
banheiro.”

Notando que Hermione ainda o olhava suspeita, Harry se apressou a subir as escadas do corredor e depois o primeiro corredor em direção ao banheiro, fechando a porta após passar. Gemendo em dor, ele se inclinou sobre a pia preta cujas torneiras eram na forma de serpentes com a boca aberta e fechou seus olhos...

Ele estava andando por uma longa rua. Os prédios dos dois lados eram altos, com grandes suportes; eles pareciam como casas feitas de gengibre (???).

Ele se aproximou de uma delas, então ele viu a brancura dos seus próprios longos dedos contra a porta. Ele bateu, sentindo uma pontada de excitação.

A porta se abriu. Uma mulher sorridente estava parada em frente a ele, sua face simpática se desfez enquanto olhava o rosto de Harry: seu sorriso se fora, a expressão de terror aflorando...

“Gregorovitch?”, disse uma voz alta e gélida.

Ela balançou a cabeça, estava tentando fechar a porta. A mão branca a segurou, impedindo-a de deixá-lo do lado de fora.

“Eu quero Gregorovitch”.

“Ele não estar comigo aqui!”, ela chorou, balançando sua cabeça.

“Ele não morar aqui! Ele não morar aqui! Eu não conhecer ele!”

Abandonando ao desejo de fechar a porta, ela começou a andar

para trás na sala escura, e Harry a seguiu, bem perto dela, e sua mão com dedos longos segurando a varinha.

"Onde ele está?"

Ele ergueu a varinha. Ela gritou. Duas crianças entraram correndo para dentro da sala. Ela tentou protegê-os com os braços. Houve um lampejo de luz verde...

"Harry! HARRY!"

Ele abriu seus olhos, ele havia afundado para o chão. Hermione estava batendo na porta novamente.

"Harry, abra!"

Ele havia gritado, ele sabia. Ele levantou e abriu a porta; Hermione entrou no banheiro de uma vez, olhando em volta, suspeita. Rony estava bem atrás dela, procurando alguma coisa enquanto apontava sua varinha para os cantos do frio banheiro

"O que você estava fazendo?" perguntou Hermione preocupada

"O que você acha que eu estava fazendo?” perguntou Harry com tom impaciente

"Você estava gritando!" disse Rony

"Ah, é, eu devo ter cochilado ou..."

"Harry, por favor, não insulte nossa inteligência" disse Hermione, falando em sussurros "Nós sabemos que sua cicatriz doeu lá em baixo, e você está branco feito papel"

Harry sentou na beirada da banheira.

"Ótimo, eu acabei de ver Voldemort assassinando uma mulher. Por

agora ele provavelmente matou toda a família. E ele não precisava fazer isso. Foi como o Cedrico, tudo de novo, eles só estavam lá..."

"Harry, você não deveria deixar isso acontecer novamente!” Hermione chorou, sua voz ecoando por todo banheiro. "Dumbledore queria que você usasse oclumência! Ele achava que a conexão era perigosa, Voldemort pode usá-la, Harry! De que forma pode ser bom ver ele matar e torturar? como isso pode ajudar?"

"Porque isso significa que eu sei o que ele está fazendo" disse Harry

"Então você não vai nem ao menos tentar fazer isso parar?"

"Hermione, eu não posso. Você sabe que eu sou um fracasso na oclumência, eu nunca peguei o jeito."

"Você nunca realmente tentou" ela disse horrorizada "Eu não entendo, Harry, você gosta de ter essa conexão especial ou o que... que seja..."

Ela parou ao olhar que ele deu ao se levantar.

"Gostar?" ele disse calmamente "Você gostaria?"

"Eu... não, me desculpa, Harry, eu não quis dizer.."

"Eu odeio isso, eu odeio o fato de saber que ele pode entrar na minha mente, que eu tenho que assisti-lo quando ele é mais perigoso. Mas eu vou usar isso."

"Dumbledore - "

"Esqueça Dumbledore, está é minha chance, ninguém mais quer saber porque ele está atrás de Gregorovitch"

"Quem?"

"Ele é um artesão de varinha estrangeiro" disse Harry "Ele fez a varinha de Krum, ele diz que o homem é brilhante.”

”Mas de acordo com você" disse Rony "Voldemort pegou Olivaras e o trancou em algum lugar. Se ele já tem um artesão de varinhas, por que ele precisa de outro?"

"Talvez ele concorde com Krum, talvez ele ache que Gregorovitch é melhor... ou talvez ele pense que Gregorovitch saberá explicar o que minha varinha fez quando ele estava atrás de mim, porque Olivaras não sabia."

Harry desviou o olhar para o quebrado e sujo espelho, e viu Rony e Hermione trocando olhares atrás dele.

"Harry, você continua falando sobre o que sua varinha fez" disse Hermione "Mas você fez acontecer! Por que você está tão determinado a não tomar responsabilidade pelos seus próprios poderes?"

"Por que eu sei que não era eu! E Dumbledore também sabe, Hermione! Nós dois sabemos o que realmente aconteceu!”

Eles piscaram um para o outro; Harry sabia que ele não tinha convencido Hermione e que ela estava procurando contra argumentos contra sua teoria e pelo fato dele estar se permitindo ver dentro da mente de Voldemort. Para sua sorte, Rony interveio "Esquece" ele a avisou "É decisão dele. E se nós vamos amanhã para o ministério, não deveríamos revisar mais uma vez o plano?”

Relutante sobre o que os outros dois poderiam falar, Hermione deixou o assunto de lado, mas ele tinha quase certeza que ela iría o atacar na primeira oportunidade. No meio tempo, eles retornaram para a cozinha, onde Monstro serviu a todos "strew and treacke tar"

Eles não foram dormir até tarde da noite, depois de passar horas revendo o plano até recitá-lo, palavra por palavra, um para o outro. Harry, que agora estava dormindo no quarto de Sirius, deitou na cama com a luz de sua varinha treinada para a velha fotografia de seu pai, Sirius, Lupin e Pettigrew, Assim que ele apagou sua varinha, no entanto, não estava pensando da poção polissuco, vomitilhas, ou das capas azul marinho da manutenção mágica; ele pensou no artesão de varinhas, Gregorovitch, e por quanto tempo ele poderia permanecer escondido enquanto Voldemort tentava o capturar com toda determinação.

O amanhecer pareceu chegar rapidamente após a meia-noite.

“Você está horrível”, anunciou Ron enquanto entrava no quarto para acordar Harry.

“Não por muito tempo”, disse Harry bocejando.

Eles encontraram Hermione na cozinha. Ela estava sendo servida com café e bolinhos por Monstro e tinha uma expressão maníaca que Harry havia associado a que ela tinha no período das provas.

“Túnicas”, ela disse sem fôlego, demonstrando que sabia da chegada deles com um nervoso aceno com a cabeça e continuando

a mexer em sua bolsa. “Poção polissuco... capa de invisibilidade...

decoy detonators (alguma Gemialidade), nugas de sangra-nariz,

orelhas extensíveis...”

Eles engoliram seu café da manhã e voltaram para o andar de cima,

Monstro sempre se curvando ou fazendo reverências e prometendo

que cuidaria e deixaria a casa pronta para quando eles

retornassem.

“Deus o abençoe”, disse Ron formalmente. “E só de pensar que eu

costumava me imaginar cortando a cabeça dele e pendurando na

parede!”

Eles podiam ver dois comensais vigiando a casa do outro lado do

quarteirão.

Hermione desaparatou com Ron primeiro, Harry foi logo após.

Após a usual escuridão e a sensação de sufocamento, Harry achouse no meio de um pequeno beco onde a primeira parte do plano

deles iria acontecer. O local estava deserto, exceto por dois

grandes cofres. Os funcionários do primeiro Ministro não

costumavam ir trabalhar antes das oito horas.

“Ok então”, disse Hermione, olhando seu relógio. “Ela deve chegar

aqui em... mais ou menos cinco minutos. Quando eu estuporá-la...”

"Hermione, nós sabemos" disse rony. " E eu pensei que nós iríamos

abrir a porta antes dela chegar aqui.”

Hermione guinchou.

"Eu quase esqueci! Cheguem para trás..."

Ela apontou sua varinha para o cadeado e pesado(ilegível) porta de

fogo além deles, que abriu com um "crash". O corredor negro conduzia, como eles sabiam pelas suas cuidadosas viagens, num teatro vazio. Hermione puxou a porta atrás dela, para fazer parecer que ainda estava fechada.

"E agora," ela disse, se virando para encarar os outros dois, "nós colocamos a capa novamente"

"E esperamos," Rony terminou,jogando a capa sobre a cabeça de hermione como um "blanker over a birdrage" e rolando seus olhos para Harry.

Pouco mais de um minuto mais tarde, houve um pequeno ruído seco e uma pequena bruxa do ministério de cabelo grisalho aparatou passos deles, piscando um pouco com a claridade repentina: o sol acabara de sair de trás de uma nuvem. Ela quase não teve tempo para aproveitar o inesperado sol, hermione acabara de lançar um feitiço não-verbal estuporante que a atingiu no queixo e a deixou caída no chão;

"Muito bem, Hermione," disse Rony, emergindo de trás de um baú além da porta do teatro, assim que Harry tirou a capa da invisibilidade

Juntos, eles carregaram a pequena bruxa para dentro de uma passagem escura. Hermione arrancou um punhado de fios de cabelo da cabeça da bruxa e os colocou dentro de um frasco de poção polissuco que ela havia retirado da bolsa. Rony estava revirando a pequena carteira da bruxa,

"Ela é Mafalda Hopkirk," ele disse, lendo um pequeno cartão de identificava sua vítima como uma assistente do escritório de Uso Indevido da Magia. "Você deveria pegar essa Hermione, e aqui estão as moedas."

Ele passou para ela algumas moedas pequenas e douradas, todas cunhadas com as letras M.O.M, que ele tinha pego da bolsa da bruxa.

Hermione bebeu a Poção Polissuco, que agora estava com uma bela cor heliotrópica, e em segundos parada perante eles, o dobro de Mafalda Hopkirk. Enquanto ela removia os óculos de Mafalda e os colocava, Harry checou seu relógio.

"Estamos ficando sem tempo, o Sr. Manutenção Mágica estará aqui a qualquer segundo."

Eles correram para fechar a sala da verdadeira Mafalda; Harry e Ron através da Capa de Invisibilidade sobre eles, porém Hermione continuava à vista, esperando. Um segundo depois, seguido de outro estalo, um pequeno bruxo com aparência de ferret apareceu na frente deles.

"Ah, olá, Mafalda."

"Olá!" disse Hermione com uma voz trêmula. "Como você está hoje ?"

"Pra dizer a verdade, não tão bem." Replicou o pequeno bruxo, com um olhar abatido. Enquanto Hermione e o bruxo seguiram em direção a rua principal, Harry e Ron se arrastavam-se atrás dele.

“Sinto muito por saber que você não está no clima.” Disse Hermione, falando firmemente para o pequeno bruxo enquanto ele tentava expor seus problemas; era essencial pará-lo antes que ele alcançasse a rua.

“Aqui, pegue uma bala.”

“Ahn? Ah, não obrigado”

“Eu insisto!” disse Hermione agressivamente, sacudindo o saco de pastilhas na cara dele. Parecendo um pouco assustado o bruxo aceitou uma.

O efeito foi instantâneo. No momento em que a pastilha tocou sua língua, o bruxo começou a vomitar tanto que ele nem ao menos percebeu quando Hermione arrancou do topo de sua cabeça um monte de cabelos.

“Ah, querido!”, ela disse enquanto ele vomitava. “Talvez você devesse tirar o dia de folga.”

“Não... não!”, ele engasgou e tentou se recompor, tentando continuar seu caminho mesmo que mal conseguisse andar em linha reta. “Eu devo... hoje... eu devo ir...”

“Mas isso é tolice!”, disse Hermione, alarmada. “Você não pode ir trabalhar nesse estado. Eu acho que você deveria ir para o St. Mungus e deixar eles cuidarem de você”.

O bruxo tinha acabado de ceder, violentamente, caindo de quatro no chão. Ainda tentava engatinhar até a rua principal.

“Você simplesmente não pode ir para o trabalho desse jeito!”

Finalmente ele pareceu aceitar a verdade nas palavras dela.
Usando uma Hermione enojada para conseguir voltar a sua posição inicial, ele tomou o seu posto e sumiu, deixando nada para trás fora a bolsa que Ron havia tirado de duas mãos e algumas poças de vômito.
“Urgh”, disse Hermione, levantando a saia da sua túnica para evitar que ela tocasse na sujeira que ele tinha feito. “Teria feito uma bagunça muito menor se tivéssemos estuporado ele também.”
“Yeah”, disse Ron aparecendo de baixo da capa, segurando a mala do bruxo. “Mas eu ainda acho que uma pilha de corpos inconscientes teria chamado mais atenção. Queria continuar no seu trabalho, dedicado ele, não? Passa logo o cabelo e a poção, então.”
Dentro de dois minutos, Ron apareceu em frente a eles, tão baixo e como o bruxo doente, e usava as túnicas azuis que estavam guardadas na bolsa.
“Estranho, ele não estava as usando hoje, não é mesmo, viu como ele queria ir ?
De qualquer jeito, Sou Reg Cattermole, de acordo com a etiqueta nas costas.”
“Agora espere aqui,” Hermione disse a Harru que estava quieto debaixo da Capa de Invisibilidade. “ E nós voltaremos com alguns cabelos pra você.”
Ele teve que esperar dez minutos, mas pareceu muito mais pra Harry, escondido sozinho na viela ao lado da porta ocultando a

estuporada Mafalda. Finalmente Ron e Hermione reapareceram.
”Não sabemos quem ele é” disse Hermione passando pro Harry alguns cabelos negros e encaracolados, “mas ele foi pra casa com o nariz sangrando muito! Aqui, ele é bastante alto, você irá precisar de túnicas maiores....”
Ela puxou algumas das velhas túnicas que Monstro lavou para eles e Harry retirou-se para tomar a poção e trocar-se.
Uma vez que a dolorosa transformação estava completa ele estava alto e com braços musculosos, construídos poderosamente. Ele também tinha uma barba. Tirando a Capa de Invisibilidade e guardando os óculos na sua nova túnica, ele se juntou aos outros dois novamente.
“Blimey, isso é assustador” disse Ron, erguendo os olhos para Harry, que tinha o cercado agora.
“Pegue uma das moedas de Mafalda”, Hermione disse para Harry, “e vamos logo, são quase nove”.
Eles saíram do corredor juntos. 50 jardas através do piso lotado havia grades pretas enfiadas no chão ocupando duas escadas, um rotulado CAVALHEIROS, e o outro DAMAS.
“Vejo vocês logo, então” disse Hermione nervosamente, e ela cambaleou pelos degraus em direção ao DAMAS. Harry e Ron juntaram um número de homens mal vestidos descendo para o que parecia ser um banheiro público ordinário no sub-soblo, com azulejos brancos e pretos”

“Bom dia, Reg!”, cumprimentou um outro bruxo em túnica azul marinho enquanto ela entrava em um cubículo depois de introduzir sua moeda dourada em uma fenda na porta. “Um pé no saco isso, né? Forçando todos nós a ir trabalhar desse jeito! Quem eles esperam que apareça aqui? Harry Potter?”

O bruxo riu da sua própria piada. Ron deu a ele um sorriso forçado.

“Yeah”, ele disse. “Ridículo, não?”

E ele e Harry entraram em cubículos adjacentes..

Pelos dois lados de Harry veio o som de jatos de água. Ele se baixou e olhou através da brecha o fundo do cubículo em tempo de ver um par de botas subir no toilet (no vaso mesmo. Cena viajosa essa =.=”) ao lado. Ele olhou para a esquerda e viu Ron piscando para ele.

“Nós temos que dar descarga em nós mesmos?”, ele murmurou.

“Parece que sim”. Harry murmurou de volta; sua voz soou profunda e grave.

Os dois se levantaram. Sentindo-se incrivelmente idiota, Harry subiu e “entrou” no vaso.

Ele soube imediatamente que tinha feito a coisa certa, embora parecesse que ele estivesse em pé sobre a água, seus sapatos, pés e túnica permaneceram secos. Ele se endireitou, puxou a descarga e logo em seguida sumiu em uma rápida queda, emergindo de uma lareira dentro do Ministério da Magia.

Ele se levantou desajeitado ; tinha muito mais do seu corpo do que

ele estava acostumado. O grande Átrio parecia mais escuro do que Harry lembrava. Antes uma fonte dourada enchia o centro da entrada, lançando jatos de luz bruxuleante por todo o chão polido e pelas paredes. Agora uma estátua gigante de uma pedra preta dominou a cena. Era até intimidantes aquela grande escultura de uma bruxa e...

um bruxo sentado num trono com ornamentos entalhados, olhando para baixo para os trabalhadores do ministério surgindo nas lareiras. Encravadas em letras garrafais na base da estátua estava a frase: MAGIA É PODER.

Harry recebeu um pesado sopro atrás de suas pernas. Outro bruxo tinha acabado de voar para fora da lareira atrás dele.

“Saia da frente! Você não pode... Oh, desculpe Runcorn!”

Claramente assustado, o bruxo careca saiu correndo.

Aparentemente o homem que Harry encarnava era alguém intimidador.

“Psst!” disse uma voz, e ele olhou em volta para uma pequena bruxa [wispy] e um bruxo [ferrety] da Manuntenção Mágica o chamando de trás da estátua. Harry acelerou para encontrar com eles.

“Você entrou sem problemas?”, Hermione perguntou a ele.

“Não, ele ainda está preso no pântano [??? Bog???]”, disse Ron.

“Oh, muito engraçado... é horrível, não é mesmo?” ela disse a Harry enquanto esse olhava para a estátua. “Você vê em que eles estão

sentados?”

Harry olhou mais de perto e percebeu que o que ele achava ser tronos entalhados decorativamente eram na verdade pilhas de pedaços humanos: centenas e centenas de corpos nus, homens, mulheres e crianças, todos com rostos estúpidos e feios, revirados e amassados para suportar o peso de bruxos bem vestidos.

“Trouxas”, sussurrou Hermione. “Colocados no seu devido lugar. Vamos logo, vamos resolver isto”.

Eles se juntaram ao fluxo de bruxos e bruxas indo em direção aos portões dourados no fim do hal , parecendo tão apressados quanto podiam, mas não havia nenhum sinal da distinta figura de Dolores Umbridge.

Eles passaram pelo portão, e entraram num hal menor, onde filas estavam se formando na frente de 20 grades douradas. Eles mal se juntaram à mais próxima quando uma voz disse “Cattermole!”.

Eles olharam em volta, o estômago de Harry deu uma volta. Um dos comensais que tinha testemunhado a morte de Dumbledore estava correndo na direção deles. Os trabalhadores do ministério atrás deles caíram em silêncio, seus olhos ganharam um tom depressivo. Harry pôde sentir o medo crescendo entre eles. A expressão feia, levemente brutal, não combinava com sua magnificência, em seu traje impressionante coberto com cordas de ouro.

Alguém na multidão em volta dos elevadores falou com ele [sycophanticaily]: “Bom dia, Yaxley.”, Yaxley ignorou-o.

"Eu requeri alguém da Manutenção Mágica para dar um jeito no meu escritório, Cattermole. Ainda está chovendo lá."

Ron olhou em volta como se esperando que alguém interviesse na conversa, mas ninguém o fez.

"Chovendo? No seu escritório? Isso não é muito bom, é?"

Ron deu risadinhas nervosas, os olhos de Yaxley se arregalaram.

"Você acha engraçado, Cattermole, não acha?"

Duas bruxas abriram caminho e furaram a fila do elevador.

"Não! Claro que não" disse Ron.

"Você sabia que eu estou indo lá pra cima interrogar sua esposa, Cattermole? Na verdade, eu estou surpreso de neste momento você não estar lá segurando a mão dela enquanto ela espera. Você já desistiu dela, não foi? Provavelmente uma escolha sábia.Tenha certeza de casar com uma puro-sangue da próxima vez."

Hermione teve um pequeno espasmo de horror. Yaxley se virou para ela, que deu uma tossidinha assustada e se virou.

"Eu – eu..." gaguejou Ron.

"Mas e se minha esposa fosse acusada de ser uma sangue-ruim," disse Yaxley, "— não que eu fosse me casar com qualquer mulher que estivesse suja a este ponto – e a cúpula do Departamento de Execução de Leis Mágicas precisava do trabalho feito. Eu poderia fazer priorizar aquele trabalho, Cattermole. Você me entende?"

"Sim," murmurou Ron.

"Então faça-o, Cattermole, e se meu escritório não estiver

completamente seco dentro de uma hora, o status do sangue de sua esposa estará mais em dúvida do que está agora.”
A grade dourada em frente deles abriu-se. Com um aceno de cabeça e um sorriso desgradável para Harry, que evidentemente esperava apreciar isso de Cattermole, Yaxley moveu-se para outro elevador. Harry, Ron e Hermione entraram, mas ninguém os seguiu: era como se eles estivessem infectados. A grade fechou com um estalo e o elevador começou a mover-se de maneira estranha.
“O que eu vou fazer?” Ron perguntou aos outros dois, ele parecia profundamente nervoso. “Se eu não voltar, minha esposa – quer dizer, a esposa de Cattermole...”
“Nós vamos com você, nós devemos ficar juntos --” começou Harry, mas Rony movia sua cabeça negativamente.
“Isso é idiota, nós temos pouco tempo. Vocês vão procurar Umbridge, e eu vou pro escritório de Yaxley – mas como eu faço parar de chover??”
“Tente Finite Incantatem,” disse Hermione de uma vez, “Isso deve fazer parar de chover se for uma maldição ou azaração; se não for alguma deu errado com o Atmospheric Charm [Feitiço Atmosférico], o que vai ser mais difícil de consertar, então usa o Impervius como um paleativo pra proteger os pertences dele --”
“Repete tudo, devagar --” disse Ron, procurando uma pena em seus bolsos, mas nesse momento o elevador parou.
“Bom dia, Albert,” disse um homem de barba, sorrindo para Harry.

Ele deu uma olhada para Ron e Hermione e o elevador se mexeu de maneira estranha outra vez; Hermione estava agora sussurrando instruções para Ron. O bruxo se aproximou de Harry, e com uma olhar malicioso falou “Dirk Cresswel , né? De Goblin Liaison? Bom, Albert. Eu estou certo de que consigo o emprego dele agora!”

Ele riu, e Harry sorriu de volta, esperando que isso fosse suficiente.



O elevador parou e as portas se abriram mais uma vez.

“Nível Dois, Departamento de Execução de Lei Mágica, incluindo o Escritório de Uso Impróprio de Magia, Quartel General dos Aurores e Serviços Administrativos de Winzengamot [eu acho que é o judiciário dos bruxos]” disse a voz feminina.

Harry viu Hermione dar um empurrãozinho em Ron, e ele saiu do elevador, seguido pelos outros bruxos, o que os fez ficarem sozinhos.

No momento em que a porta se fechou, Hermione falou muito rápido “Na verdade, eu acho que deveria ir com ele Harry. Eu acho que ele não sabe o que está fazendo, e se ele estragar tudo ---”

“Nível Um, Ministro da Magia e Equipe de Apoio.”

A grade abriu de novo, e Hermione engasgou. Quatro pessoas ficaram em sua frente, duas delas profundamente entretidas em uma conversa, um bruxo de cabelos longos vestindo uma magnífica capa preta e dourado, a outra, uma bruxa atarracada e com a aparência de um sapo, usando uma tiara de veludo e apertando uma prancheta contra o peito.

Capitulo Treze

Comissão de Registro de bruxos nascidos Trouxas

-Ah Mafalda!-disse Umbridge, olhando para Hermione.-Travers a mandou aqui, não é?

-S-sim - gaguejou Hemione.

-Ótimo! Você servirá perfeitamente bem. - Umbridge falou para a bruxa vestida de preto e dourado. - Então o problema está resolvido, Ministro, se Mafalda puder ser poupada de manter suas anotações, nós poderemos começar imediatamente! Ela consultou seu caderno de anotações. - Dez pessoas hoje e uma delas é a esposa de um empregado do Ministério! E ainda por cima aqui, no coração do Ministério!-Ela se dirigiu para o elevador ao lado de Hermione, assim como dois bruxos que estiveram escutando a conversa de Umbridge com o Ministro.

-Nós iremos direto para os andares de baixo, Mafalda, onde você encontrará tudo que necessita no tribunal. Bom dia, Albert, você não estava de saída?

-Sim, é claro - disse Harry imitando a voz grossa de Runcorn.

Harry saiu do elevador. As portas douradas tiniram ao fechar atrás dele. Olhando de relance por cima de seu ombro, Harry viu Hermione com um semblante ansioso desaparecendo de sua visão, com um bruxos altos de cada lado.

- O que o traz aqui, Runcorn? - perguntou o novo Ministro da Magia. Seus longos cabelos escuros e sua barba estavam cheios de cabelos prateados, e uma protuberante testa escondia seus olhos brilhantes, fazendo Harry imaginá-lo como um caranguejo espiando por de baixo de uma pedra.

- Necessito dar uma palavrinha com, - harry hesitou por uma fração de segundo - Arthur Weasley. Alguém disse que ele estava no primeiro andar.

-Ah - disse Pius Thicknesse. - Ele foi pego fazendo contato com um Indesejável?

- Não - disse Harry, com a garganta seca. - Não, nada desse gênero.

- Ah, bem. É só uma questão de tempo. - disse Thicknesse. - Se você me perguntar, os traidores de sangue são tão ruins quando os Sangue-Ruins. Tenha um bom dia, Runcorn."

- Bom dia, Ministro. Harry observou Thicknesse caminhar ao longo do carpete vermelho do corredor. No instante que o Ministro sumiu de vista, Harry tirou sua Capa de Invisibilidade de dentro de sua pesada capa preta e pôs sobre si mesmo, e foi na direção oposta

do corredor. Runcorn era tão alto que Harry foi forçado a se agachar para ter certeza que seus pés grandes estivessem escondidos.

O pânico fez seu estômago doer. A medida que ele passava através de diversas portas de madeira, cada uma contendo uma pequena placa com o nome do dono da sala e sua ocupação, o poder do Ministério, sua complexidade, impenetrabilidade, foi despejada em cima dele, fazendo parecer que o plano que ele, juntamente com Rony e Hermione estiveram planejando minuciosamente nas quatro últimas semanas, parecesse incrivelmente infantil. Eles haviam concentrado todo seu esforço em entrar sem serem notados. Eles não pensaram nenhuma vez no que iriam fazer caso fossem forçados a se separar. Agora Hermione estava presa nos procedimentos do tribunal, o que sem dúvida duraria horas; Rony estava lutando para fazer mágicas que Harry tinha certeza que estavam além de seu conhecimento, a liberdade de uma mulher dependendo do resultado; e ele, Harry, estava no andar de cima sabendo perfeitamente bem que sua *quarry* havia descido pelo elevador.

Ele parou de caminhar, encostado na parede e tentando decidir o que fazer. O silêncio tomou conta dele; não havia conversas nem passos por ali; o corredor de carpete lilás estava tão silencioso que parecia que o feitiço "Muffliato" havia sido proferido naquele lugar.

"Seu escritório deve ser por aqui" - pensou Harry.

Pareceu muito improvável que Umbridge iria guardar suas jóias no seu escritório, mas por outro lado pareceu bobo não procurar para ter certeza. Então ele voltou a caminhar pelo corredor, passando por ninguém além de um bruxo franzino que estava murmurando instruções para uma pena que flutuava em sua frente, escrevendo num pedaço de pergaminho. Agora prestando atenção aos nomes nas portas, Harry virou numa esquina. No meio do caminho do próximo corredor, ele se encontrou num amplo espaço aberto onde uma dúzia de bruxas e bruxos sentados em linhas de pequenas mesas parecidas com as mesas da escola, porém muito mais polidas e livre de desenhos. Harry parou para observá-los e o efeito foi surpreendente. Todos estavam balançando suas mãos em uníssono, e quadrados de papéis coloridos estavam voando em todas as direções como pequenas pipas rosa pink. Depois de alguns segundos ele percebeu que todos formavam o mesmo padrão; e depois de alguns segundos ele percebeu que o que ele estava vendo era a criação de panfletos - mas os quadrados eram páginas, nas quais, quando unidas e dobradas, caiam magicalmente em pilhas ao lado de cada bruxo ou bruxa.

Harry se aproximou, duvidando muito que os trabalhadores iriam notar passos camuflados no carpete, e roubou um panfleto pronto da pilha ao lado de uma jovem bruxa. Ele examinou o panfleto por de baixo da capa de Invisibilidade. Sua capa rosa pink possuia um título em letras douradas:

"SANGUE-RUINS e o Perigo que eles oferecem a pacífica sociedade de Sangue-Puros"
Abaixo do título havia uma foto de uma rosa vermelha, com um rosto no meio de suas pétalas sendo estrangulada por uma erva com caninos e com olhar zangado. Não havia nome de autor na parte de cima do panfleto, mas novamente, as cicatrizes no dorso de sua mão direita pareceram formigar enquanto ele o examinava. Então a bruxa ao seu lado confirmou suas suspeitas quando ela disse, ainda balançando sua mão, - Alguém sabe que a bruxa velha vai interrogar os sangue-ruins o dia inteiro?
- Cuidado - disse o bruxo ao seu lado, olhando para os lados nervosamente; uma de suas páginas escapou e caiu no chão.
- Por um acaso ela possui orelhas mágicas assim como olhos agora?A bruxa olhou para as portas brilhantes de madeira encarando o espaço cheio de panfletos; Harry olhou também e uma raiva caiu sobre ele como uma cobra. Onde poderia haver um olho mágico em uma porta de Trouxas, havia um enorme, redondo olho com uma iris azul brilhante - um olho que era terrívelmente familiar a qualquer um que havia conhecido Alastor Moody.
Por uma fração de segundo Harry esqueceu onde ele estava e o que ele estava fazendo. Ele esqueceu até que estava invisível. Ele caminhou diretamente para a porta para examinar o olho. Não estava se movendo. Estava fixo, congelado. A placa abaixo dele dizia:

"Dolores Umbridge - Sub-secretária Senior do Ministério"

Abaixo disso, uma nova placa brilhante dizia:

"Chefe da Comissão de Registro de bruxos nascidos trouxas"

Harry olhou para a dúzia de bruxos fazendo os panfletos. Apesar de estarem trabalhando, ele mal podia acreditar que eles não iriam notar que a porta de um escritório vazio iria se abrir na frente deles. Então, ele retornou um estranho objeto de seu bolso interno, que possuía pequenas pernas e uma buzina de borracha como corpo. Agachando-se em baixo da Capa, ele colocou o Decoy Detonator no chão, que prontamente caminhou por entre as pernas das bruxas e bruxos em sua frente. Alguns momentos depois, durante os quais Harry esperou com sua mão sobre a maçaneta da porta, houve uma explosão e uma grande quantidade de fumaça preta e fedorenta. A jovem bruxa na linha da frente gritou: páginas rosa pink voaram para todos os lados enquanto ela e seus colegas olharam ao redor, procurando a fonte da confusão. Harry virou a maçaneta e entrou no escritório de Umbridge, fechando a porta atrás de si. Ele sentiu como se tivesse voltado no tempo. A sala era idêntica ao escritório de Umbridge em Hogwarts: lacinhos e folhas secas cobriam cada superfície disponível. As paredes eram enfeitadas pelos mesmo pratos ornamentais, cada um contendo um gato colorido. A mesa estava coberta com um tecido florido. Atrás do olho do Moody, havia um telescópio que possibilitava Umbridge a espiar os trabalhadores do outro lado da porta. Harry olhou

demoradamente através dele e viu que todos estavam se juntando ao redor do Decoy Detonator. Ele arrancou o telescópio da porta, deixando o buraco aparecer, tirando o olho mágico e guardando-o em seu bolso. Então ele voltou a observar a sala novamente, levantando sua varinha e murmurando "Accio caixa com fechadura". Nada aconteceu, mas ele não esperava que acontecesse; sem dúvidas Umbridge conhecia todos feitiços e encantamentos protetores. Ele então apressou-se para trás da escrivaninha e começou a abrir as gavetas. Ele viu penas e cadernos de anotações e ainda Spel otape - papéis encantados que se enrolavam como cobras e tinham que ser colocadas de volta; uma caixa com pequenos lacinhos; mas nem sinal de uma caixa com fechadura. Havia um armário atrás da escrivaninha. Harry começou a procurar dentro dele. Assim como os armários de Filch em Hogwarts, estava cheio de folders, cada um etiquetado com um nome. Somente quando Harry abriu a última gaveta é que ele viu algo que o distraiu de sua busca: o arquivo do Sr. Weasley.

Ele pegou o arquivo e o abriu.

FAMÍLIA: Esposa (puro-sangue), sete filhos, dois mais novos em Hogwarts. Observação: filho mais novo atualmente em casa, seriamente doente. Inspetores do Ministério confirmaram.

STATUS DE SEGURANÇA: RASTREADO. Todos os movimentos estão sendo monitorados. Forte probabilidade que Indesejável N° 1 fará contato (ficou com a família Weasley

anteriormente)."Indesejável N° 1", Harry respirou fundo e devolveu o arquivo do Sr. Weasley para a gaveta. Ele tinha uma idéia de quem era, e com certeza, a medida que ele se levantou e olhou ao redor do escritório para procurar por lugares escondidos, ele viu um poster de si mesmo na parece, com as palavras INDESEJÁVEL N° 1 escritas no seu peito. Um pequeno bilhete rosa estava preso no poster juntamente com uma foto de um gato no canto. Harry caminhou para ler e viu o que Umbridge havia escrito: "A ser punido".

Mais enfurecido do que nunca, ele continuou sua busca em baixo dos vasos e cestas de flores secas, mas não era surpresa que a caixa não estava por ali. Ele olhou mais uma vez para o escritório e seu coração deu um salto. Dumbledore estava observando-o de um pequeno espelho retangular, situado numa estante de livros ao lado da escrivaninha.

Harry atravessou a sala e agarrou o espelho, mas percebeu que no momento que ele tocou o objeto, não era um espelho, Dumbledore estava sorrindo na capa de um grosso livro. Harry não havia notado de imediato os escritos verdes em cima de seu chapéu - "A vida e as mentiras de Albus Dumbledore" - nem a pequena escrita em seu peito: "Por Rita Skeeter, autor do bestsel er Armando Dippet: Diretor ou Idiota?"

Harry abriu o livro no começo e viu uma foto que ocupava toda a página de dois garotos adolescentes. ambos rindo com seus braços

ao redor do ombro do outro. Dumbledor, agora com cabelos compridos, havia deixado crescer uma pequena barba que lembrava a barba que Krum tinha no seu queixo que havia incomodado tanto Rony. O garoto que permanecia em uma diversão silenciosa ao lado de Dumbledore possuia uma aparência selvagem. Seus cabelos dourados caiam em cachos em seus ombros. Harry se perguntou se aquele era o jovem Doge, mas antes que ele pudesse se certificar, a porta do escritório se abriu.
Se Thicknesse não estivesse olhando para trás enquanto ele entrava, Harry não teria tido tempo de botar a Capa de Invisibilidade. Quando ele havia vestido a capa, ele pensou que Thicknesse houvesse percebido uma movimentação, pois por um momento ou dois ele permaneceu parado, olhando curiosamente para o local onde Harry havia desaparecido. Talvez pensando se aquilo tudo que ele havia visto era Dumbledore cutucando seu nariz na capa do livro ao invés de harry o pondo de volta na estante, Thicknesse finalmente caminhou para a escrivaninha e apontou sua varinha para a pena que estava apoiada no pote de tinha. Esta por sua vez, começou a escrever um bilhete para Umbridge. Muito devagar, mal ousando respirar, Harry saiu do escritório para a ampla área.
Os bruxos que faziam os panfletos ainda estavam reunidos ao redor dos restos do Decoy Detonator, que continuou soltando sua fumaça. Harry se apressou para o corredor a medida que a bruxa

dizia:

-Eu aposto que isso veio parar aqui pelo "Feitiços Experimentais", eles são tão descuidados. Lembram daquele pato envenenado?

Correndo em direção aos elevadores, Harry repensou suas opções. Nunca foi muito provável que a caixa estivesse no Ministério e não havia esperança de enfeitiçar Umbridge enquanto ela estava sentada num tribunal lotado. Sua prioridade agora deveria ser deixar o Ministério antes que ele fosse descoberto e tentar novamente algum outro dia. A primeira coisa a fazer seria encontrar Rony e então eles poderiam pensar numa maneira de tirar Hermione do Tribunal.

O elevador estava vazio quando chegou. Harry entrou e tirou a Capa de Invisibilidade assim que ele começou a descer. Para seu alívio, quando ele chegou ao nível dois, um Rony de olhos arregalados e suado entrou.

-B-bom dia! - gaguejou a Harry assim que o elevador começava a se mover novamente.

- Rony, sou eu, Harry!

- Harry! Nossa, eu tinha esquecido que você estava parecido com...Por que a Hermione não está com você? - Ela teve que descer para o tribunal com a Umbridge, ela não conseguiu negar e...

Mas antes que Harry pudesse terminar o elevador parou novamente. As portas de abriram e o Sr. Weasley entrou, falando

com uma bruxa mais velha.

-...Eu entendo o que você está dizendo, Wakanda, mas eu receio que eu não possa fazer parte de..."

O Sr. Weasley parou de falar. Ele havia notado Harry. Foi muito estranho ver o Sr. Weasley olhando para ele com tanto desgosto.

As portas do elevador fecharam novamente e os quatroo começaram a descer novamente.

-Oh, Olá Reg. - disse o Sr. Weasley, olhando ao redor para o som das gotas caindo das roupas de Rony. - A sua esposa não está sendo interrogada hoje? Er..o que aconteceu com você? Por que você está tão molhado?

- Está chovendo no escritório de Yexley. - disse Rony. Ele se dirigiu para trás dos ombros do Sr. Weasley e Harry teve certeza que ele estava morrendo de medo que seu pai pudesse reconhecê-lo se ele olhasse diretamente nos seus olhos.

- Eu consegui fazer parar então eles me mandaram buscar Bernie...Pil sworth, acho.

- Sim, está chovendo em vários escritórios ultimamente - disse o Sr. Weasley. - Você tentou o Meteolojinx Recanto? Funcionou para o Bletchley.

- Meteolojinx Recanto? - sussurou Rony - Não, não tentei. Obrigado pai, digo, obrigado Arthur.

As portas do elevador se abriram. A velha bruxa saiu e Rony sumiu de sua vista. Harry fez menção de segui-lo, mas encontrou seu

caminho bloqueado assim que Percy Weasley entrou no elevador, seu nariz enterrado em alguns papéis que ele estava lendo.
Só quando as portas fecharam foi que Percy percebeu quem estava no elevador com seu pai. Ele olhou de relance, viu Sr. Weasley, ficou rubro e assim que as portas se abriram ele saiu do elevador.
Pela segunda vez, Harry tentou sair mas dessa vez ele viu seu caminho bloqueado pelo braço do Sr. Weasley.
- Um momento, Runcorn. As portas do elevador se fecharam e eles desceram mais um andar. o Sr. Weasley disse:
- Eu ouvi que você tem informações sobre Dirk Cresswel .
Harry tinha a impressão que a raiva do Sr. Weasley não era menor por causa do encontro com Percy. Ele decidiu que a sua melhor chance seria se fazer de desentendido:
- Como assim? - ele disse.
- Não finja, Runcorn. - disse o Sr. Weasley. - Você rastreou o buxo que fraudou a sua árvore genealógica, não é mesmo? - disse o Sr. Weasly baixinho, a medida que o elevador descia ainda mais. - E se ele sobreviver a Azkaban, você terá que prestar contas a ele, sem contar a sua esposa, seus filhos, seus amigos.
- Arthur, - interrompeu Harry - Você sabe que você está sendo rastreado, não sabe?
- Isso é uma ameaça, Runcorn? - disse o Sr. Weasley alto.
- Não, - disse Harry - É um fato! Eles estão vigiando cada passo seu!

As portas do elevador se abriram. Eles haviam chegado ao Atrio. o Sr. Weasley olhou rapidamente para Harry e saiu do elevador.
Harry ficou ali, tremendo. Ele desejava que houvesse se transformado em outra pessoa diferente de Runcorn...As portas do elevador tilintaram ao fechar.
Harry botou novamente a Capa de Invisibilidade. Ele tentaria resgatar Hermione sozinho enquanto Rony estava lidando com a chuva no escritório. Quando as portas se abriram, ele saiu para uma passagem iluminada por tochas um tanto quanto diferente dos corredores com carpetes nos andares acima. Assim que o elevador fechava novamente, Harry sentiu um calafrio ao olhar para a distante porta preta que dava no Departamento de Mistérios. Ele começou a andar, não para a porta preta, mas para a porta que ele lembrava do lado esquerdo, que dava para uma escadaria que levava as câmeras do tribunal.Sua mente se encheu de possibilidades a medida que ele descia. Ele ainda possuía alguns Decoy Detonators, mas talvez seria melhor simplesmente bater na porta do tribunal, entrar como Runcorn e pedir por uma breve palavra com Mafalda? Claro que ele não sabia se Runcorn era suficientemente importante para se safar com esta, e ainda que desse certo, Hermione não voltando poderia desencadear uma busca antes mesmo de eles escaparem do Ministério.
Absorto em pensamentos, ele não notou imediatamente o frio sobrenatural que se aproximava dele, como se ele estivesse

descendo para um nevoeiro. Estava se tornando cada vez mais frio a cada passo que ele dava. Um frio que descia pela sua garganta e se alastrava por seus pulmões. E então ele sentiu o desespero tomando conta de si, assim como uma falta de esperança, se expandindo dentro dele...

"Dementadores", ele pensou.

E à medida que ele chegava ao final das escadas e virava para a direita, ele viu uma cena terrível. A passagem escura fora do tribunal estava lotada de figuras altas, com capuz negros, suas faces completamente escondidas, sua respiração ruidosa sendo o único som do lugar. Os sangue-ruins que haviam sido convocados para o interrogatório estavam sentados tremendo em bancos duros de madeira. A maioria deles estavam escondendo suas faces em suas mãos, talvez numa tentativa instintiva de se proteger das bocas gulosas dos Dementadores. Alguns estavam acompanhados de seus familiares, outros estavam sentados sozinhos. Os dementadores estavam flutuando para cima e para baixo na frente deles, e o frio, a falta de esperança e o desespero do lugar tomou conta de Harry como uma maldição. "Lute contra isso", falou para si mesmo, mas ele sabia que ele não poderia conjurar um Patrono sem se revelar imediatamente. Então ele se moveu o mais silenciosamente que pode, e a cada passo que dava seu cérebro parecia mais entorpecido, mas ele se forçou a pensar em Hermione e Rony, que precisavam dele.

Movendo-se através das figuras negras foi algo terrível. As faces sem olhos escondidas em baixo do capuz viravam a medida que ele passava e ele teve certeza que eles o sentiram. Sentiram, talvez, uma presença humana que ainda possuía alguma esperança, alguma resistência...

E então, abruptamente no silêncio congelado, uma das portas da masmorra no corredor direito foi aberta estrondosamente e gritos ecoaram dela.

- Não, não, eu sou mestiço! Eu sou mestiço, eu lhe digo! Meu pai era um bruxo, ele era, olhe para ele, Arkie Alderton, ele é bem conhecido como designer de vassouras, olhe para ele, eu lhe digo! Tire suas mãos e mim, tire suas mãos!

-Este é seu aviso final - disse a voz macia de Umbridge, magicalmente aumentada para abafar os gritos desesperados do homem. - Se você lutar, você será submetido ao Beijo do Dementador.

Os gritos do homem cessaram, mas soluços secos ecoavam no corredor.

- Levem-no embora. - disse Umbridge.

Dois dementadores apareceram na porta do tribunal. Suas mãos podres, sarnentas, agarraram os braços do bruxo que pareceu desmaiar. Eles deslizaram pelo corredor carregando-o, e o rastro de escuridão que eles deixaram para trás o engoliu.

- Próximo: Mary Cattermole - chamou Umbridge.

Uma pequena mulher se levantou; ela estava tremendo da cabeça aos pés. Seus cabelos escuros estavam alisados e ela vestia um longo roupão. Seu rosto estava completamente pálido. A medida que ela passava pelos dementadores, Harry a viu estremecer.
Ele o fez instintivamente, sem nenhum tipo de plano, pois ele odiava a visão dela caminhado sozinha na masmorra: assim que a porta começou a se fechar, ele entrou no tribunal atrás dela. Não era a mesma sala que ele havia estado quando foi interrogado por uso impróprio da magia. Esta era muito menor, apesar do teto ser bastante alto, dando uma sensação de claustrofobia de estar preso no fundo de um poço.
Haviam mais dementadores ali, lançando sua aura congelada no lugar. Eles estavam parados como sentinelas sem rosto nos cantos afastados da alta plataforma. Ali, atrás da balaustrada, estava sentada Umbridge, com Yexley em um de seus lados e Hermione, tão pálida quanto a Sra. Cattermole, no outro. No início da plataforma, um gato de pelos longos e dourados andava para cima e para baixo, e Harry pensou que ele estava ali para proteger a acusação do desespero que emanava dos dementadores; isto era para o acusado sentir e não os acusadores.
- Sente-se - disse Umbridge em sua voz macia como seda.
A Sra. Cattermole tropeçou na única cadeira no meio do chão abaixo da plataforma elevada. No momento que ela se sentou, correntes saíram dos braços da cadeira e a prenderam.

- Você é Mary Elizabeth Cattermole? - perguntou Umbridge.

A Sra. Cattermole acenou afirmativamente.

- Casada com Reginal Cattermole do Departamento de Manutenção Mágica?

A Sra. Cattermole enrubeceu até as orelhas.

- Eu não sei onde ele está. Ele deveria me encontrar aqui!

Umbridge ignorou-a.

- Mãe de Maisie, El ie e Alfred Cattermole?

A Sra. Cattermole soluçou mais do que nunca.

- Eles estão apavorados, eles pensam que talvez eu não volte para casa.

- Polpe-nos - vociferou Yaxley - Os pirralhos dos Sangue-ruins não merecem nossa simpatia. Os soluços da Sra. Cattermole mascararam os passos de Harry a medida que ele subia os degraus que levavam a plataforma elevada. O momento que ele passou no local onde o Patrono em forma de gato monitorava, ele sentiu uma mudança de temperatura. Estava quente e confortável ali. O Patrono, ele tinha certeza, pertencia a Umbridge e brilhava muito pois ela estava muito feliz ali, com seus conhecimentos, usando as leis esquisitas que ela mesma havia ajudado a escrever. Devagar e com bastante cuidado ele chegou ao topo da plataforma, atrás de Umbridge, Yaxley e Hermione, sentando-se na última cadeira. Ele estava preocupado em assustar Hermione. Ele pensou em lançar o feitiço Muffliato sobre Umbridge e Yaxley, mas mesmo sussurar a

palavra poderia deixar Hermione alarmada. E então Umbridge levantou sua voz para dirigir-se a Sra. Cattermole e Harry visualizou sua chance.

- Estou atrás de você - sussurou no ouvido da Hermione.

Assim como ele imaginou, ela pulou tão violentamente que quase derramou o frasco de tinta com o qual ela deveria estar registrando a entrevista, mas ambos, Umbridge e Yaxley, estavam tão concentrados na Sra. Cattermole que isso passou despercebido.

- Uma varinha foi tirada de você quando você chegou no Ministério hoje, Sra. Cattermole. - Umbridge dizia. - Oito terços de polegadas, cerejeira, pelo de unicórnio. Você reconhece essa descrição?

Sra. Cattermole afirmou, limpando seus olhos em sua manga.

- Você poderia, por favor, nos dizer de que bruxo ou bruxa você pegou essa varinha?

- P-pegou? - soluçou a Sra. Cattermole. - Eu não a p-peguei de ninguém. Eu co-comprei quando eu tinha onze anos. Ela...Ela...Ela me escolheu.

Ela chorou mais do que nunca.

Umbridge soltou uma gargalhada que fez Harry ter vontade de atacá-la.Ela se apoiou na barreira para observar melhor a sua vítima e algo dourado projetou-se também no vazio: a caixa.

Hermione havia notado. Ela deixou escapar um pequeno gritinho, mas Umbridge e Yaxley, ainda absortos em sua fala, estavam surdos a todo restante.-Não - disse Umbridge - Não, eu acho que

não Sra cattermole. Varinhas somente escolhem bruxos ou bruxas. você não é uma bruxa. Eu tenho as respostas ao questionário que foi mandado a você aqui. Mafalda, entregue-as a mim.

Umbridge estendeu sua pequena mão. Ela parecia tanto com um sapo que Harry ficou surpreso de não ver teias ao redor de seus dedos gorduchos. As mãos de Hermione estavam tremendo com o susto. Ela procurou em uma pilha de documentos empilhados na cadeira ao seu lado, finalmente encontrado o pergaminho com o nome da Sra. Cattermole.

- Isso..isso é bonito, Dolores, - ela disse, apontando para o enfeite no bolso da blusa de Umbridge.

- O que? - perguntou Umbridge, olhando para baixo. - Ah sim, uma antiga herança da família. - ela disse, colocando a caixa largo peito. - O S é de Selwyn...Sou parente dos Selwyns...De fato, existem poucas famílias puro-sangue com as quais eu não seja parente...Uma pena.-ela continuou em voz alta, folheando o questionário da Sra. Cattermole. - O mesmo não pode ser dito a você. "Profissão dos pais: verdureiros".

Yaxley riu. Abaixo, o fofo gato prateado monitorava para cima e para baixo e os dementadores ficavam de pé esperando nos cantos.

Foi a mentira de Umbridge que bombeou o sangue para o cérebro de Harry e obstruiu o seu senso de precaução - aquela era a caixa que ela tinha pego como suborno de uma petição criminosa, que ela

usava para guardar suas próprias insígnias de puro-sangue. Ele levantou sua varinha, nem se preocupando em se esconder por de baixo da Capa de Invisibilidade e disse:

- Estupefaça!

Ouve um clarão de luz vermelha. A testa de Umbridge bateu na extremidade da balaustrada, os papéis da Sra. cattermole cairam de seu colo para o chão, e lá em baixo o gato prateado sumiu. O ar congelado os atingiu como uma lufada. Yaxley, confuso, olhou ao redor para ver a fonte do problema e viu a mão descoberta de Harry e sua varinha apontando para ele. Ele tentou pegar sua própria varinha, mas era tarde demais: - Estupefaça!

Yaxley caiu no chão.

- Harry!

- Hermione, se você achou que eu ia ficar sentando aqui e deixar ela fingir..."

- Harry, a Sra. Cattermole.

Harry se virou, retirando sua Capa de Invisibilidade. Lá em baixo os dementadores saíram dos cantos, deslizando para a mulher acorrentada na cadeira. Talvez fosse porque o Patrono havia sumido ou talvez porque eles sentiram que seus chefes não estavam mais no controle, eles abandonaram suas limitações. A Sra. Cattermole deixou escapar um terrível grito de medo a medida que uma mão viscosa, sarnenta agarrou seu queixo e empurrou sua cabeça para trás.

- EXPECTO PATRONUM!

O patrono prateado saiu da ponta da varinha de Harry e se moveu em direção aos dementadores, que se afastaram e sumiram na escuridão novamente. A luz, mais poderosa do que nunca e mais quente do que a proteção do cato, preencheu toda a masmorra a medida que dava voltas pela sala.

- Pegue a Horcrux - Harry disse para Hermione.

Ele desceu correndo os degraus, enfiando a Capa de Invisibilidade de volta em sua bolsa e aproximou-se da Sra. Cattermole.

- você? - ela sussurrou. - Mas, mas Reg disse que foi você que mandou meu nome para interrogatório!

- Mandei é? - respondeu Harry, puxando as correntes que prendiam seus braços.-Bem, eu mudei de idéia! Diffindo! - e nada aconteceu.

- Hermione, como eu posso me livrar dessas correntes?

- Espere, estou tentando algo aqui em cima...

- Hermione, estamos cercados por dementadores!

- Eu sei disso, Harry, mas se ela acordar e a caixa estiver sumida...eu preciso duplicá-la...Geminio! Isso...Isso deve enganá-la.

Hermione desceu correndo as escadas.

- Vamos ver...Ralaxo!

As correntes tilintaram e soltaram-se. A Sra. cattermole parecia mais assustada do que nunca.

- Eu não entendo - ela sussurrou.

- Você irá sair daqui conosco, - disse Harry, puxando-a para ficar de

pé. - Vá para casa, pegue seus filhos e fuja, fuja do país se você puder! Se disfarcem e fujam. Vocês viram como isso funciona, vocês não terão um julgamento justo por aqui! Harry! - disse Hermione - Como iremos sair daqui com todos esses dementadores lá fora?

- Patronos! - disse Harry, apontando sua varinha para o seu: o cervo caminhou devagar em direção a porta, brilhando. - O máximo que pudermos conjurar! Conjure o seu Hermione!

- Expec...Expecto Patronum! - disse Hermione. Nada aconteceu.

- Este é o único feitiço que ela já teve dificuldade - Harry falou para uma Sra. Cattermole apavorada. - Um pouco triste, realmente...vamos, Hermione!

- Expecto Patronum!

Uma lontra dourada saiu da ponta da varinha de Hermione e deslizou suavemente no ar para se juntar ao cervo.

- Vamos, - disse Harry, e ele guiou Hermione e a Sra. Cattermole para a porta.

Quando os Patronos deslizaram para fora da masmorra haviam gritos de medo das pessoas que esperavam lá fora. Harry olhou ao redor. Os dementadores estavam se afastando, indo de volta à escuridão, fugindo das criaturas prateadas.

- Foi decidido que todos vocês devem ir para casa e se esconderem com suas famílias. - Harry disse aos bruxos nascidos trouxas que aguardavam, que estavam deslumbrados pela luz que o Patrono

emitia e ainda tentavam se cobrir. - Vão para o exterior se puderem. Somente fiquem bem longe do Ministério. Esta é a..hm..nova posição oficial. Agora, se vocês seguirem o Patrono, vocês poderão sair pelo Atrio.
Eles deram um jeito de subir os degraus de pedra sem serem interceptados, mas a medida que se aproximavam dos elevadores, Harry começou a ter um mal pressentimento. Se eles aparecessem no Atrio com um cervo prateado e uma lontra deslizando ao seu lado, e mais ou menos vinte pessoas, metade sendo acusadas como sangue-ruins, ele não podia parar de pensar que eles iriam atrair atenção desnecessária. Ele mal havia chegado a essa conclusão quando o elevador tilintou em frente a eles. - Água - disse Rony, soltando-se. Harry, eles sabem que há intrusos dentro do Ministério, algo sobre um buraco na porta do escritório de Umbridge. Calculo que temos 5 minutos se...
O Patrono de Hermione sumiu com um "pop" assim que ela se virou com um rosto horrorizado pra Harry.
- Harry, e se estivermos presos aqui?!
- Não estaremos se formos rápidos - disse Harry. Ele se dirigiu ao silencioso grupo atrás dele, que olhava para ele.
- Quem tem varinhas?
Aproximadamente a metade deles levantou as mãos.
- Ok, todos vocês que não possuem varinhas precisam ficar juntos àqueles que as possuem. Bem, precisamos ser rápidos antes que

eles nos encontrem. Vamos.

Eles se abarrotaram em dois elevadores. O Patrono de Harry ficou de sentinela a medida que as portas fecharam e os elevadores começaram a subir.

- Oitavo andar - disse a voz com uma voz fria - Atrio.

Harry sabia que eles estavam com problemas. O Atrio estava cheio de pessoas movendo-se de lareira em lareira, desaparecendo através delas.

- Harry! - gritou Hermione - O que iremos...?

- PARE-Harry vociferou e a voz poderosa de Runcorn ecoou no Atrio. Os bruxos que fugiam pelas lareiras pararam. - Sigam-me. - ele sussurrou para o grupo apavorado de bruxos nascidos trouxas, que se juntaram em um monte, liderados por Rony e Hermione.

- O que está acontecendo, Albert? - disse o mesmo bruxo careca que havia seguido Harry para fora da lareira mais cedo. Ele parecia nervoso.

- Este grupo precisa sair antes que você feche as saídas - disse Harry com toda a autoridade que ele podia reunir.

O grupo de bruxos na sua frente olhavam para eles.

- Nós fomos informados para fechar todas as saídas e não deixar ninguém sair.

- Você está me contradizendo? - Harry falou. - Você gostaria de ter sua família exterminada, como eu fiz com Dirk Cresswel ?

- Me desculpe - soluçou o bruxo careca, se afastando. - Eu não quis

dizer nada, Albert, mas eu pensei que...Eu pensei que eles estavam aqui para interrogatório e... - O sangue deles é puro - disse Harry e sua voz profunda ecoou por todo o corredor. - Mais puro do que muitos de vocês. Agora vocês podem ir. - ele disse aos bruxos nascidos trouxas, que se moveram para as lareiras e sumiram em pares. Os bruxos do Ministério se afastaram, alguns olhando confusos, outros apavorados e receosos. Então:

- Mary!

A Sra. Cattermole olhou pelo seu ombro. O verdadeiro Reg Cattermole, não mais vomitando mas pálido, havia saído correndo de um elevador.

- R-Reg?

Ela olhou de seu marido para Rony, que suspirou.

O bruxo careca parou, sua cabeça virando de um Reg Cattermole para outro.

- Ei, o que está acontecendo? O que é isso?

- Fechem as entradas! FECHE!

Yaxley saiu de um outro elevador e estava correndo em direção ao grupo ao lado das lareiras, pelas quais todos os bruxos nascidos trouxas haviam fugido, com excessão da Sra. Cattermole. A medida que o bruxo careca levantava sua varinha, Harry levantou seu pulso enorme e o socou, fazendo ele sair voando pelos ares.

- Ele estava ajudando eles a fugirem, Yaxley! - Harry berrou.

Os colegas do bruxo careca armaram um tumulto, disfarçando

quando Rony pegou a Sra. Cattermole e a empurrou em direção a lareira que ainda estava aberta e desapareceu. Confuso, Yaxley olhou de Harry para o bruxo socado, enquanto o verdadeiro Reg Cattermole gritou:

- Minha esposa! Quem era aquele com a minha esposa? O que está acontecendo?

Ele viu a cabeça de Yaxley virar, viu a verdade se imprimir no rosto dele.

-Vamos! - gritou Harry para Hermione. Ele pegou sua mão e eles pularam juntos na lareira enquanto a maldição de Yaxley passou raspando ao lado da cabeça de Harry. Eles giraram por alguns segundos antes de saírem para um cubículo violeta. Harry saiu, Rony estava ainda lutando com a Sra. Cattermole.

- Reg, eu não entendo!

- Esqueça, eu não sou seu marido, você tem que ir para casa!

Havia um barulho no cubículo atrás dele. harry olhou ao redor.



Yaxley havia aparecido. - VAMOS! - gritou Harry. Ele agarrou Hermione pela mão e Rony pelo braço e fugiram.

A escuridão os engolfou, juntamente com a sensação de serem empurrados por mãos, mas algo estava errado...A mão de Hermione parecia estar escapando da sua...

Ele imaginou se ele estaria sufocando. Ele não conseguia respirar ou enxergar e a única coisa sólida no mundo era o braço de Rony e os dedos de Hermione, que estavam escapando vagarosamente...

E então ele viu a porta de número 12, Grimmauld Place, com a maçaneta em forma de serpente, mas antes que ele pudesse agarrar, ouve um grito e uma luz violeta. A mão de Hermione foi arrancada da sua e tudo ficou preto novamente.

Capítulo 14

O Ladrão

Harry abriu seus olhos e foi ofuscado por um brilho douradoesverdeado. Ele não tinha idéia do que tinha acontecido, apenas

sabia que estava deitado no que parecia ser folhas e gravetos.

Lutando para puxar o ar para seus pulmões que sentiu arrasado, ele piscou e percebeu que o espalhafatoso brilho era o da luz do sol entrando entre as folhas no topo das árvores. Depois reparou um pequeno objeto perto de sua face. Ele se apoiou sobre as mãos e joelho, pronto para enfrentar algo pequeno como uma feroz criatura, mas viu que o objeto era o pé de Rony. Olhando ao redor, Harry viu que ele e Hermione estavam deitados no chão da floresta, aparentemente sozinhos.

Por um momento, o primeiro pensamento de Harry foi de que estava na floresta proibida, embora ele soubesse o quanto imprudente e perigoso seria para eles aparecerem no território de Hogwarts, seu coração disparou em pensar em olhar através das árvores para a cabana de Hagrid. Entretanto, em poucos segundos esse pensamento fugiu ao ouvir Rony dando gemidos baixos e Harry começou a rastejar em direção a ele e então ele percebeu que aquela não era a Floresta Proibida. As árvores pareciam jovens, mais afastadas e o ambiente mais claro.

Ele encontrou Hermione, também apoiada sobre suas mãos e

joelhos, na cabeça de Rony. No momento em que seus olhos encontraram Rony,todas as preocupações fugiram de sua mente, ao ver o sangue que lhe ensopava o lado esquerdo e sua cara pálida, branco-acizentado em contraste com as folhas e a com a terra. A Poção Polissuco tinha agora perdido o efeito. Rony agora aparentava ser composto de duas partes, Cattermole e ele próprio, com cabelo ruivo e cacheado e a face pálida manchada pela mesma cor vermelha que tinha antes.

O que aconteceu com ele?

“Splinched” falou Hermione, seus dedos ocupados em apertar a camisa de Rony, onde o sangue estava encharcado e escuro.

N.T. *Splinched* é um ferimento causado quando a pessoa não tem muito cuidado na hora de aparatar e uma parte do corpo é deixada para trás.

Harry assistiu, horrorizado, como ela chorava abrindo a camisa de Rony. Ele sempre pensou em Splinching como algo cômico, mas isso... Sentiu-se angustiado do modo como Hermione pôs nu o braço superior de Rony onde um grande pedaço de carne estava perdendo rapidamente vitalidade por causa de um ferimento por faca.

“Harry,rápido,na minha bolsa tem uma pequeno frasco rotulado ‘Essência de Dittany...”

“Bolsa…Certo..”

Harry correu para o lugar onde Hemione aterrissara, agarrou a

pequenina bolsa, e enfiou a mão. Por vez, objeto depois de objeto começou a pressenti-los com o toque: sentiu o dorso de couro de livros ,mangas de lã de um suéter,salto de sapatos...

"Rápido!"

Ele agarrou sua varinha do chão e a apontou para o fundo da mochila.

"Accio Dittory"

Uma pequena garrafa marrom veio rapidamente da bolsa; Harry a pegou e se apressou para junto de Hemione e Rony, cujo olhos estavam meio fechados agora, com faixas brancas do globo ocular que estavam visíveis por entre suas pálpebras.

"Ele está desmaiado." Disse Hermione,que estava também um tanto pálida; não muito longe de parecer com Mafalda, embora seu cabelo estivesse ainda com partes cinza. "Destampe isso pra mim Harry, minhas mãos estão tremendo"

Harry arrancou a rolha do pequeno frasco, Hermione a pegou e despejou três gotas da poção sobre a ferida aberta, uma fumaça verde formou-se acima e quando ela se dissipou, Harry viu que o sangramento fora estancado. A ferida agora parecia sido feita a vários dias; nova pele fora formada sobre o que era uma ferida aberta.

"Uau!"Disse Harry.

"É tudo que eu posso fazer no momento" disse Hermione tremendo, "Há um encantamento que o curaria completamente, mas eu não

tentaria nesse caso. Poderia sair errado e causaria mais danos...
Ele esta perdendo muito sangue ainda...”

“Como ele se machucou? Quero dizer...” Harry balançou a cabeça, tentando organizar as idéias, pra que pudesse fazer sentido de que seja como for tinha trocado de ambiente... ”Por que estamos aqui? Eu pensei que estávamos voltando para o Largo Grimmauld”

Hermione respirou fundo. Parecia estar em prantos.

“Harry, Eu não acho que poderemos voltar para lá.”

“O que você --?”

“Quando nós desaparatamos, Yaxley me segurou e eu não pude me esquivar, ele era muito forte e ele ainda estava segurando quando nós chegamos no Largo Grimmald, e depois...Bem, eu acho que ele deve ter visto a porta, e achou que nos estávamos indo parar lá, então me soltei das suas mãos e o desequilibrei e os trouxe para cá.

“Mas entao, onde ele está? Segurou e... Você não quis dizer que ele está no Largo Grimmald, quis? Por acaso ele pode entrar lá?

Os olhos dela cintilaram cheios de lágrima ao balançar a cabeça afirmativamente.

“Harry, eu acho que ele pode, eu… eu o forcei a ir lá com um Revulsion Jinx, mas eu ainda o peguei dentro do feitiço de proteção do Fidelius Charm. Desde que Dumbledore morreu, nos somos os Portadores do Segredo, então eu lhe dei o segredo, não foi?

Harry não tinha como negar; sabia que ela estava certa. Fora um

golpe duro, se agora Yeaxley poderia entrar na casa não havia nenhuma possibilidade deles retornarem. No momento, ele poderia estar trazendo outros Comensais da Morte lá aparatando. Tristeza e opressão dominavam a casa, que era seu único refúgio seguro: dessa forma, agora sabia que Kreacher (Monstro) era muito feliz e amigável, em sua amada casa. Com uma pontada de arrependimento que não tinha nada a ver comida, Harry imaginou o elfo doméstico super ocupado preparando uma torta de rim que ele,Hemione e Rony nunca comeriam.

“Harry,eu sinto muito,eu sinto realmente muito!”

“Não seja idiota, não foi sua culpa! Se qualquer coisa acontecer,a culpa é minha...”

Harry colocou a mão em bolso e a tirou, apertando o olho de OlhoTonto. Hermione recuou,olhando horrorizada.

“Umbridge o tinha preso na porta do seu escritório para espionar as pessoas. Eu não o teria lá...mas é assim que eles sabiam que existiam intrusos”

Antes que Hermione pudesse perguntar, Rony gemeu e abriu os olhos. Ele ainda estava cinza e com a cara reluzia de suor.

“Como você tá?” sussurrou Hermione.

“Péssimo” resmungou Rony, estremecendo ao sentir o machucado no braço, ”Onde estamos?”

“Na floresta onde eles realizaram A Copa Mundial de Quadribol” disse Hermione. “Eu queria um lugar fechado,mais secreto,e esse foi...”

“...o primeiro lugar que você pensou” Harry concluiu para ela...( ).Ele não poderia evitar de pensar no que tinha acontecido da ultima vez que Aparataram para o primeiro lugar que Hermione pensou – com Comensais da Morte encontrando-os em poucos segundos. Seria Legilimência? Será que Voldemort ou seus seguidores sabiam, até agora, onde Hermione tinha estado com eles?

“Faríamos mal se tentássemos sair daqui? Rony perguntou a Harry, e ele poderia responder por um olhar que estava pensando a mesma coisa.

“Não sei.”

Rony ainda olhava pálido e encharcado. Ele não tinha tentado levantar e mesmo que tentasse, parecia bastante debilitado para fazê-lo. A idéia de movê-lo era desencorajadora.

“Vamos ficar aqui por enquanto” disse Harry

Parecendo aliviada, Hermione deu um pulinho.

“Onde você vai?” questionou Rony

“Se vamos ficar, deveríamos colocar algum encantamento protetor por aqui,” ela replicou, e levantando sua varinha, ela começou a andar formando círculos em volta de Harry e Rony, murmurando o encantamento como proposto. Harry viu pequenas perturbações no ar ao seu redor; era como se Hermione tivesse levantado uma bruma neles.

“Salvio Hexia...Protego Totalum…Repel o Mugletum…Muffliato…Você pode retirar a barraca Harry?”

“Barraca?”

“Na bolsa!”

“Na…. claro,” falou Harry

Ele não se preocupou em mover-se à cegas pela névoa dessa vez, pois estava acostumado a usar Feitiços Convocatórios. A barraca emergiu como um amontoado de lona, cordas e hastes. Harry a reconheceu, particularmente por causa do cheiro de gatos, como a mesma barraca em que eles dormiram na noite da Copa Mundial de Quadribol.

“Eu pensei que isso pertencia aquele sujeito do Ministério?perguntou ele,começando a puxar os pregadores da barraca.

“Aparentemente ele não a queria de volta,sua coluna estava muito ruim.”disse Hermione,agora executando um complicado movimento semelhante a ou oito com sua varinha.”então o pai de Rony disse que ficaria com ela.Erector”disse ela adicionalmente,apontando a varinha para a bagunçada lona,que em um sutil movimento dos pregadores saltou no ar e pousou, totalmente montada,acima do solo na frente de Harry,que já tinha começado a fixar os pregadores,e caindo com um baque surdo.

“Cave Inimicum”terminou Hemione com a fortaleza formada.

“Tem muitas coisas que eu posso fazer. No mínimo.sabemos que eles estão vindo e não temos certeza se essa barraca manterá Vol…”

“Não diga esse nome!” interrompeu Rony atrás dela,num tom

áspero Harry e Hemione se entreolharam.

“Desculpe” disse Rony,lamentando um pouco com se tivesse

elevado a voz para que o olhassem.”mas parece um ...um feitiço

algo assim. Por favor ,não podemos apenas chamá-lo por VocêSabe-Quem...?

“Dumbledore disse que o medo do nome…” começou Harry.

“Caso você não tenho reparado, Harry, chamar Você-Sabe-Quem

pelo seu nome não fez diferença a Dumbledore no seu fim,”retrucou

Rony rápido e rispidamente”Só...Só mostre a Você –Sabe -Quem

algum respeito,certo?”

“Respeito?” repetiu Harry, mas Hermione lhe lançou um olhar

enfurecido;aparentemente ele não poderia discutir com Rony

enquanto este estivesse em péssimas condições.

Harry e Hermione meio que carregaram e arrastaram Ron através

da entrada da barraca. O interior estava exatamente como Harry

lembrava: um pequeno apartamento completo, com banheiro e uma

pequena cozinha. Ele colocou de lado uma velha poltrona e

repousou Ron cuidadosamente sobre a cama de baixo de um

beliche. Essa curta aventura havia deixado Ron mais branco ainda,

e uma vez instalado no colchão, fechado os olhos de novo, não

falou por um momento.

“Vou fazer um pouco de chá,” disse Hermione sem fôlego, tirando

uma chaleira e xícaras do fundo de sua bolsa e virando-se para a

cozinha.

Harry achou a bebida quente bem-vinda como o whisky de fogo foi na noite em que Olho-Tonto morreu, ela pareceu queimar a ponta de medo que pairava sobre seus ombros. Após um minuto ou dois, Ron quebrou o silêncio.

“O que você acha que aconteceu aos Cattermoles?”

“Com sorte, eles foram embora,” disse Hermione, segurando sua xícara quente para se reconfortar. “Quanto mais Sr Cattermole tiver sua má presença por perto dele, ele terá transportado Sra Cattermole por aparatação acompanhada e eles deverão estar fugindo do país com seu filhos agora mesmo. Foi o que Harry disse a eles para fazer.”

“Espero que eles tenham escapado,” disse Ron, recostando-se em seus travesseiros. O chá pareceu estar lhe fazendo bem; um pouco de sua cor voltara. “Eu não estou tão confiante que Reg Cattermole esteja totalmente alerta, todo mundo estava falando comigo quando eu era ele. Deus, espero que eles tenham... Se eles acabarem por nossa culpa...”

Harry olhou para Hermione e a questão que ele estava pra perguntar---se a falta da varinha de Sra Cattermole poderia evitar sua aparatação junto com seu marido ---. Hermione estava observando Ron afligir-se com o destino dos Cattermoles, e havia uma dose de ternura em sua expressão. Harry sentiu como se ele tivesse surpreendido pelo ato dela de beijá-lo.

“Então, você pegou?” Harry perguntou pra ela, parte para lembrar

ela que ele estava ali.

“Pegou ---peguei o quê?” Ela falou com um pouco de curiosidade.

“O quê fez a gente passar por tudo aquilo? O Medalhão! Onde está o medalhão?”

“Você o pegou?” Exclamou Ron, se levantando um pouco do seu travesseiro. “Ninguém me conta nada! Meu deus, vocês podiam ter mencionado isso?”

“Bem, nós estávamos correndo por nossas vidas dos comensais da morte, não estávamos?” Falou Hermione. ”Aqui.”

E ela tirou o medalhão o bolso de sua roupa e entregou a Ron.

Era tão grande quanto um ovo de galinha. Com um S ornamentado, com muitas pequenas pedras verdes, brilhando pouco na luz difusa que entrava na barraca.

“Não tem nenhuma chance de alguém ter destruído isso desde que o Monstro(Kreacher) obteve ?” perguntou Ron esperançosamente. “Digo, tem certeza que ainda é uma Horcrux?”

“Eu penso que” falou Hermione, pegando de volta dele e olhando mais de perto. “Teria algum sinal de dano se foi magicalmente destruido.”

Ela passou para Harry ,ele passou pelos dedos. Era algo fechado perfeitamente, preciosamente. Ele se lembrou das lacerações no diário, e como a pedra no anel que era uma Horcrux foi danificado quando Dumbledore o destruiu.

“Eu reconheço que Kreacher está certo,” falou Harry. “Nós temos

que nos esforçar para abrir o anel antes de conseguirmos destruir."

De repente,tomou consciência do que estava segurando,do que vive atrás das pequenas portas de ouro,atingiu harry enquanto ele falava.Depois de todo seus esforços para encontrá-la,ele sentiu um violento desejo de se trancar em um armário.Dono de si próprio novamente,ele tentou aprisionar com seus dedos, depois tentou o talismã que Hermione tinha usado para abrir a porta do quarto de Regulus. Não funcionou. Ele devolveu o baú para Rony e Hermione, sabendo que cada um já tinha feito o melhor para abri-lo, mas também sem resultados bem sucedidos.

"Você pode senti-lo?" Rony pergunta com uma voz nervosa,como se tentasse se controlar com os punhos cerrados.

"O que você quis dizer?"

Rony passou a Horcrux para Harry. Depois de um segundo ou dois, Harry achou que entendeu o que Rony queria dizer. Era o sangue que corria em suas veias que ele sentia, ou algo pequeno dentro do Baú, como um minúsculo coração de metal?

"O que você vai fazer com isso?"perguntou Hemione.

"Mantê-lo seguro enquanto pensamos em como destruí-lo" respondeu Harry, e , pensando em como queria fazer, pendurou em volta de uma corrente no pescoço,deixando fora de vista, abaixo das vestes, onde sossegada sob seu peito se encontrava a algibeira que Hagrid tinha lhe dado.

"Eu acho que nós deveríamos tomar o medalhão em vez de

observá-lo fora da tenda," ele acrescentou a Hermione, pondo-se de pé e se espreguiçando. "E nós precisaremos pensar sobre os alimentos também. Você ficará lá," ele acrescenta astutamente, quando Ron tentou se mover e foi tomado pela fúria do ciúmes.

Com o Sneakoscope que Hermione tinha dado a Harry como presente de aniversário, ajustado cuidadosamente sobre a mesa da barraca,os dois passaram o resto do dia invertendo os papeis de observação . Contudo o Sneakoscope permaneceu em silêncio o tempo todo ;seja pelos feitiços protetores ou pelo repelente de trouxas espalhado por Hermione em volta deles,ou por que as pessoas raramente se aventuravam por aquele caminho,seu trecho de floresta permanentemente deserto,exceto pelos pássaros e esquilos.pela noite nenhuma mudança;Harry ascendeu sua varinha para trocar de lugar com Hemione as dez horas,e olhou para a cena deserta do lado de fora,onde não viu nem morcegos sobrevoando acima deles ,ao observar através de um remendo no alto da barraca,onde era visível o céu e a transparente proteção .

Ele sentia fome agora, e um pouco tonto. Hermione não tinha levado nenhum alimento na sua bolsa mágica, porque ela imaginava que eles já teriam retornado ao Largo Grimmauld esta noite, e eles não tinham imaginado nada melhor pra comer do que cogumelos selvagens que Hermione tinha colhido entre as árvores mais próximas e stewed em uma bil ycan. Depois de comer um bom tanto Ron empurrou sua poção pra longe olhando delicadamente:

Harry continuou comendo só para não ferir os sentimentos de Hermione.

O silencio a volta havia se quebrado por barulhos que pareciam como o quebrar d gravetos:harry pensou que eles haviam sido provocados por animais e não por pessoas,ainda assim ele pegou sua varinha e ficou pronto. Ele não se sentia bem devido [...] a dose de cogumelos emborrachados, engolidos com pouca vontade.

Ele pensou errado que ele se sentiria feliz e orgulhoso se conseguisse roubar de volta a Horcrux, mas de alguma maneira ele não se sentiu; tudo que ele sentiu quando ele se sentou olhando pro escuro, era preocupação sobre o que aconteceria em seguida. Era como se ele tivesse se movendo pra esse ponto por semanas, meses, talvez até anos, mas agora ele chegara numa parada abrupta, saindo da rota.

Havia outras Hocruxes em qualquer lugar ali fora, mas ele não tinha a mínima idéia onde elas estariam. Ele nem mesmo sabia o que eram todas elas. Entretanto ele estava louco para descobrir como destruir a única que eles haviam encontrado, a horcrux q estava rente ao peitoral nu. Curiosamente isto tirou calor de seu corpo, e estava tão frio contra a sua pele que parecia ter emergido do gelo.

De tempo em tempo harry pensava, ou talvez imaginava, que ele podia sentir uma pequena batida de coração irregularmente além da sua própria.

Sentimentos de impedimento diabólico sem origem recaiam sobre

ele enquanto ele se sentava no escuro.
Ele tentou resistir, tirar eles fora, contudo eles iriam embora se quisessem: Ele não podia. E parecia para harry, enquanto ele estava sentado lá tentando dominar seu próprio medo e exaustão, que a Horcruxe contra seu mestre, seu peitoral estava passando rápido o tempo que sobrara ... Idéia estúpida, ele falou consigo mesmo, não pense isso...
Sua cicatriz começou a arder novamente. Ele estava com medo que ele estivesse fazendo isso acontecer para ele ter esses pensamentos, e com isso controlar sua mente. Pensou no pobre Monstro, que mau os esperou repousar e foi receber Yaxley. Ficaria o elfo em silencio ou contaria ao Comensal da Morte tudo o que sabia? Harry queria acreditar que Monstro havia mudado com ele no mês passado, isso seria bom neste momento, mas quem sabe o que acontecerá? E se os Comensais da Morte torturassem o elfo? As imagens do duende sendo torturado vieram a mente de Harry e este tentou afastá-las porque não podia fazer nada para Monstro. Hermione também já tinha-se decidido a não tentar chamá-lo.; e se alguém do ministério viesse junto? Eles não podiam contar que aparatação de elfos eram livres do mesmo fato que levou Yaxley ao lago Grimmauld , onde ele se agarrara às mangas de hermione.
A cicatriz de harry estava queimando. Ele pensou que sua cicatriz agora estava ardendo muito mais freqüentemente. Havia tantas coisas que eles não sabiam. Lupin estava certo sobre mágicas que

eles jamais tinha imaginado ou encontrado. Porque Dumbledore não tinha explicado mais? Tinha ele pensado que haveria muito tempo; que ele ainda viveria por anos, por séculos quem sabe, como seu amigo Nicholas Flamel? Se assim, ele estava errado…Snape, a cobra adormecida, como ficaram presos no topo da torre…

E Dumbledore caíra…caíra…

“Entregue a mim Gregorovitch.”

A voz de harry estava alta, limpa, e fria, sua varinha segurada na sua frente por uma mão branca de longos dedos. O homem que ele estava apontando estava suspenso de ponta cabeça no meio do ar, no entanto não havia nada segurando ele; balançando, invisivelmente e limitado, seus membros envolvidos sobre ele, sua cara visivelmente em pânico, em um nível com Harry, vermelho devido ao sangue que se tinha ido a sua cabeça. Teve o cabelo puro-branco e uma barba grossa e comprida; parecia um verdadeiro papai-noel.

“Eu não tenho isso mais! Aconteceu, muitos anos atrás, roubado de mim!”

“Não minta para o lorde voldemort, gregorovitch. Ele sabe…sempre sabe.”

As pupilas do homem suspenso estavam largas, dilatadas pelo medo, e pareciam inchar, cada vez maior até sua obscuridade engoliu Harry inteiro---E agora Harry apressava ao longo de um corredor escuro

gregorovitch acordou quando ele suspendeu uma lanterna no alto:A passagem e a lanterna iluminaram o que parecia ser uma oficina: madeira e ouro brilhavam na poça de luz, e lá na borda da janela, como uma pássaro gigante um jovem homem com cabelo dourado. No segundo que a lanterna o iluminou, Harry viu o prazer na sua bela face, então o intruso jogou um Stunning spel de sua varinha e pulou para traz dando risada.

E harry colidiu de volta naquelas pupilas e a face de gregorovitch estava cheia de terror.

“quem foi o ladrão, gregorovitch?” falou alto a voz fria.

“Eu não sei, eu nunca soube, um jovem homem-não-por favor.

“POR FAVOR”

Um grito q veio e surgiu uma luz verde---“Harry”

Ele abriu os olhos, sua testa doendo. Ele foi para o lado da barraca, deslizou pelo lado da lona, e foi alastrado na terra. Ele olhou para Hermione , cujos cabelos armadas obscureceu a pequena parte de céu visível diretamente sobre eles.

“Sonho,”Ele falou, sentando rapidamente e tentando fugir do olhar inocentemente, “devo ter caído no sono, desculpa.”

“Eu sei que foi a sua cicatriz! Eu posso falar pelo jeito que sua cara está! Você estava olhando pra Vol---“

“Não fale seu nome!” veio a voz brava de rony de dentro da barraca.

“Bem, “ retrucou Hermione. “você-sabe-quem, sua mente,então.”

“Eu não queria que isso acontecesse!” falou harry, “foi um sonho!

Você pode controlar o que você sonha, Hermione?”

“Se você tivesse aprendido oclumência—“

Mas harry não estava interessado em se repreendido; ele queria discutir o que tinha acabado de ver.

“Ele encontrou Gregorovitch, Hermione, e eu acho que ele o matou, mas antes de o matar, ele leu sua mente e eu vi ---“

“Eu acho que é melhor eu assumir a guarda se você está tão cansado e caindo de sono,” disse Hermione friamente.

“Eu posso terminar a guarda!”

“Não, você está obviamente exausto. vá e descanse.”

Ela se abaixou na porta da barraca, parecendo obstinada. Bravo , mas querendo evitar problemas, Harry entrou pra dentro.

Ron ainda pálido estava saindo da cama mais baixa; Harry olhando para o teto da barraca. Depois de alguns momentos, Ron falou numa voz tão baixa que não chegaria aos ouvidos de Hermione, parada na entrada.

“O que “Você-sabe-quem” está fazendo?”

Harry forçou seus olhos com o objetivo de lembrar cada detalhe, então murmurou no escuro.

“Ele encontrou Gregorovith. Ele o tinha amarrado, estava torturando-o.”

“Como Gregorovitch vai fazer uma nova varinha se ele está imobilizado?

“Eu não sei…, é estranho…”

Harry fechou seus olhos, pensando em tudo q ele tinha visto e ouvido. Quanto mais ele repensava, menos sentido fazia…Voldemort não disse nada sobre a varinha de Harry, nada sobre as varinhas, nada sobre Gregorovitch fazer uma nova e mais poderosa varinha para bater a do Harry…

"Ele queria algo de Gregorovitch." Harry falou, com os olhos ainda fechados. "Ele pediu que entregasse, mas Gregorovitch disse que tinha sido roubado dele…e então…"

Ele se lembrou como ele, sendo Voldemort, viu através dos olhos de Gregorovitch, suas memórias…

"Ele leu a mente de Gregorovitch, e eu vi uma jovem homem no parapeito da janela, e ele jogou uma maldição em gregorovitch e fugiu do lugar. Ele roubou , roubou seja lá o que for que Você-sabequem quer. E eu… Acho que o vi em algum lugar…"

Harry desejava poder ver outro relampejo da cara do menino. O roubo aconteceu muitos anos antes de acordo com Gregorovitch. Porque o jovem ladrão parecia tão familiar?

Os barulhos de madeira envolta eram inaudíveis dentro da tenda; tudo que harry podia ouvir era a respiração de Ron. Depois de um tempo, Ron murmurou, "Você não pode ver o que o ladrão segurava?"

"Não…Devia ser algo bem pequeno."

"Harry?"

As vigas de Madeira da cama de Ron rangeram quando ele se reposicionou na cama.

“Harry, você não acha que Você-sabe-quem está atrás de algo para transformar em Horcrux?”

“Eu não sei,” Falou Harry vagarosamente. “Talvez, mas não seria perigoso para ele fazer mais uma? A Hermione não falou que ele já estendeu sua ao limite?”

“Sim, mas talvez ele não saiba disso.”

“Sim…talvez,” falou Harry.

Ele tinha certeza que Voldemort tinha procurado uma maneira de resolver o problema da ligação das varinhas irmãs, tinha certeza que Voldemort buscava uma solução do antigo produtor de varinhas… e então ele o matou, aparentemente sem perguntar uma pergunta sobre isso.

Então o que Voldemort estava tentando encontrar? Porque, com o ministério de Magia e o mundo mágico ao seus pés, ele tinha ido tão longe, com a intenção de obter uma objeto que uma dia tinha pertencido a Gregorovicth, e que foi roubado por um ladrão desconhecido?

Harry ainda podia ver o jovem de cabelos loiros, foi prazeroso, selvagem; Tinha um ar meio Fred e George de triunfo nele. Ele tinha voado do parapeito da janela como uma pássaro e Harry o tinha visto antes, mas não conseguia lembrar aonde…

Com a morte de Gregorovitch, era o ladrão da cara jocosa que estava em perigo agora, e era nele que os pensamentos de Harry recaiam, assim que os roncos de Rony começaram a sumir da

cama debaixo e ele pouco a pouco caiu no sono uma vez mais.


HPMbr.net

Capítulo 15

A vingança dos duendes

Na manhã seguinte, antes dos outros dois acordarem, Harry deixouos a barraca, para procurar lenha em volta, o mais velho, mais áspero e resistente que ele pudesse encontrar. Ali numa sombra ele escondeu o olho de Olho-tonto Moody e fez uma marca na pequena cruz, com folha de árvores. Não era muito, mas Harry sentiu que Olho-Tonto preferia isso do que fincado na porta de Dolores Umbridge. E ele voltou a barraca para esperar os outros acordarem e discutir o que eles fariam em seguida.

Harry e Hermione sentiram que o melhor que fariam é não ficar por ali muito tempo, e Ron concordou, o único movimento deles foi para pegar um sanduíche de bacon. Logo Hermione tirou o encantamento que colocou na clareira, enquanto Harry e Ron escondiam todas as marcas e impressões no solo que poderia mostrar que eles estiveram acampados ali. E então eles desaparataram para os arredores de um pequeno mercado.

Quando eles tinham montado a barraca, na proteção de uma copa de árvores e a cercaram com um novo encantamento, Harry arriscou-se a buscar alimentos, com a capa de invisibilidade. Isso, entretanto, não foi planejado. Ele tinha praticamente chegado na cidade, quando um calafrio anormal, uma névoa e um céu escuro repentino o gelou e o fez parar. “Mas você podia ter feito um brilhante Patrono!” Ron protestou, quando Harry voltou de mãos

vazias, sem respirar, e dizer uma palavra: dementadores.
”Eu não pude.. fazer nenhum”.. Ele ofegou, apertando uma parte do estômago..” não viria”
A expressão deles de consternação e desapontamento, fez Harry sentir-se envergonhado. Parecia um pesadelo, ver a distância os dementadores deslizando pela névoa e realizando, como se com um choque paralisasse seus pulmões e um grito distante em seus ouvidos.. por isso ele não podia se proteger. Isso tirou todo a vontade do Harry de arrancar a si mesmo e sua pele do lugar, deixando os dementadores cegos a deslizar entre os trouxas, que não podiam vê-los, mas que podiam senti-los passar.
“Então.. nós ainda não temos nenhuma comida.” Cala boca Ron”, interrompeu Hermione. “Harry, o que aconteceu? Porque você acha que não conseguiria fazer o seu Patrono? Você o fez perfeitamente ontem”
”eu não sei” Ele se largou em uma das velhas poltronas de Perkins, se sentindo mais humilhado agora. Ele temia que alguma coisa estivesse errada com ele. Ontem parecia ser um tempo distante: Hoje ele poderia ter 13 anos de novo, o único que desmaiou no Expresso Hogwarts.
Ron chutou uma perna da cadeira. “O que?” ele rosnou para hermione. “eu estou morrendo de fome! Tudo que eu comi,desde que sangrei até a morte, foi um punhado de sapos de chocolate!”
”você vai lá e luta do seu modo com os dementadores então..” disse

Harry, aflito.

”eu iria, mas meus braços estão numa tipóia, caso você não tenha notado.”

”Que conveniente”

”e o que você acha que eu deveria.. “Ah claro” gritou hermione,batendo as mãos na testa e calando os dois. “harry me dê o cadeado, .. anda.” Disse ela impaciente, estalando seus dedos nele,enquanto ele não reagia. “a horcrux, Harry, você ainda a está usando.

Ela segurou suas mãos e Harry ergueu a carteira dourada sobre sua cabeça. No momento que aquilo desfez contato com a pele de Harry, ele se sentiu surpreendentemente livre e leve. Ele não percebeu se era isca de peixe ou se era uma pressão forte no seu estômago, ambas as sensações se foram.

”está melhor? Perguntou Hermione

”sim.. muito melhor”

”harry”, ela disse. Agachando-se na frente dele e usando um tipo de voz ,que ele associou com quem visita doentes, “você não acha que estivesse possuído, acha?”

"o que? não." ele disse na defensiva. "eu lembro de tudo que fizemos enquanto eu estava usando isso. Eu saberia se estivesse possuído, não? A Gina me disse que houve vezes que ela não se lembrava de nada."

"Hmmm" , Hermione disse, olhando para o pesado cadeado

dourado.

"bom.. talvez, nós não devemos usar isso. Devemos guardar na cabana."

"Não devemos deixar esta horcrux por ai" Harry determinou firmemente. "se nós perdermos isso, ele será roubado"

"Oh.. ta certo, ta certo" disse Hermione.. e ela colocou-o em volta do próprio pescoço e escondeu dentro de sua camisa. "Mas, nós faremos revezamento de usar, afinal ninguém guardará isso por tanto tempo."

"viva" disse Ron irritado. " e agora que já resolvemos isso, podemos buscar comida?"

"certo.. mas iremos para algum lugar para encontrar isso" disse hermione com meio olhar para Harry. " não há sinais de onde os dementadores estão atacando."

No fim eles passaram a noite num grande pedaço de chão, no campo de uma fazenda abandonada, onde conseguiram ovos e pães.

"Isso não é roubar, é?" perguntou Hermione numa voz transtornada, enquanto eles devoravam ovos mexidos na torrada. "não se eu deixar algum dinheiro debaixo da gaiola da galinha?" Ron virou seus olhos e disse, com suas bochechas inchadas, "er-mi -onee, ão se preocupe-uito.. élaxe.

E de fato, era muito fácil relaxar enquanto eles estavam confortavelmente bem alimentados. A discussão sobre os

dementadores foi esquecida com uma noite de risadas, e Harry se sentiu alegre, até mesmo esperançoso, com na primeira das três noites vistas.

Era a primeira vez que os três entendiam que estômago cheio significa bons espíritos, e um vazio, disputa e melancolia. Harry estava surpreso com isso, pois ele passou por fases de fome nos Durley´s. Hermione se chateou razoavelmente bem naquelas noites enquanto eles se alimentavam de nada, exceto de bagos e biscoito seco, o humor dela no entanto estava menor do que o normal e o silêncio dela com certeza rígido. Ron, entretanto, sempre acostumado com três refeições ao dia, cortesia de sua mãe ou das empregadas de Hogwarts, a fome fez dele irracional e irascível. Quando a falta de comida coincidiu com a vez de Ron usar o Horcrux, ele tornou-se absolutamente desagradável.

"então, quem é o próximo?" era seu refrão constante. Ele parecia não ter idéias dele, mas esperava Harry e Hermione vir com planos enquanto ele se sentava e meditava sobre o pequeno estoque de comida. Harry e Hermione, espontaneamente gastavam horas tentando decidir onde eles poderiam encontrar os outros Horcruxes e como destruir o que eles já tinham, a conversa deles tornou-se incrivelmente repetitivas e eles não tinham nenhuma informação nova.

Como Dumbledore tinha dito ao Harry que acreditava que Voldemort tinha escondido as Horcruxes em lugares importantes a

ele, eles ficam recitando uma espécie de ladainha deprimente, aqueles locais que eles sabiam que Voldemort tinha vivido ou visitado. O orfanato onde ele nasceu e cresceu; Hogwarts, onde ele foi educado, Borgin e Burkes, onde ele passou seus anos de exílio. Esses lugares eram a base da especulação deles.

"Sim, vamos a Albânia. Não levará mais do que uma tarde para procurar no país todo. disse Ron sarcasticamente.

"Não pode ser nada aqui. Ele fez seus cinco Horcruxes antes de ir para o exílio, e Dumbledore tem certeza que a cobra é o sexto", disse Hermione. "Nós sabemos não está na Albânia, geralmente ela está com Vol´.." Eu não pedi para você parar de dizer isso?"

"Ok..a cobra geralmente está com o Você-Sabe-Quem.. ta feliz?"

"Não particularmente"

"Eu posso vê-lo escondendo alguma coisa em Borgin e Burke´s", disse Harry, que fez essa observação antes várias vezes, mas disse de novo só para quebrar o silêncio desagradável.

"Borgin e Burkes são especialistas em objetos do mal, eles certamente reconheceriam uma Horcrux."

Ron bocejou agressivamente. Reprimindo um forte impulso que passava por ele, Harry abriu caminho "eu ainda considero que ele deve ter escondido algo em Hogwarts"

Hermione suspirou. "Mas Dumbledore teria encontrado isso, Harry!"

Harry repetiu o argumento q ele guardava a favor de sua teoria.

"Dumbledore disse na minha frente que ele nunca disse que

conhecia todos os segredos de Hogwarts. Eu estou dizendo, se há um lugar onde Vol.."

“Oi... Você-Sabe-Quem.. então! Harry gritou perdendo a paciência. "Se há um lugar que é realmente importante para Você-Sabe-Quem é Hogwarts!"

"Ah.. qual é" zombou Ron. "A escola dele?"

"Sim.. a escola dele! Esse foi o primeiro lar dele, o lugar que fez ele se sentir especial, significa tudo para ele, e mesmo depois dele partiu.."

"é sobre o Você-Sabe-Quem que estamos falando, certo? Não sobre você? perguntou Ron. Ele estava arrancando a corrente do Horcrux do pescoço; Harry ficou tentado a agarrá-la e enforcá-lo.

"Você nos disse que Você-Sabe-Quem pediu a Dumbledore para dar um emprego antes dele sair" disse Hermione.

"Isso mesmo" disse Harry!

E Dumbledore pensou que ele só queria voltar e tentar encontrar algo, provavelmente outro iniciador de objeto, para fazer outra Horcrux?"

"Sim", disse Harry

"Mas ele não conseguiu trabalho, conseguiu? Hermione ajudou. "Então, ele nunca teve a chance de encontrar um iniciador de objetos aqui e esconder na escola!"

"ok.. então.. Harry disse derrotado. " Esqueça Hogwarts"

Sem qualquer outro caminho, eles viajaram por Londres, se

escondendo embaixo da capa da invisibilidade, procurando pelo orfanato onde Voldemort cresceu. Hermione entrou furtivamente numa biblioteca e descobriu em seus registros, que muitos deles foram demolidos anos atrás. Eles visitaram os terrenos e acharam blocos de escritórios.

“Ele não deve ter escondido uma Horcrux aqui.” Harry disse. Ele sabia disso a muito tempo. O orfanato era o lugar que Voldemort estava determinado a fugir, ele nunca esconderia parte de sua alma ali. Dumbledore mostrou a Harry que Voldemort via grandeza ou misticismo em seus esconderijos; esta esquina cinza e sombria de Londres, como você pode imaginar, estava longe de afastar Hogwarts ou o Ministério ou uma construção como Gringots, o banco dos mágicos, com suas portas douradas e chãos de mármore.

. Mesmo sem idéia alguma, eles continuaram a andar pelo interior, armando a barraca em diferentes lugares cada noite por segurança. Toda manhã eles tinham certeza que tinham removido as pistas da presença deles, e então iam procurar outra solitária e isolada pista, viajando por Aparatamento entre as florestas, pelas sombras de penhascos, por pântanos roxos, por dentro de montanhas com picos cobertos, e uma vez por uma áspera e protegida enseada. A cada doze horas ou mais que eles passavam a Horcrux entre eles, parecia que eles jogavam algum perverso e vagaroso jogo de passar para trás o parceiro, onde eles temiam que a música

parasse porque a recompensa seriam doze horas crescente de ansiedade e medo.

A cicatriz do Harry começou a arder. Isso acontecia quase sempre, ele notou, quando ele estava usando a Horcrux. As vezes ele não conseguia parar de reagir a dor.

“O que? O que você viu?” exigiu Ron, quando ele notou harry tremer. "um rosto" murmurou Harry, toda vez. "O mesmo rosto. O ladrão que o roubou de Gregorovitch"

E Ron virou, não fazendo esforço para esconder seu desapontamento. Harry sabia que Ron estava esperançoso de ouvir notícias de sua família ou do resto da Ordem da Fênix, mas apesar de tudo, ele, Harry não era uma antena de televisão ; ele somente podia ver o que Voldemort estava pensando naquela hora, não ajustar seu canal para seu desejo. Aparentemente Voldemort estava morando interminavelmente na juventude desconhecida com a cara de felicidade, cujo nome e sobre o que, Harry tinha certeza, Voldemort conhecia melhor que ele.

Como a cicatriz de Harry continuava a queimar e o feliz garoto de cabelo amarelo rodava na sua lembrança, ele aprendeu a reprimir qualquer sinal de dor ou desconforto, para que os outros dois não mostrassem impaciência a menção do ladrão. Ele não podia culpálos inteiramente, quando eles estavam procurando tão desesperados por uma pista dos Horcruxes

Como os dias se esticaram em semanas, Harry começou a suspeitar que Ron e Hermione estavam tendo conversas sem, e

sobre, ele. Várias vezes eles paravam de falar rapidamente quando Harry entrava na barraca, e duas vezes ele veio acidentalmente sobre eles, encolhendo uma pequena distância, cabeças juntas e falando rápido, ambas as vezes eles ficaram em silêncio quando eles acreditavam que ele estava se aproximando deles e apressaram a se ocupar pegando gravetos ou água.

Harry não podia ajudar adivinhando o que eles tinham somente concordando a vir e agora se sentirem desapontados e incompreensível viajantes porque eles pensaram que ele tinha algum plano secreto e eles poderiam aprender. Ron não estava fazendo nenhum esforço para esconder seu mau humor, e harry começou a temer que Hermione também estava desapontada por sua pobre liderança. No desespero ele tentava pensar além da localização das Horcruxes, mas a única coisa que lhe ocorria era Hogwarts, e nenhum deles pensava igual. e ele parou de sugerir isso.

O outono chegou no interior como se eles tivessem passado por ele; eles estavam agora armando a barraca nas cobertas de folhas caídas. Uma neblina natural juntou-se as dos dementadores: vento e chuva somaram-se aos problemas deles. O fato de que q Hermione estava ficando cada vez melhor para identificar cogumelo comestível não compensava no entanto a continuação da isolação deles, a carência da companhia de outras pessoas ou sua total ignorância do que era lutar contra Voldemort.

"Minha mãe" pediu Ron uma noite, quando eles sentaram na barraca perto de um rio em Wales, "pode fazer aparecer boa comida do ar"

Ele cutucou tristemente um pedaço de peixe cinza no seu prato.

Harry olhou rapidamente e automaticamente para o pescoço de Ron e viu, como se ele esperasse , a corrente dourada do Horcrux brilhando ali. Ele lidou com o impulso de dar uma dura em Ron, mas aquela atitude poderia, ele sabia, poderia melhorar quando chegasse a hora de tirar o cadeado.

"Sua mãe não pode fazer comida do ar" disse Hermione "Ninguém pode. Comida é a primeira das cinco Pincipais Exceções na Lei de Transfiguração de Gamp."

"Oh.. você fala Inglês. não? " Ron disse, prendendo um pedaço de osso de peixe entre seus dentes.

É possível fazer boa comida do nada! você pode invocar isso se souber onde está e transformá-la, você pode aumentar a quantidade se você tiver um pouco.."

"Bom.. você não precisa se incomodar de aumentar esse.. tá nojento" disse Ron

"Harry pegou o peixe e eu fiz o melhor que podia! Eu notei que sou a única que cozinha todo tipo de comida, porque eu sou uma garota, suponho!

"não, é porque você supõe ser a melhor em mágica!" Ron gritou de volta.

Hermione pulou e pedaços de peixe assado caiu do prato dela, no chão.
“você pode cozinhar amanhã, Ron, você pode encontrar os ingredientes e tentar um feitiço para fazer algo que valha a pena comer, e eu estarei sentada aqui olhando tudo e me queixando e você verá como.."
Cala a boca! disse Harry, ficando em pé e fez sinal de parar com as mãos." Fica quieta agora!
Hermione se sentiu ultrajada. "Como você pode ficar do lado dele, ele sempre faz a comida.."
"Hermione, fica quieta, eu to ouvindo algo!"
Ele estava fazendo força para ouvir, com as mãos ainda levantadas, avisando para ninguém falar. Então, além do barulho e movimento do rio escuro, ele ouviu vozes de novo. E olhou em volta com o Bisbilhoscópio. Nada se movia
Você fez o feitiço do Muffliato sobre nós, certo? " ele cochichou com Hermione.
"Eu fiz tudo", ela cochichou de volta, "Muffliato, Repelente de trouxas e feitiços desencantadores, todos esses. Eles não podem nos ver ou nos ouvir, de onde estiverem.
Barulhos pesados de pés arrastados e raspando, mais o som de pedras e galhos sendo tiradas, parecia eles que muitas pessoas estavam escalando, a barraca estava armada no inclinado bosque arborizado, que descia para a estreita barragem. Eles sacaram as

varinhas, esperando.

O encantamento que eles puseram sobre eles parecia ser o suficiente, naquela escuridão, para escondê-los da vista de trouxas e bruxos e feiticeiras normais. Se eles fossem comensais da morte, talvez a defesa deles seria testada pela primeira vez pela magia negra.

As vozes se tornaram mais barulhentas mas não mais inteligíveis quando o grupo de homens alcançaram a barragem. Harry calculou que os donos da voz estavam uns 20 metros de distância, mas a cascata do rio tornava impossível ter certeza. Hermione tirou as contas da bolsa e começou a procurar, depois de um momento ela tirou três extensores de orelhas e deu um para Harry e Ron, que rapidamente os colocou na entrada da barraca.

Em instantes Harry ouviu uma voz cansada de homem.

"Deve ter um pouco de salmão aqui, ou você acha que é muito cedo para a estação? Accio Salmão!"

Houve vários esguichos de água e som de peixe contra carne.

Alguns resmungaram apreciativamente. Harry pressionou o Extensor de Orelhas mais fundo. Além do murmúrio do rio, ele pode ouvir mais vozes, mas elas não estavam falando Inglês ou qualquer linguagem humana que ele já tivesse ouvido. Era uma língua grosseira e sem melodia, uma série de chocalhos, vozes guturais, e pareciam ser dois falantes, uma levemente baixa e mais lenta que a outra.

Uma dança de fogo de um lado a outro da lona, sombras grandes passavam entre as chamas. O cheiro delicioso de salmão cozido espalhado na direção deles. E então veio o barulho de talheres nos pratos e o primeiro homem falou de novo.

"Aqui, Griphook, Gornuk Duendes!” Hermione murmurou para Harry que acenou com a cabeça.

"Obrigado", disse o duende em Inglês.

"Então, vocês três estão na estrada muito tempo?" perguntou uma nova, suave e agradável voz; que parecia familiar ao Harry, cuja figura parecia um homem com a cara redonda e alegre.

"Seis, sete semanas.. eu esqueci." disse o homem cansado. "Eu encontrei Griphook nos primeiros dois dias e me juntei forças com Gornuk não muito tempo depois. É bom ter companhia." Houve uma pausa, enquanto facas raspavam os pratos e pequenas canecas eram colocadas no chão. "o que fez você partir, Ted?" continuou o homem.

"Eu sabia que eles estavam vindo para mim", respondeu o Ted voz suave, e Harry rapidamente soube quem ele era: o pai de Tonks. " Ouvi comensais da morte estavam na área na última semana e eu decidi que era melhor correr. Me recusei a ser registrado como trouxa no princípio, veja, e então eu sabia que era uma questão de tempo, eu sabia que tinha que partir no fim. Minha esposa está bem, ela é puro-sangue. E então eu encontrei o Dean aqui, quando, uns dias atrás, filho?" "Sim.. " disse outra voz, e Harry, Ron e

Hermione encararam uns aos outros em silêncio, mas além deles mesmo, com excitamento, eles tiveram certeza que reconheceram a voz de Dean Thomas, companheiro deles na Grifinória.

"Nascido Trouxa? " perguntou o primeiro homem.

"Não tenho certeza." disse Dean. "Meu pai deixou minha mãe quando eu era criança.Eu não tenho provas de que ele era um mago, então."

Houve um silêncio por um momento, a não ser por um som de mastigar; e Ted falou de novo.

"Eu devo dizer, Dirk, eu estou surpreso de fugir com você. Prazeroso, mas surpreso. Disseram que você tinha sido capturado."

"Eu fui", disse Dirk. "Eu estava a meio caminho de Azkaban quando eu fiz uma parada, Dawlish atordoou e quebrou sua vassoura. Foi mais fácil do que você pensa, eu não sei se ele está inteiro já. Talvez confuso. Eu gostaria de apertar as mãos do bruxo que fez isso, provavelmente salvou minha vida.

Houve outra pausa com o fogo crepitando e o rio correndo. E Ted disse, " e onde vocês se instalaram?" Eu tinha a impressão que duendes estavam todos com Você-Sabe-Quem"

“você teve uma impressão errada", disse a voz mais alta dos duendes. "Nós não temos lado. Está é uma guerra de bruxos."

"Então, porque vocês estão se escondendo?"

"Eu achei prudente" disse o duende voz-profunda. "Tendo recusado o que eu considero um pedido, eu vi que minha segurança pessoal

estava em perigo."

"O que eles lhe pediram para fazer?" Ted perguntou.

"serviços atingem a dignidade da minha raça" respondeu o duende, a voz dele estava mais rouca e menos humana quando ele disse isso. "Eu não sou um elfo doméstico."

"E você, Griphook?

"As mesmas razões" disse a voz duende mais alta. " Gringots não terá pleno controle de nossa raça muito tempo. Eu não admito ordens mágicas.

Ele juntou algo na respiração de Gobblegook e Grnuk riu.

"Qual é a piada" perguntou Dean.

"Ele disse", repetiu Dirk, "que há coisas que os mágicos não admitem, também."

Houve outra pequena pausa.

"Eu não entendi" disse Dean.

"Eu fiz minha pequena vingança antes de partir ", disse Griphook em Inglês.

"Bom homem, duende, Eu devo dizer, " corrigiu rapidamente Ted. “você não trancou um Comensal da Morte, no caixa-forte, eu suponho?"

"Se eu tivesse feito, a espada não teria ajudado ele a quebrar", respondeu Griphook.

Gornuk riu de novo e até Dirk deu uma risadinha seca.

Dean e eu ainda sentimentos falta de algo aqui." disse Ted.

"Então é Severo Snape, achou que ele não conhecia isso." disse Griphook, e os duendes urraram com uma risada maliciosa. Na barraca, a respiração de Harry brilhava de excitação; ele e Hermione olharam-se fixamente , ouvindo o mais forte que podiam.

“você não ouviu sobre isso, ted?" perguntou Dirk. "Sobre os garotos que tentaram roubar a espada de Grifinória do escritório do Snape em Hogwarts?"

Uma corrente elétrica pareceu passar por Harry, tremendo cada músculo dele como se ele estivesse enraizado.

"Eu nunca ouvi uma palavra" disse Ted. "Nem no profeta teve, teve?”

"quase nada" gargalhou Dirk. "Griphook que me disse, ele ouviu isso do Gui Weasley, que trabalha no banco. Um dos garotos que tentou roubar a espada era a irmã mais nova do Gui"

Harry olhou de relance para Hermione e Ron, ambos estavam agarrados aos extensores de orelhas como se estivesse apertando a linha da vida.

"Ela e dois amigos foram ao escritório do Snape e quebraram o vidro onde aparentemente ele guardava a espada. Snape os pegou quando eles estavam tentando escondê-la debaixo da escadaria.

"Ah, deus abençoe-os", disse Ted. ""O que eles acharam, que eles podiam usar a espada em Você-Sabe-Quem? ou no Snape?

"Bom..enquanto eles pensavam o que fazer com a espada, Snape decidiu que a espada não estava segura ali" disse Dirk. " Uns dois

dias depois, ao invés de ele dizer a Você-Sabe-Quem, eu imagino, ele mandou-a para Londres para ser guardada em Gringots.

Os duendes começaram a rir de novo.

"Eu ainda não entendi a piada" disse Ted.

"É falsa!"

"A espada de Grifinória!"

"Ah sim.. é uma cópia - uma excelente cópia, é verdade - mas é feita magicamente. A original foi forjada séculos atrás pelos duendes que tinham certas propriedades, somente duendes faziam proteções/blindagens possuídas.Entretanto, onde a verdadeira espada de grifinória está, não é uma caixa forte no banco de Gringotts.

"Entendo...", disse Ted. "E eu acredito que você não disse isso ao Comensal da Morte?

"Eu não vi razão para criar problemas a eles com essa infromação", disse Griphook presunçosamente, e agora Ted e Dean se juntaram nas risadas de Gornuk e Dirk.

Dentro da barraca, Harry fechou seus olhos, rezando para que alguém fizesse a pergunta que ele precisava respondida, e depois de um minuto que pareceu dez, Dean fez o favor: ele era (Harry lembrou com uma sacudida) um ex namorado de Gina, também.

"O que aconteceu com Gina e os outros? os que tentaram roubar isso?

"Ah eles foram punidos e cruelmente" disse Griphook indiferente.

"Eles estão bem, não estão? perguntou Ted rapidamemente."Eu quero dizer, os Weasley não tiveram mais nenhum filho ferido, tiveram?

"Eles não sofreram ferimentos sérios, pelo que estou sabendo" disse Griphook.

"sorte deles" disse Ted. "Com os recordes de Snape eu suponho que devemos estar gratos deles estarem vivos".

“você acredita naquela história, Ted" Dirk perguntou.. “você acredita que Snape matou Dumbledore?"

"Claro que acredito" Ted disse. “você não está sentado ai e me dizendo que acha que Potter tem algo a ver com isso?

"É difícil saber em quem acreditar nesses dias." murmurou Dirk.

"Eu conheço Harry Potter", disse Dean. " E eu acredito que ele é a coisa real - o Escolhido ou qualquer coisa que queiram chamá-lo."

"Sim, há muita gente que gostaria de acreditar que ele é, filho" disse Dirk. "eu inclusive. Mas, onde ele está? Fugindo por ai, procurando coisas. você devia pensar, se ele sabia alguma coisa e nós não, se tem alguma coisa especial para ele, porque ele preferiria estar lá fora relampejando, criando resistência ao invés de se esconder. E você sabe, o Profeta fez uma boa matéria contra ele."

"O Profeta? zombou Ted. “você prefere continuar a mentir se você continua lendo aquela porcaria, Dick. Se você quer os fatos, leia O Pasquim."

Houve uma explosão de asfixia e ânsia de vômito, mais pancadas;

pelo som disso, Dirk tinha engasgado com espinha de peixe. E por fim, gaguejou, "O Pasquim? aquele jornal lunático do Xeno Lovegood?"

"Não está lunático esses dias", disse Ted. “você deve dar uma olhada.Xeno está publicando tudo que o Profeta ignora, nem uma simples menção de Crumple-Horned Snorkacks no último número. Até onde eles deixar ele ir com isso? eu não sei. Mas Xeno diz, na capa de cada exemplar, que qualquer bruxo que ficar contra VocêSabe-Quem terá como prioridade número um ajudar Harry Potter.

"É dificil ajudar um garoto que sumiu da face da terra". disse Dirk.

"Ouçam, o fato que eles ainda não o pegaram é uma façanha.", disse Ted. "Eu daria dicas deles gratuitamente, é o que ele tem feito, ficar livre, não é?"

"Sim.. bem.. você tem uma pista aqui" disse Dirk pesadamente.

"Com o ministério todo e todos os seus informantes procurando por ele, eu acredito que ele vai ser pego logo. Adivinha, quem disse que eles já não o pegaram e o mataram sem anunciar?"

"Ah, não diga isso, Dirk" murmurou Ted.

Houve uma longa pausa com mais barulho de facas e garfos.

Quando eles falaram de novo, foi para discutir onde eles iriam dormir na barragem ou na floresta inclinada. Decidindo que as árvores dariam melhor cobertura, eles acabaram com o fogo eles escalaram a inclinação e as vozes deles sumindo.

Harry, Ron e Hermione guardaram os Extensores de Orelha. Harry,

que descobriu que precisavam ficar em silêncio, estava cada vez mais dificil de aguentar até eles desaparecerem, agora viu que não pode dizer mais que: "Gina, a espada.."

"Eu sei" disse Hermione.

Ela pegou a corda da mochila, e ao mesmo tempo que descia seu braço na direção da axila.

"aqui.. estamos...nós" ela disse entre os dentes, e ela tirou algo que estava evidentemente no fundo da mochila. Vagarosamente a extremidade de uma porta retrato apareceu. Harry foi ajudá-la.

Quando eles tiraram o retrato vazio de Phineas Nigel us, da mochila de Hermione, ela pegou sua varinha e apontou-a, pronta para conjurar um feitiço a qualquer momento.

"Se alguém trocou a espada verdadeira pela falsa enquanto estava no escritório de Dumbledore" ela ofegou, enquanto eles encostavam a pintura no lado da barraca, "Phineas Nigel us veria isso acontecer, ele estava pendurado do lado da caixa.

"A menos que eles estive dormindo", disse Harry, mas ele ainda segurou a respiração quando Hermione ajoelhou na frente da tela vazia, com a varinha dirigida ao centro dela, clareou a garganta e disse: "-Er, Phineas? Phineas Nigel us?

Nada aconteceu.

"Phineas Nigel us? " disse Hermione de novo. "Professor Black? por favor, podemos conversar? por favor?"

"Por favor, sempre ajuda" disse uma voz fria e maliciosa, e Phineas

Nigel us apareceu no retratp. Uma vez. Hermione gritou: Obscuro!"
Uma venda preta apareceu sobre os olhos de Phineas Nigelus cobrindo os olhos negros, fazendo ele bater no portaretrato e gritar de dor.

"Oque - como querida - onde está você?"

"Eu sinto muito professor Black, disse Hermione, mas é necessário precaução."

"Tire esse tira imunda de uma vez! Tire isso, eu lhe digo! você está prejudicando uma grande obra de arte! Onde eu estou? O que está acontecendo?"

"nem sabemos onde estamos" ajudou Harry, e Phineas Nigel us congelou, abandonou seus ataques, descascando a venda pintada.

"Essa voz pode ser atribuída ao Sr Potter?"

"Talvez," disse Hermione, sabendo que isso manteria o interesse de Phineas Nigel us.

Nós temos algumas perguntas para lhe fazer.. sobre a espada de Grifinória." Ah disse Phineas Nigel us , tirando sua cabeça para fora fazendo um esforço para pegar algum sinal de Harry. "sim..aquela garota tola agiu insensatamente aqui.."

"Cala a boca sobre a minha irmã" disse Ron grosseiramente.

Phineas Nigel us ergueu sua sobrancelha.

"Quem mais está aqui?" ele perguntou correndo sua cabeça lado a lado. "Seu tom me desagrada! A garota e seus amigos foram tolos ao extremo. Roubar de um professor."

"Eles não estavam roubando" disse Harry. "Aquela espada não é do Snape"
"Ela pertence a escola do Professor Snape" disse Phineas Nigel us.
"Exatamenteo que a garota Weasley foi reclamar? ela mereceu sua punição, assim como o idiota do Longbottom e a esquisita Lovegood!"
"Nevil e não é um idiota e Luna não é esquisita" disse Hermione.
"Onde eu estou?" repetiu Phineas Nigelus, lutando com a venda de novo. "Onde vocês me trouxeram? porque vocês me tiraram da casa de meus ancestrais?"
"Não importa!" Como Snape puniu Gina, Nevil e e Luna? Harry perguntou urgentemente.
"Professor Snape os mandou a Floresta Proibida, para fazer algum serviço para o gigante Hagrid."
"Hagrid não é um gigante!" disse Hermione estridentemente.
"E Snape deve ter pensado que era uma punição" disse Harry, "mas Gina, Nevil e e Luna estão provavelmente estão dando boas risadas com Hagrid. A Floresta Proibida... eles deviam ter feito coisa pior que a Floresta Proibida, grande coisa!"
Ele se sentiu aliviado, ele tinha imaginado horrores como o Cruciatus e tudo mais.
"O que nós queremos saber realmente professor Black, é onde foi parar a espada? talvez eles tenham levado para limpar ou algo assim?

"Phineas Nigel us parou de novo sua luta por libertar seus olhos e deu uma risadinha.

"Nascido-trouxas", ele disse . " proteções possuidas de duendes não precisam serem limpas, garota ingênua. A prata dos duendes repele sujeira mundana, absorve somente o que a fortalece.

'Não chame Hermione de ingênua" disse Harry

"Eu estou me aborrecendo" disse Phineas Nigel us. "Talvez esteja na hora de voltar ao escritório do diretor?

Ainda com a venda, ele começou a tatear o lado da moldura, tentando sentir o caminho de seu quadro e voltar para Hogwarts.

Harry teve uma inspiração rápida.

"Dumbledore! você pode nos trazer Dumbledore?"

"Perdão? " perguntou Phineas Nigel us.

" O quadro de Dumbledore - você não pode trazê-lo, aqui, em algumas horas?"

"Evidentemente que nem só os nascido-trouxas são ignorantes, Potter. Os quadros de Hogwarts podem se comunicar uns com os outros, mas não podem viajar para fora do castelo a não ser para visitar uma pintura deles mesmos pendurada em outro lugar. Dumbledore não pode vir comigo, e depois do tratamento que eu recebi nas mãos de vocês, eu asseguro que eu não farei uma nova visita.

Desanimado, Harry viu Phineas redobrar suas tentativas para deixar sua moldura.

"Professor Black", disse Hermione, “você não poderia nos dizer quando foi a última vez que a espada foi tirada de sua caixa? Antes de Gina pegá-la, eu quero dizer?"

Phineas bufou impaciente.

"Eu creio que a única vez que eu vi a espada de Grifinória deixar sua caixa foi quando o Professor Dumbledore usou para quebrar e abrir um anel."

Hermione olhou a volta para olhar para o Harry. Nenhum deles se preocupou em dizer mais na frente do Phineas Nigel us, que tinha afinal achado a saída.

"Bem.. boa noite para vocês" ele disse um pouco mau humorado, e começou a se mover para fora da vista de novo. Somente a extremidade do seu chapéu podia ser vista quando Harry deu um grito repentino.

"Espera! você disse ao Snape que viu isso?"

Phineas Nigel us tirou sua cabeça vendada para fora do quadro.

"Professor Snape tem coisa mais importante em sua cabeça do que muitas excentricidades de Albus Dumbledore. Tchau, Potter!"

"E com aquilo, ele sumiu completamente, deixando depois dele nada mais do que sua partida sombria.

"Harry!" Hermione chorou.

"Eu sei!" Harry gritou. Sem conseguir se conter, ele socou o ar, isso era mais do que ele tinha esperado. Ele andou pra cima e para baixo na barraca, parecia que tinha corrido um km; ele não sentia

mais fome. Hermione estava guardando o quadro de Phineas Nigel us na mochila, quando ela terminou de amarrar o fecho, ela colocou a mochila do lado e levantou o rosto brilhando para Harry

"A espada pode destruir os Horcruxes! proteções possuidas de duendes só absorvem o que as fortalece. - Harry, aquela espada está impreganda com o veneno do basilisco"

"E Dumbledore não deu ela a mim, porque ele ainda precisava dela, ele queria usá-la no cadeado.."

"e ele deve ter adivinhado que eles não a colocariam no testamento dele"

"então ele fez uma cópia"

"e pôs a falsa na caixa de vidro."

" e deixou a verdadeira..onde?"

Eles se olharam ; Harry sentiu que a resposta estava balançando invisível no ar acima deles, atraentemente fechado. Porque Dumbledore não disse a ele? Ou ele de fato tinha dito ao Harry, mas Harry não percebeu na hora?

"Pense!" sussurrou Hermione. "Pense! onde ele deixaria isso?"

"Não em Hogwarts" disse Harry, perdendo a paciência.

"Em algum lugar na Casa dos Gritos? sugeriu Hermione.

”A Casa dos Gritos?” disse Harry. "Ninguém vai lá"

"Mas Snape sabe como entrar, não saberia que era um grande risco?

"Dumbledore enganou Snape" Harry lembrou-a.

"Não o bastante para lhe dizer que ele trocou as espadas" disse Hermione.

"Sim, você está certa", disse Harry, e se sentiu mais alegre ao pensar que Dumbledore tinha algumas reservas, entretanto fracos, sobre a confiança em Snape. "Então, se ele tivesse escondido a espada bem longe de Hogsmeade? O que você acha Ron... Ron?

Harry olhou em volta. Por um momento ele pensou que Ron tivesse saido da barraca, mas então ele viu que Ron estava deitado na sombra da pequena beliche olhando parado.

"Ah.. você se lembrou de mim? ele disse.

"O que?"

Rony bufou enquanto descia da beliche.

"Cuidado vocês dois. Não e deixem estragar sua diversão."

Perplexo, Harry olhou para Hermione pedindo ajuda, mas ela chacoalhou a cabeça aparentemente como se não pudesse fazer nada.

"Qual é o problema?" perguntou Harry.

"Problema? não há problema algum." disse Ron, ainda se recusando a olhar para Harry. "De acordo com você, de jeito nenhum."

Houve algumas pancadas na lona sobre a cabeça deles. Começou a chover.

"Bem...vc realmente tem algum problema." disse Harry. você quer faalr sobre isso?"

Ron girou suas grandes pernas na cama e pulou. Ele parecia não ser ele mesmo.

"Ok, eu vou lhe dizer. Não espere que eu vá com a barraca para cima e para baixo porque há outra maldita coisa que nós devemos encontrar. Some isso na lista que você não sabe."

"Eu não sei, repetiu Harry.. Eu não sei?

Baque, baque, baque. A chuva caía cada vez mais pesada,batendo no colchão de folhas em volta deles e no rio através do escuro. Encharcando de medo a alegria de Harry; Ron estava dizendo extamente o que ele suspeitou e tinha medo de pensar.

"Não está como eu pensei em perder um tempo da minha vida aqui", disse Ron " você sabe, que meu braço ta desfigurado, não tem nada para comer e minha costa fica congelada toda noite. Eu esperava, você sabe, que depois de correr todas essas semanas nós tivessemos encontrado alguma coisa.

"Ron" disse Hermione, mas em voz tão baixa que Ron parecia fingir não ouvir por causa da chuva forte que caia sobre eles.

"Eu pensei que você sabia o que você assinou" disse Harry.

"Sim, eu também pensei que sabia o que fazia."

"Então que parte não está de acordo com suas expectativas? "perguntou Harry. A raiva vindo em sua defesa. “você achou que estariamos num hotel 5 estrelas? Encontrando um Horcrux todo dia?Achou que voltaria para sua mamãezinha no Natal?"

"Nós achamos que sabiamos o que estavamos fazendo" gritou Ron,

ficando em pé, e as palavras deles pareciam facas em Harry. "Nós pensamos que Dumbledore tinha lhe dito o que fazer, nós pensamos que você tinha um plano real. "

"Ron" disse Hermione, dessa vez com a voz audível sobre a chuva trovejando sobre a barraca, mas de novo, ele a ignorou.

"Bem.. desculpe despontá-lo" disse Harry, com voz calma mesmo se sentindo por dentro, inadequado. "Eu fui correto com você, eu lhe disse tudo que Dumbledore me disse.Em todo caso se você não percebeu, nós encontramos um Horcruxes.

"Sim.. e estamos perto de nos desfazer dele como estamos de encontrar o resto deles - não há futuro, em outras palavras!"

"Tire o cadeado, Ron" disse Hermione, com a voz diferentemente alta. "por favor, tire isso. você não deveria estar falando assim se não estivesse usando isso todos esses dias."

"Sim, ele diria". disse Harry, que não queria aceitar desculpas para Ron. “você achou que eu não estava adivinhando que vocês estavam com essas coisas na cbeça?

"Harry, nós não estavamos.."

"Não minta!" Ron gritou para ela. “você disse isso também, você disse que estava desapontada, você disse que pensou que ele tinha mais lugares para ir.. "

"Eu não disse isso, Harry, eu não disse" ela chorou.

A chuva estava pingando na barraca, lágrimas escorriam pelo rosto de Hermione, e sumiu a alegria de minutos atrás, parecia que nunca

tinha existido, um pequeno fogo de artificios que subiu e desceu, deixando tudo no escuro, molhado e frio. A espada de Grifinória estava escondida eles não sabiam onde, e eles eram 3 adolescentes numa barraca cujas realizações não era ainda só ter medo.

"Então, porque vocês ainda estão aqui" Harry perguntou a Ron.

"Adivinha" disse Ron

"Vá para casa, então" disse Harry

"Sim.. talvez eu vá" gritou Ron, e ele andou na direção de Harry, que não se virou. “você não ouviu o que eles disseram sobre minha irmã?" mas você não se importa, não é? É só a Floresta Proibida, Harry-eu vi o pior rosto-Potter não se importa com o que acontece com ela lá - bem.. eu me importo, tudo certo, uma grande aranha e mental stuff.."

"Eu só disse - que ela estava com os outros, que eles estavam com Hagrid." "Sim, eu entendi, não se preocupe! E o resto da minha família "os weasley nao tiveram outro filho machucado, você ouviu aquilo? "

"Sim.. eu.."

"Não importa o que isso significa, pensou?"

"Ron" disse Hermione, forçando caminho entre eles. "Eu não acho que isso significa que aconteceu alguma coisa, nada que não saibamos, pense Ron, Gui ainda está marcado, muitas pessoas viram que George não tem uma orelha agora, e você parece estar

em seu leito de morte no momento da partida, eu tenho certeza que tudo que ele quis dizer..."

"Ah.. você tem certeza? certo então.. bem eu não quero aborrecer vocês sobre eles. Tá tudo certo para vocês dois, não é, com seus pais a salvos e fora do caminho.."

"Meus pais estão mortos!" Harry berrou.

"E os meus poderiam estar no mesmo caminho! gritou Ron.

"Então VAAAA! rosnou Harry. "Volte para eles, finja que está no seu momento de partida e mamãezinha irá alimentá-lo e.. "

Ron fez um movimento rápido, Harry reagiu, ma antes que a varinha de ambos saisse do bolso, hermione levantou a sua.

"Protego!" ela gritou, e um campo invisível caiu sobre ele e Harry, num lado de harry e no outro de Ron; todos eles foram forçados a voltar uns passos atrás pela força do feitiço, e Harry e Ron brilharam pelo outro lado da barreira transparente que ambos estavam vendo sobre o outro claramente pela primeira vez. Harry sentiu uma barreira corrosiva sobre Ron: algo havia quebrado entre eles.

Ron puxou a corrente por cima de sua cabeça e deixou o cadeado numa cadeira perto. E virou para Hermione.

"O que você está fazendo?"

"O que você quer dizer?"

“você está ficando ou oque?"

"Eu.." ela parecia angustiada. "Sim. sim. eu estou ficando.Ron, nós

dissemos que iriamos com Harry, nós dissemos que iamos ajudá.."

"Eu entendi. você escolheu ele."

"Ron, não.. por favor.. volte, volte!"

Ela estava impedida pelo seu próprio Feitiço do Campo; na hora que ela conseguiu tirar ele já tinha sumido na noite. Harry ainda permanecia quieto e em silêncio, ouvindo-a soluçando e chamando o nome de Ron entre as árvores.

Depois de alguns minutos ela voltou, o cabelo molhado colado no rosto.

"Ele se f-f-f-ooi! Desapareceu!!

Ela se jogou numa cadeira, se enrolou e começou a chorar.



Harry se sentiu aturdido. Ele ficou em pé, pegou o Horcrux e colocou em vlta do pescoço. Ele tirou o cobertor da cama de Ron e pôs em Hermione.

E então ele subiu na sua cama e olhou para o teto de lona, ouvindo os pingos da chuva.

Capitulo Dezesseis

Godric's Hollow

Quando Harry acordou no dia seguinte se passaram alguns segundos antes dele lembrar o que havia acontecido. Então ele desejou, como uma criança, que aquilo tivesse sido um sonho, que Ron ainda estivesse lá e nunca tivesse ido. Virando a cabeça no travesseiro, ele pôde ver a cama deserta de Ron. Ele parecia ver um cadáver desenhado em seus olhos. Harry pulou fora da cama, procurando por Ron. Hermione, que já estava ocupada na cozinha, não desejou bom dia a Harry, mas virou o rosto tão rápido quanto ele entrou.

Ele se foi. Harry explicou a si mesmo. Ele se foi. Ele continuou pensando nisso enquanto se lavava e se vestia, como se a repetição pudesse diminuir o choque disso. Ele se foi e não vai voltar. E aquela era simplesmente a verdade, Harry sabia, porque os encantamentos faziam isso ser impossível, a não ser que eles ficassem vulneráveis para Ron os achar de novo.

Ele e Hermione tomaram café em silêncio. Os olhos de Hermione estavam vermelhos e inchados; e parecia que ela não havia dormido. Eles empacotaram suas coisas, Hermione vagarosamente. Harry sabia porque ela queria desperdiçar aquele tempo na margem do rio; algumas vezes ele a viu olhar para o céu esperançosamente, e ele tinha certeza que ela tinha tido a impressão de ouvir pegadas

através da chuva densa, mas nenhuma figura ruiva apareceu por entre as árvores. Toda hora que Harry a imitava e olhava (Porque ele não podia deixar de ter um pouco de esperança) e não via nada além de gotas de chuva grossas, mais um pouco de raiva explodia dentro dele. Ele podia ouvir Ron dizendo: “Nós pensamos que você sabia o que estava fazendo!” e sentia uma fisgada na boca do estomago.

O Rio que corria ao lado deles estava se enchendo rapidamente e iria logo transbordar por sobre o barranco. Eles haviam ficado uma hora a mais do que eles geralmente levavam. Finalmente, haviam feito e refeito as malas três vezes. Hermione parecia incapaz de achar mais razões para demorar: ela e Harry deram as mãos e desaparataram, reaparecendo em um arbusto.

No instante em que eles chegaram, Hermione soltou a mão de Harry e se afastou dele, finalmente se sentando em uma pedra grande, com a cabeça entre os joelhos, tremendo com o que ele sabia ser soluços. Ele olhou para ela, pensando que ele deveria ir confortá-la, mas alguma coisa o mantinha pregado ao chão. Tudo dentro dele parecia frio e apertado: novamente ele via a expressão no rosto de Ron. Ele saiu do arbusto, caminhando em um grande círculo, com a deprimida Hermione ao centro, lançando os feitiços

Ele não falou sobre Ron ao longo dos outros dias. Harry estava determinado a não mencionar o nome dele novamente, e Hermione parecia saber que não deveria forçar o assunto, porém, algumas

vezes quando ela pensou que ele estava dormindo, ele pôde ouvi-la chorar. Enquanto isso, Harry tinha começado a pegar o Mapa do Maroto e analisá-lo à luz da varinha. Ele estava esperando pelo momento em que Ron iria reaparecer pelos corredores de Hogwarts, provando que ele havia voltado para o castelo confortável, protegido pelo seu status de sangue puro. Porém, Ron não apareceu no mapa, e depois de um tempo Harry se pegou puxando o mapa da mochila só para ver o nome de Gina no dormitório feminino, imaginando se a intensidade com que ele olhava para ela poderia atrapalhar seu sono, que ela de alguma forma saberia que ele estava pensando nela, desejando que ela estivesse bem.

Pela manhã, eles se torturaram tentando imaginar onde a espada de Grifinória pudesse estar, mas quanto mais eles falavam dos lugares onde Grifinória pudesse ter escondido ela, mais desesperadas e ridículas suas idéias ficavam. Mesmo forçando seu cérebro até o máximo, Harry não conseguia se lembrar de um lugar onde Dumbledore achasse bom esconder algo. Haviam momentos em que ele não sabia se estava bravo com Ron ou Dumbledore.

Nós pensamos que você sabia o que estava fazendo... Nós pensamos que Dumbledore havia lhe dito o que fazer... Nós pensamos que você realmente tivesse um plano!

Ele não podia esconder isso de si mesmo: Ron estava certo. Dumbledore havia o deixado com (aparentemente) nada. Eles

haviam descoberto uma Horcrux, Mas eles não sabiam como destruí-la: As outras estavam tão perdidas como sempre estiveram. Desesperadamente ameaçando engoli-lo. Ele agora estava pensando na própria presunção de aceitar a oferta de seus amigos de acompanhá-lo nessa viagem sem rumo. Ele não sabia de nada, não tinha idéias e ele estava constantemente com medo de que Hermione pudesse dizer que estava cheia, que ela também estava partindo.

Ele estavam passando muitas noites em silêncio, e Hermione ficava pegando o retrato de Phineas Nigel us e colocando-o numa cadeira, como se pensasse que ele seria útil para preencher o vazio que Ron deixara. Acabando com a esperança de que ele os pudesse visitar de novo, Phineas Nigel us não parecia conseguir resistir à chance de descobrir até onde Harry estava disposto a ir e consentiu em reaparecer, vendado, mesmo que por poucos dias ou menos. Harry estava feliz em vê-lo, porque ele era uma companhia, mesmo que dos piores tipos. Eles não tinham nenhuma novidade sobre o que estava acontecendo em Hogwarts. Pareceu que Phineas Nigel us não era um bom informante. Ele venerava Snape, o primeiro chefe da Sonserina desde que ele havia controlado a escola, e eles tinham que ser cuidadosos para não fazer perguntas ou comentários impertinentes a respeito de Snape, ou Phineas Nigel us instantaneamente deixava seu retrato.

De qualquer forma, ele conseguiu descobrir algumas coisas. Snape

parecia estar encarando uma constante rebelião da maior parte dos alunos. Gina tinha sido impedida de ir a Hogsmeade. Snape havia reinstalado o decreto de Umbridge proibindo reuniões de três ou mais estudantes, ou qualquer sociedade secreta de alunos.

Por causa de todas essas coisas, Harry deduziu que Gina, e provavelmente Nevil e e Luna também, estavam fazendo o possível para continuar com a Armada de Dumbledore. Essas notícias fizeram Harry desejar tanto vê-la que sentia dor de estômago; mas também o fazia pensar novamente em Ron, e em Dumbledore, e em Hogwarts, do que ele sentia tanta falta quanto de sua exnamorada. Impressionado com o jeito que Phineas Nigel us falava sobre Snape, Harry experimentou um rápido segundo de maldade quando imaginou-se voltando à escola para se unir à revolta contra o regime de Snape: Sendo alimentado, tendo uma cama confortável, e outras pessoas levando a culpa, parecia a coisa mais legal do mundo no momento. Mas ele se lembrou de que era o odiado número um, que haviam mil galeões de recompensa pela cabeça dele, e que caminhar por Hogwarts aqueles dias era tão perigoso quanto caminhar pelo ministério da magia. Porém, Phineas Nigel us inadvertidamente piorou esse fato deixando escapar algumas coisas sobre o paradeiro de Harry e Hermione. Hermione o enfiava na mala todas as vezes em que ele fazia isso, e Phineas Nigel us se recusava a reaparecer durante vários dias depois desses adeus “sem cerimônia”.

O tempo ficada cada vez mais frio. Eles não permaneciam em

nenhum lugar por muito tempo, era preferível ficar no sul da Inglaterra, onde um chão muito congelado era o seu maior temor, eles continuavam a subir e descer pelo país, desbravando uma cadeia de montanhas onde a neve cobriu a tenda; o rio de correnteza, onde a tenda flutuou com a água; e uma ilha no meio da escócia, onde a neve quase cobriu a barraca de noite.

Eles viram árvores de natal brilhando através de janelas de salas de estar antes que viesse uma noite em que Harry sugeriu, de novo, o único lugar que parecia restar para eles. Eles haviam comido um banquete incomum: Hermione havia ido ao supermercado com a capa de invisibilidade (escrupulosamente deixando o dinheiro num caixa aberto quando partiu), e Harry pensou que ela talvez estivesse mais persuasível do que normalmente com um estômago cheio de espaguete a bolonhesa e pêras em calda. Ele também tinha a intenção de sugerir que eles mereciam algumas horas de descanso de procurar pela Horcrux, que estava longe de terminar.

“Hermione?”

“Hmm?” Ela estava deitada nos braços da poltrona com o livro The Tales of Beedle the Bard. Ele não poderia imaginar quanto mais ela poderia demorar no livro, que não era, aliás, muito longo, mas evidentemente ela estava decifrando algo nele, porque Spel man’s Syl abary jazia aberto ao seu lado.

Harry limpou a garganta. Ele se sentiu exatamente como na ocasião em que, sete anos antes, ele perguntou à professora McGonagal

se ele poderia ir à Hogsmeade, desconsiderando o fato de que ele não tinha conseguido persuadir os Dursley a assinar o formulário de permissão.

“Hermione, eu estive pensando e...”

“Harry, você poderia me ajudar com uma coisa?”

Aparentemente ela não estava ouvindo-o. Ela se aproximou e mostrou o livro The Tales of Beedle the Bard

“Olhe esse símbolo.” Ela disse, apontando para o topo da página para o que Harry achou ser o título da estória (não sabendo ler runas, ele não podia ter certeza), havia um desenho do que se parecia com um olho triangular, a pupila dele cruzada com uma linha vertical.

“Eu nunca traduzi runas, Hermione.”

“Eu sei disso, mas isso não é uma runa e não está no Syl abary tão pouco. Eu achei que fosse um desenho de um olho, mas eu não acho que seja! Ele foi colocado aqui, olhe, alguém o desenhou aqui, ele não é realmente parte do livro. Pense, você já viu isso antes?”

“Não... Não, espere um momento.” Harry olhou mais perto. “Esse não é o símbolo que o pai de Luna estava usando no pescoço?”

“Bem, foi isso que eu pensei também!”

“Então essa é a marca de Grindelwald!”

Ela olhou para ele, boquiaberta.

“O que?”

“Krum me contou...”

Ele recontou a Hermione a estória que Viktor Krum havia contado a ele no casamento. Hermione o encarou atônita;

“A marca de Grindelwald?” ela olhou de Harry para o símbolo e de volta a Harry. “Eu nunca ouvi falar que Grindelwald tivesse uma marca. Nunca foi mencionado isso em nada que eu li sobre ele.”

“Bem, como eu disse, Krum reconheceu o símbolo que estava esculpido numa parede de Surmstrang, e Grindelwald o esculpiu lá.”

Ela se jogou de novo na cadeira, pensativa;

“Isso é muito estranho. Se esse é um símbolo de magia negra, o que está fazendo num livro de histórias para crianças?”

“Yeah, isso é estranho,”disse Harry, “E é de se presumir que Scrimgeour teria reconhecido ele. Ele era ministro, e ele achava ser expert em coisas de magia negra.”

“Eu sei... Talvez ele tenha achado que isso era um olho, assim como eu. Todas as outras estórias tem pequenas figuras ao lado do título.”

Ela parou de falar, mas continuou encarando a estranha marca.

Harry tentou de novo.

“Hermione?”

“Hmm?”

“Eu estive pensando. Eu… Eu quero ir à Godric’s Hol ow.”

Ela olhou para ele, mas seus olhos estavam desfocados, ele tinha certeza que ela estava pensando sobre a misteriosa marca do livro.

“Sim,” ela disse, “Sim eu estive pensando nisso também. Eu

realmente acho que devíamos ir."

"Você me ouviu bem?", ele perguntou.

"Sim, claro que eu ouvi. Você que ir a Godric's Hol ow. Eu concordo. Eu acho que devíamos ir. Quero dizer, eu não consigo pensar em mais nenhum lugar que poderíamos ir. Será perigoso, mas por mais que eu pense, mas parece que devemos ir para lá."

"Er... O que há lá?" perguntou Harry.

Nessa hora, ela o fitou tão confusa quanto ele.

"Bem, a espada, Harry! Dumbledore devia saber que você queria ir para lá, e eu quero dizer, Godric's Hol ow foi onde Godric Gryffindor nasceu..."

"Sério? Gryffindor veio de Godric's Hol ow?"

"Harry, você alguma vez abriu A História da Magia?"

"Er..." ele disse, sorrindo pelo que ele achou que era a primeira vez em meses. Os músculos no rosto dele pareciam atrofiados. "Eu devo ter aberto isso... sabe… quando eu comprei… mas só naquela ocasião..."

"Bem, como o vilarejo foi nomeado depois dele eu achei que talvez você pudesse ter ligado as coisas", disse Hermione. Ela disse isso no tom que ela usava antigamente, e Harry por um instante pensou que ela iria dizer que estava indo à biblioteca. "Há um pouco sobre a história do vilarejo em A História da Magia, espere..."

Ela abriu sua bolsa magicamente aumentada e procurou um pouco, finalmente encontrando sua cópia de A História da Magia, de

Bathilda Bagshot, que ela folheou até encontrar a página desejada.
“Desde a criação do estatuto do segredo em 1689, os bruxos têm se escondido bem. É natural, porém, que eles formem as suas próprias comunidades. Vários pequenos vilarejos e comunidades abrigam várias famílias mágicas, que se abrigam para conveniência e proteção. O vilarejo de Tinworih em Corvina Upper Flagley em yorkhirs, e Ottey st. Catchpole no sul da costa da Inglaterra são lares notáveis para famílias bruxas que vivem sob a tolerância mútua e algumas vezes junto com trouxas. O mais famoso desses lugares místicos é talvez Godric’s Hol or, o vilarejo do oeste do país onde o grande bruxo Godric Gryffindor nasceu, e lar de Bownam Wright, bruxo que forjou o primeiro Golden Snitch (pomo-de-ouro). O jardim está cheio de nomes de famílias bruxas ancestrais e desses acontecimentos, sem dúvida, por muitos séculos.”

“Você e seus pais não são citados,” Hermione disse, fechando o livro, “Porque a professora Bagshot só cobriu até o século XIX. Mas você percebe??? Godric’s Hol ow, Godric Gryffindor, a Espada de Godric, não acha que Dumbledore teria esperado que você fizesse a conexão?”

“Oh yeah.”

Harry não queria admitir que não estava pensando na espada quando sugeriu que fossem a Godric’s Hol ow. Para ele a importância do vilarejo era o túmulo de seus pais, a casa onde havia escapado da morte, e a pessoa de Bathilda Bagshot.

“Se lembrou do que Muriel disse?” ele perguntou casualmente.

“Quem?”

“Você sabe,” ele hesitou, não queria mencionar o nome de Ron. “A tia velha de Ginny. No casamento. Aquela que disse que você tinha quadris magros.”

“Oh”, disse Hermione.

Houve uma pausa constrangedora. Harry sabia que ela havia sentido o nome de Ron omisso na fala. Ele rapidamente emendou:

“Ela disse que Bathilda Bagshot continua morando em Godric’s Hol ow.”

“Bathilda Bagshot,” disse Hermione,, correndo o dedo indicador pelo nome de Bathilda na capa do livro, “Bem, eu suponho que...”

Ela parou tão dramaticamente que as entranhas de Harry se contorceram, ele puxou sua varinha, olhando para a entrada, esperando ver uma mão forçando a entrada na tenda, mas não havia nada.

“Que foi?”ele disse, um pouco nervoso. “Por que você fez aquilo? Eu achei que havia um comensal da morte abrindo o zíper...”

“Harry, e se Bathilda tiver a espada? E se Dumbledore tiver deixado a espada com ela?”

Harry considerou essa possibilidade. Bathilda deveria ser uma mulher muito velha agora, e de acordo com Muriel, ela era “gagá”. Seria possível que Dumbledore tivesse deixado a espada com ela? Se fosse, ele tinha feito um negócio arriscado: Dumbledore nunca

mencionara que havia trocado a espada verdadeira por uma falsa, e não havia também mencionado a sua amizade com Bathilda. Agora, de qualquer forma, não era a hora de duvidar da teoria de Hermione, não quando ela estava tão bem disposta como Harry gostava de ver.

“É, ele talvez tenha deixado! Então, vamos para Godric`s Hol ow?”

“Sim, mas nós precisamos planejar isso cuidadosamente harry.” Ela estava sentada mais reta agora, e Harry podia ver que ter um plano havia melhorado o humor dela tanto quanto o seu. “Nós vamos ter que praticar aparatar e desaparatar sob a capa da invisibilidade para começar, e talvez o encanto da desilusão venha a calhar também, a não ser que você ache que devamos tomar a poção polissuco! Nessa caso, teríamos que roubar um pouco de cabelo de alguém. Eu realmente acho que esse seria o melhor modo...”

Harry a deixou falar, confirmando e afirmando com a cabeça sempre que havia uma pausa, mas sua mente já estava longe da conversa. Pela primeira vez desde que ele descobriu que a espada era falsa, ele se sentiu excitado.

Ele estava prestes a voltar para casa, para o lugar onde ele tinha tido uma família. Era Godric’s Hol ow o lugar onde, por culpa de Voldemort, ele não havia crescido e passado os feriados escolares. Ele poderia ter convidado amigos para ir em sua casa... Talvez ele tivesse irmãos e irmãs... Seria sua mãe quem faria o seu bolo de aniversário de 17 anos... A vida que ele perdeu nunca pareceu tão

real para ele quanto nesse momento. Depois que Hermione já tinha ida se deitar aquela noite, ele silenciosamente tirou sua mochila de dentro da bolsa mágica, e de dentro dela, o álbum de fotos que Hagrid lhe dera há tanto tempo. Pela primeira vez em meses, ele olhou seus pais sorrindo e acenando para ele das fotos, que eram tudo o que ele tinha deles agora.

Harry queria ir para Godric's Hol ow no dia seguinte, mas Hermione tinha outros planos. Convencida como estava de que Voldemort estaria esperando que Harry voltasse para o local onde seus pais foram assassinados, ela havia determinado que eles só iriam depois que tivessem se precavido de todas as formas possíveis.

Por isso que só uma semana depois – depois que eles tinham roubado o cabelo de dois trouxas inocentes que estavam fazendo compras de natal e treinado aparatar juntos sob a capa da invisibilidade – que Hermione concordou em fazer a viagem.

Eles iriam aparatar no vilarejo encobertos pela escuridão da noite, por isso que foi no fim da tarde quando tomaram a poção.

Harry foi transformado em um trouxa careca de estatura mediana, e Hermione em sua baixa e magra esposa. Toda a sua bagagem e todos os seus pertences (com exceção da horcrux que Harry carregava ao pescoço) foram guardados na bolsa mágica de Hermione. Harry jogou a sua capa sobre eles, e então eles passaram pela escuridão sufocante novamente.

Harry não queria entrar na vila como um cavalo manco, tentando

se esconder enquanto as pegadas eram apagadas.
“Vamos tirar a capa.”disse Harry, e quando Hermione olhou-o apavorada, “Vamos lá! Nós não parecemos nós mesmos e não há ninguém na rua.”
Ele guardou a capa dentro de sua jaqueta e eles caminharam desimpedidos, o ar congelando seus rostos conforme andavam. Qualquer uma das casas poderia ser o lugar onde James e Lily haviam vivido ou onde Bathilda vivia agora. Harry as olhava tentando reconhecer alguma coisa, mas no fundo ele sabia que isso era impossível, que ele tinha pouco mais de um ano quando deixou aquele lugar para sempre. Ele nem sabia se seria capaz de ver a sua casa, não sabia o que tinha acontecido quando o feitiço do segredo foi quebrado. Então a pequena rua por onde eles caminhavam fez uma pequena curva para a direita e uma pequena praça lhes foi revelada.
Enfeitada com luzes coloridas por todos os lados, havia o que parecia ser um memorial de guerra no meio, em parte oculto por uma enorme árvore de natal. Havia lanchonetes, um correio, um bar e uma pequena igreja cujas janelas brilhavam através da noite.
A neve naquele ponto estava triturada. Era óbvio que os habitantes haviam ficado por ali o dia todo. Os moradores estavam cruzando a praça na frente deles, suas silhuetas iluminadas pelas lâmpadas da rua. Eles ouviram um misto de risadas e música pop quando a porta de um bar ali perto foi aberta e fechada, e então um coral começou

a cantar na igreja.

“Harry, eu acho que é véspera de natal!”, disse Hermione.

“É?”

Ele havia perdido a noção do tempo, eles não viam um jornal há semanas.

“tenho certeza que sim.”, disse Hermione, com os olhos na igreja. “Eles estão lá, não estão? Sua mãe e seu pai? Posso ver o cemitério daqui.”

Harry sentiu algo que parecia excitação, mas estava mais para medo. Agora que ele estava tão perto, ele se perguntava o que ele queria ver afinal de contas. Talvez Hermione soubesse como ele estava se sentindo, porque ela o pegou pela mão e o guiou pela primeira vez em muito tempo, puxando-o para frente. Quando atravessavam a praça, porém, ela parou de repente.

“Harry, olhe!”

Ela estava apontando para o memorial de guerra. Quando eles o passaram, ele havia se transformado. Em cima de um obelisco coberto de ramos, havia uma estátua de três pessoas: Um homem de cabelos rebeldes e óculos, uma mulher de cabelos longos e rosto bonito, e um bebe nos braços de sua mãe. A neve caía sobre as cabeças das estátuas, e fazia parecer que eles estavam usando perucas brancas.

Harry chegou perto, observando o rosto de seus pais. Ele nunca tinha imaginado que houvesse uma estátua... Como era estranho se

ver representado em pedra, como um bebe feliz sem uma cicatriz na testa.

“Venha.”, disse Harry, quando ele havia olhado o bastante, e então se virou de novo para a igreja. Quando eles atravessaram a rua, ele olhou sobre o ombro, e viu que a estátua havia se tornado um memorial novamente.

A música ficava mais alta conforme eles se aproximavam da igreja. Isso fez a garganta de Harry secar. Isso o fez lembrar tão avidamente de Hogwarts, de canções natalinas sendo entoadas por estátuas vazias, das árvores de natal no salão principal, de Dumbledore usando o chapéu que havia ganho nas balas, de Ron usando um suéter feito à mão.

Havia um portão de ferro na entrada do cemitério. Hermione o abriu o mais silenciosamente possível e eles passaram por ele. Na parte de dentro dos fundos da igreja, a neve permanecia intocada. Eles andaram pela neve, deixando profundos buracos atrás de si, enquanto contornavam o prédio olhando através das janelas brilhantes.

Atrás da igreja, linha após linha de flocos de neve cainda palidamente, eram tingidos de vermelho, ouro e verde, quando as cores das janelas iluminava-los . Mantendo a sua mão segurando firmemente a varinha no bolso da jaqueta, harry começou a caminhar através dos túmulos.

“Olhe para isso, esse é de um Abbott, poderia ser de um dos

parentes de Hannah!"

"Fale baixo", Hermione o censurou.

Eles foram cada vez mais para dentro do cemitério, deixando pegadas escuras na neve atrás deles, parando para ler as palavras nas pedras, e a todo momento se virando na escuridão para ter a certeza de que não estavam sendo acompanhados por ninguém.

"Harry, lá!"

Hermione estava duas fileiras atrás: ele teve que voltar para ela, seu coração possivelmente em sua garganta.

"É o...?"

"Não, mas olhe!"

Ela apontou para a pedra escura. Harry se abaixou e viu, sobe o gelo, sob o granito escuro, as palavras Kendra Dumdledore e, um pouco abaixo, as datas de nascimento e morte, e SUA FILHA ARIANA. Havia também uma frase:

Onde o seu tesouro está, o seu coração estará também.

Então Rita Skeeter e Muriel haviam acertado sobre algumas coisas. A família de Dumbledore havia de fato vivido ali, e uma parte dela havia morrido também.

Ver o túmulo era pior do que ouvir falar a respeito dele. Harry não podia parar de pensar que Dumbledore e ele haviam enterrados parentes nesse cemitério, e que Dumbledore deveria ter contado a ele, ou então ele nunca teria feito a conexão. Eles ficaram no mesmo lugar por um instante. Harry se imaginou vindo aqui com

Dumbledore, contando-lhe o que havia acontecido, e o que isso significava para ele. Mas parecia que para Dumbledore, o fato de que suas famílias jaziam lado a lado no mesmo cemitério era só uma coincidência sem importância, irrelevante, talvez, para o trabalho que ele queria que Harry fizesse.

Hermone olhava para Harry, e ele estava grato por estar escondido na sombra. Ele leu as palavras no túmulo novamente. Onde os seus tesouros estão, seu coração estará também. Ele não entendeu o que essas palavras significavam. Com certeza Dumbledore as havia escolhido na qualidade de membro mais velho da família após a morte de sua mãe.

“Você tem certeza de que ele nunca comentou?” Hermione começou.

“Não”, disse Harry secamente, então, “Vamos continuar procurando.” E se virou, desejando que não tivesse visto a pedra: ele havia trocado a sua excitação por ressentimento.

“Aqui!”, choramingou Hermione, alguns instantes depois de dentro da escuridão. “Oh não, desculpe. Pensei que tivesse escrito Potter.”

Ela estava encarando uma pedra despedaçada e extremamente velha, com uma ruga na testa.

“Harry, volte aqui um momento.”

Ele não queria retroceder de novo, e foi com raiva que ele retrocedeu pela neve até ela.

“O que é?”

“Veja só isso!”

O túmulo era extremamente velho, só com muito esforço Harry conseguia ler o nome. Hermione mostrou-lhe o símbolo ao lado dele.

“Harry aquela é a marca do livro!”

Ele olhou para o lugar que ela indicava. A pedra estava tão desgastada que era difícil ver o que estava gravado nela, mas parecia ser uma marca triangular perto de um nome ilegível.

“É, poderia ser...”

Hermione apontou a varinha dela para o nome na rocha.

“Está escrito Ig-Ignotus, eu acho...”

“Eu vou continuar procurando pelos meus pais, certo?”Herry disse a ela, com um pouco de indiferença na voz, e se virou de novo, deixando-a abaixada perto da rocha antiga.

Até agora eles reconheceram alguns nomes que, como Abbott, tinham encontrado em Hogwarts. Algumas vezes haviam várias gerações de algumas famílias bruxas sepultadas naquele cemitério: Harry podia presumir a partir das datas que estavam marcadas, que os membros atuais haviam se mudado de Godric’s Hol ow. Cada vez mais para dentro através dos túmulos que ele encontrava, toda vez que ele lia mais algum nome ele sentia uma pontada de ansiedade e apreensão.

A escuridão e o silêncio pareciam se tornar, quanto mais ele se aprofundava, mais profundos. Harry olhou em volta, preocupado,

pensando nos dementadores, quando ele achou que a busca havia terminado, que eles deviam voltar para a praça. Alguém dentro da igreja já havia apagado as luzes.

Então a voz de Hermione veio da escuridão pela terceira vez, clara e tremula a algumas fileiras de distância.

“Harry eles estão aqui... bem aqui...”

E ele soube pelo tom de voz dela que eram seu pai e sua mãe dessa vez. Ele voltou até ela, sentindo alguma coisa pressionando a sua garganta, a mesma sensação que ele teve logo depois que Dumbledore morreu, um sofrimento que atualmente comprimia seu coração e pulmão.

A lápide estava apenas a duas pedras de distância de Kendra e Ariana. Era feita de mármore branco, assim como o túmulo de Dumbledore, e isso fazia com que ficasse mais fácil de ler, parecia que as letras brilhavam no escuro. Harry não precisava se esforçar nem chegar muito perto para conseguir ler o que estava escrito nelas.

JAMES POTTER

NASCIDO EM 27 DE MARÇO DE 1960

FALECEU EM OUTUBRO DE 1981

LILLY POTTER

NASCIDA EM 30 DE JANEIRO DE 1960

FALECEU EM 31 DE OUTUBRO DE 1981

O último inimigo que deve ser destruído é a morte.

Harry leu as palavras bem devagar, como se achasse que tinha apenas uma chance de entender o seu significado, e ele leu a última delas ainda mais devagar.

“O último inimigo que deve ser destruído é a morte...” Um pensamento horrível passou pela sua cabeça naquele instante, e isso causou pânico nele. “Isso não é o lema dos comensais da morte? O que isso faz aí?”

“Isso não quer dizer morte no sentido que os comensais da morte usam, Harry”, disse Hermione gentilmente, “Isso significa... você sabe... vida através da morte. Vida após a morte.”

Mas eles não estavam vivos, pensou Harry. Eles se foram. As palavras vazias não podiam mudar o fato de que seus pais jaziam sobre a terra e o gelo, indiferentes, desconhecidos. E lágrimas vieram antes que ele pudesse conte-las, esquentando e depois instantaneamente congelando seu rosto, e o qual era a razão de conte-las ou fingir indiferença? Ele as deixou cair, Seus lábios fortemente cerrados, olhando para baixo para o lugar que a neve escondia a terra onde os restos mortais de Lil y e James jaziam, ossos agora, certamente, ou pó, sem saber ou se importar que eles viveram tão perto, seu coração continuava batendo, graças ao



sacrifício deles, e ele chegou a desejar estar dormindo com eles em baixo da neve neste momento.

Hermione havia pegado a mão dele novamente, e estava apertando-a com força. Ele não podia olhar para ela, mas apertou a mão dela, agora respirando grandes sorvos do ar negro, tentando se controlar de novo. Ele deveria ter trazido algo para presenteálos, e ele não havia pensado nisso, e todas as plantas no cemitério estavam mortas e congeladas. Mas Hermione pegou sua varinha, moveu ela em um círculo pelo ar, e um arranjo de rosas de natal apareceu diante deles. Harry o pegou e colocou-o diante do túmulo de seus pais.

Tão logo ele se levantou ele quis ir embora. Ele não achou que agüentaria ficar mais nenhum segundo lá. Ele colocou seus braços pelos ombros de Hermione, e ela passou os dela por sua cintura, e eles se viraram em silêncio e caminharam pela neve, passando pela mãe e pela irmã de Dumbledore, passando pela igreja e saindo pelo portão de ferro.

Capitulo 17

O Segredo de Bathilda.

- Harry, pare.

-O que foi?

Eles alcançaram o túmulo de um desconhecido. Abbott.

- tem alguém nos observando, eu posso sentir, atrás dos arbustos

Eles pararam completamente em silêncio, segurando um no outro, fitando o preto denso no limite do cemitério. Harry não podia ver nada.

- Você tem certeza?

- Eu vi algo se movendo, eu posso jurar, eu vi...

Soltou-se dele para deixar livre o braço da varinha.

-Nós parecemos trouxas - Harry apontou.

- Trouxas só estariam deixando flores nas sepulturas dos pais!

-Harry, eu tenho certeza que tem alguém lá fora

Harry pensou no Uma História da Magia, o cemitério deveria ser assombrado. Mas então ele ouviu um farfalhar e viu um pequeno redemoinho que expulsava neve na moita a qual Hermione tinha apontado.

-É um gato - disse Harry um segundo depois, ou dois - ou um pássaro, Se fosse um Comensal da Morte eles deveriam estar mortos agora.

-Mas vamos embora daqui e nós podemos nos cobrir com a Capa.

Olharam de relance para trás repetidamente enquanto faziam seu caminho para fora do cemitério. Harry, que não tinha se sentido tão bem-disposto quanto ele pretendia ao confortar Hermione, estava grato por alcançar o portão e o pavimento úmido. Eles puxaram a Capa de Invisibilidade sobre eles mesmos. O pub estava mais cheio do que antes: muitas vozes lá dentro estavam agora cantando canções de Natal que tinham-se ouvido enquanto se aproximaram da igreja.

Por um momento, Harry considerou se refugiarem lá dentro, mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa Hermione murmurou:

- vamos por aqui.

E o puxou para baixo na rua escura, o guiando para fora da vila na direção oposta da qual eles tinham entrado.

Harry poderia marcar o ponto onde as casas de campo terminavam e a ruela se transformava em território aberto de novo. Eles andaram o mais rápido que ousaram, após mais janelas reluzentes com luzes multicoloridas, os contornos escuros das árvores de Natal através das cortinas.

- Como nós vamos encontrar a casa da Bathilda? –

perguntou Hermione, que estava tremendo um pouco e continuava dando olhadelas por cima dos ombros. - Harry? O que você acha? Harry?

Ela puxou seu braço, mas Harry não estava prestando atenção.

Ele estava olhando para a massa negra parada no fim desta linha

de casas. No próximo momento ele tinha se apressado, arrastando Hermione junto com ele; ela escorregou um pouco no gelo.

- Harry...

- Olhe... Olhe pra isso, Hermione...

- eu não... oh!

Ele podia ver, o “fidelius Charm” devia ter morrido com Thiago e Lílian, a cerca havia crescido selvagem dezesseis anos depois que Hagrid o pegou dos escombros, muitos pedaços da construção ainda estavam em pé no meio da grama alta, a era alta se amontoava por cima da neve, o lado direito do segundo andar estava todo explodido, lá Harry tinha certeza, era onde foi lançada a maldição, ele e Hermione pararam no portão, admirando os escombros do que foi uma casa, e a memória de quem a defendeu.

- porque será que ninguém nunca reconstruiu – sussurrou Hermione.

- vai ver o dano causado pela magia negra não pode ser reparado – indagou Harry

Eles escorregou por de baixo da capa, colocou a sua mão no portão enferrujado e coberto com neve grossa, não desejando abrir, mas por colocar a mão em um pedaço do que era sua casa.

- Harry nos vamos entrar? Não parece seguro... – disse Hermione – pode ser que... Harry olhe !

O toque dele no portão parecia ter feito aquilo, um símbolo saiu do chão na frente deles, passando pelas urtigas e ervas daninhas,

como uma bizarra flor multicolorida que cresce muito rápido, e as letras douradas na madeira diziam:

“” Bem aqui, na noite de 31 de outubro de 1981.

Thiago e Lílian Potter perderam suas vidas.

E seu filho Harry se tornou o único bruxo que já sobreviveu a uma maldição da morte, sua casa, invisível aos trouxas, permanece intacta na memória dos Potter, e a violência que rachou sua família. “”

E em volta dessas letras douradas havia marcas e escrituras de bruxos que visitaram o lugar onde o garoto sobreviveu, alguns assinavam seu nome, outros cravaram suas iniciais na madeira, e alguns deixaram mensagens, a que parecia mais recente dizia:

“” boa sorte Harry Potter, onde você estiver.

Nos estaremos te cobrindo, longa vida Harry Potter “”

- eles não deveriam ter escrito nas letras – disse Hermione indignada.

Harry não deu atenção a ela

- é brilhante, estou feliz que tenham feito...

Eles perceberam que uma grande figura se movia pesadamente na rua atrás deles, a luz da praça longínqua mostra apenas sua silhueta, Harry pensou muito, muito antes de julgar que era uma mulher, se movimentando escorregadiamente apreensiva, o seu vigor, sua curvatura, seu modo de andar arrastado deu a impressão de ser muito, muito velha, eles assistiram em silencio ela se

aproximar da rua deles, Harry estava esperando que ela entrasse em alguma das cabanas conforme ela andava, mas ele sabia instintivamente que ela não iria, ela se aproximou deles, ficando apenas algumas passadas no meio da rua congelada os encarando, ele não precisou do beliscão de Hermione pra saber que não haviam chances da mulher ser trouxa, ela estava olhando para uma casa que deveria ser invisível para ela, mesmo se ela não fosse uma bruxa, esse comportamento seria muito suspeito, sair na noite fria para ficar olhando uma ruína?

Por todos os sensos da mágica normal, ela não poderia ver Harry e Hermione sendo trouxa, mas pelo visto ela sabia que eles estavam ali e sabia quem eram, ela ergueu a mão com luva e acenou.

Hermione se moveu para perto de Harry embaixo da capa e seu braço apertou o corpo dele.

- como ela sabe? – sussurrou Hermione

Harry estava aturdido, a mulher acenou mais vigorosamente, Harry não encontrou motivo para não responder a convocação da mulher, ele tinha cada vez mais suspeitas sobre sua identidade, parada no meio da rua deserta e congelada acenando para eles.

Será que seria possível que ela estivesse os esperando? Que Dumbledore tinha avisado que eles viriam aqui no final, que ela tinha os seguido do cemitério ate esse lugar, Harry tinha uma suspeita sobre os poderes que dela, que ele só viu em Dumbledore e mais ninguém, finalmente eles tiraram a capa.

- você é Bathilda? – perguntou ele

Ela acenou confirmando. Harry levantou as sobrancelhas e Hermione lhe deu um pequeno sinal. Eles recolocaram a capa. Eles seguiram a mulher e ficaram parados atrás dela, eles passaram muitas casas, então ela virou em um portão, eles passaram pelo pátio principal, passou um jardim super crescido e mal cuidado, ela colocou a chave na porta, abriu, e se moveu para o lado os deixando passar.

Ela cheirava mal, ou talvez fosse à casa dela, Harry coçou o nariz e tirou a capa, agora que ele estava perto, Harry pode ver a quão pequena ela era, a grande idade a mantinha curvada, ela fechou a porta atrás deles, suas articulações eram mortificadas e azuladas, seus olhos tinham catarata e eram cobertos por uma estranha pele esbranquiçada, as veias em seu rosto pareciam profundas, Harry desejou que pudesse ajudá-la, mas mesmo se pudesse, ele sabia que era uma bruxa que tinha praticamente perdido a identidade.

O cheiro de idade, de poeira, das cortinas sujas e das roupas mal lavadas, ela estava coberta por um chalé preto, os cabelos acinzentados preso por grampos.

- Bathilda? – repetiu Harry

Ela confirmou com a cabeça, Harry estava ciente que o medalhão frio comprimia sua pele, a coisa dentro dele parecia ter acordado, ele sentia o ouro pulsando, será que a coisa dentro sabia que ia ser destruída?

Bathilda passou por eles empurrando Hermione, ela não a viu, os levou para um lugar que parecia uma pequena sala de estar.

- Harry, não estou certa sobre isso – disse Hermione – olha o tamanho dela, nos podemos sobrecarregá-la, nos devíamos saber que ela estaria assim, Muriel a chamou de gaga.

- venham – disse Bathilda

Hermione deu um pulo e agarrou o braço de Harry.

- está tudo bem – disse Harry aceitando o convite e entrando na saleta.

Bathilda estava rodeando o lugar acendendo velas, que agora mostravam toda a sujeira, o pé deles fazia fumaça ao pisar, o nariz de Harry detectou o cheiro de úmido e mofado do lugar, tudo junto tinha um cheiro podre, Harry desejou não ter entrado na casa de Bathilda para ver o que ela queria, ela parecia ter esquecido da mágica, para acender velas, limpar as coisas e tudo mais.

- me deixe fazer isso – disse Harry.

Ela ficou olhando ele acender a velas com sua varinha, agora o local iluminado mostrava uma prateleira com grandes livros que pareciam valiosos, mas estava cobertos com mofo verde.

O ultimo lugar que Harry apoiou um castiçal foi um baú com gavetas que era coberto por um numero grande de fotografias empoeiradas, quando ela viu que tudo estava acesso e a chamas vivas, Hermione apontou sua varinha para as fotografias e disse:

- Tergeo.

A poeira sumiu, mostrava muitas pessoas que pareciam importantes com Bathilda, meia dúzia de fotografia tinham sido removidas deixando só a armação do retrato. Um homem de cabelos dourados sorria importante na foto, vigorosamente, Harry o reconheceu: Gregorovitch o artesão de varinhas, e no outro lado um jovem com cabelos compridos, Dumbledore jovem, Harry reconheceu a foto de “a vida e as mentiras de Alvo Dumbledore”

- senhora Bagshot, quem é esse? – disse Harry colocando as mãos em uma fotografia.

Bathilda continuava no meio da sala olhando Hermione acender velas para ela.

- senhora Bagshot – disse Harry avançando em direção a ela com o retrato nas mãos, o Horcrux pulsava mais forte em seu peito. Harry repetiu – quem é esse homem?

Ela espreitou Harry solenemente.

- você sabe quem é ele? - Repetiu Harry muito mais devagar – você sabe quem é esse homem? Como ele é chamado?

Ela meramente deu atenção a Harry, ele pareceu Frustrado, como Rita Skeeter tinha consultado suas memórias?

- Harry o que você esta fazendo? – perguntou Hermione.

- essa foto Hermione... é o ladrão, é o ladrão... – disse Harry – ladrão que roubou Gregorovitch – quem é ele? Bathilda quem é esse?

Mas Bathilda apenas o encarou.

- Senhora Bagshot porque nos pediu para vir aqui ? – disse Hermione elevando a própria voz – tem algo que a senhora nos deveria contar?

Sem dar nenhum sinal de que ela tinha ouvido Hermione ela se aproximou alguns passos de Harry e inclinou a cabeça olhando para o hal .

-você quer que nos retiremos?

Ela negou com a cabeça, depois aponto para ele, depois para si mesma e depois para o teto.

- ah certo... Hermione, eu acho que ela nos a seguimos ate lá em cima.

- tudo bem – disse Hermione – vamos...

Quando Hermione se virou para ir, Bathilda sacolejou a cabeça negativamente e apontou para Harry e depois para ela novamente.

- ela quer que eu vá sozinho com ela – disse Harry

- por quê? – disse Hermione

Sua voz ecoou clara e alta na sala rodeada pelas velas e a velha olhou tristemente para os pés.

- vai ver Dumbledore disse a ela para dar a espada para mim quando eu estivesse sozinho com ela.

- você acha que ela sabe quem você é?

- acho – disse ele olhando no fundo dos leitosos de Bathilda – eu acho que ela sabe

- bem, então tudo bem, seja rápido Harry.

- me mostre o caminho – disse ele a Bathilda

Ela pareceu entender, porque caminhou para a porta que levava ao segundo andar, Harry olhou para Hermione e deu um leve sorriso. Mas ele não tinha certeza de que ela viu, ela olhava em direção a estante de livros interessada quando ele saiu da sala, sem que fosse visto ele colocou a foto do ladrão dentro de sua jaqueta.

As escadas eram escarpadas e estreitas, ele subiu com suas mãos erguidas atrás das costas de Bathilda, para assegurar que ela não caísse em cima dele, ela subiu vagarosamente e virou rapidamente a esquerda levando o a um quarto de teto baixo.

O lugar era escuro como uma caverna e sujo como embaixo da cama, ela fechou a porta e ele foi engolido pela escuridão.

- lumus – disse ele e a varinha acendeu.

Bathilda estava ao seu lado e ele não tinha ouvido ela se aproximar.

- você é Potter – pergunto ela

- sou sim... você tem algo para mim? você tem algo para mim ? – repetiu ele

Ela fechou os olhos e coisas severas aconteceram nesse momento, a cicatriz de Harry ardeu como nunca, a Horcrux pulsava tão forte que fazia mexer seu suéter, a sala escura se dissolveu por um momento, ele deu um pulo de alegria e disse em uma voz fria: segure ele !

Ele não sustentou (?) o que disse, e o quarto escuro pareceu fechar sobre ele, ele não sabia o que estava acontecendo.

- você tem algo para mim ? – repetiu pela terceira vez.

- bem aqui – disse ela

Se movendo a um canto, Harry levantou sua varinha apontando para uma mesa engavetada coberta por uma janela encortinada. Dessa vez ela não guiou Harry, ele avançou entre ela e a mesa, ele não queria tirar os olhos dela.

- o que é isso? – perguntou Harry quando chegou à mesa empoeirada que cheirava a lavanderia suja.

- ali – disse ela apontando para uma massa amorfa

No instante que ele olhou, procurando na bagunça por um punho de espada, um rubi, com a canto dos olhos ele viu, e ficou aterrorizado, ele viu o corpo da velha caindo e uma cabeça enorme de cobra onde devia estar o pescoço.

Quando ele levantou a varinha, a força da mordida no seu antebraço fez a varinha girar e bater no teto, a luz desapareceu vertiginosamente, então um poderoso golpe de cauda atingiu seu diafragma o fazendo perder o ar, ele sentiu as costas baterem no pé da mesa e recaírem sobre um monte de roupa suja.

Ele rolou de lado, desviando a cauda da cobra por pouco e batendo na parede, onde pedaços de vidro caíram sobre ele, lá de baixo ele escutou a voz de Hermione.

- Harry?

Ele não conseguiu pegar ar suficiente para responder de volta, e caiu no chão sentindo os lados da cobra o apertar,

musculosamente.

- não – disse ele fixo ao chão.

- sim – sussurrou uma voz – sim, seguro você, seguro você...

- accio... accio Varinha.

Mas nada aconteceu, ele aparentemente precisava das suas varinhas para fazer a cobra se desvencilhar, ele sentiu o aperto no seu busto e comprimindo a Horcrux contra seu peito, uma camada de gelo envolveu seu coração e seu cérebro, a luz totalmente obliterada, esta indo...

Um coração de metal pulsava fora do seu peito, ele estava voando, voando com triunfo no coração, sem precisar de vassoura ou...

Ele estava bruscamente acordado na escuridão com o cheiro azedo, ele se levantou e viu a cobra golpeada no chão, Hermione lançou uma maldição na janela pregada que deu outro banho de vidro em Harry e seu pé escorregou em alguma coisa parecida com um lápis, sua varinha.

Ele se curvou e pegou, agora o quarto estava cheio de cobra, a cauda mexendo, Harry não via Hermione em lugar nenhum e por um momento pensou o pior, ma então ouve um lampejo de luz vermelha e a cobra foi arremessada no ar atingindo Harry no rosto, colisão após colisão Harry ficou de pé e ergueu a varinha, mas sua cicatriz doeu tão intensamente, tão dolorosamente.

- ele esta vindo Hermione, ele esta vindo.

Quando ele disse isso a cobra assobiou selvagem, tudo estava um

caos, os lados da parede estavam amassados e Harry pulou para cima da cama agarrando uma figura escura que reconheceu como Hermione, ela se encolheu com dor e arrastou as costas pela cama, a cobra se ergueu novamente, Harry sabia que isso era pior do que se ela tivesse avançado. Ele já devia estar no portão pela dor de sua cicatriz.

A cobra se arremessou quando ele deu um salto evasivo, Hermione Gritou.

- cofringo!

O feitiço atravessou o quarto quebrado o espelho do armário, e ricocheteou do teto para o chão varias vezes, Harry sentiu o vidro cortando as costas da sua mão, eles pularam da cama para a mesa e depois para janela, girando no ar...

Sua cicatriz queimou e de repente ele era Voldemort atravessando o quarto, suas longas e brancas mãos tocaram o parapeito da janela como ele observou o homem careca e a mulher pequena, e então soltou um grito de ira, um grito que ecoou pelos jardins escuros e pelo sino da igreja no dia de natal. e o grito de Harry era o grito dele, a dor de Harry era a dor dele, isso podia acontecer ali, onde isso podia ter acontecido antes... arrancado do seu corpo, mas se ele não tinha corpo porque seu coração doía tanto, se ele tinha morrido porque se sentia tão sem ar, tinha a dor causado a morte, tinha...

“” na noite úmida e molhada, duas crianças vestidas como abóboras

corriam pela praça, e os vidros da loja coberto com teias de aranha, todos os trouxas espalhafatosos, brincando de um mundo que eles não acreditam, que eles não sabem que existem, todo aquele propósito, poder e incerteza que ele sempre sabia naquelas ocasiões, não raiva... aquilo era para almas mais fracas que a dele... mas triunfo... ele tinha esperado por aquilo...

- bela fantasia senhor...

Ele ouviu um garoto dizer em quanto ele chegava perto para segurar sua capa, ele viu o medo estampado em sua cara, então a criança gritou e correu... a capa que o garoto encostou parecia suja... e com um simples movimento de sua varinha e o garoto não chegaria em sua mãe... Desnecessário, um pouco desnecessário... ele se movia pela rua escura ate que viu sua destinação, o “fidelius charm” quebrado, ele andou devagar... fez menos barulho do que as folhas mortas arrastando na pavimentação... e ouviu uma mãe gritando palavras que ele não podia ouvir... o cabelo vermelho escuro caindo na sua cara, ela jogou sua varinha no sofá e gritou, o portão rangeu ao se abrir mas Thiago Potter não ouviu... ele tirou a varinha do bolso com a mão branca e apontou para a porta que abriu bruscamente... Thiago veio correndo pelo hal , foi fácil... muito fácil... ele nem tinha pego sua varinha...

- Lílian pegue o Harry e corra, e ele... eu o atraso...

Atrasar? Atrasar sem uma varinha nas mãos, ele riu antes de lançar a maldição...

- AVADA KEDAVRA!

O raio verde atingiu o peito de Thiago e ele caiu no chão como uma marionete, ele pode ouvir o grito no andar superior, ela gritava, havia pavor em sua voz, ela, pelo menos não tinha o que temer, ele subiu as escadas ouvindo o desespero dela para proteger Harry, o quão tolos tinham sido, se defendendo sem varinhas, confiando sua segurança aos amigos...

Ele forçou a porta ate abrir, e tirou as cadeiras e caixas empilhadas atrás dela com sua varinha, ele viu a mulher de cabelos vermelhos com filho no colo, ela o colocou atrás dela, ficou de pé e abriu seus braços na frente dele, como se pudesse ajudar, como um escudo humano...

- nããããão ! Harry não... Harry não...

- saia da frente mulher tola !

- Harry não... me leve... me leve... Harry não... me mate agora!

- é meu ultimo aviso...

- não... não Harry... tenha piedade... tenha piedade... Harry não... eu faço qualquer coisa...

- saia da frente... saia da frente...

Ele poderia ter empurrado-a mas um raio de luz verde atravessou o quarto e ela caiu como o marido, ele pensou que agora toda a família estava extinta...

A criança não chorou, ela se apoiou na cama com as mãos e olhou nos olhos do intruso com profundo interesse, talvez achando que

era outro amigo de seu pai, e que ele se mantinha embaixo da capa.

Ele apontou a varinha cuidadosamente para o rosto do menino, ele queria ver o que acontecia, o garoto que lhe oferecia perigo, a menino começo a chorar, ele não gostou, ele não gostava dos garotos mais novos to orfanato.

- AVADA KEDAVRA!

Então seu corpo se esvaeceu, ele tinha que se esconder, longe, muito longe, não naquela casa onde o menino chorava...

- nãão... – ele lamentou

A cobra assobiava com a língua bifurcada, se misturando no chão, ele tinha matado o garoto... ele era o garoto...

- não...

Ele se colocou de pé na janela da casa de Bathilda, imerso nas memórias da sua grande perda, ele olhou para seus pés e pegou algo no meio dos pedaços de vidro e escombros, algo assombroso, algo inacreditável...

- não...

- Harry esta tudo bem, esta tudo bem...

ele pegou no chão a fotografia amassada, era o ladrão, o ladrão que ele estava procurando.

- HARRY !

Ele era Harry, não Voldemort e a coisa que assobiava não era uma cobra, ele não estava na casa de Bathilda, ele abriu os olhos...

- Harry... – era Hermione – você esta bem?

- estou – mentiu ele

Ele estava na tenda, em cima de uma pilha de travesseiros, ele percebeu que era quase de manha, pela quantidade de luz no teto transparecente da tenda e pela qualidade do frio.

- nos escapamos? – pergunto ele

- sim – responde Hermione – eu usei o "hover charm" para nos tirar de lá... não podia ter te deixado, você estava... você não estava bem...

Ele percebeu um sombreado roxo de baixo dos olhos dela, e uma esponja em suas mãos, ela tinha molhado seu rosto.

- você esteve doente – disse ela – bem doente.

- há quanto tempos nos voltamos?

- horas atrás, já é quase de manha...

- e eu estive inconsciente?

- não exatamente – explicou ela cautelosa – você esteve murmurando e gemendo coisas...

O que ele teria feito? Gritado maldiçoes feito Voldemort? chorado feito um bebe no berço?

- eu não conseguia tirar a Horcrux de você – disse ela mudando de assunto – estava presa no seu peito, você tem uma marca... me desculpe tive que usar um feitiço severo para tirar de você, a cobra te mordeu também... eu limpei e pinguei um pouco de Ditanny...

Ela tinha tirado a camisa que ele vestia, estava jogada no chão, ele

pode ver uma marca oval no seu peito onde o medalhão tinha o queimado e os ferimentos recém curados no seu antebraço.

- onde você colocou a horcrux?

- na minha bolsa, acho melhor você não usar por um tempo.

- nos não devíamos ter ido a Godric´s Holow, é tudo minha culpa, tudo minha culpa, me desculpe Hermione...

- não é sua culpa, eu também quis ir, eu acreditava que Dumbledore tinha deixado a espada lá pra você...

- bem, nós nos enganamos... não é ?

- o que aconteceu ? o que aconteceu depois que vocês subiram? A cobra estava se escondendo, a cobra matou ela... a cobra...

- não, ela era a cobra... ou a cobra era ela... o tempo todo...

- o q-que ? – disse ela atônita

Ele fechou os olhos e voltou a casa de Bathilda, ele ainda podia sentir o cheiro podre, e a poeira.

- não, a cobra estava dentro dela, ela estava morta há algum tempo... você-sabe-quem colocou a cobra lá... ele sabia que iramos voltar...

- a cobra estava dentro dela?

- Lupim disse que encontraríamos mágicas que nunca imaginamos, ela não queria falar na sua frente porque era língua de cobra... eu não percebi... mas e claro que eu podia a entender... quando chegamos lá em cima, ela mandou uma mensagem para vocêsabe-quem, eu vi acontecer, eu vi tudo, ele disse a ela pra me manter lá...

Harry lembrou da cobra saindo do pescoço de Bathilda, Hermione não precisava saber dos detalhes.

- ela saiu de dentro de Bathilda e me atacou - disse ele olhando para as marcas no seu antebraço-não era para me matar, era pra me segurar até você-sabe-quem chegar...

- Harry você precisa descansar...

- sem ofensas Hermione, mas você é que precisa, você esta Horrível, eu posso vigiar um pouco... onde esta minha Varinha?

Ela não respondeu, e sequer olhou para ele.

- Harry...

- onde está minha varinha?

Ela mordia o lábio, e lagrimas apareceram nos seus olhos.

- onde esta minha varinha?

Ela abaixou e pegou alguma coisa em baixo da cama e entregou a Harry, a varinha estava partida em duas, a cerne da pena de fênix mantinha a varinha ligada, a madeira estava toda estilhaçada, foi como se ele tivesse sofrido um terrível ferimento, tudo era uma mancha de caos e sofrimento.

- conserte, por favor.

- acho que não da pra consertar quando quebra assim...

- tente...

- r-reparo.

A varinha tentou se juntar, mas quase nada aconteceu e voltou para o lugar, Harry a pegou e disse:

- lumus.

Faíscas saíram da varinha, ele a aponto para Hermione e tentou novamente:

- Expel iarmus.



A varinha dela se mexeu na mão, mas não voou, a varinha se partiu em dois novamente, ele não podia acreditar, a varinha que tinha sobrevivido a tanto.

- Harry – disse Hermione calmamente, mas ele mal podia ouvi-la – eu sinto muito... muito mesmo... a cobra estava atacando e eu usei uma explosão, tudo voou, deve ter atingido... deve ter...

- foi um acidente... – disse Harry – não tem problema acharemos um jeito de reparar...

- Harry, eu não acho que você possa... – disse ela – lembra a varinha do Rony? Ele quebrou e teve que comprar uma nova...

Harry pensou em Olivaras seqüestrado, Gregorovitch que estava morto, como ele ia conseguir uma nova varinha?

- Bem... – suspirou ele e disse num tom de que mal se importava – vou pegar a sua empresta enquanto estou de guarda.

Hermione entregou sua varinha para ele e se sentou na cama do seu lado, ele desejou nada mais do que se afasta dela.

Capítulo 18

A Vida e as Mentiras de Dumbledore

O sol estava nascendo: O puro, a vastidão incolor do céu sobre ele, indiferente por ele e pelo seu sofrimento. Harry sentou-se na frente da tenda e respirou fundo o ar fresco. Simplesmente por está vivo para ver o sol nascer sobre a brilhante e nevada encosta isso poderia ser o maior tesouro da terra, mas ainda não podia apreciar: Seus sentidos foram espetados pela calamidade de ter perdido sua varinha. Ele olhou através de um vale coberto de neve, distantes sinos de igreja tocando através do esplendido silêncio.

Sem ter percebido, ele estava cavando seus dedos nos seus braços como se tentasse resistir à dor que sentia no corpo. Ele derramou seu sangue mais vezes do que podia contar; já tinha perdido os ossos do seu braço direito uma vez; essa jornada já lhe tinha dado cicatrizes no seu peito e antebraço para se juntar com a da sua mão e a da testa, mas nenhuma, até esse momento, fez ele se sentir fatalmente fraco, vulnerável, e nu, porque parte do poder mágico havia sido levado dele. Ele sabia exatamente o que Hermione diria se ele expressasse alguma dessas dores: A varinha só é boa assim como o bruxo que a possui. Mas ela estava errada, seu caso era diferente. Ela não sentiu a varinha girando como uma agulha de um compasso e atirando raios dourados no seu inimigo.Ele perdeu a proteção dos núcleos gêmeos [deve ser as varinhas gêmeas], e só

agora que foi embora ele se conscientizou que contava muito com aquilo.
Ele tirou os pedaços da varinha quebrada do seu bolso e, sem olhar para eles, prendeu-os na bolsa de Hagrid em volta do seu pescoço. A bolsa agora estava muito cheia de objetos quebrados e sem uso. A mão de Harry escovou o pomo de ouro através do [mokeskin] e por um momento teve que lutar com a tentação de jogar ele fora. Impenetrável, sem ajuda, sem utilidade nenhuma, como todas as coisas que Dumbledore deixou para trás...
E sua raiva por Dumbledore estava agora como lava, queimando-o por dentro, limpando todos os outros sentimentos. Fora de um puro desespero eles chegaram a pensar que Godric´s Hol ow tinha respostas, convencido de que eles teriam que retornar, que era parte de um segredo trilhado para eles por Dumbledore: mas não havia nenhum mapa, nenhum plano. Dumbledore deixou eles tatearem na escuridão, lutando corpo a corpo com desconhecidas e nunca sonhadas criaturas, sozinhos: Nada era explicado, nada era dado facilmente, eles não tinham espada alguma, e agora, Harry não tinha varinha. E ele deixou cair a foto do ladrão, e agora seria fácil para Voldemort descobrir quem ele era...
Voldemort tinha todas as informações agora...
“Harry?”
Hermione olhou horrorizada que ele quase enfeitiçou ela com sua varinha. Sua face estava molhada de lágrimas, ela se agachou

atrás dele, duas xícaras de chá estavam equlibrando-se na mão dela e alguma coisa volumosa embaixo do seu braço.

“obrigado” disse ele pegando uma das xícaras.

“Você se importa se eu conversar com você”

“Não” ele disse isso porque não queria magoar os sentimentos dela.

“Harry, você quer saber quem este homem da foto era. Bem...Eu consegui o livro.”

Timidamente ela empurrou o livro para o colo de Harry, uma copia do livro -A vida e as mentiras de Albus Dumbledore-.

“Onde—Como?—“

“Estava na sala de estar de Bathilda, estava ali em cima...E essa nota estava em cima dele.”

Hermione leu as poucas linhas, com letra verde-ácido em voz alta:

“`Caro Bal y, obrigada por sua ajuda. Aqui está uma cópia do livro, espero que goste.Você disse tudo, mesmo não lembrando. Rita. Eu acho que deve ter chegado enquanto a verdadeira Bathilda estava viva, mas pensando bem ela não estava em um bom estado para lê-lo”

“Não, ela provavelmente não estava”

Harry olhou pra baixo para a face de Dumbledore e presenciou o surgimento de um saudoso prazer: Agora ele iria saber de todas as coisas que Dumbledore nunca contou e nunca imaginaria contar, Dumbledore querendo ou não.

“ Você ainda continua com muita raiva de mim não é?” disse

Hermione; ele olhou pra cima para ver lagrimas frescas saindo do seus olhos, e se tocou que sua raiva deve ter aparentado no seu rosto.

“Não” disse ele calmamente. “Não, Hermione. Eu sei que foi um acidente. Você estava querendo nos tirar de lá vivos, e você foi incrível.Eu poderia estar morto agora se você não estivesse lá para me salvar.”

Ele tentou retornar pra ela um sorriso aguado, e tornou sua atenção para o livro sua lombada era espessa; com certeza nunca tinha sido aberto antes. Ele deu uma passada nas páginas, procurando por fotografias. Ele passou por uma que lhe chamou atenção primeiro, o jovem Dumbledore e seu belo companheiro, rindo de uma piada esquecida. Harry olhou para a legenda que dizia: ----Albus Dumbledore, algum tempo depois da morte de sua mãe, com seu amigo Gel ert Grindelwald----

Harry fixou na ultima palavra por um tempo considerável. Grindelwald. O amigo dele Grindelwald. Ele olhou de lado para Hermione, que também contemplava o nome, ela não podia acreditar em seus olhos. Devagar ela olhou para Harry.

“Grindelwald!”

Ignorando os restos das fotografias, Harry procurou a paginas que falassem desse nome fatal. Ele em breve descobriu e leu com cobiça, mas acabou se perdendo: Era necessário ir bem mais para trás para ter sentido tudo que estava escrito, e eventualmente ele

se descobre que está no início do capítulo intitulado –O grande Deus-. Juntos, ele e Hermione começaram a ler:

---Agora se aproximando do seu aniversário de 18 anos, Dumbledore deixou Hogwarts com um status de glória---Monitor Chefe, Ganhador do Barnabus Frinkley por Excepcional Lista de Feitiços [feitiços que sabe fazer], British Youth Representative to the Wizengamot [resolvi não me arriscar a traduzir], Medalha de ouroGanhador de uma contribuição que fez para a Internacional conferência de alquimia no Cairo. Dumbledore intencionou, depois, fazer um grande passeio (viagem) com Elphias "Dogbreath" Doge, o escurecido-espirituoso, mas devoto [sidekick?] que ele pegou ainda na escola.

Os dois jovens garotos estavam hospedados no Caldeirão Furado em Londres, preparando a partida para a Grécia na próxima manhã, quando uma coruja anunciando a morte da mãe de Dumbledore. "Dogbreath" Doge, que recusou-se a ser entrevistado para este livro, deu ao publico seus sentimentos para sua versão do que aconteceu depois. Ele representa a morte Kendra como uma trágica explosão, e a decisão de Dumbledore era desistir da expedição como um ato nobre e sacrificante.

Certamente Dumbledore retornou a Godric's Holow imediatamente, supostamente por se "importar" com seu irmão e irmã mais novos. Mas quanta preocupação ele realmente dispensava a eles?

"Ele era um problema crônico [head case], aquele Alberforth," disse Enid Smeek, cuja família vivia nos arredores de Godric's Hol ow

naquele tempo. "Enfureceu-se. Óbvio, com pai e mãe ausentes você sentiria pena dele, e ele só continuou atirando bosta de bode na minha cabeça. Não acho que Alvo estivesse agitado com ele. De qualquer jeito, eu nunca os vi juntos."

Então, o que estaria Alvo fazendo, se não confortando seu revoltado irmãozinho? A resposta parece ser, certificando-se da continuidade da clausura de sua irmã. Embora sua primeira "guardiã" [no sentido de mantê-la presa] tivesse morrido, não houve mudança na lamentável condição de Ariana Dumbledore. Sua existência continuou a ser conhecida somente a algumas pessoas de fora que, como "Dogbreath" Doge, poderiam contar com para acreditar na história da "saúde doentia" dela.

Outro facilmente satisfeito amigo da família era Bathilda Bagshot, a famosa historiadora mágica que viveu em Godric's Hol ow por muitos anos. Kendra, com certeza, havia rejeitado Bathilda quando ela teve a intenção de recepcioná-los à vila. Anos depois, de qualquer jeito, a autora mandou uma coruja para Alvo em Hogwarts, favoravelmente impressionada pelo papel dele em transformações trans-espécies em Transfiguração Hoje. Esse contato inicial levou a uma familiarização com toda a família Dumbledore.

Quando Kendra morreu, Bathilda era a única pessoa em Godric's Hol ow que mantinha contato com a mãe de Dumbledore. Infelizmente, o brilho que Bathilda exibiu antes em sua vida agora tinha se ofuscado. "O fogo esteve aceso, mas o caldeirão está

vazio," foi como Ivor Dil onsby pôs para mim [a situação de Bathilda], ou, como na frase uma pouco mais grosseira de Enid Smeek, "Ela está louca" ["She's nutty as squirrel poo", a tradução literal fica "Ela está louca que nem cocô de esquilo", mas não faz mto sentido xD]. Todavia, uma série de tentadas-e-testadas técnicas de reportagem me permitiram extrair o suficiente de fatos concretos para juntar com o resto de toda a escandalosa história.
Como o resto do mundo Mágico, Bathilda associa à morte prematura de Kendra a um feitiço de contra-explosão, história repetida por Alvo e Aberforth por muitos anos. Bathilda também reproduz a árvore genealógica em Ariana, chamando-a de "frágil" e "delicada". Em uma coisa, de qualquer jeito, Bathilda valeu a pena os esforços que tive para achar Veritaserum para ela, já que ela sozinha sabia todos os segredos jamais desvendados da vida de Alvo Dumbledore. Agora revelados pela primeira vez, eles trazem à tona dúvidas e todos aqueles admiradores que acreditavam em Dumbledore: suas suposta aversão às Artes das Trevas, sua oposição à opressão dos Trouxas, até mesmo sua devoção à família.
No exato mesmo verão em que Dumbledore foi até sua casa em Godric's Hol ow, agora órfão e chefe de família, Bathilda Bagshot aceitou abrigar em sua casa seu sobrinho-neto, Gel ert Grindelwald.
O nome de Grindelwald é simplesmente famoso: Numa lista dos Mais Perigosos Magos das Trevas de Todos os Tempos, ele só

perderia o primeiro lugar porque Você-Sabe-Quem chegou, uma geração depois, para roubar sua coroa.
Como Grindelwald nunca espalhou seu terror na Inglaterra, então, os detalhes de sua ascensão ao poder não são amplamente conhecidos aqui.
Educado em Durmstrang, escola famosa por sua infeliz tolerância às Artes das Trevas, Grindelwald mostrou-se meio que tão precocemente brilhante quanto Dumbledore. Em vez de canalizar suas habilidades na obtenção de troféus e prêmios, entretanto, Gel ert Grindelwald devotou-se a nenhum destes propósitos. Aos dezesseis anos de idade, até mesmo Durmstrong sentiu que não poderia mais fingir que não via os distorcidos experimentos de Gel ert Grindelwald, e ele foi expulso.
Até aqui, tudo que se soube dos próximos movimentos de Grindelwald é que ele "viajou por aí durante uns meses." Agora pode-se revelar que Grindelwald escolheu visitar sua tia-avó em Godric's Hol ow, e que lá, extremamente chocante àqueles que ouvirão isso, ele engatou uma amizade muito próxima com ninguém menos que Alvo Dumbledore.
"Para mim ele era um garoto encantado," murmura Bathilda, "o que quer que ele tenha se tornado mais tarde. Naturalmente eu o apresentei ao pobre Alvo, que estava sentindo falta de companhia de sua idade. Os dois simpatizaram um com o outro de cara."
Eles com certeza simpatizaram. Bathilda me mostra uma carta,

guardada por ela que Alvo Dumbledore mandou para Gel ert Grindelwald na calada da noite.

"Sim, mesmo depois de terem gasto o dia todo discutindo ---ambos garotos brilhantes, eram como um caldeirão no fogo ---eu às vezes ouvia uma coruja batendo de leve na janela do quarto de Gel ert, entregando cartas de Alvo! Uma idéia simplesmente havia brotado e ele precisava contar a Gel ert imediatamente!"

E que idéias eram essas.

E que idéias eles tinham. Profundamente chocado ao saber que os fãs de Alvo Dumbledore iriam descobrir isso, ali estavam os pensamentos do herói de dezessete anos deles, transmitidos ao seu novo melhor amigo

Gelert---Sua visão do domínio Bruxo pelo BEM DOS PROPRIOS TROUXAS

---esse é, penso eu, o ponto crucial. Sim, nós temos dado poder e sim, aquele poder nos deu o direito à regra, mas também nos deu responsabilidade. Nós devemos enfatizar esse ponto, ele vai ser a base de pedra sobre a qual nós construiremos. Onde nós formos opostos, como certamente seremos, esse deve ser o fundamento dos nossos contra argumentos. Nós tomamos o controle PELO BEM MAIOR. E a partir disso, se encontrarmos resistência, nós devemos apenas usar a força que for necessária, e nada mais.

(esse foi o seu erro na Durmstrang! Mas eu não me queixo, afinal, se você não tivesse sido expulso, nós nunca nos encontraríamos).

Alvo Surpreso e apavorado, como muitos dos admiradores ficariam,

essa carta constituía o Estatuto do Segredo (Statute of Secrecy?) e estabelecia as regras mágicas sobre os Trouxas. Um golpe aos que sempre retrataram Dumbledore como o maior campeão aos nascidos Trouxas! Quão vazios os discursos promovendo os direitos dos Trouxas pareciam sob a luz dessa condenável nova evidencia! Quão desprezível Alvo Dumbledore aparecia, ocupado empreendendo sua subida para o poder enquanto ele deveria estar de luto por sua mãe e cuidando de sua irmã!

Nenhuma dúvida que determinava manter Dumbledore em seu pedestal esfarelado iria permanecer que ele não tinha, depois de tudo, posto seus planos em ação, que ele deveria ter sofrido uma mudança de coração, que ele voltara aos seus sentidos. De qualquer forma, a verdade parecia no geral mais chocante.

Apenas dois meses na sua nova e grande amizade, Dumbledore e Grindelwald separaram-se, para nunca mais se encontrar novamente até o legendário duelo entre eles.

O que causara essa abrupta ruptura? Dumbledore tinha voltado aos seu sentidos, à sua razão? Tinha dito a Grindelwald que não queria mais participar de seus planos? Ah, não.

“Era a pobre e pequena Ariana desfalecendo, eu acho, que fez isso,” falou Bathilda. “Veio como um terrível choque. Gel ert estava na casa quando aconteceu, e ele voltou para minha casa cheio de temor, me contou que queria ir para casa no dia seguinte. Terrivelmente angustiado e aflito, você sabe. Então eu arranjei um

‘Portkey’ e essa foi a ultima vez que o vi.”

“Alvo estava consigo mesmo quando da morte de Ariana. Foi tão terrível para aqueles dois irmãos. Eles perdido tudo, só tinham um ao outro. Maravilhosos temperamentos não concorreram um pouco altos [?]. Aberforth culpava Alvo, você sabe, conforme as pessoas iam escondendo as horríveis circunstancias. Mas Aberfoth sempre falava um pouco furioso, pobre garoto. Ao mesmo tempo, o nariz quebrado de Alvo não estava decente. Teria destruído Kendra ver seus filhos brigando daquela forma, com o corpo de sua filha ao lado. Envergonhado, Gel ert não podia ter ficado para o funeral.. Ele teria sido um conforto para Alvo, no fim das contas....

A disputa ao lado do caixão, de conhecimento apenas dos poucos presentes ao funeral de Ariana Dumbledore, gerou diversas questões. Por que exatamente Aberforth culpava Alvo pela morte da irmã? Fora aquilo, como “Batty” (louco) farsa, uma mera efusão de sofrimento? Ou haveria algum outro motivo concreto para sua fúria? Grindelwald, expulso de durmstrang pelos ataques fatais aos estudantes da escola, fugiu do pais horas depois da morte da garota, e Alvo (envergonhado ou temeroso?) nunca o viu novamente, não até ser forcado a fazê-lo por pedido do Mundo Mágico.

Nem Dumbledore nem Grindelwald alguma vez pareceram referir a sua amizade de infância, posteriormente em suas vidas. No entanto, não havia duvida que Dumbledore adiou, por cinco anos de

tumulto, fatalidades e desaparecimento, seu ataque sobre Gel ert Grindelwald. Era uma ligeira afeição pelo homem ou medo de expor, como um dia tendo sido seu melhor amigo, que fez Dumbledore hesitar? Era relutantemente que Dumbledore tomava a iniciativa de capturar o homem que um dia ele foi tão feliz de conhecer?

E como a misteriosa Ariana tinha morrido? Fora ela uma vitima inadvertida de algum ritual das trevas? Teria ela falhado em algo que não deveria ter feito, como os dois jovens homens sentados praticando para sua tentativa de gloria e domínio? Era possível que Ariana Dumbledore fosse a primeira pessoa a morrer por "um bem maior"?

O capitulo terminava ali e Harry parou de ler. Hermione tinha chegado ao fim da página antes dele. Ela puxou o livro das mãos de Harry, com uma expressão um pouco alarmada, e fechou-o sem olhar, como se estivesse escondendo algo indecente.

"Harry ---"

Mas ele chacoalhou a cabeça. Algo interno certamente tinha batido dentro dele; era exatamente como ele tinha se sentido quando Rony partira. Ele tinha confiado em Dumbledore, confiado nele: a personificação da bondade, inteligência e bom senso. Tudo fora frouxo, cinza: Quanto mais ele poderia perder? Rony, dumbledore, a varinha de fênix....

"Harry." Ela parecia ter ouvido seus pensamentos. "Ouça. Isso ---isso não foi uma leitura muito boa..."

“é, você poderia dizer isso ---“

“ ---mas não esqueça, Harry, que foi a Rita Skeeter que escreveu.”

“Você leu aquela carta para Grindelwald, não leu?”

“sim, eu... eu li” ela hesitou, parecendo chateada, segurando seu chá em suas mãos frias. “Eu acho que essa é a pior parte. Eu sei que Bathilda achava que isso tudo era uma simples conversa, mas ‘Pelo Bem Maior” se tornou o slogan de Grindelwald, sua justificação para todas as atrocidades que ele cometeu mais tarde. E... a partir disso... parece que Dumbledore que deu a idéia a ele. Ele disse que “Pelo bem maior” estava inclusive gravado na entrada para Nurmengard”.

“o que é Nurmengard?”

“ A prisão que Grindelwald tinha construído para prender seus oponentes. Ele acabou lá, uma vez que dumbledore o pegou. De qualquer forma, é ---é um pensamento horrível que as idéias de Dumbledore tenham ajudado Grindelwald a subir ao poder. Mas por outro lado, mesmo Rita não podia fingir que eles se conheciam há mais do que alguns meses, num verão quando ambos eram jovens, e ---“

“Eu achei que você diria isso,” disse Harry. Ele não queria que sua raiva escapasse e atingisse-a, mas estava difícil de manter a voz estável. “eu achei que você diria ‘Eles eram jovens’. Eles tinham a mesma idade que nos temos hoje.......

"Eu pensei que você diria isso" Harry disse. Ele não queria deixar a

raiva extravasar nela, mas era difícil manter a voz firme. "Eu pensei que você diria 'Eles eram jovens'. Eles tinham a mesma idade que nós temos agora. E aqui estamos nós arriscando nossas vidas para lutar contra a arte das trevas, e lá estava ele, em um grupo, com seu novo melhor amigo tramando a sua ascensão sobre os Trouxas."

O temperamento dele não permanecia em cheque(?) por muito tempo. Ele se levantou e se afastou tentando não falar mais sobre o assunto (Não estava escrito assim, mas é mais ou menos isso).

"Eu não estou tentando defender o que Dumbledore escreveu" Hermione disse " Tudo aquele lixo de lei verdadeira' ('right to rule), e 'Magia é Poder' tudo de novo. Mas Harry, a mãe dele há pouco tinha morrido, e ele estava preso sozinho em casa---"

"Sozinho? Ele não estava sozinho! Ele tinha o irmão e a irmã para fazer companhia, a irmã Squib (deve ser abortada) que ele mantinha trancada"

"Eu não acredito nisso" Hermione disse. Ela também se levantava "O que quer que houvesse de errado com aquela garota, eu não acredito que ela era uma Squib (Abortada?). O Dumbledore que nós conhecíamos nunca, nunca teria permitido..."

Harry gritou, a voz dele ecoou por todo vazio hil top (?), e vários corvos subiram ao ar, gritando e espiralando contra o céu perolado.

"Ele mudou, Harry, ele mudou! É tão simples quanto isso! Talvez ele acreditasse nessas coisas quando ele tinha dezessete anos,

mas todo o resto da vida dele foi dedicado lutando contra as Artes das Trevas! Dumbledore foi o que parou Grindelwald, o que sempre votou a favor da proteção e direitos de Trouxas e NascidosTrouxas, que lutou contra Você-Sabe-Quem desde o inicio, e morreu tentando derrubá-lo!!"

O livro de Rita caído no chão entre eles, de modo que a face de Alvo Dumbledore sorria tristemente para ambos.

"Harry sinto muito, mas a real razão pela qual eu penso que você está tão bravo é que Dumbledore nunca tenha lhe contado isso sobre ele."

"Talvez eu esteja" Harry berrou, e a levou as mãos até a cabeça, quase não sabendo se estava tentando conter sua raiva ou se proteger do peso da própria desilusão. "Olhe o que ele me pediu Hermione! Arrisque sua vida Harry! E de novo! E de novo! E não espere que eu explique tudo, apenas confie em mim cegamente, confie que eu sei o que estou fazendo, confie em mim, embora eu não confie em você! Nunca toda a verdade! Nunca!"

A sua voz falhou com a tensão, e eles olhavam um para o outro dentro a brancura (?) e vazio, e Harry sentiu que eram insignificantes como insetos sob esse céu tão largo.

"Ele o amou" Hermione sussurrou. "Eu sei que ele o amou"

Harry derrubou os braços

"Eu não sei quem ele amou Hermione, mas não era eu. Isto não é amor, a confusão que ele me deixou. Ele compartilhou mais do que uma maldita visão do que ele pensava com Gel ert Grindelwald do

que comigo." (Tá é mais ou menos isso: Aqui o Harry tava bravo porque o Dumbie tinha compartilhado mais com o malvadão lá do que com ele. Duh!!)

Harry apanhou a varinha de Hermione que ele tinha derrubado na neve, e se sentou de costas na entrada da barraca.

"Obrigado pelo chá. Vou terminar a vigia. Você volte para dentro."

Ela Hesitou, mas reconheceu a derrota. Ela apanhou o livro e então caminhou até a barraca, mas como havia feito, ela acariciou o topo da cabeça dele com os dedos.



Ele fechou os olhos ao toque dela, e se odiou por desejar que o que ela havia dito fosse verdade: Que Dumbledore havia se importado...

Capítulo 19

A Fêmea Prateada

Quando Hermione olhou o rélogio era meia noite e estava nevando.
Os sonhos de Harry estavam confusos e perturbadores: Nagini se movendo dentro e fora dele, primeiro uma grinalda de rosas de Natal. Ele despertou repetidamente, apavorado, convencido que alguém o chamava a distancia, imaginando que o vento que chicoteava ao redor da barraca era passos ou vozes.
Finalmente se levantou na escuridão e se união a Hermione que estava de guarda na entrada da barraca lendo A HISTORIA DA MAGIA com a luz da sua varinha. A neve caia densamente, e ela aceitou com alivio a sugestão de fazerem as malas e se mudarem.
"Bem, algum lugar mais aconchegante" (Acho que queria dizer isso mesmo) ela concordou, e puxou uma camisa de moleton sob o pijamas dela. " Eu pensei ter ouvido pessoas se movendo lá fora. E até as vezes pensei ter visto alguem uma ou duas vezes."
Harry parou no mesmo momento (Não entendi essa parte -.-' desculpem) e fitou o imovel bisbilhoscopio na mesa.
"Tenho certeza que imaginei isso" Hermione disse nervosa " A neve, a escuridão isto engana os olhos... Mas talvez devessemos desaparatar debaixo da capa de Invisibilidade, por via das duvidas?"
Meia hora depois, com uma tenda empacotada, usando a Horcrux

Harry e Hermione desaparataram. A tensão habitual engolfou (?) eles; Os pés de Harry se separaram do chão nevado, e então bateram em uma coisa que pareceu ser terra congelada coberta por folhas.

“onde nós estamos?” ele perguntou, investigando envolta sob a sombra fresca das árvores enquanto Hermione abriu a bolsa e começou a tirar a barraca para fora.

“ a floresta de dean”, ela disse, “eu vim aqui acampar uma vez com minha mãe e meu pai”.

Aqui muita neve caia das árvores e estava um pouco frio, mas eles estavam ao menos protegidos do vento. Eles passaram a maior parte do dia dentro da barraca , aconchegados no calor que saia das labaredas azuis que Hermione produzia, e que podiam ser capturadas e carregadas em uma jarra. Harry sentiu que estava se recuperando de algo breve, mas severo(?), uma impressão reforçada pela preocupação de Hermione. Naquela manhã flocos gelados caíram sobre eles, então eles perceberam que tinha uma camada de neve.

Depois de duas noites mal dormidas, os sentidos de Harry pareciam mais alertas do que o normal. A fuga deles de Godric’s Hol ow tinha sido tão tensa que Voldemort parecia de alguma forma mais perto do que antes, mais ameaçador. Como anoitecer Harry recusou a oferta de Hermione para vigiar e a mandou ir para cama.

Harry arrastou uma velha almofada de dentro da tenda e sentou,

vestindo todos os sueters que tinha, mas ainda com tremendo. A escuridão ficou cada vez mais profunda como passar das horas até ficar impenetrável. Ele estava a ponto de pegar o Mapa do Maroto, para ver o ponto da Gina por um momento, antes de lembrar que era feriado de natal e que ela estava de volta à Toca.

Cada pequeno movimento parecia ampliado na vastidão da floresta. Harry sabia que ela deveria estar cheia de criaturas, mas ele esperava que elas continuassem paradas e em silêncio para que ele pudesse separar barulhos inocentes de barulhos que pudessem delatar outros, movimentos sinistros. Ele lembrou do som de um cacasco escorregando por folhas mortas muitos anos atrás, e que uma vez ele pensou ter ouvido denovo antes de agitar-se mentalmente. Os encantamentos de proteção tinham funcionado por semanas; porque eles iriam parar agora? E ainda ele não podia se livrar do sentimento de que alguma coisa estava diferente esta noite.

Várias vezes ele se levantava, com o pescoço doendo porque tinha caído no sono, deslizado em um ângulo desconfortável apoiado na barraca. A noite alcançou uma escuridão tamanha que ele parecia estar suspenso no limbo entre Desaparatação e Aparatação. Ele tinha acabado de colocar a mão na frente do rosto para arranjar um jeito de aquecer seus dedos quando aconteceu.

Uma luz prateada brilhante apareceu logo do seu lado, se movendo entre as árvores.

Seja o que fosse, estava se movendo silenciosamente. A luz parecia simplesmente sair de dentro dele.

Ele se levantou rapidamente, sua voz congelou na garganta, e levantou a varinha de Hermione.

Ele apertou os olhos assim que a luz se tornou cegante, as árvores na frente dele deixavam aparecer uma silhueta preta, que ainda estava chegando mais perto...

E então a fonte da luz se escondeu atrás de um carvalho. Era um prateado claro, brilhante como a lua e deslumbrante, mandando sua imagem longe do chão, ainda silenciosa, e não deixando pegadas na neve. Ela andou em direção a ele, sua bonita cabeça com seus grandes, (chicoteados longamente?) olhos bem abertos.

Harry olhou a criatura, maravilhado, não com sua estranheza, mas com sua inexplicável familiaridade. Ele sentiu que estava esperando pela sua chegada, mas ele tinha esquecido, até aquele momento, que eles tinham combinado o encontro.

O impulso de virar para trás e chamar Hermione desapareceu. Ele sabia, que tinha apostado sua vida nisso, e que só ele teria que ir, apenas ele.

Eles se contemplaram por um momento, então ela virou e caminhou para fora.

“Não” disse ele com a voz rachada por falta de uso.. “Volte”

Ela continuou andando pelas árvores. Durante um segundo ele hesitou. Precaução veio a sua cabeça, poderia ser um truque, uma

isca, uma armadilha. Mas o instinto, instinto opressivo lhe falou que não era nada de Magia Negra. Então ele começou a segui-la

A neve era pisotiado pelos pés, mas a corça não fez nenhum barulho quando ela atravessa as árvores, porque ela era nada mais do que luz. Mais profundamente, e mais eles caminhavam pela floresta, pensando que quando ela parasse, ela lhe diria algo. Então ela falaria e a voz diria tudo o que ele precisava saber.

Afinal, ela veio até ele. Ela dirigiu a cabeça bonita em direção a ele e saiu correndo, Harry tentou falar algo, mas antes que seus lábio pudessem abrir, ela havia desaparecido.

Embora ela tivesse sido engolida pela escuridão, a imagem dela ainda estava gravada em sua retina; obscurecendo sua visão.

Então o medo apareceu. A presença dele tinha livrado esse sentimento dele.

“Lumus” ele sussurrou e a varinha acendeu.

A impressão da corça havia diminuído com todas as piscadelas de olho.. e ele estava de pé, escutando os sons da floresta, as crepitações dos ramos, a neve macia. Ele ia ser atacado? Ele tinha sido atraído para uma emboscada? Ele estava imaginando se alguém estava fora do alcance do brilho de sua varinha observando-o?

Ele segurou a varinha mais alto. Ninguém correu, nenhum flash de luz verde por detrás das arvores. Porque então, ele tinha sido conduzido a essa mancha?

Algo vislumbrou na varinha de Harry que a girou, mas tudo que ele viu foi uma pequena piscina, congelada, com a superfície rachada, então ele levou a varinha para examinar melhor.

Ele avançou cautelosamente e olhou para baixo. O gelo refletia a sombra dele e da varinha, mas embaixo da carapaça de gelo cinza, nublada, outra coisa refletiu. Uma grande cruz prateada.

O coração dele saltou da boca; ele ajoelhou-se a extremidade da piscina e colocou a varinha para iluminar mais a fundo. Um reflexo vermelho no fundo.. Era uma espada com rubis brilhantes em seu cabo.. A espada de Gryffindor estava no fundo da piscina.. na floresta..

Respirando, ele encarou. Como isso era possível? Como essa piscina poderia ter vindo para floresta, perto do lugar onde eles estavam acampando? Algum tipo de magia desconhecida para Hermione, e aquela mancha parecia ser um Patronum, algum tipo de guardião da piscina? Ou a espada tinha sido colocada na piscina assim que chegaram, porque era isso que estava parecendo?

Quem que iria querer passar isso a Harry? Novamente, ele se dirigiu as árvores circunvizinhas e arbustos, enquanto procurava alguma feição humana, mas não viu ninguém lá. No mesmo tempo, uma pequena mistura de medo e alegria envolveu-o e ele voltou a atenção a espada, que repousava no fundo da piscina congelada.

Ele apontou a varinha para a forma prateada e murmurou: “Accio espada”.

Ela não se mexeu. Ele não esperava que isso acontecesse. Seria fácil se a espada estivesse jogada no chão, mas não quando estava no fundo de uma piscina congelada. Ele foi em direção ao circulo de gelo, enquanto pensava pela ultima vez que a espada tinha sido entregue a ele. Ele passou por muitos perigos e tinha pedido ajuda. "Me ajude", ele murmurou, mas a espada permaneceu no fundo da piscina, indiferente, imóvel.

O que foi isso, Harry perguntou para si mesmo (caminhando novamente). O que Dumbledore tinha lê contado na última vez sobre a espada? Que só um verdadeiro Gryffindor poderia ter arrancado-a do chapéu. E quais as qualidades que definem um Gryffindor? Uma voz pequena dentro da cabeça de Harry respondeu: a coragem e o cavalheirismo definem os Gryffindor.

Harry parou de andar e sentou, suspirando, a respiração esfumaçada dele era dispersada no ar congelado. Ele sabia o que tinha que fazer. Se ele fosse honesto consigo mesmo, ele pensou que poderia ter tirado a espada do gelo.

Ele olhou ao redor das árvores circunvizinhas novamente, mas se convenceu que ninguém iria ataca-lo. Eles teriam chance demais, enquanto ele caminhou pela floresta, enquanto examinava a piscina. A única razão para demorar tanto assim, era tão profundamente sem atrativo. [?]

Com os dedos desajeitado, Harry começou a remover camada de neve se suas roupas. Onde "cavalheirismo" serviria para isso, ele

pensou, ele não tinha certeza, a menos que o cavalheirismo fosse pedir que Hermione fizesse isto no lugar dele.

Uma coruja piou em algum lugar, e ele sentiu uma pontada pensando em Edwigs. Ele estava tremendo agora, seus dentes tagarelando horrivelmente, ele continuou tirando a neve das roupas intimas dele, descalço na neve. Ele pegou a bolsa que tinha a varinha dele, a carta da mãe dele, o fragmento do espelho de Sirius, então ele apontou a varinha de Hermione para o gelo e disse:

“Diffindo”

Um pedaço de gelo se rachou. A superfície da piscina quebrou em pedaços grossos de gelo. Harry deduziu que não era fundo, mas para pegar a espada teria que entrar completamente.

Contemplando o que tinha que fazer, e como seria fácil se houvesse um aquecedor na água. Ele pisou na borda e deixou a varinha de Hermione no chão, iluminando. Ele, então tentou não imaginar o quão frio estava a água, e como ele estava tremendo violentamente, então ele pulou.

Todos os poros do corpo dele gritou em protesto. O ar dos pulmões pareciam estar sólidos quando ele entrou na água congelada. Ele não podia respirar: tremendo violentamente dentro da água, ele estava sentiu a lamina pelos pés entorpecidos dele. Ele então mergulhou de uma vez.

Harry pensou em todos os segundos que estava mergulhando, enquanto tremia ofegante, até que falou que devia ser feito, devia

ter tomado essa coragem e mergulhado.

O frio estava agonizante. Atacou-o como fogo. O cérebro dele parecia estar congelado, quando ele mergulhou para o fundo, procurando pela espada. Os dedos deles se fecharam ao redor do cabo, e ele impulsionou-se para cima.

Então algo enroscou em seu pescoço. Ele pensou que fossem ervas daninhas na água, mas no entanto não havia nenhuma quando ele mergulhou, com a mão ele tentou se livrar. A corrente da Horcrux tinha apertado e tinha estado constringindo a traquéia dele lentamente.

Harry se debatia selvagemente, enquanto tentava chegar a superfície, mas somente chegou ao lado rochoso da piscina.

Afogando-se, ele tentou tirar a corrente que o enforcava, os dedos congelado eram incapaz de fazer isso e agora pequenas luzes estavam estourando dentro de sua cabeça e ele ia se afogar, não havia ninguém ali, nada que ele pudesse fazer, os braços fecharam ao redor do tórax.. era a Morte... Sufocando e vomitando, com um frio que ele nunca tinha sentido em sua vida, ele colocou a cara na neve. Em alguém lugar, perto dele, outra pessoa estava arquejando e tossindo, cambaleando ao redor, como aconteceu quando a cobra o atacou. Não parecia com tosses fundas, muito menos julgando pelo peso dos passos.

Harry não tinha força para erguer a cabeça e ver quem o salvou.

Tudo que conseguiu fazer foi levar sua mão tremendo a garganta

onde o medalhão tinha cortado sua carne. Deve ter saído. Alguém tinha tirado. Então uma voz ofegante falou em cima de sua cabeça.

“Você - - É - louco?”

Nada como um choque de ouvir essa voz tinha dado força para Harry se levantar. Tremendo violentamente, ele cambaleou até os pés dele. Lá estava Ron parado, completamente vestido, mas encharcado, com a espada de Gryffindor em uma mão e a Horcrux com a corrente quebrada em outra.

“Porque inferno” Ron disse, segurando Horcrux que balançava pra frente e para trás como estivesse paranóica “você não tirou essa coisa antes de mergulhar?”

Harry não podia responder. A espada prateada não era nada, nada comparado com a reaparição de Ron; ele não podia acreditar nisso. Tremendo com o frio ele alcançou sua pilha de roupa que estava na borda e começou a coloca-las. Depois que colocou o suéter, Harry encarou Ron, metade dele queria que Ron tivesse desaparecido, mas era real.: Ele tinha mergulhado na piscina, ele tinha salvado a vida de Harry.

“Foi você?” Harry disse finalmente, com os dentes batendo, e a voz graça devido a estrangulação.

“em, sim” disse Ron olhando confuso.

“Você que mandou aquela corsa?”

“O que? Não, claro que não! Eu pensei que você tivesse feito isso!”

“Meu Patronus é um veado.”

“Oh sim. Eu vi que estava diferente. Nenhum chifre.” Harry repôs a bolsa de Hagrid ao redor do braço, inclinando-se para apanhar a varinha de Hermione e ficar de frente com Ron novamente.

“Como você veio parar aqui?”

Aparentemente Ron tinha esperado que iriam chegar a esse ponto.

“Bem, eu tenho – você sane – eu voltei. Se – “ele clareou a garganta. “ Você sabe. Se ainda me quiser.”

Houve uma pausa, e acabou o assunto. Eles estavam subindo. Ele tinha voltado. Ele tinha salvado a vida de Harry agora pouco.

Ron olhou para suas mãos. Ele parecia momentaneamente surpreendido em ver o que estava segurando.

“Oh sim, eu peguei isso” ele disse, suspendendo a espada para a inspeção de Harry, “Foi por isso que você saltou lá dentro, certo?”

“Sim”, disse Harry. “Mas não entendo. Como você chegou aqui? Como você nos achou?”

“Longa história” disse Ron. “Eu tenho procurado vocês por horas, isto é uma floresta grande? E eu estava pensando que iria ter que acampar debaixo de uma arvore e esperar amanha para continuar na busca”.

“Você não viu mais ninguém?”

“Não” disse Ron. “Eu - -“

Mas ele hesitou, enquanto olhava para o fundo das árvores. “Eu pensei ver algo se mover la pra cima, mas eu estava correndo para a piscina, você tinha entrado e não tinha subido, assim desviei

minha atenção”.

Harry tinha chegado no lugar que Ron indicou. Os carvalhos cresceram muito perto; havia uma apertura só entre as arvores que, um lugar ideal para ver, quem quer que tenha visto. Porém, o chão cheio de raízes e de neve, não mostrava sinal de pagadas. Ele caminhou para trás de Ron, que estava segurando a espada e o Horcrux.

“Alguma coisa ali?” Rony perguntou?

“Não” disse Harry

“Como essa espada entrou naquela piscina?”

“Quem lançou o Patronum deve ter posto lá”

Eles olharam para espada prateada, seu cabo avermelhado, refletindo uma pequena luz que saia da varinha de Hermione.

“Você acha que é a verdadeira?” perguntou Ron.

“Há um jeito de descobrir, não há?” disse Harry.

A Horcrux ainda balançava na mão de Ron. O medalhão estava se contraindo ligeiramente. Harry soube que a coisa dentro disso havia agitado novamente. Tinha sentido a presença da espada e tinha tentado matar Harry no lugar que estava ela. Agora não era momento de discussões; agora era hora de destruir de uma vez por todas. Harry deu uma olhada, enquanto segurava a varinha de Hermione no alto e viu o lugar: uma pedra de flattish na sombra de uma arvore.

“Venha aqui” ele disse conduzindo, e tirando a neve da superfície

da pedra, então ofereceu a mão para pegar a Horcrux. Porém, quando Ron ofereceu a espada, a cabeça de Harry tremeu

Não, você deveria fazer isso."

"Eu?" disse Rony, parecendo chocado. "Por quê?"

"Porque você tirou a espada da piscina. Eu acho que deveria ser você."

Ele não estava sendo agradável ou generoso. Certamente como ele sabia que a corça tinha bom coração, ele sabia que Ron era a pessoa a empunhar a espada. Dumbledore tinha ao menos ensinado Harry algo sobre certos tipos de magia, o poder incalculável de certos atos.

"Eu vou abrir," disse Harry, "e você vai apunhalar. Imediatamente, ok? Por que o que quer que esteja dentro, vai começar uma luta. A parte de Riddle que estava no Diário tentou me matar."

"Como você vai abrir isso?", perguntou Rony. Ele parecia aterrorizado.

"Eu vou pefir para ela se abrir, usando a língua das cobras," explicou Harry. A pergunta veio tão prazerozamente aos seus lábios que ele ensou que sempre soubera, no fundo: talvez ele tivesse tido seu recente encontro com Nagini para fazê-lo entender. Ele olhou para o sinuoso S, incrustrado de pedras verdes brilhantes: Era fácil visualizar aquilo como uma serpente minúscula, enrolada na pedra fria.

"Não!" disse Ron. "Não abra isso! Eu to falando sério!"

“Por que não?” perguntou Harry. “vamos nos libertar dessa coisa amaldiçoada, passaram-se meses---“

“eu não posso, Harry! É serio – você faz isso ---“

“Mas por quê?”

“Porque essa coisa é ruim para mim!” disse Rony, dando as costas para o medalhão que estava sobre a pedra. “Eu não posso tocar isso! Eu não estou dando desculpas, mas isso me afeta mais do que afeta você e a Hermione, isso me faz pensar coisas ---coisas que eu estaria penando de qualquer forma, mas isso faz tudo pior. EU não sei como explicar, então eu tirava isso e minha cabeça voltava ao normal, então eu tinha que colocá-lo novamente ---Eu não posso fazer isso, Harry”

Ele tinha voltado, a espada se arrastando do seu lado, mexendo sua cabeça.

“Você pode fazê-lo”, disse Harry, “você pode!! Você acabou de conseguir a espada, eu sei que você deve usá-la. Por favor, apenas se livre disso Ron.”

O som de seu nome pareceu agir como um estimulante. Ron engoliu, e anda respirando com dificuldade por seu longo nariz, moveu-se até a pedra.

“me diga quando”, ele resmungou.

“ No três,” disse Harry, olhando para o medalhão e estreitando os olhos, concentrando-se na letra S, imaginando uma serpente, enquanto o conteúdo do medalhão agitava-se como uma barata

numa armadilha. Estava sendo fácil, exceto pelo corte no pescoço de Harry, que continuava queimando.

“Um... dois... três.... abra!”

A última palavra saiu como um assobio e um ranger, e as portas douradas do medalhão abriram com um pequeno clique.

Atrás de ambos os vidros de janelas do interior, piscou um olho, escuro e bonito,como fora os olhos de Tom Riddle antes de se tornarem vermelhos e com as pupilas em fenda.

“Apunhale!” disse Harry, segurando o medalhão firmemente na pedra.

Ron levantou a espada em suas mãos, que tremiam: o ponto atraia o freneticamente os olhos em rotação, e Harry segurou o medalhão com força, já imaginando sangue sendo derramado das janelas vazias.

Então uma voz assobiou de fora da Horcrux.

“Eu vi seu coração, e ele é meu.”

“Não ouça essas coisa!” Harry disse duramente. “Apunhale-a!”

“Eu vi seus sonhos, Ronald Weasley, e eu vi seus temores, Todos os seuss desejos são possíveis, mas todos seus medos também são...”

“Apunhale!!” gritou Harry – sua voz ecoando entre as arvores em volta, a ponta da espada tremeu, e Ron encarava os olhos de Riddle.

“o menos amado, sempre, pela mãe que queria uma filha.... o

menos amado agora, pela garota que prefere seu amigo.... o segundo melhor, sempre, eternamente debaixo da sombra...."

"Rony, apunhale agora!" falou Harry, aumentando o tom da voz. Ele podia sentir o medalhão tremendo em sua contenção, e estava assustado com o que estava vindo. Ron ergueu a espada ainda mais alto, e enquanto o fazia, os olhos de Riddle brilhavam vermelhos.

Fora das duas janelas do medalhão, fora dos olhos, floresceram duas bolhas grotescas, as cabeças de Harry e Hermione, estranhamente distorcidas.

Ron berrou em choque e se virou, conforme as figuras floresciam para fora do medalhão: primeiro o peito, então a cintura e as pernas, até se sustentarem no medalhão, lado a lado, como arvores com a mesma raiz, inclinando-se dobre Rony e o Harry real, que tinha soltado o medalhão, que queimava, de repente, incandescente.

"Ron!" ele gritou, mas o Harry-Riddle estava falando com a voz de Voldemort e Rony estava observando sua face, hipnotizado.

"por que voltar? Nos estávamos melhor sem você, mais felizes, felizes com sua ausência.... Nós rimos da sua estupidez, sua covardia, sua presunção---"

"Presunção!" ecoou a Hermione-Riddle, que eram mais bonita e mais terrível que a Hermione real: ela inclinou-se gargalhando, antes que Rony, que olhava horrorizado, a espada suspensa sem

direção ao seu lado. “Quem poderia olhar para você, quem iria olhar pra você, alem de Harry Potter? O que você algm dia fez, comparado com O Escolhido? O que é você, comparado com O Garoto Que Sobreviveu??

“Rony, apunhale isso! APUNHALE!” Harry gritou, mas Rony não se moveu. Seus olhos estavam abertos, e o Harry-Riddle e a Hermione-Riddle estavam refletidos nele, seus cabelos serpeando como chamas, seus olhos brilhando vermelhos, suas vozes altas em um duelo maligno.

“Sua mãe confessou,” zombou o Harry-Riddle, enquanto a Hermione-Riddle zombava, “que ela preferiria a mim como filho, que ficaria feliz com a troca...”

“quem não iria preferir você, que mulher iria te querer, você não é nada, nada” sussurrou Hermione-Riddle, e ela desenrolava-se como uma cobra e enalaçava a si mesma em torno do Harry-Riddle, envolvendo-o num abraço próximo: Seus lábios se encontraram.

No chão a frente deles, a face de Rony era preenchida de angustia.

Ele ergueu a espada alto, seus braços estavam tremendo.

Não faça isso, Ron” gritou Harry..

Ron olhou pra ele e Harry pensou ter visto um rasto escarlate em seus olhos.

“Ron --?”

A espada flamejou; Harry se jogou, com o tinido dos metais, saiu um grito. Harry girou ao redor enquanto deslizava na neve,

segurando a varinha pronto para se defender, mas não havia nada com o que lutar.
Deve ter sido as versões monstruosas dele e de Hermione; Só tinha Ron ali, se levantando com a espada na mão, enquanto olhava para baixo vendo os restos quebrados do medalhão na pedra plana.
Harry caminhou lentamente para trás dele, sem saber o que fazer ou dizer. Ron estava respirando pesadamente. Os olhos deles não estavam mais vermelhos, mas sim normalmente azul; eles também estavam molhados.
Harry se inclinou, enquanto fingia não ter visto nada e apanhou a Horcrux quebrada. Ron tinha perfurado o corpo em ambas as janelas. Com olhos curiosos olhavam o medalhão manchado. A coisa que tinha vivido no Horcrux havia desaparecido; torturar Ron foi seu ultimo ato. A espada tiniu quando Ron derrubou-a. Ele tinha caído de joelhos com a cabeça em seus braços. Ele estava tremendo, mas Harry pensou ser do frio. Harry colocou o medalhão quebrado em seu bolso, se ajoelhando ao lado de ron, e colocou uma mão cautelosamente em seu ombro. Ele levou isto como um ótimo sinal de que Ron tinha se livrado disso.
“Depois que você partiu” ele disse com uma voz baixa, “ela chorou durante uma semana,. Provavelmente por mais tempo, mas sem que eu visse. Havia dia que não nos falávamos.
Depois de sua partida..”
Ele não precisou terminar; ele viu que agora o Ron estava

novamente completo e Harry percebeu que ele também sentiu a sua falta.

“Ela amo sua irmã” ele disse.. “Eu amo ela e considero do mesmo modo que ela me considera. Eu pensei que você soubesse.”

Ron não respondeu, mas virou a cara para Harry e esfregou o narix na manga, Harry se levantou e caminhou até a enorme mochila de Ron, que ele tinha jogado para salvar Harry na piscina. Ele colocou em suas costas e caminhou até Ron, que o segurou quando Harry se aproximou, com o olhar em outro lugar,

“Sinto muito” ele disse em uma voz grossa. “Eu sinto muito ter partido. Eu sei que eu era u – um “

Ele olhou para a escuridão, como se fosse dizer um palavrão.

“Você tem a sorte do compensado lhe hoje à noite,” disse Harry.

“Começando pela espada. Terminar fora do Horcrux. Conservando minha vida.”

“Esse se fez muito mais sadio do que eu era,” Ron lembrou.

“O material gosta que soa sempre mais fresco do que ele era realmente” disse Harry.

“Eu tenho tentado dizer-lhe aquilo há anos.” Simultaneamente andaram para a frente e se abraçaram, Harry que prende a parte traseira ensopada das vestes de Ron.

“E agora,” disse Harry enquanto quebraram distante, “tudo que nós começamos fazer devemos encontrar outra vez essa barraca.” Mas não era difícil. A caminhada através da floresta escura com a (doe –

corça, fêmea de antílope?) tinha parecido contudo longa, com Rony ao seu lado, a viagem de volta pareceu ser de um tempo surpreendentemente curto. Harry não poderia esperar para acordar Hermione, e era com excitamento estimulante que entrou na barraca, Ron que se demorou um pouco atrás dele. Estava glorioso morno após a lagoa e a floresta, a única iluminação a lamparina azul inflamada ainda em uma bacia no assoalho. Hermione esteve rapidamente adormecida, ondulada sob os cobertores, e não se moveu até que Harry chama-se diversas vezes. “Hermione!” Agitou, a seguir sentou-se rapidamente, empurrando seu cabelo fora do rosto.

“Algo errado? Harry? É você, tudo certo?”

“É aprovado, tudo muito bem. Mais do que fino, eu sou grande. Há alguém aqui.”

“Como assim? Quem --?” Ela viu Ron, que esteve lá prendendo a espada e gotejando no tapete da barraca. Harry esperou em um canto na sombra, deslizou fora do casaco de Ron, e tentou misturar-se dentro com a lona. Hermione deslizou fora de seu beliche e moveu-se como um salto para Ron, ela os olhos em cima de sua cara pálida. Parou para a direita na frente dele, seus bordos partidos ligeiramente, ela os olhos largamente. Ron deu um sorriso esperançoso fraco e a metade levantou seus braços. Hermione lançou-se para a frente e começou-se perfurar cada polegada dele que poderia alcançar. “Ouch --ow --pare! Que --? Hermione --OW!”

“Você --completo --asno --Ronald --Weasley!” Pontuando cada palavra com um sopro: Ron suportou afastado, protegendo sua cabeça enquanto Hermione avançou. “Você --volta --aqui – depois de --semanas --e --semanas --oh, onde está minha varinha?”

Olhou como se pronto para brigar o fora das mãos e do ele de Harry reagiu instintivamente.

“Protego!” O protetor invisível surgiu entre Ron e Hermione. A força dela bateu-a para trás no assoalho. Cuspiu cabelo pra fora de sua boca, ela foi para acima outra vez.

“Hermione!” Harry gritou. “Calma --”

“Eu não me acalmarei!” gritou. Nunca antes tido do visto lhe perde o controle como esta; olhou completamente dementado.

“Me dê minha varinha! De-mê agora!”

“Hermione, espere por favor --”

“Você não me diz o que fazer, Harry Potter!” resmungou. “Não estou desafiando você! Me devolva agora! E VOCÊ!” Estava apontando na direção de Rony: Era como um maldição, e Harry não poderia responsabilizar Ron recuar diversas etapas. De

“Eu sai atrás de você! Eu chamei-o! Eu implorei para voltar”

“Eu sei,” Ron disse, “Hermione, eu sinto muito, eu sou realmente --”

“Oh, você sente muito!” Riu ua risada sem graça, som do para fora-controle; Ron olhou Harry pedindo ajuda, mas Harry olhou de volta meramente seu.

“Você voltou após semanas --semanas --e você pensa que vai ficar tudo bem se você disser apenas que sente muito?”

“Bem, que mais eu posso dizer?” Ron sugeriu, e Harry estava

contente que Ron estava lutando para trás.

“Oh, eu não sei!” Hermione gritado com um sarcasmo terrível.

“Submeta suas idéias, Ron, que deve somente fazer exame de um

par dos segundos --”

“Hermione,” interveio Harry, que considerou este um sopro baixo,

“ele conservou apenas o meu --”

"Eu não me importo!" Ela gritou. "Não me importa o que ele fez!

Semanas e Semanas, ele poderia estar morto e nós não

saberíamos!"

"Eu sabia que vocês não estava morta!"Berrou Ron, enquanto sua

voz parecia submergir pela primeira vez, e se aproximando o

Maximo que podia com o feitiço de proteção entre eles. "Harry está

por todo o Profeta Diário, em todas as rádios, eles estão procurando

por você em todas as partes, todos esses rumores e historias

dementes, eu sabia que ouviria imediatamente se você estivesse

morto, você não sabe como tem sido."

"Como tem sido para você?"

A voz dela era tão estridente que logo só morcegos poderiam ouvila,
mas ela havia alcançado um nível de indignação que a fez

temporariamente muda, e Ron agarrou a oportunidade.

"Eu quis voltar no minuto que Desaparatei, mas eu entrei

diretamente aonde havia uma gangue de Snatchers (?), Hermione

eu não podia ir a lugar nenhum!"

"Uma gangue de o que?" Perguntou Harry, enquanto Hermione se

jogava em uma cadeira com os braços e pernas cruzados tão firmemente que parecia improvável que ela os descruzaria em vários anos.

"Snatchers" Ron disse "Eles estão em todos os lugares... gangues que tentam ganhar ouro reunindo Nascidos-Trouxas (Me esqueci como se chama) e Traidores de sangue, há uma recompensa no Ministério para quem for capturado. Eu estava sozinho, e parecia estar em idade escolar, eles se mostraram realmente entusiasmados pensando que eu era um Nascido-Trouxa escondido. Eu tive que falar rápido para ser impedido de ser arrastado até o ministério"

"O que você disse a eles"

"Eu lhes disse que era Stan Shunpike. Primeira pessoa que eu pensei"

"E eles acreditaram?"

"Eles não eram os mais brilhantes. Um deles definitivamente era parte Trol , e cheirava como um..."

Ron olhou para Hermione, claramente esperançoso que ela poderia amolecer a este pequeno exemplo de humor, mas a expressão dela permaneceu fria sobre seus membros firmes.

"De qualquer maneira eles tiveram uma conversa sobre se eu era Stan ou não. Foi um pouco patético para ser sincero, mas havia cinco deles e um único de mim, eles tinham levado a minha varinha. Então dois deles entraram em uma briga enquanto os outros dois

estavam distraidos eu consegui bater em um que me segurava,

agarrei a varinha dele, desarmei o que estava segurando a minha

(varinha) e desaparatei. Eu não fui tão bem. Splinched(?) de novo ...

Ron elevou a mão direita para mostrar que havia perdido duas

unhas.

Hermione elevou a sobrancelhas friamente

"E eu andei milhas de onde você estava. Quando eu voltei aquele

pedaço de margem de onde estávamos... você tinha desaparecido."

"Deus, isso que é uma historia.." Hermione disse em um tom de voz

de quem gostaria de ferir alguém."Você deveria estar simplesmente

apavorado enquanto nós fomos para Godric's Hol ow e, deixe me

ver, o que aconteceu lá Harry? Ah Sim, a cobra de Você-SabeQuem acabou por quase nos matar, e então o próprio Você-SabeQuem chegou nos perdendo por um segundo"

"O que?" Ron disse bocejando dela para Harry, mas Hermione o

ignorou.

"Imagine perder as unhas Harry!! Isso realmente coloca o nosso

sofrimento em outra perspectiva não é mesmo?"

“Era uma bola de luz, como se estivesse pulsando, e azulada,

como a luz qyue tem em volta de uma chave de portal, sabe?”

“Sei,” disseram Harry e Hermione automaticamente.

“Eu sabia que era isso,” disse Rony. “Eu agarrei as minhas coisas e

embrulhei-as, então eu pus a minha mochila e saí para o jardim.”

“A pequena bola de luz estava flutuando lá, esperando por mim, e

quando eu saí ela sacudiu um pouco e eu a segui e então ela...

bem, ela entrou em mim”

“desculpe?” disse Harry, certo de que não tinha ouvido corretamente.

“Ela meio que flutuou para mim,” disse Rony, ilustrando o movimento com seu dedo indicador, “em direção ao meu peito, e aí – ela só atravessou. Ela estava aqui, “ ele tocou um ponto perto de seu coração, ”Eu podia sentir ela, estava quente. E uma vez dentro de mim, Eu sabia o que eu tinha que fazer. Eu sabia que ela ia me levar aonde eu tinha que ir.

Então eu Desaparatei e vim para o lado de uma colina. Tinha neve por todos os lados...”

“nós estávamos lá,” disse Harry. “nós passamos duas noites lá, e na segunda noite eu pensei que podia ouvir alguém se movendo no escuro e chamando!”

“é, bem, aquele poderia ser eu,” disse Rony. “Seus feitiços de proteção funcionam, de qualquer jeito, porque eu não conseguia ouvir nem ver vocês. Eu tinha certeza que vcs estavam por perto, então eu fui para o meu saco de dormir e esperei que um de vocês aparecesse. Eu pensei que vocês iriam aparecer quando desarmassem a barraca.”

“na verdade não,” disse Hermione. “Nós temos desaparatado embaixo da capa de invisibilidade por precaução extra. E nós saímos bem cedo, porque como Harry diz, nós ouvimos alguém tropeçando por aí.”

"Bem, eu estive naquela colina por todo o dia," disse Rony. "Eu continuei esperando que vocês aparecessem. Mas quando começou a escurecer eu sabia que devia ter perdido vocês, então eu usei o apagueiro denovo, a luz azul saiu e entrou em mim denovo, e eu desaparatei e cheguei aqui nessas árvores. Eu ainda não conseguia ver vocês, então eu só podia esperar que um de vocês aparecesse no final – e Harry apareceu. Bem, eu vi a corça antes, obviamente."

"Bem, eu fiquei naquela colina o dia todo", disse Ron. "Eu continuei esperando você aparecerem. Mas quando começou a escurecer eu soube que estava sentindo falta de você, então usei o Apagueiro novamente, a luz azul saiu e eu Aparatei e cheguei nesse bosque. Eu ainda não tinha te visto, e eu não tinha esperança de encontrar vocês – e Harry fez. Bem, e vi a corça, obviamente primeiro."

"Você viu o que?" disse Hermione nitidamente.

Eles explicaram o que tinha acontecido, a história da corça prateada e a espada no fundo da piscina, Hermione começou andar de um lado para o outro, concentrada.

"Mas deveria ser um Patronum!" ela disse. "Você não viu quem lançou? Você não viu ninguém? E ele conduziu até a espada! Eu não estou acreditando nisso! Então o que aconteceu?"

Ron explicou como ele tinha observado Harry pular na piscina, como ele tinha percebido que algo estava errado, mergulhando, salvando ele, então devolvendo a espada. Ele pegou até a abertura

do medalhão, então hesitou e Harry cortou.

“ – e Ron apunhalou isto com a espada”

“E .. e foi ? Foi só assim?” ela sussurrou.

“Bem, isto – gritou”, disse Harry com relance a Ron. “Aqui”.

Ele colocou o medalhão no colo dela, devagar ela apanhou e examinou suas janelas perfuradas. Decidindo que estavam seguros afinal, Harry removeu o feitiço de Proteção com um movimento da varinha de Hermione e virou para Ron.

“Você disse agora pouco que tirou uma varinha de uns punguistas.”

“O que?” disse Ron, que estava olhando para Hermione que analisava o medalhão. “Oh. – oh sim.”

Ele colocou a mão dentro de uma mochila aberta e arrancou uma varinha escura do bolso dela.. “Aqui, eu figurei sempre é à mão para ter um auxilio.”

“Você tinha razão” disse Harry. “A minha esta quebrada”

“Você esta brincando?” disse Ron, mas naquele momento Hermione levantou e pareceu preocupada novamente. Hermione pôs o Horcrux derrotado na mesa, então subiu na cama sem dizer uma palavra.

Ron passou para Harry a varinha nova.

“Foi bom você ter aparecido, eu acho” murmurou Harry.

“Sim” disse Ron. “Poderia ter sido pior. Lembra dos pássaros que ela jogou em mim?”



“Eu ainda não dormi”, disse Hermione debaixo das mantas, mas Harry viu Ron sorrir ligeiramente arrancando os pijamas castanhos de dentro da mochila.

Capítulo 20

Xenophilius Lovegood

Harry não esperava que a raiva de Hermione se abatesse durante a noite e foi sem surpresa que ela se comunicou principalmente por olhares de reprovação e momentos de silêncio na manhã seguinte. Rony respondeu mantendo uma conduta melancólica anormal na presença dela bem como um aparente sinal de remorso persistente. De fato, quando os três estavam juntos, Harry sentia-se o único não-enlutado num funeral com poucas pessoas(poorly attended). Durante esses poucos momentos que passou sozinho com Harry, entretanto (buscando água e procurando por cogumelos na vegetação rasteira) Rony se tornou desavergonhadamente alegre.

“Alguém nos ajudou”, ele continuava dizendo. “Alguém enviou aquela corça. Alguém do nosso lado. Uma Horcrux a menos, cara!”

Animados pela destruição do medalhão eles debatiam os possíveis lugares onde estavam as outras Horcruxes,ainda que eles tivessem discutido o assunto tantas vezes antes.

Harry sentia-se otimista, certo que mais avanços notáveis (breakthroughs) iriam suceder o primeira. O mau humor de Hermione não podia frustrar seus espíritos leves; A repentina melhora na sorte deles, o aparecimento da misteriosa corça, a recuperação da espada de Gryffindor, e acima de tudo, o retorno de Rony fizeram Harry tão feliz que era muito difícil manter-se sério.

No fim da tarde ele e Rony escaparam da presença maligna de Hermione novamente e sob o pretexto de procurar por amoras inexistentes na sebe vazia, eles continuaram seu avanço em troca de notícias. Harry tinha finalmente decidido contar a Rony a história completa dos vários passeios dele e de Hermione, direto para a história completa do que aconteceu em Godric's Hol ow; Rony estava agora perguntando a Harry tudo o que ele havia descoberto sobre o vasto Mundo Bruxo durante as semanas que esteve fora.

"... e como você descobriu sobre o Taboo?" ele perguntou a Harry depois de explicar as muitas e desesperadas tentativas dos nascidos-trouxas de escapar do Ministério

"O o quê?"

"Você e Hermione pararam de dizer o nome de Você-Sabe-Quem!"

"Ah, sim. Bem, foi só um mau hábito pelo qual nós passamos" disse Harry.

"Mas eu não tenho problema em chamá-lo de V…"

"NÃO!" berrou Rony, fazendo Harry pular na direção da sebeto e Hermione (com o nariz enterrado num livro na entrada da barraca) olhar zangada para eles

"Desculpa," disse Ron, puxando Harry dos espinhos

"Mas o nome foi azarado, Harry, é como eles localizam as pessoas! Usar o nome dele quebra feitiços de proteção, ele causa algum ticpo de distúrbio mágico ---foi assim que ele nos achou em Tottenham Court Road!"

"Porque nos usamos o ‘nome’ dele?"

"Exatamente! Você tem que dar crédito a eles, isso faz sentido. Só pessoas que eram sinceras/importantes no sentido de enfrentá-lo, como Dumbledore, que ousavam usá-lo. Agora eles colocaram um Taboo nele, qualquer um que o diga é rastreável ---um meio rápido e fácil de encontrar membros da Órdem! Eles quase pegaram Kingsley ---"

"Você está brincando!?"

"Yeah, um bando de Comensais da Morte o encurralaram, Gui disse, mas ele lutou e conseguiu escapar. Agora ele está foragido como nós."

Rony coçou o queixo pensativamente com a ponta de sua varinha

"Vocês não acham que Kingsley poderia ter mandado aquela corça?"

"O Patrono dele é um lince, nós o vimos no casamento, lembra?"

"Ah é..."

Eles se adiantaram ao longo da sebe, longe da barraca e de Hermione

"Harry... você não acha que poderia ter sido Dumbledore?"

"Dumbledore o que?"

Rony olhou um pouco embarassado, mas disse numa voz baixa

"Dumbledore ... a corça? Eu quero dizer”

Rony estava observando Harry pelos cantos dos olhos

"Ele tinha a espada real, no fim, não é?”

Harry não riu de Rony, porque ele entendeu muito bem a saudade por trás da pergunta. A idéia de que Dumbledore tinha dado um jeito de voltar para eles, que ele estava olhando por eles, seria inexpressívelmente confortante. Ele balançou a cabeça

"Dumbledore está morto" ele disse – " Eu vi acontecer, eu vi o corpo, ele definitivamente se foi. De qualquer maneira, o Patrono dele era uma fênix, não uma corça"

"Patronos podem mudar, eu acho, não podem?"-disse Rony -"O de Tonks mudou, não é?"

"É , mas se Dumbledore estivesse vivo por que não se mostraria? Por que ele apenas não nos daria a espada?"

"Não sei" disse Rony."Pela mesma razão que ele não a deu para você enquanto ele estava vivo? Pela mesma razão que ele deixou pra você um velho Pomo de Ouro e pra Hermione um livro de histórias pra crianças?"

"Que seria?" perguntou Harry, virando para olhar o rosto todo de Rony desesperado pela resposta

"Eu não sei" disse Rony. "As vezes eu tenho pensado, quando eu estive um pouco "hacked off", que ele estava rindo ou ---que apenas estava querendo tornar mais difícil. Mas eu não acho que seja isso, não mais. Ele sabia o que estava fazendo quando me deu o Apagueiro, não foi? Ele --bem," - As orelhas de Rony se tornaram vermelho claro e ele ficou profundamente interessado num tufo de grama em seu pé, que ele cutucou com seu dedão - "Ele deve ter

sabido que eu abandonaria você."

"Não," - Harry o corrigiu - "Ele deve ter sabido que você sempre iria querer voltar"

Rony olhou agradecido, mas ainda desajeitado.

Em parte para mudar de assunto, Harry disse: "Falando no Dumbledore, você ouviu o que Skeeter escreveu sobre ele?"

"Ah sim," - disse Rony de uma vez - "As pessoas estão falando muito sobre isso. Claro, se as coisas fossem diferentes seria uma grande novidade, Dumbledore sendo amigo de Grindelwald, mas agora é apenas algo engraçado para pessoas que não gostavam de Dumbledore, e um pouquinho um tapa na cara de todos que pensaram que ele era um bom homem. Eu não sei se isso tem muita importância, aliás. Ele era realmente jovem quando eles --"

"Nossa idade" disse Harry, na hora que ele retaliou Hermione algo em seu rosto pareceu ter decidido Rony a não prosseguir o assunto.

Uma aranha grande acomodou-se num teia coberta de geada nos arbustos espinhosos. Harry fez mira (na aranha =P)com a varinha que Rony tinha lhe dado na noite anterior, a qual Hermione dignouse a examinar e decidiu que era feita de abrunheiro.

Engorgio"

"A aranha teve um pequeno arrepio, saltando levemente na. Harry tentou novamente. Desta vez a aranha ficou levemente maior.

"Pare com isso" – disse Rony rispidamente - "Desculpe se eu disse que Dumbledore era jovem, ok?"

Harry tinha esquecido a aversão de Rony por aranhas.

"Desculpe ---*Reducio*"

A aranha não encolheu. Harry olhou para a varinha de abrunheiro. Todo feitiço simples que ele lançou com ela até agora pareceu menos poderoso que os que ele produziu com sua varinha de pena de fênix. A nova parecia The new one felt de modo intrusivo estranha, como ter a mão de outra pessoa costurada no final de seu braço.

"Você só precisa praticar" disse Hermione, que se aproximou silenciosamente e ficou assistindo ansiosamente Harry tentar fazer a aranha crescer e encolher.

"É só uma questão de confiança Harry."

Ele sabia porque ela queria que estivesse tudo bem. Ela ainda sentia-se culpada por ter quebrado sua varinha (de Harry). Ele reprimiu a retaliação que brotou em seus lábios, que ela podia levar a varinha de abrunheiro se ela pensava que não havia diferença, e ele ficaria com a dela ao invés dessa. Muito interessado que eles três voltassem a ser amigos novamente, entretanto, ele concordou, mas quando Rony deu a Hermione a tentativa de um sorriso, ela se moveu ameaçadoramente e desapareceu atrás de seu livro mais uma vez.

Todos os três voltaram para a barraca quando a escuridão caiu, e Harry ficou com o primeiro turno de vigia. Sentado na entrada ele tentou fazer com que a varinha de abrunheiro levitasse pequenas pedras aos seu pés, mas a mágica dele ainda parecia desajeitada e

menos poderosa do que tinha sido antes

Hermione estava deitada em seu beliche lendo enquanto Rony, depois de muitas olhadelas nervosas sobre ela, pegou um pequeno rádio de madeira sem fio de sua mochila e começou a tentar sintoniza-lo

"Tem esse programa" – ele disse a Harry numa voz baixa - "que fala as notícias como elas realmente são. Todos os outros estão do lado de Você-Sabe-Quem e estão seguindo a linha do Ministério mas este... espere até você ouvi-lo, é ótimo. Só que eles não podem faze-lo todas as noites, eles tem que ficar mudando de lugar no caso deles serem atacados e você precisa de uma senha para sintoniza-los ... O problema é que perdi o último..."

Ron Tocou levemente no alto do rádio com sua varinha que murmurando palavras aleatórias sob sua respiração. Ron Jogou muitas olhadelas para Hermione, temendo claramente um ataque irritado, mas toda a observação fez dele, era como se ele não estivesse lá. Por dez minutos ou assim Ron bateu e murmurou, Hermione girou as páginas de seu livro, e Harry continuou a praticar com a varinha de abrunheiro.

Finalmente Hermione escalou para baixo de seu beliche.

Ron parou de bater instantaneamente.

“Se é irritante para você, eu pararei!” disse para Hermione nervosa.

Hermione não se dignou a responder, mas disse se aproximando de Harry:

“Nós precisamos conversar” .

Olhou o livro embreado ainda em sua mão. Era * a vida e as mentiras de Albus Dumbledore.*

“que?” disse apreensivo. Voou com sua mente que havia um capítulo sobre ele lá dentro; ele sentiu até a versão de Rita do interrogatório de seu relacionamento com Dumbledore. A resposta de Hermione entretanto, era completamente inesperada.

“Eu quero ir ver Xenophilius Lovegood.”

Olhou fixamente nela.

“Como?”

“Xenophilius Lovegood, pai de Luna. Eu quero ir vê-lo e falar com ele!”

“er - porque?”

Ela respirou profundamente, como se apoiasse nela mesma e disse:

“é essa marca, a marca em Beedle o Bard. Olhe isto!”

Empurrou a vida e as mentiras de Albus Dumbledore sob os olhos indispostos de Harry e viu uma fotografia com a mensagem original que Dumbledore tinha escrito a Grindelwald, com a letra fina de Dumbledore, inclinada como lhe era familiar. Odiou ver a prova absoluta que Dumbledore tinha escrito realmente aquelas palavras, que não tinham sido invenção de Rita.

“A assinatura,” disse Hermione. “Olhe a assinatura, Harry!”

Ele obedeceu. Por um momento não teve nenhuma idéia o que ela

falava realmente, mas, olhar mais de perto com a ajuda da iluminação da varinha, ele viu que Dumbledore tinha substituído o A de Albus com uma versão minúscula da mesma marca triangular inscrita em cima dos Titulos de Beedle o Bard.

“Er - o que vocês --?” Ron tentou dizer, mas Hermione o reprimiu com um olhar e girou-o para trás dirigindo ao Harry.

“Mantenha-se acima, não?” disse. “Eu sei que Viktor lhe disse que era marca de Grindelwald, mas definitivamente estava gravada naquela sepultura velha em Godric´s Hal ow e...”

"Continua reaparecendo não é mesmo?" Ela disse "Viktor disse que era a marca de Grindelwald, mas definitivamente estava naquela velha sepultura em Godric's Hol ow, e as datas nas lápides eram de longa data antes de Grindelwand! E agora isso! Bem nós não podemos perguntar para Dumbleodore ou Grindelwald o que significa... Eu nem ao menos sei se Grindelwald ainda está vivo... mas nós podemos perguntar ao Sr. Lovegood. Ele estava usando o simbolo no casamento. Eu tenho certeza que é importante Harry!!"

Harry não a respondeu imediatamente. Ele olhou em sua ansiosa e intensa face circundada pela escuridão pensando. Depois de uma longa pausa ele então disse "Hermione, nós não precisamos de outro Godric's Hol ow. Nós nos convencemos a ir lá e..."

"Mas continua aparecendo Harry!! Dumbleodore me deixou os contos de Beedle, o Bardo, como você sabe que não é coincidência descobrirmos este sinal?"

"E vamos nós denovo" Harry se sentia ligeiramente exasperado. "Nos continuamos a tentar nos convencer que Dumbledore nos deixou sinais secretos e pistas..."
"O Deluminador se mostrou bem útil" piou Ron "Eu acho que a Hermione está certa, eu acho que deveriamos ir ver os Lovegood."
Harry lhe lançou um olhar sombrio. Ele estava bastante seguro que com o apoio de Ron, Hermione teria pouco desejo de descobrir o significado da letra runica triangular.
"Não sera como Godric's Hol ow" Ron adiantou-se "Os Lovegood estão do seu lado Harry, O Quibbler's (O Jornal do Pai da Luna) desde o inicio continua falando para todos que têm que te ajudar"
"Eu estou segura que isso é importante" Hermione disse
"Mas você não acha que se isso realmente fosse, Dumbledore não teria me dito antes de morrer?"
"Talvez... talvez seja algo que você precise descobrir sozinho" Hermione disse com um ar languido
"Yeah" Ron disse sycophatical y (Não sei o que é isso O.o') "Faz sentido"
"Não, não faz" Hermione o cortou "mas ainda acho que devemos falar com o Sr. Lovegood. Um símbolo que une Dumbleodore, Grindelwald e Godric's Hol ow? Harry, tenho certeza que devemos saber mais sobre isso!"
"Eu acho que deveríamos votar nisso" disse Ron. "Esses a favor de irem ver os Lovegood"

A mão dele voou para cima antes mesmo da de Hermione. Os lábios dela tremeram suspeitosamente quando ela propria elevou a mão.

"Ganhamos Harry, desculpe" Ron disse dando tapinhas nas costas de Harry

"Ótimo" Harry disse, meio se divertindo, meio irritado. "Só uma coisa, uma vez que estivermos com os Lovegood, vamos tentar procurar por mais Horcruxes, tudo bem? Onde os Lovegood moram afinal? Algum de você sabe?"

"Yeah, não é longe da minha casa" Ron disse "Eu não sei exatamente aonde, mas meu pai e minha mãe sempre apontam para as colinas quando mencionam eles. Não deve ser dificil de achar"

Quando Hermione voltou para a beliche dela, Harry sussurrou para ele

"Você só concordou em aceitar para voltar as boas com ela"

"Tudo é valido no amor e na guerra" Ron disse brilhantemente, "E isto é um pouco de ambos. Se anime é feriado de Natal, Luna estará em casa!"

Eles tiveram uma excelente visão da aldeia Ottery St Catchopole da ladeira aonde desaparataram na manha seguinte. Do ponto mais alto, a vila parecia uma coleção de casas de brinquedo nos grandes cabos inclinados de luz solar estirando para a terra nas rachadura (?) das nuvens.

Eles tiveram uma excelente visão da aldeia Ottery St Catchopole da ladeira aonde desaparataram na manhã seguinte. Do ponto mais alto, a vila parecia uma coleção de casas de brinquedo, com grandes feixes inclinados de luz solar refletindo na terra através dos espaços entre as nuvens.

Eles ficaram um minuto ou dois olhando para a paisagem, suas mãos fazendo sombra em seus olhos, mas tudo que podiam ver eram as folhas no topo das arvores, que ofereciam as pequenas casas proteção contra os olhos de trouxas.

"E estranho estar tão perto mas não ir visitar" disse Rony.

" Bem, ate parece que você não acabou de ver eles. Você estava lá no Natal", disse Hernione friamente.

" Eu não fui à Vila!", disse Rony com uma risada incrédula. "Você acha que eu iria voltar lá e dizer a todos eles que eu deixei você? Claro, Fred e George ficariam muito felizes com isso. E Gina, ela entenderia muito bem.".

" Mas aonde você ficou então?" Perguntou Hermione surpresa.

“Na nova casa de Gui e Fleur.Um chalé em Shel . Gui sempre foi decente comigo. Ele não se impressionou quando ouviu o que eu tinha feito, e não continuou falando disso. Ele entendeu que eu estava realmente pesaroso. Ninguém da família sabia que eu estava lá. Gui e Fleur falaram para mamãe que queriam passar o natal sozinhos. Você sabe, primeiro feriado depois que casaram. Eu acho que Fleur não achou ruim. Você sabe quanto ela odeia

Celestina Warbeck.”

Rony deu as costas para a toca “Vamos tentar aqui acima” disse, conduzindo-os para o alto do monte.

Andaram por algumas horas, Harry, por causa da insistência de Hermione, escondido em abaixo da capa de invisibilidade. O conjunto de montes baixos pareceu ser inabitado, com somente uma casa de campo pequena, que pareceu deserta.

“Você acha que é dele, e partiram para o Natal?” Hermione perguntou, observando através da janela uma cozinha pequena com os arbustos no peitoril da janela.

Rony bufou: “Escuta, eu acho que você pode dizer quem vive lá se você olhar pela janela dos Lovegoods. Vamos tentar próximo monte.” Assim eles desaparataram para o norte e a algumas milhas mais distante.

“Aha!” Rony berrou, com o vento chicoteando seus cabelo e roupa. Rony estava apontando para cima, para o alto do monte em que tinham aparatado, onde visivelmente estranha, a casa se levantou verticalmente de encontro ao céu, um cilindro preto grande com uma lua fantasmagórica pendurada atrás dela no céu da tarde.

“Se essa não é a casa de Luna, quem mais vive em um lugar como esse? Olha, Isso parece com uma torre gigante”

“Não é nada, só um pássaro,” disse Hermione, desaprovando a torre.

“Eu estava falando sobre o gancho do xadrez,” disse Ron.“Uma

torre para você.”

Os pés de Ron eram os mais longos e alcançou o alto do monte primeiro. Quando Harry e Hermione o alcançaram, ofegando e postando-se lado a lado, encontraram-no a sorrir amplamente.

“É dele,” disse Ron. “Olhem.”

Três avisos pintados à mão tinham sido colocados na da porta.

Primeiro, O PASQUIM. EDITOR, X. LOVEGOOD

o segundo, ESCOLHA SEU PRÓPRIO VISCO

o terceiro, EVITE AS AMEIXAS DIRIGÍVEIS

O portão deslizou assim que eles o empurraram. O caminho em ziguezague se dirigia ao portão da frente e estava cercado por uma grande variedade de plantas raras, incluindo um arbusto coberto por frutos em forma de rabanete laranjas, que a Luna usava às vezes nos brincos. Harry pensou ter reconhecido um Snargaluff e colocou troncos secos em seu largo leito. Duas velhas macieiras balançaram com o vento, rodeadas por outras plantas, mas ainda fortes, com frutos vermelhos do tamanho de amoras e uma espessas cordas de 'mistletoes' frisados brancos em pé, como sentinelas em cada lado do portão.

“É melhor você tirar a capa, Harry”, disse Hermione. É você a quem o Senhor Lovegood precisa ajudar, e não nós.

Ele fez como ela sugeriu, e entregou-lhe a capa para que ela guardasse em sua bolsa. Ela então bateu três vezes na porta negra, que estava revestida por pregos de ferro e possuía uma tranca em

formato de águia.

Passados dez segundos a porta se abriu e em pé Xenophilius Lovegood estava descalço e vestindo pijamas manchados. Seu longo cabelo branco estava sujo e embaraçado. Xenophilius tinha sido positivamente pomposo no casamento de Gui e Fleur , aparentemente.

“O que? O que é isto? Quem é você? O que você quer?”

Ele falou olhando primeiro para Hermione, depois para Rony e finalmente para Harry, quando sua boca se abriu em um perfeito e cômico 'O'.

“ Olá, Sr. Lovegood” disse Harry, estendendo sua mão.

“ Sou Harry Potter”

Xenophilius não retribuiu o aperto de mão e seu olhar recaia sobre a cicatriz de Harry.

“ Tudo bem se pudéssemos entrar?” perguntou Harry,

“ Existe algo que gostaríamos de perguntar a você."

“ Eu...eu não estou certo de que isto seja aconselhável” sussurrou Xenophilius. Ele deu uma rápida olhada ao redor do jardim. “ Realmente um choque...Minha palavra...eu..eu estou com medo, eu realmente acho que não devo---“

“ Eu não tomarei muito tempo” disse Harry desapontado pelo sua nada calorosa boas-vindas.

“Hum..certo, então, entre rápido, rápido!”

Eles estavam perto do umbral.

Quando Xenophilius fechou a porta logo atrás deles. Eles estavam em pé na mais peculiar cozinha que Harry já vira.

A sala era perfeitamente circular e ele sentiu como se estivesse dentro de um gigante pote de pimenta. Tudo estava curvado para caber nas paredes-o fogão, a pia, os armários-e todos eles tinham sido pintados com flores, insetos e pássaros em cores primárias brilhantes. Harry pensou ter reconhecido o estilo de Luna. O efeito em tal espaço incluído era levemente oprimido.

No meio do piso um escada de ferro em espiral levava aos andares superiores. Havia uma grande sensação de movimento e batidas vindo de cima: Harry imaginou o que Luna estaria fazendo.

“ É melhor você vir” Disse Xenophilius, ainda parecendo extremamente desconfortável ele indicou o caminho. A sala em seguida parecia uma combinação de sala de estar e escritório, e como tal, era ainda mais amontoado do que a cozinha.

Embora muito menor e inteiramente redonda, a sala se assemelhou um tanto à Sala Precisa na ocasião que tinha se transformado em um labirinto gigantesco compreendendo séculos de objetos escondidos. Havia pilhas e pilhas de livros e papéis em cada superfície. E modelos delicados de criaturas que Harry não reconheceu, todas as asas agitando ou maxilas agarrando, penduradas do teto. Luna não estava lá: A coisa que fazia tal barulho era um objeto de madeira coberto de feitiços, ele olhou como a bizarra bancada de um jogo de prateleiras, mas após um

momento Harry deduziu que era uma impressora imprimindo edições, devido ao fato de mandar para fora O Pasquim.

“Desculpe-me,” disse Xenophilius, enfrentou então Harry. “Porque você veio aqui?” Antes que Harry pudesse falar, entretanto, Hermione soltou um pequeno grito de choque.

“Sr. Lovegood - o que é aquilo?” Ela estava apontando para um chifre espiral enorme, cinzento, não era de um unicórnio, e tinha sido montado na parede, projetando-se a diversos pés no quarto.

“É o chifre de um Snorkack Crumple-Horned,” disse Xenophilius.

“Não, não é!” Hermione disse.

“Hermione,” murmurou Harry, embaraçado, “agora não é o momento -”

“ Mas Harry, é um chifre de Erumpent! É um material comerciavel da classe B e é uma coisa extraordinariamente perigosa para se ter em uma casa!”

“Como que você sabe que é um chifre de Erumpent?” Ron perguntou, desviando para longe do chifre tão rapidamente como poderia, dado a desordem extrema do quarto.

“Há uma descrição Animais Fantásticos e Onde Habitam, Sr. Lovegood, você precisa começar a se livrar dele imediatamente, você não sabe que pode explodir num simples toque?”

“É um Crumple Snorkack Horned” disse Xenophilius muito claramente, com um olhar obstinado em sua cara, “é uma criatura tímida e altamente mágica, e é um chifre”.

“Sr. Lovegood. Eu reconheço as marcas sulcadas em torno da base, aquele é um chifre de Erumpent e é inacreditavelmente perigoso - eu não sei aonde você o conseguiu”.

“Eu o comprei,” disse Xenophilius dogmaticamente. “Duas semanas há trás, de um jovem bruxo que soube sobre meu interesse em esquisitices. Uma surpresa de Natal para minha Luna. Agora,” disse, girando para Harry, “Porque o exatamente você veio aqui, Sr. Potter?”

“Nós precisamos de alguma ajuda,” disse Harry, antes que Hermione pudesse começar outra vez.

“Ahh...ajuda...hmmm” disse Xenophilius. Seu olho bom moveu-se outra vez para a cicatriz de Harry. Pareceu estarrecido simultaneamente e hipnotizado. “Sim. A coisa é… ajudar Harry Potter… um pouco perigoso…”

Não é você que continua dizendo pra todo mundo que a primeira obrigação deles é ajudar Harry?”disso Rony. “ Naquela revista sua revista?”

Xenophilius olhou de relance, atrás dele, na sala oculta de impressão, ainda batendo e estardalhaçando debaixo da tolha de mesa.

“É... Sim, eu expressei aquela visão, de qualquer maneira-“

“Que é pra todos os outros fazerem, não você particularmente?” disse Rony.

Xenophilius não respondeu. Ele continuou engolindo, seus olhos

precipitavam-se entre os olhos dos três. Harry tinha a impressão que ele estava sofrendo uma dolorosa luta interna.

“Onde está Luna?” perguntou Hermione. “Vamos ver o que ela pensa.”.

Xenophelius engoliu seco. Ele parecia estar se enchendo de coragem. Finalmente ele disse em uma voz mexida difícil de ouvir sobre o barulho da impressora, “

“Luna está lá em baixo no riacho, pescando pra Água Fresca Plimpies. Ela... ela vai gostar de ver vocês. Eu irei e chamarei ela e então – sim, muito bem. Eu tentarei ajudar vocês.”.

Ele desapareceu na escadaria espiral e eles ouviram a porta da frente abrir e fechar. Eles se entreolharam.

“Velho covarde verruguento,” disse Ron. “Luna tem dez vezes mais estomago que ele.”.

"Ele provavelmente está preocupado com oque pode acontecer a eles se os Comensais da Morte descobrir o que houve aqui." Harry disse.

Bem, eu concordo com você Ron" Hermione disse "Terrível velho hipócrita, dizendo para todos ajudarem você e se insinuando sobre isso. E que os céus nos ajude o mantenha longe daqueles chifres "

Harry cruzou até a janela pelo lado mais distante do quarto. Ele podia ver um córrego, fino, brilhando do outro lado da colina. Eles estavam em um local muito alto, um pássaro tremulou alem da janela enquanto ele olhava em direção a Toca, agora invisível atrás

das outras linhas da colina.

Gina estava em algum lugar ali. Eles estavam mais próximos um do outro hoje do que qualquer outro dia depois do casamento de Bil e Fleur, mas ela não tinha idéia que ele estava olhando por ela, pensando nela. Ele supõe que deveria estar alegre; qualquer um que ele entrasse em contato hoje estaria em perigo, a atitude de Xenophil ius provava isso. Ele levou o olhar para longe da janela, e caiu e um peculiar objeto que se levantava, era uma tábua curvada; uma pedra de uma austera bruxa que usava o mais bizarro chapeuvestido. Dois objetos que se assemelhavam a trompetes de orelha

dourados que encurvavam para fora e de lado. Um par de minúsculas e brilhantes asas azuis que estava presa a uma correia de couro no topo da cabeça dela enquanto dois rabanetes laranja estavam presos em outra faixa de couro em volta da cabeça dela.

"Olhe isso" Harry disse.

“Buscando, ”[?]Ron disse "Estou surpreso que ele não tenha usado isso no casamento"

Eles ouviram a porta da frente e no momento seguinte Xenophilius



subia novamente a escada em espiral até o quarto, em suas pernas finas agora podia-se notar uma bota Wel ington, segurando uma bandeja de chá com xícaras sortidas e uma chaleira cozinhando algo em vapor.

Xenophilius caminhou de volta para a bandeja de chá, que Hermnione tinha conseguido equilibrar precariamente em uma das desordenadas mesinhas de lado. “ Posso oferecer a vocês um infusão de Gurdyroots?" disse Xenofhilius “ Nós mesmos o fazemos.” Como este começou a derramar a bebida, que era de um roxo tão profundo quanto o de suco de beterraba, ele acrescentou, “ Luna está mais além da bottom Bridge,ela está tão excitada que você está aqui. Ela não devia ficar por muit tempo, ela pegou plumplies (?) quase o suficiente para fazer sopa para todos nós. Sentem-se e sirvam-se com açúcar. “ Agora,” ele removeu uma pilha de papéis de uma poltrona e sentou, suas botas de Wel ington cruzadas, "como eu posso ajudar-lhe, Sr. Potter?"

"Bem", Harry disse, olhando de relance para Hermione, que assentiu encorajando-o, "é sobre o símbolo que o senhor ostentava no seu pescoço no casamento de Gui e Fleur, Sr. Lovegood. Nós gostaríamos de saber o que ele significa."

Xenophil uis levantou suas sobrancelhas.

"Você está falando do símbolo das Relíquias da Morte?"

Capítulo 21

O Conto dos Três Irmãos

Harry se virou para olhar para Rony e Hermione. Nenhum deles também parecia ter entendido o que Xenophilius havia dito.

“As relíquias da morte?”

“Isso mesmo”, falou Xenophilius, “Você não ouviu falar sobre elas? Eu não estou surpreso. Muito, muito poucos bruxos acreditam. Você viu aquele “knuckle-headed” rapaz no casamento do seu irmão”, Ele acenou com a cabeça pra Rony, “que me atacou por estar usando o símbolo de um famoso bruxo das trevas! Quanta ignorância. Não há nada de Negro sobre as relíquias – pelo menos não no sentido estrito. Alguém simplesmente usa o símbolo para se revelar para outros que acredcitam, na esperança de que eles possam ajuda-lo com a Pergunta.”

Ele mexeu vários torrões de açúcar dentro da sua infusão de ‘gurdyroot’ e bebeu um pouco.

“Me desculpe,” disse Harry. “Eu ainda não entendi realmente.”

Para ser educado, ele tomou um gole de sua xícara também, e quase vomitou; a coisa era nojenta, como se alguém tivesse liquefeito um saco de feijões de todos os sabores, sabor pântano.

“Bem, escute, aqueles que acreditam procuram pelas relíquias da morte,” falou Xenophilius, lambendo seus lábios aparentando apreciar a infusão de ‘Gurdyroot’.

“Mas o que são as relíquias da morte?” perguntou Hermione.

Xenophilius colocou de lado sua xícara vazia.

“Eu presumo que todos vocês estão familiarizados com ‘O Conto dos 3 irmãos’?”

Harry disse, “Não”, mas Rony e Hermione disseram “sim”.

Xenophilius acenou solenemente.

“Bem, bem, Senhor Potter, a coisa toda começa com ‘O conto dos 3 irmãos’.....! pegue uma cópia em algum lugar....”

Ele olhou vagamente ao redor do cômodo, em pilhas de pergaminhos e livros, mas Hermione disse: “Eu tenho uma cópia, Senhor Lovegood, eu tenho ela mesmo aqui.”

E ela puxou para fora ‘Os contos de Beedle, o Bardo’ da pequena bolsa de contas.

“O original?” perguntou Xenophilius agudamente, e quando ela concordou com a cabeça, ele disse, “Bem então, por que você não o lê em voz alta? Melhor maneira de assegurar que todos nós entendamos”.

“Err.. tudo bem,” falou Hermione nervosa. Ela abriu o livro, e Harry viu o símbolo que eles estavam investigando no cabeçalho no topo da pagina, quando ela tossiu um pouco e começou a ler.

“Era uma vez 3 irmãos que viajavam por uma estrada solitária, sob uma ventania, no crepúsculo....”

“Meia noite, mamãe sempre nos dizia” falou Rony, que havia se espreguiçado, braços atrás da cabeça, para escutar. Hermione lhe

deu um olhar de contrariedade.

“Desculpa, eu só acho que é um pouco mais fantasmagórico se for meia-noite” falou Rony.

“Sim, porque nós realmente precisamos de um pouco mais de medo em nossas vidas”, falou Harry antes que pudesse parar a si mesmo. Xenophilius não parecia estar prestando muita atenção, estava olhando fixamente para o céu fora da janela. “Continua, Hermione”.

“Em pouco tempo, os irmãos alcançaram um rio muito profundo para atravessar a pé e muito perigoso para atravessar a nado. No entanto, esses irmãos foram ensinados nas artes mágicas, então eles simplesmente ondularam suas varinhas a fizeram aparecer uma ponte sobre a água ameaçadora. Eles estavam na metade da travessia quando encontraram o caminho bloqueado por uma figura encapuzada.”

“E a morte falou com eles....”

“Desculpe” interveio Herry, “mas a morte falou com eles?”

“É um conto de fadas Harry!”

“Certo, desculpe, continue.”

“E a morte falou com eles. Ela estava com raiva por ter sido desafiada por sua 3 novas vítimas, os viajantes geralmente se afogavam no rio. Mas a morte era engenhosa. Ela fingiu congratular os três irmãos por sua mágica, e disse que cada um havia ganhado um prêmio por ter sido esperto a ponto de escapar dela.”

“Então, o irmão mais velho, que era um homem guerreiro, pediu

uma varinha mais poderosa que qualquer outra que já tivesse existido: uma varinha que sempre ganhasse duelos para seu dono, a varinha que honrasse um bruxo que havia derrotado a morte! Então a Morte se dirigiu até um sabugueiro nas encostas do rio, fabricou uma varinha de um galho que lá estava pendurado e a entregou ao irmão mais velho.”

“Então o segundo irmão, que era um homem arrogante, decidiu que iria humilhar a Morte ainda mais, e pediu o poder de trazer as pessoas de volta da morte. Então a Morte pegou uma pedra da margem do rio e entregou ao segundo irmão, e disse a ele que aquela pedra teria o poder de trazer de volta os mortos.”

“E então a morte perguntou ao terceiro e mais jovem dos irmãos o que ele desejava. Então o irmão mais novo, que era o mais despretensioso dos três e não acreditava na Morte, pediu algo que o fizesse sair daquele lugar sem que fosse seguido pela Morte. E a Morte, contrariada, entregou-lhe sua própria capa de invisibilidade.”

“A Morte tem uma capa de invisibilidade?” Harry interrompeu novamente.

“Assim ela poderia se esgueirar por entre as pessoas,” disse Rony.

“ Às vezes, ela se cansa de correr atrás das pessoas, balançando seus braços e gritando...... desculpe, Hermione.”

“Então a Morte deu um passo para o lado e permitiu que os três irmãos continuassem seu caminho, e assim eles o fizeram, falando com orgulho da aventura que haviam tido, e admirando os

presentes da Morte.”

“No trajeto os irmãos de separaram, cada um para seu próprio destino.”

“O primeiro irmão viajou por uma semana ou mais e, alcançando uma vila distante, deu de cara com um bruxo com quem ele havia tido uma briga. Naturalmente, com a Mais Antiga Varinha como sua arma, ele não falharia em vencer o torneio que procurava. Abandonando seu inimigo morto no chão, o irmão mais velho prosseguiu até uma estalagem, onde ele bradou alto sobre a poderosa varinha da qual ele havia se apoderado diretamente da morte e como ela o fazia invencível.”

“Naquela mesma noite, um outro bruxo rastejou até o irmão mais velho enquanto ele dormia, embriagado de vinho. O ladrão pegou a varinha e, por precaução, cortou a garganta do irmão mais velho.”

“Então a morte pegou o irmão mais velho para si.”

“Enquanto isso, o segundo irmão viajava para sua casa, onde vivia sozinho. Ele puxou a pedra que tinha o poder de trazer de volta os mortos e apertou ela três vezes em sua mão. Para sua surpresa e deleite, a figura da garota com a qual um dia ele havia sonhado em se casar, antes da sua morte prematura, apareceu de uma vez só em sua frente.”

“Sim ela estava triste e fria, separada dele como por um véu. Ainda que ela houvesse retornado para o mundo dos mortais ela não pertencia realmente a ele e sofria. Finalmente o segundo irmão,

tendo sido levado a loucura por um anseio sem esperança, suicidou-se para se juntar verdadeiramente à ela.

“Então a morte pegou o segundo irmão para si.”

“Mas, ainda que a morte houvesse procurado pelo terceiro irmão por muitos anos, nunca foi capaz de encontra-lo. Foi somente quando atingiu uma idade avançada que o irmão mais novo finalmente despiu a capa de invisibilidade e a deu para seu filho. E então ele confraternizou com a morte como um velho amigo e foi com ela feliz e, igualmente, eles partiram desta vida.”

Hermione fechou o livro. Passaram um minuto ou dois antes que Xenophilius parecesse perceber que ela havia parado de ler, então ele afastou seu olhar da janela e disse, “Bem, aí estão vocês”.

“Desculpe?” disse Hermione, parecendo confusa.

“Essas são as relíquias da morte”, falou Xenophilius.

Então ele pegou uma pena na mesa sob seu cotovelo e puxou um pedaço rasgado de pergaminho de dentro de outros livros.

“A Mais Antiga Varinha”, ele disse, e desenhou uma linha reta vertical no pergaminho. “A Pedra da Ressurreição”, ele disse, a adicionou um círculo no topo da linha, “A capa da Invisibilidade”, ele terminou, circundando linha e circulo por um triangulo, para criar o símbolo que tanto intrigou Hermione. “Juntos”, ele disse, “As Relíquias da Morte”.

“Mas não há menção às palavras relíquias da morte na história”, disse Hermione.

“Bem, claro que não”, disse Xenophilius, enlouquecidamente arrogante, “Isso é um conto de crianças” falou para impressionar mais do que para instruir. “Aqueles de nós que entendem dessas questões, no entanto, reconhecemos que a antiga estória se refere a três objetos, ou relíquias, as quais, se unidas, farão seu possuidor o Mestre da Morte.”

Houve um curto silêncio no qual Xenophilius olhou para fora da janela. O sol já estava baixo no céu.

“Luna logo logo deve ter ‘plimpies’ (um tipo de peixe) suficientes”, disse ele calmamente.

“Quando você diz ‘Mestre da Morte’….” falou Rony

“Mestre”, disse Xenophilius, ondulando a mão pelo ar.

“Conquistador, vingador, qualquer termo que você preferir.”

“Mas então.. . você quer dizer…” Falou Hermione devagar, e Harry poderia dizer que ela estava tentando manter algum traço de ceticismo na sua voz, “que você acredita que esses objetos – essas relíquias – realmente existem?”

Xenophilius levantou suas sobrancelhas novamente.

“Bem, é claro.”

“Mas”, falou Hermione, e Harry podia sentir sua prudência começando a rachar, “Senhor Lovegood, como você pode acreditar?”

“Luna me contou tudo sobre você, jovem senhora” disse Xenophilius, “Você não é, eu suponho, ignorante, mas

dolorosamente limitada. Mente estreitamente fechada.”

“Talvez você devesse tentar o chapéu Hermione,” disse Rony acenando na direção do ridículo objeto. Sua voz tremeu com a força que fez para não rir.

“Senhor Lovegood”, começou Hermione novamente, “Nós todos sabemos que existem certas coisas como capas de invisibilidade. Elas são raras, mas existem. Mas...”

“Ah, mas a terceira relíquia é uma capa de invisibilidade verdadeira, senhorita Granger! Eu quero dizer, ela não é uma capa de viagem embebida em feitiço de desilusionamento, ou carregada com um ‘Bedazzling Hex’, ou coberta com cabelo de meia-aparência, a qual irá esconder apenas inicialmente e sumir com o tempo até que se torne opaca. Nós estamos falando de uma capa que realmente torna o usuário completamente invisível e dura eternamente, dando constante e impenetrável esconderijo, não importando quais feitiços são lançados contra ele. Quantas capas como estas você viu, senhorita Granger?”

Hermione abriu sua boca para responder, então fechou novamente, olhando mais confusa do que nunca. Ela, Harry e Rony se olharam de relance e Harry sabia que eles todos estavam pensando a mesma coisa. Uma capa exatamente como aquela que Xenophilius acabara de descrever estava naquela sala naquele exato momento.

“Exatamente”, disse Xenophilius, como se ele tivesse derrotado todos eles com argumentos totalmente racionais.

“Nenhum de vocês jamais viu uma coisa como essas. O possuidor seria incalculavelmente rico, não seria?”

Ele olhou para fora da janela novamente. O céu agora estava tingido com o mais leve traço de rosa.

“Certo” disse Hermione, desconcertada. “Supondo que a capa exista..... e sobre a pedra, senhor Lovegood, a coisa que o senhor chama de Pedra da Ressurreição?”

“E sobre a pedra?”

“Sim, como ela poderia ser real?”

“Prove que não é”, disse Xenophilius.

Hermione parecia afrontada.

“Mas isso... me desculpe, mas isso é completamente ridículo! Como eu poderia provar que algo não existe? Você espera que eu pegue todos.. .. todos os pedregulhos do mundo e teste eles? Eu digo, você poderia dizer que qualquer coisa é real se a única base para que acreditasse fosse que ninguém provou que não existia!”

“Sim, você poderia.” Disse Xenophilius. “Eu estou feliz em ver que você está abrindo um pouco a sua mente.”

“Então a Mais Antiga Varinha”, falou Harry rapidamente, antes que Hermione pudesse responder, “você acredita que ela existe também?”

“Oh, neste caso, existem inúmeras evidências”, disse Xenophilius.

“A Mais Antiga Varinha é a relíquia mais facilmente rastreada, por causa da maneira como ela é transmitida de mão em mão.”

“Que é qual?” perguntou Harry.

“É que o possuidor da varinha deve capturá-la de seu antigo dono, se for para ele ser seu verdadeiro mestre”, disse Xenophilius.

“Certamente você deve ter ouvido como a varinha veio até Egberto, o ilustre, depois de seu massacre sobre Emeric, o demoníaco? Como Goddor morreu em sua própria cela depois que seu filho, Hereward, pegou a varinha dele? Como o medonho Loxias, que pegou a varinha de Barnabas Deveril , o qual matou? A trajetória sangrenta da Mais Antiga Varinha está espalhada através da História da bruxaria.”

Harry olhou para Hermione. Ela estava franzindo a testa olhando para Xenophilius, mas ela não o contrariou.

“Então onde você acha que a Mais Antiga Varinha está agora?” perguntou Rony.

“Ai de mim! Quem sabe?!” disse Xenophilius, enquanto olhava para fora da janela. “Quem sabe onde a Mais Antiga Varinha reside escondida? A trilha fica fria com Arcus e Livius. Quem pode dizer qual dos dois realmente derrotou Loxias, e qual pegou a varinha? E quem pode dizer quem terá derrotado eles? A história, ai de mim, não nos conta.”

Houve uma pausa. Finalmente Hermione perguntou rigidamente, “Senhor Lovegoood, a família Peverel tem alguma coisa a ver com as relíquias da morte?”

Xenophilius pareceu ter sido pego de surpresa enquanto alguma

coisa passava pela memória de Harry, mas ele não conseguia precisar-la. Peverel .... ele tinha escutado esse nome antes....

“Mas você tem me iludido, senhorita!” disse Xenophilius, agora sentando-se mais ereto em sua cadeira e arregalando os olhos para Hermione. “Eu pensei que você fosse novata nas Perguntas sobre as relíquias! Muito dos questionadores acreditam que os Peverel têm tudo – tudo – a ver com as relíquias!”.

“Quem são os Peverel ?” perguntou Rony.

“Esse era o nome na sepultura com a marca, em Godric’s Hol ow”, disse Hermione, ainda observando. “Ignotus Peverel ”.

“Exatamente”, falou Xenophilius, seu dedo indicador levantado teatralmente.

“O sinal das relíquias da morte na sepultura de Ignotus é uma prova conclusiva!”.

“De que?” perguntou Rony.

“De que, aqueles três irmãos da estória são na verdade os três irmãos Peverel , Antioch, Cadmus e Ignotus. De que eles foram os possuidores originais das relíquias.!”

Com uma outra olhada na janela ele ficou de pé, pegou a bandeja e desceu pela escada em espiral.

“Vocês vão ficar para o jantar?” ele convidou, quando ele apareceu escada acima novamente. “Todo mundo sempre pede a nossa receita de sopa de Plimpy fresco”.

“Provavelmente para mostrar ao departamento de envenenamento

do St. Mungus.” Disse Rony, resmungando.

Harry esperou até que eles pudessem ouvir Xenophilius se movendo na cozinha no andar de baixo antes de falar.

“O que você acha?” perguntou a Hermione.

“Oh, Harry”, ela disse wearily. “Isso é um monte de lixo. Isso não pode ser o que o sinal realmente significa. Isso deve ser somente a estranha visão dele. Que perda de tempo!”

“Eu suponho que esse seja o homem que nos trouxe ‘crumplehorned snorkacks’” disse Rony.

“Você também não acredita nele?” perguntou Harry.

“Nah, essa estória é só mais uma daquelas que você conta as crianças pra ensinar a elas lições, não é?! Não vá procurar problema! Não brinque com fogo! Não saia por aí mexendo com coisas que devem ser deixadas sozinhas! Apenas mantenha sua cabeça abaixada, se lembre de seus próprios problemas e você estará ok. Pense nisso”, Rony acrescentou, “talvez essa seja a estória de por que varinhas antigas são supostamente azaradas”.

“Do que você está falando?”

“Uma dessas superstições, não é? ‘Talvez nascidas bruxas se casem com trouxas’ , ‘Jinx be twilight, undone by midnight’, ‘Varinha dos antigos, nunca prospera’. Você dever ter ouvido isso, minha mãe é cheia disso.”

“Harry e eu fomos criados por trouxas” Hermione lembrou a ele.

“Nos ensinaram superstições diferentes”. Ela acenou profundamente quando um cheiro pungente veio deslizando da

cozinha. A única coisa boa de sua exasperação com Xenophilius foi que pareceu faze-la esquecer de que estava irritada com Rony. “Eu acho que você está certo” ela disse a ele. “É apenas um conto moralista, é obvio qual presente é melhor, qual você escolheria...”

Os três falaram ao mesmo tempo: “a pedra!”

Eles olharam uns para os outros, um pouco surpresos, um pouco interessados.

“Você deveria ter dito a capa” Rony disse à Hermione, “Mas você não teria que ser invisível se você tivesse a varinha. Uma varinha imbatível”, “Hermione, Vamos lá.”

“Nós já temos uma capa de invisibilidade”, disse Harry.

“E ela nos ajudou muito, caso você não tenha percebido”, disse Hermione.

“De qualquer forma, a varinha foi feita para atrair confusão....”

“Apenas se você se gabasse sobre ela”, argumentou Rony. “Apenas se você fosse tagarela o bastante para sair dançando por aí, balançando ela sobre sua cabeça, e cantando ‘ eu tenho uma varinha imbatível, venha e teste se você é duro o bastante’. Desde que você mantivesse sua boca fechada....”

“Sim, mas você conseguiria manter sua boca fechada?” disse Hermione, parecendo cética.

“Sabe, a única coisa verdadeira que ele nos contou foi que tem havido estórias sobre varinhas super-poderosas por centenas de anos.”

“Tem havido?” perguntou Harry.

Hermione olhou exasperada: a expressão era tão carinhosamente familiar que Harry e Rony sorriram largamente um para o outro.

“O Ramo da Morte, A Varinha do Destino, elas aparecem sob diferentes nomes, através dos séculos, geralmente na posse de algum bruxo das trevas que ficava se gabando de possuí-la. Professor Binns mencionou algumas delas – oh, isso tudo é sem sentido. Varinhas são apenas tão poderosas quanto os bruxos que as utilizam. Alguns bruxos apenas gostam de se gabar dizendo que as suas são maiores e melhores do que as das outras pessoas.”

“Mas como você sabe”, disse Harry, “ que essas varinhas – O Ramo da Morte e a Varinha do Destino – não são a mesma varinha, aparecendo através dos séculos sob diferentes denominações?”

“Aquela, se elas todas são a Varinha Antiga, que foi feita pela morte.” Disse Rony.

Harry sorriu: uma estranha idéia que passou por sua cabeça, era afinal ridícula. A varinha dele, ele se lembrou, foi feita de azevinho, não de sabugueiro, e foi feita por Olivaras, não importa o que ele havia feito na noite em que Voldermort o perseguira pelos céus. E se ela fosse imbatível, com poderia ter se partido?

“Então, porque você escolheria a pedra?” perguntou-lhe Rony.

“Bem, se você pudesse trazer as pessoas de volta, nós poderíamos ter Sirius... Olho-tonto... Dumbledore.. meus pais...”

Nem Rony e nem Hermione riram.

“Mas, de acordo com Beedle, o Bardo, eles não iriam querem voltar, iriam?” disse Harry, pensando no conto que eles tinham acabado de ouvir. “Eu suponho que não tenham havido cargas de outras estórias sobre pedras que levantam os mortos, não é?” ele perguntou à Hermione.

“Não”, ela respondeu tristemente. “Eu acredito que ninguém, exceto o senhor Lovegood, se enganaria de que isso fosse possível. Beedle provavelmente tirou a idéia da Pedra Filosofal, você sabe, ao invés de uma pedra que torna você imortal, uma que reverte a morte.”

O cheiro que vinha da cozinha estava se tornando mais forte. Era algo como roupas de baixo queimadas. Harry imaginava se seria possível escapar do que fosse que Xenophilius estivesse cozinhando o suficiente para salvar seus sentidos.

“E então sobre a capa Harry?”disse Rony lentamente, “Você não percebe que ele está correto? Nós estamos tão acostumados à capa de Harry e em como ela é boa, eu nunca parei para pensar. Eu nunca ouvi falar de alguma como a de Harry. É infalível. Nós nunca fomos localizados sob ela”.

“Claro que não – nós somos invisíveis quando estamos sob ela, Rony!”

“Mas todas as coisas que ele disse sobre outras capas, elas não são exatamente a ‘knut’, é verdade! Isso nunca passou pela minha cabeça antes, mas eu já escutei coisas sobre feitiços deteriorando

capas quando elas ficam velhas, ou elas sendo rasgadas por encantamentos que fazem buracos nelas. Harry ganhou a dele do pai, então não é exatamente nova, mas está simplesmente perfeita!”

“Sim, tudo bem, mas Rony, a pedra....”

Enquanto eles discutiam aos sussurros, Harry se movimentava ao redor da sala, escutando apenas parcialmente. Alcançando a escada em espiral, ele levantou seus olhos displicentemente para o nível superior e de repente ficou aturdido. Seu próprio rosto estava olhando de volta para ele do teto do compartimento acima.

Depois de um momento de perplexidade, ele percebeu que não era um espelho, mas uma pintura. Curioso, ele começou a subir as escadas.

“Harry, o que você está fazendo? Eu não acho que você deva ficar olhando ao redor enquanto ele não está aqui!”

Mas Harry já havia alcançado o outro nível.

Luna havia decorado o teto de seu quarto com cinco rostos lindamente pintados: Harry, Rony, Herminone, Gina e Nevil e. Eles não estavam se mexendo como os quadros em Hogward costumavam fazer, mas havia uma certa mágica em todos eles: Harry achou que eles respiravam. Pareciam ser finas correntes douradas entrelaçadas ao redor das pinturas, unindo-as. Mas depois de examina-las por mais ou menos um minuto, Harry percebeu que a corrente era na verdade uma única palavra,

repetida milhares de vezes, em uma tinta dourada: amigos..

amigos... amigos...

Harry sentiu uma grande onda de afeição por Luna. Ele olhou ao redor do quarto. Havia uma grande fotografia ao lado da cama, de uma jovem Luna e uma mulher que se parecia muito com ela. Elas estavam se abraçando. Luna parecia muito mais arrumada nessa foto do que Harry jamais havia visto em sua vida. A foto estava empoeirada. Isso causou em Harry um leve incomodo. Ele olhou atentamente ao redor.

Alguma coisa estava errada. O pálido tapete azul estava coberto por uma grossa camada de poeira. Não havia roupas no armário, cujas portas permaneciam entreabertas. A cama tinha um frio e não amigável aspecto, como se ninguém houvesse dormido nela por semanas. Uma única teia de aranha balançava na janela mais próxima, pelo céu sangrento.

"O que está errado?" perguntou Hermione quando Harry desceu da escada, mas, antes de que ele pudesse responder, Xenophilius apareceu no topo da escada vindo da cozinha, agora segurando uma bandeja cheia de tigelas.

"Senhor Lovegood", disse Harry, "Onde está Luna?"

"Me desculpe?"

"Onde está Luna?"

Xenophilius deteve-se no degrau.

"Eu.. eu já disse a vocês. Ela está na ponte Botton, pescando

Plimpies."
"Então, porque o senhor serviu a bandeja para apenas quatro pessoas?"
Xenophilius tentou falar, mas nenhum som aparecia. O único barulho era o ruído contínuo o tipógrafo e um leve chocalhar vindo da bandeja por conta do tremor das mãos de Xenophilius.
"Eu acho que a Luna não tem estado aqui há semanas", disse Harry, "Suas roupas sumiram, ninguém dormiu em sua cama, onde ela está? E por que você continua olhando para fora da janela?"
Xenophilius derrubou a bandeja: as tigelas saltaram e se despedaçaram contra Harry. Rony e Hermione puxaram suas varinhas: Xenophilius enregelou suas mão tentando alcançar o bolso. Nesse momento o tipógrafo sofreu uma grande explosão e vários Pasquins vieram correndo pelo chão por debaixo da toalha de mesa, a prensa caiu em silêncio finalmente.
Hermione se abaixou e pegou uma das revistas, sua varinha ainda apontando para o senhor Lovegood.
"Harry, veja isso!"
Ele caminhou a passos largos até ela o mais rápido que pode através da confusão. A capa de O Pasquim carregava sua foto, adornado com as letras O INDESEJÁVEL Nº 1 e legendado pelo valor da recompensa.
"O Pasquim está adotando um novo ângulo agora, então?" Harry perguntou friamente, sua mente trabalhando muito rápido. "Era isso

que você estava fazendo quando foi ao jardim, senhor Lovegood? Mandando uma coruja ao ministério?”

Xenophilius apertou seus lábios.

“Eles levaram minha Luna,” ele sussurrou. “Por causa do que andei escrevendo. Eles levaram minha Luna e eu não sei onde ela está, o que eles fizeram com ela. Mas eles devem devolver ela pra mim se eu... se eu...”

“Entregar Harry?” Hermione terminou a frase por ele.

“Sem chance!” disse Rony categoricamente. “Saia do caminho, nós estamos partindo.”

Xenophilius parecia lívido, com cem anos de idade, seus lábios haviam se contorcido em um terrível rasgo.

“Eles vão estar aqui a qualquer momento. Eu preciso salvar Luna. Eu não posso perder a Luna. Vocês não podem partir.”

Ele abriu seus braços em frente à escada, Harry teve uma repentina visão de sua mãe fazendo a mesma coisa em frente a seu berço.

“Não nos faça machucar você”, disse Harry, “Saia do meio do caminho, Senhor Lovegood.”

”HARRY!” Hermione gritou.

Figuras voando em vassouras estavam pasavam pelas janelas. Enquanto três delas estavam olhando para ele, Xenophilius puxou sua varinha. Harry percebeu seu erro bem a tempo: se jogou de lado, empurrando Rony e Hermione para fora do caminho do raio do feitiço estuporante de Xenophilius, que voou através da sala e

atingiu o Erumpent chifrudo.

Houve uma explosão colossal. O som dela parecia partir a sala ao meio: fragmentos de madeira e papel e cascalho voaram em todas as direções, enquanto uma espessa e impenetrável nuvem de poeira branca se espalhava. Harry voou pelo ar e então caiu no solo, incapaz de ver enquanto um monte de entulho chovia sobre ele, seus braços sobre a cabeça. Ele ouviu Hermione guinchando, Rony gritando, e uma série de golpes metálicos repugnantes que o disseram que Xenophilius havia sido arremessado para trás, caindo pela escada em espiral.

Parcialmente soterrado pelo cascalho, Harry tentou se levantar: ele mal podia respirar ou enxergar por causa da poeira. Metade do teto havia caído e o resto da cama de Luna estava balançando pelo buraco. The Best of Rowena Ravenclaw estava caído ao seu lado. Ele via fragmentos perdidos de pergaminho rasgado flutuando pelo ar, e a maior parte do tipógrafo jazia a seu lado, bloqueando o topo da escada para a cozinha. Então uma outra figura branca moveu seus dedos bem perto de seus lábios.

A porta no andar de baixo foi arrombada.

“Eu não lhe disse que não havia motivos para pressa, Travers?” disse uma voz escabrosa. “Eu não lhe disse que esse destrambelhado estava apenas rugindo como de costume?”

Houve uma explosão e um grito de dor de Xenophilius.

“Não... não.. lá em cima... Potter!”

“Eu lhe disse semana passada Lovegood que nós não iríamos voltar por algo menor do que uma informação sólida! Se lembra da semana passada? Quando você queria trocar sua filhar por aquele estúpido chapéu sangrento? E da semana anterior – outro grito agudo – quando você pensou que nós a entregaríamos de volta se você nos oferecesse uma prova de que existem crumple – bang – headed – bang – snorkacks.” “Não, não, eu lhe imploro!” soluçou Xenophilius . “É realmente Potter! De verdade!”

“E agora você se vira e nos chama aqui para tentar nos explodir?” urrou o comensal da morte, e houve uma rajada de explosões, espaçadas por guinchos de Xenophilius.

“O lugar parece que está prestes a desabar, Selwyn” falou uma segunda voz fria, ecoando pela escada em frangalhos. “A escada está completamente bloqueada. Poderia tentar limpa-la? Provavelmente traria o lugar a baixo.”

“Você está mentindo seu pedaço de porcaria!” gritou o bruxo chamado Selwyn, “você nunca viu Potter em sua vida, não é? Pensou que poderia nos trazer aqui para nos matar, pensou? E achou que conseguiria sua filhinha de volta desse jeito?”

“Eu juro.. eu juro.. Potter está lá em cima!”

“Homenun revelio”, disse a voz ao pé da escada.

Harry escutou Hermione engasgar e teve a estranha sensação de que algo se precipitava sobre ele, encobrindo seu corpo na escuridão.

“É Potter, eu lhe digo, é Potter!” soluçou Xenophilius.

“Por favor... por favor... me entregue Luna, apenas me deixe ter Luna..”

“Você pode ter sua garotinha Lovegood”, disse Selwyn, “se você subir essas escadas e me trazer de volta Harry Potter. Mas, se isso for uma cilada, um truque, se você tiver um cúmplice esperando lá em cima para nos surpreender, veremos se nós conseguiremos salvar pelo menos um pedacinho da sua filha para que você enterre.”

Xenophilius soltou um lamento de medo e desapareceu. Houve correria e discussão. Xenophilius estava tentando passar pelos escombros na escada.

“Vamos”, Harry sussurrou, “Nós temos que sair fora daqui”.

Ele tentou se desenterrar para sair dali, debaixo de todo o barulho que Xenophilius estava fazendo na entrada da escada. Rony estava enterrado mais fundo. Harry e Hermione escalaram, o mais discretamente que puderam, até os destroços onde ele jazia, tentando empurrar uma pesada arca cheia de gavetas que estava em cima de suas pernas. Enquanto a discussão e gritaria de Xenophilius parecia cada vez mais perto, Hermione conseguiu libertar Rony usando um feitiço de levitação.

“Tudo bem” suspirou Hermione, quando o pesado tipógrafo que bloqueava o topo da escada começou a tremer; Xenophilius estava a poucos metros deles. Ela continuava coberta de poeira branca.

“Você confia em mim Harry?”

Harry concordou com a cabeça.

“Ok, então,” Hermione sussurrou, “Me dê a capa de invisibilidade. Rony, você vai colocar-la..”

“Eu? Mas Harry...”

“Por favor Rony, Harry, segure firme na minha mão,Rony, agarre meu ombro.”

Harry segurou sua mão esquerda. Rony desapareceu debaixo da capa. O tipógrafo que bloqueava a entrada começou a vibrar: Xenophilius estava tentando remove-lo usando um feitiço de levitação. Harry não sabia pelo quê Hermione estava esperando.

“Segura firme” ela sussurrou. “Segura firme.. um segundo...”

O rosto de papel branco de Xenophilius apareceu no topo do aparador.

“Obliviate! Chorou Hermione, apontando sua varinha primeiro para o peito dele e depois para o chão abaixo deles. “Deprimo!”

Ela havia queimado o chão e feito um buraco no solo da sala de estar. Eles caíram como um bloco de pedra. Harry continuava segurando em sua mão for dear life; vinha um grito lá de baixo, e ele vislumbrou dois homens tentando sair do caminho enquanto uma grande quantidade de cascalho e mobília quebrada chovia ao redor deles direto do teto despedaçado. Hermione virou-se no meio do ar e o trovejar da casa em colapso soou nos ouvidos de Harry quando ela lhe puxou mais uma vez para dentro da escuridão.


HPMbr.net

Capítulo 22

As Relíquias Mortais

Harry caiu ofegante na grama afastado e se arrastou para perto dos outros [?]. Eles pareciam ter aparatado no canto de um campo ao por do sol. Hermione estava andando em círculos em volta deles procurando sua varinha.

- "”Protego Totalus… Sálvio Hexia…”” - disse Hermione

- Aquele velho traidor – ofegou Rony tirando a capa da invisibilidade e a jogando para Harry. – Hermione, você é um gênio! Um total gênio! Não acredito que nos livramos daquilo.

- Caverna "Inimicum" {?} não diga que era um "Frumpent" (?) Eu não lhe disse? E agora a casa dele vem sendo explodida.

- Que lhe sirva de lição – disse Rony examinando o rasgado em sua calça jeans – O que você acha que fizeram com ele?

- Oh! Eu espero que não o matem – gemeu Hermione – É por isso que eu queria que os comensais da morte visassem Harry antes de partimos. Então eles saberiam que Xenophilius não estava mentindo.

- Porque eu deveria me esconder? – pergunto Rony

- Era pra você estar na cama com "spartergrolt" (Doença) Rony! – disse Hermione – Eles seqüestraram Luna porque o pai dela ajudou Harry, o que aconteceria com sua família se soubessem que esta com ele?

- Mas e seu pai e sua mãe? - Perguntou Harry

- Eles estão bem, estão na Austrália, não sabem de nada – respondeu ela

- Você é um gênio – repetiu Rony apavorado

- É você é – concordou Harry calorosamente – o que faríamos sem você?

Ela sorriu, mas fico seria em seguida

- E a Luna?

- Se eles estiverem procurando a verdade e ela ainda estiver viva... – começou Rony

- Não diga isso! Não diga isso! – gritou Hermione – ela tem que estar viva, tem que estar.

- Então está em Azkaban eu espero – disse Rony – No entanto se ela sobreviver aquele lugar, apesar da angustia...

- Ela vai! – disse Harry. Ele não podia suportar outra alternativa – Luna é muito mais forte do que pensa, ela provavelmente está ensinado os prisioneiros sobre Nargulés.

- Espero que esteja certo – disse Hermione passando a mão nos olhos – Eu me sinto culpada por Xenophilius, se ele...

- Não tivesse tentado nos vender aos comensais da morte – completou Rony

Eles armaram a tenda e se recolheram, onde Rony fez chá, depois da apertada fuga, o frio e o cheiro de mofo naquela tenda velha os fez sentir seguros, (?) familiar e amigável.

- Nos devemos ir lá? – perguntou Hermione depois de alguns minutos de silencio – Harry você está bem? É Gordic´s Hol ow mais uma vez, uma completa perda de tempo, as relíquias mortais... Tais (?) lixo, embora realmente – Um pensamento súbito parecia ter a parado – ele fez tudo certo, não fez? Ele provavelmente não acredita nas relíquias mortais, só quis nos manter ocupados falando sobre elas até os comensais da morte chegarem.

- eu acho que não – disse Rony – é muito mais difícil fazer as coisas funcionarem quando está sob pressão do que você pensa, percebi isso quando os seqüestradores me pegaram, era muito mais fácil fingir ser escaneado, porque eu sabia um pouco sobre ele, do que inventar uma pessoa completamente nova, oh velho Lovegood estava sob muita pressão, tentando ter certeza de que nos ficaríamos, eu calculo que ele nos disse a verdade, ou ele pensa assim, apenas nos manteve falando assim mesmo.

- acho que isso não importa – afirmou Hermione – mesmo se ele estava sendo honesto, eu nunca ouvi tanta coisa sem sentido em tudo que ele falou.

- espere ai – disse Rony – a câmara secreta era pra ser um mito, não era?

- mas as relíquias mortais não podem existir – disse Hermione

- continue dizendo isso, mas uma delas pode existir – afirmou Rony – a capa da invisibilidade do Harry.

- a fabula sobre os três irmãos é apenas uma historia – disse

Hermione firmemente – uma historia de como os humanos são assustados com a morte, se sobreviver é apenas usar a capa da invisibilidade... Então temos tudo que precisamos.

- eu não sei, Nos poderíamos fazer isso com uma varinha invencível – disse Harry (?) a varinha “blacktorn” em seus dedos.

- isso não existe Harry!

- você disse que existem montes de varinhas, a varinha da morte, ou seja, lá como chamam!

- ótimo! Se você quer se enganar, a varinha do ancião é real, e a pedra da ressurreição? – os dedos dela delinearam os textos que rodeavam o nome e sua voz entoava sarcasmo – nenhuma magia pode ressuscitar os mortos, e é isso!

- quando minha varinha se conectou com a de Voldemort, fez meu pai e minha mãe aparecer... E Cedrico.

- mas eles não voltaram à vida, voltaram? – disse impaciente Hermione – é como uma impressão de vida, não é o mesmo que realmente trazer alguém de volta a vida.

- mas ela, a garota da historia, não voltou à vida, na historia dizia que quando a pessoa morre pertence aos mortos, mas o outro irmão continuou a ver e falar com ela, não foi? Pelo menos eles viveram juntos por mais um tempo.

Ele viu um pouco de preocupação de que aquilo não se definia facilmente na expressão de Hermione, então ela olhou Rony de relance e Harry encarou aquilo como se ele tivesse a assustada

com aquela historia de trazer os mortos de volta a vida.

- e aquele homem Peverel que está enterrado em Godric´s Hol ow – disse Rony fortemente, querendo parece equilibrado – então você não sabe nada sobre ele?

- não – respondeu ela, alivia pela mudança de assunto – eu procurei saber sobre ele depois que vi a marca no tumulo, se ele foi famoso ou fez algo importante eu saberia, o único lugar onde eu encontrei o nome "Peverel " foi em "Nobreza Natural – Genealogia Bruxa" peguei emprestado do Monstro, ela lista as linhas genealógicas masculinas de puros sangues e quando foram extintas, os Peverel foram umas das primeiras família a ser extintas.

- extintas na linhagem masculina? – repetiu Rony

- significa que o nome morreu – explicou Hermione – séculos atrás, no caso dos Peverel , apesar de que eles poderiam continuar tendo descendentes, apenas aconteceu algo diferente.

E a resposta logo a apareceu na memória de Harry, um velho homem de cinqüenta anos esfregando um anel feio em frente a um oficial do ministério, o homem se chamava "Marvolo Gaunt"

- desculpe – disseram Rony e Hermione juntos.

- Marvolo Gaunt! O avo de Voldemort na penseira com Dumbledore, ele disse que era um descendente dos Peverel .

Rony e Hermione pareciam confusos

- o anel! O anel que virou uma Horcrux, Marvolo Gaunt disse que

tinha o Brasão dos Peverel nele. Eu o vi esfregando o anel na cara do homem do ministério.

- o brasão dos Peverel ? – disse Hermione afiada – você poderia identificá-lo?

- na verdade não – disse Harry tentando se lembrar – não havia nada familiar nele, eu estava vendo de longe não podia ver apenas alguns traços, eu só o vi realmente quando já estava destruído.

Harry percebeu a compreensão de Hermione estudando seus olhos. Rony olhava de um para o outro surpreso.

- você calcula que seja esse sinal de novo? O sinal das relíquias?

- porque não? – disse Harry excitado – Marvolo Gaunt era um velho ignorante que viveu como porco, ele só se importava com seus ancestrais, se aquele anel foi passado através dos séculos ele não saberia o que realmente é, não havia livros naquela casa, e ele não é do tipo que lê conto de fadas para seus filhos, ele adorava pensar que os desenhos no anel eram um brasão dos Peverel porque ele estava certo de como sua descendência era nobre e seu sangue era puro !

- é! E isso é muito interessante – disse Hermione curiosa – mas Harry se você esta pensando o que eu acho que você esta pensando.

- bem, porque não? Porque não? – disse Harry abandonando o cuidado – era uma pedra não era? - afirmou Harry esperando o suporte de Rony – e se for à pedra da ressurreição?

Rony ficou de queixo caído.

- mas será que ainda funciona? Mesmo depois que Dumbledore o quebrou? – indagou Rony

- funciona? Ainda funciona? Nunca funcionou, não existe essa coisa de pedra da ressurreição – disse Hermione olhando para os pés exasperada e nervosa – Harry você esta tentando encaixar tudo na historia das relíquias.

- tentando encaixar? – repetiu ele – tudo se encaixa sozinho, eu sei que é o sinal das relíquias naquela pedra, Gaunt disse que ele era descendente dos Peverel .

- a um minuto atrás você nos disse que nunca viu a marca na pedra propriamente – argumentou ela

- onde se encontra o anel agora? – pergunto Rony a Harry – o que Dumbledore fez com ele depois que destruiu?

Mas a imaginação de Harry estava correndo a frente, longe de Rony e Hermione.

“” Três objetos ou relíquias, que se unidas fazem seu possuidor mestre da morte... Mestre... Conquistador... o ultimo inimigo a que será destruído será a morte. “”

Então ele se viu possuidor das relíquias, lutando contra Voldemort, onde as horcruxes não importavam... “” Um não pode sobreviver em quanto o outro viver... ”” Qual seria a resposta... Relíquias contra Horcruxes? Haveria um caminho depois de tudo para assegurar que seria ele que triunfaria, se ele fosse possuidor das relíquias mortais,

estaria seguro?

- Harry?

Mas ele dificilmente ouvia Hermione, ele puxou sua capa da invisibilidade e a corria entre os dedos, a capa era suave como a água, leve como o ar, ele não tinha visto nada igual em nenhum dos seus sete anos em Hogwarts, a capa era como Xenophil ius havia a descrito, “” uma capa que faz quem a veste invisível e eternamente resistente e impenetrável, não importa que feitiço seja usado... “” (junto com as outras relíquias)

Como um relance ele lembrou:

- Dumbledore estava com a capa na noite que meus pais morreram.

Sua voz causou um choque, ele pode sentir a cor do seu rosto, mas não se importou.

- minha mãe disse a Sirius que Dumbledore pegou a capa emprestada, esse é o porquê, ele queria examinar, ele achou que era a terceira relíquia, Ignotos Peverel esta enterrado em Godric’s Hol ow.

Harry andava as cegas em volta da tenda sentindo as grandes aberturas que a verdade e a dedução estavam abrindo em volta dele.

- ele é meu ancestral, faz todo sentido, eu sou descendente do terceiro irmão.

Ele se sentiu armado de certeza, sua crença nas relíquias, a mera idéia de possuí-las já o davam proteção, e o faziam querer procurar

as outras duas.

- Harry... – disse Hermione

Mas ele estava muito ocupado desfazendo o nó em seu pescoço, suas mãos tremendo com força.

- leia! – disse ele empurrando a carta com a letra de sua mãe – ele tinha a capa, pra que ele ia precisa dela? Ele pode ficar invisível se desiludindo.

Alguma coisa caiu no chão e rolou, brilhando em baixo de uma cadeira, ele colocou a carta de lado e pegou, e ficou maravilhado com a descoberta.

- ESTÀ AQUI! Ele me deixou o anel, dentro do pomo de ouro.

Ele não conseguia entender porque Rony parecia abobalhado, tudo estava tão claro, tudo se encaixava tudo encaixava, sua capa era a terceira relíquia e quando ele descobrir como abrir o pomo ele teria a segunda e tudo que eles tinham que fazer era achar a primeira relíquia: a varinha do ancião.

Mas foi com molhar uma tocha acessa, toda sua excitação, toda sua esperança e sua felicidade se partiram, e ele estava sozinho no escuro outra vez, e o glorioso feitiço tinha quebrado.

- é do que ele está atrás!

A mudança em sua voz fez Rony e Hermione olharem ainda mais assustados.

- Voldemort quer a varinha do ancião!

Ele virou as costas para as caras incrédulas de Rony e Hermione,

ele sabia que era verdade, tudo fazia sentido, Voldemort não queria outra varinha, ele queria uma varinha muito antiga, a varinha do ancião, ele andou até a entrada da tenda esquecendo Rony e Hermione como tinha feito varias vezes naquela noite, ele contemplou a escuridão e pensou:
Voldemort cresceu em um orfanato de trouxas, ninguém pode ter contado para ele sobre o "the tales of beedle the bard" quando ele era criança, dificilmente alguns bruxos acreditavam nas relíquias mortais, que idéias Voldemort mantinha sobre elas?
Harry encarou a escuridão... Se Voldemort sabia sobre as relíquias mortais, ele as tinha procurado feito de tudo para consegui-las, três relíquias que fazem seu possuidor mestre da morte? Se ele soubesse sobre as relíquias mortais ele não precisaria das Horcruxes em primeiro lugar, e ele simplesmente pegou uma relíquia e a transformou em uma Horcrux, isso demonstrava que ele não sabia sobre esse ultimo segredo da "bruxidade".
O que significava que Voldemort tinha procurado a varinha do ancião não sabendo do seu poder real, apenas de seu poder único e não como uma das três relíquias, a varinha como relíquia não podia estar escondida, era sabida sobre sua existência... "a trilha sangrenta da varinha do ancião esta escrita na historia dos bruxos"
Harry contemplou o céu cinza-fumaça e prata sob a cara de uma lua branca, ele se sentiu eletrizado com suas descobertas.
Ele se voltou para a tenda e foi um choque encontrar Rony e

Hermione exatamente onde estavam, eles não percebiam o quão longe eles tinham ido apenas naqueles minutos?

- é isso! – disse Harry tentando puxá-los para o brilho de sua confusa certeza - as relíquias da morte são reais e nos temos uma, talvez duas, e Voldemort quer a terceira, mas não como relíquia, ele acha que é apenas uma poderosa varinha.

- Harry – disse Hermione se movendo em sua direção segurando a carta de Lílian – eu acho que estamos errados, esta tudo errado.

- você não vê? Tudo se encaixa!

- não Harry, não se encaixa – disse Hermione – você esta se deixando levar, por favor... Por favor, me responda, se as relíquias existem e Dumbledore sabia sobre elas, que torna quem a possui mestre da morte, porque ele não te contou? Por quê?

Harry tinha a resposta para essa pergunta:

- você mesma disse Hermione, você tem que procurar sozinho, por vontade própria, e uma missão!

- mas eu só disse aquilo para te atrair para os Lovegood – choramingou ela nervosa – eu não acredito nisso realmente.

Harry não de importância.

- geralmente Dumbledore me deixava usar minha força, correr riscos, é o tipo de coisa que ele faria!

- Harry isso não é um jogo, não é pratica, isso é real, e Dumbledore nos deixou instruções claras, achar e destruir as Horcruxes, o símbolo não significa nada, você não pode se desviar da sua tarefa

principal.

Harry mal estava escutando Hermione, estava virando sua atenção para suas mãos, esperando abrir para (?) a pedra da ressurreição (?) para provar para Hermione que as relíquias eram reais.

Ela apelou para o Rony.

- você não acredita nisso não é?

Harry o fitou, ele hesitou. Mas disse.

- sim, eu acredito... Quer dizer... Todas essas coisas se encaixando e quando você olha a coisa toda... – ele respirou fundo e disse – mas acho que devemos nos concentrar nas Horcruxes Harry, foi o que Dumbledore nos mandou fazer, acho melhor esquecermos as relíquias mortais.

- obrigado Rony - disse Hermione - eu fico com o primeiro turno.

Ela se sentou próximo a entrada e (?) Harry.

Harry mal dormiu aquela noite, a idéia das relíquias mortais o possuía totalmente, ele não podia dormir com aqueles pensamentos passando pela sua cabeça,"" a pedra, a capa, a varinha '" ele poderia possuí-las.

"" Eu abro ao fechar... "" ao fechar? Porque não posso ter a pedra agora? Poderia perguntar a Dumbledore essas coisas pessoalmente, Harry murmurou muitas palavras para o pomo na escuridão, mas ele não abriu. E a varinha do ancião, onde ela estaria escondida, onde Voldemort esta procurando agora? Harry desejou que sua cicatriz queimasse e mostrasse os pensamentos

de Voldemort, eles estavam pela primeira vez atrás da mesma coisa, teria ele se tornado igual a Voldemort? Afinal era isso? Tinha que se tornar igual para vencê-lo?
Hermione não gostava daquela idéia é claro, ela não acreditava, mas Xenophil ius estava certo, de certa maneira, estreito e limitado, com a mente fechada, a verdade era aquela idéia assustadora sobre as relíquias mortais, especialmente a pedra da ressurreição, Harry apertou o pomo com a boca, o beijou, e quase o engoliu, mas o metal frio permaneceu inerte.
Estava quase amanhecendo quando Harry pensou em Luna, sozinha em Azkaban cercada de dementadores, ele se sentiu envergonhado, tinha esquecido dela no calor de suas descobertas sobre as relíquias mortais. Se ele pudesse resgatá-la de Azkaban, mas dementadores naquele numero seriam virtualmente (?) (talvez suicídio?) ele começou a pensar sobre isso, se ele tivesse tentado convocar um patrono com a varinha “blacktorn”, ele faria isso de manha... Ele desejou pela varinha do ancião, e pela (?) invencível, engoliu ele mais uma vez.
Eles desmontaram a barraca sobre um sombrio banho de chuva, e a (?) os persuadiu para a costa, onde armaram a barraca naquela noite e passaram a semana inteira, Harry se sentiu depressivo, só conseguia pensar nas relíquias mortais, era como uma chama viva e acessa dentro dele, que nem Rony nem Hermione conseguiram extinguir, (?) ele culpou Rony e Hermione a determinante

indiferença deles para com as relíquias mortais, foi cruelmente emudecendo seu espírito, mas continuou absoluto nas idéia das relíquias mortais e se isolou dos outros e sua obsessão pelas horcruxes.

- Obsessão? – disse Hermione em um tom incrédulo quando Harry usou essa palavra sem qualquer cuidado em uma noite, após ela ter tentado persuadir Harry a deslocar seu interesse em procurar mais uma Horcrux.

- nos não somos os únicos com uma obsessão não é Harry? Nos só estamos tentando fazer aquilo que Dumbledore queria que nos fizéssemos.

Mas ele estava impermeável para ser coberto com senso critico. Dumbledore tinha deixado o sinal das relíquias para Hermione decifrar. Harry permaneceu convicto nisso, ele deixou a pedra da ressurreição no pomo de ouro. "" Um não pode sobreviver em quanto o outro viver... Mestre da morte "", porque Rony e Hermione não entendiam?

"o ultimo inimigo a ser destruído é a morte "

- eu acho que era pra nos estarmos lutando contra você-sabequem... – começou Hermione e Harry desistiu dela.

Mesmo o mistério do corça prateado, que os outros dois persistiam em discutir parecia menos importante para Harry agora, a única coisa que também lhe importava agora, era que sua cicatriz tinha voltado a arder, mas mesmo assim ele escondeu esse fato dos outros, ele procurou ficar sozinho quando isso acontecia, mas o

ficou desapontado com o que viu, as visões que ele e Voldemort compartilhavam tinham mudado a qualidade, estava embaçadas, (?) por onde eles estavam andando, estava tudo fora de foco.Harry estava aberto para entender as especialidades de um objeto que parecia uma caveira e uma montanha que tinha mais sombras do que substancia, usando as imagens como afiada verdade, Harry estava desconectado pela mudança, ele estava preocupado que a conexão entre ele e Voldemort tivesse sido danificada, uma conexão que os ambos temiam, Harry culpou a destruição da sua varinha pelas vagas imagens embaçadas que ele tinha agora, como se fosse culpa da varinha "blacktorn" que ele não pudesse ver na mente de Voldemort tão bem quanto antes.

As semanas passaram, Harry não pode ajudar, mas alertar, apesar de sua própria absorção, que Rony parecia estar assumindo a culpa por deixar de lado as relíquias mortais, talvez porque Harry ficou indiferente com a dormência de suas qualidades naturais de líder. Rony estava encorajando os outros dois para ação.

- três horcruxes faltando! – ele continuava dizendo – precisamos de um plano de ação! Onde nos paramos? Vamos voltar a pensar no orfanato...

Beco diagonal, Hogwarts, Borgin e Burkes, Albânia, Cada lugar que Voldemort havia estado ou assassinado Rony e Hermione tinha sondado de novo. Harry só se juntou a ele porque Hermione não parava de insistir, ele teria ficado feliz em sentar sozinho e tentar ler

os pensamentos de Voldemort, saber mais sobre a varinha do ancião, mas Rony achou que eles deviam continuar a jornada, e Harry estava ciente que eles iam continuar indo em frente.

- nunca se sabe – começou Rony – "Upper Fragley" é uma vila de bruxos, ele pode ter querido morar lá! Vamos subir e investigar.

Essas freqüentes visitas em territórios bruxos os colocou ocasionalmente na visão de observadores (seqüestradores)

- alguns deles são tão maus quanto comensais da morte – disse Rony – tudo o que me trouxe aqui foi um pouco patético, mas Gui disse que muitos deles são realmente perigosos, eles falaram isso no "Potterwatch".

- onde? – perguntou Harry

- no "Potterwatch", eu não lhe disse como é chamado? O programa de radio que eu vivo tentando ouvir, é o único que fala a verdade sobre o que esta acontecendo, ou chega perto da linha de vocêsabe-quem... Eu realmente queria que você ouvisse, mas não me lembro como...

Rony gastou noite após noite usando sua varinha para sintonizar na estação de radio.

Eles estavam ouvindo conselhos para identificar e evitar sífilis draconiana e ouviram um pouco de "" um caldeirão cheio de amor forte "" enquanto isso Rony tentava instalar a senha certa, murmurando milhares de palavras durante sua respiração.

- eles geralmente falam alguma coisa sobre a ordem – contou ele – Gui tem um talento especial para entrevistar, espero pegar pelo

menos no final...

Mas nada antes de março, a sorte favoreceu Rony finalmente,

Harry estava sentando na frente da barraca em dever de guarda, preguiçosamente ouvindo sobre massa de uvas, quando finalmente Rony veio excitado de dentro da barraca.

- eu consegui! – disse ele – a senha era Albus, entre aqui Harry.

Despertado pela primeira vez depois de dias de sua contemplação das relíquias mortais, ele entrou correndo e parou perto do radio, e Hermione que estava polindo a espada de Godric só para ter algo para fazer ouviram atentos.

“...desculpem por nossa temporária abstinência do ar, mas muitas casas fizerem chamadas avisando comensais da morte de nossa localidade... “”

- mas é o Lino Jordan! – disse Hermione

- eu sei – disse Rony – legal não é ?

““... agora nos encontramos em outro lugar seguro, e tenho o prazer de dizer que dois fascinantes rapazes se juntaram a mim esta noite... “”

““ boa noite River “”

- River é o Jordan, eles usam codinomes, mas nos reconhecemos pela voz...

- shhhh! – disse Hermione.

“” mas antes de ouvirmos Royal e Remulus, vamos prestar atenção naquelas mortes que o profeta diário não achou importante,

lamentamos informar aos ouvintes o assassinato de Ted Tonks e Dirk Cresswel , um e duende (elfo domestico) chamado Gornuk, um nascido trouxas chamado Dean Thomas e outro Duende viajavam com Tonks, mas podem ter escapado, se ele estiver ouvindo ou alguém que tenha informações, favor entrar em contato, seus parentes e irmãs se encontram desesperados... Também em “”Gaddley”” uma família de trouxas de cinco pessoas foram encontradas mortas, as autoridades trouxas afirmam ser vazamento de gás, mas a ordem de fênix confirmou que fui usada a maldição da morte...
e Finalmente lamentamos informar que os restos mortais de Bathilda Bagshot foram encontrados em Godric´s Hol ow e a ordem de fênix afirma que seu corpo continha marcas e feridas causadas por magia negra. Ouvintes agora gostaríamos de convidá-los em ficar em silencio pela morte de Ted Tonks, Dirk Cresswel , Gornuk e por ultimo, mas não menos importante a família de trouxas “”
O silencio caiu, nem Harry, Rony e Hermione falaram nada, ele desejou ouvir mais, mas metade dele tinha medo do que mas poderia vir, pela primeira vez ele estava conectado com o resto do mundo por um bom tempo.
““ obrigado, e agora com “Royal” saibam como a nova organização no mundo dos bruxos esta afetando os trouxas. “”
““obrigado River, “”
- Kingsley ! – disse Rony surpreso.

- nos sabemos – disseram Hermione e Harry juntos.

““ trouxas continuam sem saber de onde vem seu sofrimento e continuam a encontrar casualidades para suas mortes, no entanto nos ouvimos muitas historias de bruxos e bruxas que arriscam suas próprias vidas para defender seus vizinhos e amigos trouxas sem o conhecimento deles, gostaríamos de pedir aos ouvintes que seguissem seus exemplos e ao menos fizessem um feitiço de proteção nas casas e ruas perto dos trouxas, muitas vidas podem ser salvas com esse simples ato””

““nos entendemos o que você quer dizer “Royal”, os ouvintes que respondem assim nesses tempos perigosos deviriam ser (?) “

““ mas o fato de achar que bruxos vem primeiro é um pequeno passo para achar que puros sangue vem primeiro ai é só mais um passo para ser comensal da morte “”

““ excelente ponto Royal, e você tem meu voto para ministro da magia se conseguir nos tirar dessa bagunça, e agora vamos ouvir Romulus, um popular amigo de Harry Potter.””

“ obrigado River”

Disse uma voz muito familiar, Rony abriu a boca para falar mas Hermione o interrompeu.

- é o Lupim, nos sabemos Rony.

“ Romulus você continua a afirmar o que sempre diz quando vem nos visitar no programa? Harry Potter continua vivo? “”

“” é claro, não há duvida nenhuma em minha mente, que se os

comensais da morte avisariam rápido se tivessem conseguido matar ele, porque causaria uma desmoralização naqueles que resistem o novo regime, o garoto que sobreviveu continua sendo um símbolo do bem, símbolo da inocência, a razão pela qual lutamos, pela qual continuamos resistindo. “”

Uma mistura de gratidão e vergonha ocorreu em Harry, teria Lupim perdoado ele por todas as coisas que ele tinha dito quando se encontraram?

““ e o que você diria para ele se soubesse que ele esta ouvindo agora””

“” diria que estamos todos com ele em espírito, e para ele seguir sempre seus instintos que quase sempre estão certos “”

Harry olhou para Hermione que estava com o olhos cheio de água.

- quase sempre certos – repetiu ela.

- oh! Quase esqueci de dizer, Gui me falou que Lupim esta vivendo com Tonks novamente.

“” e nossa atualização daqueles amigos de Harry Potter que estão sofrendo pela sua lealdade, como os ouvintes regulares devem saber, aqueles que apóiam Harry Potter foram presos, assim como Xenophilius Lovegood, editor do pasquim... e nos ouvimos algumas horas atrás que Rubeos Hagrid, guarda caça de Hogwarts escapou por pouco de ser preso, há rumores que ele abrigou um “ajudante de Harry Potter”, mas ele não foi levado em custodia e se escondeu na floresta, acho que ter um irmão de dezesseis pés (unidade de

medida) de altura ajuda a escapar dos comensais da morte “”

“” é deve ajudar sim – concordou Lupim – gostaria de adicionar mais uma coisa ao “potterwatch”, por favor aplaudiremos o espírito de Harry por ser um dos mais devotos ajudantes de Harry mesmo no presente momento, e que os outros ajudantes de Harry Potter sejam assim“”

“” claro que eles serão Romulus – disse Jordan – e que todos vocês que estão ouvindo o “potterwatch” sejam devotos ao menino com cicatriz em forma de raio, e agora vamos ouvir um bruxo que tem sido tão evasivo como Harry Potter, nos o chamamos de chefe comensal da morte, e para dar as vistas dos rumores mais insanos que correm sobre ele, aqui está Rodent”

- Rodent?

- Fred!

- não, não é o Jorge? – pergunto Hemione

- é o Fred eu acho – disse Rony quase encostando o ouvido no Radio.

“ eu não serei Rodent, eu disse que queria ser Rapier. “

“a tudo bem, com vocês Rapier, você pode nos dizer sobre a historias que correm por ai sobre o chefe comensal da morte?”

“sim eu posso River, como nossos ouvintes devem saber amenos que eles estejam (?) alguma coisa no jardim, a estratégia de vocêsabe-quem de permanecer nas sombras, criando um ótimo clima de pânico, mas se todos alegarem (?), nos precisaremos ter um ótimo (?) dezenove de você-sabe-quem em volta do lugar””

“”que lhe sirva é claro – disse Kingsley – o ar do mistério esta causando muito mais terror do que estão mostrando.””

“” concordo – disse Fred – então pessoal vamos nos acalmar um pouco, as coisas já estão indo de mal a pior sem estarem inventado coisas, por exemplo essa nova idéia, de que você-sabe-quem pode matar apenas com um relance de olhar, como o basilisco, um simples teste, procure saber se a coisa que está espreitando você tem pernas, se tiver é seguro olhar, mesmo que ver você-sabequem será a ultima coisa que você fará””

Pela primeira vez em semanas de semanas, Harry estava rindo e sentiu o peso da tensão saindo dele.

“ e os rumores de que ele foi avistado fora do pais? – perguntou Jordam

“” é verdade, mas depois de todo o trabalho que ele esta tendo, acho que nos poderíamos gostar de um ótimo feriado, o ponto é: não tenham um falso senso de segurança pensando que ele esta fora do pais, ele pode ser mover mais rápido do que Severus Snape correndo de um xampu, não conte que ele esta longe, se você pensa em correr algum risco pensando que ele esta fora do pais, finja que nunca me ouviu dizendo isso”” – disse Fred

“ muito obrigado por essas sabias palavras Rapier – agradeceu Jordam – e nos vamos chegando ao final de outro “potterwatch”, faremos de tudo para transmitir de novo, mas fiquem tranqüilos nos voltaremos, a próxima senha é Olho Tonto, mantenham um ao outro seguros, tenham fé, adeus”

O radio parou de tocar e ficou mudo, as luzes atrás do painel se apagaram, Harry, Rony e Hermione mantiveram os sorrisos por ouvir aquelas vozes familiares, no seu isolamento Harry tinha esquecido que outras pessoas estavam resistindo a Voldemort, foi como acordar de um sono Profundo.

- bom não é? – pergunto Rony

- excelente – disse Harry

- é tão bravo da parte deles – disse Hermione Admirada – se eles forem encontrados...

- mas eles não ficam parados, eles continuam se movendo, não é? – disse Rony

- mas você ouviu o que Fred disse? – pergunto Harry excitado – ele esta fora do pais, ele continua procurando a varinha do ancião.

- Vold...

- Harry não!

- Mort esta atrás da varinha do ancião!

- o nome virou tabu – disse Rony

- eu te disse Harry, eu te disse, temos que colocar uma proteção em volta de nós – disse Hermione Nervosa - AGORA MESMO, e como eles nos encontram!

Rony estava parado incrédulo, o bibilhoscopio apitava freneticamente em cima da mesa, eles ouviram passos fora da tenda, e uma voz disse:

- venham para fora com suas varinhas, sabemos que estão ai,

temos meia dúzia de varinhas apontadas para vocês, não nos importa quem amaldiçoemos.



Capítulo 23

A Mansão Malfoy

Harry olhou em volta para os outros dois, agora meras linhas na escuridão.

Ele viu Hermione apontar sua varinha para fora, mas em sua face houve um

estrondo, um jorro de luz branca, e ele caiu com agonia, incapaz de

enxergar. Pode sentir sua face inchar rapidamente sob suas mãos como

duras faltas de futebol sobre seu corpo.

- Levante-se, verme.

Mãos desconhecidas levantaram Harry, e antes que pudesse pará-las,

alguém procurou em seus bolsos e retirou sua varinha. Sentiu a excruciante

dor em sua face, seus dedos irreconhecíveis, apertados e inchados, como se

estivesse sofrendo uma grave crise alérgica. Seus olhos tinham sido

reduzidos a meras molduras por onde mal conseguia ver, seus óculos

caíram quando fora empurrado para fora da barraca: tudo que conseguia ver

eram formas borradas de quatro ou cinco pessoas lutando contra Rony e

Hermione do lado de fora.

- Sai... de... perto... dela! - gritou Rony. Havia um inconfundível som de

briga. Rony grunhiu de dor e Hermione gritou "Não! Deixe-o em paz,

deixe-o em paz!"

- Seu namoradinho vai ter algo pior do que se ele tivesse na minha lista. -

disse uma voz horrivelmente familiar. - Menina deliciosa... Um prazer...

Aprecio e muito essa suavidade de pele...

O estômago de Harry revirou; reconheceu a voz de Fenrir Greyback, o

lobisomem que foi permitido como Comensal da morte em troca de sua

selvageria.

- Revistem a tenda! - disse uma outra voz.

Harry foi jogado de bruços no chão. Uma batida indicou que Rony foi

jogado ao lado dele. Podiam ouvir passos e batidas; os homens estavam

empurravam as cadeiras enquanto procuravam.

- Agora, vamos ver o que nós temos aqui... - disse a voz regozijante de

Greyback, e Harry foi virado, ficando com as costas no chão. Um feixe de

luz de uma varinha caiu sobre seu rosto e Greyback riu.

- Eu vou precisar de cerveja amanteigada pra lavar esse daqui. O que

aconteceu com você, bicho?

Harry não respondeu imediatamente.

- Eu perguntei, - repetiu o lobisomem, e Harry sentiu o diafragma encher-se

de dor - o que aconteceu com você?

- Picado. - Harry murmurou. - Fui picado.

- Claro, olha como ele está! - disse uma segunda voz.

- Qual o seu nome? - perguntou em um grunhido Greyback.

- Duda. - disse Harry.

- E o seu primeiro nome?

- Eu... Válter, Válter Duda.

- Cheque a lista, Scabior. - disse Greyback, e Harry olhou o comensal

mover-se de lado para olhar abaixo para Rony.

- E quanto a você?

- Stan Shunpike. - disse Rony.

- Claro que você é... - disse o homem chamado Scabior. - Nós conhecemos

Stan Shunpike, e ele estava com um pouco de trabalho quando o

encontramos.

Houve uma outra batida.

- Eu sou Barny! - disse Ron, e Harry pode ver que sua boca estava cheia de

sangue - Barny Weasley!

- Um Weasley? - rosnou Greyback. - Então você está relacionado com os

traidores de sangue mesmo que não seja um sangue-ruim. E por último...

Sua pequena e bonita amiga.

O tom em sua voz fez Harry tremer.

- Fácil, Greyback. - Disse Scabior.

- Ah, eu não vou morder ainda. Vamos ver se ela é mais rápida que Barny

em lembrar seu nome. Quem é você, garota?

- Penélope Clearwater. - disse, parecendo apavorada, porém convincente.

- Qual seu status de sangue?

- Mestiça. - respondeu Hermione.

- Bastante fácil de checar. - disse Scabior. - Mas só de olhar, vocês

poderiam estar ainda com idade para estar em Hogwarts.

- Nós saínos. - disse Rony.

- Saíram, você quer dizer? - perguntou Scabior. - E vocês decidiram ir

acampar? E você pensou, apenas por brincadeira, usar o nome do Lorde das

Trevas?

- Não por brincadeira. - disse Ron. - Agidente.

- Acidente? - disse com uma risada sarcástica - Você sabe quem costumava

gostar de usar o nome do Lorde das Trevas, Weasley? - rosnou Greyback -

A Ordem da Fênix. Significa algo para você?

- Dão...

- Bem, eles não mostram o devido respeito ao Lorde da Trevas, então o

nome foi proibido. Alguns membros da Ordem foram seguidos. Veremos.

Colocque-os com outros dois prisioneiros!

Alguém levantou Harry pelo cabelo, arrastado-o e o sentando, então

prendeu ele com outra pessoa pelas costas. Harry ainda estava meio cego,

apenas permitido de ver algo que estivesse bastante perto. Quando o

homem amarrou o último, Harry sussurrou aos outros prisioneiros.

- Alguém tem sua varinha?

- Não. - responderam Rony e Hermione um outro lado dele.

- É tudo minha culpa, eu disse o nome dele. Sinto muito...

- Harry? - era uma voz nova, mas familiar, e veio diretamente de trás de

Harry, da pessoa amarrada à esquerda de Hermione

- Dean?

- É você! São raptores! Estão procurando somente desertores para trocar

por ouro...

- Nada ruim para uma noite. - Greyback dizia, enquanto um par de botas de

sola pregada andaram perto de Harry e ouviram mais ruídos de dentro da

barraca. - Um sangue-ruim, um elfo fugitivo, e esses desertores. Você

verificou seus nomes na lista ainda, Scabior? - rugiu.

- Sim. Não há nenhum Válter Duda aqui, Greyback.

- Interessante... - disse Greyback - Que interessante...

Encolheu-se ao lado de Harry, que viu, com a abertura infinitesimal à

esquerda entre seus olhos inchados, uma cara coberta de cabelo cinzento,

com os dentes e garras nos cantos de sua boca. Greyback cheirou como

tinha feito no alto da torre onde Dumbledore tinha morrido: da sujeira, do

suor, e do sangue.

- Então você não é procurado, não é, Válter? Ou está naquela lista com um

nome diferente? Que casa você era em Hogwarts?

- Sonserina. - disse Harry automaticamente.

- Engraçado... Todos pensam que nós queremos ouvir isso. - zombou

Scabior fora das sombras - Mas nenhum deles nos dizer onde o Salão

Comunal deles fica.

- É nas masmorras, - disse Harry claramente - Você entra através da parede.

É repleto de crânios e é embaixo do lago, e as luzes são todas verdes.

Houve uma pequena pausa.

- Bem, parece que nós realmente pegamos um pequeno Sonserina. - disse

Scabior. - Bom pra você, Válter, porque não há muitos sangues-ruim da

Sonserina. Quem é seu pai?

- Ele trabalha no Ministério. - mentiu Harry. Sabia que toda sua história

poderia ser desmascarada com a menor das investigações, porém, tinha

somente um rosto fora de sua aparência usual enquanto o jogo estivesse

valendo. - Departamento de Acidentes e Catástrofes Mágicas.

- Você sabe que, Greyback, - disse Scabior - Eu acho que tem um Duda lá.

Harry podia finalmente respirar. Poderia a sorte, frágil sorte, deixá-los a

salvo nisso?

- Bem, bem, - disse Greyback, e Harry pôde ouvir a menor nota de

trepidação em sua dura voz, e soube que Greyback estava querendo saber

se tinha atacado o filho de um Oficial do Ministério. O coração de Harry

estava martelando devido seus esforços por sair da situação, não seria

surpresa que Greyback pudesse ver isso. - Se você está dizendo a verdade,

bicho, você não tem nada a temer em uma viagem ao Ministério. Eu espero

que seu pai vá nos recompensar por termos te pegado.

- Mas, - disse Harry, sua boca secando - Se você apenas nos deixar...

- Ei! - soou um grito vindo do interior da tenda - Veja isso, Greyback!

Uma figura negra veio agitada em direção a eles, e Harry viu um brilho

prateado sob a luz de suas varinhas. Ele haviam encontrado a espada de

Gryffindor.

- Muito bom! - disse Greyback, valorizando-o, e tirando o objeto de seu

companheiro. - Ah, muito bom, de fato. Parece feita por duendes. Onde

vocês conseguiram algo como isso?

- É do meu pai. - mentiu, torcendo para que estivesse muito escuro para

Greyback ler o nome gravado sob o punho da espada - Pegamos isso

emprestado para cortar lenha...

- Espere um minuto, Greyback! Olha isso aqui, no Profeta!

Ao Scabior dizer isso, a cicatriz de Harry, que estava apertada ao longo de

sua testa inchada, queimou brutalmente. Mais claramente do que ele

poderia perceber qualquer coisa ao seu redor, viu um alto edifício, uma

fortaleza terrível, cor de azeviche e ameaçadora: os pensamentos de

Voldemort de repente vieram, penetrantes novamente; ele estava

deslizando em direção ao enorme edifício, com uma sensação de um calmo

eufórico propósito.

- Tão perto... Tão perto...

Com um enorme esforço e força de vontade, Harry fechou sua mente para

os pensamentos de Voldemort, voltando sua atenção para onde ele estava

sentado, amarrado a Rony, Hermione, Dean e Griphook na escuridão,

ouvindo Greyback e Scabior.

- Hermione Granger, - Scabior disse. - A sangue-ruim que é conhecida por

viajar com o Harry Potter.

A cicatriz de Harry queimou no silêncio, mas ele fez um esforço grandioso

para se manter presente, para não penetrar na mente de Voldemort. Ouviu o

som das botas de Greyback enquanto ele se agaixava perto de Hermione.

- Sabe o que é, garotinha? Esse retrato parece muito com você...

- Não sou eu! Não sou eu! - o tom de terror e estarrecimento na voz de

Hermione era quase uma confissão.

- ... Conhecida viajar com Harry Potter. - repetiu Greyback, calmamente.

Uma continuidade pareceu se instaurar na cena. A cicatriz de Harry estava

estranhamente doendo, mas ele juntou todas as suas forças contra os

pensamentos de Voldemort. Nunca tinha sido tão importante para Harry

permanecer em sua própria mente.

- Isso muda as coisas, não é? - disse Greyback. Ninguém falou: Harry

sentiu a gangue de raptores olhando, congelados, e sentiu o braço de

hermione tremendo contra o seu. Greyback se levantou e deu alguns passos

até onde Harry estava, abaixou-se de novo, para chegar mais perto com

suas feições desfiguradas.

- O que é isso na sua testa, Válter? - perguntou amigavelmente, seu hálito

chegou em Harry enquanto ele pressionava o dedo contra a sua cicatriz.

- Não toque! - gritou Harry; ele não conseguia controlar a si mesmo,

achava que em qualquer momento passaria mal de tanta dor que estava

sentindo.

- Eu achava que você usava óculos, Potter. - suspirou Greyback.

- Eu achei o óculos! - gritou um dos raptores que estava mais para trás -

Havia óculos na barraca, Greyback, espere...

E um segundo depois os óculos de Harry estavam sendo colocados em sua

face. Os raptores estavam em volta dele agora, analisando-o.

- É isso! - bradou Greyback - Pegamos Potter!

Muitos deles deram alguns passos para trás, impressionados com o que

acabara de ocorrer. Harry, ainda lutando para manter sua própria mente,

não conseguia pensar em nada para dizer; Imagens fragmentadas estavam

surgindo em sua mente...

Estava escondido perto das grandes muralhas da fortaleza negra...

Não, ele era Harry, fora capturado e estava amarrado, em grande perigo...

Olhava para cima, para a janela mais alta, da torre mais alta...

Ele era Harry, e eles estavam discutindo seu destino em voz baixa...

- Hora de voar

- Para o Ministério?

- Para o inferno com o Ministério! - finalizou Greyback - Eles vão levar

todo o crédito, e nós não seríamos nem lembrados. Acho que deveríamos

levá-lo direto para Você-sabe-quem.

- Você vai convocá-lo agora, aqui? - perguntou Scabior, soando um pouco

aterrorizado.

- Não! - rosnou Greyback - Eu não quero. Dizem que eles estão usando a

Mansão dos Malfoy como base. Levaremos o garoto para lá.

Harry pensou que sabia o motivo de Greyback não chamar Voldemort. O

lobisomem tinha permissão de usar a roupa de Comensal da Morte quando

quisesse, mas apenas o círculo íntimo de Voldemort era presenteado com a

Marca Negra: Greyback não tinha sido contemplado com essa honra.

A cicatriz de Harry doeu novamente...

... E ele elevou-se na noite, voando logo acima das da mais alta torre...

- ... Completamente certo que é ele? Porque se não for, Greyback,

estaremos mortos.

- Quem está no comando aqui? - rugiu Greyback, acobertando seu

momento de incerteza - Eu digo que é o Potter, e ele mais a sua varinha,

são mil e duzentos galeões bem ali. Mas se vocês são muito covardes pra

vir junto, qualquer um de vocês, fica tudo pra mim, e com alguma sorte

ainda consigo ficar com a garota de lambujem.

- A janela era uma mera fenda na rocha negra, não era grande o suficiente

para um homem passar... Uma figura esquelética era visível através dela,

encolhida debaixo de um cobertor... Morto ou dormindo...?

- Tudo bem! - respondeu Scabior - Tudo bem! Estamos dentro! E quanto ao

resto, Greyback, o que faremos com eles?

- Melhor levar todos. Nós temos dois sangues-ruins, são mais dez galeões.

Dê-me a espada também. Se forem rubis, é mais uma pequena fortuna aqui.

Os prisioneiros foram forçados a ficarem de pé. Harry podia ouvir a

respiração de Hermione, rápida e aterrorizada.

- Segurem e amarrem bem firme. Eu cuido do Potter! - disse Greyback,

segurando uma mão cheia de cabelos de Harry; ele podia sentir as longas e

amarelas unhas arranhando seu couro cabeludo. - No três. Um, dois, três!

Eles desaparataram, puxando os prisioneiros junto com eles. Harry lutou,

tentando afastar a mão de Greyback, mas era inútil. Rony e Hermione

estavam apertados firmemente um de cada lado, não podia se separar do

grupo, e enquanto o ar era espremido para fora dele, sua cicatriz queimou

mais dolorosamente ainda.

Enquanto ele se forçava através da fresta da janela como se fosse uma

cobra e aterrissou, tão leve quanto vapor, dentro do cômodo que parecia

uma cela...

Os prisioneiros se chocaram uns contras os outros quando eles aterrissaram

numa travessa no campo. Os olhos de Harry, ainda inchados, levaram um

momento para se acostumar, então ele viu um par de portões de ferro

forjados aos pés do que parecia ser uma longa estrada. Ele experimentou

uma pequena sensação de alívio. O pior ainda não havia acontecido:

Voldemort não estava ali. Estava, Harry sabia, pois estava lutando para

resistir à visão, em algum lugar estranho, que parecia uma fortaleza, no

topo de uma torre. Quanto tempo demoraria até Voldemort chegar aonde

eles estavam, já era outra história... Um dos raptores foi até o portão e o

balançou.

- Como nós entramos? Eles estão trancados, Greyback. Eu não consigo -

Nossa!

Ele retirou suas mãos com medo. O ferro estava se contorcendo, torcendose das suas formas abstratas em um rosto amedrontador, que falou numa

voz retinindo e ecoando: "Diga seu propósito!"

- Nós temos o Potter! - rosnou Greyback, triunfante. - Nós capturamos

Harry Potter!

Os portões se abriram.

- Vamos! - disse Greyback aos seus homens, e os prisioneiros foram

empurrados através do portão em direção à estrada, entre cercas altas que

abafavam os seus passos. Harry viu uma forma branca fantasmagórica

acima dele, e percebeu que era um pavão albino. Tropeçou e foi posto em

pé por Greyback; agora ele estava cambaleando de lado; amarrados costasa-costas com os outros quatro prisioneiros. Fechando seus olhos, permitiu

que a dor em sua cicatriz tomasse conta dele por um momento, querendo

saber o que Voldemort estava fazendo, se ele já sabia ou não que Harry

havia sido pego...

A emagrecida figura se espreguiçou embaixo do seu fino cobertor e rolou

em sua profundos olhos abrindo num rosto caveiroso... O homem frágil se

sentou, grandes e fundos olhos fixados nele, em Voldemort, e então ele

sorriu. A maioria dos seus dentes não estava mais lá...

- Então você veio, eu achei que viesse... Um dia. Mas sua jornada foi à toa.

Eu nunca o tive.

- Você mente!

Enquanto a raiva de Voldemort pulsava dentro dele, a cicatriz de Harry

ameaçava explodir de dor, então forçou sua mente de volta ao seu corpo,

lutando para permanecer presente enquanto os prisioneiros eram

empurrados sobre o cascalho. Alguma luz caiu sobre todos eles.

- O que é isso? - perguntou fria voz de uma mulher.

- Nós estamos aqui para ver Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado! -

rosnou Greyback.

- Quem são vocês?

- Você me conhece! - disse a ressentida voz do lobisomem. - Fenrir

Greyback! Nós pegamos Harry Potter!

Greyback agarrou Harry e carregou-o até a luz, forçando os outros

prisioneiros a se moverem também.

- Eu sei que ele está inchado, senhora, mas é ele! - interviu Scabior - Se

você olhar um pouco mais perto, vai ver sua cicatriz. E essa aqui, vê a

garota? A sangue-ruim que estava viajando com ele, senhora. Não há

dúvida de que é ele, e nós pegamos a sua varinha também. Aqui, senhora.

Através de suas pálpebras inchadas, Harry viu Narcissa Malfoy

examinando minuciosamente seu rosto inchado. Scabior empurrou a

varinha de abrunheiro pra ela. Ela levantou suas sobrancelhas.

- Traga-os para dentro. - disse ela.

Harry e os outros foram empurrados e chutados por largos degraus de pedra

para dentro de um corredor alinhado com retratos.

- Sigam-me. - disse Narcissa, liderando o caminho através do corredor. -

Meu filho, Draco, está em casa para o feriado de Páscoa. Se esse é o Harry

Potter, ele saberá.

A sala de estar deslumbrava depois da escuridão lá fora; mesmo com seus

olhos quase fechados, Harry podia assimilar as enormes proporções da sala.

Um lustre de cristal estava pendurado no teto, mais retratos nas paredes

roxo-escuro. Duas figuras levantaram-se de poltronas em frente a uma

lareira ornada de mármore enquanto os prisioneiros eram forçados para

dentro da sala pelos raptores.

- O que é isso?

A voz arrastada terrivelmente familiar de Lucius Malfoy caiu nos ouvidos

de Harry. Estava entrado em pânico agora: não conseguia ver um jeito de

escapar, e era mais fácil, na medida em que seu medo aumentava, bloquear

os pensamentos de Voldemort, apesar da sua cicatriz ainda estar

queimando.

- Eles dizem que pegaram o Potter. - disse a voz fria de Narcissa. - Draco,

venha aqui.

Harry não ousou olhar diretamente para Draco, mas o viu obliquamente:

uma figura pouco mais alta que ele mesmo, levantando de uma poltrona,

seu rosto uma borrão pálido e pontudo embaixo de um cabelo loiro quase

branco. Greyback forçou os prisioneiros a girarem de novo para que Harry

ficasse bem abaixo do lustre.

- Então, garoto? - perguntou em um rosnado.

Harry estava encarando um espelho, acima da lareira, grande e dourado em

uma moldura intrincadamente enrolada. Através das fendas dos seus olhos,

ele se viu pela primeira vez desde que deixara Grimmauld Place. Seu rosto

estava gigante, brilhante e rosa, cada feição distorcida pelo feitiço de

Hermione. Seu cabelo negro alcançava seus ombros e havia uma sombra

escura ao redor em seu queixo. Se ele não soubesse que era ele que estava

ali, teria imaginado quem estava usando seus óculos. Resolveu não falar,

pois sua voz poderia entregá-lo, mas mesmo assim evitou contato visual

com Malfoy quando ele se aproximou.

- Bem, Draco... - disse Lucius Malfoy. Ele soava ávido. - É ele? É o Harry

Potter?

- Eu não... Eu não tenho certeza. - disse Draco, que estava mantendo-se

distante de Greyback, e parecia com tanto medo de olhar para o Harry,

quanto o Harry estava de olhar para ele.

- Mas olhe para ele com cuidado, olhe! Chegue mais perto! - Harry nunca

ouvira Lucius Malfoy tão excitado. - Draco, se formos nós que entregarmos

Harry Potter para o Lorde das Trevas, tudo será perdoado.

- Agora, nós não vamos esquecer quem foi que realmente o capturou, eu

espero, Sr. Malfoy. - disse Greyback,

Claro que não, claro que não. - disse Lucius impacientemente. Aproximouse de Harry, chegando tão perto que ele podia ver seu rosto geralmente

lânguido e pálido em pequenos detalhes, mesmo através dos seus olhos

inchados. Com seu rosto como uma máscara inchada, Harry sentia como se

estivesse espiando por entra as barras de uma jaula. - O que vocês fizeram

com ele? - Lucius perguntou para Greyback. - Como ele ficou nesse

estado?

- Não fomos nós.

- Parece um Feitiço de Ferroadas pra mim. - disse Lucius. Seus olhos cinza

vasculharam Harry. - Tem alguma coisa aqui - murmurou Lucius. - Poderia

ser a cicatriz esticada... Draco, venha aqui, olhe direito! O que você acha?

Harry viu o rosto de Draco bem perto agora, bem ao lado do de seu pai.

Eles eram extraordinariamente parecidos, exceto que enquanto seu pai

parecia fora de si de tanta excitação, a expressão de Draco estava cheia de

relutância, até mesmo medo.

- Eu não sei. - ele disse, e caminhou em direção à lareira, onde sua mãe

estava assistindo.

- É melhor que tenhamos certeza, Lucius. - Narcissa chamou por seu

marido em sua clara e fria voz. - Completamente certos de que é o Potter,

antes de chamarmos o Lorde das Trevas... Eles dizem que isso é dele. - ela

estava segurando a varinha de abrunheiro - Mas não parece com a

descrição do Olivaras... Se nós estivermos enganados, se chamarmos o

Lorde das Trevas aqui para nada... Lembra o que ele fez com Rowle e

Dolohov?

- E quanto à sangue-ruim, então? - grunhiu Greyback. Harry quase caiu

quando os raptores forçaram os prisioneiros a girar novamente para que a

luz caísse sobre Hermione.

- Espere! - disse Narcissa prontamente. - Sim, sim, ela estava na Madame

Malkins com o Potter! Eu vi a sua foto no Profeta! Olhe, Draco, não é a

garota Granger?

- Eu... Talvez... É!

- Mas então, esse é o garoto Weasley! - gritou Lucius, rodeando os

prisioneiros amarrados para encarar Ron. - São eles, os amigos de Potter,

Draco? Olhe para ele, não é o filho do Arthur Weasley, qual é o nome dele?

- É! - disse Draco novamente - Pode ser.

A porta da sala de visitas abriu-se atrás de Harry. Uma mulher falou, e o

som de sua voz feriu o medo de Harry ainda mais.

- O que é isso? O que aconteceu, Cissy?

Bellatrix Lestrange andou lentamente entre os prisioneiros e parou à direita

de Harry, encarando Hermione, através de seu olhos pesados.

- Mas certamente... - disse ela - Essa é a garota sangue-ruim? Essa é a

Granger?

- Sim, sim, essa é a Granger! - exclamou Lucius - E junto dela, nós

achamos Potter! Potter e seus amigos, pegos por fim!

- Potter? - clamou Bellatriz, então virou-se para olhar melhor para Harry -

Você tem certeza? Bem, então o Lorde das Trevas tem que ser informado

de uma vez por todas!

Ela puxou a manga esquerda: Harry viu a Marca Negra queimada na carne

do braço dela, e sabia que ela estava prestes a tocá-la, para notificar seu

amado mestre...

- Eu ia chamar ele! - disse Lucius, e na verdade sua mão segurava o pulso

de Bellatrix, prevenindo-a de tocar na Marca - Eu devo chamá-lo, Bella.

Potter foi trazido para a minha casa e por isso está sob minha autoridade...

- Sua autoridade?! - perguntou em tom de escárnio, cuidando de arrancar a

mão dela de suas garras. - Você perdeu sua autoridade quando perdeu sua

varinha, Lucius! Como ousa? Tire suas mãos de mim!

- Isto não é da sua conta, você não pegou o garoto...

- Com o seu perdão, Senhor Malfoy, - interferiu Greyback - mas fomos nós

quem capturamos Potter, e somos nós que reclamaremos o ouro...

- Ouro?! - riu Bellatrix, ainda na tentativa de afastar seu cunhado, sua mão

livre apalpando o seu bolso à procura da varinha. - Pegue seu ouro, seu lixo

imundo, o que eu quero com ouro? Busco somente a honra dessa... Dessa...

Ela parou de lutar, seus olhos escuros se fixaram sobre algo que Harry não

pôde ver. Jubilante da rendição dela, Lucius largou a mão dela de si e

levantou a sua própria manga.

- PARE! - Gritou Bellatrix - Não toque isso, todos nós iremos morrer se o

Lorde das Trevas vier agora!

Lucius congelou, seu indicador suspenso no ar acima da sua Marca.

Bellatrix andou a passos largos para fora do campo de visão de Harry.

- O que é isso? - ouviu ela dizer.

- Espada... - grunhiu um dos raptores fora de vista.

- Dê-me isso!

- Não é sua, senhorita, é minha, eu creio que fui eu quem achou!

Houve um barulho e um flash de luz vermelha; Harry sabia que um deles

tinha sido estuporado.

Houve um rugido de raiva dos amigos dele: Scabior pegou a varinha.

- Com quem você acha que está brincando, mulher?

- Estupefaça! - ela gritou - Estupefaça!

Eles não eram páreo para ela, mesmo que houvesse quatro deles contra ela.

Ela era uma bruxa, pelo que Harry sabia, com uma habilidade prodigiosa e

sem consciência. Eles caíram de onde estavam, todos exceto Greyback, que

foi forçado a se agachar, seus braços estendidos. Fora dos cantos de seus

olhos, Harry viu Bellatrix indo contra o lobisomem, a espada de Gryffindor

apertada firmemente na mão dela, sua expressão firme.

- Onde você pegou essa espada?! - murmurou para Greyback enquanto

ela

puxava a varinha

de sua mão.

- Como você tem coragem? - rosnou ele, sua boca era a única coisa ele

conseguia mexer enquanto ele era forçado a contemplá-la. Mostrou seus

dentes pontudos. - Liberte-me, mulher!

- Onde você achou essa espada? - repetiu, brandindo a varinha em sua cara

- Snape a enviou para o meu cofre no Gringotes!

- Ela estava com eles! - falou Greyback - Liberte-me, eu digo!

Ela brandiu a varinha e o lobo pulou nos seus pés, mas parecia muito

cauteloso de se aproximar dela. Ele se escondeu de um armário, suas

imundas unhas curvas agarrando as costas dele.

- Draco, tire essa escória daí! - disse Bellatrix, indicando o homem

inconsciente. - Se você não tiver coragem para dar um fim neles, leve-os

para o para jardim para mim.

- Você não ouse falar para Draco como... - disse Narcissa furiosamente,

mas Bellatrix gritou.

- Fique quieta! A situação está mais grave do voce sequer possa imaginar,

Cissy! Nós temos um sério problema.

Ela se levantou, ofegando ligeiramente, olhando para baixo da espada,

examindando o cabo. Então tornou a olhar o silencioso prisioneiro.

- Se este é realmente o Potter, ele não pode ser ferido. - resmungou, mais

para si que para os outros - O Lord das Trevas quer dar um fim no Potter...

Mas se ele descobrir... Eu tenho... Eu tenho que saber...

Voltou-se para a irmã novamente.

- O prisioneiro tem que ser colocado na cela, enquanto eu penso no que

fazer!

- Esta é a minha casa, Bella, e você não dita ordens na minha...

- Faça isso! Voce não tem idéia do perigo que corremos! - gritou Bellatrix.

Olhou assustada, louca, e uma fina brasa de fogo saiu de sua varinha,

queimando um buraco no carpete.

Narcissa hesitou por um momento, então se dirigiu ao lobisomem.

- Leve esses prisioneiros para a cela, Greyback!

- Espere... - disse Bellatrix violentamene - Todos exceto... Exceto a sangueruim.

Grayback deu um uivo de prazer.

- Não! - gritou Rony - Você pode ter a mim, fique comigo!

Bellatrix acertou a face de Rony e o barulho da bofetada ecoou pelo lugar.

- Se ela morrer enquanto a interrogamos, pegarei você depois. - falou -

Traidores de sangue são depois de Sangues-sujo pra mim. Leve eles para

baixo, Greyback, e faça com que eles fiquem seguros, mas não faça mais

nada com eles, ainda.

la jogou a varinha de Greyback de volta para ele, então pegou uma pequena

faca prateada de dentro de suas vestes. Libertou Hermione dos outros

prisioneiros, então arrastou ela pelo cabelo até o meio da sala, enquanto

Greyback forçava o resto deles a passar por outra porta em uma passagem

sombria, sua varinha segura a sua frente, protegendo-o com uma invisível e

irresistível força.

- Será que ela me dá um pedaço da garota quando ela terminar com ela? -

sussurou Greyback enquanto os forçava ao longo do corretor. - Acho que

pegaria um pedaço ou dois, não?

Harry podia sentir Rony tremendo. Eles foram forçados a descer as

escadas, ainda amarrados virados uns para os outros e com o perigo de

escorregar e quebrar seu pescoço em qualquer momento. Em baixo havia

uma pesada porta. Greyback destrancou com um toque de sua varinha,

então os forçou a entrar na úmida e mofada sala e depois ficaram em uma

escuridão total. A ecoante batida da porta da cela ainda não havia morrido

antes de um tenso e terrível grito os alcançar.

- HERMIONE! - gritou Rony, começando a se contorcer e lutar contra as

cordas que os prendiam.

- Fique quieto! - falou Harry - Cale a boca. Rony, precisamos trabalhar em

uma forma...

- HERMIONE! HERMIONE!

- Nós precisamos de de um plano, pare de gritar... Nós precisamos sair

daqui...

- Harry? - veio um sussuro da escuridão. - Rony? São vocês?

Rony parou de gritar. Havia um som de movimentação perto deles, então

Harry viu uma sombra se movendo perto.

- Harry? Rony?

- Luna?

- Sim, sou eu. Ah não,eu nao queria ser pega!

- Luna, você pode nos ajudar a tirar essas cordas? - perguntou Harry.

- Ah, sim, eu espero que sim... Tem um prego velho. Podemos usar se

precisar quebrar alguma coisa... Só um instante...

Um grito de Hermione veio de novo, e eles podiam ouvir Bellatrix gritando

também, mas as suas palavras eram inaudiveis, Rony gritou de novo

"Hermione!Hermione!"

- Sr. Olivaras? - Harry podia ouvir Luna dizendo - Sr. Olivaras,você tem o

prego? Se você se mover só um pouco... Eeu acho que estava atras do jarro

de água.

Ela voltou em alguns segundos.

- Você precisa aguentar firme - disse ela.

Harry podia sentir ela cortando as cordas e o nó se afrouxando. Ouviram a

voz de Bellatrix vindo do andar de cima.

- Eu vou te perguntar de novo! Aonde você conseguiu essa espada?

AONDE?

- Nós a achamos, por favor! - Hermione gritava de novo; Rony se esforçava

mais do que nunca, e a corda começou a escorregar para o pulso de Harry.

- Rony, por favor, fique parado. - disse Luna - Eu não consigo enxergar o

que estou fazendo...

- Meu bolso! - exclamou Rony - No meu bolso esta o apagueiro, e ele esta

cheio de luz!

Alguns segundos depois,um som de click, e as esferas luminescentes que o

apagueiro tinha sugado das lâmpadas começaram a voar: incapaz de voltar

de onde vieram elas simplesmente ficaram ali como pequenos sóis enxendo

o lugar com luz. Harry viu Luna, todos os olhos focados no seu rosto

pálido, e a figura de Olivaras, o fabricante de varinhas, curvado no chão no

corredor. Dean e Griphook, o duende, que parecia pouco consciente,

mantiveram-se parados pelas cordas que os outros haviam colocado neles.

- Assim fica muito mais fácil, obrigada, Rony. - disse Luna, então ela

começou a cortar as cordas de novo - Olá, Dean!

Do andar de cima veio a voz de Belatrix.

- Você está mentindo, sua sangue-ruim, e eu sei disso! Você esteve dentro

do meu cofre em Gringotes! Diga a verdade, a verdade!

Outro grito terrivel.

- HERMIONE!

- O que mais você pegou? O que mais você pegou? Me diga a verdade ou,

eu juro, eu irei enterrar em você essa faca!

- Ali!

Harry sentiu as cordas caírem, então virou-se a tempo de ver Rony

correndo pela prisão, olhando para cima da cela, procurando uma porta

para sair. Dean, sua face coberta de sangue, disse "Obrigado" para Luna e

ficou ali, mas Griphook caiu no chão, parecendo desorientado. Rony agora

tentava desaparatar sem uma varinha.

- Nao há como sair, Rony. - disse Luna, olhando os seus esforços inúteis -

A prisão é completamente a prova de fugas. Eu tentei. Primeiro, Sr.

Olivaras está aqui há muito tempo e ele já tentou de tudo.

Hermione estava gritando de novo: seu grito atingiu Harry como uma dor

física, sua cicatriz doía tão intensamente que ele chegou ao limite da

consciência. Começou a correr em volta do porão, apalpando as paredes em

busca de algo que seu coração considerava inútil.

- O quê mais você sabe? O QUÊ MAIS? CRUCIO!

O grito de Hermione ecoou pelas paredes subterrâneas. Rony estava quase

chorando, enquanto batia na parede com seus próprios pulsos, e Harry, no

ápice do desespero, colocou a bolsa de Hagrid em volta do pescoço e tateou

às cegas em busca de algo: ele tirou o Pomo de Dumbledore e o balançou,

esperando qualquer coisa, porém nada aconteceu. Apontou os fragmentos

da varinha de Fênix, mas elas já não funcionavam. O fragmento do espelho

caiu no chão, então pôde ver um lampejo azul brilhante. Um olho de

Dumbledore estava o encarando.

- Nos salve! - gritou desesperado. - Nós estamos no porão da Mansão

Malfoy, nos salve!

O olho piscou para ele e desapareceu. Harry não tinha certeza se ele

realmente esteve ali. Inclinou o espelho de todas as maneiras possíveis e

não viu nada além das paredes e do teto de sua prisão, e logo acima

Hermione gritava mais forte do que nunca, e próximo a ele Rony berrava

"HERMIONE! HERMIONE!".

- Como você entrou lá? - ouviram Belatrix berrar - Aquele elfo nojento do

porão lhe ajudou?

- Nós só o encontramos essa noite! - disse Hermione. - Nós nunca

estivemos lá dentro... Não é a espada verdadeira! É uma cópia, só uma

cópia!

- Uma cópia? - gritava Belatrix cada vez mais - Ah, que história

emocionante!

- Mas nós podemos descobrir isso fácil, fácil! - Dessa vez era Lúcio quem

falava - Draco, traga o elfo. Ele pode nos dizer se a espada é verdadeira ou

não.

Harry se lançou pela cela para onde Griphook estava jogado no chão.

- Griphool, - sussurrou para o Duende - você deve contar que a espada é

falsa, eles não vão saber se ela é a real, Griphook, por favor...

Ele pode ouvir os passos de alguém descendo para a cela, e no próximo

momento, a tremida voz de Draco falou de trás da porta.

- Em pé. Fique contra a parede. Não tente nada, ou eu te mato!

Eles ficaram como se ainda estivessem presos, e quando a porta se fechou,

Rony usou novamente o Apagueiro e todas as luzes voltaram para o objeto,

restaurando a escuridão inicial da cela. A porta foi aberta: Malfoy entrou

com a varinha apontada para frente, pálido e determinado. Segurou o

pequeno duedo com o braço e voltou novamente, arrastando Griphook com

ele. A porta bateu e no mesmo momento um "crack" ecoou dentro da cela.

Rony apertou no Apagueiro. Três bolas de luz voltaram de seu bolso para o

ar, revelando Dobby, o elfo doméstico, que apareceu aparatando no meio

deles.

- DOB...!

Harry bateu em Rony com o braço para calar ele, e Rony olhou

amedrontado por seu erro. Passos cruzaram o lugar enquanto Draco levava

Griphook para Belatrix.

Os enormes, largos olhos em forma de bola de tênis de Dobby estavam ali.

Ele tremia dos pés até as pontas de suas orelhas. Ele voltara para a casa de

seus velhos mestres, e estava claro que ele estava paralizado de medo.

- Harry Potter. - guinchou na menor voz que lhe foi possível - Dobby veio

resgatar você.

- Mas como você...?

- Um terrível grito interrompeu as palavras de Harry: Hermione estava

sendo torturada novamente. Ele parou para o essencial.

- Você pode desaparatar dessa cela? - perguntou para Dobby, que aceno

com a cabeça.

- E você pode levar humanos com você?

Dobby confirmou com um aceno de cabeça de novo.

- Certo. Dobby, eu quero que você pegue Luna, Dean e o Sr. Olivaras e

leve-os daqui... Para... para...

- Gui e Fleur. - falou Rony - Cabana de Conchas, nos arredores de

Tinworth!

O elfo acenou positivamente pela terceira vez.

- Então volte aqui. - falou Harry - Você pode fazer isso, Dobby?

- Claro, Harry Potter. - sussurrou o pequeno elfo. Ele correu até o Sr.

Olivaras, que pareceu levemente consciente. Pegou uma das mãos do feitor

de varinhas em sua própria, então deu a outra para Luna e Dean, porém

nenhum dos dois se moveu.

- Harry, nós queremos te ajudar! - sussurrou Luna.

- Não podemos te deixar aqui! - falou Dean.

- Vão, os dois! Nós veremos vocês na casa do Gui e da Fleur.

Enquanto Harry falava, sua cicatriz pareceu pior que nunca, e por alguns

segundos olhou para baixo, não para o feitor de varinhas, mas para outro

homem que estava muito velho e magro, mas ria com desdém.

- Mate-me, então, Voldemort. A morte é bem-vinda! Mas minha morte não

irá trazer o que você procura... Tem muitas coisas que você não entende...

Sentiu a fúria de Voldemort, mas Hermione havia gritado novamente, então

retornou para a cela e para o horror de sua própria pessoa.

- Vão! - ordenou para Luna e Dean - Vão! Vamos seguir vocês, mas agora

vão!

Eles agarraram nos dedos do elfo. Então houve outro "crack", e Dobby,

Luna, Dean e Olivaras haviam sumido.

- O que foi aquilo? - gritou Lucius Malfoy do topo de suas cabeças - Vocês

ouviram isso? O que foi esse barulho na cela?

Harry e Rony se encararam.

- Draco, não, chame Rabicho! Faça ele ir checar!

Passos cruzaram a sala acima deles, e logo ficou em silêncio. Harry sabia

que as pessoas na sala de cima haviam ouvido mais barulhos da cela.

- Nós teremos que tentar atacar ele. - sussurrou para Rony. Eles não tinham

escolha: no momento em quem entrassem no lugar e vissem que três

prisioneiros haviam sumido, estariam perdidos - Deixei as luzes ligadas... -

Adicionou, então ouviram passos do lado de fora da porta. Voltaram para

perto da parede de cada lado do lugar.

- Afastem-se. - veio a voz de Rabicho - Fiquem longe da porta. Estou

entrando.

A porta abriu. Por um segundo Rabicho observou a cela aparentemente

vazia, incandescente por luzes de três sóis de miniatura flutuando no ar.

Então Harry e Rony lançaram-se sobre ele. Rony agarrou o braço em que

estava a varinha do homem e forçou para cima. Harry levou uma mão para

sua boca, impedindo sua voz. Brigaram silenciosamente: a varinha de

Rabicho emitindo centelhas, sua mão fechada em torno da gargante de

Harry.

- O que foi, Rabicho? - chamou Lucius Malfoy de cima.

- Nada! - Rony respondeu, numa razoável imitação de voz esganiçada de

Rabicho - Está tudo bem!

Harry mal conseguia respirar.

- Você vai me matar? - disse Harry chocado, tentando se livrar dos dedos

prateados - Depois que eu salvei sua vida? Você me deve uma, Rabicho!

Os dedos prateados se afrouxaram. Harry não esperava isso: ele se

encontrou livre, atônito, mantendo sua varinha sobre a boca de Rabicho.

Viu os marejados olhos do pequeno homem rato abertos com medo e

surpresa. Parecia tão chocado quanto Harry pelo que sua mão tinha feito,

no fraco e misericordioso impulso que teve, então continuou a estrangular

mais forte, como forma de desfazer aquele momento de fraqueza.

- A gente vai ficar com isso! - sussurrou Rony, tomando a varinha de

Rabicho de sua mão.

Desarmado, acuado, as pupilas de Petigrew se dilaram de medo. Seu olhos

passaram do rosto de Harry para alguma outra coisa. Seus próprios dedos

estavam se movendo pra sua própria garganta.

- Não!

Sem parar pra pensar, Harry tentou parar a mão, mas não havia como. A

mão prateada que Voldemort deu ao seu servo mais covarde tinha se virado

ao seu desarmado e fraco dono. Pettigrew estava sendo punido pelo seu

momento de hesitação, seu momento de misericórdia; ele estava sendo

estrangulado diante dos seus olhos.

- Não! - Rony se juntou a Harry também, e juntos tentaram separar os

dedos de metal do pescoço de Rabicho, enquanto Pettigrew já estava

ficando azul.

- Relashio! - falou Rony, apontando a varinha para a mão prateada, mas

nada acotneceu; Pettigrew caiu de joelhos, e no mesmo momento,

Hermione deu um grito terrível em cima deles. Os olhos de Rabicho

viravam em sua face púrpura, então se debateu pela última vez, e ficou

imóvel.

Claro que não, claro que não. - disse Lucius impacientemente. Aproximouse de Harry, chegando tão perto que ele podia ver seu rosto geralmente

lânguido e pálido em pequenos detalhes, mesmo através dos seus olhos

inchados. Com seu rosto como uma máscara inchada, Harry sentia como se

estivesse espiando por entra as barras de uma jaula. - O que vocês fizeram

com ele? - Lucius perguntou para Greyback. - Como ele ficou nesse

estado?

- Não fomos nós.

- Parece um Feitiço de Ferroadas pra mim. - disse Lucius. Seus olhos cinza

vasculharam Harry. - Tem alguma coisa aqui - murmurou Lucius. - Poderia

ser a cicatriz esticada... Draco, venha aqui, olhe direito! O que você acha?

Harry viu o rosto de Draco bem perto agora, bem ao lado do de seu pai.

Eles eram extraordinariamente parecidos, exceto que enquanto seu pai

parecia fora de si de tanta excitação, a expressão de Draco estava cheia de

relutância, até mesmo medo.

- Eu não sei. - ele disse, e caminhou em direção à lareira, onde sua mãe

estava assistindo.

- É melhor que tenhamos certeza, Lucius. - Narcissa chamou por seu

marido em sua clara e fria voz. - Completamente certos de que é o Potter,

antes de chamarmos o Lorde das Trevas... Eles dizem que isso é dele. - ela

estava segurando a varinha de abrunheiro - Mas não parece com a

descrição do Olivaras... Se nós estivermos enganados, se chamarmos o

Lorde das Trevas aqui para nada... Lembra o que ele fez com Rowle e

Dolohov?

- E quanto à sangue-ruim, então? - grunhiu Greyback. Harry quase caiu

quando os raptores forçaram os prisioneiros a girar novamente para que a

luz caísse sobre Hermione.

- Espere! - disse Narcissa prontamente. - Sim, sim, ela estava na Madame

Malkins com o Potter! Eu vi a sua foto no Profeta! Olhe, Draco, não é a

garota Granger?

- Eu... Talvez... É!

- Mas então, esse é o garoto Weasley! - gritou Lucius, rodeando os

prisioneiros amarrados para encarar Ron. - São eles, os amigos de Potter,

Draco? Olhe para ele, não é o filho do Arthur Weasley, qual é o nome dele?

- É! - disse Draco novamente - Pode ser.

A porta da sala de visitas abriu-se atrás de Harry. Uma mulher falou, e o

som de sua voz feriu o medo de Harry ainda mais.

- O que é isso? O que aconteceu, Cissy?

Bellatrix Lestrange andou lentamente entre os prisioneiros e parou à direita

de Harry, encarando Hermione, através de seu olhos pesados.

- Mas certamente... - disse ela - Essa é a garota sangue-ruim? Essa é a

Granger?

- Sim, sim, essa é a Granger! - exclamou Lucius - E junto dela, nós

achamos Potter! Potter e seus amigos, pegos por fim!

- Potter? - clamou Bellatriz, então virou-se para olhar melhor para Harry -

Você tem certeza? Bem, então o Lorde das Trevas tem que ser informado

de uma vez por todas!

Ela puxou a manga esquerda: Harry viu a Marca Negra queimada na carne

do braço dela, e sabia que ela estava prestes a tocá-la, para notificar seu

amado mestre...

- Eu ia chamar ele! - disse Lucius, e na verdade sua mão segurava o pulso

de Bellatrix, prevenindo-a de tocar na Marca - Eu devo chamá-lo, Bella.

Potter foi trazido para a minha casa e por isso está sob minha autoridade...

- Sua autoridade?! - perguntou em tom de escárnio, cuidando de arrancar a

mão dela de suas garras. - Você perdeu sua autoridade quando perdeu sua

varinha, Lucius! Como ousa? Tire suas mãos de mim!

- Isto não é da sua conta, você não pegou o garoto...

- Com o seu perdão, Senhor Malfoy, - interferiu Greyback - mas fomos nós

quem capturamos Potter, e somos nós que reclamaremos o ouro...

- Ouro?! - riu Bellatrix, ainda na tentativa de afastar seu cunhado, sua mão

livre apalpando o seu bolso à procura da varinha. - Pegue seu ouro, seu lixo

imundo, o que eu quero com ouro? Busco somente a honra dessa... Dessa...

Ela parou de lutar, seus olhos escuros se fixaram sobre algo que Harry não

pôde ver. Jubilante da rendição dela, Lucius largou a mão dela de si e

levantou a sua própria manga.

- PARE! - Gritou Bellatrix - Não toque isso, todos nós iremos morrer se o

Lorde das Trevas vier agora!

Lucius congelou, seu indicador suspenso no ar acima da sua Marca.

Bellatrix andou a passos largos para fora do campo de visão de Harry.

- O que é isso? - ouviu ela dizer.

- Espada... - grunhiu um dos raptores fora de vista.

- Dê-me isso!

- Não é sua, senhorita, é minha, eu creio que fui eu quem achou!

Houve um barulho e um flash de luz vermelha; Harry sabia que um deles

tinha sido estuporado.

Houve um rugido de raiva dos amigos dele: Scabior pegou a varinha.

- Com quem você acha que está brincando, mulher?

- Estupefaça! - ela gritou - Estupefaça!

Eles não eram páreo para ela, mesmo que houvesse quatro deles contra ela.

Ela era uma bruxa, pelo que Harry sabia, com uma habilidade prodigiosa e

sem consciência. Eles caíram de onde estavam, todos exceto Greyback, que

foi forçado a se agachar, seus braços estendidos. Fora dos cantos de seus

olhos, Harry viu Bellatrix indo contra o lobisomem, a espada de Gryffindor

apertada firmemente na mão dela, sua expressão firme.

- Onde você pegou essa espada?! - murmurou para Greyback enquanto

ela

puxava a varinha

de sua mão.

- Como você tem coragem? - rosnou ele, sua boca era a única coisa ele

conseguia mexer enquanto ele era forçado a contemplá-la. Mostrou seus

dentes pontudos. - Liberte-me, mulher!

- Onde você achou essa espada? - repetiu, brandindo a varinha em sua cara

- Snape a enviou para o meu cofre no Gringotes!

- Ela estava com eles! - falou Greyback - Liberte-me, eu digo!

Ela brandiu a varinha e o lobo pulou nos seus pés, mas parecia muito

cauteloso de se aproximar dela. Ele se escondeu de um armário, suas

imundas unhas curvas agarrando as costas dele.

- Draco, tire essa escória daí! - disse Bellatrix, indicando o homem

inconsciente. - Se você não tiver coragem para dar um fim neles, leve-os

para o para jardim para mim.

- Você não ouse falar para Draco como... - disse Narcissa furiosamente,

mas Bellatrix gritou.

- Fique quieta! A situação está mais grave do voce sequer possa imaginar,

Cissy! Nós temos um sério problema.

Ela se levantou, ofegando ligeiramente, olhando para baixo da espada,

examindando o cabo. Então tornou a olhar o silencioso prisioneiro.

- Se este é realmente o Potter, ele não pode ser ferido. - resmungou, mais

para si que para os outros - O Lord das Trevas quer dar um fim no Potter...

Mas se ele descobrir... Eu tenho... Eu tenho que saber...

Voltou-se para a irmã novamente.

- O prisioneiro tem que ser colocado na cela, enquanto eu penso no que

fazer!

- Esta é a minha casa, Bella, e você não dita ordens na minha...

- Faça isso! Voce não tem idéia do perigo que corremos! - gritou Bellatrix.

Olhou assustada, louca, e uma fina brasa de fogo saiu de sua varinha,

queimando um buraco no carpete.

Narcissa hesitou por um momento, então se dirigiu ao lobisomem.

- Leve esses prisioneiros para a cela, Greyback!

- Espere... - disse Bellatrix violentamene - Todos exceto... Exceto a sangueruim.

Grayback deu um uivo de prazer.

- Não! - gritou Rony - Você pode ter a mim, fique comigo!

Bellatrix acertou a face de Rony e o barulho da bofetada ecoou pelo lugar.

- Se ela morrer enquanto a interrogamos, pegarei você depois. - falou -

Traidores de sangue são depois de Sangues-sujo pra mim. Leve eles para

baixo, Greyback, e faça com que eles fiquem seguros, mas não faça mais

nada com eles, ainda.

la jogou a varinha de Greyback de volta para ele, então pegou uma pequena

faca prateada de dentro de suas vestes. Libertou Hermione dos outros

prisioneiros, então arrastou ela pelo cabelo até o meio da sala, enquanto

Greyback forçava o resto deles a passar por outra porta em uma passagem

sombria, sua varinha segura a sua frente, protegendo-o com uma invisível e

irresistível força.

- Será que ela me dá um pedaço da garota quando ela terminar com ela? -

sussurou Greyback enquanto os forçava ao longo do corretor. - Acho que

pegaria um pedaço ou dois, não?

Harry podia sentir Rony tremendo. Eles foram forçados a descer as

escadas, ainda amarrados virados uns para os outros e com o perigo de

escorregar e quebrar seu pescoço em qualquer momento. Em baixo havia

uma pesada porta. Greyback destrancou com um toque de sua varinha,

então os forçou a entrar na úmida e mofada sala e depois ficaram em uma

escuridão total. A ecoante batida da porta da cela ainda não havia morrido

antes de um tenso e terrível grito os alcançar.

- HERMIONE! - gritou Rony, começando a se contorcer e lutar contra as

cordas que os prendiam.

- Fique quieto! - falou Harry - Cale a boca. Rony, precisamos trabalhar em

uma forma...

- HERMIONE! HERMIONE!

- Nós precisamos de de um plano, pare de gritar... Nós precisamos sair

daqui...

- Harry? - veio um sussuro da escuridão. - Rony? São vocês?

Rony parou de gritar. Havia um som de movimentação perto deles, então

Harry viu uma sombra se movendo perto.

- Harry? Rony?

- Luna?

- Sim, sou eu. Ah não,eu nao queria ser pega!

- Luna, você pode nos ajudar a tirar essas cordas? - perguntou Harry.

- Ah, sim, eu espero que sim... Tem um prego velho. Podemos usar se

precisar quebrar alguma coisa... Só um instante...

Um grito de Hermione veio de novo, e eles podiam ouvir Bellatrix gritando

também, mas as suas palavras eram inaudiveis, Rony gritou de novo

"Hermione!Hermione!"

- Sr. Olivaras? - Harry podia ouvir Luna dizendo - Sr. Olivaras,você tem o

prego? Se você se mover só um pouco... Eeu acho que estava atras do jarro

de água.

Ela voltou em alguns segundos.

- Você precisa aguentar firme - disse ela.

Harry podia sentir ela cortando as cordas e o nó se afrouxando. Ouviram a

voz de Bellatrix vindo do andar de cima.

- Eu vou te perguntar de novo! Aonde você conseguiu essa espada?

AONDE?

- Nós a achamos, por favor! - Hermione gritava de novo; Rony se esforçava

mais do que nunca, e a corda começou a escorregar para o pulso de Harry.

- Rony, por favor, fique parado. - disse Luna - Eu não consigo enxergar o

que estou fazendo...

- Meu bolso! - exclamou Rony - No meu bolso esta o apagueiro, e ele esta

cheio de luz!

Alguns segundos depois,um som de click, e as esferas luminescentes que o

apagueiro tinha sugado das lâmpadas começaram a voar: incapaz de voltar

de onde vieram elas simplesmente ficaram ali como pequenos sóis enxendo

o lugar com luz. Harry viu Luna, todos os olhos focados no seu rosto

pálido, e a figura de Olivaras, o fabricante de varinhas, curvado no chão no

corredor. Dean e Griphook, o duende, que parecia pouco consciente,

mantiveram-se parados pelas cordas que os outros haviam colocado neles.

- Assim fica muito mais fácil, obrigada, Rony. - disse Luna, então ela

começou a cortar as cordas de novo - Olá, Dean!

Do andar de cima veio a voz de Belatrix.

- Você está mentindo, sua sangue-ruim, e eu sei disso! Você esteve dentro

do meu cofre em Gringotes! Diga a verdade, a verdade!

Outro grito terrivel.

- HERMIONE!

- O que mais você pegou? O que mais você pegou? Me diga a verdade ou,

eu juro, eu irei enterrar em você essa faca!

- Ali!

Harry sentiu as cordas caírem, então virou-se a tempo de ver Rony

correndo pela prisão, olhando para cima da cela, procurando uma porta

para sair. Dean, sua face coberta de sangue, disse "Obrigado" para Luna e

ficou ali, mas Griphook caiu no chão, parecendo desorientado. Rony agora

tentava desaparatar sem uma varinha.

- Nao há como sair, Rony. - disse Luna, olhando os seus esforços inúteis -

A prisão é completamente a prova de fugas. Eu tentei. Primeiro, Sr.

Olivaras está aqui há muito tempo e ele já tentou de tudo.

Hermione estava gritando de novo: seu grito atingiu Harry como uma dor

física, sua cicatriz doía tão intensamente que ele chegou ao limite da

consciência. Começou a correr em volta do porão, apalpando as paredes em

busca de algo que seu coração considerava inútil.

- O quê mais você sabe? O QUÊ MAIS? CRUCIO!

O grito de Hermione ecoou pelas paredes subterrâneas. Rony estava quase

chorando, enquanto batia na parede com seus próprios pulsos, e Harry, no

ápice do desespero, colocou a bolsa de Hagrid em volta do pescoço e tateou

às cegas em busca de algo: ele tirou o Pomo de Dumbledore e o balançou,

esperando qualquer coisa, porém nada aconteceu. Apontou os fragmentos

da varinha de Fênix, mas elas já não funcionavam. O fragmento do espelho

caiu no chão, então pôde ver um lampejo azul brilhante. Um olho de

Dumbledore estava o encarando.

- Nos salve! - gritou desesperado. - Nós estamos no porão da Mansão

Malfoy, nos salve!

O olho piscou para ele e desapareceu. Harry não tinha certeza se ele

realmente esteve ali. Inclinou o espelho de todas as maneiras possíveis e

não viu nada além das paredes e do teto de sua prisão, e logo acima

Hermione gritava mais forte do que nunca, e próximo a ele Rony berrava

"HERMIONE! HERMIONE!".

- Como você entrou lá? - ouviram Belatrix berrar - Aquele elfo nojento do

porão lhe ajudou?

- Nós só o encontramos essa noite! - disse Hermione. - Nós nunca

estivemos lá dentro... Não é a espada verdadeira! É uma cópia, só uma

cópia!

- Uma cópia? - gritava Belatrix cada vez mais - Ah, que história

emocionante!

- Mas nós podemos descobrir isso fácil, fácil! - Dessa vez era Lúcio quem

falava - Draco, traga o elfo. Ele pode nos dizer se a espada é verdadeira ou

não.

Harry se lançou pela cela para onde Griphook estava jogado no chão.

- Griphool, - sussurrou para o Duende - você deve contar que a espada é

falsa, eles não vão saber se ela é a real, Griphook, por favor...

Ele pode ouvir os passos de alguém descendo para a cela, e no próximo

momento, a tremida voz de Draco falou de trás da porta.

- Em pé. Fique contra a parede. Não tente nada, ou eu te mato!

Eles ficaram como se ainda estivessem presos, e quando a porta se fechou,

Rony usou novamente o Apagueiro e todas as luzes voltaram para o objeto,

restaurando a escuridão inicial da cela. A porta foi aberta: Malfoy entrou

com a varinha apontada para frente, pálido e determinado. Segurou o

pequeno duedo com o braço e voltou novamente, arrastando Griphook com

ele. A porta bateu e no mesmo momento um "crack" ecoou dentro da cela.

Rony apertou no Apagueiro. Três bolas de luz voltaram de seu bolso para o

ar, revelando Dobby, o elfo doméstico, que apareceu aparatando no meio

deles.

- DOB...!

Harry bateu em Rony com o braço para calar ele, e Rony olhou

amedrontado por seu erro. Passos cruzaram o lugar enquanto Draco levava

Griphook para Belatrix.

Os enormes, largos olhos em forma de bola de tênis de Dobby estavam ali.

Ele tremia dos pés até as pontas de suas orelhas. Ele voltara para a casa de

seus velhos mestres, e estava claro que ele estava paralizado de medo.

- Harry Potter. - guinchou na menor voz que lhe foi possível - Dobby veio

resgatar você.

- Mas como você...?

- Um terrível grito interrompeu as palavras de Harry: Hermione estava

sendo torturada novamente. Ele parou para o essencial.

- Você pode desaparatar dessa cela? - perguntou para Dobby, que aceno

com a cabeça.

- E você pode levar humanos com você?

Dobby confirmou com um aceno de cabeça de novo.

- Certo. Dobby, eu quero que você pegue Luna, Dean e o Sr. Olivaras e

leve-os daqui... Para... para...

- Gui e Fleur. - falou Rony - Cabana de Conchas, nos arredores de

Tinworth!

O elfo acenou positivamente pela terceira vez.

- Então volte aqui. - falou Harry - Você pode fazer isso, Dobby?

- Claro, Harry Potter. - sussurrou o pequeno elfo. Ele correu até o Sr.

Olivaras, que pareceu levemente consciente. Pegou uma das mãos do feitor

de varinhas em sua própria, então deu a outra para Luna e Dean, porém

nenhum dos dois se moveu.

- Harry, nós queremos te ajudar! - sussurrou Luna.

- Não podemos te deixar aqui! - falou Dean.

- Vão, os dois! Nós veremos vocês na casa do Gui e da Fleur.

Enquanto Harry falava, sua cicatriz pareceu pior que nunca, e por alguns

segundos olhou para baixo, não para o feitor de varinhas, mas para outro

homem que estava muito velho e magro, mas ria com desdém.

- Mate-me, então, Voldemort. A morte é bem-vinda! Mas minha morte não

irá trazer o que você procura... Tem muitas coisas que você não entende...

Sentiu a fúria de Voldemort, mas Hermione havia gritado novamente, então

retornou para a cela e para o horror de sua própria pessoa.

- Vão! - ordenou para Luna e Dean - Vão! Vamos seguir vocês, mas agora

vão!

Eles agarraram nos dedos do elfo. Então houve outro "crack", e Dobby,

Luna, Dean e Olivaras haviam sumido.

- O que foi aquilo? - gritou Lucius Malfoy do topo de suas cabeças - Vocês

ouviram isso? O que foi esse barulho na cela?

Harry e Rony se encararam.

- Draco, não, chame Rabicho! Faça ele ir checar!

Passos cruzaram a sala acima deles, e logo ficou em silêncio. Harry sabia

que as pessoas na sala de cima haviam ouvido mais barulhos da cela.

- Nós teremos que tentar atacar ele. - sussurrou para Rony. Eles não tinham

escolha: no momento em quem entrassem no lugar e vissem que três

prisioneiros haviam sumido, estariam perdidos - Deixei as luzes ligadas... -

Adicionou, então ouviram passos do lado de fora da porta. Voltaram para

perto da parede de cada lado do lugar.

- Afastem-se. - veio a voz de Rabicho - Fiquem longe da porta. Estou

entrando.

A porta abriu. Por um segundo Rabicho observou a cela aparentemente

vazia, incandescente por luzes de três sóis de miniatura flutuando no ar.

Então Harry e Rony lançaram-se sobre ele. Rony agarrou o braço em que

estava a varinha do homem e forçou para cima. Harry levou uma mão para

sua boca, impedindo sua voz. Brigaram silenciosamente: a varinha de

Rabicho emitindo centelhas, sua mão fechada em torno da gargante de

Harry.

- O que foi, Rabicho? - chamou Lucius Malfoy de cima.

- Nada! - Rony respondeu, numa razoável imitação de voz esganiçada de

Rabicho - Está tudo bem!

Harry mal conseguia respirar.

- Você vai me matar? - disse Harry chocado, tentando se livrar dos dedos

prateados - Depois que eu salvei sua vida? Você me deve uma, Rabicho!

Os dedos prateados se afrouxaram. Harry não esperava isso: ele se

encontrou livre, atônito, mantendo sua varinha sobre a boca de Rabicho.

Viu os marejados olhos do pequeno homem rato abertos com medo e

surpresa. Parecia tão chocado quanto Harry pelo que sua mão tinha feito,

no fraco e misericordioso impulso que teve, então continuou a estrangular

mais forte, como forma de desfazer aquele momento de fraqueza.

- A gente vai ficar com isso! - sussurrou Rony, tomando a varinha de

Rabicho de sua mão.

Desarmado, acuado, as pupilas de Petigrew se dilaram de medo. Seu olhos

passaram do rosto de Harry para alguma outra coisa. Seus próprios dedos

estavam se movendo pra sua própria garganta.

- Não!

Sem parar pra pensar, Harry tentou parar a mão, mas não havia como. A

mão prateada que Voldemort deu ao seu servo mais covarde tinha se virado

ao seu desarmado e fraco dono. Pettigrew estava sendo punido pelo seu

momento de hesitação, seu momento de misericórdia; ele estava sendo

estrangulado diante dos seus olhos.

- Não! - Rony se juntou a Harry também, e juntos tentaram separar os

dedos de metal do pescoço de Rabicho, enquanto Pettigrew já estava

ficando azul.

- Relashio! - falou Rony, apontando a varinha para a mão prateada, mas

nada acotneceu; Pettigrew caiu de joelhos, e no mesmo momento,

Hermione deu um grito terrível em cima deles. Os olhos de Rabicho

viravam em sua face púrpura, então se debateu pela última vez, e ficou

imóvel.

Harry e Rony olharam-se, então deixaram o corpo de Rabicho no chão atrás

deles, correram as escadas e voltaram na sombria passagem para o lugar

onde estiveram. Cuidadosamente, arrastaram-se até alcançar a Sala de

Visitas. Agora eles tinham uma clara visão de Belatrix olhando para baixo,

onde Griphook estava segunrando a espada de Grifinória em seus longos

dedos. Hermione estava deitada aos pés de Belatrix, movendo-se

levemente.-Então? - perguntou para Griphook - É a espada verdadeira?

Harry esperou, segurando suas respiração, lutando contra as pontadas em

sua cicatriz.

- Não, - falou o duende - é falsa!

- Você está certo disso? - arquejou Belatrix - Completamente certo?

- Sim... - respondeu o duende.

Uma expressão de alívio surgiu em sua face, tendo toda a sua tensão

drenada.

- Bom... - falou, e com um casual movimento de sua varinha ela fez outro

corte profundo na face do duendo, então caiu, soltando um berro, a seus

pés. Ela chutou ele. - E agora... - falou triunfante - Nós chamamos o Lorde

das Trevas!

Então ela puxou a manga de suas vestes e tocou com seu dedo indicador a

Marca Negra.

Novamente, Harry sentiu sua cicatriz como se estivesse sendo aberta. Sua

própria mente havia desaparecido: Ele era Voldemort, e o bruxo antes dele

estava rindo desdentadamente para ele; ele estava enfurecido à convocação

- ele tinha os advertido, ele tinha lhes dito que o chamassem para nada

menos que Potter. Se eles estivessem enganados...

- Mate-me então! Exigiu o idoso. Você nunca triunfará, você não pode

vencer! Essa varinha nunca, jamais será sua...

E a fúria de Voldemort atingiu o seu ápice: Uma explosão de luz verde

preencheu o lugar e o frágil e velho corpo foi erguido do seu duro catre,

então caiu sem vida, e Voldemort retornou à janela, sua cólera mal sendo

controlada... Eles sofreriam sua retaliação caso não tivessem uma boa razão

para o chamarem de volta...

- E eu acho, - falou a voz de Belatrix - que nós podemos dispor a Sangue-sujo, Greyback, leve ela se quiser.

"Nããããããooooo!!!

Rony havia entrado na Sala de Visitas; Belatrix olhou em volta, chocada;

Virou sua varinha imediatamente para o rosto de Rony...

- Expelliarmus! - gritou, apontando a varinha de Rabicho para bellatrix, e a

dela vôou no ar e foi pega por Harry, que tinha corrido depois de Ront.

Lucius, Narcissa, Draco e Greyback andaram ao redor; Harry gritou.

"Estupefaça!" e Lucio Malfoy foi atingido na altura do coração. Jatos de

luz voaram das varinhas de Draco, Narcissa e Greyback; Harry jogou-se no

chão, rolando para trás rolando para trás de um sofá para evitar os disparos

deles.

- Pare ou ela morre!

Ofegante, Harry espreitou de trás do sofá. Belatrix estava com Hermione,

que parecia estar inconciente, e estava segurando uma pequena faca de

prata na garganta de Hermione.

- Joguem suas varinhas. - falou - Joguem ou veremos exatamente quão sujo

o sangue dela é!

Rony ficou rígido, segurando forte a varinha de Rabicho. Harry se

levantou, ainda segurando a varinha de Belatrix.

- Eu disse para jogarem ela! - gritou, pressionando a lâmica na gargante de

Hermione. Harry viu um pouco de sangue aparecer.

- Tudo bem! - falou, jogando a varinha de Belatrix no chão, aos seus pés.

Rony fez o mesmo com a varinha de Rabicho. Os dois levantaram as mãos

até a altura de seus ombros.

- Bom! - falou - Draco, pegue as varinhas! O Lorde das Trevas está vindo,

Harry Potter! Sua morte se aproxima!

Harry sabia disso; sua cicatriz explodindo com a dor, e ele podia sentir

Voldemort voando longe no céu, sobre um escuro e tempestoso mar, e logo

ele poderia estar perto suficiente para aparatar até eles, e Harry não

conseguia ver saída alguma.

- Agora, - falou Belatrix suavemente, enquanto Draco corria até ela com as

varinhas - Cissy, eu acho que poderíamos amarrar esses pequenos heróis de

novo, enquanto Greyback cuida da Senhorita Sangue-sujo. Estou certa que

o Lorde das Trevas não irá se importar de lhe dar essa garota, Greyback,

depois do que você fez essa noite.

Em sua última palabra um peculiar barulho surgiu acima deles. Todos

olharam para cima na hora em que o candelabro de cristal tremeu, então

com um rangido ameaçador, ele começou a cair. Belatrix estava bem

embaixo dele, então largou Hermione, jogando-se para o lado com um

grito. O candelabro quebrou com uma explosão se cristais e correntes,

caindo em cima de Hermione e do duende, que ainda segurava firme a

Espada de Grifinória. Pedaços de cristal voaram em todas as direções.

Draco foi atingido, e logo cobriu a sangrenta face com suas mãos.

Quando Ronny correu para puxar Hermione para fora dos restos da

destruição, Harry aproveitou a chance: Saltou em cima da poltrona e

arrancou as três varinhas das garras de Draco, apontando todas elas para

Greyback, e gritou, "Estupefaça!". O lobisomem foi levantado de seus pés

pelo feitiço triplo, voou para o teto e depois caiu estatelado no chão.

Como Narcissa tirou Draco do caminho de perigos maiores, Bellatrix saltou

sobre seus pés, seu cabelo voando quando ela brandiu a faca prateada; mas

Narcissa tinha apontado sua varinha para o saguão de entrada.

"Dobby" ela

gritou e até Bellatrix congelou. "Você! Derrubou o candelabro...?"

O minúsculo elfo trotou sala à dentro, seu dedo balançando apontado em

direção a suas velhas senhoras.

- Você não pode machucar Harry Potter! - guinchou Dobby.

- Mate-o, Cissy! - gritou Bellatrix, mas escutou-se outro estalo alto, e a

varinha de Narcissa foi pelos ares e aterrisou no outro lado da sala.

- Seu macaquinho imundo! - vociferou Belatrix. - Como você pôde tirar a

varinha de um bruxo? Como você teve a ousadia de desafiar seus mestres?!

A dor na cicatriz cegava Harry. Sombriamente ele sabia que eles tinham

segundos antes que Voldemort estivesse com eles.

- Dobby não tem mestre! - guinchou Dobby. - Dobby é um elfo livre, e

Dobby veio para salvar Harry Potter e seus amigos!

- Rony, pegue e VÁ! - ele gritou, jogando uma das varinhas para Rony.

Depois voltou para rebocar Griphook de debaixo do candelabro.

Guinchando, o duende lamentoso ainda estava agarrando na espada sobre

um de seus ombros, Harry segurou na mão de Dobby e girou no local para

Desaparatar. Quando ele adentrou a escuridão, teve uma visão pálida da

sala, figuras congeladas de Narcissa e Draco, do réstio de luz vermelha que

vinha do cabelo de Rony, e o azul da prata voando, quando a faca

Bellatrix

atravessou a sala em direção ao local em que ele desapareceu.

Gui e Fleur... Cabana da Concha... Gui e Fleur...

Tinha desaparecido para o desconhecido; tudo que ele podia fazer era

repetir o nome do destino e esperar que isso fosse o suficiente para levá-lo

para lá. A dor em sua testa o perfurava, junto com o peso do duende

sustentado por ele; podia sentir a lâmina da espada de Gryffindor ferindo

suas costas. Então a mão de Dobby sacudiu a sua; perguntou-se se o elfo

estava tentando carregar, para empurrá-los na direção certa, e tentou,

apertando os dedos, indicar que estava tudo bem...

Então eles atingiram terra sólida e sentiram o cheiro do sal... Harry caiu

sobre seus joelhos, abandonando a mão de Dobby, na tentativa de abaixar

Griphook gentilmente até o chão.

- Está tudo bem? - perguntou para o duende, enquanto o estirava no chão,

porém o duendo apenas choramingou.

Harry forçou a vista através da escuridão. Parecia haver uma cabana pouco

depois, debaixo do imenso céu estrelado, e ele achou que tinha visto

movimento fora dela.

- Dobby, essa é a Cabana de Conchas? - perguntou em um múrmurio,

agarrando as duas varinhas que ele tinha trazido dos Malfoy, pronto para

lutar se precisasse. - Viemos para o lugar certo, Dobby? - Ele olhou em

volta. O pequeno elfo ficou de pé em frente a ele. - DOBBY!

O elfo balançou levemente, estrelas refletidas em seus grandes e brilhantes

olhos. Juntos Harry e ele olharam para baixo, onde o punho prateado da

faca saia do peito do elfo.

Dobby! Não! Ajudem! - Harry saiu correndo em direção da cabana, indo

em direção as pessoas que estavam se mexendo lá. - Ajudem! - Ele não

sabia nem dava a mínima se eles eram bruxos ou trouxas, amigos ou

adversários; tudo que ele ligava era que um filete escuro se espalhava pela

frente do rosto de Dobby, e que ele estendeu seus braços em direção a

Harry com um olhar se súplica. Harry o segurou e o estendeu de lado no

chão frio. - Dobby! Não, não morra, não morra!

Os olhos do elfo achou os dele, e seus lábios tremeram com o esforço de

formar as palavras.

- Harry... Potter...

E então com uma leve tremida o elfo ficou quieto, e em seus olhos não

tinham nada mais do que uma grande órbita espelhada, borrifada com a luz

das estrelas que eles não poderiam ver.



Capítulo 24

O Fabricante de Varinhas

Era como cair em um antigo; por um instante, Harry ajoelhou novamente ao lado do corpo de Dumbledore aos pés da torre mais alta de Hogwarts, mas na realidade ele estava encarando um corpo minúsculo enrolado na grama, perfurado pela adaga de Bel atrix. A voz de Harry ainda dizia, "Dobby… Dobby… " embora ele soubesse que o duende fora para onde ele não pode mais contactar.

Depois de um minuto então ele percebeu que eles, afinal de contas, vinham de algum lugar à direita, eram Gui e Fleur, Dean e Luna, e se reuniram ao redor dele que estava ajoelhado em cima do duende.

"Hermione? " ele disse de repente, "Onde ela está? "

"Ron a levou para dentro", disse Gui. "Ela ficará bem."

Harry olhou novamente para Dobby. Arreganhou a manga e puxou a lâmina afiada do corpo do duende, então tirou a própria jaqueta cobriu Dobby como de fosse uma manta.

O barulho das ondas do mar batendo bem próximo; O Harry ouvia

isto enquanto os outros falavam, enquanto discutiam assuntos que ele poderia se interessar, e tomavam decisões. Dean levou o Griphook ferido para casa. Fleur apressou-se; agora Gui estava fazendo sugestões sobre enterrar o elfo. Harry concordou sem realmente saber o que ele estava dizendo. Assim foi feito, ele contemplou aos poucos a pequena quantidade de sangue, sua cicatriz começou a queimar, e ele soube que Voldemort que os cartigara recentemente havia deixado a Mansão dos Malfoy.
A raiva dele era terrível mas a aflição de Harry para Dobby parecia diminuir isto, pacecendo uma tempestade distante que encontrava Harry em um vasto e silencioso oceano.
"Eu quero fazer isso direito", foram as primeiras palavras das quais o Harry já estava completamente consciente ao dizer. "Não por magia. Tem como me arrumar uma pá?"
E logo em seguida começou trabalhar, só, cavando a sepultura no lugar que Gui tinha lhe mostrado no final do jardim, entre arbustos. Ele cavou meio que furioso, enquanto apreciava o trabalho manual, se vangloriando de não usar magia nisto, cada gota do suor dele e toda bolha sentida como um presente ao duende que tinha salvado as vidas deles.
A cicatriz dele queimou, mas ele já era acostumado com a dor; apesar de senti-la, porém não o atrapalhava. Ele tinha aprendido a controlar, aprendido fechar a mente dele a Voldemort, afinal Dumbledore queria que ele aprendesse isso com Snape. Da mesma

maneira que Voldemort não podia possuir Harry enquanto ele foi consumido com a vontade de vingar o que aconteceu com Sirius, assim os pensamentos dele não mais penetrar Harry, enquanto ele lamentava por Dobby.

Vingança, parecia, banir Voldemort… entretanto Dumbledore, claro que, teria dito que era amor…

Em Harry cavou, mais e mais fundo na terra dura, fria, enterrando a vontade de vingança em suor, negando a dor na cicatriz. Na escuridão, com nada mais que o som da sua própria respiração e o mar apressado lhe fazendo companhia, recordou as coisas às que tinham acontecido com os Malfoys, as coisas que ele tinha ouvido, e na escuridão ele começou a entender…

O ritmo fixo dos braços dele batia com os pensamentos.

Relíquias… Horcruxes… Relíquias… Horcruxes… Contudo ele já não ardia com aquele desejo estranho, obsessivo. Perda e medo tinham exaurido isto para fora: Ele sentia como se tivesse apanhado e acordado novamente.

Quanto mais fundo na sepultura, melhor Harry se sentia, e ele soube onde Voldemort estava esta noite, e quem ele tinha matado na cela mais alta de Nurmengard, e por que…

E ele pensou em Rabicho, morto por causa de um pedido inconsciente de clemência… Dumbledore tinha previsto que…

Quanto mais sabia?

Harry perdeu a noção do tempo. Ele só sabia que a escuridão

estava diminuindo quando ele foi se reunir a Ron e Dean.

"Como Hermione está?"

“Melhor,” disse Ron. "Fleur cuidando dela.”

Harry tinha um trunfo nas mangas para quando eles lhe perguntassem por que ele não tinha criado uma sepultura perfeita simplesmente mexendo a varinha, mas ele não precisou disto. Eles pularam para dentro do buraco que ele tinha feito com suas próprias pás, e junto eles trabalharam em silêncio até que o buraco parecia fundo bastante.

Harry embrulhou o duende mais ajeitado na jaqueta. Ron o colocou na borda da sepultura tirou fora os sapatos e meias então colocou nos pés nus do duende. Dean produziu um chapéu fino que o Harry colocou cuidadosamente na cabeça de Dobby, enquanto amortecendo suas grandes orelhas.

"Nós deveríamos fechar os olhos dele.”

Harry não tinha ouvido os outros passando pela escuridão.

Gui estava usando uma capa grande, Fleur um avental branco grande (? Ilegível)... o bolso no qual havia uma garrafa do que o Harry reconheceu ser Skele-Gro. Hermione estava embrulhada em um roupão que havia pedido, pálida e com as pernas inquietas; Ron abraçou-a quando ela chegou mais perto. Luna que vestia um dos casacos de Fleur se agachou e colocou os dedos ternamente em cada das pálpebras do duende, deslizando eles em cima do olhar fixo assustado dele.

"Lá", ela disse suavemente, "Agora ele poderia estar dormindo."
Harry colocou o duende na sepultura organizando os membros minúsculos dele para parecer que ele poderia estar apenas descansando, então escalou novamente para fora e contemplou pela última vez no pequeno corpo. Novamente se lembrou do funeral de Dumbledore, e as filas e filas de g...(ilegível) cadeiras, e o Ministro da Magia Na frente agora, o recital...(ilegivel) das realizações de Dumbledores, a tampa da tumba de marmore branca. Ele sentia que Dobby merecia a mesma maneira de funeral, e mesmo assim continuava sendo um elfo entre os arbustos em um buraco asperamente cavado.
"Eu penso que nós deveríamos dizer algo", falou Luna. "Eu irei primeiro, posso?"
E como todo o mundo olhou para ela, ela se dirigiu ao duende morto no fundo da sepultura.
“Obrigado tanto, Dobby, por me salvar daquele porão. É tão injusto você ter que morrer, quando era tão bom e valente. Eu sempre me lembrarei do que fez para nós. Espero que esteja contente agora."
Ela virou e olhou esperançosamente para Ron que limpou a garganta e disse em uma voz grossa, "Sim... obrigado, Dobby."
"Obrigado", murmurou Dean.
Harry engoliu em seco.
"Adeus, Dobby", ele disse. Era tudo que ele conseguia, mas Luna tinha dito tudo por ele. Gui elevou a varinha, e a pilha de terra ao

lado se ergueu no ar e caiu tampando a sepultura, restando apenas uma rosa, um pontinho, avermelhado.

"Algum problema se eu ficar aqui um momento? " ele perguntou aos outros.

Eles murmuraram palavras que ele não entendeu; ele sentia uma brisa suave nas costas, e todos eles seguiram para trás da cabana, deixando Harry só ao lado do duende.

Ele deu uma olhada: Havia várias pedras brancas grandes, alisadas pelo mar, enquanto marcando a extremidade dos canteiros de flores. Ele apanhou a maior, em pé, em cima do lugar onde a cabeça de Dobby descansava agora. Ele sentia então no bolso sua varinha.

Havia duas lá. Ele havia esquecido, se misturaram; ele não conseguia se lembrar de quem era cada varinha; ele parecia se lembrar de a tomar da mão de alguém. Ele escolheu a mais curta das duas que se adaptava melhor à sua mão e a apontou para as pedras.

Lentamente, após instrução murmurada dele, cortes fundos apareceram na superfície da pedra. Ele soube que Hermione puderia ter feito isto mais nitidamente, e provavelmente mais depressa, mas ele quis marcar a lápide assim como quis cavar a sepultura. Então Harry olhou novamente, a leitura de pedra:

AQUI JAZ DOBBY, UM ELFO LIVRE.

Ele olhou para baixo ao seu trabalho manual por mais alguns

segundos, então saiu, a cicatriz dele ainda ardia um pouco, e sua cabeça estava cheia dessas coisas que pensou na sepultura, idéias que haviam criado forma na escuridão, idéias ao mesmo tempo fascinantes e terríveis.

Eles estavam todos sentados na sala de estar quando ele entrou pelo pequeno corredor, a atenção deles estava focalizada em Gui que estava falando. O quarto estava colorido e iluminado, bonito, com um fogo de flutuante brilhoso queimando na lareira. Harry não quis derrubar lama no tapete, assim ele ficou apenas na entrada, enquanto escutava.

"... Gina tem sortede ser feriado. Se ela estivesse em Hogwarts, eles poderiam capturá-la antes da gente a localizar. Agora nós sabemos que ela também está segura."

Olhou á volta e viu que Harry estava de pé lá.

"Capturei todos fora da Toca", ele explicou. "Os enviei para Muriel. Os Comensais de Morte conhecem Ron agora, com você eles são levados a mirar a família - não se desculpe", ele somou ao ver a expressão de Harry. "Era uma questão de tempo, Papai está dizendo há meses. Nós somos a maior família de traidores de sangue que há."

"Como eles são protegidos? " Harry perguntou.

"Feitiço Fidelius. O Guardião do Segredo de papai. E nós fizemos isto também nesta cabana; Eu sou Secreto - o Guardião aqui. Nenhum de nós pode ir trabalhar, mas isso é agora a coisa mais

importante. Uma vez que Olivarinhas e o Griphook (Duende?) estão tão bem, nós os mandaremos para Muriel também. Não há muitos quartos aqui, mas é tudo que ela conseguiu. As pernas de Griphook estão sendo recompostas, Fleur lhe deu Skele-Gro: nós poderíamos os levar dentro de uma hora ou - "

"Não." Harry disse, e Gui olhou assustado. "Eu preciso de ambos aqui. Eu preciso falar com eles. É importante."

Ele ouviu a autoridade em sua própria voz, a convicção, o senso de propósito que tinha vindo a ele como quando cavou a sepultura de Dobby. Todos os rostos se dirigiram para ele, enquanto olhavam confusos.

"Eu vou lavar", Harry falou para o Gui, enquanto olhava suas mãos, ainda cobertas de lama e o sangue de Dobby. "E então eu preciso vê-los, imediatamente".

Ele entrou na pequena cozinha, seguiu para a pia em baixo de uma janela em que dava para avistar o mar. O amanhecer estava transpondo o horizonte, uma concha rosa-dourado e fraca enquanto ele se lavava, enquanto olhando novamente para baixo dava pra ver ainda o jardim escuro…

Dobby nunca poderia lhes falar quem o tinha enviado para o porão, mas Harry soube o que ele tinha visto. Um olho azul penetrante tinha olhado fora do fragmento de espelho, e a ajuda tinha vindo. Hogwarts sempre ajuda aqueles que pedem.

Harry secou suas mãos, ignorando a beleza da cena fora da janela

e a conversa dos que estavam sentados na outra sala. Ele olhou fora no oceano e se sentiu fechado, este amanhecer, que novamente, endureceu o coração de todos.
E ainda a cicatriz dele ardeu, ele sabia que Voldemort estava chegando lá também. Harry entendeu e fez que não. O instinto dele estava lhe contando uma coisa, seu cérebro havia mudado totalmente. O Dumbledore na cabeça de Harry sorriu, enquanto Harry examinava as dobras dos dedos da mão, e depois juntou-as como se fosse rezar.
Você deu para Ron o Apagueiro. Você o entendeu… Você lhe eu um novo meio…
E você Rabicho compreendeu também… Você soube que havia um pouco de remorso, em algum lugar…
E se você os conhecesse… O que soube você de mim, Dumbledore?
Eu poderia apenas saber, não buscar? Você sabia como seria duro para encontrá-las? E por que fez isso ser tão complicado? Assim eu teria tempo para conhecer o mundo lá fora?
Harry ficara parado, olhos vidrados, olhando para onde havia um dourado brilhante acima do horizonte… era deslumbrante o sol subindo no horizonte. Então ele olhou para baixo às mãos limpas e foi chamado para correr a ver o plano que estavam fazendo.
Enxugou as mãos e voltou para o corredor, enquanto isso, sentia a cicatriz pulsando furiosamente, e uma luz flamejou pela sua mente,

rápido como o reflexo de uma libélula sobre a água, o esboço de um edifício que ele soube exatamente qual era.
O Gui e Fleur estavam sentados ao pé dos degraus.
"Eu preciso falar com Griphook e Ol ivander", Harry disse.
"Não", disse Fleur. "Você terá que esperar, 'Arry. El es estão muito —-cansados –“
"Eu sinto muito", ele disse sem calor, "mas não pode esperar. Eu preciso falar agora com eles. Reservadamente - e separadamente. É urgente."
"Potter, pra onde diabos você vai?" Gui perguntou. "Você levanta com um Elfo-Doméstico morto e um duende meio-consciente,” Hermione olhou como se estivesse sendo torturada, “e Ron há pouco recusou-se de me contar qualquer coisa -"
"Nós não lhe podemos contar o que nós estamos fazendo", Harry disse calmo. "Você está na Ordem, Gui, e você sabe que Dumbledore deixou uma missão para nós. Não é de se supor que nós não falaremos sobre isto com qualquer um.”
Fleur fez um barulho impaciente, mas Gui não olhou para ela; ele estava encarando Harry. A face profundamente cicatrizada dele era horrível de olhar. Finalmente, Gui disse, "certo. Com quem você quer falar primeiro?"
Harry hesitou. Achou estranha essa decisão dele. Foi uma decisão rápida; agora era o momento para decidir: Horcruxes ou Relíquias?
"Griphook", Harry disse. "Eu falarei primeiro com Griphook.”

O coração dele estava agitado como se ele tivesse estado corrido e parado há pouco por causa de um grande obstáculo.
"Para cima, então", disse Gui, enquanto o conduzia.
Harry tinha subido vários degraus antes de parar e olhar atrás.
"Eu o preciso também dos dois!" e chamou Ron e Hermione que tinham estavam meio escondidos, na entrada do quarto sentandos.
Eles apareceram à luz, enquanto o olhavam esquisitamente aliviados.
"Como você está?" Harry perguntou para Hermione. "Você parecia passar mal – quando ouviu aquela história há pouco sobre os feridos - "
Hermione deu um sorriso fraco quando Ron lhe deu um beliscão.
"O que estamos fazendo agora, Harry? " ele perguntou.
"Você verá. Venha."
Harry, Ron, e Hermione seguiram Gui pelos degraus íngremes e curtos. Três portas apareceram.
"É aqui", disse Gui, enquanto abria a porta do quarto dele e de Fleur, havia uma visão do mar também, agora iluminado com ouro do amanhecer. Harry foi à janela, para admirar a visão espetacular, e esperou, com os braços cruzados, a cicatriz picando. Hermione levou uma cadeira para o lado da mesa de cabeceira; Ron sentou no braço.
O Gui reapareceu, carregando o pequeno duende que ele deixou cuidadosamente nos pés da cama. Griphook grunhiu obrigado, e

Gui partiu, fechando a porta.

"Desculpe por tê-lo feito sair da cama", disse Harry. "Como suas pernas estão?"

"Doloridas", respondeu o duende. "Mas estão se curando."

Ele ainda estava apertando a espada de Gryffindor, e soltou um olhar estranho: meio truculento, meio intrigado. Harry notou a pele pálida do duende, os dedos magros e longos, os olhos pretos. Fleur tinha removido seus sapatos: Os pés longos estavam sujos. Ele era maior que um elfo doméstico, mas não muito. Sua cabeça em forma de cúpula era muito maior que a de um humano.

"Você provavelmente não se lembra - " Harry começou.

"-que eu era o duende que mostrou seu cofre, na primeira vez que você visitou Gringotts? " disse Griphook. "Eu me lembro, Harry Potter. Até mesmo entre duendes, você é muito famoso."

Harry e o duende olharam um ao outro, enquanto mirando dos pés á cabeça. A cicatriz de Harry ainda estava doendo. Ele queria acabar esta entrevista com Griphook rápido, e ao mesmo tempo tinha medo de fazer um movimento em falso. Enquanto ele tentou decidir no melhor modo para fazer o pedido a dele, o duende rompeu o silêncio.

"Você enterrou o elfo", ele disse, sem querer soando rancoroso. "Eu o assisti da janela do quarto ao lado."

"Sim", disse Harry.

Griphook olhou para ele, através dos cantos de seus olhos pretos.

"Você é um feiticeiro incomum, Harry Potter".

"De que modo?" Harry perguntou, esfregando novamente a cicatriz.

"Você cavou a sepultura."

"Só por isso?"

Griphook não respondeu. Potter pensou que ele estava sendo zombado a por ter agido como um Trouxa, mas não se importava se Griphook aprovou a sepultura de Dobby ou não. Ele se preparou para o ataque.

"Griphook, eu preciso perguntar - "

"Você também salvou um duende."

"O que? "

"Você me trouxe aqui. Me salvou."

"Bem, eu fiz isto se você não achar ruim?" disse Harry um pouco impacientemente.

"Não, Harry Potter", disse Griphook, e com um dedo ele torceu sua barba preta magra no queixo, "mas você é um feiticeiro muito estranho."

"Corrija", disse Harry. "Bem, eu preciso um pouco de ajuda, Griphook, e você pode me concedê-la."

O duende não fez nenhum sinal de encorajamento, mas continuou encarando Harry como se ele nunca tivesse visto qualquer coisa como ele.

"Eu preciso arrombar um cofre de Gringotts."

Harry não pretendia falar tão grotescamente: as palavras estavam

saíram forçadas como a dor emanada pela sua cicatriz e ele viu, novamente, o esboço de Hogwarts. Ele fechou a mente firmemente. Ele precisava lidar primeiro com Griphook. Ron e Hermione estavam encarando Harry furiosamente.

"Harry - " disse Hermione, mas ela foi interrompida por Griphook.

"Arrombar um cofre de Gringotts? " repetiu o duende, enquanto estremecendo um pouco e então mudou de posição na cama. "É impossível."

"Não, não é," Ron o contradisse. "Já aconteceu."

"Sim", disse Harry. "O mesmo dia eu o conheci, Griphook. Meu aniversário, sete anos atrás".

"O cofre em questão estava na ocasião, vazio," rompeu o duende, e Harry entendeu que embora Griphook tivesse deixado Gringotts, ele se sentia ofendido à idéia de contribuir para violar as regras. "Sua proteção era mínima."

"Bem, o cofre que nós precisamos entrar não está vazio, e acredito que sua proteção será bem rigorosa", disse Harry. "Pertence aos Lestranges."

Ele viu Hermione e Ron olharem um ao outro, surpreso, mas haveria tempo bastante para explicar depois que Griphook tivesse dado sua resposta.

"Você não tem nenhuma chance", disse Griphook calmo. "Nenhuma chance nada. Se você busca em baixo de nosso chão, um tesouro que nunca foi seu - "

"Ladrão, você foi advertido, se precava - sim, eu sei, eu me lembro", disse Harry. "Mas eu não estou tentado a conseguir qualquer tesouro, eu não estou tentando levar qualquer coisa para ganho pessoal. Você não acredita? "

O duende olhou de esguio para Harry, e o raio cicatriza na testa de Harry doeu, mas ele a ignorou, fingindo não sentir dor.

"Se havia um feiticeiro de quem que eu acreditaria que não busca ganho pessoal", disse Griphook finalmente, "seria você, Harry Potter. Não é usual a duendes proteção ou o respeito que você demonstrou esta noite. Aos não-portadores-de-varinha."

"Não-portadores-de-varinha", Harry repetiu, A frase pareceu estranha aos seus ouvidos e novamente a cicatriz doeu, então Voldemort virou os pensamentos em direção ao norte, e Harry decidiu ir questionar Ol ivander no quarto ao lado.

"O direito de carregar uma varinha", disse duende quietamente, "foi competido muito tempo entre os feiticeiros e duendes."

"Bem, duendes podem fazer magia sem varinhas", disse Ron.

"Isso é imaterial! Feiticeiros recusam compartilhar os segredos dos conhecimentos-sobre-varinha com outros seres mágicos, eles nos negam a possibilidade de estender nossos poderes!"

"Bem, duendes também não compartilharão nada da sua magia," disse Ron. "Você não nos falaria como fazer espadas e blindar do modo que vocês fazem. Duendes sabem trabalhar metal de certo modo que os feiticeiros nunca souberam - "

"Não importa", disse Harry, enquanto notou Griphook ficar corado.

"Isto não é sobre feiticeiros contra duendes ou qualquer outro tipo

de criatura mágica - "

Griphook deu uma risada sórdida.

"Mas é, é precisamente isso! Como o Lorde das Trevas vai ficar

mais poderoso, sua raça ainda é mais dependente das minas!

Gringotts cai junto com o mundo dos bruxos, não são matados elfos

domésticos, e quem entrar no meio da briga dos Portadores-deVarinha?"

"Nós fazemos! " disse Hermione. Ela se ajeitou na cadeira, os olhos

dela brilharam. "Nós protestamos! E eu sou tão caçada quanto

qualquer duende ou, Griphook! Eu sou uma Sangue-ruim!”

"Não o chame - " Ron murmurou.

"Por que eu não devia? " disse Hermione. "Sangue-Ruim, e

orgulhosa disto! Eu não tenho nenhuma posição mais alta que a

sua, Griphook! Era eu que eles escolheram torturar, os Malfoys!"

Ela disse,e então puxou o pescoço do roupão pra mostrar o corte

fino que Belatrix fizera, escarlate contra a garganta dela.

"Você soube que Harry que libertou Dobby? " ela perguntou. "Você

soube que nós quisemos livrar duendes durante anos? " Ron se

acomodou melhor no braço da cadeira de Hermione. "Você não

pode achar que Você-sabe-quem pode vencer mais do que,

Griphook! "

O duende contemplou Hermione com a mesma curiosidade que

tinha mostrado sobre Harry.

"O que busca você dentro do cofre do Lestranges? " ele perguntou abruptamente. "A espada está lá é falsa. Esta é a real." Ele olhou cada um deles. "Eu penso que você já sabe disso. Você me pediu que mentisse antes para eles.”

"Mas a espada falsa não é a única coisa que está naquele cofre, é? " Harry perguntou. "Talvez você não tenha visto outras coisas lá? "

O coração dele estava batendo mais rápido que antes. Ele redobrou os esforços para ignorar a cicatriz pulsando.

O duende retorceu a barba novamente com os dedos.

"Está contra nosso código falar dos segredos de Gringotts. Nós somos os guardiães de tesouros fabulosos. Nós temos um dever aos objetos colocados tão freqüentemente em nosso cuidado, protegidos em portas forjadas por nossos dedos."

O duende acariciou a espada, e os olhos pretos dele perambularam de Harry a Hermione para Ron e então de volta.

"Tão jovem", ele disse finalmente, “esta lutando tanto."

"Você nos ajudará? " disse Harry. "Nós não temos nenhuma esperança de arrombar sem a ajuda de um duende. Você é nossa única chance."

"Eu devo... pensar nisto,” disse Griphook meio confuso.

"Mas - " Ron começou furiosamente; Hermione o cutucou nas costelas.

“Obrigado", disse Harry.

O duende curvou sua grande cabeça em forma de cúpula em

reconhecimento, então dobrou as pernas curtas.

"Eu acho", ele disse, enquanto se ajeitava ostentosamente na cama de Gui e Fleur, que o Skele-Gro terminou seu trabalho. Eu posso dormir afinal. Me perdoe..."

"Sim, claro que pode", disse Harry, mas antes de deixar o quarto abaixou-se e pegou a espada de Gryffindor que estava ao lado do duende. Griphook não protestou, mas Harry pensou ter visto ressentimento nos olhos do duende quando fechou a porta.

"Capetinha", Ron sussurrou. "Ele está gostando de nos manter pendurando."

"Potter", Hermione sussurrou, puxando–os para longe da porta, no meio da aterrissagem ainda-escura, “é o que eu estou pensando que está lá? Você está dizendo que há um Horcrux no cofre dos Lestranges?”

"Sim", disse Harry. "Bel atrix estava apavorada quando ela pensou que nós tínhamos estado lá, ela estava ao lado de si mesma. Por que? Ela pensou o que nós tínhamos visto, ela pensou o que mais nós poderíamos ter levado? Algo que foi petrificado por Você-sabequem eu acho."

"Mas eu pensei que nós estávamos procurando lugares onde Vocêsabe-quem foi, lugares onde tem algo importante? " disse Ron, enquanto olhava confuso. "Ele já esteve dentro do cofre do Lestranges? "

"Eu não sei se ele já estave dentro de Gringotts", disse Harry. "Ele nunca teve muito ouro quando era mais jovem, porque ninguém

deixou qualquer coisa para ele. Ele teria visto o banco pelo lado de fora, creio que, na primeira vez que foi ao Beco Diagonal."

A cicatriz de Harry pulsou, mas ele ignorou-a; ele queria que o Ron e Hermione entendessem sobre Gringotts antes de falar com Ol ivander.

"Eu penso que ele teria invejado qualquer um que tivesse a chave de um cofre em Gringotts. Eu penso que ele teria visto isto como um símbolo de pertencer realmente ao mundo dos bruxos. E não esqueça, ele confiou em Bel atrix e o marido dela. Eles eram os criados mais dedicados dele antes de sua queda, e eles foram o procurar depois que ele desapareceu. Ele disse isso na noite de seu retorno, eu ouvi."

Harry esfregou a cicatriz.

"Eu não penso que ele teria contado para Bel atrix que era um Horcrux, entretanto. Ele nunca contou para Lucius Malfoy a verdade sobre o diário. Ele lhe falou provavelmente era uma posse valiosa e lhe pediu que colocasse no cofre dela. O lugar mais seguro no mundo para qualquer coisa você quer esconder, Hagrid me falou... com exceção de Hogwarts."

Quando o Harry tinha terminado oração, o Ron tremeu a cabeça dele.

"Você realmente entendeu."

"Pedaços dele", disse Harry. "Pedaços... Eu desejaria ter entendido ainda com Dumbledore conosco. Mas nós veremos. Venha -

Ol ivander agora."

O Ron e Hermione pareciam confusos mas muito impressionados, então o seguiram pela pequena aterrissagem e bateram na porta em frente á de Gui e Fleur. Um fraco "Entre!" lhes respondeu.

O fabricante de varinhas estava deitado na cama mais perto da janela. Ele tinha ficado num porão por mais de um ano, e torturado, Harry soube, em pelo menos uma ocasião. Ele emagreceu, os ossos de sua face estavam nitidamente ressaltados contra a pele amarelada. Os grandes olhos prateados dele pareciam vastos nas covas afundadas. As mãos apoiadas na cama poderiam ter pertencido a um esqueleto. Harry se sentou na cama vazia, ao lado de Ron e Hermione. O sol nascente não era visível aqui. O quarto estava em frente do jardim de entrada, ode cavaram a sepultura.

"Sr. Ol ivander, me desculpe o perturbar," Harry disse.

"Meu querido menino", a voz de Ol ivander era fraca. "Você nos salvou, eu pensei que nós morreríamos naquele lugar, eu nunca poderei lhe agradecer... obrigado nunca... o bastante."

"Ficamos felizes em fazer isto."

A cicatriz de Harry pulsou. Ele sabia, ele tinha certeza, alguém não foi útil para Voldemort atingir sua meta, ou então tentaram o contrariar. Ele sentia uma agitação de pânico... mas havia tomado uma decisão quando ele escolheu falar primeiro com Griphook.

Fingindo uma calma que não sentia, ele procurou no escuro ao redor na bolsa o pescoço e tirou as duas metades da sua varinha

quebrada.

"Sr. Ol ivander, eu preciso de um pouco de ajuda."

"Qualquer coisa. Qualquer coisa." Disse o fabricante de varinhas debilmente.

"Você pode reparar isto? É possível? "

Ol ivander ofereceu uma mão trêmula, e Harry colocou as duas partes pouco conectadas no meio na palma dele.

“A pena de fênix,” disse Ol ivander em uma voz trêmula. "Onze polegadas. Agradável e flexível."

"Sim", disse Harry. "É possivel--? "

"Não", Ol ivander sussurrado. "Eu sinto muito, muito arrependido, mas uma varinha que sofreu este grau de dano não pode ser consertada por qualquer meios que eu conheço.”

Harry tinha se preparou para ouvir isto, mas não foi suficiente. Ele levou a varinha dividida de volta para a bolsa no seu pescoço.

Ol ivander encarou o lugar onde a varinha quebrada tinha desaparecido, e não olhou fora até que Harry tinha levado do bolso dele as duas varinhas que ele tinha trazido do Malfoys.

"Você pode identificar estas? " Harry perguntou.

O fazedor de varinhas elevou a primeira das varinhas e a segurarou perto dos seus olhos enfraquecidos, então a rodou isto entre seus dedos velhos, dobrando-a ligeiramente.

"Noz e corda de coração de dragão,” ele disse. “Doze polegadas e três quartos. Inflexível. Esta varinha pertenceu a Bel atrix

Lestrange."

"E esta aqui?"

Ol ivander executou o mesmo exame.

"Hawthorn e cabelo de unicórnio. Dez polegadas precisamente. Razoavelmente elástica. Esta era a varinha de Draco Malfoy."

"Era? " Harry repetiu. "Não é mais dele?"

"Talvez não. Se você a levou - "

"-Eu fiz - "

"-então pode ser sua. Claro que, a maneira de resolver assuntos. Também depende muito da própria varinha. Porém, em geral quando uma varinha é ganha, sua submissão muda."

Havia um silêncio no quarto, com exceção das ondas distantes do mar.

"Você fala sobre varinhas como se elas tivessem sentimentos", disse Harry, "como se elas pudessem pensar sozinhas."

"A varinha escolhe o feiticeiro", disse Ol ivander. "Isso é bem claro para nós que estudamos o funcionamento de varinhas."

"Uma pessoa ainda pode usar uma varinha que não o escolheu, entretanto? " Harry perguntou.

"Oh sim, se você é um feiticeiro qualquer você poderá encanar sua magia por quase qualquer instrumento. Porém, os melhores resultados sempre têm que vir onde há a afinidade mais forte entre o feiticeiro e varinha. Estas conexões são complexas. Uma atração inicial, e então uma indagação mútua para experiência, a varinha

aprende com o feiticeiro, o feiticeiro com a varinha".

O mar bateu mais forte ao fundo; era um som triste. "Eu levei esta varinha de Draco Malfoy á força", disse Harry. "Eu posso usá-la seguramente?"

"Acho que sim. Leis sutis governam as propriedades de uma varinha, mas a varinha conquistada normalmente se dobrará a seu novo mestre."

"Assim eu deveria usar esta aqui?" disse Ron, enquanto arrancando a varinha de Rabicho do bolso e a entregando a Ol ivander.

"Castanha e corda de coração de dragão. Nove polegadas e um quarto. Frágil. Eu fui forçado fazê-la logo após meu seqüestro, para Peter Pettigrew. Sim, se você ganhou isto, é mais provável servir melhor a você, muito melhor que outra varinha."

"E isto vale para todas as varinhas, não é? " Harry perguntou.

"Acredito que sim", Ol ivander respondeu, os olhos protuberantes dele na face de Harry. "Você faz perguntas profundas, Sr. Potter. Estudo do funcionamento das favinhas é um ramo complexo e misterioso da magia."

"Então, não é necessário matar o dono anterior para tomar a posse de uma varinha?" Harry perguntou.

Ol ivander engoliu.

"Necessário? Não, eu não deveria dizer que é necessário matar."

“Há lendas, entretanto", disse Harry, e como seu coração acelerou o ritmo, a dor na cicatriz ficou mais intensa; ele estava seguro que

Voldemort decidiu colocar sua idéia em ação. "Lendas sobre uma varinha - ou varinhas – que foram passadas de mão através de assassinatos."

Ol ivander ficou pálido. Contra o travesseiro de névoas cinza-claro, seus olhos eram enormes, injetados, e inchados com o que se parecia medo.

"Só uma varinha, eu acho", ele sussurrou.

"E Você-sabe-quem está interessado nela, não está?" Harry perguntou.

"Eu - como? " Ol ivander guinchou, e ele olhou apreensivo para Ron e Hermione pedindo ajuda. "Como você sabe disto? "

"Ele queria que você lhe contasse como superar a conexão entre nossas varinhas", disse Harry.

Ol ivander parecia apavorado.

"Ele me torturou, você tem que entender isso! A Maldição Cruciatus, eu - eu não tive nenhuma escolha a não ser lhe contar o que eu sabia, o que eu supunha! "

"Eu entendo", disse Harry. "Você lhe falou sobre as penas gêmeas? Você disse que ele tentou pedir emprestado a varinha de outro bruxo? "

Ol ivander olhou horrorizado, perdido, pela quantidade que Harry sabia. Ele acenou com a cabeça lentamente.

"Mas não deu certo", falou Harry. "Ainda uniu a minha com a varinha pedida emprestado. Você sabe por que isso aconteceu? "

Ol ivander tremeu a cabeça lentamente como tinha acenado com a cabeça há.
"Eu tive... nunca ouvi falar de uma coisa parecida. Sua varinha executou algo sem igual aquela noite. A conexão das penas gêmeas é inacreditavelmente rara, contudo por que sua varinha teria rompido a varinha pedida emprestado, eu não sei..."
"Nós estávamos falando sobre a outra varinha, a varinha que muda dono através de assassinato. Quando Você-sabe-quem percebeu que minha varinha tinha feito algo estranho, ele voltou e perguntou por aquela outra varinha, não é? "
"Como você sabe isto? "
Harry não respondeu.
"Sim, ele perguntou", Ol ivander sussurrado. "Ele quis saber tudo eu poderia lhe falar sobre essa variação de varinha conhecida como Deathstick (Varinha da Morte), a Wand of Destiny (Varinha do Destino), ou Elder Wand (Varinha Mais Velha)."
Harry olhou de esguio para Hermione. Ela olhou retribuindo.
"O Lorde das Trevas", disse Ol ivander com um tom baixo, de medo, "estava contente com a varinha eu o fiz - sim e pena de fênix, treze polegadas e meia. - até que ele descobriu a conexão das penas gêmeas. Agora ele busca outra, uma varinha mais poderosa, como o único modo para vencer."
"Mas ele saberá logo, se ele já não o sabe, que a minha quebrou e foi reparada," disse Harry calmamente.

"Não! " disse Hermione, enquanto soando assustada. "Ele não pode saber que, Harry, como ele poderia --? "
"Priori Incantatem", disse Harry. "Nós deixamos sua varinha e a varinha blackthorn nos Malfoys, Hermione. Se eles as examinarem corretamente, pode fazê-las recriar os últimos feitiços, eles veriam que os seus quebraram a minha, eles verão que você tentou e não conseguiu consertá-la, e eles perceberão que eu tenho usado o blackthorn desde então."
A pouca cor que ela tinha recuperado com a chegada deles, tinha escoado da face dela. Ron deu para Harry um olhar repreensivo, e disse, “não precisamos nos preocupar tão cedo ---"
Mas Sr. Ol ivander interveio.
"O Lorde das Trevas já não busca só a Elder Wand para sua destruição, Sr. Potter. Ele está determinado a possuí-la porque ele acredita que o fará realmente invulnerável."
"E vai? "
"O dono da Elder Wand sempre tem que temer ataque", disse Ol ivander, "mas a idéia do Lorde das Trevas possuir a Deathstick é, eu tenho que admitir... formidável."
Harry foi lembrado de repente de como estava inseguro, quando eles se encontraram pela primeira vez, de quanto ele gosta de Ol ivander. Até mesmo agora, tinha sido torturado e prendido por Voldemort, a idéia de um Feiticeiro das Trevas em posse desta varinha parecia o escravizar tanto quanto sentia repulso.

"Você - você realmente pensa que esta varinha existe, então, Sr.
Ol ivander? " Hermione perguntou.
"Oh sim", disse Ol ivander. "Sim, é perfeitamente possível localizar o curso da varinha pela história. Há pontos, que, ela aparece, e depois fica muito tempo desaparecida de vista, temporariamente perdida ou escondida; mas sempre volta. Tem certas características que só podem ser identificadas por conhecedores de varinha. Lá existem contas, alguns deles obscurecem, que eu e outros criadores de varinhas fizeram disso nosso negócio para estudar. Eles têm o anel de autenticidade."
"Assim você - você não pensa que pode ser um conto de fadas ou um mito? " Hermione perguntou esperançosamente.
"Não", disse Ol ivander. "Se precisa passar por um assassinato, eu não sei. Sua história é sangrenta, mas isso simplesmente pode ser devido ao fato que é um objeto desejável, e pode despertar paixões em feiticeiros. Imensamente poderosa, perigosa nas mãos erradas, e um objeto de fascinação incrível para todos nós que estudam o poder de varinhas."
"Sr. Ol ivander", falou Harry, "você disse para Você-sabe-quem que Gregorovitch possui a Elder Wand, não é?"
Ol ivander virou, na medida do possível, até mais pálido. Ele parecia fantasmagórico.
"Mas como - como você sabe--?"
"Não importa como eu soube disto", disse Harry, enquanto fechava

os olhos por um momento com o ardor da cicatriz e viu, durante meros segundos, uma visão da rua principal em Hogsmeade, ainda escura, porque era muito longe ao norte. "Você contou a Vocêsabe-quem que aquele tal Gregorovitch teve a varinha?"

"Era um rumor", Ol ivander sussurrado. "Um rumor, anos e anos atrás, muito antes de você nascer eu acredito que o próprio Gregorovitch que começou. Você pode ver como bom seria para negócio; que ele estava estudando e estava duplicando as qualidades da Elder Wand!"

"Sim, eu acredito", disse Harry. Ele se levantou. "Sr. Ol ivander, uma última coisa, e então nós o deixaremos descansar. Então, o que você sabe dobre as Relíquias Mortais?"

"O – o que? " perguntou o criador de varinhas, olhando totalmente desnorteado.

"As Relíquias Mortais."

"Eu tenho medo eu não sei o sobre o que você está falando. Tem algo a ver com varinhas?"

O Harry olhou na face afundada e acreditou que Ol ivander não era entendido. Ele não sabia nada sobre as Relíquias.

“Obrigado", disse Harry. "Muito obrigado. Nós o deixaremos descansar agora."

Ol ivander parecia ferido.

"Ele estava me torturando!" ele ofegou. "A Maldição Cruciatus... você não tem nenhuma idéia..."

"Eu tenho", disse Harry, "eu realmente tenho. Por favor descanse.

Obrigado por me contar tudo isto."

Ele conduziu Ron e Hermione escadaria abaixo. Harry pegou olhar rápido de Gui, Fleur, Luna, e Dean que se sentavam à mesa da cozinha, xícaras de chá em suas frentes. Todos eles olharam para Harry ao vê-lo aparecer na entrada, mas ele somente acenou com a cabeça a eles e continuou no jardim, Ron e Hermione atrás. Se abaixaram perto do montinho avermelhado de terra que cobria Dobby, e Harry caminhou até lá, como a dor de cabeça se constituía cada vez mais poderosa. Era agora um enorme esforço fechar as visões que estavam se forçando nele, mas soube que teria só que resistir por mais algum tempo. Ele se renderia brevemente, porque precisou saber que sua teoria estava correta. Precisa se esforça menos, pra poder explicar a Ron e Hermione.

"Gregorovitch possuiu a Elder Wand há muito tempo atrás", ele disse, "eu vi Você-sabe-quem tentando o encontrar. Quando ele o encalçou, ele descobriu que Gregorovitch não a possuía mais: Ele foi roubado por Grindelwald. Assim que Grindelwald descobriu que Gregorovitch tinha ela, eu não sei - mas se Gregorovitch era estúpido o bastante para espalhar o rumor, não deve ter sido tão difícil."

Voldemort estava nos portões de Hogwarts; Harry podia o ver de pé lá, e vê o abajur que sobe e desce no inicio do amanhecer também, enquanto clareava lentamente.

"Grindelwald usou a Elder Wand para ficar poderoso. E na plenitude

do seu poder, quando Dumbledore percebeu que ele era o único que poderia o parar, resolveu duelar com Grindelwald e o venceu, e tomou a Elder Wand."

"Dumbledore teve a Elder Wand?" disse Ron. "Mas - onde está agora?"

"Em Hogwarts", disse Harry, enquanto lutava para permanecer com eles no jardim no topo da colina.

"Entretanto, vamos!" disse Ron apressado. "Potter, vamos pegá-la antes que ele o faça!"

"Já é tarde", disse Harry. Ele não podia ajudar, apertou a cabeça, como se isso ajudasse a resistir. "Ele sabe onde está. Ela está lá agora."

"Harry!" Ron falou furiosamente. "Há quanto tempo você sabe disso - por que nós desperdiçamos esse tempo? Por que você falou primeiro com Griphook? Nós poderíamos ter ido - nós ainda podemos ir -"

"Não", disse Harry, e ele afundou os joelhos dele na grama. Á direita de Hermione."Dumbledore não queria que eu a tivesse. Ele não queria que eu a ganhasse. Ele queria que eu pegasse os Horcruxes."

"A varinha é insuperável, Harry!" gemeu Ron.

"Eu não sou acho... É só eu conseguir os Horcruxes..."

Agora o tempo estava fresco e escuro: O sol era pouco visível acima do horizonte como ele levitou ao lado de Snape, pelos pisos

até o lago.

"Eu o encontrarei em breve no castelo,” ele disse em voz alta, fria. "Me deixe agora."

Snape se curvou, se virou e partiu subindo o caminho, a capa preta dele estava ondulando atrás. Harry caminhou lentamente, enquanto esperava pela figura de Snape para desaparecer. Não daria para Snape, ou realmente qualquer um outro, ver onde ele ia. Não havia nenhuma luz nas janelas de castelo, e ele poderia se esconder... no segundo seguinte ele se lançou um Feitiço de Desilusão que o escondeu até mesmo dos seu próprios olhos.

Ele caminhou, ao redor da borda do lago, lembrando do castelo amado, o primeiro reino dele, seu antigo mundo...

E aqui estava, ao lado do lago, refletindo nas águas escuras. A tumba marmórea branca, um borrão desnecessário na paisagem familiar. Ele sentia aquela apressada euforia novamente que senso precipitado de propósito a ser destruído. Ele elevou a velha varinha de texugo: Este seria seu último grande ato.

Agora a tumba estava com a tampa aberta. A figura amortalhada era contudo magro como quando ainda em vida. Ele levantou a varinha novamente.

As envolturas caíram abertas. A face era translúcida, pálida, afundada, mas estava quase perfeitamente preservada. Ainda havia marcas em seu nariz quebrado: Ele se sentia muito feliz. As mãos de Dumbledore foram dobradas sobre o tórax, e continuavam nesta

posição, apertada em baixo dele, enterrada com ele.

O bobo velho tinha imaginado aquele mármore ou morte protegeria a varinha? Ele tinha pensado que o Lorde das Trevas teria medo de violar sua tumba? A sua mão de aracnídeo desceu e puxou a varinha de baixo de Dumbledore, e logo após pegá-la, uma chuva de faíscas voou de sua ponta, brilhando por cima do cadáver de seu último dono, pronta para servir um novo mestre afinal.



Capítulo 25

Casa de Campo do Escudo

A casa de campo de Gui e Fleur se localizava no alto de um rochedo com vista para o mar, e tinha as paredes cobertas de conchas. Era um lugar solitário e ao mesmo tempo belo. Aonde quer que Harry fosse na minúscula casa ou em seu jardim, ele podia ouvir a constante ida e vinda da maré, como a respiração de uma grande criatura adormecida. Ele gastou grande parte dos dias que se seguiram criando desculpas para escapar da movimentada casa de campo, desejando a vista do céu aberto e amplo, e do mar vazio, que se tinha do topo do rochedo, e a sensação do vento frio e salgado em sua face.

A grandeza de sua decisão de não enfrentar Voldemort pela varinha ainda assustava Harry. Ele não podia lembrar-se de algum momento, um simples momento, em que ele optara por não agir. Ele estava cheio de dúvidas, dúvidas que não podiam ser esclarecidas por Rony, que tentava aonde quer que eles fossem.

“E se Dumbledore quisesse que nós trabalhássemos com o símbolo

ao invés de pegarmos a varinha?” “E se trabalhar no que esse símbolo significa faça-o merecedor das Relíquias da Morte?” “Harry, se aquela é mesmo a Varinha Mais Antiga, como diabos nós acabaremos com Você-sabe-quem?”

Harry não tinha respostas. Havia momentos quando ele se perguntava se decididamente era loucura não tentar impedir Voldemort de arrombar a tumba. Ele nunca poderia explicar satisfatoriamente porque ele se decidiu contra isso. A toda hora ele tentava recapitular os argumentos internos levaram a essa decisão, eles soavam fraco para ele.

O estranho era que o apoio de Hermione fez ele se sentir somente tão confuso quanto as dúvidas de Rony. Agora forçado a aceitar que a Varinha Elder era real, ela mantinha a opinião que aquilo era um objeto maligno, e que o caminhou que Voldemort tomou sua posse era repugnante, não deveria ser considerado.

“Você nunca faria isso, Harry” ela dizia repetidamente. “Você nunca arrombaria o túmulo de Dumbledore”.

Mas a idéia do cadáver de Dumbledore assustava Harry muito menos que a possibilidade de ele ter interpretado mal as vivas intenções de Dumbledore. Ele sentia que ainda estava às cegas; ele tinha escolhido sua trajetória, mas continuava olhando para trás, perguntando-se se ele tinha confundido os sinais, se ele não deveria ter pegado outro caminho. De tempo em tempo, a raiva de Dumledore o abatia novamente, poderosa como as ondas que se

debatiam contra o penhasco abaixo da casa de campo, irritado porque Dumbledore não explicou a ele antes de morrer.

“Mas ele está morto?” disse Ron, três dias depois de eles terem chegado à casa de campo. Harry estava olhando fixamente para fora da parede que separava o jardim da casa de campo do penhasco quando Ron e Hermione o encontraram; ele desejava que eles não tivessem feito, não tinha nenhum desejo em se juntar aos seus argumentos.

“Sim, ele está, Rony, por favor, não comece isso de novo!”

“Olhe os fatos, Hermione,” disse Rony, falando para Harry, que continuava a contemplar o horizonte. “A lebre prateada. A espada. O olho que Harry viu no espelho –“.

“Harry admitiu que poderia ter imaginado o olho! Não foi, Harry?”

“Eu posso ter imaginado,” disse Harry sem olhar para ela.

“Mas você não acha que imaginou, acha?” perguntou Rony.

“Não, eu não acho,” disse Harry.

“Aqui vamos nós!” disse Rony rapidamente, antes que Hermione pudesse contestar. “Se não foi Dumbledore, explique como Dobby sabia que nós estávamos naquela cela, Hermione?”

“Eu não posso – mas você consegue explicar como Dumbledore o mandou a nós se ele está jazendo em uma tumba, em Hogwarts?”.

“Eu não sei, pode ter sido o seu fantasma!”

“Dumbledore não voltaria como um fantasma,” disse Harry. Tinha poucas coisas sobre Dumbledore que ele tinha certeza agora, mas

ele sabia aquilo. “Ele terá prosseguido”.

“O que você quer dizer com ‘prosseguido’?” perguntou Rony, mas antes que Harry pudesse dizer algo mais, uma voz atrás deles disse, “Arry?”.

Fleur tinha saído da casa de campo, seu longo cabelo prateado voando por causa da brisa.

“Arry, Grip’ook gostaria de falar com você. ‘le está no ‘enor quarto, ‘le disse que não quer ser ouvido.”

O seu desgosto pelo duende estar mandando ela entregar mensagens era claro; ela parecia irritada quando voltava para casa.

Griphook estava esperando por eles, como Fleur disse, no menor dos três quartos da casa, onde Hermione e Luna dormiram a noite.

Ele tinha arrastado a cortina vermelha de algodão contra a claridade, céu nublado, o que deu ao quarto um fulgor contrastante em desacordo ao resto do ar leve da casa de campo.

“Eu já tomei minha decisão, Harry Potter,” disse o duende, que estava sentado de pernas cruzadas em uma cadeira baixa, tamborilando os dedos longos e finos em seus braços. “ Como os duendes de Gringotes considerariam aquela base traiçoeira, eu decidi ajudar você ---”

“Isso é ótimo!”disse Harry, levantando aliviado e indo em sua direção

“em retorno,” ele disse firmemente, “de pagamento”

Rapidamente trazido de volta à realidade, Harry hesitou.

“Quanto ouro você quer? Eu tenho ouro”

“Ouro não,” disse Griphook, “Eu tenho ouro.”

Seus olhos negros brilharam; não havia branco neles

“Eu quero a espada. A espada de Godric Gryffindor”

O espírito de Harry desabou.

“Você não pode tê-la,” ele disse, “me desculpe”

“Então,” disse o duende suavemente, “temos um problema.”

“Nós podemos lhe dar outra coisa,” disse Rony impetuosamente, “ eu aposto que os Lestrange tem montes de coisas, você poderá pegar o que quiser quando conseguirmos entrar no cofre.”

Ele disse a coisa errada. Griphook exaltou-se e disse com raiva:

“Eu não sou um ladrão, menino! Eu não estou tentando possuir tesouros sobre os quais não tenho direitos!

“A espada é nossa ---”

“Não é.” disse o duende

“Nós somos Grifinórianos, e era de Godric Gryffindor ---”

“E antes de ser de Gryffindor, era de quem?” perguntou o duende, sentando direito na cadeira.

“De ninguém,” disse Rony. “Foi feita para ele, não foi?”

“Não!” gritou o duende, reagindo com raiva enquanto apontava um longo dedo para Rony “Arrogância dos bruxos novamente! Aquela espada pertencia a Ragnuk, e foi roubada dele por Godric Gryffindor! É uma obra-prima do trabalho dos duendes! É o preço do meu serviço! É pegar ou largar!”

Griphook os encarou. Harry fitou os outros dois, e então disse: “Nós precisamos discutir isso, Griphook, se isso for possível. Poderia nos dar alguns minutos?”

O duende balançou a cabeça afirmativamente, com uma aparência azeda.

Lá embaixo, na sala de visitas vazia, Harry andava de um lado para o outro, tentando pensar no que fazer. Atrás dele, Rony disse: “Ele está zombando de nós. Nós não podemos deixá-lo ter aquela espada!”

“É verdade?” Harry perguntou à Hermione. “A espada foi roubada por Gryffindor?”

“Não sei” ela disse, sem esperanças. “A história dos bruxos normalmente omite o que eles fazem com outras raças mágicas, mas até onde eu sei, não há nada que incrimine Gryffindor de roubar a espada.”

“Deve ser uma dessas histórias de duendes,” disse Rony, “sobre como os bruxos sempre tentam levar a melhor sobre eles. Nós devemos considerar-nos com muita sorte, por ele não ter pedido uma de nossas varinhas.”

“Os duendes tem suas razões para não gostarem dos bruxos, Rony,” disse Hermione. “Eles foram tratados com brutalidade no passado.”

“Duendes não são exatamente coelhinhos fofinhos e pequenininhos, são?” disse Rony. “Eles mataram muitos dos

nossos. Eles jogaram sujo também."

"Mas discutir com Griphook qual raça é a mais desonesta e violenta não vai fazê-lo ajudar-nos mais facilmente, vai?"

Houve uma pausa em que eles tentaram pensar em uma maneira de contornar o problema. Harry olhou o túmulo de Dobby pela janela. Luna estava colocando lavanda em um jarro atrás da lápide.

"Okay," disse Rony, e Harry se virou para encará-lo "Que tal isto? Nós dizemos a Griphook que precisamos da espada até que entremos no cofre, então ele pode tê-la. Há uma falsa lá, não? Nós as trocamos e damos a ele a falsa!"

"Rony, ele sabe a diferença melhor do que nós!" disse Hermione. "Ele é o único que sabe que houve uma troca."

"Sim, mas nós podemos escapar antes que ele note –."

Ele se acovardou diante o olhar que Hermione direcionou a ele.

"Isto," ela disse calmamente, "é desprezível. Pedir sua ajuda e depois passar a perna nele? E você se pergunta do porquê de duendes não gostarem de bruxos, Rony?".

As orelhas de Rony ficaram vermelhas.

"Tudo bem, tudo bem! Foi a única coisa que eu pude pensar! Qual é a sua solução, então?".

"Nós temos que oferecer a ela outra coisa, outra coisa tão valiosa quanto a espada".

"Brilhante. Eu irei e pegarei uma de nossas outras espadas feita por duendes e você pode embrulhar e presentear ele!".

O silêncio caiu de novo entre eles. Harry tinha certeza que o duende não aceitaria nada no lugar da espada, mesmo que eles tivessem algo de mais valor para oferecer a ele. Contudo a espada era deles, e uma arma indispensável na destruição das Horcruxes. Ele fechou seus olhos por um momento ou dois e ouviu a movimentação das ondas. A idéia de que Gryffindor talvez houvesse roubado a espada era desagradável a ele. Ele sempre se orgulhara de ser um Grinóriano; Gryffindor havia sido o campeão dos Nascidos-Trouxas, o bruxo que havia combatido o amador dos puros-sangue Slytherin...

“Talvez ele esteja mentindo,” disse Harry, abrindo os olhos novamente, “Griphook. Talvez Gryffindor não pegou a espada. Como sabemos que a história do duende é verdadeira?”

“Faz alguma diferença?” perguntou Hermione.

“Muda o jeito como eu me sinto sobre isso,” disse Harry.

Ele respirou profundamente.

“Nós vamos dizer a ele que ele terá a espada depois de ter nos ajudado a entrar no cofre ---mas nós seremos cuidados para dizer a ele exatamente quando ele poderá tê-la.”

Um sorriso perpassou o rosto de Rony. Hermione, entretanto, olhou alarmada.

“Harry nós não podemos ---”

“Harry nós não podemos ---”

“Ele pode tê-la,” Harry começou, “depois de termos usado-a em

todas as Horcruxes. Eu me assegurarei que ele entenderá isso. Manterei minha palavra."

"Mas isso pode demorar anos!" disse Hermione.

"Eu sei disso, mas ele não. Eu não estarei mentindo... realmente."

Harry encontrou os olhos dela com uma mistura de desafio e vergonha. Ele se lembrou das palavras que estavam gravadas no portão de entrada para Nurmengard:PARA UM BEM MAIOR. Ele descartou a idéia. Que outra opção eles tinham?

"Eu não gosto disso," disse Hermione

"Eu também não gosto muito," admitiu Harry.

"Bem, eu acho que é genial," disse Rony, levantando novamente. "Vamos lá contar para ele."

De volta no menor quarto, Harry propôs a oferta, formulando a frase cuidadosamente, para que não definisse exatamente uma hora para que ele se apoderasse da espada. Hermione soltou um muxoxo, olhando para o chão: ele se sentiu irritado com ela, com medo de que talvez ela tivesse entregado o jogo. Mas, Griphook só tinha olhos para Harry, e para mais ninguém.

"Eu tenho sua palavra, Harry Potter, de que você me dará a espada se eu ajudá-lo?"

"Tem," disse Harry.

"Então aperte," disse o duende, estendendo sua mão.

Harry pegou e sacudiu sua mão. Harry imaginou se algum daqueles olhinhos negros vislumbrou alguma dúvida nos seus olhos. Então

Griphook soltou as mãos e juntou-as, dizendo: “Então. Vamos começar!”

Era como planejar invadir o Ministério mais uma vez. Eles se estabeleceram para trabalhar no quarto menor, que estava sendo mantido, como fruto de uma das preferências de Griphook, na meialuz.

“Eu visitei apenas uma vez o cofre dos Lestrange,” Griphook disse a eles, “na ocasião em que falaram para eu colocar a falsa espada dentro dele. É uma das câmaras mais anciãs. As antigas famílias mágicas guardavam seus tesouros no nível mais profundo, onde os cofres eram mais largos e mais protegidos.”

Eles permaneceram confinados no quarto, que mais parecia um armário de cozinha, por horas. Lentamente, os dias foram se transformando em semanas. Havia problema depois de problema, e um deles era a escassez do estoque de Poção Polissuco que eles possuíam.

“Realmente, só resta poção para apenas um de nós,” disse Hermione, segurando a poção lamacenta contra a luz.

“Isso bastará,” disse Harry, que estava examinando um dos mapas desenhados a mão de Griphook, que ilustrava as passagens mais profundas.

Os outros habitantes da casa falhariam miseravelmente em perceber que havia algo acontecendo, agora que Harry, Rony e Hermione só saiam para as refeições. Ninguém fazia perguntas, embora Harry normalmente sentisse os olhos de Gui sobre eles

durante as refeições, pensando, preocupado.
O quanto mais passavam juntos, mais Harry percebia o quanto não gostava do duende. Griphook era surpreendentemente sedento por sangue, ria da idéia de dor em criaturas inferiores e parecia adorar a idéia de que eles talvez necessitassem machucar outros bruxos para chegarem ao cofre dos Lestrange. Harry tinha certeza de que sua opinião era um fator comum aos outros dois, mas eles não discutiam esse assunto. Eles precisavam de Griphook.
O duende só comia grudgingly com ele. Mesmo depois de suas pernas melhorarem, ele ainda exigia bandejas com comida em seu quarto, assim como o ainda-frágil Olivaras, até que Gui (seguindo um ataque de raiva de Fleur) subiu até o segundo andar para lhe dizer que a acomodação não poderia continuar. Mesmo depois de Griphook se juntar a eles à mesa cheia, ele ainda se recusava a comer a mesma comida, insistindo, no lugar, carne crua, raízes e diversos fungos.
Harry se sentia responsável: Era, depois de tudo, ele que havia insistido que o duende permanecesse em Shel Cottage para ele poder interrogá-lo; culpa dele que a família Weasley teve que se exilar no isolamento, e que Gui, Fred, Jorge e o Sr. Weasley não podiam mais trabalhar.
“Desculpe-me,” ele disse à Fleur, em uma barulhenta tarde de Abril enquanto ele a ajudava a preparar o jantar. “Eu nunca quis que vocês tivessem que passar por tudo isso.”

Ela havia posto as facas para trabalharem naquela exata hora, cortando pedaços de carne para Griphook e Gui, que desde que fora atacado por Greyback, preferia carne mal passada. Enquanto as facas cortavam atrás dela, de algum jeito a expressão de irritação dela se amenizou.

"Arry, você salvou a vida de minha irmã, eu não esqueci."

Isso não era, literalmente falando, verdade, mas Harry decidiu não lembrá-la que Gabriel e nunca esteve em perigo verdadeiro.

"De qualquer jeito," Fleur começou, apontando sua varinha para uma panela de molho, que começou a borbulhar na hora, "Sr Olivaras saiu para Muriel 'ssa tarde. 'sso fará as 'oisas mais fáceis. 'quele duende," ela fez uma pequena carranca ao mencioná-lo, "pode vir aqui para baixo, e você, Rony e Dino podem pegar 'quele quarto.

"Nós não ligamos dormir na sala," disse Harry, que sabia que Griphook nunca aceitaria dormir no sofá; manter Griphook feliz era essencial para seus planos. "Não se preocupe conosco." E quando ela tentou protestar, ele continuou, "Nós estaremos fora de suas mãos em breve, Rony, Hermione e eu. Nós não precisamos ficar aqui por muito mais tempo."

"Mas, o que você quer dizer?" ela disse, franzindo suas sobrancelhas para ele, sua varinha apontada para a caçarola que agora estava suspensa no ar. "É claro que vocês não devem partir, vocês estão seguros 'qui!"

Ela pareceu muito com a Sra. Weasley enquanto ela dizia isso, e ele ficou aliviado que a porta dos fundos tenha aberto no momento. Luna e Dino entraram, com os cabelos molhados pela chuva que caia do lado de fora e os braços cheios de lenha.

"... e pequeninas orelhas," Luna estava dizendo, "um pouco parecido com um hipopótamo, Papai diz, só roxo e cabeludo. E se você quiser chamá-los, você tem que soltar um zunido; eles preferem uma valsa, nada muito rápido..."

Parecendo desconfortável, Dino encolheu os ombros para Harry enquanto ele passava, seguindo Luna dentro da sala de jantar e estar combinadas, onde Rony e Hermione estavam colocando a mesa de jantar. Vendo a chance de escapar das perguntas de Fleur, Harry pegou duas jarras de suco de abóbora e os seguiu.

"... e se algum dia você for à minha casa eu poderei mostrar o chifre a você, Papai me escreveu sobre isso mas eu ainda não o vi, pois os Comensais da Morte me tiraram do Expresso de Hogwarts e eu nunca cheguei em casa para o Natal," Luna estava dizendo, enquanto ela e Dino acendiam o fogo.

"Luna, nós já lhe dizemos," Hermione chamou-a." Aquele chifre explodiu. Aquilo veio de um Erumpente, não de um Crumple-Horned Snorcack"

"Não, definitivamente era um chifre de Snornack," disse Luna serenamente, "Papai me contou. Provavelmente deve estar inteiro, eles se concertam sozinhos, você sabe"

Hermione sacudiu a cabeça e continuou colocando os talheres na mesa, quando Gui apareceu, ajudando o Sr. Olivaras a descer as escadas. O fabricante de varinhas ainda parecia extramente frágil, e ele segurou o braço de Gui, enquanto este carregada uma grande mala.

"Eu sentirei sua falta, Sr. Olivaras," disse Luna, aproximando-se do velho homem.

"E eu de você, minha querida," disse Olivaras, dando um tapinha gentil em seu ombro.

"Você foi um conforto inexpressível para mim naquele lugar terrível."

"Então, au revoir, Sr. Olivaras," disse Fleur, beijando ele em ambas as bochechas. "E eu imaginei se o Sr pudesse entregar uma coisa para a tia de Gui, Muriel? Eu ainda não entrreguei a tira a ela."

"Será uma honra," disse Olivaras, com uma reverencia, "a ultima coisa que posso fazer por sua generosa hospitalidade."

Fleur retirou um gasto estojo de veludo, que ela abriu para mostrar ao fabricador de varinhas. A tiara estava lá, cintilando e reluzindo na luz fraca da lâmpada.

"Pedras da lua e diamantes," disse Griphook, que havia entrado no cômodo sem Harry perceber. "Feita por duendes, não?"

"E paga por bruxos," disse Gui baixo, e o duende lançou um olhar ao mesmo tempo furtivo e desafiante a ele.

Um vento forte fustigava as janelas da casa quando Gui e Olivaras saíram para a noite. O resto deles se amontoou ao redor da mesa;

cotovelo com cotovelo, e com pouco espaço restante para se moverem, eles começaram a comer. O fogo estalava no fogão atrás dele. Fleur, Harry percebeu, estava apenas brincando com sua comida; ela lançava olhares furtivos para à janela a cada poucos minutos; entretanto, Gui retornou antes deles terem acabado de comer, com os longos cabelos bagunçados pelo vento.

“Tudo está bem,” ele disse à Fleur. “Olivaras se estabeleceu, Mamãe e Papai mandaram um oi. Gina mandou para vocês todo o amor dela, Fred e Jorge estão levando tia Muriel, eles ainda estão operando um negócio Owl-Order no quarto dos fundos (?). Ela se animou ao ter de volta sua tiara. Ele disse que pensou que havíamos roubado ela.

“Ah, ‘la é ‘ão charmant, sua tia,” disse Fleur de mau humor, sacudindo sua varinha e fazendo os pratos juntos formarem uma pilha no ar. Ela os pegou e sai do cômodo com eles.

“Papai fez uma tiara,” disse Luna, “Bem, mais um diadema, na verdade.”

Rony pegou o olhar de Harry e deu um sorrisinho; Harry sabia que ele estava lembrando-se do cômico ornamento para a cabeça (Do tradutor: Vi por ai traduzido como “penteado”, porém, achei que ornamento para cabeça se encaixava melhor) que eles tinham visto na visita deles a Xenophilius.

“Sim, ele está tentando recriar o diadema perdido de Ravenclaw. Ele acha que já identificou a maioria dos elementos agora.

Adicionar as asas de Gira-Gira (bil ywig em inglês; vide Animais Fantásticos e Onde Habitam) realmente fez a diferença ---"

Houve um grande barulho na porta da frente. Todas as cabeças viraram para ela. Fleur veio correndo da cozinha, parecendo assustada. Gui ficou em pé em um salto, sua varinha apontando para a porta; Harry, Rony e Hermione fizeram o mesmo. Silenciosamente Griphook escorregou para debaixo da mesa, fora de vista.

"Quem é?" Gui chamou.

"Sou eu, Remo John Lupin!" disse uma voz no meio do vento ruidoso. Harry sentiu um pouco de medo, o que deve ter acontecido? "Eu sou um lobisomem, casado com Ninfadora Tonks, e você, o Fiel-Segredo da Shel Cottage (Do tradutor: Preferi deixar assim, pois estava se referindo ao nome do lugar), me disse o endereço e mandou em vir em caso de emergência!"

"Lupin," sussurrou Gui, e correu para abrir a porta.

Lupin caiu sobre o tapete de entrada. Ele estava pálido, enrolado em uma capa de viagem, seu cabelo grisalho bagunçado pelo vento. Ele se endireitou, olhou pela sala para ter certeza de quem estava lá, então bradou alto, "É um menino! Nós o chamamos de Ted, como o pai de Dora!"

Hermione guinchou.

"O q--?Tonks – Tonks teve o bebe?"

"Sim, sim, ela teve o bebe!" exclamou Lupin. Todos em volta da

mesa soltaram vivas de alegria. Hermione e Fleur soltaram gritinhos, “Parabéns!” e Rony disse, “Nossa, um bebe!” como se ele nunca tivesse ouvido falar de tal coisa antes.

“Sim ---sim ---um menino,” disse Lupin novamente, que parecia estupefato com sua própria felicidade. Ele contornou a mesa e abraçou Harry; como se a cena no porão do Largo Grimmauld nunca tivesse acontecido.

“Você seria o padrinho?” disse ele enquanto largava Hary.

“E-eu?” gaguejou Harry.

“Você, sim, claro – Dora também concorda --ninguém melhor –“

“Eu – sim – nossa –“

Harry se sentia chocado, espantado, encantado; agora Gui estava correndo para servir vinho, e Fleur estava persuadindo Lupin para ficar para um drinque.

“Eu não posso me demorar muito, preciso voltar,” sorrindo radiante para todos: Ele parecia anos mais novo do que Harry jamais havia o visto. “Obrigado, obrigado, Gui”

Gui havia enchido todos os cálices rapidamente, eles pararam e os levantaram alto em um brinde.

“A Teddy Remo Lupin,” disse Lupin, “um grande bruxo em processo de formação!”

“’om ‘uem ele se pa’rece? Fleur perguntou. (O sotaque francês ficou uma tragédia, mas vocês entenderam xD)

“Eu acho que ele se parece com Dora, mas ela acha que ele se

parece comigo. Não tem muito cabelo. Parecia preto quando ele nasceu, mas eu juro que virou cor de gengibre uma hora depois. Provavelmente loiro na hora em que eu voltar. Andrômeda diz que o cabelo de Tonks começou a mudar de cor no mesmo dia em que ela nasceu." Ele bebeu todo o cálice. "Oh, então vá, só mais um," ele adicionou radiante, quando Gui tentou encher o cálice novamente.

O vento castigava a pena casa e o fogo tremulava e estalava, e Gui pouco tempo depois estava abrindo outra garrafa de vinho. A noticia de Lupin parecia que havia tirado eles deles mesmos, os removido por pouco tempo de seu estado de preocupação: Notícias de uma nova vida era animador. Apenas o duende parecia intocado pela atmosfera festiva, e depois de um tempo ele furtivamente foi para o quarto que agora ele ocupava. Harry pensou que ele era o único que havia percebido isso, até ver os olhos de Gui seguindo o duende pelas escadas.

"Não... não... eu realmente preciso ir," disse Lupin finalmente, rejeitando outro cálice de vinho. Ele levantou e colocou a capa de viagem em torno de si.

"Adeus, adeus – Eu tentarei trazer algumas fotos dentro de alguns dias – todos estarão felizes de saber que eu os vi --"

Ele puxou a capa mais pra junto de si e se despediu, abraçando as mulheres e apertando as mãos dos homens, então, ainda radiante, ele retornou para a noite raivosa (No sentido de estar "wild"

ventando muito, fazendo um mau tempo).

“Padrinho, Harry!” disse Gui enquanto eles rumavam para a cozinha juntos, ajudando a tirar a mesa. “Uma verdadeira honra! Parabéns!”

Enquanto Harry colocava os cálices vazios que estava segurando, Gui fechou a porta atrás dele, calando as vozes altas dos outros, que ainda festejavam mesmo com a saída de Lupin.

“Eu queria ter uma conversa particular com você, Harry. Não estava sendo fácil ter uma oportunidade, com a casa cheia de pessoas.”

Gui hesitou.

“Harry, você está planejando algo com Griphook.”

Era uma afirmação, não uma pergunta, e Harry não atrapalhou para negar. Ele meramente olhou Gui, esperando.

“Eu conheço duendes,” disse Gui. “Eu trabalhei para Gringotes desde que eu deixei Hogwarts. Até onde possa existir amizade entre bruxos e duendes, eu tenho amigos duendes – ou, ao menos, duendes que eu conheço bem, e gosto.” Novamente, Gui hesitou.

“Harry, o que você quer de Griphook, e o que você prometeu dar a ele em retorno?”

“Eu não posso lhe dizer isso,” disse Harry. “Desculpe, Bil .”

A porta da cozinha abriu atrás deles; Fleur estava tentando trazer mais cálices vazios.

“Espere,” Gui disse à ela, “só um momento.”

Ela deu meia volta e fechou a porta novamente.

“Então eu tenho que lhe dizer isso,” Bil começou. “Se você fez

algum tipo de acordo com Griphook, e mais particularmente se esse acordo envolver tesouro, você tem que tomar excepcional cuidado. As noções de propriedade, pagamento e reembolso não são iguais as dos humanos.”

Harry sentiu um pouco de desconforto, como se uma pequena cobra tivesse despertado e locomovido-se dentro dele.

“O que você quer dizer?” ele perguntou.

“Nós estamos falando sobre um diferente jeito de ser,” disse Gui. “Negócios entre bruxos e duendes tem sido conturbados por séculos – mas você sabe isso de História da Magia. Tem havido erros dos dois lados, eu nunca afirmaria que os bruxos tem sido inocentes. Mas existe uma crença entre certos duendes, e os duendes de Gringotes são mais propensos à ela, que os bruxos não são dignos de confiança em assuntos que envolvem ouro e tesouros, que eles não respeitam a propriedade dos duendes

“Eu respeito –“ Harry começou, mas Gui sacudiu a cabeça.

“Você não entende, Harry, ninguém poderia entender ao menos que tivessem vivido com duendes. Para um duende, o verdadeiro dono de um objeto é o seu criador, não o comprador. Todos os objetos feitos por duendes são, em seu ponto de vista, deles.”

“Mas foi comprado --”

“—então eles considerariam ele emprestado por aquele que pagou o dinheiro. Eles têm, no entanto, grande dificuldade com a idéia de objetos feitos por duendes passando de bruxo para bruxo. Você viu

a expressão de Griphook quando a tiara passou por baixo de seus olhos. Ele desaprova. Eu acho que ele pensa, assim como outros de sua raça, que ela deveria ter sido devolvida aos duendes quando o comprador original morreu. Eles consideram hábito nosso ficar com objetos feitos por duendes, passando eles de bruxo para bruxo sem outro pagamento, um pouco mais que roubo."

Harry tinha um sentimento agourento agora; ele pensava se Gui havia descoberto mais do que ele deveria. "Tudo que eu estou dizendo," disse Gui, colocando a mão na porta que dava para a sala de estar, "é para ser muito cuidadoso com o que promete para duendes, Harry. Seria menos perigoso invadir Gringotes do que renegar uma promessa a um duende."

"Certo," disse Harry enquanto Gui abria a porta, "sim. Obrigado. Eu vou pensar nisso."

Enquanto ele seguia Gui de volta aos outros um pensamento torcido (?) veio a ele, nascido sem duvida do vinho que ele havia bebido. Ele pensava se estaria destinado a ser um padrinho tão negligente a Teddy Lupin quando Sirius Black fora pra ele.



Capítulo 26

Gringotts

Os planos estavam feitos, a preparação completa; no quarto menor, um único longo, áspero, fio de cabelo (colhido do casaco que Hermione havia usado na mansão dos Malfoy) jazia enrolado dentro de um pequeno frasco de vidro, em cima da lareira.

“E você estará usando a atual varinha dela”, disse Harry, acenando na direção da varinha de nogueira, “Então, eu imagino que você estará bem convincente.”

Hermione parecia com medo de que a varinha pudesse ferroá-la ou mordê-la quando a pegasse.

“Eu odeio essa coisa”, ela disse em voz baixa. “Eu realmente odeio. Parece tudo errado, ela não funciona apropriadamente para mim.... é como de fosse um pedaço dela”.

Harry não pôde evitar lembrar-se de como Hermione havia descartado sua aversão pela varinha de ameixeira brava, insistindo em que ele estava imaginando coisas quando ela não funcionava tão bem quanto a sua antiga, dizendo a ele simplesmente para

praticar. Ele decidiu não repetir o seu próprio conselho para a garota, até porque, a véspera de sua tentativa de assalto a Gringotts parecia o momento errado para rivalizar com ela.

“Isso provavelmente vai te ajudar a entrar no personagem” disse Rony, “pense no que essa varinha já fez!”

“Mas essa é a questão!” disse Hermione. “Essa é a varinha que torturou os pais de Nevil e, e quem sabe quantas pessoas mais? Essa é a varinha que matou Sirius!”

Harry não tinha pensado naquilo: ele olhou bem a varinha e foi consumido por uma vontade urgente de quebrar-la, de partir-la no meio com a espada de Gryffindor, que estava pendura na parede a seu lado.

“Eu sinto falta da minha varinha”. Disse Hermione miseravelmente. “Eu queria que o senhor Olivaras tivesse feito uma outra para mim também.”

O senhor Olivaras havia mandado uma varinha nova para Luna esta manhã. Ela estava no gramado atrás da casa naquele momento, testando as suas capacidades sob a luz do entardecer. Dino, que havia perdido sua varinha para os Rastreadores (Snatchers), estava observando melancolicamente.

Harry olhou para a varinha de espinheiro que havia pertencido a Draco Malfoy. Ele ficou surpreso, mas satisfeito em ver que ela funcionava para ele pelo menos tão bem quanto a de Hermione havia funcionado. Lembrando do que Olivaras havia dito a eles

sobre o segredo do funcionamento das varinhas. Harry achava que sabia qual era o problema de Hermione: ela não tinha ganhado a fidelidade da varinha de nogueira tirando ela pessoalmente de Bel atrix.

A porta do quarto abriu e Griphook entrou. Harry procurou instintivamente pelo punho da espada e a puxou para perto de si, mas arrependeu-se de sua atitude na mesma hora. Ele poderia dizer que o duende havia notado. Procurando superar o momento complicado, ele disse, “Nós acabamos de testas as coisas de última hora, Griphook”. “Dissemos a Gui e Fleur que estaremos partindo amanhã, e dissemos que eles não precisavam acordar para nos ver sair”.

Eles tinham sido firmes neste ponto, porque Hermione precisaria se transforma em Bel atrix antes que eles partissem, e quanto menos Gui e Fleur soubessem ou suspeitassem sobre o que eles estavam prestes a fazer, melhor. Eles também explicaram que não retornariam. E como eles haviam perdido a velha barraca de Perkins na noite em que os rastreadores os capturaram, Gui os havia emprestado uma outra. Estava agora arrumada dentro da bolsa de contas, a qual, Harry ficou impressionado em saber, Hermione havia protegido dos Rastreadores pelo simples ato de empurra-la dentro da meia.

Ainda que eles fossem sentir saudades de Gui, Fleur, Luna e Dino, sem mencionar os confortos domésticos dos quais eles haviam

desfrutado nas últimas semanas, Harry esperava ansiosamente por escapar do confinamento da cabana na costa. Ele estava cansado em tentar ter certeza de que eles não haviam ouvido demais, cansado de ficar preso no pequeno quarto escuro. Mais do que tudo, ele ansiava por se ver livre de Griphook.

No entanto, precisamente como e quando eles iriam se separar do duende sem deixar pra trás a espada de Gryffindor ainda era uma questão para a qual Harry não tinha resposta. Havia sido impossível decidir como eles iriam fazer isso, por que o duende raramente deixava Harry, Ron e Hermione sozinhos por mais de cinco minutos de cada vez: “Ele poderia dar lições à minha mãe”, resmungou Ron, quando os longos dedos do duende apareciam nas bordas das portas. Com o aviso de Gui na mente, Harry não conseguia evitar de pensar que o duende estava atento para possíveis falcatruas. Hermione desaprovava tão intensamente o plano de passar a perna nele que Harry havia desistido de usar o cérebro dela na tentativa de descobrir como proceder: Rony, nas raras ocasiões em que eles haviam conseguido um momento livre de Griphook, não havia aparecido com nada melhor do que “Nós temos que sair voando com ela, cara.”

Harry dormiu mal naquela noite. Rolando de um lado para o outro nas primeiras horas, ele se viu novamente com a mesma sensação que havia tido na noite antes de invadirem o Ministério da Magia , relembrando uma determinação, quase uma excitamento. Agora ele

experimentava jorros de ansiedade, dúvidas incômodas: ele não poderia afastar o medo de que tudo desse errado. Ele continuou dizendo a si mesmo de que o plano era bom, que Griphook sabia o que eles estavam enfrentando, que eles estavam bem preparados para todas as dificuldades que eles estavam prestes a encontrar, mas ele ainda se sentia apreensivo. Duas ou três vezes ele ouviu Rony se mexer e tinha certeza de que ele também estava acordado, mas eles estavam dividindo a sala de estar com Dino, então Harry não falou nada.

Foi um alívio quanto chegaram as seis horas e eles puderam pular fora de seus sacos de dormir, vestir-se na semi-escuridão, e então escorregar para o jardim, onde eles iriam encontrar Hermione e Griphook.

O amanhecer estava frio, mas havia uma leve brisa agora que era maio. Harry levantou a cabeça para olhar as estrelas que ainda brilhavam palidamente no céu escuro e escutou o mar movendo-se para frente e para trás contra o penhasco: ele ia sentir falta do som. Pequenas ervas verdes estavam forçando agora seu caminho rumo à terra vermelha da sepultura de Dubby, dali a um ano o solo estaria coberto de flores. A pedra branca que carregava o nome do elfo já apresentava um aspecto de desgastada pelo tempo. Ele percebia agora que eles não poderiam ter deixado Dobby descansar em um lugar mais bonito do que aquele, mas Harry sofria com a tristeza de pensar em deixá-lo para trás. Olhando para a

sepultura, ele imaginou novamente como o elfo tinha sabido onde ir para regata-los. Seus dedos se moveram displicentemente para a pequena bolsa presa ao redor de seu pescoço, pela qual ele podia sentir o pontudo fragmento de espelho no qual ele tinha certeza de ter visto o olho de Dumbledore. Então o som de uma porta abrindo o fez olhar ao redor.

Bel atriz Lestrange estava andando a passos largos na sua direção, através da grama, acompanhada de Griphook. Enquanto ela caminhava estava enfiando a bolsa de contas dentro do bolso de um outro conjunto de vestes que eles haviam trazido do Largo Grimmauld. Ainda que Harry soubesse perfeitamente que ela era na verdade Hermione, ele não conseguia suprimir uma lasca de aversão. Ela era mais alta do que ele, seu longo cabelo negro balançado por suas costas, suas pálpebras pesadas, desdenhosas quando seus olhos fixaram-se nele; mas então ela falou, e ele ouviu Hermione através da voz baixa de Bel atrix.

“Ela tem um gosto horrível, pior que Gurdyroots! Ok Rony, venha aqui para que eu possa...”

“Certo, mas se lembre, eu não gosto de barba muito longa!”

“Oh, pelo amor de Deus, isso não é para parecer bonito.”

“Pode não ser, mas vai no rumo. Eu quero meu nariz um pouco menor, tente e faça do jeito que você fez na vez passada.”

Hermione observou e começou a trabalhar, resmungando enquanto transformava vários aspectos da aparência de Rony. Ele deveria ter

uma identidade totalmente falsa, e eles contavam com a aura malévola que encobria Bel atrix para protegê-lo. Enquanto isso, Harry e Griphook ocultaram-se debaixo da capa de invisibilidade.

“E aí”, disse Herminone, “como parece, Harry?”

Era simplesmente impossível distinguir Rony debaixo de seu disfarce, Harry ficou surpreso, principalmente por conhecer o amigo tão bem. O cabelo de Rony estava agora longo e ondulado, ele tinha uma barba marrom curta e um cavanhaque, sem sardas, um pequeno e largo nariz e pesadas sobrancelhas.

“Bem, ele não é o meu tipo, mas vai servir.”Disse Harry. “Podemos ir, então?”

Todos os três vislumbraram a cabana da costa, permanecendo escura e silenciosa sob as estrelas que desapareciam, então se viraram e começaram a andar na direção do ponto, logo abaixo do muro limite, onde o feitiço Fidelius parava de funcionar e eles poderiam desaparatar. Uma vez passado o portão, Griphook falou.

“Eu devo subir agora, Harry Potter, suponho?”

Harry se curvou para baixo e o duende montou em suas costas, suas mãos unidas na frente da garganta de Harry. Ele não era pesado, mas Harry não gostava de sentir o duende e a surpreendente força com a qual se ele agarrou. Hermione puxou a capa de invisibilidade de dentro da bolsa de contas e a jogou sobre os dois.

“Perfeito”, ela disse, se abaixando para checar os pés de Harry. “Eu

não consigo ver nada, vamos!”

Harry se virou para o alvo, com Griphook em seus ombros, concentrando-se com todas as suas forças no Caldeirão Furado, a estalagem que era a entrada do Beco Diagonal. O duende agarrava cada vez mais forte enquanto eles se moviam pela escuridão esmagadora, e segundo depois os pés de Harry encontravam o chão e ele abriu os olhos em Charing Cross Road. Trouxas passavam com a habitual cara de ressaca de cedo da manhã, quase inconscientes da existência da pequena estalagem.

O bar do Caldeirão Furado estava praticamente deserto. Tom, o encurvado e sem dente proprietário, estava polindo copos atrás do balcão do bar, um par de fregueses que conversava em murmúrios num canto distante deu uma olhada em Hermione e voltou para as sombras.

“Madame Lestrange”, murmurou Tom, e quando Hermione parou ele inclinou sua cabeça subservientemente.

“Bom dia”, disse Hermione, e enquanto Harry passava se arrastando, ainda carregando Griphook em suas costas, ele viu que Tom parecia surpreso.

“Muito educado”, Harry sussurrou na orelha de Hermione, quando eles saíram da estalagem para o pequeno quintal. “Você precisa tratar as pessoas como se elas fossem escória.”

“Ok, ok!”

Hermione puxou para fora a varinha de Bel atrix e bateu em um

tijolo na dúbia parede em sua frente. De repente, os tijolos começaram a girar rapidamente e se contorcer: um buraco apareceu no meio deles, se tornando maior e maior, finalmente formando um arco na estreita rua de calçamento que era o Beco Diagonal.

Estava calmo, quase na hora das lojas abrirem, e havia trabalhadores e clientes ao redor. A curva rua de calçamento estava muito diferente agora do agitado lugar que Harry visitou antes de seu primeiro ano em Hogwards, muitos anos atrás. Mais lojas estavam fechadas agora, enquanto vários novos estabelecimentos dedicados às artes das trevas haviam sido criados desde sua última visita. O próprio rosto de Harry o observava de vários posters pregados sobre muitas janelas, todos com a legenda INDESEJÁVEL N° 1.

Um grande número de pessoas maltrapilhas sentavam-se amontoadas dentro das portas. Ele as ouviu gemer para os poucos transeuntes, mendigando por ouro, insistindo de que eram bruxos de verdade. Um homem tinha um curativo ensangüentado sobre um dos olhos.

Enquanto eles desciam pela rua. Mendigos olhavam de relance para Hermione, eles pareciam deslizar para fora do caminho antes que ela passasse, desenhando sombras em suas faces e desaparecendo o mais rápido que podiam.

Hermione olhava para eles curiosa, até que o homem com o

curativo ensangüentado veio cambaleando em sua direção.
“Meus filhos”, ele berrou, apontando para ela. Sua voz era quebrada, aguda, ele parecia aturdido. “Onde estão meus filhos? O que ele fez com eles? Você sabe, você sabe!”
“Eu.. eu.. realmente....”gaguejou Hermione.
O homem se lançou para ela, tentando alcançar sua garganta. Então, com uma explosão e um raio de luz vermelha ele foi jogado para trás, caindo no chão, inconsciente. Rony estuporou ele, sua varinha ainda empunhada e um aspecto de choque visível sob sua barba. Faces apareceram nas janelas nos dois lados da rua, enquanto um pequeno amontoado de transeuntes que pareciam ricos recolheu suas vestes e sumiu dentro da algazarra, ávidos por esvaziar da cena.
Sua entrada no Beco Diagonal não poderia ter sido mais evidenciada, por um momento Harry pensou se não seria melhor sair dali agora e pensar em um plano diferente. Antes que eles pudessem se mover ou consultar uns aos outros, no entanto, eles ouviram um choro atrás deles.
“Por que, Madame Lestrange?”
Harry se virou rapidamente e Griphook apertou seus braços ao redor do pescoço de Harry: um bruxo alto, magro, com uma coroa de longos e acinzentados cabelos assanhados, nariz largo, estava andando a passos largos em sua direção.
“É o Travers” sibilou o duende na orelha de Harry, mas naquele

momento Harry não conseguia imaginar quem era Travers.
Hermione havia se erguido o máximo que conseguia e disse com o máximo de desdém que conseguiu disfarçar:
“E o que você quer?”
Travers parou no meio do caminho, claramente ofendido.
“Ele é um outro comensal da morte”, sussurrou Griphook, e Harry escorregou para o lado para repetir a informação na orelha de Hermione.
“Eu apenas pensei em cumprimentá-la” disse Travers friamente, “mas se minha presença não é bem vinda...”
Harry reconhecia sua voz agora: Travers era um dos comensais da morte que havia sido chamado à casa de Xenophilius.
“Não, não, de forma alguma, Travers”, disse Hermione rapidamente, tentando encobrir seu erro, “Como você está?”
“Bem, eu confesso que estou surpreso de ver você andando por aí, Bel atrix”
“Realmente, porque?” perguntou Hermione.
“Bem,” Travers tossiu, “Eu ouvi dizer que os habitantes da mansão dos Malfoy estavam confinados na casa, depois da.... ah..... fuga”
Harry desejou que Hermione mantivesse a cabeça, se isso fosse verdade, e Bel atrix não deveria estar sendo vista em público..
“O lorde das trevas perdoa aqueles que o serviram mais fielmente no passado” disse Hermione, em uma magnífica imitação dos modos desdenhosos de Bel atrix “Talvez seu crédito com ele não

seja tão bom quanto o meu, Travers".

Ainda que o comensal da morte parecesse ofendido, ele parecia um pouco menos desconfiado. Ele olhou de relance para o homem que Rony acabara de estuporar.

"Como ele ofendeu você?"

"Isso não importa, ele não vai fazer isso novamente." Falou Hermione friamente.

"Alguns desse sem-varinha podem ser problemáticos", disse Travers. "Enquanto eles não fazem mais do que implorar eu não tenho objeções, mas um deles realmente me pediu para interceder por ele no Ministério, semana passada. 'eu sou um bruxo senhor, me deixe provar" ele disse em uma interpretação esganiçada. "Como se eu fosse entregar minha varinha a ele – mas, que varinha," disse Travers curiosamente, "você esta usando no momento Bel atrix, eu ouvi dizer que a sua..."

"Eu tenho minha varinha bem aqui" disse Hermione friamente, levantando a varinha de Bel atrix. "Eu não sei que rumores você andou escutando por aí, Travers, mas você parece tristemente mal informado".

Traves pareceu um pouco abatido com aquilo, então se virou para Rony.

"Quem é o seu amigo? Eu não o reconheço"

"Este é Dragomir Despard", disse Hermione; eles haviam decidido que um estrangeiro fictício era a cobertura mais segura para que

Rony assumisse. “Ele fala muito pouco de inglês, mas tem simpatia pelos objetivos do Lord das Trevas.

Ele viajou da Transilvânia para cá para ver nosso novo regime”

“Verdade, como você vai, Dragomir”?

“E você?” disse Rony, estendendo sua mão.

Travers estendeu dois dedos e apertou a mão de Rony como que com medo de que você sujar a sua.

“Então, o que trás você e seu ... ah ... amigo simpatizante ao Beco Diagonal tão cedo?” perguntou Travers.

“Eu preciso visitar Gringotts”, disse Hermione.

“Ah, eu também”, disse Travers. “Ouro, ouro sujo. Nós não podemos viver sem ele, mas eu tenho que confessar que acho deplorável a necessidade que nós temos de manter relações com nossos amiguinhos de dedos compridos.”

Harry sentiu Griphook apertar as mãos mais fortemente ao redor de seu pescoço.

“Podemos?” disse Travers, conduzindo Hermione para frente.

Hermione não teve outra chance senão seguir a seu lado ao longo da curva rua de calçamento, na direção do lugar onde estava o coberto de neve Gringotts, parado, mais alto do que os outros prédios no entorno. Rony deslizou ao lado deles e Harry e Griphook os seguiram.

Um comensal da morte observador era realmente a última coisa que eles precisavam, e o pior de tudo era que, com Travers colado

ao lado do que ele achava ser Bel atrix, não havia meios de Harry se comunicar com Hermione ou Rony. Cedo de mais eles chegaram ao pé dos degraus de mármore que levavam às portas de bronze. Como Griphook já havia alertado, os duendes fardados que costumavam estar flanqueados na entrada haviam sido substituídos por dois bruxos, ambos carregando um longo e fino bastão dourado.
“Ah, Sindicância de Honradez” ressaltou Travers teatralmente, “Muito cruel, mas tão eficiente!”
Então ele subiu os degraus, acenando à direita e à esquerda para os bruxos, que levantaram os bastões e o passaram de cima a baixo no seu corpo. A sindicância, Harry sabia, detectava feitiços de ocultamento e objetos mágicos escondidos. Sabendo que tinha apenas alguns segundos, Harry apontou a varinha de Draco para os guardas e murmurou, “Confundo”, duas vezes.
Sem ser notado por Travers, que estava olhando para o hal interno através das portas de bronze, cada um dos guardas deu uma pequena sacudida quando o feitiço os atingiu.
O longo cabelo preto de Hermione se agitou nas suas costas, enquanto ela escalava os degraus.
“Um momento, madame.” Disse o guarda, levantando seu bastão.
“Mas você acabou de fazer isso!” disse Hermione, na arrogante voz de comando de Bel atrix. Travers olhou ao redor, sobrancelhas levantadas. O guarda estava confuso. Ele olhou para seu bastão de sindicância e depois para seu companheiro, que disse em uma voz

atordoada e esganiçada, “Sim, você acabou de checá-los, Marius!” Hermione deslizou para frente. Rony a seu lado e Harry e Griphook trotando logo atrás deles. Harry olhou pra trás quando eles cruzaram a porta de entrada. Ambos os bruxos estavam coçando suas cabeças.

Dois duendes estavam parados na frente da porta interna, a qual era feita de prata e carregava o poema alertando sobre as terríveis retribuições aos possíveis ladrões. Harry olhou para ela, e de repente um feixe de memória veio até ele: parado neste mesmo ponto no dia que tinha feito 11 anos, o mais maravilhoso aniversario de sua vida, e Hagrid parado a seu lado dizendo “Como eu disse, eles seriam loucos de tentar roubar isso aqui”. Gringotts parecia ter sido um lugar de maravilhas naquele dia, o depositório encantado da montanha de ouro que ele nunca soube ter possuído, ele nunca sonhou que retornaria aqui para roubar.... mas dentro de poucos segundos eles estavam parados no vasto corredor de mármore do hal de entrada do banco.

O longo balcão estava repleto de duendes, sentados em altos bancos, atendendo aos primeiros clientes da manhã. Hermione, Rony e Travers caminharam na direção de um velho duende que estava examinando uma fina moeda de ouro através de um óculos. Hermione permitiu que Travers passasse na sua frente, sob o pretexto de estar explicando a Rony as características do hal do banco.

O duende abandonou de lado a moeda que estava analisando e disse para ninguém em particular “Leprechaum”, e então cumprimentou Travers, que lhe entregou uma chavezinha dourada, a qual foi examinada e devolvida para ele.
Hermione deu um passo para frente.
“Madame Lestrange!” disse o duende, evidentemente sobressaltado. “Minha querida! Como.. como eu poderia ajuda-la hoje?”
“Eu desejo entrar em meu cofre!” disse Hermione.
O velho duende pareceu recuar um pouco. Harry olhou ao redor. Não apenas Traves estava se virando para trás, observando, mas vários duendes haviam parado seus trabalhos para encarar Hermione.
“Você tem.. identificação?” perguntou o duende.
“Identificação? Eu.. eu nunca precisei de identificação antes!” disse Hermione.
“Eles sabem!” sussurrou Griphook na orelha de Harry. “Eles devem ter sido alertados de que poderia haver impostores!”.
“Sua varinha vai servir madame” disse o duende. Ele estendeu uma fina mão que tremia, e em uma rajada de iluminação Harry percebeu que os duendes de Gringotts haviam sido alertados de que a varinha de Bel atrix havia sido roubada.
“Aja agora, aja agora!” sussurrou Griphook na orelha de Harry, “A maldição Imperius!”

Harry levantou a varinha de espinheiro por debaixo da capa, apontando para o duende, e sussurrou, pela primeira vez em sua vida, “Imperio!”

Uma sensação curiosa atingiu o braço de Harry, uma sensação de formigamento, um calor que parecia voar de sua mente, através dos nervos e veias, conectando-o à varinha quando a maldição acabou de ser lançada. O duende pegou a varinha de Bel latrix, examinou-a de perto, e então disse “Ah, você tem uma varinha nova, Madame Lestrange!”

“O que?” disse Hermione “Não, não, essa é a minha....”

“Uma nova varinha?” disse Travers, se aproximando do balcão novamente; todos os duendes ao redor continuavam olhando. “Mas como você poderia ter feito, qual artesão de varinha você usou?”

Harry agiu sem pensar. Apontando sua varinha para Travers, ele murmurou, “Imperio”, mais uma vez.

“Ah, sim, eu vejo”, disse Travers, olhando a varinha de Bel atrix de cima a baixo, “sim, muito bonita, e está funcionando bem? Eu sempre acreditei que varinhas precisavam de uma pequena apresentação, não é?”

Hermione parecia extremamente perplexa, para o enorme alívio de Harry ela aceitou a mudança bizarra dos eventos sem comentário.

O velho duende atrás do balcão bateu palmas e um duende mais jovem se aproximou.

“Eu vou precisar dos Clankers (alguma coisa que faz barulho)”, ele

disse ao duende, que desapareceu de vista e retornou um momento depois com uma bolsa de couro que parecia cheia de metais ruidosos, a qual ele entregou a seu senhor. “Bom, bom! S, se você puder me seguir, Madame Lestrange”, disse o velho duende, saltando de seu banco e desaparecendo de vista. “Eu vou levá-los a seu cofre”.

Ele apareceu no final do balcão, andando de forma feliz na direção deles, o conteúdo da bolsa de coro ainda fazendo barulho. Travers estava agora em pé parado com sua boca balançando aberta. Rony estava prestando atenção a este estranho fenômeno olhando Travers confuso.

“Espere – Bogrod!”

Um outro duende veio correndo ao lado do balcão.

“Nós temos instruções”, ele disse dando uma olhada para Hermione. “Me perdoe madame, mas existem ordem especiais acerca do cofre dos Lestrange.”

Ele sussurrou urgentemente nos ouvidos de Bogrod, mas o duende dominado o afastou.

“Eu sei sobre as instruções, Madame Lestrange deseja visitar seu cofre... família muito antiga... velhos clientes... por aqui, por favor.”

E, ainda fazendo barulho, ele se apressou na direção de uma das muitas portas no fundo do hal . Harry olhou de volta para Travers, que continuava enraizado no mesmo ponto, parecendo anormalmente ausente, e tomou uma decisão. Com um movimento

de sua varinha ele fez Travers vir com eles, andando pacificamente no seu rastro quando alcançaram a porta e passaram para dentro da passagem de rocha, a qual estava iluminada por tochas.

“Nós estamos com problema, eles suspeitam!” disse Harry, quando a porta bateu a suas costas e ele puxou a capa de invisibilidade. Griphook pulou de seus ombros, nem Travers nem Bogrod mostraram o menor sinal de surpresa quando de repente Harry Potter apareceu em sua frente. “Eles estão sob a maldição imperius”, ele acrescentou, em resposta às perguntas confusas de Rony e Hermione, que estavam ambos parados lá, parecendo lençóis. “Eu não acho que tenha feito ela forte o suficiente, eu não sei.”

E uma outra memória passou como uma flecha por sua mente, da verdadeira Bel atrix Lestrange, guinchando para ele quando ele tentou usar uma maldição imperdoável pela primeira vez: “Você tem que querer ela realmente Potter!”

“O que a gente faz?” perguntou Rony, “Devemos sair agora, enquanto somos capazes?”

“Se formos capazes”, disse Hermione, olhando de volta para a porta do hal principal, sobre a qual eles sabiam o que estava acontecendo.

“Nós chegamos até aqui, eu digo para continuarmos”, disse Harry.

“Bom!”, disse Griphook. “Então nós precisamos que Bogrod controle o carrinho. Eu não tenho mais a autoridade. Mas não vai ter lugar

para o bruxo.”

Harry apontou sua varinha para Travers.

“Imperio!”

O bruxo se virou e andou na direção dos trilhos escuros, numa paz serena.

“O que você está fazendo ele fazer?”

“Se esconder”, disse Harry enquanto apontava a varinha para Bogrod, que assobiou chamando o carrinho que veio rodopiando da escuridão, através dos trilhos, na direção deles. Harry tinha certeza que podia ouvir gritos atrás deles no hal principal, enquanto eles subiam dentro do carrinho. Bogrod na frente de Griphook, Harry, Rony e Hermione amontoados na parte de trás.

Com um solavanco o carrinho se moveu, ganhando velocidade: eles passaram rapidamente por Travers, que estava se retorcendo para dentro de uma rachadura na parede, quando então o carrinho começou a rodar e a girar pelo labirinto das passagens, escorregando para baixo o tempo todo.

Harry não conseguia escutar nada além do chocalhar do carrinho nos trilhos: seu cabelo voava para trás, enquanto eles desviavam de estalactites, voando cada vez mais para baixo da terra, mas ele continuava olhando para trás. Eles deveriam também ter deixado várias pegadas para trás, quanto mais ele pensava a respeito, mais tola parecia a idéia de ter disfarçado Hermione de Bel atrix, de ter trazido a varinha dela, quando os comensais da morte sabiam quem

a havia roubado.

Eles estavam mais profundo do que Harry jamais havia penetrado em Gringotts; eles olharam para o marcador de velocidade e viram à sua frente, com alguns segundo de antecipação, uma parede de água caindo sobre os trilhos. Harry ouviu Griphook gritar “Não”, mas não havia freio. Eles passaram zunindo por ela. A água encheu os olhos e a boca de Harry: ele não podia ver ou respirar. Então, com uma virada terrível, o carrinho parou, eles foram todos jogados para fora. Harry ouviu o carro se estraçalhar em pedaços contra a parede, ouviu Hermione guinchar alguma coisa, e se viu voar para o chão com se não tivesse peso, caindo sem dor no solo rochoso da passagem.

“Feitiço de amortecimento”, Hermione balbuciou, enquanto Rony a levantava, mas para o terror de Harry ele viu que ela não era mais Bel atrix: ao contrário, ela estava parada lá, com vestes muito largas, encharcada e completamente ela mesma; Rony estava ruivo e sem barba novamente. Eles estavam percebendo isso olhando uns para os outros, sentindo suas próprias faces.

“A Ruína do Ladrão!”, disse Griphook, levantando-se e olhando de volta para o dilúvio sobre os trilhos, o qual, Harry saiba agora, havia sido mais do que água. “Ele lava todos os encantamentos, todas as ocultações mágicas. Eles sabem que há impostores em Gringotts, eles mandaram defesas contra nós.”

Harry viu Hermione checar se ainda tinha a bolsa de contas, e

rapidamente enfiou a mão dentro da jaqueta para se assegurar de que ainda tinha a capa de invisibilidade.

Então ele se virou para ver Bogrod balançado sua cabeça de perplexidade: A Ruína do Ladrão parecia tê-lo libertado da maldição imperius.

“Nós precisamos dele”, disse griphook, “Nós não podemos entrar no cofre sem um duende de Gringotts. E nós precisamos dos Clankers”.

“Imperio!” disse Harry novamente; sua voz ecoou pela passagem de pedra enquanto ele sentia novamente a sensação de controle mental que fluía do cérebro para a varinha. Bogrod submeteu-se mais uma vez à sua vontade, a expressão confusa de seu rosto foi substituída por uma educada indiferença, enquanto Rony se apressava em pegar a bolsa de couro com as ferramentas de metal.

“Harry, eu acho que estou escutando pessoas chegando!” disse Hermione e apontou a varinha de Bel atrix para a parede de água e chorou “Protego!”. Eles viram o feitiço escudo quebrar a corrente de água encantada enquanto bloqueava a passagem.

“Boa idéia!”, disse Harry. “Mostre-nos o caminho Griphook!”.

“Como é que nós vamos conseguir sair daqui novamente?” perguntou Rony enquanto eles apressavam seus pés na direção do duende, Bogrod ofegando como um cachorro velho.

“Vamos nos preocupar com isso somente quando tivermos que fazer.” Disse Harry. Ele estava tentando escutar: achava que estava

escutando alguma coisa batendo e se movendo nas proximidades.

"Griphook, quanto mais?"

"Não muito, Harry Potter, não muito."

Então eles dobraram em uma esquina e viram a coisa que Harry estava preparado para ver, mas que ainda assim fez com que eles parassem sobressaltados.

Um dragão gigante estava amarrado ao solo em frente a eles, barrando o acesso a quatro ou cinco dos cofres mais profundos do lugar. As escamas da besta haviam se tornado pálidas e esfoliadas, durante seu longo cárcere sob o solo, seus olhos eram rosa leitoso; as duas patas traseiras estavam calçadas com pesados punhos dos quais saiam correntes levando até pregos enormes, cravados profundamente dentro do chão rochoso.

Suas largas asas espetadas, dobradas fechadas perto de seu corpo, encheriam a câmara se ele as espalhasse, e quando ele virou sua feia cabeça da direção dos garotos, rosnou com um barulho que fez a rocha tremer, abriu sua boca e cuspiu um jato de fogo que mandou os garotos correndo de volta pela passagem.

"Ele é parcialmente cego", arfou Griphook, "mas ainda mais selvagem por causa disso, no entanto, nós temos meios de controlá-los. Ele foi ensinada sobre o que esperar quando os Clankers aparecem, me entregue eles."

Rony passou a maleta para Griphook, e o duende puxou para fora um grande número de pequenos instrumentos metálicos que

quando balançados faziam um longo barulho como se miniaturas de martelos batessem em bigornas.

“Vocês sabem o que fazer”, Griphook falou para Harry, Rony e Hermione. “Ele vai esperar pela dor quando escutar o barulho. Ele vai recuar, e Bogrod deve colocar a palma dele sobre a porta do cofre”

Eles avançaram pela esquina novamente, balançando os Clankers, e o barulho ecoou pelas paredes rochosas, enormemente ampliado, tanto que a o crânio de Harry pareceu vibrar com ele. O dragão soltou um outro rugido rouco, então recuou. Harry podia vê-lo tremendo, e quando eles se aproximaram ele pôde ver as cicatrizes feitas por várias queimaduras por sua face, e adivinhou que ele havia sido ensinado a temer espadas quentes quando escutasse o som dos Clankers.

“Faça-o pressionar sua mão contra a porta”, Griphook gritou para Harry, que virou sua varinha na direção de Bogrod. O velho duende obedeceu, pressionando sua palma contra a madeira, e a porta do cofre derreteu, revelando a entrada de uma caverna, abarrotada do chão ao teto por moedas e globos de ouro, armaduras de prata, pele de estranhas criaturas – algumas com longas caudas, outras com asas encurvadas – poções em frascos de jóias, e uma caveira ainda usando uma coroa. “Procurem rápido!” disse Harry quando eles todos entraram correndo na câmara.

Ele havia descrito a taça de Hufflepuf para Rony e Hermione, mas

se também houvesse a outra Horcrux desconhecida naquele cofre, ele não sabia como ela se pareceria.

Ele mal teve tempo para olha ao redor, no entanto, antes que houvesse um barulho abafado atrás deles: a porta tinha reaparecido, selando-os dentro do cofre, mergulhando-os numa total escuridão.

“Não tem problema, Brogod vai ser capaz de nos libertar!”, disse Griphook, quando Rony deu um grito de surpresa. “Acendam suas varinhas, vocês não podem fazer isso? Vamos, não temos muito tempo!”.

“Lumus!”

Harry percorreu sua varinha iluminada ao redor do cofre: o raio de luz dela caia sobre jóias cintilantes; ele viu a espada falsa de Gryffindor deitada em uma estante alta entre uma confusão de correntes. Rony e Hermione haviam acendido suas varinhas também, e estavam agora examinando a pilha de objetos que os rodeava.

“Harry, poderia isso ser....aargh!”

Hermione gritou de dor, e Harry virou sua varinha para ela a tempo de ver um globo de jóia caindo de sua mão. Mas quando ele caiu, o chão foi coberto com globos idênticos, rolando em todas as direções, impossível de distinguir o original entre eles.

“Eles acrescentaram as maldições Germino e Flagrante!”, disse Griphook.

“Tudo aquilo que você tocar vai queimar e se multiplicar, mas as cópias são sem valor – e se você continuar a segurar o tesouro, será certamente esmagado até a morte pelo peso do ouro se expandindo.”

“Ok, não toquem em nada!” disse Harry desesperadamente, mas mesmo que ele tivesse dito isso, Rony acidentalmente cutucou um dos globos caídos com o seu pé, e vinte novos explodiram enquanto Rony saltava no lugar, parte de seus sapatos queimados pelo contato com o metal quente.

“Fiquem parados, não se mexam!”, disse Hermione, agarrando-se em Rony.

“Apenas olhem ao redor”, disse Harry. “Lembrem-se, a taça é pequena e dourada, tem um texugo gravado nela, duas asas – de qualquer forma vejam se conseguem localizar o símbolo de Ravenclaw em alguma coisa, uma águia..”

Eles direcionaram suas varinha para cada canto e cada fenda, girando cuidadosamente no mesmo lugar. Era impossível não encostar em alguma coisa: Harry mandou uma grande cascata de falsos galeões para o chão, onde eles se juntaram aos globos, e agora havia escassos lugares em que ele poderiam colocar seus pés, o ouro em brasa emanava calor, então aquele cofre parecia uma fornalha. A luz da varinha de Harry passando por escudos e capacetes feitos por duendes, colocados em estantes que iam até o teto, eles levantavam o feixe de luz cada vez mais alto, até que de

repente ele encontrou um objeto que fez seu coração e suas mão tremerem.
“Está ali, ali em cima!”
Rony e Hermione apontaram suas varinhas para lá também, então a pequena taça cintilava sob três focos de luz: a taça que pertenceu a Helga Hufflepuff, que passou para a posse de Hepzibah Smith, de quem foi roubada por Tom Riddle.
“E como diabos é que nós vamos chegar lá em cima sem tocar em nada?” perguntou Rony.
“Accio taça!” chorou Hermione, que evidentemente havia esquecido o que Griphook havia lhe contado durante a preparação dos planos, por causa do desespero.
“Não adianta, não adianta!” rosnou o duende.
“Então o que a gente faz?!” disse Harry, olhando ferozmente para o duende. “Se você quer a espada, Griphook, então você vai ter que nos ajudar mais do que.. espere! Eu posso tocar uma coisa com a espada? Hermione, me dê ela aqui!”
Hermione remexeu atrapalhadamente suas vestes, puxou a bolsa de contas, buscou minuciosamente por alguns segundos e então retirou a brilhante espada. Harry a agarrou por seu cabo de rubi e tocou a ponta da lâmina em uma bandeira de prata que estava próxima, a qual não se multiplicou.
“Se ao menos eu pudesse passar a espada pela asa, - mas como é que eu vou chegar até lá em cima?”

A estante na qual a taça repousava estava fora do alcance de qualquer um deles, mesmo Rony, que era o mais alto.

O calor dos tesouros encantados subia em ondas, e o suor descia pelo rosto e pelas costas de Harry enquanto ele se esforçava para encontrar um caminho rumo à taça, e então eles ouviram o dragão rugir do outro lado da porta do cofre. Harry olhou para Rony e Hermione e sentiu o terror em seus rostos.

“Hermione”, ele disse, enquanto o barulho ia ficando cada vez mais alto, “eu preciso chegar ali em cima, nós temos que nos livrar disso...”

Ela levantou sua varinha, apontou para Harry, e sussurrou, “Levicorpus!”

Içado para o ar por seu tornozelo, Harry atingiu uma armadura, que se replicou como brancos corpos quentes, enchendo o espaço já abarrotado. Com gritos de dor, Rony e Hermione, e os dois duendes foram jogados para o lado na direção dos objetos, que também começaram a se replicar. Parcialmente enterrados em uma montanha de objetos vermelhos e quentes, eles se esforçaram e gritaram enquanto Harry enfiava a espada pela asa da taça de Hufflepuff, prendendo-a na lâmina.

“Impervius!” guinchou Hermione numa tentativa de proteger a si mesma, Rony e os duendes do metal que queimava.

Então o pior grito de todos fez Harry olhar para baixo; Rony e Hermione estavam perdidos no meio do tesouro, esforçando-se

para evitar que Brogod deslizasse para baixo da montanha que crescia, mas Griphook havia afundado para fora da visão, e nada além da ponta de longos dedos estava à mostra.
Harry apanhou os dedos de Griphook e puxou. O duende cheio de bolhas emergiu gradualmente, uivando.
“Liberatucorpus!” gritou Harry, e com a batida ele e Griphook caíram na superfície do tesouro que se avolumava, e a espada voou das mãos de Harry.
“Pegue ela!” Harry gritou, lutando contra a dor que o metal quente produzia em sua pele, quando Griphook escalou seus ombros novamente, determinado a evitar a crescente massa de objetos quentes. “Onde está a espada? Ela está com a taça enganchada na lâmina!”
O barulho do outro lado da câmara estava crescendo assustadoramente – era tarde demais.
“Aqui!”
Foi Griphook que avistou ela e foi Griphook que deu o bote, e naquele momento Harry soube que o duende nunca esperou que eles fossem manter sua palavra. Uma das mãos segurando firmemente um punhado de cabelo de Harry, para ter certeza de que ele não afundaria no mar de calor que vinha do ouro que queimava. Griphook agarrou o cabo da espada e lançou-a para fora do alcance de Harry. A pequena taça dourada cortada pela lâmina da espada foi arremessada pelo ar. O duende montou em Harry,

que mergulhou e pegou a taça, e ainda que ele sentisse ela escaldando sua carne, ele não soltou o objeto, mesmo quando inumeráveis taças de Hufflepuff caíram de seus pulsos, chovendo sobre ele quando a entrada do cofre abriu e ele se viu caindo incontrolavelmente em uma avalanche de ouro e prata ardentes, que trouxe ele, Rony e Hermione para a câmara externa.

Pouco atento à dor das queimaduras que cobriam seu corpo, e ainda suspenso sobre o volume de tesouros duplicados, Harry empurrou a taça para dentro de seu bolso e tentou resgatar a espada, mas Griphook havia partido. Deslizando pelos ombros de Harry no momento em que pôde, ele saiu correndo rapidamente, procurando cobertura entre os duendes, brandindo a espada e chorando. "Ladrões! Ladrões! Ajuda! Ladrões!" ele desapareceu em meio à multidão que avançava, todos eles usavam adagas e aceitaram-no sem questionar.

Deslizando pelo metal quente, Harry esforçou-se para se levantar e sabia que o único caminho para fora era por entre eles.

"Estupefaça!" ele gritou, e Rony e Hermione se juntaram a ele: jatos de luz vermelha voaram na direção dos duendes, e alguns caíram, mas outros avançaram, e Harry viu vários guardas bruxos correndo pela esquina.

O dragão amarrado deixou escapar um rugido, e uma golfada de chama sobre os duendes; os bruxos voaram, tontos, de volta pelo caminho do qual eles haviam vindo. E uma inspiração, ou loucura,

veio até Harry. Apontando sua varinha para os punhos que acorrentavam a besta ao solo, ele gritou, “Relashio!”

Os punhos abriram-se com uma explosão alta.

“Por aqui!” Harry gritou, e continuou a lançar feitiços estuporantes nos duendes que avançavam, ele correu rápido na direção do dragão cego.

“Harry – Harry—o que você está fazendo?” chorou Hermione.

“Sobe, sobe, vamos!”

O dragão não tinha percebido que estava livre. O pé de Harry encontrou o gancho de suas pernas escondidas e puxou a si mesmo para cima das costas do bicho. As escamas eram duras como aço, ele nem pareceu sentir isso. Ele esticou um braço; Herminou içou a si mesma para cima, Rony escalou atrás deles e um segundo depois o dragão percebeu que estava desamarrado. Com um rugido ele se levantou: Harry afundou em seu joelhos, agarrando o mais forte que podia as escamas esfoliadas enquanto as asas se abriam, derrubando os duendes que gritavam como pinos de boliche. E então ele voou para o ar. Harry, Rony e Hermione, agarrados em suas costas, roçando o teto quando ele mergulhou rumo à porta da passagem, enquanto os duendes perseguidores atiravam adagas que ricochetearam em seu flanco.

“Nós nunca vamos sair daqui, ele é muito grande!” Hermione gritou, mas o dragão abriu a boca e cuspiu fogo novamente, queimando o túnel, cujo teto e chão racharam e se despedaçaram. Pela simples

força, o dragão encontrou seu caminho para fora. Os olhos de Harry estavam fechados fortemente por causa da poeira e do calor: protegido pela quebra da rocha e pelos rugidos do dragão ele apenas podia se agarras à costas do animal, esperando ser derrubado a qualquer momento, então ele escutou Hermine gritar "Defodio!"

Ela estava ajudando o dragão a enlarguecer a passagem, entalhando o teto no esforço de subir em direção ao ar livre, para longe dos barulhentos e ruidosos duendes: Harry e Rony copiaram ela, derrubando o teto com outros feitiços.

Eles passaram pelo lago subterrâneo e a grande besta rastejante que rosnava, pareceu sentir a liberdade e o espaço á sua frente, atrás deles a passagem estava cheia dos estragos do dragão, destroçados pela cauda, grandes pedaços de rocha, estalactites gigantes fraturadas, e o barulho dos duendes parecia ficar mais abafado, enquanto à frente, o fogo do dragão mantinha o progresso da fuga.

E finalmente, por conta de seus constantes feitiços e da força bruta do dragão, eles forçaram seu caminho para fora da passagem para dentro do hal de mármore. Duendes e bruxos gritaram, correndo atrás de proteção, e finalmente o dragão tinha espaço para esticar suas asas. Virando sua cabeça chifruda na direção do ar gelado lá de fora que ele podia sentir através da entrada, ele levou com ele Harry, Hermione e Rony, ainda agarrados às suas costas, ele

forçou seu caminho através das portas de metal, deixando-as presas e balançando pelas dobradiças, enquanto cambaleava para dentro do Beco Diagonal, lançando-se para o céu aberto.



Capítulo 27

O Esconderijo

Não havia formas de manobrar o dragão que não podia ver onde estava indo, e Harry sabia que se ele virasse bruscamente ou "rolasse" no ar seria impossível manter-se nas suas largas costas. Sem contar que cada vez mais eles subiam mais alto, Londres se abria a sua frente como um grande mapa cinza-esverdeado, Harry estava sentindo um grande alivio pela escapada que tinha parecido impossível.

Pendurando-se nas costas da besta, ele se apegou ainda mais nas escamas metálicas e a fria brisa era um bálsamo para as queimaduras em sua pele, as asas do dragão batendo no ar como pás de moinhos.

À suas costas, sem poder dizer se de prazer ou medo. Ron continuava xingando com toda a força de seus pulmões e Hermione parecia estar soluçando. Depois de 5 minutos ou mais, Harry

penrdeu um pouco do medo do dragão derrubá-los, parecendo, inclusive, querer leva-los o mais longe possível daquela prisão, mas a questão de como e quando eles iriam descer permanecia desconhecida e assustadora. Ele não fazia idéia de quanto tempo dragões poderiam voar sem pousar e nem, como este dragão, o qual mal podia enxergar, localizaria um bom local para pousar. Ele olhava em volta constantemente, sentindo um frio na espinha. Quanto tempo levaria para Voldemort descobrir que eles haviam fugido do cofre dos Lestranges?

Quão cedo os anões de Gringotts notificariam Bel atrix? Quão rapidamente eles perceberiam o que havia sido pego? E, então, quando eles descobrissem que a taça dourada esta desaparecida Voldemort saberia, por fim, que eles estavam caçando as horcruxes. O dragão parecia embebecido pelo ar fresco e frio. Ele subiu até estarem voando pelas frias nuvens e Harry nao podia mais ver os coloridos pontos que representavam os carros entrando e saindo da capital. Eles voaram e voaram através dos campos que nada mais eram do que borrões verdes e marrons, através de estradas e rios que não passavam de uma listra de tons opacos e brilhantes.

“O que vc acha que ele esta procurando?” Assim que eles iam cada vez mais ao norte.

“Não tenho idéia”, Harry respondeu. Suas mãos amortecidas pelo frio mas ele não ousava trocar sua posição.

Ele tinha estado ponderando por algum tempo o que eles fariam se vissem a costa do mar embaixo deles, se o dragão se dirigisse para mar aberto, ele estava com frio e seu corpo amortecido pelo mesmo, sem mencionar desesperadamente faminto e sedento.
Quando, ele ponderou, o dragão havia comido por último?
Certamente ele precisaria de comida de tempos em tempos? E o que aconteceria se, neste ponto, ele percebesse que tinha três altamente nutritivos humanos sentados em suas costas? O sol desaparecia no céu que estava se tornando índigo; e o dragão continuava voando e as cidades desaparecendo de suas vistas, havia uma enorme sombra se dirigindo à terra como uma grande e escura nuvem.
Todas as partes do corpo de Harry doíam com o esforço de se agarras às costas do dragão.
“É minha imaginação” gritou Ron depois ficou em silêncio por um momento “ou nós estamos perdendo altura?”
Harry olhou para baixo e viu montanhas de profundo verde e lagos, cobreados pelo pôr-do-sol . A paisagem parecia ficar cada vez mais larga e detalhada assim que ele espiou através do lado do dragão, ele ponderou se ele havia percebido a presença de água fresca através dos reflexos na água. Cada vez mais baixo o dragão voava, em grandes espirais, parecendo se dirigir para um dos menores lagos.
“Minha opinião é de que pulemos quando ele estiver baixo o

bastante?” Harry disse aos outros.

“Direto na água antes que ele perceba que estamos aqui."

Eles concordaram, Hermione um pouco relutante, e agora Harry podia ver a grande barriga amarela do dragão agitando a superfície da água. “Agora!” Ele deslizou pelo lado do dragão e foi caindo em pé na direção da água; a queda foi maior do que ele estimava e então bateu forte na água, afundando como uma pedra em um mundo congelante, verde e cheio de algas. Ele nadou em direção à superfície e quando emergiu ofegando, viu enormes ondulações na água onde Ron e Hermione haviam caído. O dragão não parecia ter notado nada, e já estava a uns quinze metros de distância, voando baixo a cima do lago para abocanhar água em seu focinho cheio de cicatrizes. Quando Ron e Hermione emergiram, respirando com dificuldade, das profundezas do lago, o dragão vou, suas asas batendo forte, e pousou, finalmente, em uma margem distante.

Harry, Ron e Hermione se dirigiram à margem oposta. O lago não parecia ser fundo, e logo era só uma questão de conseguir passar pelas algas e lama, do que de nadar, e por fim, eles se jogaram, encharcados, ofegantes e exaustos, na grama escorregadia.

Hermione caiu, tossindo e tremendo. Apesar de Harry sentir que poderia deitar e dormir feliz, ele cambaleou, puxou sua varinha e começou a conjurar os feitiços protetores de sempre ao redor deles.

Quando terminou, ele se juntou aos outros. Era a primeira vez que os via direito desde que escaparam do cofre. Os dois tinham

queimaduras vermelhas por todo o rosto e braços, e suas roupas estavam chamuscadas em algumas partes. Eles se contraiam de dor enquanto aplicavam a essência de “murtinho” (não tenho certeza se é isso) em suas muitas feridas. Hermione passou a garrafa para Harry, e depois pegou três garrafas de suco de abóbora, que ela havia trazido da Cabana das Conchas, e robes secos para todos eles. Eles se trocaram e beberam o suco.

“Bem, vendo pelo lado bom,” finalmente disse Ron, que estava vendo a pele de sua mão crescer novamente, “nós conseguimos a Horcrux. Pelo lado ruim-”

“—sem espada,” disse Harry, com os dentes cerrados, enquanto pingava “murtinho” através do buraco do seu jeans , em uma queimadura. “Sem espada”, repetiu Ron. “Aquele duas-caras de uma figa...” Harry puxou a Horcrux do bolso molhado do casaco que ele tinha acabado de tirar e a colocou na frente deles. Reluzindo ao sol, ela atraia seus olhos, enquanto bebiam seus sucos.

“Pelo menos não podemos “colocá-la” (wear it) em nós dessa vez, iria parecer um pouco esquisito tê-la pendurado em nossos pescoços,” disse Ron, limpando sua boca nas costas de sua mão. Hermione olhou para a outra margem do lago onde o dragão ainda estava bebendo água.

“O que vai acontecer com ele, vocês acham?” ela perguntou, “que ele ficará bem?” “Você parece o Hagrid,” disse Ron, “É um dragão, Hermione, ele sabe se cuidar. Nós temos que nos preocupar com

nós mesmos.”

“O que você quer dizer?”

“Bem, eu não sei como contar isso para vocês,” disse Ron, “mas eu acho que eles podem ter notado que nós invadimos Gringots.”

Todos os três começaram a rir, e uma vez começado, era difícil parar.

As costelas de Harry doíam, ele sentia uma leve tontura causada pela fome, mas ele permanceu deitado na grama e riu até sua garganta doer.

“O que faremos?” perguntou Hermione soluçando de volta a seriedade. “Ele sabe, não sabe? Você-sabe-quem irá descobrir que estamos atrás de saus horcruxes!”

“Talves eles ficarão com medo de dizer a ele!” disse Rom esperançoso. “Talves eles irão encobrir....” O céu, o cheiro da água do lago, o som da voz de Ron estava tudo desaparecendo. Dor transpassou a cabeça de Harry como uma espada. Ele estava parado em um quarto sombrio, e um semicirculo de magos o encaravam, e no chão, aos seus és se ajoelhava uma pequena e tremulante figura.

“O que você me disse?” sua voz era alta e fria, mas fúria e medo ardiam em seu interior. A única coisa que ele tinha temido – não podia ser verdade – ele não podia ver como...

O anão estava tremendo, incapaz de encarar os rubros olhos sobre ele.

“Diga novamente!” murmurou Voldemort “Diga novamente”

“M-Meu lorde,” gaguejou o ano, seus olhos arregalados de terror

“m-meu lorde... nós t-tentamos pa-parar eles... im-impostores, meu

lorde... invadiram – invadiram – o cofre dos Lestranges...”

“Impostores! Que impostores? Eu pensei que Gringotts tinha

maneiras de descobrir os impostores? Quem eram eles?

“Era... era… o menino P-Potter e seus dois cúmplices….”

“E eles levaram....?” sua voz aumentando, um terrível medo se

apoderando dele. “Diga-me! O que eles levaram?”

“Uma pequena taça dourada, meu-meu Lorde”

O grito de raiva, de negação saiu dele como se fosse de um

estranho. Ele estava louco, frenético, isto não podia ser verdade,

isto era impossível, ninguém sabia. Como era possível que o garoto

tivesse descoberto seu segredo? A varinha “Elder” cortou o ar e

uma luz verde atravessou o quarto; o trêmulo e ajoelhado anão caiu

morto; os magos que assistiam ao evento se espalharam diante

dele, assustados.

Bel atriz e Lucius Malfoy empurraram os outros na sua fuga para a

porta, e várias vezes a varinha cortou o ar e esses que ficaram para

trás foram todos mortos, todos eles, por trazerem aquela noticia, por

ouvirem sobre a taça.

Sozinho entre os mortos ele andou pelo quarto, e todos eles

passaram diante de seus olhos: seus tesouros, seu seguro de vida,

suas âncoras de imortalidade – o diário foi destruído e a taça

roubada. E se, e se o garoto soubesse sobre os outros? Ele podia saber, ele já os tinha encontrado, tinha localizado mais deles? Dumbledore era o responsável por isto?

Dumbledore que sempre suspeitou dele; Dumbledore, morto por sua ordem; Dumbledore, cuja varinha era sua agora, ainda podia atuar através da vergonha que era a morte através do garoto, o garoto. Mas, certamente, se o garoto tivesse destruído algum de suas horcruxes, ele, Lorde Voldemorte, poderia ter sabido, poderia ter sentido isto?

Ele, o maior mago de todos, o mais poderoso; ele, o assassino de Dumbledore e muitos outros inúteis e indigentes homens. Como poderia Lord Voldemort não ter sabido se ele mesmo houvesse sido atacado e mutilado? Verdade, ele não tinha sentido quando o diário foi destruído, mas ele pensou que era porque não possuia um corpo na época, por ser menos que um fantasma... Não, certamente os demais estavam seguros. As outras horcruxes estavam intactas...

Mas ele tinha que ter certeza…

Ele continuou caminhando no quarto, chutando o corpo do anão quando passava por ele, enquanto imagens continuavam passando por seu cérebro: o lago, a cabana e Hogwarts. Uma onda de calma esfriou sua raiva. Como o garoto sabia que ele escondeu o anel na cabana de Gaunt? Ninguém nunca soube que ele era parente dos Gaunts, ele havia escondido a conexão, os assassinatos nunca haviam sido ligados a ele. O anel, certamente, estava seguro. E

como o garoto, ou alguém mais, poderia ter ultrapassado sua proteção? A idéia de alguém roubando o medalhão era absurda. Quanto à escola: somente ele sabia em que lugar de Hogwarts ele havia escondido o Horcrux, somente ele conhecia os mais profundos segredos de Hogwarts. E ainda existia Nagini, que a partir de agora ficaria a seu lado, não sendo mais enviada em missões, ele a protegeria. Mas para ter certeza, completa certeza, ele retornaria a cada um dos esconderijos, redobraria a proteção de cada uma das horcruxes. Um trabalho digno da varinha "Elder", um trabalho que ele faria sozinho.

Qual ele deveria visitar primeiro, qual estava em mais perigo? E uma inquietude se apoderou dele. Dumbledore sabia seu nome do meio. Dumbledore teria feito a conexão com os Gaunts.

Sua casa abandonada era, portanto, o local menos seguro de todos, ali ele iria por primeiro.

O lago... impossivel… apesar de existir uma pequena possibilidade que Dumbledore tivesse sabido de algumas de suas desventuras passadas enquanto no orfanato. E Hoqwarts... mas ele sabia que a Horcrux dali estava salva; seria impossível que Potter entrasse em Hogsmeade sem ser detectado, quanto mais na escola.

Mesmo assim seria prudente que Snape fosse avisado do fato de que o garoto tentaria entrar no castelo. Mas dizer o porque seria tolice, é claro; havia sido um grande erro confiar em Bel atrix e Malfoy. Eles estupidamente e sem o menor cuidado provaram o

quão idiota era confiar em algum deles! Ele visitaria a cabana dos Gaunts primeiramente, e levaria Nagini com ele. Ele não se separaria dela mais e ele saiu do quarto para o corredor até o jardim onde uma fonte jorrava na escuridão; ele chamou a serpente em parsel e deslizando como uma enorme sombra ela apareceu a seu lado.

Os olhos de Harry abriram e ele foi jogado de volta ao presente. Ele estava deitado à beira do lago ao anoitecer enquanto Ron e Hermione olhavam para ele. Julgando por seus olhares preocupados e o latejar de sua cicatriz, sua inesperada excursão pela mente de Voldemorte não tinha sido ignorada. ele se mexeu, tremendo, vagamente surpreso que sua pele ainda estava molhada, viu a taça deitada inocentemente na grama a ser lado, e o lago, profundamente azul, através dos dourados raios de sol que desapareciam.

“Ele sabe.” Sua própria voz soava estranha e baixa depois dos “altos gritos” (high screams) de Vodemort. “Ele sabe e ele está indo verificar onde as outras estão, e a última,” ele já estava em pé, “ está em Hogwarts. Eu sabia. Eu sabia.”

“O que?” Ron estava olhando pra ele boquiaberto, Hermione sentou-se, parecendo preocupada. “Mas o que você viu? Como você sabe?”

“Eu vi ele descobrir sobra a taça, eu-eu estava na cabeça dele, ele está” – Harry se lembrou das mortes – “ele está realmente bravo, e

assustado também, ele não consegue entendes como nós sabemos, e agora ele está indo ver se as outras estão a salvo, primeiro o anel. Ele acha que a de Hogwarts é a que está mais segura, porque Snape está lá, porque seria tão difícil não ser visto entrando. Eu acho que ele vai verificar essa por último, mas ele ainda poderia chegar lá em poucas horas -”

“Você em que lugar de Hogwarts ela está?” Ron perguntou, agora se levantando também. “Não, ele estava se concentrando em avisar Snape, ele não pensou onde exatamente ela está -”

“Espere, espere!” gritou Hermione enquanto Ron pegava a Horcrux e Harry pegava a Capa da Invisibilidade de novo. “Nós não podemos simplesmente ir, nós não temos um plano, nós precisamos -”

“Nós precisamos ir,” disse Harry firmemente. He estava esperando dormir, com esperanças de usar a nova tenda, mas isso era impossível agora, “Você pode imaginar o que ele vai fazer assim que ele perceber que o anel e o medalhão desapareceram? E se ele mudar a Horcrux de Hogwarts, decidir que não está segura o suficiente?”

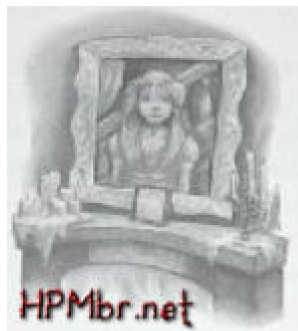
“Mas como nós vamos entrar?”

“Nós iremos para Hogsmeade,” disse Harry, “e tentar fazer alguma coisa quando vermos como é a proteção da escola. Entre embaixo da Capa, Hermione, eu quero que nós fiquemos juntos dessa vez.”

“Mas nós não cabemos -”

“Vai estar escuro, ninguém vai notar nossos pés.”

O bater de enormes asas ecoou através da água escura. O dragão tinha bebido o quanto precisava e levantado vôo. Eles pararam sua preparação para vê-lo subir cada vez mais alto, agora negro contra o céu que rapidamente estava ficando escuro, até que o dragão desapareceu atrás de uma montanha próxima. Então, Hermione seguiu em frente e tomou seu lugar entre os outros dois, Harry desceu a Capa até o mais próximo possível do chão, e juntos eles giraram sem sair do lugar e para dentro da escuridão esmagadora.



Capítulo 28

O Erro do Espelho

Os pés de Harry tocaram a estrada. Ele viu o quanto sentia saudade da familiar rua de Hogsmeade: a fachada das lojas escuras, a névoa sinalizava as escuras montanhas além da aldeia,

a curva da estrada que levava a Hogwarts, a luz vinda das janelas dos Três Vassouras, e com uma sacudida da cabeça, ele se lembrou com exata precisão, como ele tinha pousado aqui quase um ano antes, apoiando um Dumbledore desesperadamente fraco, tudo isso em um segundo, ao pousar...e então, quando relaxou o aperto dos braços de Ron e Hermione, aconteceu.

O ar foi rasgado por um grito que pareceu como quando Voldemort percebeu que a taça tinha sido roubada: Rasgou todos os nervos do corpo de Harry, e ele soube que o aparecimento deles tinha causado isto. Enquanto ele olhava para os outros dois por debaixo da capa, a porta dos Três Vassouras se abriu e uma dúzia Comensais da Morte usando capas e encapuzados se atiraram pelas ruas, com suas varinhas erguidas. Harry agarrou o pulso de Ron erguendo sua varinha; havia muitos deles para correr.

Tentando isto entregariam sua posição. Um dos Comesais da Morte ergueu sua varinha, e o grito parou, ainda ecoando ao redor das montanhas distantes. "Accio Cloak!" urrou um dos Comensais da Morte, Harry agarrou as dobras dele, mas não houve nenhuma tentativa de escapar.

O feitiço convocatório não tinha funcionado. "Não esta debaixo de sua capa, então, Potter?" gritou o Comensal da Morte que tinha tentado o feitiço, e então para os seus companheiros. "Espalhemse. Ele está aqui." Seis Comensais da Morte correram para eles:

Harry, Ron e Hermione impeliram-se pela rua lateral mais próxima o mais depressa possível, e os Comensais da Morte erram por

poucas polegadas. Eles esperaram na escuridão, escutando os passos que corriam para cima e para baixo, raios de luz voavam ao longo das varinhas dos Comensais da Morte que os procuravam.
"Vamos partir agora!" sussurrou Hermione. "Disaparatar agora!"
"Boa idéia", disse Ron, mas antes que Harry pudesse responder, um Comensal da Morte gritou, "Nós sabemos que você está aqui, Potter, e não há como escapar! Nós o acharemos!" "Eles estavam esperando por nós", Harry sussurrou.
"Eles fizeram aquele feitiço para lhes falar onde nós poderíamos vir. Eu calculo que eles fizeram algo para nos manter aqui, para nos apanhar - "E os dementadores?” perguntou o outro Comensal da Morte. "Vamos nos dar carta branca, eles o achariam bem rápido!"
"O Lorde da trevas quer matar Potter com suas próprias mãos, mas..." " um dementador não o matará! O Lorde das trevas quer Potter vivo, não sua alma. Será mais fácil para ele matar se ele tiver sido Beijado primeiro!" Havia múrmuros de acordo. Harry se encheu de medo: para repelir os dementadores eles teriam que produzir o Patrono, o que os entregaria imediatamente. "Nós vamos ter que tentar a desaparatar, Harry!" Hermione sussurrou. Enquanto ela falava, ele sentiu o frio não natural se espalhando pela rua. A luz foi sugada do ambiente e até as estrelas desapareceram. Na escuridão, ele sentiu Hermione agarrar seu braço e juntos, eles giraram no mesmo lugar. O ar pelo qual eles precisavam se mover parecia ter ficado sólido: Eles não puderam desaparatar; os

Comensais da Morte tinham lançado um feitiço neles. O frio estava penetrando cada vez mais profundo no corpo de Harry. Ele, Ron e Hermione se retiraram pela rua lateral, enquanto tateavam pelas parede procurando um caminho e tentando não fazer nenhum barulho.

Então, ao redor da esquina, planando silenciosamente, havia dementadores, dez ou mais deles, visíveis, pois eram de uma escuridão mais densa que o ambiente, com capas pretas e mãos apodrecidas. Eles poderiam senti-los por perto? Harry estava seguro disto: Eles pareciam estar vindo mais depressa agora, vinham se arrastando, com a respiração que ele detestava, espalhando desespero no ar, closing in-Ele eegueu sua varinha: Ele não pôdia, não sofreria o Beijo do Dementador, não depois de tudo que tinha acontecido.

Pensou em Ron e Hermione quando sussurrou "Expecto Patronum!" O veado prateado saltou de sua varinha e charged: Os Dementadores se espalharam e houve em algum lugar longe de suas vistas, um grito de triunfo "é ele, lá em abaixo, lá em abaixo, eu vi o Patrono dele, era um veado!" Os Dementadores se retiraram, as estrelas estavam brilhando novamente e os passos dos Comensais da Morte estavam ficando mais altos; mas antes que Harry, em pânico, pudesse decidir o que fazer, houve um rangido próximo, e uma porta a esquerda na rua estreita se abriu, e uma voz áspera disse: "Harry, aqui, rápido!" Ele obedeceu sem

hesitação, os três se apressaram pela porta aberta. "Suba, mantenha a capa, e fique quieto!" murmurou uma figura alta, enquanto saia para rua e batia a porta atrás dele.

Harry não tinha idéia de onde eles estavam, mas agora ele viu, pela luz tremula de uma única vela, o sujo bar cabeça de javali. Eles correram na direção oposta e passaram por uma segunda entrada que conduzia a uma escadaria de madeira pela qual eles subiram o mais rápido que puderam. A escadaria dava em uma sala de estar com um tapete durável e uma lareira pequena sobre qual havia pendurado um único grande quadro a óleo, de uma menina loira que contemplava o quarto com um tipo de uma doçura vazia.

Gritos os alcançaram vindos das ruas abaixo. Ainda usando a capa de invisibilidade, eles se apressaram para a janela encardida e olharam para baixo.

O salvador deles, quem Harry reconheceu ,agora, como o balconista do Cabeça de Javali, era a única pessoa que não usa um capuz. "Como assim?" ele estava berrando com uma das faces cobertas. "Como assim? Você envia dementadores para minha rua, eu conjurei um Patrono! Eu não os quero perto de mim! Eu tinha te falado!" "Aquele não era seu Patrono", disse um Comensal da Morte. "Era um veado. Era de Potter!" "Veado!" rugido o balconista, e ele saltou da minha varinha. "Veado! Você é um idiota - Expecto Patronum!"

Algo enorme e cornudo estourou da varinha. Cabeça baixa, correu

para a rua principal e longe de visão. "Isso não é o que eu vi" disse o Comensal da Morte, entretanto, não tinha certeza " O toque de recolher foi quebrado, você ouviu o barulho", um dos companheiros dele falou para o balconista. "Alguém estava fora, nas ruas, contra o regulamento." "Se eu quiser colocar meu gato para fora, e colocar, e ser condenado pelo seu toque de recolher!" "Você provocou o encanto gritando?" "E se eu fiz? Irão me prender em Azkaban? Me mate por colocar meu nariz para fora da minha própria casa? Faça isto, se você quiser! Mas eu espero para o seu próprio bem que você não tenha pressionado sua pequena Marcas Negra, e chamado-o.

Ele não vai gostar de ser chamado aqui, por minha causa e pelo meu velho gato, é ele, agora?" "Não se preocupe com nós." disso um dos Comensais da Morte, "preocupe-se com você, por quebrar o toque de recolher!" "E onde você irá realizar o trafico de poções e venenos se o meu bar fechar? O que acontecerá então a suas pequenas linhas secundárias?"

"Você está ameaçando?" "Eu mantenho minha boca fechada, é por isso que você vem aqui, não é?" "Eu ainda digo que eu vi um veado Patrono!" gritou o primeiro Comensal da Morte. "Veado?" urrou o balconista. "É uma cabra, idiota!"

"Certo, nós cometemos um engano", disse o segundo Comensal da Morte. "Quebre o toque de recolher novamente e nós não seremos tão suaves!" Os Comensais da Morte voltarm para a rua principal.

Hermione gemeu aliviada, saiu debaixo da capa, e se sentou em uma cadeira de balanço. Harry puxou as cortinas e então tirou a capa dele e de Ron. Eles podiam ouvir o balconista lá em baixo, rebolting a porta do bar, e então subindo os degraus. A atenção de Harry foi prendida por algo no consolo da lareira: um pequeno espelho retangular, apoiado ali em cima, em baixo do retrato da menina. O balconista entrou no quarto. "Vocês são tolos", ele disse bruscamente, enquanto olhava de um para o outro.

"O que estavam pensando, vindo aqui?" "Obrigado", disse o Harry. "Nós não temos como agradecer. Você salvou nossas vidas!" O balconista grunhiu. Harry observou sua face: tentando ver além da barba longa, pegajosae prateada. Ele colocou os óculos. Atrás das lentes sujas, os olhos eram de um penetrante brilho azul. "São seus olhos que eu tenho visto no espelho." Houve um silêncio no quarto. Harry e o balconista se olharam. "Você enviou Dobby." O balconista acenou com a cabeça e deu uma olhada para o elfo. "Pensei que ele estaria com você. Onde você o deixou? "Ele está morto", disse o Harry, "Bel atrix Lestrange o matou."

A face de balconista estava impassível. Depois de alguns momentos ele disse, "eu sinto muito, eu gostei daquele elfo." Ele se virou, acendeu abajures de raio com um toque de sua varinha, sem olhar para qualquer um deles. "Você é Aberforth", disse Harry ao homem.

Ele não confirmou e nem negou isto, mas se curvou a fim de

acender o fogo. "Como você adquiriu isto?" Harry perguntou, enquanto caminhava em direção ao espelho de Sirius, o par de um ele tinha quebrado quase dois anos antes. "Comprei isto do Dung, cerca de um ano atrás", disse Aberforth. "Albus me contou o que era. Está usando para manter os olhos em você." Ron ofegou. "A corça prateada", ele disse excitado, "Era você também?" "Sobre o que você está falando?" perguntou Aberforth. "Alguém nos enviou uma corça Patrono!" "Como assim, você poderia ser um Comedor de Morte, filho. Não posso ser eu, eu não provei há pouco que meu Patrono é uma cabra?" "Oh", disse o Ron, "Sim... bem, eu estou com fome!" ele acrescentou defensivamente quando seu estômago fez um estrondo enorme. "Eu vou pegar comida", disse Aberforth, e ele saiu do quarto, reaparecendo momentos depois com um grande pão, um pouco de queijo, e um jarro de peltre de hidromel o qual ele colocou em uma pequena mesa em frente ao fogo. Vorazes, eles comeram e beberam, e durante algum tempo só mastigaram.

"Certo então", disse Aberforth quando eles já estavam satisfeitos e Harry e Ron sentaram-se dozily em suas nas cadeiras. "Nós precisamos pensar na melhor maneira de sair daqui. Não pode ser à noite, você ouviu o que acontece a qualquer um que sai a noite: dispara um alarme,e eles estarão sobre você como bowtruckles em ovos de doxy. Eu acho que o veado não passara por uma cabra uma segunda vez. Esperem pelo amanhecer, quando o toque de recolher acabar, então vocês podem repor a capa e partir a pé. Vão

de Hogsmeade, direto para as montanhas, e lá serão capazes de desaparatar. Poderia ver Hagrid. Ele se esconde lá em cima em uma caverna com Grawp desde que tentaram o prender.

"Nós não iremos partir", disse Harry. "Nós precisamos entrar em Hogwarts." "Não seja estúpido, menino", disse Aberforth. "Nós temos", disse Harry. "O que você tem que fazer", disse Aberforth, enquanto se inclinava para frente, "é ficar o mais longe daqui possível." "Você não entende. Não há muito tempo. Nós temos que entrar no castelo. Dumbledore - eu quero dizer, seu irmão – queria que nós..." A luz do fogo fez as lentes encardidas dos óculos de Aberforth momentaneamente opaco, ficarem um branco luminoso, e Harry se lembrou dos olhos cegos da gigantesca aranha, Aragogue.

"Meu irmão Albus queria muitas coisas", disse Aberforth, "e as pessoas tinham o hábito de getting hurt enquanto ele executava seus grandiosos planos. Você deveria ir para longe desta escola, Harry, fora do país se você puder. Esqueça meu irmão e os seus planos inteligentes. Ele esta onde nada pode o ferir, e você não deve nada a ele." "Você não entende." Harry falou novamente. "Oh, eu não? disse Aberforth calmamente. "Você acha que eu não conhecia meu próprio irmão? Acha que você conhece Albus melhoram que eu?" "Eu não quis dizer que", disse Harry cujo cérebro estava lento devido a exaustão e pela comida e vinho.

"É... ele me deixou um trabalho." "Ele fez isto agora?" disse Aberforth. "Trabalho agradável, eu espero? Agradável? Fácil? O

tipo de coisa que se espera que uma criança de feiticeiro inapta possa fazer sem se arriscar demais?" Ron deu uma risada bem amarga. Hermione parecia cansada. "Eu... isso não é fácil, não", disse o Harry. "Mas eu tenho ... "

"Tem? Por que, tem? Ele está morto, não esta?" disse Aberforth asperamente. "Vá, menino, antes que aconteça o mesmo que a ele! Salve-se!" "Eu não posso." "Por que não?" "Eu...-" Harry se sentiu estupefato; ele não podia explicar, então ficou na ofensiva. "Mas você também está lutando, você está na Ordem da Fênix" "eu estava", disse Aberforth. "A Ordem da Fênix acabou. Você-sabequem ganhou, terminou, e qualquer um que pretenda algo diferente deles. Não é seguro para você aqui, Harry, ele o quer muito mal. Então vá para o exterior, vá se esconder salve-se. E é melhor levar estes dois com você.

Ele apontou um dedo polegar ao Ron e a Hermione. "Eles estão em grande perigo como vivem agora, pois todo mundo sabe que eles têm trabalhado com você." "Eu não posso partir", disse o Harry. "Eu tenho um trabalho" "Dê a outra pessoa!" "Eu não posso. Eu tenho que fazer, Dumbledore me explicou tudo " "Oh, ele fez agora? E ele lhe contou tudo, ele era honesto com você?" Harry quis com todo seu coração dizer que "Sim", mas de alguma maneira a palavra simplesmente não saiu de seus lábios, Aberforth parecia saber o que ele estava pensando.

"Eu conhecia meu irmão, Potter. Ele aprendeu a discrição com a nossa mãe. Segredos e mentiras que são como nós crescemos, e

Albus... ele era natural." Os olhos do homem velho viajaram ate à pintura da menina em cima do consolo da lareira. Era agora, Harry deu uma olhada corretamente, para o único quadro no quarto. Não havia nenhuma fotografia de Albus Dumbledore, nem de qualquer outro. "Senhor Dumbledore" disse Hermione bastante timidamente. "Esta é sua irmã? Ariana? "Sim." Disse Aberforth brevemente. "A senhorita está lendo Rita Skeeter?" Mesmo pela luz rósea do fogo ficou claro que Hermione tinha ficado vermelho. "Elphias Doge mencionou ela a nós", disse o Harry, tentando poupar Hermione. "Aquele velho berk", murmurou Aberforth, tomando outro gole de hidromel. "Pensava que o todos os trabalhos de meu irmão foram todos brilhantes. Bem, muitas pessoas, incluindo vocês três, tinham esta visão."

Harry se manteve quieto. Ele não queria expressar as dúvidas e incertezas sobre Dumbledore que tinha perdurado por meses até agora. Ele tinha feito sua escolha enquanto cavava a sepultura de Dobby, ele tinha decidido continuar o longo, sinuoso e perigoso caminho indicado a ele por Albus Dumbledore, aceitar que ele não tinha contado tudo o que ele precisava saber, mas simplesmente confiar. Ele não desejava duvidar novamente; ele não queria ouvir qualquer coisa que o inclina-se a esse propósito. Ele reconheceu o olhar de Aberforth que era tão notavelmente como os de seu irmão. O brilho azul de seus olhos dava a mesma impressão de estar radiografando o objeto detalhadamente, e Harry pensou que

Aberforth soubesse o que ele estava pensando e o menosprezou para isto.

"O professor Dumbledore se preocupava muito com Harry", disse Hermione em um tom de voz baixo. "Agora?" disse Aberforth. "Que coisa engraçada, as pessoas que meu irmão se preocupava terminaram pior do que se eles tivessem só." "O que você quer dizer?" perguntou Hermione sem respirar. "Vocês nunca notaram", disse Aberforth. "Mas isso é uma coisa realmente séria de se dizer!" disse Hermione. "Você esta... você está falando sobre sua irmã?" Aberforth olhou furioso para ela: Os lábios dele se moveram como se ele estivesse mastigando as palavras que estava segurando. Então ele estourou a falar. "Quando minha irmã tinha seis anos, ela foi atacada, por três meninos Trouxas. Eles tinham visto ela fazendo magia, enquanto espiavam pela sebe da parte de trás: Ela era uma criança, ela não podia controlar isto, nenhum bruxo ou feiticeiro com aquela idade pode. O que eles viram, os assustou, eu espero. Eles forçaram a cerca, e quando ela não pode mostrar o truque, they got a bit carried away trying to stop the little freak doing it." Os olhos de Hermione estavam enormes sob a luz do fogo; Ron parecia ligeiramente doente. Aberforth se levantou, alto como Albus, e derrepente uma raiva terrível demonstrava a intensidade de sua dor. "O que eles fizeram, destruíram-na: Ela nunca mais foi a mesma. Ela não podia usar magia, ela não conseguia se livrar disto; it turned inward drove her mad, isto explodia quando ela não podia

controlar, e às vezes ela era estranha e perigosa. Mas na maioria da vezes era doce, assustada e inofensiva. "Meu pai perseguiu os bastardos que fizeram isto", disse Aberforth, "e os atacou. E eles o prenderam em Azkaban por isto.
Ele nunca disse o porquê de ter feito isso, pois o Ministério saberia no que Ariana tinha se tornado, ela teria sido internada no St. Mungo para o seu bem. Eles a teriam visto como uma séria ameaça ao Estatuto Internacional de Segredo, desequilibrada como ela era, com magia que ela não podia controlar em determinados momentos. "Nós tivemos que a manter segura e calma. Nós nos mudamos de casa, dissemos que ela estava doente, e minha mãe cuidou dela, e tentou manter ela calma e feliz. "Eu era o favorito" dela, ele disse, e quando ele disse isto, um aluno sujo parecia olhar através das rugas e barbas de Aberforth. "Albus não, ele sempre ficava em lá em cima, em seu quarto quando estava em casa, lendo seus livros e contando seus prêmios, se correspondendo com "os nomes mágicos mais notáveis do dia", esclareceu Aberforth.
"Ele não queria se aborrecer com ela. Ela me amava. Eu poderia conseguir que ela comesse quando minha mãe não conseguia, eu poderia tranqüilizá-la quando ela estava em uma de sua crises de raiva, e quando ela estava calma, ela me ajudava a alimentar as cabras. "Então, quando ela tinha quatorze anos... Veja, eu não estava lá." disse Aberforth. "Se eu tivesse lá, eu poderia ter acalmado ela. Ela teve uma de suas crises, e minha mãe já não era

tão jovem quanto era antes, e... foi um acidente. Ariana não pôde controlar. “Mas, minha mãe foi morta.” Harry sentia uma horrível mistura de piedade e repulsão; ele não queria ouvir mais nada, mas Aberforth continuou falando, e Harry desejou saber quanto tempo fazia que ele não falava sobre isto; na verdade, se ele alguma vez já tinha falado sobre isto. "Então isto acabou com a viagem de Albus ao redor do mundo com pequeno Doge. Os dois vieram para casa para o funeral de minha mãe e então Doge foi para sua viagem e Albus se acalmou como chefe da família. Ha!" Aberforth guspiu no fogo. "Eu teria cuidado dela, eu falei para ele, eu não me preocupava com a escola, eu teria ficado em casa e teria feito isto. Ele me falou eu tinha que terminar minha educação e ele assumiria o lugar de minha mãe. Bit of a comedown para o senhor Brilhante, não havia nenhum prêmio por cuidar de sua irmã louca, impedindo ela de explodir a casa a cada dois dias. Mas ele conseguiu durante alguns semanas. . .até que ele chegou." E agora um olhar positivamente perigoso surgiu na face de Aberforth. "Grindelwald. E afinal, meu irmão teve alguém igual para falar de como brilhante e talentoso ele era. E procurando depois que Ariana levou um backseat então, enquanto eles estavam programando todos seus planos para a nova ordem de Bruxos e procurando por reliquias, e seja o que fosse, eles estavam muito interessados nele. Grandes planos para o benefício de todos os bruxos, e se negligenciasse uma jovem menina, o que importava, quando Albus estava

trabalhando para o bem maior? "Mas depois de algumas semanas, eu tinha tido bastante, eu tive.
Já estava quase chegando o dia de eu voltar para Hogwarts, então eu falei para eles, ambos, cara a cara, como se fosse você e eu, agora", e Aberforth olhou para baixo. Harry imaginou um adolescente, forte e bravo, confrontando seu irmão mais velho. "Eu lhe falei, melhor você deixar isto agora. Você não pode mudá-la, ela não está ajustada, você não pode levar ela com você, onde quer que esteja planejando ir, quando você está fazendo seus discursos inteligentes, tentando congregar partidários para segui-lo. "Ele não gostou disso." disse Aberforth, e os olhos se fecharam brevemente pela luz do fogo sob as lentes de seus óculos: Eles ficaram brancos e se fecharam novamente.
"Grindelwald não gostou nada disso. Ele ficou bravo. Ele me disse o quão estúpido pequeno menino eu era, tentando tirar ele e meu brilhante irmão de seus caminhos... Eu não entendi, minha pobre irmão não teria que ser escondida uma vez que eles iriam mudar o mundo. Conduzir os feiticeiros para fora de seus esconderijos, e ensinar para os trouxas o seu lugar? "E havia um argumento... eu puxei minha varinha, e ele puxou a sua, e eu tive a Maldição Cruciatus usada em mim pelo melhor amigo de meu irmão - e Albus estava tentando fazê-lo parar, e então nós três estávamos duelando, as luzes flamejando e os estrondos provocados por elas, ela não devia estar de pé.

"A cor estava se escoando da face de Aberforth como se ele tivesse sofrido uma ferida mortal.” “eu acho que ela quis ajudar, mas ela realmente não sabia o que estava fazendo, e eu não sei qual de nós fez isto, poderia ter sido qualquer de nós - e ela estava morta." A voz dele se quebrou na última palavra e ele se deixou cair em uma cadeira perto dele. A face de Hermione estava molhada pelas lágrimas, e Ron estava quase tão pálido quanto Aberforth. Harry não sentia nada mais que revulsão: Ele desejou não ter ouvido isto, desejou poder limpar sua mente disto. "Eu sinto... Eu sinto muito" sussurrou Hermione. "Ela se foi", resmungou Aberforth. "Ela se foi pra sempre." Ele assoou seu nariz no punho de manga e limpou a garganta. " É claro que Grindelwald fugiu. Ele já era fugitivo no seu próprio país, e ele não quis a responsabilidade pela morte de Ariana em suas costas. E Albus estava livre, não estava? Livre do fardo que sua irmã era, livre para se tornar o maior feiticeiro do... "

"Ele nunca esteve livre", Harry disse. "Eu imploro seu perdão?" disse Aberforth. "Nunca", disse Harry. "Na noite que seu irmão morreu, ele bebeu uma poção que o tirou fora de sua mente. Ele começou gritando, enquanto implorava a alguém que não estava lá. 'Não os machuque, por favor, fira-me ao invés deles.' "Ron e Hermione estavam encarando Harry. Ele nunca tinha dito em detalhes o que tinha acontecido na ilha do lago: Os eventos que aconteceram depois que ele e Dumbledore voltaram a Hogwarts tinha eclipsado isto completamente. "Ele pensava que estava anos

atrás, lá, com você e Grindelwald, eu sei o que ele fez", disse Harry, enquanto se lembrava de Dumbledore sussurrando, alegando. "Ele achava que estava assistindo Grindelwald ferir você e Ariana... Era tortura para ele, se você tivesse o visto, você não diria que ele estava livre." Aberforth parecia perdido contemplando suas próprias mãos, nodosas e venosas. Depois que uma longa pausa ele disse. "Como você pode estar seguro, Potter, que meu irmão não se interessou em você por um bem maior? Como você pode estar seguro que não é dispensável, igual minha pequena irmã era?" Um pedaço de gelo parecia perfurar o coração de Harry. "Eu não acredito nisso. Dumbledore amava Harry", disse Hermione. "Então por que ele não lhe disse para se esconder? Aberforth falou logo atrás. "Por que ele não disse, 'Cuide-se, aqui esta como sobreviver?'"

"Porque", disse Harry antes que Hermione pudesse responder, "às vezes você tem que pensar em algo mais além de sua própria segurança! Às vezes você tem que pensar em um bem maior! Isso é uma guerra!" "Você tem dezessete anos, menino!" "Eu tenho idade, e eu vou continuar mesmo que você tenha se rendido!" "Quem diz que eu me rendi?" "A Ordem da Phoenix acabou", repetiu Harry, "Você-sabe-quem ganhou, terminou, e qualquer um que pretenda algo diferente deles." "Eu não disse que eu gosto, mas é a verdade!" "Não, não é." disse Harry. "Seu irmão sabia como acabar com Você-sabe-quem e ele me ensinou. Eu vou

continuar até ter sucesso... ou morrer.

“Não pense que eu não sei como isto poderia terminar.” “Eu sei disso há anos.” Ele esperou que Aberforth zombasse ou discutisse, mas ele não fez. Ele somente se mexeu. "Nós precisamos entrar em Hogwarts", disse Harry novamente. "Se você não puder nos ajudar, nós iremos esperar até o amanhecer, e o deixaremos em paz, e tentaremos achar um modo nós mesmos. Se você puder nos ajudar... bem, agora seria um excelente momento para mencionar." Aberforth permaneceu fixo em sua cadeira, enquanto contemplava Harry com os olhos os quais eram tão extraordinariamente parecidos com os de seu irmão. No fim ele limpou a garganta, ficou de pé, caminhou ao redor da pequena mesa, e chegou o retrato de Ariana. "Você sabe o que fazer", ele disse. Ela sorriu, virou, e caminhou para fora, não como pessoas em retratos normalmente fazem, para um dos lados das molduras, mas por um longo túnel que aparecia pintado atrás dela. Eles assistiram a figura dela se retirando até finalmente ser engolida pela escuridão. "Er – o que...?" começado Ron. "Há somente uma maneira agora" disse Aberforth. "Você deve saber que eles têm todas as antigas passagens secretas vigiadas, ambos os lados, no inicio e fim, dementares ao redor das paredes limites, patrulhas regulares dentro da escola pelo que minhas fontes me contam. O lugar nunca foi tão vigiado. Como você espera fazer qualquer coisa depois de entrar, com Snape sendo o responsável e patrulheiros... bem, that's your lookout, isn't

it? Você diz que você está preparado para morrer." "Mas, o que...?" disse Hermione, enquanto franzia a testa ao olhar para o quadro de Ariana.

Um ponto branco minúsculo reapareceu ao término do túnel pintado, e agora Ariana estava caminhando de volta para ele, crescendo cada vez mais. Mas agora havia outra agora pessoa com ela, alguém mais alto que ela, que estava mancando, parecendo entusiasmado.

O cabelo dele estava mais comprido do que Harry já tinha visto antes Ele apareceu e lacrimejou. As duas figuras cresceram cada vez mais, até que só suas cabeças e ombros enchessem o retrato. Então tudo se transformou em uma parede com uma pequena porta, e a entrada para um túnel real foi revelada. É dos nossos, seu cabelo estava comprido, a face cortada, o robe rasgado, o Nevil e Longbottom real escalou e deu um urro de felicidade, saltou abaixo do consolo da lareira e gritou. "Eu sabia que você viria! Eu sabia Harry!"



Capítulo 29

A Tiara Desaparecida

“Nevile... O que... Como...?

Mas Nevil e tinha visto Rony e Hermione, e com gritos de alegria estava abraçando os dois. Quanto mais Harry olhava para Nevil e, pior ele parecia: um de seus olhos estava inchado e amarelo e roxo, havia marcas profundas em seu rosto, e seu aparência geral de mal-cuidado

dava a impressão de que sua vida andava agitada. De qualquer forma, seu semblante abatido radiava felicidade quando ele soltou Hermione e disse novamente, “Eu sabia que vocês viriam! Eu não parava de falar para o Simas que era uma questão de tempo!”

“Nevil e, o que aconteceu com você?”

“O que? Isso?” Nevil e desconsiderou seus machucados com um aceno de cabeça. “Isso não é nada, o Simas está pior. Você vai ver. Vamos indo então? Oh,” ele se virou para Aberforth, “Ab, pode ser que tenha mais um par de pessoas a caminho.”

“Mais?” repetiu Aberforth de forma sinistra. “O que você quer dizer, mais um par, Longbottom? Tem toque de recolher e um feitiço

Camwaulding na vila toda!"

"Eu sei, é por isso que eles vão Aparatar diretamente dentro do bar," disse Nevil e.

"É só mandá-los pela passagem quando eles chegarem aqui, ok? Muito obrigado."

Nevil e ofereceu sua mão para ajudar Hermione a subir na lareira e entrar no túnel; Rony seguiu, depois Nevil e. Harry se virou para Aberforth.

"Eu não sei como agradecê-lo. Você salvou nossas vidas duas vezes."

"Cuide delas, então," resmungou Aberforth. "Eu posso não ser capaz de salvá-los uma terceira vez."

Harry subiu na lareira e entrou no túnel atrás do retrato de Ariana. Havia degraus de pedra no outro lado; parecia que a passagem estava lá há anos. Lâmpadas de latão estavam penduradas nas paredes e o chão de terra era batido e suave; enquanto andavam, suas sombras se moviam como pás pela parede.

"Há quanto tempo isso está aqui?" Rony perguntou. "Não está no Mapa do Maroto, está Harry? Eu achava que só havia sete passagens para dentro e fora da escola."

"Eles bloquearam todas aquelas no começo do ano," disse Nevil e. "Não há como passar por nenhuma delas agora, não com as maldições nas entradas e Comensais e Dementadores esperando nas saídas." Ele começou a andar de costas, sorrindo. "Mas deixa

isso pra lá… é verdade? Vocês invadiram Gringotes? Vocês escaparam em um dragão? Está por toda parte, todos estão falando disso, Terry Boot apanhou do Carrow por gritar isso no Grande Salão durante o jantar!”

“Sim, é verdade,” disse Harry.

Nevil e riu de felicidade.

“O que vocês fizeram com o dragão?”

“Soltamos na natureza,” disse Rony. “Hermione queria transformá-lo em animal de estimação.”

“Não exagera, Rony…”

“Mas o que vocês andam fazendo? As pessoas têm dito que vocês estavam só fugindo, Harry, mas eu não acredito. Eu acho que vocês estão aprontando alguma coisa.”

“É, você está certo,” disse Harry, “mas nos conte sobre Hogwarts, Nevil e, nós não tivemos nenhuma notícia.”

“Tem sido… Bem, não é como Hogwarts mais,” disse Nevil e, o sorriso desaparecendo de seu rosto enquanto falava. “Vocês sabem sobre os Carrows?”

“Aqueles dois Comensais que dão aulas aqui?”

“Eles fazem mais do que dar aulas,” disse Nevil e. “Eles são responsáveis por toda a disciplina. Eles gostam de punição, os Carrows.”

“Como a Umbridge?”

“Não, eles fazem ela parecer um anjo. Os outros professores

deveriam nos entregar para os Carrows se fizermos alguma coisa errada. Eles não o fazem, contudo, se puderem evitar. Dá pra ver que todos os odeiam tanto quanto nós os odiamos.”

“Amycus, o cara, ele ensina o que era Defesa Contra as Artes das Trevas, exceto que agora é só Artes das Trevas. Nós temos que praticar a Maldição Cruciatus nas pessoas que receberam detenções...”

“O quê?”

As vozes unidas de Harry, Rony e Hermione ecoaram pela passagem.

“É,” disse Nevil e. “Foi assim que eu consegui isso,” ele apontou para um corte particularmente fundo em sua bochecha, “Eu me recusei a fazê-lo. Algumas pessoas gostam disso, contudo; Crabbe e Goyle amam.

É a primeira vez que eles são os melhores em alguma coisa, eu suponho.”

“Alecto, irmã de Amycus, ensina Estudo dos Trouxas, que é obrigatório para todos. Todos temos que ouvi-la explicar como os Trouxas são como animais, estúpidos e sujos, e como eles forçam os magos a se esconderem sendo violentos para conosco, e como a ordem natural está sendo restabelecida. Eu consegui essa aqui,” ele indicou outro corte em seu rosto, “por perguntar quanto sangue trouxa ela e seu irmão tinham.”

“Poxa, Nevil e,” disse Nevil e, “existe hora e lugar para se aprender

a responder os outros.”

“Você não a viu,” disse Nevil e. “Você também não teria agüentado. O que acontece é que é bom quando as pessoas se recusam a engolir isso, dá esperanças a todos. Eu costumava reparar nisso quando você o fazia, Harry.”

“Mas eles estão te fazendo de amolador de facas,” disse Rony, se abaixando um pouco enquanto eles passavam por uma lâmpada e as feridas ficaram fora de vista.

Nevil e balançou os ombros.

“Não importa. Eles não querem derramar muito sangue puro, então, eles nos torturam um pouco se nós somos respondões, mas eles não vão realmente nos matar.”

Harry não sabia o que era pior, as coisas que Nevil e estava dizendo ou o tom resignado com o qual ele o disse.

“As únicas pessoas em perigo real, são aqueles cujos parentes ou amigos estão dando problema lá fora. Eles são pegos como reféns. O velho Xeno Lovegood estava ficando tagarela de mais no Pasquim, então eles tiraram a Luna do trem quando ela estava voltando para o Natal.”

“Nevil e, ela está bem, nós a vimos-”

“Sim, eu sei, ela conseguiu me passar uma mensagem.”

De seu bolso ele tirou uma moeda de ouro, e Harry a reconheceu como um dos Galeões falsos que a Armada de Dumbledore usou para mandar mensagens uns para os outros.

“Isso aqui tem sido ótimo,” disse Nevil e, sorrindo para Hermione. “Os Carrows nunca descobriram como nós estávamos nos comunicando, deixou eles malucos. Costumávamos escapar a noite e colocar graffiti nas paredes: Armada de Dumbledore, Ainda Recrutando, coisas assim. Snape odiava.”

“Vocês costumavam?” disse Harry, que havia notado a forma no passado.

“Bem, ficou mais difícil conforme o tempo passou,” disse Nevil e. “Nós perdemos Luna no Natal, e Gina nunca voltou depois da Páscoa, e nós três meio que éramos os líderes. Os Carrows pareciam saber que eu estava por trás da maior parte disso, então eles começaram a pegar pesado comigo, e daí o Michael Córner acabou pego soltando um aluno do primeiro ano que eles haviam acorrentado, e o torturaram pra valer. Isso assustou as pessoas.”

“Não diga,” resmungou Rony, quando a passagem começou a subir.

“É, bem, eu não podia pedir para as pessoas passarem pelo que o Michael passou, então nós paramos com esse tipo de coisa. Mas ainda estávamos lutando, fazendo as coisas por baixo dos panos, até umas duas semanas atrás. Foi então que eles decidiram que só tinha uma forma de me fazer parar, eu acho, e eles foram atrás da Vovó.”

“Eles o quê?” disse Harry, Rony e Hermione juntos.

“É,” disse Nevil e, ofegando um pouco, porque a passagem estava inclinando a cada passo, “bem, você pode entender o que eles

estavam pensando. Tinha dado muito certo, seqüestrando garotos para forçar seus familiares a se comportar. Eu acredito que era uma questão de tempo antes deles fazerem o caminho inverso. O problema foi que," ele os encarou, e Harry estava surpreso de ver que o garoto estava sorrindo, "eles tentaram abocanhar mais do que podiam engolir com a Vovó. Bruxinha velha morando sozinha, eles provavelmente pensaram que não precisava mandar ninguém muito poderoso. De qualquer forma," Nevil e riu, "Dawlish ainda está no São Mungos e a Vovó fugindo. Ela me mandou uma carta," ele deu uma palmada no bolso de suas vestes, "me dizendo que estava orgulhosa de mim, que eu sou filho dos meus pais, e para continuar assim."

"Que legal." Disse Rony.

"É," disse Nevil e feliz. "o único problema é, assim que eles perceberam que não tinha como me ameaçar, eles decidiram que Hogwarts podia ficar sem mim, afinal. Eu não sei se eles estavam planejando me matar ou me mandar para Azkaban, de qualquer forma, eu sabia que era hora de desaparecer."

"Mas," disse Rony, parecendo totalmente confuso, "nós não estamos indo direto para Hogwarts?"

"Claro que sim," disse Nevile. "Você vai ver. Aqui estamos."

Eles viraram em um corredor e lá na frente deles estava o fim da passagem. Outro pequeno lance de degraus levava a uma porta como a que estava escondida atrás do retrato de Ariana. Nevil e

abriu-a e atravessou. Quando Harry seguiu, ele ouviu Nevile se dirigindo à pessoas que estavam fora de vista:

“Olha quem está aqui! Eu não falei para vocês?”

quando Harry entrou na sala que ficava atrás da passagem, houve vários gritos: “HARRY!” “É o Potter, é o POTTER!” “Rony!” “Hermione!”

Ele teve uma confusa impressão de decoração colorida, lâmpadas e rostos.

No momento seguinte, ele, Rony e Hermione foram engolidos, abraçados, receberam tapinhas nas costas, seus cabelos foram bagunçados, suas mãos apertadas, pelo que parecia mais de vinte pessoas. Era como se eles tivessem acabado de ganhar a final do Quadribol.

“Okay, okay, acalmen-se!” Nevile gritou, e a multidão se afastou, e Harry foi capaz de observar o lugar em que estavam.

Ele não reconhecia o dormitório de forma alguma. Era enorme, e parecia o interior de uma suntuosa casa de árvore, ou talvez uma cabine de um navio gigante. Redes multicoloridas estavam penduradas no teto e nos camarotes (?) que ficavam ao redor das paredes de madeira e sem janelas, que estavam cobertas por coloridas tapeçarias. Harry viu o ouro do leão da Grifinória, embrasado em vermelho, o texugo negro da Lufa-Lufa, com o fundo amarelo; e a águia de bronze da Corvinal, no azul. O verde e prata da Sonserina eram a única ausência. Havia estantes esturricadas

de livros, algumas vassouras encostadas nas paredes, e no canto, um grande rádio (wireless?)
“Onde nós estamos?”
“Sala Precisa, é claro!” disse Nevile. “Superou-se, não é? Os Carrows estavam me perseguindo, e eu sabia que só tinha uma chance para me esconder: eu consegui passar pela porta e foi isso que eu encontrei! Bem, não era exatamente assim quando eu cheguei, era bem menor, só tinha uma rede e só as cores da Grifinória. Mas ela cresceu quando mais e mais membros da A. D. chegaram.”
“Não,” disse Simas Finegan, que Harry não tinha reconhecido até que ele falou: seu rosto estava machucado e inchado. “É um esconderijo perfeito, desde que um de nós fique aqui, eles não podem nos pegar, a porta não abre. É tudo graças ao Nevile. Ele realmente entende essa sala. Você tem que pedir exatamente aquilo que você precisa – tipo, ‘Eu não quero que nenhum simpatizante dos Carrows seja capaz de entrar’ – e a sala faz isso por você! Você só tem que ter certeza de cuidar das brechas. Nevile é o cara!.”
“É bem direto, na verdade,” disse Nevile de forma modesta. “Eu estava aqui já fazia um dia e meio, e estava ficando com mais e mais fome, e desejando que pudesse conseguir alguma coisa pra comer, e foi aí que a passagem para o Hog’s Head se abriu. Eu fui por ela conheci o Aberforth. Ele tem nos dado comida, porque por

alguma razão, essa é a única coisa que a Sala na faz."
"Sim, bem, comida é uma das cinco exceções à Lei da Transfiguração Elementar de Gamp," disse Rony para surpresa geral.
"Então, nós estamos nos escondendo aqui por quase duas semanas," disse Simas, "e a Sala simplesmente cria mais redes toda vez que precisamos de mais espaço, e ela até fez surgir um ótimo banheiro logo que as garotas começaram a vir para cá -"
"-decidiram que gostariam muito de se limpar, sim," acrescentou Lilá Brown, que Harry não tinha notado até então. Agora que ele estava olhando ao redor, ele reconheceu muitos rostos familiares. As duas gêmeas Patil estavam lá, assim como Terry Boot, Ernie Macmil an, Antonio Goldstein e Michael Corner.
"Mas nos diga o que vocês têm estado fazendo," disse Ernie. "Há tantos rumores, nós temos tentado acompanhá-lo pela Vigia de Potter (Potterwatch)." Ele apontou para o rádio. "Vocês não invadiram Gringotes, né?"
"Eles invadiram!" disse Nevile. "E o dragão é verdade também!"
Houve alguns aplausos e alguns uivos; Rony fez uma reverência.
"Do que vocês estavam atrás?" perguntou Simas com ansiedade.
Antes que qualquer um deles pudesse responder a pergunta com umas das deles, Harry sentiu uma dor terrível e ardente em sua cicatriz. Enquanto ele virava rapidamente suas costas para os curiosos e encantados rostos, a Sala Precisa desapareceu, e ele

estava em pé, dentro de uma cabana de pedra em ruínas, e o assoalho apodrecido estava arrebentado, uma caixa dourada jazia aberta e vazia ao lado do buraco, e o grito de fúria de Voldemort ressoou dentro de sua cabeça.

Com um grande esforço e recuou da mente de Voldemort, de volta para onde ele estava, cambaleando, na Sala Precisa, suor escorria por seu rosto e Rony o estava segurando.

“Você está bem, Harry?” Nevile dizia. “Você quer se sentar? Eu imagino que você esteja cansado, né?”

“Não,” disse Harry. Ele olhou para Rony e Hermione, tentando contar a eles sem palavras que Voldemort tinha acabado de descobrir a perda de uma de suas Horcruxes. O tempo estava passando rápido: se Voldemort escolhesse visitar Hogwarts em seguida, eles perderiam sua chance.

“Nós precisamos ir,” ele disse, e as expressões deles indicavam que tinham entendido.

“O que nós vamos fazer então, Harry?” perguntou Simas. “Qual é o plano?”

“Plano?” repetiu Harry. Ele estava usando toda a sua força de vontade para evitar sucumbir à raiva de Voldemort, novamente: sua cicatriz estava queimando ainda. “Tem algo que nós – Rony, Hermione e eu – precisamos fazer, e depois nós vamos sair daqui.”

Ninguém mais estava rindo ou dando uivos. Nevile parecia confuso.

“O que você quer dizer, ‘sair daqui?’”

“Nós não voltamos para ficar,” disse Harry, esfregando sua cicatriz, tentando acalmar a dor. “Tem algo importante que nós precisamos fazer -”

“O que é?”

“Eu... eu não posso te contar.”

Ouve uma onda de murmúrios: Nevile franziu o senho.

“Por que você não pode nos contar? Tem algo a ver com a luta contra Você-Sabe-Quem, certo?”

“Bem, sim -”

“Então nós vamos te ajudar.”

Os outros membros da Armada acenavam afirmativamente, alguns entusiasticamente, outros solenemente. Dois deles se levantaram de suas cadeiras para mostrar que estavam preparados para agir imediatamente.

“Você não entende,” Harry parecia ter dito isso muitas vezes nas últimas horas. “Nós... nós não podemos contar para vocês. Nós temos de fazer isso... sozinhos.”

“Por que?” perguntou Nevile.

“Porque...” Em seu desespero por começar a procurar a Horcrux desaparecida, ou ao menos ter uma discussão particular com Rony e Hermione sobre onde eles deveriam começar a busca; Harry estava achando difícil concentrar seus pensamentos. Sua cicatriz ainda esta ardendo. “Dumbledore deixou para nós três uma missão,” ele disse cuidadosamente, “e nós não deveríamos contar...

eu quero dizer, ele queria que nós fizéssemos isso, só nós três.”

“Nós somos sua Armada,” disse Nevile. “A Armada de Dumbledore. Nós todos estávamos nisso juntos, nós temos continuado com ela enquanto vocês três estavam fora -”

“Não tenho sido exatamente um passeio no parque, cara.” Disse Rony.

“Eu nunca disse isso, mas eu não vejo porque você não pode confiar em nós. Todos nessa sala têm lutado e eles foram acurralados aqui porque os Carrows os estavam caçando. Todos aqui provaram que são leais a Dumbledore – leais a você.”

“Olha,” Harry começou, sem nem saber o que iria dizer, mas isso não importou. O túnel tinha acabado de se abrir atrás dele.

“Nós recebemos sua mensagem, Nevile! Olá para vocês três, eu pensei que estariam aqui!”

Era Luna e Dino. Simas deu um grito de alegria e correu para abraçar seu melhor amigo.

“Olá, pessoal!” disse Luna felizmente. “Oh, é tão bom está de volta!”

“Luna,” disse Harry distraidamente. “O que você está fazendo aqui?Como você --?“

“Eu mandei pra ela,” disse Nevil e, segurando o galeão falso. “Eu prometi para ela e para Gina que se você voltasse eu iria avisá-las. Todos nós pensamos que se você voltasse, significaria uma revolução. Que nós iríamos derrotar Snape e Carrows.”

“É claro que é isso que significa,” disse Luna animada. “não é

Harry? Nós vamos expulsá-los de Hogwarts?"

"Olha," disse Harry com uma progressiva sensação de pânico, "Desculpa, mas não é por isso que nós voltamos. Tem uma coisa que precisamos fazer, e então -"

"Você vai nos deixar no meio dessa confusão?" disse Michael Corner.

"Não!"disse Ron. "O que nós vamos fazer irá beneficiar todos no final, é tudo para conseguirmos nos livrar de Você-Sabe-Quem –"

"Então deixo-nos ajudar!" disse Nevil e irritado. "Nós queremos fazer parte disso!"

Havia outro barulho atrás deles, e Harry virou-se. Seu coração parecia cair: Gina estava subindo através do buraco na parede, seguida de perto por Fred, Jorge e Lino Jordan. Gina deu a Harry um sorriso radiante: Ele tinha esquecido, ele nunca tinha apreciado de verdade, como ela era bonita, mas ele nunca esteve tão triste de vê-la como agora.

"Abeforth's está ficando um pouco chato," disse Fred, levantando sua mão respondendo a vários cumprimentos. "Ele queria dormir, mas seu bar está parecendo uma estação de trem."

Harry ficou boquiaberto. Logo depois de Lino Jordan veio sua antiga namorada, Cho Chang. Ela sorria para ele.

"Eu recebi a mensagem," disse ela segurando o próprio galeão falso e ela caminhou até sentar ao lado de Michael Corner.

"Qual é o plano Harry?" disse Jorge.

“No existe nenhum,” disse Harry, ainda desorientado pelo surgimento repentino de todas aquelas pessoas, incapaz de absorver tudo enquanto sua cicatriz ardia tão forte.

“Vamos só improvisar ao longo da situação, não é?Meu favorito!” disse Fred

“Você tem que parar com isso!” disse Harry a Nevil e. “Para que você chamou todo mundo de volta? Isso é loucura –“

“Nós vamos lutar, não vamos?” disse Dean, mostrando seu Galeão falso. “A mensagem dizia que Harry estava de volta e que iríamos lutar! Eu tenho que pegar uma varinha, então –“

“Você não tem uma varinha --?” começou Seamus.

Ron virou-se para Harry.

“Por que eles não podem ajudar?”

“O que?”

“Eles podem ajudar.” Ele abaixou sua voz e disse, para que ninguém, a não ser Hermione que estava entre eles, pudesse ouvir. “Nós não sabemos onde está. Temos que encontrar-lo rápido. Não precisamos contar para eles que é uma Horcrux!”

Harry para Hermione, que murmurou, “Eu acho que o Rony está certo. Nós nem sabemos o que estamos procurando, vamos precisar deles.” E quando Harry olhou sem convicção, “Você não precisa fazer tudo sozinho.”

Harry pensou rápido, sua cicatriz ainda incomodava, sua cabeça estava ameaçando rachar de novo.

Dumbledore o preveniu sobre a ninguém a não ser Ron e Hermione sobre os Horcruxes. Segredos e mentiras, é como nós crescemos e Albus... ele era um natural...

Estaria ele se transformando em Dumbledore, mantendo seus segredos firmo ao peito, com medo de confiar?

Mas Dumbledore havia confiado em Snape, e no que isso levou?

Há assinar no topo da torre mais alta...

“Tudo bem,” ele disse baixo para os dois. “Okay,” ele disse alto para e todo o barulho cessou: Fred e Jorge, que estavam contando piadas em beneficio daqueles que estavam perto, ficaram em silencio e todos olhavam atentos, excitados.

“Tem algo que precisamos encontrar,” Harry disse. “Algo – algo que irá nos ajudar a derrotar Você-Sabe-Quem. Está aqui em Hogwarts, mas não sabemos aonde. Provavelmente pertenceu a Corvinal. Algum de vocês ouviu sobre algum objeto desse tipo? Algum de você passou por alguma coisa com a sua águia nela, por exempo?”

Ele olhou com esperança para o pequeno grupo de alunos da Corvinal, para Padma, Michael, Terry e Cho, mas foi Luna que respondeu, sentada no braço da cadeira da Gina.

“Bom, tem a sua tiara perdida. Eu lhe disse sobre, lembra Harry? A tiara perdida de Corvinal? Papai está tentando duplicá-la.”

“Sim, mas a tiara perdida,” disse Michael, virando os olhos, “é perdida Luna. Esse é problema!”

“Quando foi perdida?” perguntou Harry.

"Há séculos, eles dizem" disse Cho e o coração de Harry deu uma remexida. "Professor Flitwick disse que a tiara sumiu com a Corvinal. Muitos procuraram, mas," ela apelou para seus companheiros de casa. "Ninguém nunca achou nem uma pista, não é?"

Todos balançaram suas cabeças.

"Desculpa, mas o que é uma tiara?" perguntou Ron.

"É um tipo de coroa," disse Teddy Boot. "Supostamente a tiara de Corvinal tinha poderes mágicos que aumentava a sabedoria de quem usasse."

"Sim, "Wrackspust siphon" do papai –"

Mas Harry cortou Luna.

"E nenhum de vocês nunca viram nada que se pareça com isso?"

Todos balançaram a cabeça de novo. Harry olhou para Ron e Hermione e eles estavam tão desapontados quanto ele. Um objeto que foi perdido há tanto tempo e pelo que parece sem nenhum rastro, não parecia ser um bom candidato a ser um Horcrux escondido no castelo... Antes de conseguir pensar numa nova pergunta, no entanto, Cho falou de novo.

"Se você quiser ver como a tiara supostamente parece, eu poderia levá-lo para a nossa sala comunal e mostrar para você, Harry. Corvinal está usando-a em sua estátua."

A cicatriz de Harry incomodou de novo: Por um momento a Sala precisa sumiu diante dele e em seu lugar ele viu a terra negra

surgindo debaixo dele e sentiu a grande cobra ao redor de seu ombro.

Voldemort estava voando de novo Voldemort estava voando de novo, ou para o lago sbterraneo, ou para cá, para o castelo, ele nao sabia. De qualquer jeito, ja nao tinha quase tempo.

“Ele está a caminho.” ele disse baixo para Rony e Hermione. Ele olhou de relance para Cho e depois voltou para eles. “Escutem, eu sei que não é muito de um líder, mas eu vou dar uma olhada nessa estátua, pelo menos para saber como essa tiara é. Esperem por mim aqui, e vocês sabem, mantenham um ao outro em segurança.”

Cho tinha ficado de pé, ms Gina disse um tanto quanto rispidamente, “Não, Luna vai levar o Harry, não vai Luna?”

“Ah sim, eu gostaria disso.” disse Luna feliz, enquanto Cho se sentava parecendo desapontada.

“Como nós saímos daqui?” Harry perguntou a Nevil e.

“Por aqui.”

Ele guiou Harry e Luna até um canto onde um armário se abriu para uma escada íngreme. “Sai cada dia em um lugar diferente, então eles nunca conseguem acha-la,” Ele disse. “O único problema é que nós nunca sabemos exatamente onde vai dar quando saímos. Tenha cuidado Harry, eles estão sempre patrulhando os corredores a noite.”

“Sem problema.” disse Harry. “Vejo você num instante.”

Ele e Luna correram pela escada, que era longa, iluminada por

tochas, e virava para os ados em lugares inesperados. No fim eles alcançaram o que parecia ser uma parede sólida.

"Entre aqui em baixo." Harry disse a Luna, pegando a capa da invisibilidade e jogando-a por cima deles. Harry empurrou a parede de leve.

A parede desapareceu quando ele a tocou, e eles saíram. Harry olhou de relance para trás, e viu que a parede já tinha se integrado de novo. Eles estavam parados em um corredor escuro. Harry puxou Luna para as sombras, se atrapalhou com o pouch ao redor do seu pescoço e pegou o Mapa do Maroto. Segurando o mapa perto do nariz ele procurou, e achou ele e Luna como pontos.

"Nós estamos no quinto andar." ele sussurrou, vendo Filch se distanciar deles, um corredor a frente. "Vamos, por aqui."

Eles foram se esgueirando.

Harry já tinha perambulado pelo castelo muitas vezes a noite, mas seu coração nunca tinha batido nessa velocidade, sua segurança nunca tinha dependido tanto de passar por ali. Através dos reflexos da luz da lua no chão, os capacetes das armaduras rangiam ao som dos passos macios deles no corredor, por além dos cantos quem poderia saber o que estava a espreitar. Harry e Luna andaram, conferindo o Mapa do Maroto sempre que a luz permitia, e duas vezes parando para deixar um fantasma passar, sem chamar sua atenção para eles. Ele esperava encontrar um obstáculo a qualquer momento; Seu pior medo era Pirraça, e ele apurava seus ouvidos a

cada pesso tentando reconhecer qualquer sinal de aproximação do poltergeist.

“É aqui, Harry.” ofegou Luna segurando sua manga e o puxando para uma escada espiral.

Eles subiram firmemente, círculos vertiginosos. Harry nunca tinha estado ali antes. Eles alcançaram a porta. Não tinha nenhuma maçaneta ou buraco de fechadura: nada além de uma simples extensão de madeira velha,e um batedor de bronze em forma de águia.

Luna o alcançou com sua mão pálida, que parecia estranhamente flutuar no ar, sem conexão com braço ou corpo. Ela bateu uma vez, e no silêncio soou a Harry como um tiro de canhão. Quando o bico da águia se abriu, ao invés de som de passado, ele ouviu uma voz melodiosa “O que vem primeiro: o fogo ou a fênix?”

“Hum.. O que você acha Harry?” disse Luna, parecendo pensativa.

“O que?Não tem uma senha?”

“Ah não, você tem que responder a pergunta.” disse Luna

“Mas e se você responder errado?”

“Bom, então você vai ter que esperar alguém que acerte a resposta.” Luna explicou. “Uma maneira de aprender, entende?”

“Entendo.. O problema é que nós não podemos realmente esperar por mais ninguém, Luna.”

“Não, eu sei o que você quer dizer.” disse Luna séria. “Bom, então eu acho que a resposta é que um círculo não tem começo.”

“Bem concluído.” disse a voz, e a porta se abriu.

O deserto Salão Comunal da Corvinal era era espaçosa, circular, e mais bem arejada do que qualquer sala que Harry tenha visto em Hogwarts.

Belas janelas em forma de arco enfeitavam as paredes que tinham penduradas sedas em azul de bronze. Durante o dia, os corvinais deviam ter uma vista espetacular das montanhas. O teto era uma abóbada e tinha estrelas pintadas, que foram copiadas no carpete azul-marinho. Tinham mesas, cadeiras e estantes, e no nicho oposto a porta estava uma estátua alta de mármore branco.

Harry reconheceu Rowena Ravenclaw do busto que ele tinha visto na casa de Luna. A estátua ficava ao lado de uma porta que Harry supunha que daria nos dormitórios a cima. Ele parou bem em frente a mulher de mármore, e parecia que ela olhava de volta para ele

com um sorriso zombeteiro no rosto, mas ainda sim intimidante. Um delicado círculo tinha sido reproduzido em mármore no topo da cabeça dela.

Não era muito diferente da tiara que Fleur tinha usado no casamento. Tinham palavras pequenas gravadas nela. Harry saiu de debaixo da capa e subiu em cima para ler.

“Presença de espírito além da medida é o maior tesouro do homem.”

“O que faz de você muito (skint), tolo.” disse uma voz cortante.

Harry deu a volta, desceu da estátua e voltou ao chão. A figura corcunda de Alecto Carrow estava parada diante dele, e até que Harry pegasse sua varinha, ela pressionou o cotoco do dedo indicador e a caveira e a cobra brilharam em seu antebraço.



Capítulo 30

A demissão de Severus Snape

No momento em que seu dedo tocou a marca, a cicatriz de Harry queimou como fogo, o quarto estrelado sumiu de vista, e ele estava

de pé, em cima de uma rocha sobre um penhasco, e o mar estava à sua volta e havia um sentimento de triunfo em seu coração – Eles têm o garoto.

Um barulho alto trouxe Harry de volta a onde ele estava parado. Desorientado, ele levantou a sua varinha, mas a bruxa antes dele já estava caindo; ela atingiu o chão tão duramente que o vidro na estante soou.

“Eu nunca atordoei ninguém exceto em suas lições da AD” disse Luna, soando meio interessada. “Isso foi mais barulhento do que pensava que seria”

E certo o suficiente, o teto começou a tremer rapidamente, ecoando os passos cada vez mais altos e crescentes por trás da porta que levava aos dormitórios. O feitiço de Luna havia acordado toda a casa Corvinal que dormia logo acima.

“Luna, cadê você? Eu preciso entrar embaixo da capa!”

Os pés de Luna apareceram do nada; ele se apressou para o seu lado e ela colocou a capa sobre eles enquanto a porta já se abria e o barulho dos alunos da Corvinal, e todos em suas roupas de dormir, inundaram a sala comunal. Havia soluços e choros de surpresa quando eles viram Alecto deitado lá inconscientemente. Devagar eles se arrastaram ao seu redor, uma besta selvagem que poderia acordar a qualquer momento e atacá-los. Então um bravo e pequenino primeiro anista rapidamente cutucou-a com o seu dedão do pé.

“Eu acho que ela provavelmente está morta!” Ele gritou com prazer

“Oh, olhe!” sussurrou Luna feliz, enquanto a Corvinal inteira estava em volta de Alecto. “Eles estão satisfeitos!”

“Sim…legal…”

Harry fechou seus olhos, e sua cicatriz vibrou novamente fazendo-o mergulhar novamente na mente de Voldemort...Ele estava se movendo pelo túnel da primeira caverna....Ele quis certificar-se do medalhão antes de vir...mas ele não se demoraria por muito tempo...

Havia uma batida na porta da sala comunal e cada Corvinal congelou-se. Do outro lado, Harry ouviu a voz macia, musical que emitiu da aldrava da porta da águia: "onde os objetos desaparecidos foram?"

“Eu não sei, sei? Feche isso” uma voz furiosa e incomum que Harry conhecia como do irmão Carrow, Amycus, “Alecto? Alecto? Você está aí?”Você o pegou? Abra a porta!”

A casa de Corvinal estava sussurrando entre eles, horrorizados. Então sem aviso, uma série de altos estampidos, como se alguém estivesse disparando uma arma na porta.

“ALECTO! Se ele vier, e nós não tivermos pegado o Potter – vc quer ficar do mesmo jeito que os Malfoys? RESPONDA-ME!”

Amycus abaixou, sacudindo a porta com intensidade, mas mesmo assim ela não se abriu. A Corvinal estava toda voltando e alguns dos mais assustados, estavam retornando à escada que levava aos

seus quartos.

Enquanto isso, Harry estava imaginando se ele iria ou não destruir a porta e Stun Amycus antes que o Comensal da Morte fizesse alguma coisa, uma segunda e muito familiar voz soou pela porta.

“Posso perguntar o que vc está fazendo Professor Carrow?”

“Tentando – passar – por essa droga – de porta!” gritou Amycus.

“Vá e chame o professor Flitwick!” “Traga-o para abri-la agora!”

“Mas a sua irmã não está aí?” perguntou a professora McGonagal .

“O professor Flitwick não a deixou entrar ainda hoje à tarde, seguindo a um pedido seu? Talvez ela possa abrir a porta para vc? Assim vc não precisará acordar metade do castelo.”

“Ela não está atendendo, sua velha! Você abre! Bolas! Faça-o, agora!”

“Certamente, se vc o deseja” disse a professora McGonagal , numa frieza horrorosa. Houve uma gentil batida e uma voz musical perguntou novamente.

“Onde os objetos desaparecidos foram?”

“Para a não existência, o que quer dizer, tudo” respondeu a professora McGonagal .

“Resposta correta”, disse a aldrava de águia da porta, abrindo-a.

Os poucos alunos da Corvinal que tinha ficado para trás, correram para as escadas enquanto Amycus estourou sobre o ponto inicial, brandindo a sua varinha. Assim como sua irmã, tinha um rosto pálido, macilento e olhos minúsculos, que recaíram sobre Alecto,

inerte no assoalho. Ele deixou sair um grito de fúria e medo.

“O que eles fizeram os pestinhas?” ele gritou. “Eu vou torturá-los até que me falem quem fez isso – e o que dirá o Lord das Trevas?” ele tremeu, parado sobre sua irmã batendo com o punho em sua testa, “Nós não o pegamos, e eles se foram e a mataram!”

“Ela só está desmaiada”, disso a Professora McGonagal impacientemente, que tinha se abaixado para examinar Alecto. “Ela ficará perfeitamente bem”

“Não, com certeza ela não ficará” urrou Amycus. “Não depois que o Lord das Treva pega-la! Ela se foi e mandei-lhe para ele, eu senti minha marca queimar e ele acha que nós estamos com o Potter!”

“Tem o Potter?” disse a Professora McGonagal afiadamente. “O que você quer dizer com TEM O POTTER?”

“Ele nos disse que o Potter poderia tentar entrar na torre da Corvinal e que era para mandá-lo para ele caso o pegássemos!”

“Por que Harry Potter tentaria entrar na torre da Corvinal! Potter pertence à minha casa!”

Apesar da falta de crença e da raiva, Harry ouviu um pequeno sinal de orgulho em sua voz e a sua afeição por Minerva McGonagal cresceu nele.

“Disseram-lhe que ele talvez viesse para cá!” disse Carrow. “Eu não sei por que, sei?”

A Professora McGonagal ficou imóvel e seus pequenos olhos vagaram pela sala. Por duas vezes eles passaram justamente no

lugar em que Harry e Luna estavam.

"Nós podemos pressionar as crianças", disse Amycus, com sua cara de porco maligna. "Sim, isso é o que faremos. Diremos que Alecto foi atacada de surpresa pelas crianças, suas crianças acima"—ele olhou para cima, encarando o teto dos dormitórios acima – "e diremos que eles a forçaram a conjurar a marca e por isso que ele recebeu um alarme falso... Ele poderá puní-las. Afinal, algumas crianças à mais ou à menos, qual a diferença?"

"Só a diferença entre a verdade e a mentira, coragem e covardia", disse a Professora McGonagal , que tinha ficado pálida, "uma diferença, pequena, à qual você e a sua irmã são incapazes de apreciar. Mas deixe-me fazer uma coisa muito clara. Você não irá jogar as suas muitas inaptidões nos estudantes de Hogwarts. Eu não permitirei".

"Como é?"

Amycus moveu-se para frente até que estava ofensivamente próximo da Professora McGonagal , seu rosto à milímetros do dela. Ela se recusou a se afastar, mas o olhou como se ele fosse algo desagradável que ela encontrou num assento sanitário.

"Não é o caso do quê você irá permitir, Minerva McGonagal . Seu tempo acabou. Somos nós que estamos no comando aqui agora, e você irá me apoiar ou pagará o preço".

E lhe deu um tapa no rosto.

Harry arrancou a capa, empunhou sua varinha e disse "Você não

deveria ter feito isso!”

Enquanto Amycus se virava rapidamente, Harry gritou “Crucio!”

O Comensal da Morte se elevou. Ele se contorceu no ar como se estivesse se afogando, debulhando e gritando de dor e então, com um barulho de vidros quebrados, ele se esmagou contra a estante disforme e insensível, caindo ao chão.

“Agora sei o que a Bel atrix quis dizer”, disse Harry, o sangue em fervendo em seu cérebro, “você precisa realmente querer”.

“Potter!” sussurrou a Professora McGonagal , com o coração apreensivo “Potter você está aqui! O quê?...Como?” Ela se esforçou para se recompor. “Potter, isso foi idiotice!”

“Ele lhe estapeou”, disse Harry.

“Potter, eu...isso foi muito...galanteador de sua parte...mas você não entende...?”

“Sim, entendo” Harry lhe assegurou. De alguma forma o pânico dela se aquietou. “Professora, Voldemort está vindo!”

“Oh, agora nós temos permissão de dizer o nome dele?” Perguntou Luna com um ar de interesse, saindo da capa da invisibilidade. A aparição de mais um fugitivo pareceu oprimir a Professora McGonagal que caiu desconcertada numa cadeira próxima, apertando a gola de seu velho vestido.

“Eu não acho que fará qualquer diferença como o chamamos” Harry disse à Luna. ”Ele já sabe que estou aqui.”

Numa parte distante do cérebro de Harry, aquela parte conectada

com a raiva, a cicatriz que queima como fogo, ele pode ver Voldemort navegando rapidamente sobre o lago negro no fantasmagórico barco verde...Ele estava próximo de alcançar a marina de pedra...

“Você precisa se apressar”, sussurrou a Professora McGonagal , “Agora Potter, o mais rápido que puder!”

“Não posso” disse Harry. “Tem algo que preciso fazer. Professora, a senhora sabe onde a diadema da Corvinal está?”

“O d-diadema da Corvinal? Claro que não...não está perdido à séculos?” Ela se endireitou um pouco mais na cadeira “Potter, isso é loucura, loucura total, para você entrar neste castelo...”

“Eu tive que” disse Harry. “Professora, existe alguma coisa escondida que tenho de encontrar, e pode ser o diadema...Se a senhora puder falar com o professor Flitwick...”.

Houve o som de um movimento, de vidro quebrado. Amycus estava de volta. Antes que Harry ou Luna pudessem fazer alguma coisa, a Professora McGonagal se levantou, apontando a sua varinha para o grogue Comensal da Morte, e disse “Império”.

Amyco se levantou, passou por sua irmã, pegou sua varinha e depois, se esgueirou obedientemente à Professora McGonagal e a entregou assim como a dele próprio. Depois, ele se deitou no chão ao lado de Alecto. A Professora McGonagal acenou com a varinha novamente e uma fina corda prateada apareceu no ar e serpenteou em volta dos Carrows, amarrando-os firmemente.

“Potter”, disse a Professora McGonagal virando-se para encará-lo com uma incrível indiferença para os perplexos Carrows, “se aquele-que-não-deve-ser-nomeado souber realmente que você está aqui...”.

Enquanto ela falava, uma raiva crescente, como uma dor física, flamejou através de Harry, fazendo com que sua cicatriz queimasse e por um segundo, ele olhou através de uma bacia cuja poção tornara-se clara e viu que nenhum medalhão dourado permaneceria à salvo sob a superfície...

“Potter, você está bem” disse a voz, e Harry voltou. Ele estava se agarrando aos ombros de Luna para se manter em pé.

“O tempo está se esgotando. Voldemort está se aproximando. Professora, eu estou agindo de acordo com as ordens de Dumbledore. Eu preciso encontrar o que ele queria que eu encontrasse! Mas temos de tirar os alunos daqui enquanto procuramos pelo castelo...Voldemort quer à mim, mas ele não se importará em matar alguns à mais ou à menos, não agora”...agora que ele sabe que eu estou atacando as Horcruxes, Harry completou a frase em sua mente.

“Você está agindo sobre ordens de Dumbledore?” ela repetiu com um olhar pensativo.

Então, ela se aprumou, parecendo mais alta.

“Nós asseguraremos a escola contra aquele-que-não-deve-sernomeado enquanto você porcura por este...objeto”

“Isso é possível?”

“Acho que sim”, disse a Professora McGonagal secamente, “nós professores somos bem treinados em magia, sabe. Tenho certeza de que poderemos segura-lo por um tempo se todos nos esforçarmos nisso. Claro que alguma coisa terá de ser feita à respeito do Professor Snape...”

“Deixe-me...”

“...e se Hogwarts está prester a ser sitiada, com o Lorde das Trevas em seus portões, será realmente prudente tirarmos o maior número de inocentes possíveis do caminho. Com a rede de Flu sob supervisão e a aparatação sendo impossível nesse terreno...”

“Existe uma maneira”, disse Harry rapidamente, e ele explicou sobre a passagem secreta que levava às cabeças de javali.

“Potter estamos falando de centenas de estudantes...”

“Eu sei Professora, mas se Voldemort e os Comensais da Morte estão concentrados nas fronteiras da escola, eles não estarão interessados em ninguém desaparatando do cabeça de javali”

“Aí há alguma coisa”, ela concordou. Ela apontou sua varinha para os Carrows e uma rede prateada caiu em seus corpos inertes amarrando-se à sua volta, içando-os no ar indulgentemente acima do azul e dourado do teto como duas grandes e feias criaturas do mar. “Vamos. Precisamos alertar os diretores das outras casas. É melhor você colocar a capa novamente”.

Ela andou em direção à porta e assim que saiu, levantou sua varinha. De sua ponta, estouraram três gatos prateados com

espetaculares marcas em seus olhos. Os Patronos saíram buscando à frente, iluminando com uma luz prateada as espirais da escadaria enquanto a Professora McGonagal , Harry e Luna se apressavam a descê-la.

Eles correram pelos corredores e um à um os patronos os deixaram. O vestido de tartan da Professora McGonagal se arrastava pelo chão enquanto Harry e Luna corriam atrás dela embaixo da capa.

Eles haviam descido mais dois andares quando uma quietude estranha os alcançou. Harry cuja cicatriz ainda cutucava, ouviu-os primeiro. Ele sentiu na bolsinha em volta de seu pescoço pelo mapa do Maroto, mas antes que ele pudesse pega-lo, McGonagal tb pareceu se conscientizar da companhia. Ela parou, levantou sua varinha pronta para duelar e disse, ”Quem está aí?”

“Sou eu, disse uma voz baixa”

Detrás de uma armadura, Severus Snape apareceu.

O sangue de Harry ferveu à menor vista dele. Tinha-se esquecido dos detalhes da aparência de Snape com a magnitude de seus crimes, esquecido como seu cabelo preto, gorduroso, emoldurando como cortinas seu rosto fino, como seus olhos pretos tinham um olhar impenetrável, frio. Ele não usava pijamas, mas estava vestido em sua usual capa preta e mantinha sua varinha pronta para a luta.

“Onde estão os Carrows?” ele perguntou silenciosamente.

“Onde quer que vc mandou-os estar, eu espero, Severus”, disse a

Professora McGonagal .

Snape aproximou-se a ela e seus olhos passaram pela Professora McGonagal para o ar à sua volta, como se ele soubesse que Harry estava lá. Harry aprontou sua varinha, pronto para atacar.

"Eu estava com uma impressão" disse Snape, "Aquela Alecto aprisionou um invasor"

"Jura?" disse McGonagal . "E o que lhe deu essa impressão?"

Snape fez um movimento rápido em seu braço esquerdo, onde a marca negra estava queimada em sua pele.

"Oh, mas naturalmente", disse a Professora McGonagal . "Vocês Comensais da Morte têm seus próprios meios de comunicação, eu me esqueci".

Snape fingiu não ouvi-la. Seus olhos ainda procuravam o ar à volta dela e ele estava se movendo gradualmente mais perto, com ar de quem estava duramente anunciando o que iria fazer.

"Eu não sabia que era sua noite de patrulhar os corredores, Minerva".

"Você faz alguma objeção?"

"Imagino o que fez com que você saísse da cama à essa hora?"

"Pensei ter ouvido um distúrbio", disse a Professora McGonagal .

"Verdade? Mas tudo parece calmo". Snape olhou-a nos olhos.

"Você viu Harry Potter, Minerva? Porque se vc viu, eu devo insistir..."

A Professora McGonagal moveu-se mais rápido do que Harry pôde

acreditar. Sua varinha cortou rapidamente o ar e por meio Segundo Harry achou que Snape iria cair subtamente inconsciente, mas velozmente o seu encantamento escudo foi tão forte que McGonagal perdeu o equilíbrio. Ela brandiu sua varinha com o toque contra a parede e ela voou contra as estantes.

Harry, prestes à amaldiçoar Snape, foi forçado à puxar Luna fora do caminho das flamas descendentes, que se tornaram um anel de fogo que encheu o corredor e voou como um laço até Snape...

Então não era mais nenhum fogo, mas uma grande e negra serpente que McGonagal explodiu em fumaça, que se re-formou e se solidificou em segundos para se transformar num enxame de adagas. Snape evitou-os somente forçando o peitoral da armadura em frente dele, e com o ecoar de estampidos elas se afundaram uma após a outra, em seu peito...

"Minerva!" disse uma voz esganiçada e olhando às suas costas, ainda protegendo Luna dos feitiços voadores, Harry viu os Professores Flitwick e Sprout correndo pelo corredor, ainda em seus pijamas, seguidos pelo professor Slughorn em seu encalço.

"Não!" gritou Flitwick, levantando sua varinha. "Você não causará mais mortes em Hogwarts!"

O feitiço de Flitwick bateu na armadura na qual Snape estava usando como escudo.

Que veio à vida com um barulho ensurdecedor. Snape esforçou-se para se livras de seus braços esmagados e lançou-a de volta a

seus atacantes. Harry e Luna tiveram que mergulhar lateralmente para evitarem de serem esmagados contra a parede e as estantes. Quando Harry olhou para cima novamente, Snape estava voando em cheio enquanto McGonagal , Flitwick e Sprout avançavam sobre ele. Ele forçou sua entrada pela porta de uma sala de aula e, momentos depois, ele ouviu McGonagal gritar, “COVARDE! COVARDE!”

“O que aconteceu? O que aconteceu?” perguntou Luna

Harry arrastou-a para seus pés e eles correram pelo corredor, arrastando a capa da invisibilidade. Atrás deles, na deserta sala de aula onde os professores McGonagal , Flitwick e Sprout estavam sobre uma janela quebrada.

“Ele pulou”, disse a professora McGonagal enquanto Harry e Luna adentravam a sala.

“Você quer dizer que ele está morto?” Harry apressou-se para a janela, ignorando os gritos chocados dos professores Flitwick e Sprout com a sua repentina aparição.

“Não, ele não está morto”, disse McGonagal amargamente. “Diferentemente de Dumbledore, ele ainda estava com a sua varinha...e parece que aprendeu alguns truques com o seu mestre”

Com um tremor de horror, Harry viu à distância algo como um enorme morcego voando na escuridão pelos perímetros do muro. Haviam passos atrás deles e uma respiração ofegante. Slughorn havia acabado de chegar.

“Harry!” disse ele ainda ofegante, massageando seu peito sob seu pijama verde esmeralda de seda.

“Meu querido garoto...que surpresa...Minerva, por favor explique...Severus...o quê...?”

“Nosso diretor está tiranando um breve recesso”, disse a Professora McGonagal , apontando ao buraco na janela com a forma de Snape.

“Professora!” Harry apertou veementemente sua cicatriz em sua testa, ele podia ver o lado repleto de Inferi deslizando abaixo dele, e sentiu o fantasmagórico barco verde colidir com a costa logo abaixo e Voldemort deixando-o com ásia de morte em seu coração...

“Professora, temos de proteger a escola, ele está vindo agora!”

“Tudo bem. Aquele-que-não-deve-ser-nomeado está vindo”, ela disse aos outros professores. Sprout e Flitwick soltaram um suspiro em choque. Slughorn deixou escapar um pequeno gemido. “Potter tem um trabalho à fazer no castelo segundo ordens de Dumbledore. Precisamos colocar em prática cada proteção que pudermos enquanto Potter faz o que precisa fazer”.

“Você tem consciência que nada do que fizermos poderá manter Você-sabe-quem fora do castelo indefinidamente?” esganiçou o Professor Flitwick.

“Mas podemos segurá-lo” disse a Professora Sprout.

“Obrigada, Pomona”, disse a Professora McGonagal e entre elas houve um olhar mórbido de entendimento. Eu sugiro que estabeleçamos uma proteção básica pelo castelo e então, reunir os

estudantes e nos encontrarmos no Salão Principal. A maior parte deverá ser evacuada, mas todos aqueles que forem maiores de idade e quiserem ficar e lutar deverão receber a sua chance.”

“Concordo”, disse a Professora Sprout, já correndo em direção à porta. “Eu os encontrarei no Salão Principal com a minha casa em vinte minutos”.

E enquanto ela saía de vista, eles puderam ouvi-la murmurando, “Tentáculas, Visgo do Diabo e sementes de “Snargaluff”...sim, gostaria de ver os Comensais da Morte lutando contra isso.”

“Eu posso agir daqui”, disse Flitwick e apesar dele quase não poder enxergar nada lá fora, ele apontou a sua varinha pela janela quebrada e começou a murmurar encantamentos de grande complexidade. Harry ouviu um estranho barulho estrondoso, enquanto Flitwick havia liberado o poder do vento no terreno.

“Professor”, disse Harry aproximando-se do mestre de feitiços.

“Professor desculpe a interrupção, mas é importante”. O Senhor tem alguma idéia de onde a relíquia da Corvinal está?

“....Protego Horribil is...a relíquia de Corvinal?” esganiçou-se Flitwick. “Sabedoria demais nunca é errado, Potter, mas eu não acredito que terá muito uso nessa situação!”

“Eu só quis dizer...o senhor sabe onde está? Alguma vez o senhor a viu?”

“Ver”, ninguém nunca a viu! “Está perdida há muito tempo, garoto”.

Harry sentiu uma mistura de desespero, desapontamento e pânico.

O que, então, seria a Horcrux?

“Devemos encontrar você e os alunos da Corvinal no Salão Principal, Filius!” disse a Professora McGonagal , pedindo que Harry e Luna a seguissem.

Eles tinham acabado de chegar próximo à porta, quando o professor Slughorn bradou.

“Minha palavra”, ele ofegou, pálido e suando, seu bigode de morsa se agitando. “Que tumulto! Não estou completamente certo de que isso seja certo, Minerva. Ele conseguirá achar um jeito de entrar e, qualquer um que ficar em seu caminho encontrará um grave arrependimento”...

“Eu espero você e a Sonserina no Salão principal em vinte minutos também”, disse McGonagal . “Se você deseja deixar o castelo com seus alunos, não o impediremos. Mas se algum de vocês tentar sabotar nossa resistência ou levantar armas contra nós neste castelo, então Horácio, duelaremos para matar.”

“Minerva!” ele disse horrorizado.

“A hora chegou para a casa de Sonserina se decidir sobre sua lealdade”, interrompeu a Professora McGonagal , “Vá e acorde os seus alunos”.

Harry não ficou para ver o confuso Slughorn. Ele e Luna haviam parado quando a Professora McGonagal que se postou no meio do corredor e empunhou a sua varinha.

“Piertotum...oh, pelos céus, Filch, não agora...”

O velho guardião tinha acabado de chegar se arrastando, gritando “Alunos fora da cama! Alunos pelo corredor!”

“Eles têm que estar seu grandessíssimo idiota!” gritou McGonagal . “Agora vá e faça algo útil! Encontre Peevers!”

“P-Peeves?” gaguejou Filch como se nunca tivesse ouvido o nome antes. "Sim, Peeves, seu imbecil, Peeves! Você não têm se queixado dele à mais de um quarto de século? Vá busca-lo de uma vez!”

Filch evidentemente pensou que a Professora McGonagal perdera a noção, mas foi se afastando arrastadamente, murmurando sobre a respiração afetada.

“E agora...Piertotum Locomator!”, gritou a Professora McGonagal . E por todo o corredor as estátuas e armaduras pularam de seus pedestais e os ruídos estrondosos ecoando acima e abaixo no chão, Harry soube que seus companheiros pelo castelo fizeram o mesmo.

“Hogwarts está ameaçada!” gritou McGonagal . “Assumam o perímetro, protejam-nos, cumpram seu dever com a escola!”

Tinindo e gritando, a horda de estatuas se movia desordenadamente depois de Harry, algumas delas menores, outras maiores que a vida. Haviam animais também e o tilintar das armaduras brandindo suas espadas e esferas presas em correntes.

“Agora Potter, disse McGonagal , você e a senhorita Lovegood precisam voltar aos seus amigos e traze-los ao Salão Principal...Eu

devo trazer os outros Grifinórias."

Eles partiram para o topo da próxima escadaria, Harry e Luna voltaram-se para a passagem secreta que levava à sala precisa. Enquanto eles corriam, encontraram-se om diversos alunos, usando capas de viagem sobre seus pijamas, sendo levados para o Salão principalm pelos professores e pelos monitores.

"Aquele era o Potter!"

"Harry Potter!"

"Era ele, eu juro, acabei de vê-lo!"

Mas Harry não se virou para olhar e finalmente eles alcançaram à entrada da sala precisa, Harry se inclinando em direção à parede encantada, que se abriu para admiti-los e ele e Luna se apressaram pelos degraus íngremes da escadaria.

"Por q...?"

Quando a vista de Harry se acostumou ao ambiente, ele já havia descido alguns degraus em choque. Estava mais lotada do que na última vez que havia estado lá. Kingsley e Lupin estavam olhando para ele, assim como Olívio Wood, Cátia Bel , Angelina Johnson e Alicia Spinnet, Gui e Fleur, e Sr. e Sra. Weasley.

"Harry o que está acontecendo?" disse Lupin, encontrando-o ao pé da escada.

"Voldemort está a caminho, eles estão protegendo a escola...Snape fugiu...O que vocês estão fazendo aqui? Como vocês souberam?"

"Mandamos mensagens para o resto da Armada de Dumbledore",

explicou Fred. “Você realmente não esperava que fôssemos perder a diversão, Harry, e a A.D. deixou que a Ordem soubesse e foi meio como uma bola de neve”.

“O que vem primeiro, Harry?” perguntou George. “O que está rolando?”

“Eles estão evacuando as crianças menores e todos estão se reunindo no Salão Principal para se organizar”, disse Harry. “Estamos Lutando”.

Houve um grande rugido pela escada, ele foi pressionado contra a parede enquanto os outros minguados membros da Ordem, a A.D. e o antigo time de quadribol de Harry passavam por ele, todos com suas varinhas em punho, pelo castelo principal.

“Vamos Luna”, Dean chamou-a quando passou por ela, oferecendolhe a mão livre, a qual ela pegou e o seguiu pelas escadas.

A multidão foi diminuindo. Somente um pequeno grupo ficou para trás na sala precisa e Harry se juntou a eles. A Sra Weasley ralhava com Gina. À sua volta, permaneceram Lupin, Fred, George, Gui e Fleur.

“Você é menor de idade!” Gritou o Sra. Weasley conforme Harry se aprocimava. “Não vou permitir! Os garotos tudo bem, mas você, você tem de voltar para casa!”

“Não vou!” O cabelo de Gina esvoaçou enquanto ela puxava seu braço do aperto de sua mãe.

“Sou da Armada de Dumbledore...”’

“Um grupo de adolescentes”

“Um grupo de adolescentes que se arriscou a persegui-lo, coisa que ninguém mais se ousou a fazer.” Disse Fred.

“Ela tem dezesseis!” gritou a Sra Weasley. “Ela não tem idade suficiente! No que vocês dois estavam pensando quando a trouxeram com vc vocês...”

Fred e George se entreolharam envergonhados.

“Mamãe está certa, Gina” disse Gui gentilmente. “Você não pode fazer isso. Todos os menores de idade terão de sair, é o certo!”

“Não posso ir para casa!” gritou Gina com lágrimas de raiva saindo de seus olhos. “Minha família inteira está aqui, não posso ficar esperando lá sozinha sem saber e...”

Seus olhos encontraram com os de Harry pela primeira vez . Ela olhou-o implorando, mas ele desviou-se dela e ela virou-se amarga.

“ Tá”, disse ela, encarando a entrada do túnel que levava ao cabeça de javali. “Direi adeus agora, por enquanto e...”

Houve uma batida alta e confusa. Alguém mais subia com certa dificuldade pelo túnel, cambaleante e caindo. Ele se arrastou vagarosamente para a cadeira mais próxima, olhou ao redor assimetricamente pela margem dos chifres de vidro e disse, “Estou muito atrasado? Já começou. Eu acabei de descobrir, então eu…eu…”

Percy parou de repente em silêncio. Evidentemente ele não esperava encontrar com toda a sua família. Houve um longo momento de um silêncio atordoante, quebrado por Fleur que se

virou para Lupin , dizendo numa tentativa transparentemente descontralada tentando quebrar a tensão. “Então, como estar o pequeno Teddy?”

Lupin piscou para ela, alarmado. O silêncio entre os Weasleys pareceu se solidificar, como gelo.

“Eu...ah sim...ele está bem!” Lupin disse elevando sua voz. “Sim, Tonks está com ele...na casa da sua mãe...”

Percy e os outros Weasleys ainda se encaravam, petrificados.

“Aqui, eu tenho uma foto?” Lupin disse de forma descontrolada, tirando a fotografia do bolso de sua jaqueta e mostrando-a à Fleur e Harry, que viu um pequeno bebê com um tufo de cabelo turquesa, passando pela primeira vez na câmera.

“Eu fui um idiota!” Percy rugiu tão alto que Lupin quase deixou cair a fotografia. “Eu fui um idiota, pomposo e orgulhoso, eu fui um...um...”

“Um amante do ministério, um destruidor de família, um grandessíssimo imbecil”, disse Fred.

Percy engoliu secamente.

“Sim, eu fui!”

“Bom, você não poderá ser mais justo que isso”, disse Fred oferecendo sua mão à Percy.

A Sra Weasley caiu em lágrimas. Ela correu para empurrar Fred para o lado e puxando Percy para um abraço apertado, enquanto ele dava leves tapinhas em suas costas, olhando para seu pai.

“Me desculpe, papai”, disse Percy.

O Sr Weasley deu uma piscaleda rápida e então ele também correu para abraçá-lo.
“O que o fez ver a realidade, Percy?” perguntou George.
“Já tenho percebido faz um tempo”, disse Percy, limpando seus olhos sob os óculos com um canto de sua capa de viagem. “Mas eu tinha de encontrar uma maneira e não é tão fácil no ministério, eles estão prendendo os traidores o tempo todo. Eu fiz de tudo para contatar Aberforth e ele me deu a dica de que Hogwarts estava sob ataque, então, aqui estou eu!”
“Bem, nós realmente procuramos que nossos monitores liderem numa época como essas.”, disse George numa imitação perfeita do jeito pomposo de Percy. “Agora, vamos subir e lutar, ou todos os bons Comensais da Morte já terão sido pegos.”
“Então você é minha cunhada agora?” disse Percy, dando as mãos à Fleur enquanto eles se apressavam pelas escadarias com Gui, Fred e George.
“Gina!” bradou a Sra Weasley.
Gina havia aproveitado a distração com a reconciliação, para disfarçadamente também descer as escadas de fininho.
“Mol y, o que você acha disso” disse Lupin. “Porque a Gina não fica aqui, assim pelo menos ela estará presente, sabendo do que se passa, mas não estará no meio da luta?”
“Eu...”
“É uma boa idéia”, disse o Sr Weasley firmemente. “Gina, você fica

nesta sala, me ouviu?”

Gina pareceu não gostar nem um pouco da idéia, mas sob a olhar extremamente forte e incomum de seu pai, ela concordou. O Sr e a Sra Weasley e Lupin desceram as escadas também.

“Onde está o Ron?” perguntou Harry “E a Hermione?”

“Eles já devem ter ido para o Salão Principal, disse o Sr Weasley pelos seus ombros.

“Eu não os vi passar por mim”, disse Harry.

“Eles disseram algo sobre o banheiro”, disse Gina, “não muito depois de você sair”.

“Um banheiro?”

Harry andou firmemente pela sala em direção a uma porta aberta fora da sala precisa, para checar o banheiro além. Estava vazio.

“Tem certeza que eles disseram banh...?”

Mas então, sua cicatriz queimou e a sala precisa desapareceu. Ele estava olhando pelo alto e pesado portão de ferro, com barcos alados em cada lado dos pilares, procurando pelos escuros terrenos à volta do castelo, que estavam brilhando iluminados. Nagini se esgueirou por seus ombros. Ele foi possuído por aquele frio, aquele sentido cruel que precede o assassinato.



Capítulo 31

A Batalha de Hogwarts

O teto encantado do Salão Principal era escuro e se espalhou com estrelas,

e debaixo disto as quatro longas mesas estavam lotadas com estudantes

desordenados, alguns com capas para viajem e outros em roupões. Por todo

lado brilhou as figuras brancas e peroladas dos fantasmas escolares. Todos

os olhos, vivos ou mortos, estavam fixados na Professora McGonagall que

estava falando da plataforma elevada ao topo do Salão. Atrás dela estavam

os professores que permaneceram inclusive o (palomino) centauro, Firenze

e os membros da Ordem da Fênix que tinham chegado para lutar.

"... evacuação será acompanhada pelo Sr. Filch e pela Sra. Pomfrey.

Diretores, quando eu der a palavra, vocês irão organizar suas Casas e

comandá-las, em perfeita ordem para o local de evacuação.

Muitos dos estudantes olharam petrificados. No entanto, enquanto Harry

contornava as paredes, procurando por toda mesa de Grifinoria por Ron e

Hermione, Ernie Macmillan levantou-se na mesa de Lufa-Lufa e gritou; "E

se quisermos ficar e lutar? " Houve um pequeno aplauso.

"Se você for maior de idade, pode ficar." disse Professora McGonagall.

"E as nossas coisas?" disse uma menina à mesa de Corvinal. "Nossas

coisas, nossas corujas?"

"Nós não temos tempo para pegar nossas coisas." disse Professora

McGonagall. "O mais importante é tirar vocês daqui com segurança."

"Onde está o Professor Snape?" gritou uma menina da mesa de Sonserina.

"Ele teve que tirar um folga." respondeu Professora McGonagall e uma

grande alegria estourou das mesas de Grifinoria, Lufa-Lufa e Corvinal.

Harry andou pelo Salão ao lado da mesa da Grifinoria procurando Ron e

Hermione. Enquanto ia passando rostos iam se viraram em sua direção,

além de muitos sussurrando uns com os outros.

"Nós já colocamos proteção ao redor do castelo" dizia Professora

McGonagall "mas é provável que não vá segurar por muito tempo a menos

que nós a reforcemos. Então, eu lhes peço que andem depressa e

calmamente, como seus diretores fizerem - “

Mas suas últimas palavras foram cortadas por uma voz diferente ecoou no

Salão. Era alta, fria e clara. Não havia como dizer de onde veio. Parecia

vim das próprias paredes. Como o monstro que ele havia uma vez comandado, poderia estar lá dormente durante séculos.

"Eu sei que vocês estão se preparando para lutar." Havia gritos entre os estudantes, alguns se apertaram uns aos outros, enquanto olhavam em volta, aterrorizados, a procura da origem da voz. "Seus esforços serão inúteis. Vocês não podem me derrotar. Eu não quero matá-los. Eu tenho grande respeito pelos professores de Hogwarts. Eu não quero derramar sangue mágico."

Havia agora um silêncio no Salão, o tipo de silêncio que incomoda, que parece ser muito grande para ser contido pelas paredes.

"Entregue-me Harry Potter", disse a voz de Voldemort, "e nenhum de você serão machicados. Entregue-me Harry Potter e eu deixarei a escola intacta. Entregue-me Harry Potter e vocês serão recompensados. Vocês tem até a meia-noite."

O silêncio engoliu todo o Salão novamente. Todas as cabeças se viraram, todos os olhos estavam em Harry, como se pudessem segura-lo através de milhares de vigas invisíveis. Então uma menina levantou-se da mesa de Sonserina e ele a reconheceu Pansy Parkinson enquanto ela levantava e balança o braço, gritou "Mas ele está ali! Potter está ali. Agarrem-no!”

Antes de o Harry pudesse falar, havia um imenso movimento. Os alunos da

Grifinoria em sua frente haviam levantado e estavam encarando, mas não

Harry, e sim os alunos da Sonserina. Então os alunos da Lufa-Lufa

levantaram, e quase no mesmo momento, os alunos da Corvinal, todos eles

de costas para Harry, e olhando direto para Pansy, e Harry viu varinhas

saindo de todos os lugares, puxadas de baixo das capas e de debaixo de

mangas.

“Obrigada, Senhorita Parkinson". disse Professora McGonagall em um tom

seco. "Você deixará o Salão primeiro com Sr. Filch. Para que o resto da sua

Casa possa segui-la.”

Harry ouviu o arrastar dos bancos e o barulho dos alunos da Sonserina que

levantavam e saiam no outro lado do Salão.

"Corvinal, siga-os!" gritou Professora McGonagall.

Lentamente as quatro mesas se esvaziavam. A mesa da Sonserina estava

completamente deserta, mas vários alunos mais velhos da Corvinal

permaneceram sentados enquanto os seus companheiros saiam; ainda mais

alunos da Lufa-Lufa ficaram sentados e a metade da mesa da Grifinoria

permaneceu em seus assentos, mas foi necessária a descida da Professora

McGonagall da mesa dos professores para expulsar os alunos menores

idade do Salão.

"Absolutamente não, Creevey, vá! E você, Peakes!"

Harry se apressou para perto dos Weasleys, todos sentados juntos à mesa

da Grifinoria.

"Onde estão Ron e Hermione?"

"Você não os achou -?" começou Sr. Weasley, parecendo preocupado.

Mas ele foi cortado quando Kingsley desceu plataforma elevada para falar

com aqueles que haviam permanecido.

"Nós temos apenas meia hora até a meia-noite, por isso precisamos agir

rapidamente. Um plano de batalha foi decidido entre os professores de

Hogwarts e a Ordem da Fênix. Professores Flitwick, Sprout e McGonagall

vão levar grupos de lutadores até as três torres mais altas - Corvinal,

Astronomia, e Grifinoria - onde eles terão uma observação boa e posições

excelentes para trabalhar feitiços. Enquanto isso Remus" - ele indicou para

Lupin - "Arthur" - ele apontou para Sr. Weasley que estava sentando à

mesa da Grifinória - "e eu levaremos grupos nos pelo primeiro andar. Nós

precisaremos alguém para organizar a defesa das entradas e das passagens

da escola - "

"Parece um trabalho para nós." disse Fred, indicando-o e George, e o

Kingsley acenou a cabeça com aprovação.

"Certo, líderes subam aqui e nós dividiremos os grupos!"

"Potter", disse Professora McGonagall, apressadamente para ele, enquanto

estudantes lotavam a plataforma, ficando em suas posições para receber

instruções. "Você não devia estar procurando por algo?"

"O que? Oh", disse Harry, "ah sim!"

Ele quase tinha se esquecido do Horcrux, quase esquecido que haveria uma

batalha para que ele pudesse procurá-la: A ausência inexplicável de Ron e

Hermione tinha ocupado totalmente sua mente agora.

"Então vá, Potter, vá!“

"Ok – yeah -”

Ele sentia novamente todos os olhos o seguindo conforme ele saia do Salão

Principal, no Corredor da Entrada ainda estava um aglomerado de

estudantes evacuando. Ele se permitiu ser empurrado para cima da escada

mármore com eles, mas ao topo ele se apressou para sair fora para um

corredor deserto. Medo e pânico estavam nublando seus pensamentos. Ele

tentou se acalmar, concentrar em achar o Horcrux, mas seus pensamentos

zumbiram freneticamente como vespas desesperadas apanhadas em baixo

de um copo. Sem o Ron e Hermione para ajudá-lo, ele parecia não

conseguiu ordenar suas idéias. Ele reduziu a velocidade, enquanto estava

vindo ele parou no meio do caminho onde havia uma passagem onde ele se

sentou no (plinth) de uma estátua e pegou o Mapa Maroto do seu (pouch)

pendurado no pescoço. Ele não podia ver os nomes de Ron e Hermione em

nenhum lugar, entretanto a densidade de nomes que estavam em direção

para a Sala Precisa, o fez pensar que poderiam estar escondendo os de Ron

e Hermione. Ele guardou o mapa, apertou suas mãos em sua cara e fechou

os olhos, tentando se concentrar.

Voldemort pensou que eu iria para Torre da Corvinal

Voldemort pensou que eu iria para Torre da Corvinal.

Agora ele tinha um ponto de partida para começar a pensar. Voldemort

tinha mandado Alecto Carrow ficar de guarda na sala comunal da Corvinal

e só poderia haver uma explicação; Voldemort temia que o Harry soubesse

que seu Horcrux estava conectado com aquela Casa.

Mas o único objeto que parecia se associar com Corvinal era a tiara

perdida... e como a Horcrux podia ser a tiara? Como era possível que

Voldemort, aluno da Sonserina, tinha achado a tiara que diversas gerações

de alunos da Corvinal acreditavam estar perdida?

Quem poderia ter lhe contado onde procurar, quando ninguém que em

memória viva, havia visto a tiara?

Em memória viva...

Por trás de seus dedos, os olhos de Harry abriram novamente. Ele saltou

para cima do (plinth) e voltou pelo mesmo caminho que ele tinha vindo,

agora em perseguição de sua última esperança. O som de centenas de

pessoas que caminhando para a Sala Precisa foi crescendo mais alto e mais

alto de acordo com que ele voltava para a escada mármore. Diretores

estavam gritando instruções, tentando manter os estudantes nos grupos das

suas próprias Casas, havia muitos empurrões e gritos; Harry viu Zacharias

Smith passando pelos primeiro anistas para adquirir à frente da fila, por

todos os lados os estudantes mais jovens estavam em lágrimas, enquanto os

mais velhos chamavam por seus amigos ou irmãos desesperadamente.

Harry viu uma figura branca perolada que vagueava pelo corredor de

entrada abaixo e gritou tão alto quanto ele pode.

"Nick! NICK! Eu preciso falar com você!"

Ele forçou sua passagem para voltar através da maré de estudantes, quando

finalmente alcançou o final dos degraus onde estava Nick Quase Sem

Cabeça, fantasma de Torre da Grifinoria, esperando por ele.

"Harry! Meu querido menino!"

Nick apertou as mãos de Harry: Harry sentiu-as geladas, como se elas

estivessem sido postas debaixo de água fria.

"Nick você tem que me ajudar. Quem é o fantasma da Torre da Corvinal?"

Nick Quase Sem Cabeça parecia surpreso e um pouco ofendido.

"A Grey Lady, é claro,; mas se são serviços fantasmagóricos que você

requer -?"

"Tem que ser ela - você sabe onde ela está?"

"Vejamos..."

A cabeça de Nick cambaleou um pouco em sua gola enquanto ele virava

para cá e para lá, enquanto procurava por cima das cabeças dos estudantes

amontoados.

"É ela lá em cima, Harry, a jovem mulher com o cabelo longo".

Harry olhou na direção que o transparente dedo de Nick estava apontando e

viu um fantasma alto que ao vê-lo olhando para ela, elevou suas

sobrancelhas e foi embora através de uma parede.

Harry correu atrás dela. Ao passar pela porta do corredor no qual ela tinha

desaparecido, ele a viu ao no final de uma passagem, enquanto ia planando

suavemente para longe dele.

"ei - espera - volte! "

Ela parou, enquanto flutuava alguns centímetros do chão. Harry supôs que

ela era bonita, com o cabelo seu cabelo comprido e vestimentas que

iam até

chão, mas ela também parecia arrogante e orgulhosa. De perto, ele a

reconheceu como um fantasma que ele tinha passado por várias vezes no

corredor, mas com quem nunca tinha falado.

"Você é a Gray Lady?"

Ela acenou com a cabeça, mas não falou.

"O fantasma da Corvinal?"

"Exatemente."

O tom dela não era encorajador.

"Por favor, eu preciso de uma ajuda. Eu preciso saber qualquer coisa você

puder me falar sobre a tiara perdida."

Um sorriso frio encurvou seus lábios.

"Temo," ela disse, enquanto virava-se para partir, "que não posso ajudar."

"ESPERA!"

Ele não pretendia gritar, mas raiva e pânico o dominaram. Ele olhou em seu

relógio quando ela pairou em sua frente. Eram 11:45.

"Isto é urgente." ele disse firmemente. "Se atiara está emHogwarts, eu

tenho que achá-la, rapidamente."

"Você não é o primeiro estudante a desejar a tiara." ela disse

desdenhosamente. "Gerações de estudantes imploraram - "

"Isto não é para conseguir melhores notas! " Harry gritou a ela, "é sobre

Voldemort - derrotar Voldemort - ou você não está interessada nisso?"

Ela não pode ficar vermelha, mas suas bochechas transparentes ficaram

mais opacas, e a sua voz estava animada quando ela respondeu, "claro que

eu - como ousa você sugere -? "

"Então me ajude!"

Sua compustura estava modificando.

"Isto - não é uma pergunta que - " ela gaguejou. "a tiara de minha mãe - "

"Sua mãe? "

Ela parecia brava com ela mesma.

"Quando eu era viva," ela disse, "eu era Helena Corvinal."

"Você é a filha dela? Então, você deve saber o que aconteceu com a tiara."

"Enquanto a tiara dá sabedoria", ela disse com um esforço óbvio para se

recompor, "eu duvido que ela aumentaria suas chances de derrotar o bruxo

que chama a si mesmo de Lord - "

"Eu não acabei de lhe dizer, eu não estou interessado em usá-la!" Harry

disse ferozmente. "Não há tempo algum para explicações - mas se você se

preocupa com Hogwarts, se você quer ver Voldemort derrotado, você tem

que me contar qualquer coisa que você saiba sobre a tiara!"

Ela permaneceu praticamente imóvel, flutuando em pleno ar, encarando-o,

e um senso de desesperança dominou Harry. Claro que, se ela

soubesse

qualquer coisa, ela teria contado para Flitwick ou Dumbledore, que

seguramente tinha lhe feito a mesma pergunta. Ele balançou sua cabeça e

fez como se fosse virar quando ela falou em uma baixa voz.

"Eu roubei a tiara de minha mãe."

"Você - você fez o que?"

"Eu roubei a tiara." repetiu Helena Corvinal em um sussurro. "Eu achava

que me fazer mais esperta era mais importante que minha mãe. Então fugi

com a tiara."

Ele não soube como ele tinha conseguido ganhar a confiança dela e nem

perguntou, ele simplesmente escutou, dificilmente, enquanto ela

continuava.

"Minha mãe, eles dizem, nunca admitiu que a tiara havia sumido, mas

fingia que ela ainda a tivesse. Ela escondeu sua perda, minha terrível

traição, até mesmo dos outros fundadores de Hogwarts.

"Então minha mãe ficou doente - fatalmente doente. Apesar de minha

traição, ela estava desesperada para me ver uma mais vez. Ela enviou um

homem que tinha me amado por muito tempo, entretanto eu rejeitei seus

esforços em me achar. Ela soube que ele não descansaria até que conseguir

terminar sua missão."

Harry esperou. Ela tomou fôlego e balançou sua cabeça.

"Ele me localizou na floresta onde eu estava me escondendo. Quando eu

recusei voltar com ele, ele ficou violento. O Barão sempre foi um homem

de dificil temperamento. Furioso com a minha recusa, com ciumes da

minha liberdade, ele me apunhalou."

"O Barão? Você quer dizer -?"

"O Barão Sangrento, sim" disse a Grey Lady, e ela ergueu sua capa que

usava para revelar uma única ferida escura em seu tórax branco. Quando

ele viu o que ele tinha feito, ele foi coberto por remorso. Ele pegou a arma

que tinha tirado minha vida e usou-a para se matar. Depois de todos estes

séculos ele ainda usa sua correntes como um ato de penitência... como se

devesse" ela acrescentou amargamente.

"E - a tiara? "

"Permaneceu onde eu havia escondido quando eu ouvi o Barão tropeçando

pela floresta atrás de mim. Escondida dentro de uma árvore oca."

"Uma árvore oca? " Harry repetido. "Que árvore? Onde era? "

"Uma floresta na Albânia. Um lugar solitário que pensei que era longe o

suficiente do alcance de minha mãe."

"Albânia", Harry repetido. Sensatez estava emergindo milagrosamente de

uma confusão em sua cabeça, e agora ele entendia porque ela estava lhe

contando o que ela tinha negado a Dumbledore e a Flitwick. "Você já

contou para alguém esta história, não contou?Para outro estudante?"

Ela fechou os olhos e balançou a cabeça.

"Eu não... tenho idéia... Ele estava... lisonjeando. Ele parecia... entender...

simpatizar... "

Sim, o Harry pensou. Tom Riddle com certeza teria entendido o desejo de

Helena Corvinal de possuir objetos fabulosos os quais ela tinha um

pequeno direito.

"Bem, você não é a primeira pessoa que Riddle conseguiu tirar coisas."

murmurou Harry. "Ele podia ser bem encantandor quando quisesse..."

Assim, Voldemort tinha conseguido descobrir, pela Grey Lady, o local em

que a tiara perdida estava. Ele tinha viajado a para essa longe floresta e

retirou a tiara de seu esconderijo, provavelmente assim que ele deixasse

Hogwarts, antes que ele começasse a trabalhar no Borgin e Burkes.

E esses bosques albaneses não teriam parecido um refúgio excelente

quando, tanto depois, Voldemort precisou de um lugar para esconder-se,

sem perturbações, durante dez anos longos?

Mas a tiara, uma vez que se tornou sua preciosa Horcrux, não tinha sido

deixada naquela humilde árvore. . . . Não, a tiara tinha sido devolvida

secretamente para sua verdadeira casa e Voldemort deve ter a colocada lá -

"-a noite ele pediu um trabalho! " disse o Harry, enquanto terminava seu

pensamento.

"Ahn?"

"Ele escondeu a tiara no castelo, na noite em que ele pediu para

Dumbledore deixá-lo ensinar!" disse Harry. Dizendo isso em voz alta

permitiu que tudo fizesse sentido. "Ele deve ter escondido a tiara no

caminho dele indo para ou saindo do escritório de Dumbledore! Mas ainda

valia ter tentado arrumar o emprego - então ele poderia ter a chance de

roubar a espada de Grifinoria também - obrigado, obrigado!"

Harry a deixou flutuando, enquanto olhava totalmente desnorteada.

Enquanto ele virou para corredor de entrada, ele conferiu seu relógio.

Faltavam cinco minutos para meia-noite, no entretanto agora ele sabia o

que era a última Horcrux, ele não estava perto de saber aonde estava...

Gerações de estudantes nunca acharam a tiara; isso sugeriu que não

estivesse escondida na Torre de Corvinal - mas se não era lá, aonde mais

seria? Que esconderijo Tom Riddle havia descoberto dentro do Castelo de

Hogwarts que ele acreditou que permaneceria em segredo para sempre?

Perdido em uma especulação desesperada, Harry virou uma esquina, mas

ele tinha dado apenas alguns passos no novo corredor quando a janela em

sua esquerda quebrou com um ensurdecer estrondo. Quando saltou para o

lado, um corpo gigantesco voou para dentro pela janela e bateu na parede

oposta.

Algo grande e peludo se destacava, enquanto choramingava da chegada, se

arremessaou a Harry.

"Hagrid!" Harry gritou, lutando contra as atenções de Canino, o cão de

caçar javalis, enquanto a enorme figura barbada de Hagrid ficava de pé.

"Mas o que--?"

"Harry, você está aqui! Está aqui!"

Hagrid se inclinou para baixo, deu um forte abraço em Harry, então correu

de volta para janela quebrada.

"Menino bom, Grawpy!" ele berrou pelo buraco na janela. "Eu vou vê-lo

em um momento, bom rapaz!"

Além de Hagrid fora na noite escura, Harry viu estouros de luz ao longe e

ouviu um estranho, agudo grito. Ele olhou para seu relógio: Era meia-noite.

A batalha havia começado.

"Caramba, Harry", Hagrid arquejado, "isto é, eh? Hora de lutar?"

"Hagrid de onde você veio?"

"Ouvi você-sabe-quem do alto da nossa caverna", disse Hagrid

severamente. "Voz carregada, não era? 'Vocês tem até meia-noite para

me

entregar Potter.' Sabia que você devia estar aqui, sobia o que devia estar

acontecendo. Desça, Canino. Então viemos para nos juntar, eu, Grawpy e

Canino. Esmagado nosso caminho pelo limite da floresta, Grawpy estava

nos carregando, Canino e eu. Lhe falei para me deixar no castelo, assim ele

me jogou pela janela, abençoado seja. Não era exatamente o que eu queria

dizer, mas - onde está Ron e Hermione? "

"Essa", disse Harry, "é uma boa pergunta. Venha."

Eles se correram junto ao longo do corredor, Canino estava ao lado deles.

Harry poderia ouvir o movimento pelos corredores ao seu redor: passos

correntes, gritos; pelas janelas ele podia ver mais flashes de luz no escuro.

"Aonde estamos indo?" perguntou Hagrid, batendo junto aos saltos de

sapatos de Harry, fazendo o tremor nos assoalhos.

"Eu não sei exatamente", disse o Harry, enquanto fazendo outra volta

fortuita, "mas Ron e Hermione devem estar por aqui em algum lugar. . . . "

As primeiras vítimas da batalha já estavam à frente do outro lado da

passagem: As duas gárgulas de pedra que normalmente vigiado a entrada

para o as salas tinham sido esmagadas por um feitiço que tinha vindo por

outra janela quebrada. Os restos delas mexiam fracamente no chão e

enquanto Harry saltava mais de um das cabeças distraidamente,uma delas

gemeu fracamente. "Oh, não preste atenção a mim. . . Eu só estou deitada

aqui e me desfazendo. . . . "

Sua face feia de pedra fez Harry pensar na peça de mármore de Rowena

Corvinal na casa de Xenophilius, usando aquela enfeite de cabeça maluco -

e então na estátua na Torre da Corvinal, com a tiara de pedra em seus

cachos brancos. . . .

E quando ele chegou ao fim da passagem, a memória de uma terceira efígie

de pedra voltou a ele: o de um feiticeiro velho e feio, que em sua cabeça o

próprio Harry tinha colocado uma peruca e um velho e danificado chapéu.

O choque passou por Harry como um Firewhisky e ele quase tropeçou

Ele sabia, finalmente, onde a Horcrux estava esperando por ele. . . .

Tom Riddle confiava em ninguém e agiu sozinho, poderia ter sido

arrogante bastante assumir que ele, e só ele, tinha penetrado nos mistérios

mais fundos do Castelo de Hogwarts. Claro que, Dumbledore e Flitwick,

esses alunos modelos, nunca tinham fixado pé naquele lugar em particular,

mas ele, Harry, tinha se perdido fora de mão nos seus tempos de escola -

isso era um segredo que ele e Voldemort sabiam, aquele Dumbledore

nunca tinha descoberto -

Ele acordado de seus pensamentos pela Professora Sprout que estava

gritando, seguida por Neville e meia dúzia de outros, todos eles usavam

protetores de ouvidos levando o que parecia ser plantas bem grandes.

"Mandrakes! " Neville berrou a Harry sobre seus ombros enquanto corria.

"Indo colocá-los pelas paredes - eles não gostarão disto! "

Harry soubia aonde ir agora. Ele acelerou e Hagrid e Canino corriam atrás

dele.

Eles passaram por retratos após retratos e as figuras pintadas correram ao

lado deles, bruxos e bruxas em golas, em armadura e capas, enchendo as

telas dos outros, gritando notícias de outras partes do castelo. Enquanto eles

chegavam ao fim deste corredor, o castelo inteiro tremeu, e o Harry soube,

equanto um vaso gigantesco escapou seu (plinth) com força explosiva, que

estava no aperto de encantos piores que os dos professores e da Ordem.

"Está tudo bem, Canino - está tudo be,!" Hagrid gritou, mas o grande

caçador de javalis saiu correndo tão rápido e Hagrid saiu fora logo depois

do cachorro apavorado, deixando o Harry sozinho.

Ele continuou pelas passagens trêmulas, sua varinha dele preparada, e

num

comprido corredor o pequeno quadro do cavaleiro, Senhor Cadogan, saiu

apressado de pintura em pintura ao lado dele, sacudindo sua armadura,

gritando encorajamedamente, ao seu pequeno gordo pônei atrás dele.

"Fanfarrões e velhacos, cachorros e salafrários, tire-os daqui, Harry Potter,

os despeça! "

O Harry virou num corredos e achou o Fred e um nó pequeno de

estudantes, inclusive o Lee Jordan e Hannah Abbott, se levantando ao lado

de outro (plinth) vazio cuja estátua tinha escondido uma passagem secreta.

Suas varinhas estavam a postos e eles estavam escutando através do buraco

escondido.

"Ótima noite para isso!" Fred gritou, enquanto o castelo tremia novamente

e Harry correu. Ao longo do outro corredor que ele colidiu, havia corujas

em todos lugares, e Sra. Norris estava assobiando e estava tentando para os

bater nelas com suas patas, nenhuma dúvida para retorná-las para o seu

próprio lugar. . . .

"Potter! "

Aberforth Dumbledore estava bloqueando o corredor à frente, sua varinha a

postos.

"Eu tive centenas de crianças passando por meu bar, Potter!" "Eu sei, nós

estamos evacuando", Harry disse, "Voldemort - "

"-atacando porque eles não o entregaram, sim", disse Aberforth. "Eu não

sou surdo, todo de Hogsmeade o ouviu. E nunca ocorreu em nenhum de

vocês manterem alguns refém da Sonserina? Há crianças de Comensais da

Morte que você há pouco enviou a segurança. Não teria sido um pouco

mais inteligente mante-los aqui? " "Não pararia Voldemort", disse o Harry,

"e seu irmão nunca teria feito isto." Aberforth grunhiu e foi embora na

direção oposta.

Seu irmão nunca teria feito isto. . . . Bem, era a verdade, Harry pensava

enquanto ele corria novamente; Dumbledore tinha defendido Snape por

tanto tempo, nunca teria segurado os estudantes como reféns . . .

E então ele deslizou no final de um corredor e com um grito de alívio

entrosado e fúria ele os viu: O Ron e Hermione; ambos com seus braços

cheio de objetos amarelos grandes, curvados e sujos, Ron com um cabo de

vassoura debaixo dos braços dele.

"Onde diabos vocês se meteram?" Harry gritou.

"Câmara Segreta", disse o Ron.

"Câmara - o que? " disse o Harry, vindo a uma parada instável diante deles.

"Foi o Ron, idéia todo de Ron!" disse Hermione sem folego. "Não é

absolutamente brilhante? Lá nós estávamos, depois que você saiu, e eu

disse a Ron, até mesmo se nós acharmos a outra, como nós vamos nos

livrar dela? Nós ainda não nos livramos da taça!E então ele pensou nisto! O

basilisco!"

"O que-?"

"Algo para destruir as Horcruxes",disse o Ron.

Os olhos de Harry foram aos objetos apertados nos braços de Ron e

Hermione: grandes caninos curvados, ele percebeu agora, do crânio de um

basilisco morto.

"Mas como você entrou lá?" ele perguntou, olhando para Ron agora. "Você

precisa falar Parseltongue!" "Ele falou!" Hermione sussurrado. "Mostre

para ele, Ron!" Ron fez um horrível assobiando e estrangulado barulho.

"É o que você fez para abrir o medalhão", ele contou para o Harry

apologetically. "Eu tive que tentar algumas vezes até acertar, mas", ele

encolheu os ombros modestamente, "nós no final conseguimos entrar lá."

"Ele foi demais!" disse Hermione. "Demais!"

"Então. . ." Harry. "Então. . . "

"Então destruimos mais uma Horcrux," disse o Ron e tirou de debaixo da

jaqueta dele os restos mutilados da taça de Lufa-Lufa. "Hermione

apunhalou isto. Pensei que ela devesse. Ela ainda não tinha tido o prazer."

"Genial!" gritou Harry.

"Não foi nada",disse o Ron. "Então o que conta de novo?"

Enquanto ele falava, houve uma explosão acima: Todos os três deles

observaram enquando pó caia do teto e eles ouviram um grito distante.

"Eu sei como a tiara se parece e eu sei aonde está", disse o Harry, falando

rapidamente. "Ele a escondeu exatamente onde eu escondi meu velho livro

de Poções, onde todo mundo tem escondido coisas por séculos. Ele acho

que seria o único que poderia acha-la. Vamos."

Enquanto as paredes tremiam novamente, ele conduziu os dois através da

entrada escondida e abaixo da escadaria na Sala Precisa. Estava vazia com

exceção de três mulheres: Gina, Tonks e uma bruxa velha que usava um

chapéu roído pelas traças quem Harry reconheceu imediatamente como a

avó de Neville.

"Ah, Potter", ela disse, como se ela tivesse esperando por ele. "Você pode

nos contar o que está acontecendo. "Está todo mundo bem? " disse Gina e

Tonks juntas.

"'Pelo que sabemos, sim" disse o Harry. "Ainda há as pessoas na passagem

para a Cabeça do Porco? "

Ele soube que o quarto não poderia transformar enquanto ainda havia os

usuários dentro disto.

"Eu fui a último a passar, disse Sra. Longbottom. "Eu a selei, eu penso que

não seria ininteligente deixar a sala aberta agora Aberforth deixou o bar

dele. Você viu meu neto? "

"Ele está lutando", disse o Harry.

"Naturalmente", disse a senhora velha orgulhosamente. "Com licença, eu

tenho que ir, tenho que ajudá-lo.

Com velocidade surpreendente ela trotou para fora.

Harry olhou para Tonks.

"Eu pensei que você estava com Teddy e com sua mãe? "

"Eu não podia ficar lá sem saber - " Tonks parecia angustiada. "Ela cuidará

dele - você viu Remus? "

"Ele estava planejando conduzir pelo primeiro andar - "

Sem outra palavra, Tonks acelerou fora.

"Gina", disse o Harry, "eu sinto muito, mas nós precisamos que você vá

também. Só por um pouco. Então você pode voltar para dentro."

Gina olhou encantada para deixar seu santuario.

"E então você volta para dentro! " ele gritou depois que dela correu logo

atras de Tonks. "Você tem que voltar para dentro!"

"Espere um momento! " disse o Ron nitidamente. "Nós esquecemos

alguém! "

"Quem? " Hermione perguntou.

"Os elfos-domesticos, estão todos lá na cozinha, não estão? "

"Você quer dizer nós deveríamos chamá-los para a luta?" perguntou Harry.

"Não", disse o Ron seriamente, "eu quero dizer nós deveríamos lhes falar

que eles deveriam sair fora. Nós não queremos mais nenhum Dobbys,

queremos? Nós não podemos ordenar que eles morram por nós - "

Havia um barulho enquando os caninos de basilisco caiam fora dos braços

de Hermione. Correndo para Ron, ela se arremessou ao redor do pescoço

dele e o beijou em cheio na boca. Ron jogou fora os caninos e o cabo de

vassoura que estava segurando e respondeu com tal entusiasmo que ele

ergueu Hermione do chão.

"É este o momento?" Harry perguntou debilmente, e quando nada

aconteceu a não ser que Ron e Hermione ainda agarraram ainda mais

firmemente um ao outro e balançaram naquele mesmo lugar, ele levantou a

voz dele. "Oi! há uma guerra acontecendo aqui!" O Ron e Hermione se

separaram, seus braços ainda estavam ao redor um do outro.

"Eu sei", disse Ron que olhou como se ele tivesse dado recentemente com a

parte de trás da cabeça em um Bludger, "é agora ou nunca, não é ?"

"Isso não importa que, e sobre o a Horcrux? " gritou Harry. "Vocês podiam

pensar em segurar um pouco - só até termos a tiara? "

“Sim – certo – sinto muito –“ disse Rony, e ele e Hermione foram recolher

dentes, ambos com a fase rosada.

Estava claro, quando eles três voltaram ao corredor no andar de cima, que

nos minutos que eles passaram na Sala de Requerimentos a situação no

castelo tinha se deteriorado severamente: As paredes e o teto estavam

balançando pior que nunca; o ar foi tomado de poeira, e através da janela

mais próxima, Harry viu estouros de luz verde e vermelha tão perto da base

do castelo que ele sabia que Comensais da Morte deveriam estar muito

perto de entrar no lugar. Olhando para baixo, Harry viu Grope o gigante

ondulando, balançando, o que parecia uma pedra gárgula caindo do teto e

gritando seus desprazeres.

“Vamos esperar que ele pise em algum deles!” disse Rony enquanto mais

gritos ecoavam das proximidades. “Contanto que não seja nenhum dos

nossos!” disse uma voz: Harry virou e viu Gina e Tonks, ambas com suas

varinhas empunhadas na janela próxima, à qual estavam faltando várias

vidraças. Mesmo enquanto ele olhava, Gina mandou uma azaração em um

monte de lutadores abaixo.

“Boa menina!” berrou uma figura correndo pela poeira na frente deles e

Harry viu Aberforth novamente, seus cabelos prateados voando enquanto

ele guiava alguns estudantes. “Eles parecem poder estar abrindo as batalhas

ao norte, eles trouxeram gigantes deles próprios.”

“Você viu Remo?” Tonks falou após ele.

“Ele estava duelando com Dolohov,” gritou Aberforth, “não o vejo desde

então!” “Tonks,” disse Gina, “Tonks, tenho certeza que ele está bem –“

Mas Tonks despareceu na poeira em frente a Aberforth.

Gina virou, desamparada, para Harry, Rony, e Hermione.

“Eles estarão bem,” disse Harry, mesmo sabendo que aquelas eram

palavras vazias. “Gina, estaremos de volta em um instante, fique fora do

caminho, fique segura – vamos!” ele disse a Rony e Hermione, e eles

correram de volta para o pedaço de uma parede na frente a qual a Sala de

Requerimentos estava esperando para fazer a licitação do próximo entrante.

O furor da batalha morreu no momento em que eles cruzaram a linha da

porta e a fecharam atrás deles: Tudo estava em silêncio. Eles estavam em

um lugar do tamanho de uma catedral com a aparência de uma cidade, suas

paredes muito altas feitas de objetos escondidos por milhares de

estudantes

mortos há muito tempo.

“E ele nunca se deu conta de que alguém pudesse entrar?” disse Rony, sua

voz ecoando no silêncio.

“Ele pensou que fosse o único,” disse Harry. “Que mau pra ele que eu tive

que esconder coisas no meu tempo. . . desse jeito,” ele continuou “eu acho

que é aqui embaixo. . . .” Eles se apressaram para outras galerias

adjacentes; Harry podia ouvir os outros’ passos ecoando através das

enormes pilhas lixo, de garrafas, chapéus, engradados, cadeiras, livros,

armas, vassouras, morcegos. . . .

“Em algum lugar perto daqui,” Harry pensou pra si mesmo. “Algum lugar .

. . algum lugar...”

Mais e mais profundo no labirinto em que entrou, procurando pro objetos

que ele reconheceu em sua prévia visita na sala. Sua respiração estava alta

em seus ouvidos, e então toda a sua alma parecia tremer. Lá estava, bem

em frente, o velho e bolhoso armário no qual ele tinha escondido seus

velhos livros de Poções, e em seu topo, o feiticeiro com uma pedra com

marcas de bexiga usando uma empoeirada e velha peruca e que parecia

uma descolorada e velha tiara.

Ele já tinha estendido sua mão, embora permanecesse um pouco afastado,

quando uma voz atrás dele disse: "Pega isso, Potter."

Ele deslizou para parar e se virou. Crabbe e Goyle tinham estado atrás dele,

ombro a ombro, as varinhas apontando certeiras para Harry.Através de um

pegueno espaço entre suas caras ele via Draco Malfoy.

"Está é a minha varinha que você está segurando, Potter!" –disse Malfoy

apontando-a através da abertura entre Crabbe e Goyle.

"Não é mais!" – disse Harry segurando firme a varinha de espinheiro. "Se

eu ganhei, é minha, Malfoy. Quem te emprestou uma varinha?"

"Minha mãe" – disse Draco.

Harry riu, embora não houvesse muito humor na situação. Não podia ouvir

mais Rony ou Hermione. Eles pareceram ter saído de onde podia ouvi-los,

procurando a tiara.

"Então como vocês três não estão com Voldemort?" Harry perguntou.

"Nós seremos recompensados" disse Crabbe.Sua voz era demasiado suave

para uma pessoa do seu tamanho: Harry dificilmente ouvira ele falar antes.

Crabbe falava como uma criança, a qual havia sido prometido um grande

saco de doces.

"Eles voltaram, Potter. Nós decidimos não ir. Decidimos levar você(

Harry

) para ele(Voldemort)

“Bom plano”, disse Harry, admirado. Ele não podia acreditar que estavam

tão perto, e estava sendo frustrados por Malfoy, Crabbe e Goyle. Ele

começou a, lentamente, ir até o lugar onde o Horcrux estava, em cima do

busto. Se ele pudesse colocar suas mãos nele antes que a luta estourasse.....

“Então, como conseguiram chegar até aqui?”, perguntou, tentando distraílos.

“Eu vivi praticamente o ano todo na Sala Precisa ano passado”, disse

Malfoy, sua voz soando frágil. “Eu sei como entrar.”

“Nós estávamos escondidos no corredor lá fora”, sorriu goyle. “Nós

podemos fazer o feitiço da Desilusão agora! E então....,” seu rosto se

contorceu numa risada forçada, “ “você girou bem em nossa frente e falou

que você estava procurando um “diaduma”! O que é “diaduma”?”

“Harry?” A voz de Ron ecoou de repende do outro lado da parede a direita

de Harry.“Você está falando com alguém?”

Com um movimento como se fosse um chicote, Crabbe apontou sua

varinha para a montanha de 5 pés de velhos móveis, tranqueiras quebradas,

velhos livros e robes, e gritou: “Descendo!”

A parede começou a balançar, então o terceiro topo se despedaçou no

corredor onde Rony estava.

“Ron!” gritou Harry, quando em algum lugar for a de vista Hermione

gritou, e Harry ouviu incontáveis objetos caindo e quebrando no chão, do

outro lado da parede instável: Ele apontou sua varinha na proteção e

exclamou, “Finite!” e estabilizou.

“Não!”Malfoy berrou, segurando o braço de Crabbe, quando ele fez

menção de repetir o feitiço. “Se voce destruir a sala voce pode destruir esse

tal tiara!”

“Qual o problema?” disse Crabbe, livrando-se. “É o Potter que o Lord das

Trevas deseja, quem se importa com uma tiara?”

"Deve significar?" Crabbe se virou pro Malfoy com uma farocidade sem

disfarces."Quem se importa com o que você acha?"Eu não recebo mais

suas ordens, Draco. Você e o seu pai estão acabados."

“Harry?” gritou Rony de novo, do outro lado do monte de lixo. “O que está

acontecendo?”

“Harry?” imitou Crabbe. “O que está acontecendo – não, Potter! Crucio!”

Harry foi para pegar a tiara; a maldição de Crabbe o errou, mas acertou o

busto de pedra, que vôo; a tiara vôo também e então se perdeu de vista na

grande quantidade de objetos em que o busto caiu.

“PARE!” Malfoy gritou para Crabbe, sua voz ecoando através da enorme

sala. “O Lord das Trevas o quer vivo.”

“Mas eu não estou matando ele, estou?” berrou Crabbe, livrando-se do braço de Malfoy. “Porém se eu puder, eu irei, o Lord das Trevas irá matá-lo de qualquer jeito, qual a diferença?”

Um jato de luz escarlate passou a polegadas de Harry: Hermione correu atrás dele e mandou um feitiço estuporante direto para a cabeça de Crabbe.

Somente não o acertou porque Malfoy o tirou do caminho.

“É aquela Sangue-Ruim! Avada Kedavra!”

Harry viu Hermione mergulhando para o lado, e sua fúria por Crabbe ter intencionado matá-la limpou tudo de sua mente. Ele lançou um feitiço estuporante em Crabbe, que saiu do caminho, lançando a varinha de Malfoy para fora de sua mão; ela rolou para fora de vista sob uma montanha de mobílias e ossos quebrados.

“Não o mate! NÃO O MATE!” Malfoy berrou para Crabbe e Goyle, que estavam mirando Harry: sua hesitação foi tudo que Harry queria.

“Expelliarmus!”

A varinha de Goyle caiu da mão dele e desapareceu na montanha de objetos atrás dele; Goyle saltou loucamente sobre o local, tentando recuperá-la; Malfoy desviou-se do segundo feitiço estuporante de Hermione, e Rony, aparecendo de repente no final do corredor, lançou um feitiço corpo-preso em Crabbe, que errou por pouco.

Crabbe rodou e gritou de novo: “Avada Kedavra!”. Rony escapou do jato

de luz verde. Sem varinha, Malfoy agachou-se atrás de um garda-
roupa de

três pernas enquanto Hermione se dirigia para eles, acertando Goyle
com

um feitiço estuporante.

"A tiara está em algum lugar aqui!" Harry berrou para ela, apontando
para

a pilha de lixos em que a velha tiara havia caído. "Procure por ela
enquanto

eu vou ajudar o Rony".

"HARRY!", ela gritou.

Um rugido, um crescente barulho atrás dele deu-lhe um aviso. Ele
virou e

viu Rony e Crabbe correndo mais rápido que eles podiam para o
corredor

perto deles.

"Parece quente, ralé?" rugiu Crabbe enquanto corria.

Mas ele aparentou não ter nenhum controle sobre o que havia feito.

Chamas de tamanho anormal estavam perseguindo-os, devorando
partes da

sucata, que se desintegravam com seu toque.

"Aguamenti!" Harry gritou, mas o jato de água que saiu da sua
varinha

evaporou-se no ar.

"CORRA!"

Malfoy agarrou o atordoado Goyle e o arrastou; Crabbe tomou a
dianteira

de todos eles, agora se aparentando apavorado; Harry, Rony e
Hermione

seguiram seu rastro, e o fogo os perseguiu. Não era um fogo normal;

Crabbe tinha usado um feitiço que não era do conhecimento de Harry.

Enquanto eles viravam o corredor, as chamas os caçaram como se elas

estivessem vivas, tencionando matá-los. Agora o fogo estava se

transformando, formando um gigantesco grupo de bestas de fogo:

serpentes, quimeras (chimaeras) e dragões se erguendo e caindo e se

erguendo de novo, e os detritos dos quais eles se alimentavam estavam

sendo lançados no ar para suas bocas dentadas; lançados para o alto pelos

seus pés providos de garra, antes de serem consumidos pelo inferno de

fogo.

Malfoy, Crabbe,e Goyle haviam desaparecido de vista: Harry, Rony e

Hermione impediram a morte; o furioso monstro estava circulando eles, se

aproximando mais e mais, garras e chifres e cauda atacando, e o calor era

solido como uma parede ao redor deles.

"O que nós podemos fazer?" Hermione gritou sobre os ensurdeceres

rugidos de fogo.

"O que podemos fazer?"

"Aqui!"

Harry pegou um par de aparentes pesadas vassouras da pilha de lixo mais

proxima e jogou uma Rony, que puxou Hermione para perto dele.Harry

passou sua perna sobre a segunda vassoura e,com um forte impulso, eles

levantaram vôo, não sendo atingidos por pouco pelo bico do chifre do

raptor voador que estralou suas mandibulas para eles. A fumaça e calor

estavam se tornando insuportaveis: Abaixo deles o amaldiçoado fogo

estava consumindo o contrabando de gerações de alunos caçados, a culpa

superou muitos experimentos banidos, os secredos de incontaveis almas

que tinhamprocurado refugio no aposento. Harry não podia ver um traço de

Malfoy, Crabbe,ou Goyle em nenhum lugar.Ele desceu o mais baixo que

ele ousou sobre os marotos monstros de fogo para tentar acha-los, mas não

havia nada a não ser fogo: Que jeito terrivel de morrer... ele nunca quiz

isso...

"Harry, vamos sair daqui, vamos sair daqui!" abaixo Rony, pensou que era

impossivel de ver onde as portas estavam atráves da fumaça negra.

E então Harry ouviu uma coisa, um lastimoso grito humano no meio da

terrivel acomodação, o trovão da chama devoradora.

"É - muito - perigoso -!" Rony gritou, mas Harry deu a volta no ar. Seus

oculos deram a seus olhos alguma pequena proteção da fumaça, ele limpou

a fumaça abaixo, procurando algum sinal de vida. um membro ou um rosto

que ainda não tivesse sido partido como fumaça...

E ele os viu: Malfoy estava com seus braços em volta de um inconsciente

Goyle, eles se empuleiraram em uma fragil torre de mesas queimadas, e

Harry mergulhou. Malfoy o viu chegando e ergueu um braço, mas quando

Harry o agarrou ele sabia que não era nada bom. Goyle era muito pesado e

as mãos de Malfoy, estavam cobertas de suor, escorregaram

instantaneamente das mãos de Harry -

"SE NOS MORRERMOS POR ELES, EU VOU TE MATAR, HARRY!"

rugiu a voz de Rony,e enquanto a grande e brilhante quimera atacava-os,

ele e Hermione arrastaram Goyle para suas vassouras e

levantaram,andando e arremeçando, no ar enquanto Malfoy mais uma vez

subia atrás de Harry."A porta, vá até a porta, a porta!" gritou Malfoy nos

ouvidos de Harry, e Harry apressou-se, segundo Rony, Hermione, e Goyle

atraves da crescente fumaça negra, onde era dificil respirar: e em torno

deles os ultimos objetos não-queimados pelas devoradoras chamas estavam

flutuando no ar, assim como as criaturas do fogo amaldiçoado as

arremaçavam em celebração: taças e escudos, um brilhante colar, e um

velha, e discolorida tiara-"O que você está fazendo, o que você está fazendo, a porta é pra quele

lado!" Gritou Malfoy, mas Harry deu um desvio dobrado. A tiara

parecia

cair em camera lenta, girou e brilhou parecia estar caindo na boca de uma

jovem serpente, e então ele pegou, e a encaixou em seu pulso -

Harry desviou novamente enquanto a serpente dava o bote nele; ele

levantou vôo mais pra cima e foi imediatamente para o local, onde ele

rezou, a porta ainda estivesse aberta; Rony, Hermione e Goyle tinham

desaparecido.

Malfoy estava gritando e se segurando em Harry tão forte que chegou a

machucalo. Então, atraves da fumaça,

Harry viu um pacote retangular na parede e trouxe a vassoura ate ele,

alguns momentos depois

o ar limpo encheu os seus pulmões e então ele colidiu com a parede do

corredo a frente.

Malfoy caiu da vassoura e ficou deitado defronte, respirando, tossindo e

com ansia de vomito.

Harry rolou e se levantou: A porta da Sala Precisa estava aberta, e Rony e

Hermione estavam sentados no chão

ao lado de Goyle, que continuava inconciente.

"C-Crabbe", guaguejou Malfoy assim que foi capaz de falar. "C-Crabbe"

"Ele esta morto" disse Rony com asperesa.

Fez-se um silencio, quebrado apenas pela tosse.Então um grande número

de estrondos balançou o castelo, entao uma grande

cavalgada de figuras transparentes montadas em cavalos, eles gritaram com

sangue em baixo de seus braços.

Harry ficou desconcertado quando a caçada havia passado e olhou ao redor:

A batalha continuava ao seu redor. Ele podia ouvir

mais gritos do que dos retratos fantasmas.O panico tomou conta dele.

"Onde estava Gina?" ele disse claramente". Ela devia estar aqui. "Ela devia

entrar novamente na Sala precisa."

"Blimey,você supõe que ainda vai funcionar depois desse fogo ?"

perguntou Rony, abaixando-se, esfregando o peito e olhando para os dois

lados "devemos levantar e olhar?"

"não" disse Hermione se abaixando também

Malfoy and Goyle permaneceram abaixados em vão no chão do corredor:

nenhum deles tinha varinhas.

"Vamos ficar juntos. Quando eu disser já - Harry, o que é isso no seu

braço?"

“O que? Oh sim–“

Ele puxou a tiara de seu pulso e manteve-o levantado. Ela ainda estava

quente, enegrecido com fuligem, mas ao olhar para ela mais de perto ele

agora conseguia compreender as pequenas palavras gravadas acima dela; A

SAGACIDADE ALÉM DA MEDIDA É O MAIOR TESOURO DO

HOMEM.

Uma substância que parecia-se com sangue, escura e viscosa, parecia estar

saindo da tiara. Subitamente Harry sentiu a coisa vibrar violentamente,

então partiu-se em suas mãos, e quando isso ocorreu ele pensou ter

escutado um fino, o mais distante grito de dor, ecoando, não do terreno ou

do castelo, mas da coisa que tinha acabado de quebrar-se em seus dedos.

“Deve ter sido demônio de fogo!”

lamuriou Hermione, seus olhos nos pedaços quebrados.

“Ahn?”

“Demônio de fogo – fogo amaldiçoado – é uma das substâncias que destrói

Horcruxes, mas eu nunca, nunca mesmo, ousaria usar isso, é tão perigoso –

como Crabbe sabia como - ?”

“Deve ter aprendido com os Carrows,”Harry disse com pesar.

Pena que ele não esta prestando atenção quando eles mencionaram como

parar isso, ralmente,”disse Rony, cujo cabelo assim como o da Hermione,

estava chamuscado, e cuja face estava enegrecida. “Se ele não tivesse

tentado matar todos nós, eu até que lamentaria sua morte.”

“Mas você não compreende?”Hermione sussurrou. “Isso significa que se ao

menos nós conseguíssemos pegar a cobra –“

Mas ela foi interrompida por gritos e berros, os claros sons de duelo que

preenchiam o corredor. Harry olhou em volta e seu coração pareceu falhar:

Comensais da Morte penetraram em Hogwarts. Fred e Percy tinham

acabado de aparecer, ambos duelando com homens mascarados e

encapuçados.

Harry, Rony e Hermione correram para ajudar. Jatos de luz voavam em

todas as direções e o homem que duelava com Percy caiu para trás

rapidamente. Então seu capuz escorregou e eles puderam ver uma enorme

cabeleira listrada...

“Olá Ministro! Gritou Percy, mandando uma azaração diretamente em

Thicknesse, que derrubou sua varinha e agarrou a frente de suas vestes,

aparentando um tremendo desconforto.

“Eu mencionei que eu voltei!?”

“Você está brincando Percy!!” gritou Fred enquanto o Comensal da Morte

que ele estava combatendo caiu com o peso de três estuporações.

Thicknesse havia caído no chão com pequenas erupções por todo o corpo;

ele parecia estar se transformando em algum tipo de ouriço do mar. Fred

olhou para Percy com divetindo-se.

“Você realmente está brincando Percy!

Eu acho que nunca vi você brincando desde que...”

O ar explodiu. Eles tinham se agrupado juntos, Harry, Rony, Hermione,

Fred e Percy, os dois comensais da morte aos seus pés, um estuporado,

outro transfigurado, e naquele pequeno momento, quando o perigo tinha

parecido acabar...o mundo tinha se partido, Harry sentiu-se voando através

do ar, e tudo que ele podia fazer era segurar o mais firme possível aquele

pedaço de madeira que era sua única arma, e proteger sua cabeça com as

braços. Ele escutou os gritos e berros dos outros que não tinham a menor

noção do que tinha acontecido a eles...

Então o mundo se fechou em dor e semiescuridão. Ele estava enterrado até

a metade nos destroços de um corredor que tinha sofrido um ataque

terrível. O ar frio anunciou que parte do castelo tinha sido explodida, e algo

quente e pegajoso em sua bocheha anunciou que ele estava sangrando

muito.

Então ele ouviu um horrível lamento que o puxou para dentro de si, que

causava uma agonia que nenhum ardor ou maldição poderia causar, e ele

levantou, balançando, mais aterrorizado do que já tinha se sentido naquele

dia, mais assustado, talvez, do que ele jamais tinha se sentido na vida...

Hermione se esforçava para tirar o pés dos destroços, e havia um

grupo de

três garotos de cabelos vermelhos no chão, onde a parede tinha desabado.

Harry agarrou a mão de Hermione enquanto eles cambaleavam e

tropeçavam sobre madeira e pedras.

“Não! Não! Não!”. Alguém gritava. “Não! Fred! Não!. E Percy

chacoalhava seu irmão, enquanto Rony se ajoelhava ao lado dele, e os

olhos de Fred estavam fixos, mas sem exergar, e o fantasma de seu ultimo

sorriso ainda estava gravado em seu rosto.



Capítulo 32

A varinha anciã

O mundo tinha acabado, então porque a guerra não cessou, o

castelo não cessou silenciosamente em ruínas, e todos os

combatentes não largaram suas armas? A cabeça de Harry estava

em vôo livre, fora do controle, sem permissão para pensar o impossível, porque Fred Weasley não poderia estar morto, a evidência de todos os seus sentidos deveria estar mentindo, E aí um corpo passou pelo buraco ara dentro da escola, e maldições voam sobre eles batendo na barede acima de suas cabeças.

-Abaixem. - Harry gritou, enquanto mais maldições voavam na noite: Ele e Rony tinham ambos pego Hermione e uxado ela para o chão, mas Percy ficou atrás do corpo de Fred, vasculhando ele para ver se tinha pulso , e quando Harry gritou - Percy, venha, temos que nos mover! - Ele bateu em sua cabeça!

-Percy - Harry viu as marcas que a capa listava na cara de Ron então ele foi até seu irmão mais velho e puxou, mas Percy não se mexeu - Percy, você não ode fazer nada por ele! Vamos para... Hermione gritou, e Harry, virou-se não precisava perguntar porque. Uma aranha monstruosa do tamanho de um carro pequeno tentava escalar pelo largo buraco na parede. Um dos descendentes de Aragogue tinha se juntado à luta.

Rony E Harry lançaram juntos, seus feitiços se colidiram e o monstro tombou para trás, suas pernas pareciam horríveis e escondidas na escuridão.

"Isso trouxe amigos!" Harry disse aos outros, espiando a borda do castelo através do buraco que havia sido feito na parede. Mais aranhas gigantes escalavam o lado do castelo, liberadas da Floresta Proibida, na qual os Comensais da Morte deveriam ter

penetrado. Harry apontando para baixo ateou fogo nelas, pegou o monstro líder até que ele caiu, então elas rolaram para baixo e ficaram fora de vista. Então mais maldições(feitiços) passaram voando sobre a cabeça de Harry, tão perto que ele sentiu elas soprando seu cabelo. "Vamos andando, AGORA!"

Empurrando Hermione antes dele com Rony, Harry inclinou-se para levantar o corpo de Fred. Percy, entendendo o que Harry estava tentando fazer, parou de abraçar o corpo e ajudou: juntos, agachando para evitar as maldições que passavam voando por eles vindo dos jardins, eles levaram Fred para fora do caminho.

"Aqui" Disse Harry, e eles o colocaram no vão onde uma armadura estivera antes. Ele não conseguiria olhar para Fred nem um segundo a mais do que teve que olhar, e depois de ter certeza que ele estava bem escondido, foi atrás de Rony e Hermione.

Malfoy e Goyle haviam desaparecido mas na extremidade do corredor, o qua estava agora cheio de poera e do prédio caindo, de vidro quebrado a muito da janela, ele viu muitas pessoas duelando (running backward and forward), Se seriam amigos ou inimigos ele não poderia dizer. Contornando o corredor, Percy disse como um rugido: "ROOKWOOD!" e correu a toda em direção ao homem alto, que estava perseguindo alguns estudantes.

"Harry, aqui!" Hermione gritou.

Ela tinha arrastado ROny para trás de uma tapeçaria. Eles pareciam estar lutando juntos, e então por um segundo louco Harry pensou

que eles estivesses se agarrando novamente; então ele viu que Hermione estava tentando conter Rony, evitar que ele corresse atés do Percy.

"Me ouçam --OUÇA RONY!"

"Eu quero ajudar --Eu quero matar Comensais da Morte"

Sua face estava contorcida, manchada com poeira e cinza, e ele estava tremendo de raiva e tristeza.

"ROny, nós somos os únicos que podem acabar com isso. Por favor Rony, nós precisamos da cobra, nós temos que matar a cobra!" Hermione disse.

Mas Harry sabia como Rony se sentia: Perseguir outra Horcrux não traria a satisfação da vingança; ele também queria lutar, puni-los, as pessoas que mataram Fred, e ele queria achar os outros Weasleys, e acima de tudo ter certeza, ter absoluta certeza, que Gina não estaria --mas ele não podia permitir que essa idéia se formasse em sua mente --"Nos iremos lutar!" Hermione disse. "Bom, nós temos que alcançar a cobra! Não vamos perder de vista o que temos que fazer! Nós somos os únicos que podem terminar isso!"

Ela estava chorando também, e limpou sua face em sua luva rasgada e queimada enquanto falou, então encheu o peito de ar várias vezes para se acalmar ao mesmo tempo que manteve o abraço apertado em Rony, e se virou para Harry.

"Nós temos que descobrir onde Voldemort está, porque ele manterá a cobra com ele, certo? Faça Harry --olhe dentro da mente dele!"

Por que isso foi tão fácil? Porque sua cicatriz estava queimando a horas, ansiando por lhe mostrar os pensamentos de Voldemort? Ele fechou os olhos quando ela falou, e imediatamente, os gritos e estrondos e todos os discordantes sons da batalha foram afogados até que se tornarem distantes, como se ele quisesse estar longe, muito longe deles...

Ele estava no meio de um quarto desolado mas estranhamente familiar, com paredes com papel descascando e todas as janelas cobertas por tábuas, à ecxeção de uma. Os sons do ataque ao castelo estavam abafados e distantes. A única janela não bloqueada revelava distantes estouros de luz onde o castelo estava, mas o quarto escuro era iluminado apenas por uma solitária lamparina.

Ele girava a varinha em seus dedos, observando isso, seus pensamentos em uma sala do castelo, a sala secreta que somente ele havia descoberto, a sala, como a câmara, a qual se tem que ser inteligente e perspicaz e investigador para descobrir...

Ele estava confiante de que o garoto não acharia a diadema (diadem)... Embora o fantoche de Dumbledore tivesse ido mais distante do que jamais esperou... Muito distante...

"Meu Lorde," disse uma voz, desesperada e tremida. Ele se virou: ali estava Lucius Malfoy sentando-se no canto mais escuro, áspero e ainda carregando as marcas da punição que ele tinha recebido após a última escapada do garoto. Um de seus olhos permanecia

fechado e inchado. "Meu Lorde... por favor... meu filho..."

"Se seu filho esta morto, Lucius, não é minha culpa. Ele não pode vir e se juntar a mim, como o resto dos sonserinos. Talvez decidiu ser amigo de Harry Potter?"

"Não--nunca," sussurrou Malfoy.

"Você deve esperar que não"

"Você não--não está com medo, meu Lorde que Potter pode morrer por intermédio de outras mãos?" perguntou Malfoy, sua voz tremendo. "Isso não seria...me perdoe...mais prudente parar essa batalha, enrtar no castelo, e achá-lo você mesmo?"

"Não finja Lucius. Você quer que a batalha termine para que você possa ver o que aconteceu ao seu filho. E eu não preciso procurar por Potter. Antes da noite terminar, Potter terá vindo me procurar".

Voldemort olhou fixamente para a varinha que segurava em seus dedos. Tinha lhe causado problemas...e aquilo que o atrapalhava precisava ser rearranjado...

"Vá e traga Snape".

"Snape, m-meu Senhor?"

"Snape. Agora. Eu preciso dele. Tem um--serviço--que eu quero que ele faça. Vá"

Assustado, tremendo um pouco na penumbra, lucius deixou a sala.

Voldemort continuou lá, girando a varinha entre seus dedos, observando-a.

"É o único modo, Nagini", ele sussurou e olhou em volta, e lá estava

a grande cobra, agora suspensa no ar, balançando graciosamente com seu encantador, protegido espaço que ele fez para ela, uma estrelada, transparente esfera em algum lugar entre uma brilhante jaula e um tanque.
Com sufuco, Harry voltou e abriu seus olhos ao mesmo tempo em que seus ouvidos escutavam gritos e choros, os estilhaços e barulhos da batalha.
"Ele esta na Casa dos Gritos. A cobra com ele, com algum tipo de proteção ao seu redor. Ele acabou de mandar Lucius Malfoy para encontrar Snape."
"Voldemort está na Casa dos Gritos?" disse Hermione ultrajada.
"Ele não--ele nem irá LUTAR?"
"Ele não acha que precise lutar," disse Harry. "Ele acha que eu irei até ele."
"Mas porquê?"
"Ele sabe que estou atrás das Horcruxes--ele está mantendo Nagini perto dele--obviamente eu terei que ir atrás dele para pder chegar perto dela--"
"Certo," disse Ron, dando de ombros. "Então você não pode ir, isso é o que ele quer, o que ele está esperando. Você fica aqui e cuida da Hermione, e eu vou e a pego--"
Harry interpelou Ron.
"Vocês dois ficam aqui, eu vou debaixo da capa e eu voltarei assim que eu --"

"Não," disse Hermione, "faz muito mais sentidose eu pegar a capa e--"

"Nunca pense em fazer isso," Rony disse rangendo os dentes.

Antes que Hermione pudesse rápido começar com um "Rony, eu sou tão capaz quanto--" a tapeçaria no topo da escadaria em que eles estavam se rasgou.

"POTTER!"

Dois començais da morte apareceram ali, mas antes que suas varinhas estivesses completamente levantadas, Hermione proferiu "Glisseo!"

As escadas abaixo de seus pés se transformaram em uma rampa e ela, Harry e Rony deslizaram, completamente sem controle de sua velocidade mas tão rápido que os feitiços dos Comensais da Morte passaram distantes de suas cabeças. Dispararam através da tapearia escondendo no fundo e girando no assoalho, bateram na parede oposta.

"Duro!" Hermione gritou, apontando sua farinha pra tapeçaria, e houve dois altos ruidos de trituração nauseante como se a tapeçaria tivesse virado pedra e os Començais da Morte puxavam-a de encontro a eles.

"Voltar!" gritou Rony, e ele, Harry e Hermione se atiraram de encontro a uma porta e como se um rebanho de mesas galopantes passou, conduzidas por uma rápida Professora McGonagal . Ela pareceu não so notar. Seu cabeço tinha vindo a baixo (costuma

ficar em um coque) e havia um corte em sua bochecha. Assim que ela virou o corredor, eles escutaram ela gritar,

"CHARGE!"

"Harry, coloque sua capa," Hermione disse. "Não se preocupe conosco--".

Mas ele jogou a capa sobre os três; grandes do jeito que eram ele duvidou que alguém fosse ver seus pés com toda a poeira que estav no ar, das pedras caindo, do lançamento de feitiços.

Eles correram o próximo lance de escadas e se viram num corredor cheio de duelos. Os retratos dos dois lados dos lutadores se acotovelavam com figuras gritando conselhos e encorajamento, enquanto os Comensais, mascarados e não-mascarados duelavam com estudantes e professores. Dean tinha conseguido uma varinha, que estava duelando com Dolohov, Parvati com Travers. Harry, Ron e Hermione puxaram suas varinhas de uma só vez, prontos para atacar, mas os lutadores estavam disparando e lutando tanto que haveria uma grande dor se eles estivessem no caminho. Mesmo se eles estivesem preparados, procurando pela oportunidade de ataque, veio um grande "Wheeeeeeeeeee!" e olhando acima, Harry viu Peeves ziguezagueando sobre eles, deixando cair Snargaluffs nos Comensais da Morte, nos quais as cabeças se engolfaram de repente se retorcendo em tubos verdes como minhocas gordas.

"ARGH!"

Um punhado de raizes havia atingido a capa na cabeça de Ron; a

úmida raiz foram suspensas no ar assim que Ron tentava tirá-las.
"Tem alguém invisível ali!" gritou um Comensal, apontando.
Dean aproveitou a distração do Comensal, estuporando-o; Dolohov tentou revidar, e Parvati lançou um [body bind course] nele.
"VAMOS!" Harry berrou e ele, Ron e Hermione colocaram a capa seguramente sobre eles e, de cabeças baixas, pelo meio dos lutadores, escorregando um pouco em poças de suco de Snargaluff, rumo às escadarias no salão de entrada.
"Eu sou Draco Malfoy, sou Draco, estou ao seu lado!"
Draco estava no topo das escadarias, com outro Comensal. Harry estuporou o Comensal assim que passaram. Malfoy olhou em volta, assustado, para sua salvação, e Ron puxou ele para debaixo da capa. Malfoy caiu emcima do outro Comensal, sua boca sangrando, completamente perplexo.
"E essa é a segunda vez que salvamos sua vida esta noite, seu nojento falso!" Ron disse amargamente.
00:31(11 horas atrás)
Havia mais lutadores no outros andares e no grande salão.
Comensais da Morte estavam em todos os lugares que Harry olhava: Yaxley, perto das portas de entrada, lutava com Flitwick, um Comensal mascarado lutava com Kingsley bem ao lado deles.
Estudantes corriam em todas as direções; alguns arrastando ou carregando amigos feridos. Harry direcionou um Feitiço Estuporante para o Comensal mascarado; não o acertou mas quase pegou

Nevil e, que emergiu do nada brandindo Tentáculos Venenosos, que se agarraram felizes ao Comensal e começaram a fazê-lo cambalear.

Harry, Ron e Hermione venceram rapidamente as escadas de mármore: estilhaços de vidro vieram da esquerda, e a ampulheta da Sonserina que marcava os pontos da casa espalharam suas esmeraldas por todos os lados, então as pessoas escorregavam e cambaleavam enquanto corriam. Dois corpos cairam do andar acima e chegaram ao chão, e uma cinzenta sujeira que Harry pensou ser um animal correu de quatro pelo hal até colocar seus dentes em um dos caídos.

"NÃO!" gritou Hermione, e com um surdo estampido de sua varinha, Fenrir Greyback foi atirado por cima do corpo de Lilá Brown.

Ele atingiu o carrimão e forçou-se para ficar em pé. Então, com um clarão e um estampido, uma bola de cristal caiu em sua cabeça, e ele caiu no chão e não se mexeu mais.

"Eu tenho mais!" gritou a Porfª Trelawney do andar acima. "Mais ainda para aqueles que os querem! Aqui---"

E com agilidade, ela retirou outra enorme bola de cristal de sua bolsa, acenou sua varinha no ar, e fez a bola de cristal acelerar pelo hal e se estilhaçar com um janela. Naquele mesmo momento, as pesadas portas de entrada se abriram, e mais aranhas gigantes invadiram o Saguão de Entrada.

Gritos de terror cortaram o ar: os lutadores espalharam-se,

Comensais da Morte e os de Hogwarts, e jatos de luz verdes e vermelhos voaram no meio dos recém-chegados monstros, que estremeceram e suspenderam-sem mais assustadores que nunca.
"Como a gente dá o fora?" Rony gritou acima de toda a gritaria, mas antes que Harry ou Hermione pudesse responder eles rolaram de lado; Hagrid apareceu trovejando descendo as escadas, brandindo seu guarda-chuva cor-de-rosa.
"Não machuque eles, não machuque eles!" Ele gritou.
"HAGRID, NÃO!"
Harry esqueceu qualquer outra coisa: ele saiu de debaixo da capa correndo a toda velocidade, arqueado para evitar os feitiços que iluminavam todo o salão.
"HAGRID, VOLTE!"
Mas ele estava no meio do caminho a Hagrid quando ele viu acontecer: Hagrid desapareceu em meio as aranhas, e com uma grande corrida, e com um grosseiro assalto populal, eles fugiram da confusão de feitiçoes. Hagrid enterrado em seu meio.
"HAGRID!" Harry ouviu alguem chamar seu próprio nome, se foi um amigo ou um inimigo ele não se importou: Ele estava descendo as escadarias correndo rumo ao jardim escuro, e as aranhas estavam indo embora com a sua presa, e ele não pode ver mais nada do Hagrid.
Ele penseou ter percebido um braço enorme flutuando no meio da multidão de aranhas, mas enquanto fazia o que podia para

perseguir elas, foi impedido por um´pé monumental, que balançou pra baixo saindo da escuridão e fez a terra que estava debaixo dele tremer. Ele olhou para cima: Um gigante estava acima del, vinte pés de altura, sua cabeça escondida na escuridão, nothing but its treelike?, um cabeludo escalou iluminado pela lus das portas do castelo. Com um brutal, elástico movimento, despedaçou uma janela superior com seu punho maciço, e vidro choveu sobre Harry, o forçando de volta pra de baixo da cobertura da entrada.

"Oh meu--! gritou Hermione, tanto ela quanto Rony o alcançaram e olhando para o gigante acima que agora tentava pegar pessoas pela janela.

"NÃO!" Rony gritou, segurando a mãe de Hermione enquanto ela levantava sua varinha. "Ataque ele e ele esmagará metade do castelo--"

"HAGGER?"

Grope apareceu de um canto do castelo

A unica coisa que Harry via era que Grope, sem dúvida, era um gigante menor do que o normal.

O enorme monstro que tentava esmagar pessoas nos andares de cima virou-se e soltou um grito.

Os passos fortes pararam e ele andou em direção direção ao seu "menor familiar", e Grope cambaleou, com a boca fatalmente aberta, mostrando dentes amarelos e do tamanho de tijolos; e então eles se lançaram uns aos outros com a ferocidade

de leões

"CORRA" gritou Harry - a noite estava cheia de horríveis gritos e golpes de gigantes lutando, ele agarrou a mão de Hermione e desceu as escadas para os jardins, Rony logo atrás.

Harr ainda não tinha perdido a esperança de encontrar e salvar Hagrid. Ele correu tão depressa que eles estavam a meio caminho da floresta antes de pararem.

O ar envolta deles congelou: a respiração de Harry e solidificou em seu peito. Formas estavam se mexendo na escuridão, figuras mais negras que a própria escuridão, movendo-se onduladamente em direção ao castelo, seus rostos encapuzados e sua respiração rouca... Ron e Hermione chegaram mais perto dele assim que os sons da luta atrás deles cresceu obscuramente, mortalmente, porque um silêncio que só dementadores podiam trazer estava caindo espessamente na noite, e Fred tinha os deixado, e Hagrid estava quase morrendo ou já estava morto...

"Vamos Harry!" disse a voz de Hermione de muito longe.

"Use o patrono Harry, vamos!"

Ele levantou sua varinha, mas uma entorpecente desesperança se espalhava por completo dentro dele: Quantos mais teriam que morrer que ele ainda não sabia? Ele sentiu como se metade da sua alma já tivesse deixado seu corpo.

"HARRY, VAMOS!" berrou Hermione.

Cem dementadores estavam avançando, deslizando em sua

direção, sugando seu caminho próximo ao desespero de Harry, que era como uma promessa de um banquete...

Ele viu o terrier (raça do cão) prateado surgir no ar, brilhando calmamente, e expirar; ele viu a lontra de Hermione aparecer no ar e desaparecer, e sua própria varinha tremeu em sua mão, e ele quase deu boas vindas ao esquecimento, à promessa do nada, à falta de sentimentos...

E então uma lebre prateada, um porco do mato, e um raposa planaram sobre as cabeças de Harry, Ron e Hermione: os dementadores se afastaram antes mesmo das criaturas chegarem. Mais três pessoas tinham saído da escuridão para postarem-se ao seu lado, suas varinhas estendidas, continuando a avançar seus patronos: Luna, Ernie e Simas.

"Está certo" disse Luna encorajadoramete, como se eles estivessem de vlta à Sala Preicisa e isso fosse uma simples prática de feitiços para a A.D., "Está certo, Harry...vim a pensar em algo feliz..."

"algo feliz?" sua voz rouca.

"Ainda estamos todos aqui" ela sussurou, "ainda estamos lutando. Vamos, agora..."

Houve uma pequena centelha, então uma luz ondulante e então com o maioresforço que ele poderia ter feito o veado saiu da ponta da varinha de Harry. Ele andou a meio galope, e agoraos dementadores dispersavam-se e imediatamente a noite estava

suave novamente, mas o som da batalha estava mais alto em seus ouvidos.

"Não sei como agradecê-los," disse Ron instável, virando-se para Luna, Ernie e Seamus "vocês simplesmente salvaram--"

Com um rugido e um terremoto, outro gigante veio da escuridão de direção da floresta brabdindo com um grupo mais alto que qualquer um deles.

"RUN!" Harry gritou novamente, mas não foi necessário; todos eles correram, e no momento seguinte o pé da criatura caiu exatamente onde eles tinham estado.

Harry olhou em volta: Rony e Hermione o estavam seguindo, mas os outros três tinhas desaparecido de volta a batalha.

"Vamos sair do alvo!" Rony gritou assim que o gigante balançou seus pé novamente e seu grito ecoou através da noite, e sobre os jardins luzes vermelhas e verdes continuavam a iluminar a escuridão.

"O salgueiro lutador," disse Harry, "Vamos!"

De alguma forma ele paralizou tudo acima em sua mente, comprimiu-se em um espaço pequeno para o qual ele não podeira olhar agora: pensamentos sobre Fred e Hagrid, e seu temor por todas as pessoas que amou, dispersados fora e dentro do castelo, deveriam todos esperar, porque eles tinham que correr, tinham que alcançar a cobre e Voldemort, porque isso era, como Hermione disse, a única maneira de acabar isso--Ele correu, metade acreditando que poderia se distanciar da morte,

ignorando os jatos de luz voando na escuridão a sua volta, e o som do lago negro batendo como o mar, e o ranger da Floresta Proibida pela noite sem ventos; através dos jardins que pareciam eles mesmos ter se levantando em revolta, ele correu o mais rápido que jamais havia corrido em sua vida, e ele foi o primeiro dos três a ver a árvore, o salgueiro que era protegido pelo segredo de tocar em um nódulo, e seus galhos paravam.

Ofegando e arfando, Harry diminuiu, contornando o salgueiro e o golpe dos galhos, espiando na escuridão para seu tronco, tentando ver o único nódulo da árvore velha que a paralizaria. Rony e Hermione o alcançaram, Hermione com sua respiração tão entrecortada que não conseguiria falar.

"Como--Como nós vamos entrar ai?" ofegou Rony. "Eu posso--ver o lugar--se a gente ao menos tivesse--uma galho novamente--"

"Alça de madeira?" ofegou Hermione, ainda meio encurvada. "Você é um bruxo ou o que?

"Ah!--certo--eh--"

Rony olhou em volta, depois dirigiu a sua varinha galho no chão e disse "Winguardium Leviosa!" O galho voou acima do chão, girou no ar como se tivesse sido pego por um fantasma de vento, zumbindo diretamente para o tronco no local onde o salgueiro pararia. Golpeou em um lugar perto das raízes, e imediatamente o salgueiro ficou rígido.

"Perfeito" ofegou Hermione.

"Espere."

Por um mero segundo, enquanto os ruídos e explosões da batalha enxeram o ar, Harry hesitou. Voldemort queria que ele fizesse isso, queria que ele viesse... Estava ele levando Rony e Hermione para uma armadilha? Mas a realidade pareceu fecahr-se em cima dele, cruel e lisa: a única maneira de levar isso adiante era matando a cobra, e a cobra estava onde Voldemort estivesse, e Voldemort estava no dinal desse tunel...

"Harry, nós estamos indo, comece apenas lá dentro!" Ron dito, empurrando o para a frente. Harry contorceu-se na passagem de terra escondida nas raizes da árvore. Era muito apertada mais apertado do que tinha sido a última vez que tinham entrado. O túnel era baixo: tinham que se curvar mais do que tinha há quase quatro anos; agora não havia nada para ele além de rastejar. Harry foi primeiramente, sua varinha iluminado, esperando em todo o momento encontrar-se com barreiras, mas nenhuma apareceu.

Moveram-se em silêncio, olhar de Harry reparado em cima do feixe balançando de sua varinha firme em seu punho. Perto da saida, o túnel começou a inclinar-se para cima e Harry viu um pedaço da luz adiante. Hermione arrastando seu tornozelo. "A capa!" sussurrou. "ponha a capa!" movendo-se as cegas atrás dele e forçou a capa em sua mão livre.

Com dificuldade arrastou-a sobre si mesmo, murmurando, "Nox," extinguindo a luz de sua varinha, e continuou-o tão silenciosamente

como possível com as mão e os joelhos, com seus sentidos aguçados, esperando cada segundo ser descoberto, para ouvir uma voz desobstruída fria, vêem que um flash da luz verde e então ele ouviu vozes vindo do quarto diretamente antes de elas, apenas um grito abafado ligeiramente pelo fato que a abertura no tunel tinha sido obstruída acima por o que ele olhou era um caixote velho. Mal podia respirar, Harry estava um fiu para a direita acima do tot abertura e fitou uma abertura minúscula que saiu entre o caixote e a parede. O quarto foi iluminado opacamente, mas poderia ver Nagini, rodopiando como uma serpente subaquática, seguro nela encantadoramente, a esfera estreladamente, que flutuou insustentável no meio do ar. Poderia ver a borda de uma tabela, e uma mão branca e longos dedos brincando com uma varinha.
Então o raio de Snape, e o coração de Harry balançaram: Snape estava polegadas afastado de onde agachou-se, escondido. "... meu senhor, sua resistência está desintegrando o --" "-- e está fazendo assim sem sua ajuda," disse Voldemort em sua voz elevada, desobstruída. "bruxo hábil embora você é, severus.” Eu não penso que você fará muita diferença agora. Nós estamos quase lá... quase." "deixe-me encontrar o menino. Deixe-me trazer-lhe o potter. Eu sei que eu posso o encontrar, meu senhor. Por favor."
Snape andou a passos largos até a abertura, e Harry voltou para trás um pouco, mantendo seus olhos em cima de Nagini, querendo saber se havia algum momento que pudesse penetrar a proteção

que cerca a, mas não poderia pensar de qualquer coisa. Uma tentativa falha, e dariam afastado sua posição... Voldemort estando acima. Harry poderia vê-lo agora, vê seus olhos vermelhos, a cara ofidica, a palidez dele que brilha ligeiramente na semi-escuridão.
“Eu tenho um problema Severus” disse Voldemort suavemente.
“Meu Lord?” disse Snape.
Voldemort levantando a velha varinha, tão delicada e precisa quanto o bastão de um condutor.
“Porque você não esta trabalhando para mim, Severus?” No silencio Harry imaginou poder ouvir a cobra silvar (assobiar) levemente como enrolar e desenrolar – ou era Voldemort sibilando um suspiro prolongado no ar?
“Meu-Meu Lord?” disse Snape inexpressivamente.
“Eu não estou entendendo. Você, você, teve uma performance magicamente extraordinária com esta varinha”
“Não” disse Voldemort.
“Eu tive minha usual performance mágica. Eu sou extraordinário, mas esta varinha... não. Ela não revelou as maravilhas que prometeu. Eu não senti diferença desta varinha para a que eu obtive do Olivaras a anos atrás.” O tom de Voldemort era reflexivo, calmo, mas a cicatriz de Harry havia começado a palpitar e arder: A dor era forte em sua testa, e ele podia sentir que deteve o controle da fúria dentro de Voldemort.
“Sem diferença” disse Voldemort de novo. Snape não falou. Harry

não poderia ver seu rosto. Ele quis saber se Snape havia detectado o perigo, estava tentando encontrar palavras para tranqüilizar seu mestre. Voldemort começou a andar em torno da sala: Harry o perdeu de vista por alguns segundos, enquanto falando naquela mesma voz, a dor e a fúria se apoderaram de Harry.

"Eu estive pensando serio, Severus, você sabe por que eu o chamei de volta por trás daquela batalha?" E por um momento Harry viu o perfil de Snape. Seus olhos eram fixos na cobra enrolada dentro de sua gaiola mágica. "Não meu Lord, mas eu imploro para deixar retornar, deixe-me encontrar Potter." "Você soa como Lucius. Nenhum de vocês compreende o Potter como eu. Não precisa encontrá-lo. O Potter virá para mim. Eu soube sua fraqueza você vê, uma grande falha. Ele odiara assistir os outros sendo golpeados ao seu redor, sabendo disto é isso que acontece. Ele ira querer parar isto a todo custo. Ele vira."

"Mas meu Lord, ele pode ser acidentalmente morto por alguém à exceção de você mesmo." "Minhas instruções para os Comensais foram perfeitamente entendidas. Capturar Potter. Você foi muito valioso a mim. Muito valioso."

"Meu Lord, o senhor sabe que eu procuro lhe servir somente. Mas deixe me ir encontrar o garoto, meu Lord. Deixe-me trazê-lo para você. Eu sei que consigo."

"Eu disse, Não!" disse Voldemort, e Harry capturou o vermelho nos olhos dele, ele havia retornado, e o assobio de sua capa era como o

deslizar de uma serpente, e ele sentiu Voldemort impaciente em sua cicatriz ardendo.

"Minha preocupação no momento, Severus,é o que irá acontecer quando eu finalmente encontrar o garoto!"

"Milorde, não pode haver duvidas, certamente --?"

"--mas há uma pergunta, Severus.Há uma."

Voldemort hesitou, e Harry não pode vê-lo claramente de novo enquanto ele deslisava a varinha anciã por seus brancos dedos, mirando em Snape.

"Porque as duas varinhas que eu usei falharam quando apontadas para Harry Potter?"

"Eu...eu não posso responder isso, meu Senhor."

"Não pode?"

O golpe de furia parecia como se uma estaca tivesse sido enfiada na cabeça de Harry: ele se esforçou para impedir a si mesmo de chorar devido a dor.Ele fechou seus olhos, e subitamente ele era Voldemor, olhando no rosto palido de Snape.

"Minha varinha de yew (tipo de arvore) fez tudo que eu pedi, Severus, com excessão de matar Harry Potter. Falhou duas vezes. Ol ivander me disse sobre tortura sobre os nucleos gêmeos,me disse para conseguir uma nova varinha.Eu o fiz, mas a varinha de Lucio se despedaçou quando se encontrou com Potter."

"Eu... eu não tenho explicação para isso, Milorde"

Snape não estava olhando para Voldemort agora. Seus olhos

escuros ainda estavam fixos na enrolada serpente e em sua bola de proteção.

"Eu procurei por uma terceira varinha, Severus.A varinha anciã, a varinha do Destino, da morte. Eu a peguei do seu antigo dono. Eu a paguei do tumulo de Albus Dumbledore."

E agora Snape olhava para Voldemort, e a face de Snape era como uma mascara morta.Era como marmore branca e tão parada que quando falou, foi um choque ver que alguem vivia por trás daqueles olhos negros.

"Milorde --me deixe ir até o garoto--"

"Ainda há uma longa noite eu estou na beira da vitoria, eu estou sentado aqui," disse Voldemort, sua voz quase como um sussuro, "me perguntando, me perguntando, porque a varinha anciã ser o que ela deve se tornar, se refusa a ser executada como a lenda descreve ela deve ser executada direito para o seu dono de direito... e eu acho que eu tenho essa resposta."

Snape não falou.

"Talvez você já saiba" você é um homem esperto afinal de contas, Severus. Você tem sido um bom e fiél servo, e eu lamento o que deve acontecer.

"Meu senhor--"

"A varinha anciã não pode me servir direito,Severus, porque eu não sou seu verdadeiro mestre. A varinha anciã pertence ao bruxo que matou seu ultimo dono. Você matou Alvo Dumbledore. Enquanto

você viver, Severus, a varinha anciã não pode ser verdadeiramente minha."
"Meu senhor!" Snape protestou, levantando sua mão.
"Não pode haver outro jeito," disse Voldemort,"Eu devo dominar a varinha, Severus. Dominando a varinha, eu dominarei Potter finalmente."
E Voldemort varreu o ar com a varinha anciã.Não fez nada com Snape que por um segundo pareceu pensar que aquilo havia sido adiado: mas então as intensões de Voldemort se tornaram claras. A jaula da cobra estava rolando pelo ar, e antes que Snape pudesse fazer outra coisa a não ser gritar, ela o encarcerou, cabeça e ombros, e Voldemort falou na lingua das cobras (Parseltongue).
"Mate-o"
Houve um grito terrivel. Harry viu o rosto de Snape perdendo a pouca cor que havia ficado; o branco dos seus negros olhos ampliado, enquanto os dentes da cobra perfuravam o seu pescoço, ele falhava em empurrar a jaula da cobra para longe dele proprio,seus joelhos não aguentaram mais e ele caiu no chão.
"é uma pena,"disse Voldemort friamente.
Ele se virou; não havia tristesa nele, nem remorso. Era hora de sair da cabana e se encarregar (da luta), com uma varinha que agora iria obedecer sua ordem. Ele apontou para a brilhante jaula segurando a cobra, que foi levada para Snape, que caiu de lado no chão, o sangue escorrendo pelos ferimentos em seu pescoço.

Voldemort se dirigiu para o chão sem nem mesmo olhar vagamente para trás, e a grande serpente flutuou atrás dele em sua enorme jaula de feitiço de proteção.
De volta ao tunel em sua propria mente, Harry abriu seus olhos; ele tinha sangue entre suas articulações em um esforço de não gritar. Agora ele estava olhando pela pequena rachadura entre o chão e o caixote, assistindo um pé em uma bota preta tremendo no chão. Harry!"sussurou Hermione atrás dele, mas ele já tinha apontado sua varinha para a fenda atrapalhando sua vista. Ele levantou um centimentro para cima e foi para o lado silenciosamente. Tão silenciosamente como ele pudesse ser, ele se levantou no quarto. Ele não sabia porque lee estava faznedo aquilo, porque ele estava se aproximando daquele homem quase morto: ele não sabia o que ele iria sentir quando visse o rosto branco de Snape, a todo momento os dedos tentando parar o sangramento em seu pescoço.Harry tirou a capa da invisibilidade e olhou para o homem que ele odiava, aqueles escondidos olhos negros encontraram Hrry enquanto ele chorava para falar. Harry estava sobre ele, e Snap estava agarrado a suas roupas e o puxou para mais perto. Um terrivel, ruido garguejado saiu da garganta de Snape.
"Pegue..pegue..."
Algo mais do que sangue estava pingando de Snape. Azul prateado, nem gás e nem liquido estav jorrando de sua boca, orelhas e olhos e Harry sabia o que era, mas não sabia o que fazer.

Um frasco, conjurado do ar, foi colocado em sua mão por Hermione. Harry "lfited" a substância prateada dentro do frasco com sua varinha. Quando o frasco estava cheio até a boca e Snape quase já não tinha mais sangue,soltou um pouco a roupa de Harry.

"Olhe.... para... mim" - ele sussurrou

Os olhos verdes encontraram os negros, mas após um segundo, alguma coisa nas profundezas da escuridão desapareceu , deixando-os fixos e vazios. A mão que segurava Harry foi ao chão, e Snape não se moveu mais.



Capítulo 33

O conto do príncipe

Harry ficou ajoelhado ao lado de Snape olhando baixo para ele, até que de repente uma alta e fria voz falou tão perto deles que Harry pulou e ficou em pé, o frasco [nota: flask pode ser aquela garrafa térmica, aquelas garrafas para carregar bebida alcoólica como também aquele frasco usado em laboratório.] estava fortemente apertado em suas mãos, achando que Voldemort havia re-entrado na sala. A voz de Voldemort ecoou das paredes e do chão e Harry percebeu que ele estava falando para Hogwarts e para toda a área ao redor, os moradores de Hogsmeade e todos aqueles que continuavam lutando no castelo puderam escutá-lo claramente, como se ele estivesse ao lado deles, sua respiração atrás de seus pescoços, soprando a morte naquele local.

'Você lutou' disse a voz alta e fria 'bravamente, Lord Voldemort sabe como valorizar a bravura.'

'Contudo você sustentou uma pesada perda. Se você continuar a resistir a mim, vocês todos vão morrer, um por um. Eu não quero

que isso aconteça. Toda derrama de sangue mágico é uma perda e um desperdício.
'Lord Voldemort é misericordioso. Eu ordeno minhas forças a recuar imediatamente.'
'Você tem uma hora. Desfrute de sua morte com dignidade. Cuide de seu machucado.
'Eu falo agora', Harry Potter, diretamente para você. Você permitiu que seus amigos morressem para você, mais exatamente, me encarar pessoalmente. Eu esperarei por uma hora na floresta proibida. Se, no final dessa uma hora, você não tiver aparecido, se não tiver desistido, a batalha recomeça. Dessa vez, eu entrarei na luta, Harry Potter, e encontrarei você, e punirei todo homem, mulher e criança que escondeu você de mim. Uma hora.'
Rony e Hermione balançaram suas cabeças freneticamente, olhando para Harry.
' Não dê ouvidos a ele. ' Disse Rony.
' Vai dar tudo certo ' disse Hermione descontroladamente ' Vamos – Vamos voltar para o castelo, se ele está indo para a floresta, nós precisamos de um plano.'
Ela olhou para o corpo de Snape e correu de volta para a entrada túnel, Rony a seguiu. Harry vestiu a capa de invisibilidade e olhou para Snape. Ele não sabia o que sentir, exceto surpreso pelo jeito como Snape havia sido assassinado e a razão pela qual isso havia sido feito.

Eles voltaram ao túnel. Enquanto nenhum deles falava, Harry desejou saber se Rony ou Hermione ainda poderiam ouvir Voldemort em suas cabeças como ele podia.

Permitiu que seus amigos morressem ao invés de me enfrentar você mesmo. Eu devo esperar por uma hora na Floresta Proibida. Uma hora...

Pacotes pequenos pareciam cobrir de lixo o gramado à frente do castelo .Poderia ser uma hora ou o ter vindo do amanhecer, apesar de ainda estar tudo negro como piche. Os três correram em direção aos degraus de pedra. Um cão solitário, do tamanho de um pequeno barco, jazia em frente deles. Não havia nenhum sinal de Grope ou de seu atacante.

O castelo estava silencioso de uma maneira que nunca havia estado. Não havia flashes de luz, estrondos ou gritos agora. O assoalho do Salão Principal estava banhado de sangue. Havia esmeraldas espalhadas pelo chão, bem como pedaços de mármore e resquícios de madeira lascada.

“Onde estão todos?” sussurou Hermione

Rony os conduziu para dentro. Harry continuou na porta de entrada. As mesas das Casas haviam sido retiradas e o Salão estava abarrotado. Os sobreviventes permaneciam em grupos, com seus braços ao redor dos pescoços dos outros. Os feridos estavam sendo tratados por Madame Ponfrey num lugar reservado, com a ajuda de um grupo de apoio. Firenze era o mais ferido deles: por

seu flanco vertia sangue em sua costela, de modo que só podia se contorcer, incapaz de ficar de pé.
Os mortos permaneciam enfileirados no meio do Hal . Harry não podia ver o corpo de Fred porque sua família cercava-o. George se ajoelhava à sua cabeça; Sra. Weasley em seu tórax-seu corpo tremendo-e o Sr. Weasley, mexendo no cabelo de seu filho, enquanto lágrimas escorriam de suas bochechas.
Sem dizer uma palavra a Harry, Rony e Hermione se foram. Harry viu Hermione ir ao encontro de Gina, cuja face estva inchada e manchada, e abraçá-la. Rony se juntou a Gui, Fleur e Percy, que tinha seu braço ao redor dos ombros de Rony. Como Gina e Hermione se juntaram à família, Harry pôde ver os corpos próximos ao de Fred: Lupin e Tonks, pálidos, porém, continuando com uma aparência de paz, aparentemente adormecidos sob as tevas do teto encantado.
O Grande Salão parecia voar, ficar menor, como se estivesse sendo comprimido, enquanto Harry e dirigiu à entrada. Ele não pôde tomnar fôlego. Não pôde continuar olhando qualquer um dos outros corpos, vendo quem mais havia morrido por ele. Não conseguia se juntar os Weasley, olhar em seus olhos, já que se, ele tivesse tido uma iniciativa, Fred poderia nunca ter morrido.
Ele se virou e correu para a escada de mármore. Lupin.Tonks. Ele desejou não sentir... Ele desejou poder tirar seu coração, suas vísceras. Tudo aquilo que estava gritando dentro dele.

O castelo estava completamente vazio; até os fantasmas pareciam ter se juntado aos que lamentavam no Salão Principal. Harry correu sem parar, enquanto apertava firmemente o frasco cristalino com os últimos pensamentos de Snape, e lê não parou até se deparar com a gárgula de pedra que guardava o escritório do diretor.

“Senha?”

“Dumbledore!”, disse Harry sem pensar, porque era quem ele desejava ver, e sua surpresa foi ver a gárgula revelar a escada em caracol que o levaria ao escritório.

Mas quando Harry adentrou o escritório havia uma mudança, Os retratos pendurados nas paredes estavam vazios. Nenhum diretor parecia o ver, todos pareciam ter desaparecido por entre as pinturas que revestiam o castelo-de modo que eles poderiam ter uma visão do que ocorria fora do castelo.

Harry passou os olhos sem esperança pela moldura deserta de Dumbledore, que estava pendurada diretamente atrás da cadeira do diretor, e então virou de costas para ela. A penseira de pedra ficava no gabinete onde sempre estivera. Harry a colocou na mesa e despejou as memórias de Snape na bacia larga com suas marcas de Runas nas bordas. Uma escapada para dentro da cabeça de outra pessoa seria um alívio abençoado.. Nada que mesmo Snape tenha deixado para ele poderia ser pior que seus próprios pensamentos. As memórias giravam, prateadas, brancas e estranhas, e, sem hesitar, com um sentimento de abandono

despreocupado, como se isso por si só fosse aliviar suas mágoas tortuosas, Harry mergulhou.

Ele caiu de cabeça na luz, e seus pés encontraram chão morno. Quando se endireitou, viu que estava em um parquinho quase deserto. Uma única imensa chaminé dominava o horizonte distante. Duas meninas estavam se balançando para frente e para trás, e um menino magro as observava detrás de alguns arbustos. Seus cabelos negros estavam compridos demais e suas roupas tão descombinadas que parecia intencional: calças jeans curtas demais, um casaco velho e roto, grande demais que poderia ter pertencido a um homem adulto e uma camiseta muito estranha que mais parecia um jaleco.

Harry se aproximou do menino. Snape parecia não ter mais que nove ou dez anos, pálido, pequeno, como se sustentado por fios. Havia uma inveja não disfarçada em seu rosto magro enquanto ele observava a mais nova das duas meninas, balançando mais e mais alto que sua irmã.

“Lilían não faça isso!” gritou a ais velha das duas.

Mas a menina havia se soltado do balanço justamente no ponto mais alto do arco que este fazia e voado pelo ar, literalmente voado, se lançando em direção ao céu com uma enorme gargalhada, e em vez de se esborrachar no asfalto do parque, ela flutuou como uma trapezista pelo ar, ficando em pé muito tempo, e aterrisando com muita leveza.

“A mamãe disse pra você não fazer isso!”

Petúnia parou seu balanço pelo atrito dos saltos de suas sandálias no chão, fazendo um som quebrado e arranhado, e se levantou num salto, com as mãos nos quadris.

“Mamãe disse que não é permitido você fazer isso, Lílian!”

“Mas eu estou bem,” disse Lílian, ainda rindo. “Túnia, olha isso. Vê só o que eu posso fazer.”

Petunia olhou à sua volta. O parque estava deserto, tirando as duas e, ainda que as meninas não soubessem, Snape. Lílian havia pego uma flor caída de um arbusto atrás do qual smape espreitava.

Petúnia avançou, evidentemente dividida entre a curiosidade e a reprovação. Lílian esperou até Petúnia estar próxima o suficiente para ver claramente, e então estendeu a palma da mão. A flor estava ali, abrindo e fechando suas pétalas, como uma ostra bizarra com muitos lábios.

“Pare com isso!” choramingou Petúnia.

“Não está te machucando,” disse Lílian, mas ela fechou sua mão no botão e o jogou de volta ao chão.”

’Isso não está certo’ disse Petúnia, mas seus olhos seguiram as flores que voavam para o chão e pousaram sobre elas. ‘Como você faz isso?’ ela completou, e definitivamente havia um quê de súplica em sua voz

’Isso é óbvrio, não é?’ Snape não podia se controlar, mas pulou fora de trás dos arbustos. Petúnia choramingou e correu de volta para

perto do balanço, mas Lílian, apesar de claramente assustada, permaneceu onde estava, Snape pareceu arrependido de seu visual, Um rubor incômodo tomou conta das bochechas pálidas enquanto ele olhava para Lílian.

'O que é óbvio?' perguntou Lílian .

Snape tinha um ar de ansiedade e nervosismo. Com uma olhada para a distante Petúnia que agora pairava ao lado dos balanços, ele baixou sua voz e disse, "Eu sei o que você é"

' O que você quer dizer?'

' Você é, você é uma bruxa' sussurou Snape.

Ela parecia ofendida 'Não é muito educado dizer isso para alguém'

Ela se virou, com o nariz em pé e marchou para o lado de sua irmã.

'Não' disse Snape. Ele estava corado agora, e Harry se perguntou porque ele nunca tirava aquele ridiculo casaco, a não ser se fosse porque ele não queria revelar o jaleco ali.

Ele seguiu as meninas num salto, de uma forma ridiculamente parecida com um morcego, como quando mais velho. As irmãs o analisaram, unidas em reprovação, as duas se segurando em uma das barras do balanço, como se fosse o pique.

'Você é' Disse Snape para Lilian ' Você é uma bruxa, eu estive te assistindo por um momento, mas não a nada de errado com isso. Minha mãe é uma, e eu sou um bruxo.' A risada de Petúnia foi como água gelada.

'Bruxo' ela ganiu , sua coragem havia voltado agora que ela havia

se recomposto do choque da inesperada aparição do jovem ‘Eu sei quem você é. Você é o menino Snape! eles moram lá no Spinner's End, perto do rio"’ ela disse a Lílian, e estava evidente em seu tom que ela considerou o endereço uma fraca recomendação.
‘Porque você esteve nos espionando?’
“Não estava espiando,” disse Snape, esquentado e desconfortável com seus cabelos sujos em plena luz do dia. “Não espiaria você, de qualquer forma,” emendou quase cuspindo, “você é uma Trouxa.”
Ainda que Petúnia evidentemente não tivesse entendido a palavra, ela de forma alguma não notaria o tom de voz.
“Lílian, vamos, nós estamos indo!” ela disse rispidamente. Lílian obedeceu sua irmã na hora, encarando Snape enquanto ia embora. Ele ficou em pé as observando enquanto elas passavam pelo portão do parque, e Harry, o único que ali restou para observá-lo, reconheceu a decepção amarga de Snape, e reconheceu que Snape esteve planejando esse momento por um bom tempo, e que tudo tinha saído errado...
A cena de dissolveu e, antes que Harry tomasse conta, se formou novamente ao seu redor. Ele agora estava em um matagal. Ele podia ver um rio iluminado pelo sol brilhando entre os troncos das árvores. As sombras das árvores faziam uma orla fresca de sombras esverdeadas. Duas crianças sentavam-se uma de frente para a outra, de pernas cruzadas no chão. Snape havia tirado seu casado agora; seu jaleco estranho parecia menos peculiar na meialuz.

“E o Ministério pode te punir se você usar magia for a da escola, você recebe cartas.”

“Mas eu usei magia fora da escola!”

“Nós não temos problema. Não temos nossas varinhas ainda. Eles não pegam no seu pé quando você é criança e não tem como controlar. Mas uma vez que você fizer 11 anos, aí tem que ser mais cuidadoso.”

Houve um curto silêncio. Lílian havia pego um graveto caído e o balançou pelo ar, e Harry soube que ela estava imaginando fagulhas brilhantes saindo de sua ponta.

Então ela derrubou o graveto, se inclinou na direção do menino e disse, “Isso é verdade, né? Não é uma brincadeira? Petunia fica dizendo que você está mentindo pra mim. Petúnia diz que não existe uma Hogwarts. Isso é real, não é?”

“é real para a gente,” disse Snape. “Não para ela. Mas nós vamos receber a carta, você e eu.”

“Verdade?” sussurrou Lílian.

“Definitivamente,” disse Snape, e mesmo com seu cabelo mal cortado e sua roupas estranhas, ele parecia estranhamente uma figura impressionante espalhado na fremte dela, com a certeza e confiança de seu destino.

“E irá realmente chegar por coruja?” Lílian sussurrou.

Normalmente, disse Snape. “Mas você é nascida trouxa, então alguém da escola terá de vir e explicar para seus pais.”

“Faz alguma diferença, ser nascida-trouxa?”

Snape hesitou. Seus olhos negros, ávidos numa melancolia esverdeada, se movimentaram sobre a tez pálida, os cabelos ruivos escuros”

“Não” ele disse. “Não faz diferença alguma.”

“Ótimo,” disse Lil y. Estava claro que ela estava preocupada.

’Você tem muita magia’ disse Snape ‘ Eu vi isso. Todo o tempo que eu estava assistindo você...’

A voz dele foi sumindo; ela não estava escutando, mas havia se deitado no chão coberto de folhas e estava olhando a multidão de folhas sobre sua cabeça. Ele a observou com a mesma cobiça com que a havia observado no parquinho.

“Como estão as coisas na sua casa?” Lílian perguntou.

Uma leve ruga apareceu entre os olhos dele.

“Bem.” Ele disse.

“eles não estão mais brigando?”

“Ah sim, eles estão brigando,” disse snape. Ele pegou uma mão cheia de folhas e começou a rasgá-las, aparentemente sem perceber o que estava fazendo. “Mas daqui a pouco tempo eu vou embora.”

“Seu pai não gosta de magia?”

“Ele não gosta de quase nada, na verdade,” disse Snaoe

“Severo?”

Um pequeno sorriso torceu os lábios de Snape quando ela disse

seu nome.

“Oi?”

“Me conte sobre os dementadores de novo.”

“Por que você quer saber sobre eles?”

“Se eu usar magia fora da escola – “

“Eles não vão te entregar para os dementadores por isso! Dementadores são para pessoas que fazem coisa realmente ruins. Eles guardam a prisão dos bruxos, Azkaban. Você não vai acabar indo pra Azkaban, você é muito – “

ele ficou rubro e rasgou mais folhas. Então um barulho de folhas rachando atrás de Harry o fez se virar: Petúnia, se escondendo atrás de uma árvore, havia pertido equilíbrio.

“Túnia!” disse Lílian, com surpresa e um ar de boas vindas em sua voz, mas snape havia se levantado em um salto.

“Quem está espiando agora?” ele gritou. “O que você quer?”

Petunia estava sem fôlego, surpresa ao ter sido pega. Harry podia vê-la tendo dificuldades em achar algo ofensivo para dizer.

”O que é isso que você está vestindo, de qualquer forma?” ela disse apontando para o peito de Snape. “A blusa da sua mãe?”

Houve um estrondo. Um galho sobre a cabeça de Petúnia tinha caído. Lílian gritou. O galho atingiu Petúnia no ombro, e ela cambaleou para trás e irrompeu em lágrimas.

“Túnia!”

Mas Petúnia estava correndo para longe. Lílian se voltou para

snape.

“Você fez isso acontecer?”

“Não.” Ele parecia ao mesmo tempo insolente e assustado.

“Você fez!” Ela estava se afastando dele. “Você fez! Você a machucou!”

“Não – não, eu não fiz isso!”

Mas a mentira não convenceu Lílian. Depois de um último olhar de reprovação, ela correu do pequeno matagal atrás de sua irmã, e Snape ficou parecendo atordoado e confuso...

“É pra onde você está indo,” disse Petúnia com acidez. “Uma escola especial para aberrações. Você e aquele menino dos Snape... bizarros, é isso que vocês são. É bom que vocês sejam separados das pessoas normais. É para a nossa segurança.”

Lílian olhou na direção de seus pais, que estavam olhando pela plataforma com um ar de satisfação do fundo do coração, como se bebendo a cena. Então ela olhou de volta para Petúnia, e sua voz era baixa e firme.

“Você não achava que era uma escola de aberrações quando escreveu para o diretor e implorou para ele aceitá-la.”

Petúnia ficou rubra.

“Implorar? Eu não imploreo!”

“Eu vi a resposta dele. Foi muito gentil.”

“Você não devia ter lido – “ sussurrou Petúnia, “aquilo era privado – como pôde – “

Lília se entregou quando olhou meio de lado para onde Snape estava esperando, próximo. Petúnia engasgou.

Aquele menino encontrou! Você e aquele menino stavam espiando em meu quarto!”

“Não, não espiando – “ agora Lílian estava na defensiva “Severo viu o envelope, e ele não podia acreditar que um Trouxa pudesse ter contatado Hogwarts, é só isso! Ele diz que deve haver magos trabalhando disfarçados nos correios que tomam conta de – “

“Aparentemente os magos metem seus narizes em todo lugar!” disse Petúna, agora tão pálida quando esteve ruborizada.

“Aberração!” ela disparou para a irmã e correu para onde seus pais esperavam…

A cena dissolveu-se mais uma vez. Snape corria por um corredor do Expresso de Hogwarts enquanto este viajava pelo campo. Ele já tinha vestido suas vestes da escola, tinha talvez agarrado-se a primeira oportunidade de livrar-se de suas horrorosas roupas trouxas, Finalmente ele parou, do lado de fora de uma cabine na qual um grupo de meninos desordeiros estava conversando.

Apertada em um assento no canto estava Lily, sua face comprimida contra o vidro da janela.

Snape abriu a porta da cabine e sentou-se do lado oposto de Lily.

Ela lançou-lhe um olhar e logo voltou-se novamente para a janela.

Ela estivera chorando.

“Eu não quero falar com você,”ela disse em uma voz apertada.

“Por que não?”

“Túnia me odeia. Porque nós vimos a carta do Dumbledore.”

“E daí?”

Ela olhou-o com imenso desgosto.

“Ela é minha irmã!”

“Ela é só uma –“ Ele se pegou rapidamente; Lily, ocupada demais tentando limpar seus olhos sem que notassem, não o ouviu.

“Mas nós estamos indo!”ele disse incapaz de conter a excitação em sua voz. “É isso! Nós estamos indo para Hogwarts!”

Ela assentiu, esfregando seus olhos, mas apesar de si mesma ela deu um meio sorriso.

“É melhor que você vá para a Slytherin,” disse Snape, encorajado por ela ter se animado um pouco.

“Slytherin?”

Um dos garotos dividindo a cabine, que não tinha mostrado o menor interesse nem em Lily nem em Snape até aquele momento, olhou ao redor, ao daquela palavra. Harry que estivera inteiramente focado nos dois ao lado da janela, viu seu pai: pequeno, cabelos negros, como Snape, mas com um ar indefinível de quem tinha sido bem cuidado, até adorado, algo que Snape obviamente não possuía.

“Quem quer cais na Slytherin? Eu acho que eu abandonaria, você não?” James perguntou ao garoto no assento oposto ao seu, e Harry com um sacolejo notou que era Sirius. Sirius não sorriu.

“Toda minha família esteve na Slytherin.”ele disse.

“Oh,”disse James,“e eu que pensei que você parecia um cara legal!”

Sirius riu.

“Talvez eu rompa com a tradição. Para onde você vai se puder escolher?”

James ergueu uma espada imaginária,

“Gryffindor, onde se alojam os de bravo coração! Como meu pai.”

Snape emitiu um pequeno barulho destoante. James virou-se para ele.

“Você tem algum problema com isso?”

“Não,”disse Snape, embora seu pequeno som de desprezo o contradissesse. “Se você prefere ser musculoso do que ser esperto –“

“Para onde você espera ir, uma vez que não é nenhum dos dois?”intrometeu-se Sirius.

James gargalhou. Lily sentou-se, bem incomodada, e olhou para James e Sirius com desgosto.

“Venha, Severus, vamos achar uma nova cabine.”

“Ooooo...”

James e Sirius imitaram a elevada voz de Lily; James tentou fazer com que Snape tropeçasse ao passar.

“Vejo você por aí, Snivel us!”uma voz chamou enquanto a porta da cabine se fechava...

A cena dissolveu mais uma vez...

Harry estava atrás de Snape, enquanto eles encaravam as iluminadas mesas das Casas, alinhadas com faces enlevadas.
Então a Professora McGonagal disse, “Evans, Lily!”
Harry assistiu sua mãe andar com as pernas tremendo e sentar-se no pequeno banco. A Professora MacGonagal colocou o Chapéu Seletor na cabeça dela e quase um segundo depois de ter tocado a cabeça dela, o chapéu anunciou, “Gryffindor!”
Harry escutou Snape deixar escapar um pequeno gemido. Lily retirou o chapéu, devolveu-o a MacGonagal , então dirigir-se apressadamente até os animados Gryffindors, mas enquanto ela ia ela tornava a olhar para Snape, e havia um triste e pequeno sorriso no rosto dela. Harry viu Sirius se mover para abrir espaço para ela. Ela olhou-o uma vez, aparentemente reconheceu-o do trem, cruzou seus braços, e firmemente virou as costas para ele.
A seleção continuou. Harry assitiu Lupin, Pettigrw e seu pai se juntarem a Lily e Sirius na mesa da Grifinória. Até que finalmente faltava selecionar apenas cerca de uma dúzia de estudantes, a Professora McGonagal chamou Snape. Harry caminhou com ele até o banco, assistiu o chapéu ser ponto na cabeça dele.
“Slytherin!” anuncou o Chapéu Seletor.
E Severus encaminhou-se para o lado oposto do Salão, para longe de Lily, para onde os Sonserinos o felicitavam, para onde Lucius Malfoy com um distintivo de monitor no peito, bateu nas costas de Snape, enquanto este sentava-se ao lado dele.

Lily e Snape estavam caminhando pelo pátio do castelo, evidentemente discutindo. Harry se apressou a aproximar-se deles, para escutá-los. Alguns anos pareciam ter transcorrido desde a Seleção.

"...achei que nós fossemos amigos?" Snape estava dizendo.

"Melhores amigos?'

"Nós somos, Sev, mas eu não gosto das pessoas com quem você está andando! Desculpe-me, mas eu detesto Avery e Mulciber! Mulciber! O que você vê nele, sev, ele é esquisito! Você sabe o que ele tentou fazer com Mary Macdonald outro dia?"

Lily alcançara um pilar e se apoiara contra ele, olhando para cima, encarando o rosto fino, pálido.

"Aquilo não foi nada,"disse Snape. "Foi uma brincadeira, só isso –"

"Foi Magia Negra, e se você acha isso divertido –"

"E o que você diz das coisas que Potter e seus amigos to sempre aprontando?"exigiu Snape. Ele ficava vermelho enquanto dizia isso, incapaz ao que parecia de esconder seu ressentimento.

"O que tem o Potter com isso?"disse Lily.

"Eles escapam durante a noite, Tem algo estranho com esse Lupin. Para onde ele vai sempre?"

"Ele está doente,"disse Lily. "Eles dizem que ele é doente –"

"Todo mês durante a lua cheia?"disse Snape.

"Conheço sua teoria,"disse Lily, e ela soava fria. "Por que você está tão obcecado com eles? Por que se importa com o que eles fazem

durante a noite?”

“Eu estava somente tentando mostrar a você que eles não são tão maravilhosos quanto todos pensam que são.”

A intensidade do olhar dele fez com que ela corasse.

“Eles não usam Magia Negra, contudo.”

Ela abaixou a voz. “E você está sendo realmente mal agradecido. Eu ouvi o que aconteceu na outra noite. Você foi escondido até o Sagüeiro Lutador, e James Potter salvou você do que quer que esteja lá embaixo –“

A cara inteira de Snape se contorceu e ele balbulciou, "Salvo? Salvo? Você pensa que ele estava brincando de herói? Ele estava salvando o próprio pescoço e de seus amigos também! Você não está indo --Eu não deixarei você --"

"Me deixar? Me deixar?

Os olhos brilhantes de Lily pareciam fendas. Snape recuou de imediato.

"Eu não quis dizer --Eu apenas não a quero ver saindo com um tolo --Ele gosta de você, James Potter gosta de você!" As palavras saiam arrebatadas contra o seu controle. "E ele não é... todos pensam... grande herói de quadribol --" A amargura e o desagrado de Snape o faziam incoerente, e as sombrancelhas de Lily estavam viajando cada vez mais perto de sua testa.

"Eu sei que James Potter é um arrogante apanhador(não é bem isso mas o sentido é esse)," ela disse, cortando Snape. "Eu não

preciso que você me fale isso. Mas a idéia de humor de Mulciber e de Avery é diabólica. Diabólica, Sev. Eu não entendo como você pode ser amigos deles.

Harry duvidou que Snape sequer tenha ouvido as críticas dela a Mulciber e Avery. No momento que ela insultou James Potter, seu corpo inteiro estava relaxado, e enquanto eles caminhavam havia um novo salto no andar de Snape...

E a cena se dissolveu...

Harry observou novamente Snape deixar o Salão Principal após seus NOM's de Defesa Contra as Artes das Trevas, e observou como ele vagueou para fora do castelo e sentou-se inadvertidamente perto árvore onde James, Sirius, Lupin e Pettigrew entavam sentados em baixo. Mas Harry manteve distância dessa vez, porque ele sabia o que aconteceia depois, James teria suspendido Severus no ar e ridicularizado ele; ele sabia o que havia sido feito e dito, e não lhe deu nenhum prazer ouvir isso novamente... Ele observou Lily se juntar so grupo e sair em defesa de Snape. Distante ele ouviu Snape disparar nela sua humilhação e sua fúria, a palavra imperdoável: Sangue-sujo"

A cena mudou...

"Eu sinto muito."

"Eu não estou interessada."

"Eu sinto muito."

"Poupe-me"

Já era noite. Lily, que estava usando um vestido, sustentava seus braços cruzados em frente ao retrato da mulher gorda, entrada da torre da grifnória.

"Eu somente vim aqui porqie Mary me disse que você estava ameaçando dormir aqui.

"Eu estava. E eu teria dormido. Eu nunca quis chama-la de sangueruim, eu apenas--"

"Deixou escapar?" Não havia misericórdia na voz de Lily. "Está muito tarde" Eu produzi desculpas por você durante anos. Nenhum dos meus amigos entende porque eu falo com você. Você e seus preciosos amigos Comensais da Morte --pra você ver, você nem ao menos nega isso. Você não nega porque você é tudo o que aparenta ser! Você mal pode esperar para se juntar a Você-sabequem,não é mesmo?

Ele abriu a boca, mas fechou sem dizer uma palavra.

"Eu não posso mais fingir. Você escolheu o seu caminho, e eu escolhi o meu."

"Não --escute, eu não quis te chamar--"

"--me chamar de sangue-ruim? Mas você chama todos com linhagens iguais a minha de sangue-ruim, Severus. Porque comigo seria diferente?

Ele lutou pra se manter a margem do discurso, mas com um olhar desdenhoso ela se virou e passou através do buraco do retrato...

A cena se dissolveu novamente, e demorou um pouco mais a se formar... pareceu que Harry estava voando através de formas e

cores até que seu ambiente se solidificou de novo e ele se levantou em uma colina onde era frio e estava escuro. O vento apitava através das folhas das poucas árvores. O Severo adulto estava ofegante, ligando o local, com uma varinha estreita em sua mão, esperando alguma coisa ou para alguém...

Seu medo contaminou Harry também, embora ele soubesse que não podia haver malefício para ele, e ele olhava acima dele esperando que o que Snape estava esperando...

Então como um sego ele jogou um facho de luz através do ar. Harry pensou que era um relâmpago, mas Snape tinha caído, e sabia que sua varinha tinha voado para longe dele.

Não me mate!!!

Não é essa a intenção!

Qualquer som que Dumbledore tinha feito ao aparatar, tinha sido encoberto pelo som do vento nas folhas.

Ele se firmou antes de Snape se arrumar com as roupas em frangalhos, e seu rosto estava iluminado por uma luz vinda da varinha.

Bem, Severus? Que mensagem Lord Voldemort tem prá mim?

Não, não é nenhuma mensagem, vim aqui por conta própria, disse apertando as mãos.. o olhar dele estava um pouco 'louco', tentando ajeitar seu cabelo preto voando em seu redor.

Eu venho aqui com um aviso – não mandado por voldemort – por favor...

Dumbledore fez sua varinha cintilar. Ainda que folhas estivessem voando através da noite e o silêncio caído no local, Dumbledore e Snape estavam encarando um ao outro.

Que aviso poderia um comensal da morte trazer para mim?

“a profecia... a profecia... Trelawney…”

Ahn sim... disse Dumbledore...

Quanto vc relatou ao Lorte Voldemort?

Tudo!!! Tudo o que eu ouvi! Disse Snape. Que é porque – é por esta razão – ele pensa que se refere a Lílian Evans!

A profecia não se refere a uma mulher, disse Dumbledore. Falou de um benino nascido no final de julho...

Vc sabe o que significa! Ele pesou que significava seu filho, ele está indo atrás dela – vai matá-los todos – “

E se ela significa tanto para vc, disse Dumbledore, talvez Lord Voldemort a pouparia para vc?

Vc não poderia pedir em favor da mãe, em troca do filho?

Eu pedi, eu pedi

Você me enoja disse Dumbledore, e harry nunca havia ouvido tanto desgosto em sua voz. Snape pareceu se encolher um pouco, você não se importa então com as morte do marido e do filho dela? Eles podem morrer se você conseguir o que você quer?

Snape não disse nada, ele apenas olhou para Dumbledore.

Esconda todos eles então ele (croaked, creio q seja chramingou).

Mantenha ela, eles a salvo por favor.

E o q você me daria em troca Severus?

Em em troca disse Snape agaraado a Dumbledore, e harry esperrou q ele protesta-se, mas depois de um longo momento ele disse, qualquer coisa.

O hil top sumiu, e harry estava no escritório de dumbledore, e algo estava fazendo um som terrível, como um Wounded animal. Snape estava sentado em uma cadeira e Dumbledore estava parado a sua frente, looking grim. Depois de um momento ou dois,Snape levantou seu rosto e ele parecia como um homem que havia vivido centenas de anos de miséria desde deixaram as colinas

Eu pensei... que você iriam mante-la a salvo.

Ela e Thiago confiaram na pessoa errada disse Dumbledore, assim como você Severus. Você não esperava que Lord Voldemort iria poupa-la?

A respiração de Snape era superficial.

O menino dela sobreviveu disse Dumbledore.

With a tiny jerk of the head, Snape seemed to flick off an irksome fly.

O filho dela vive, ele tem os olhos dela, você lembra do brilho e da cor dos olhos de Lílian Evans, eu penso?NÃOO!!! Gritou Snape estão mortos.

Isso é o remorsio Severus?

Eu desejo, eu quero estar morto

E que uso isso teria para qualquer um? Disse Dumbledore friamente, se você amava Lílian Evans, se você realmente amava

ela, então seu caminho a frente está limpo

Snape parecia sucumbir pela tamanha dor e as palavras de Dumbledore pareceram demorar um longo tempo para atingi-lo.

O--o que vc quer dizer?

Você sabe como e porque ela foi morta, faça com que isso não seja em vão, me ajude a proteger o filho de Lílian.

Ele não precisa de proteção agora que o Lord se foi.

O lord das trevas vai retornar, e Harry Potter vai estar em grande perigo quando isso acontecer.

Houve uma grande pausa, e lentamente Snape recuperou o controle sobre si mesmo, controlando sua própria respiração, por fim ele disse, muito bem muito bem. Mas nunca conte nada, Dumbledore! Isto deve ficar entre nós! Jure! Eu não posso... especialmente do filho do Potter, eu quero a sua palavra.

Minha palavra Severus, de que eu nunca irei revelar o melhor de você? Disse Dumbledore olhando baixo para o rosto feroz e angustiado de Snape. Se você insiste....

O escritório se dissolveu mas se reformou instantaneamente. Snape estava andando pra cima e pra baixo em frente de Dumbledore.

Medíocre e arrogante como o seu pai, um quebrador de regras, deleitando-se em se achar famoso, inpertinente.

Você vê o que você quer ver Severus, disse Dumbledore, sem tirar os olhos de uma copia do transfiguração hoje. Outros professores dizem que o garoto é modesto, amável e rasoavelmente talentoso.

Pessoalmente, eu acho ele uma criança encantadora.

Dumbledore virou a pagina e disse sem olhar pra cima, vc não quer manter os olhos no Quirrel ?

A whirl of color, e agora tudo estava escuro, e Snape e Dumbledore estavam perto da entrada do hal , enquanto os últimos straggler from de yule bal passaram por eles em seu caminho para a cama.

Bem? Murmurou Dumbledore.

A marca de Karkaroff está se tornando mais negra também, ele está em pânico, ele teme retaliação, você sabe o quanto ele ajudou o ministério depois da queda do Lorde das Trevas. Snape olhou de perfil o nariz torto de dumbledore. Karkaroff pretende fugir se a marca queimar.

Ele pretende? Disse Dumbledore mansamente, enquanto Fleur Delacour e Roger Davies vinham dos terrenos. E você está tentado a ir junto com ele?

Não disse Snape, seue olhos pretos olhando para as figuras de Fleur e Roger, eu não sou tão covarde.

Não, concordou Dumbledore você é um homem muito mais corajoso que Igor Karkaroff.

You know, I sometimes think we Sort too soon…”

Ele foi embora deixando Snape olhando bobo.

E agora Harry estava no escritório do diretor novamente, era noite, e Dumbledore estava caído na cadeira parecida com um trono atrás da mesa semi—consciente. Sua mão direita estava jogada de lado,

enegrecida e queimada. Snape estava murmurrando encantamentos, apontando sua varinha para a mão, enquanto com a mão esquerda ele pegou um globo cheio de uma poção dourada e fez dumbledore engolir. Depois de um momento ou dois os olhos de dumbledore se mecheram e abriram.

Porque disse Snape sem rodeios, por que vc colocou aquele anel? Isto carrega uma maldição, com certeza você sabia disso. Porque encostar nisso?

O anel de Marvolo Gaunt estava pousado sobre a mesa de dumbledore, ele estav quebrado, a espada de Gryffindor estava do lado.

Dumbledore grimaced.

Eu fui um tolo, foi tentado...

Tentado pelo que?

Dumbledore não respondeu.

È um milagre que você tenha conseguido voltar aqui! Snape disse furioso. Esse anel carregava uma maldição de poder extraordinário, conte-la é tudo o q nós podemos fazer, eu tranquei a maldição em uma mão por um tempo.

Dumbledore levantou sua enegrecida e inútil mão e examinou-a com a expressão de alguém que mostra uma curiosidade interessante.

Você fez muito bem Severus, quanto tempo você acha que eu tenho?

O tom de Dumbledore era de conversa, ele parecia pedir por uma previsão do tempo, Snape hesitou, e então disse, eu não posso dizer com certeza, talvez um ano. Não existe nada que segure um encantamento pra sempre. Eventualmente isso ira se soltar, esse é o efeito da magia com o tempo.

Dumbledore sorriu, as noticias de que ele tinha menos de um ano para viver pareciam ter um pouco de conformidade.

Eu sou afortunado, extremamente afortunado, por que eu tenho você Severus.

Se você tivesse me chamado um pouco mais cedo eu poderia ter feito mais, ganho mais tempo pra você! Disse Snape furiosamente. Ele olhou para baixo para o anel quebrado e para a espada. Você pensaou que quebrar o anel quebraria a maldição?

Algo como isso...eu estava delirando, sem duvida... disse Dumbledore com um suspiro se reencostando em sua cadeira, Bem, isso faz as coisas muito mais fáceis.

Snape olhou perplexo. Dumbledore sorriu.

Eu me refiro ao plano que Lorde Voldemort tem sobre mim. O plano dele de mandar o pobre menino malfoy me matar.

Snape se sentou na cadeira que harry havia ocupado por tanto tempo. Harry poderia dizer que ele queria ouvir mais sobre a mão amaldiçoada de Dumbledore, mas the other held it up in polite refusal to discuss the matter further.

Scowling , disse Snape, O Lorde das Trevas não espera que Draco

consiga, isso é apenas uma puniçãopelas falhas recentes do Lucius, uma tortura lenta para os parentes do Draco, enquanto eles assistem ele falhar e pagar o preço.

Em resumo, o garoto tem uma sentença de morte sobre ele assim como eu tenho, disse dumbledore. Agora, eu devo eu devo presumir que o sucessor do trabalho caso Draco falhe é você?

Houve uma pequena pausa

Esse, eu penso, é o plano de Lorde.

Lorde Voldemort enxerga um futuro próximo em que ele não precisará de um espião em Hogwarts?

Ele acredita que a escola vai estar logo sobre o seu comando sim.

E se ela cair em suas mãos disse Dumbledore, almost, it seemed, as an aside, eu tenho a sua palavra de que você fará tudo que estiver ao seu alcance para proteger os estudantes de hogwarts?

Snape deu uma confirmação com a cabeça.

Bom, agora, sua maior prioridade será descobrir o que Draco está fazendo. Um adolescente assutado é um perigo para os outros como é para si mesmo. Ofereça ajuda e direção, ele deve aceitar, ele gosta de você.

Muito menos depois que seu pai foi pego. Draco me culpa, ele acha que eu roubei a posição de Lucius.

Do mesmo modo, eu estou menos preocupado comigo do que com as vitimas acidentais que podem ocorrer nas tentativas do garoto.

Por ultimo, é claro, existe apenas mais uma coisa que devemos

fazer para livrar o garoto das garras do Lorde Valdemort.

Snape levantou seus olhos e em seu tom sarcástico e perguntou,

voc~e está pretendendo deixar ele te matar?

Certamente não, VOCÊ deve me matar

06:26(5 horas atrás)

Foi um longo silêncio, quebrado apenas por um ruído estalado. A

fênix Fawkes estava mordendo um pouco de cuttlebone. (cuttlebone

é um tipo de suplemento alimentar para dietas de canários, não

achei tradução)

“Você gostaria que eu fizesse agora?” perguntou Snape, sua voz

pesada com ironia. “Ou gostaria de alguns momentos para compor

um epitáfio?”

“Oh, não ainda,” disse Dumbledor, sorrindo. “Eu ouso dizer que o

momento aparecerá na hora certa. Levando em conta o que foi dito

essa noite” ele indicou sua ferida mão "nós podemos estar certos

de que acontecerá dentro de um ano”.

”Se você não se preocupa em morrer,” -disse Snape aproximandose
“porque não deixa Draco fazer isso?”

”A alma desse garoto ainda não está danificada.” Disse Dumbledor.

“Eu não gostaria que se rasgasse por minha causa.”

“E a minha alma, Dumbledor? E a minha?”.

“Só você sabe se feriria sua alma evitar que um velho homem sofra

dor e humilhação.” Disse Dumbledor. Eu peço esse grande favor a

você, Severo, porque minha morte está próxima tão certa quanto o

fato de que os Chudley Cannons ficarão no fundo da liga. Eu

confesso que eu preferiria uma saída rápida e indolor, ao caso bagunçado e alongado que seria se Greyback estivesse envolvido, por exemplo – Eu ouvi que Voldemort esteve recrutando ele? Ou a querida Bel atrix, que gosta de jogar com a comida antes de comêla.
Seu tom era claro, mas seus olhos azuis perfuravam Snape da mesma forma que frequentemente perfuravam Harry, como se a alma que discutiam era visível a ele. Por último assentiu brevemente. Dumbledor pareceu satisfeito.

“Obrigado, Severo...”

O escritório desapareceu e agora Snape e Dumbledor estavam dando uma volta juntos nas terras desertas do castelo pelo crepúsculo.

“O que você tem feito com o Potter, todas essas noites em que vocês estão juntos?” - Snape perguntou abruptamente.

Dumbledor olhou cansado.

“Por quê? Você não está tentando dar-lhe mais detenções, Severo? Logo o garoto terá gasto mais tempo com detenções do que fora delas!”

“Ele é seu pai outra vez -”

"Nos olhos, talvez, mas em sua natureza mais profunda é muito mais como sua mãe. Eu gasto o tempo com Harry porque eu tenho coisas a discutir com ele, informação que eu devo lhe dar antes que seja tarde de mais."

“Informação” repetiu Snape “Você confia nele... Você não confia em mim!”

“Isso não é questão de confiança! Eu tenho, como você deve saber, tempo limitado. É essencial que eu dê ao menino informação para ele fazer o que necessita fazer.”

”E porque eu não posso ter a mesma informação?”

Eu prefiro não colocar meus segredos em uma única cesta, particularmente não numa cesta que gasta muito tempo arriscandose no círculo do Lord das Trevas. (é cesta mesmo, basket)

”Que eu faço às suas ordens!”

“E você o faz extremamente bem. Não pense que eu não estimo o perigo constante em que você se coloca, Severo. Para dar a Voldemort o que aparenta ser valiosa informação enquanto retém o essencial é um trabalho que eu não confiaria a ninguém a não ser a você!”

”Contudo você confia muito mais em um garoto que é incapaz de utilizar a Oclumência, cuja mágica é medíocre, e que tem direto conexão com a mente do Lord das Trevas!”

“Voldemort teme essa conexão.” disse Dumbledor. “Não foi há muito tempo atrás que ele teve uma pequena prova do que significa de verdade compartilhar a sua mente com a do Harry significa. Foi uma dor tal como ele nunca experimentou. Tenho certeza de que não tentará possuir Harry outra vez. Não dessa maneira.”

“Eu não entendo.”

“A alma de Lord Voldemort, dividida como é, não pode ter contato com uma alma como a do Harry. É como se a língua estivesse grudada em uma chapa de metal congelada, como se a carne

estivesse em chamas.”

”Almas? Nós estávamos falando de mentes!”

“No caso de Harry e Lorde Voldemort, falar de uma coisa é falar da outra.”

Dumbledor olhou de relance ao redor para certificar-se de que estavam sozinhos. Estavam próximos da floresta proibida agora, mas não havia nenhum sinal de ninguém perto deles.

“Depois que você tiver me matado, Severo –“

”Você se recusa dizer a mim qualquer coisa, contudo você espera esse pequeno serviço de mim!” –grunhiu Snape e uma raiva real alargou-se em sua cara fina.

“Você conta com muita coisa, Dumbledor! Talvez eu tenha mudado de idéia!”

Você me deu sua palavra, Severo. E enquanto nós estivermos falando de serviços que você deve a mim, eu penso que você concordou em manter-se de olho no seu amigo Sonserino?"

Snape olhou irritado, revoltado. (mutinous, não sei se é esse o sentido)

"Venha ao meu escritório está noite, Severo, às onze, e você não se queixará que eu não tenho nenhuma confiança em você."

Andre

06:30(5 horas atrás)

Estavam de volta ao escritório de Dumbledore, na obscuridade das janelas, e em silencioso. Fawkes estava sentado tão

silenciosamente como Snape que não havia se sentado ainda porque Dumbledore andava em volta dele, falando.

"Harry não deve saber, não até o último momento, não até que esteja necessário, se não como poderia ter a força para fazer o que deve ser feito?"

"Mas o que ele deve fazer?"

"Isto é entre o Harry e eu. Escute com atenção, Severo. Virá logo após a minha morte. Não discuta, não interrompa! Virá uma época em que Lorde Voldemort temerá pela vida de sua serpente."

"A Nagini?" - Snape olhou atônico.

"Precisamente. Se vier uma época em que Lorde Voldemort parar de colocar essa serpente para suas oferendas e passar a mantê-la segura do lado dele sob proteção mágica, então, eu penso que será seguro dizer a Harry."

"Dizer a ele o quê?"

Dumbledore respirou fundo e fechou os olhos.

“Dizer a ele que na noite em que Voldemort tentou mata-lo, quando Lily colocou sua própria vida entre eles como um escudo, A maldição da Morte se voltou para Lord Voldemort e um fragmento de sua alma [Voldemort] foi separada do resto e se alojou na única alma viva naquele local. Uma parte de Lord Voldemort vive dentro de Harry, e é isso que dá a ele o poder de falar com as cobras e uma conexão com a mente de Lord Voldemort a qual ele nunca entendeu. E enquanto esse fragmento de alma perdido por

Voldemort continuar atado e protegido em Harry, Lord Voldemort não pode morrer.

Harry pareceu estar assistindo os dois homens do final de um longo túnel, eles estavam tão longe dele, suas vozes ecoando estranhamente em seus ouvidos.

“Então o garoto...o garoto deve morrer?” perguntou Snape calmamente

“E o próprio Voldemort deve fazer isso Severo. Isso é essencial”

Outro longo silêncio. E então Snape disse “Eu pensei...depois de todos esses anos ....que nós estávamos protegendo ele por ela. Por Lily”

Nós temos o protegido por causa que é essencial ensiná-lo, a crescer, a deixá-lo tentar suas forças, disse Dumbledore, seus olhos ainda estavam apertados. Meanwhile, a conexão entre eles cresce cada vez mais forte, como um parasita em crescimento. Algumas vezes eu tenho pensado se ele suspeita de si mesmo.

Se eu o conheço, ele terá organizado as coisas de modo que quando ele encontrar sua morte, será verdadeiramente o final de Voldemort”

Dumbledore abriu seus olhos. Snape olhou para ele horrorizado.

Nós o temos mantido vivo para que ele possa morrer em qualquer momento?”

Não, parecendo chocado, Severus. Quantos homens e quantas mulheres ele já matou?

Somente aqueles que eu não pude salvar, disse Snape. Ele parou.

“Vc me usou”.

“como?”

Eu tenho espionado para vc e mentido por vc, posto minha vida em perigo por vc. Cada coisa foi supostamente para manter o filho de Lílian Potter seguro.

Agora você me diz você tem estado educando-o ele como um porco para matança (estranha a frase, mas é essa mesma) – ”

“Mas isso é necessário Severus,” disse Dumbledore gravemente.

“Vc tem ajudado a proteger o garoto afinal de contas?

“Por ele?” Gritou Snape. “Expecto Patronum!!”

De sua varinha saiu um ‘burst’ prateado. Ela saiu do chão do escritório, e vez uma ligação através do escritório, saindo através da janela... (???)

Dumbledore olhou para ela voando e se afastando, e ccom um brilho de prata desvanecendo, ele tornou a olhar para Snape, e seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Depois de todo este tempo?

“sempre” disse Snape.

E a cena se modificou. Agora Harry viu Snape conversando com o retrato de Dumbledore atrás de sua mesa.

VC terá de dar a Voldemort a data correta da partida do seu tio e da sua tia, disse Dumbledore. Para não haver nenhuma suspeita, quando Voldemorte acredita que vc está tão bem informado.

Contudo, vc precisa criar uma desconfiança; que eu penso, que deve dar a Harry segurança. Tente confundir Mundungus Fletcher.
E Severus, se vc for forçado a fazer parte da perseguição, não se esqueça de atuar convincentemente... Eu estou contando com vc para lembrar a Lord Voldemort (que há bons livros Lord Voldemort's good books, não faz sentido), como longas são as possibilidades, ou Hogwarts será deixada a merê dos Carrows...
Agora Snape estava frente a frente com Mundungus em uma taverna familiar. Mundungus com um olhar curiosamente branco e Snape em forte concentração...
Vc irá sugerir a Ordem da Fênix" Snape murmurou... "que eles usem a poção polissuco. Idênticos Potters. Isso é somente uma coisa para vc fazer. Vc esquecerá que eu tenha sugerido isto. Vc apresentará esta idéia como sua própria idéia. Vc entendeu?"
"Eu entendi" Murmurou Mundungus, seus olhos estavam desfocados...
Agora Harry estava voando ao lado de Snape, através de um cambo, numa noite clara. Ele estava acompanhando por outros hodded comensal da morte, e à frente estava Lupin e Harry que era, na verdade, Jorge... Um comensal da morte moveu a cabeça para Snape e apontou sua varinha diretamente para as costas de Lupin.
"Sectumsempra! Gritou Snape.
Mas o feitoço, enviado para o comensal da morte, esbarrou na varinha da sua mão e atingiu Jorge ao invés dele...

E próximo, Snape estava ajoelhado no antigo quarto de dormir de Sirius. Lágrimas caíam de seu rosto enquanto ele lia a antiga carta de Lílian.

A segunda página trouxe somente umas poucas palavras

“Podia ter como amigo alguém como Gel ert Grindelwal; Eu penso que ele mentia...

Montes de amor,

Lily”

Snape pegou a pagina contendo a assinatura de lílian e o seu amor, e guardou dentro do seu robe. Então ele partiu em duas a fotografia que ele estava guardando, pegou a parte onde Lílian sorria, jogando a parte que mostrava Thiago e Harry devolta no baú de quinquilharias.

E agora Snape estava denovo no escritório quando Phineas nigel us veio correndo em seu retrato.

Diretor! Eles estão acampando na floresta de Dean! A sangue— ruim...

Não use essa palavra!!!!

A menina Granger, mencionou o lugar quando ela abriu sua bolsa e eu a ouvi.

Bom, muito bom! Disse o retrato de Dumbledore atrás da mesa do diretor. Agora, Severus, a espada! Não se esqueça que isso tem que ser dado em condições de precisão e valor, e ele não pode saber que você levou a ele! Se Voldemort poder ler a mente de

Harry e ver você ajudando ele.

Eu sei disse Snape secamente. Ele retirou o retrato de Dumbledore e colocou de lado, em sua frente revelou-se uma cavidade escondida, atrás da cavidade ele pegou a espada de Gryffindor.

E você não vai me contar por que é tão importante entregar a espada para o Potter? Disse Snape enquanto ele colocava uma capa de viagem sobre suas roupas.

Não, eu acho que não disse o retrato de Dumbledore. Ele saberá o que fazer com isso e Severus, tenha muito cuidado, eles não vão aceitar uma aparição sua depois da orelha de George Weasley.

Snape voltou a porta.

Não se preocupe Dumbledore, ele disse friamente, eu tenho um plano...

E snape deixou a sala. E Harry saiu da penseira, momentos depois ele estava no chão exatamente na mesma sala em que Snape havia acabado de fechar a porta.



Capítulo 34

Novamente a Floresta

Finalmente, a verdade. Encontrando-se com sua cara pressionou-a no tapete empoeirado do escritório onde tinha pensado uma vez que aprendia os segredos da vitória, Harry compreendeu no último que não sabia como sobreviver. Seu trabalho estava andando calmamente nos braços da morte, dando-lhe as boas-vindas. Ao longo do caminho, ele devia dispor das ligações restantes de Voldemort à vida, para que quando finalmente ele se arremessasse através do caminho de Voldemort, e não levantasse uma varinha para defender-se, o fim seria limpo, e o fim que deveria ter sido feito na Cova de Godric seria terminado. Nenhum viveria, nenhum poderia sobreviver.

Ele sentiu o seu coração dar pancadas ferozmente no seu peito. Como era estranho que no seu medo da morte, ele agüentou tudo o mais duramente, valentemente, mantendo-o vivo. Mas ele teria de parar, e logo. Os seus golpes foram numerados. Haveria uma hora para quando faria isso, ele subiu e andou pelo castelo pela última

vez, fora das terras e na floresta?

O terror lavou-se por cima dele quando ele se pôs a andar, como aquele tambor de funeral que soava dentro dele. Doeria para ele morrer? Todos aqueles anos ele tinha pensado que estivera a ponto de acontecer e tinha escapado, ele realmente nunca tinha pensado na própria coisa: A sua vontade para viver sempre era mais forte do que o seu medo da morte. Contudo nada ainda tinha lhe ocorrido para tentar evitar, ultrapassar Voldemort. Estava acabado, ele sabia-o, e tudo que ele fez foi deixado para a própria coisa: morte. Se ele poderia somente ter morrido na noite daquele Verão quando ele tinha deixado o número quatro, Passeio de Alfena, pela última vez, quando a varinha de pena de fênix nobre o tinha salvado! Se ele só pode ter morrido como Hedwig, assim rapidamente não saberia o que tinha acontecido! Ou se ele poderia ter se lançado à frente de uma varinha para salvar alguém que ele amou... Ele invejou até mortes dos seus pais agora. Este passeio de sangue frio à sua própria destruição necessitaria de uma espécie diferentede coragem. Sentiu seus dedos que tremerem ligeiramente e fez um esforço para controlá-los, embora ninguém pudesse vê-lo; os retratos nas paredes estavam todos vazios.

Lentamente, muito lentamente, ele sentou-se acima, e quando ele fez isso sentiu-se mais vivo e mais consciente do seu próprio corpo vivo do que alguma vez antes. Por que ele os tinha apreciado como um milagre agora, cérebro, nervo e coração? Tudo acabaria indo...

ou pelo menos, iriam com ele. Sua respiração veio lenta e profunda, e sua boca e garganta estavam completamente secas, mas os seus olhos também estavam.

A traição de Dumbledore não foi quase nada. Naturalmente havia mais um grande plano: Harry tinha sido simplesmente demasiado louco para vê-lo, ele realizava isto agora. Ele nunca tinha interrogado a sua própria suposição que Dumbledore o quis vivo. Agora ele percebia que sua extensão de vida sempre era determinada por quanto tempo ele levava para eliminar todas as Horcruxes. Dumbledore tinha passado o trabalho de destruí-las para ele, e obedientemente ele tinha continuado no cumprimento de obrigações não só Voldemort, mas a ele, à vida! Como puro, como elegante, para não desperdiçar mais vidas, mas para dar a tarefa perigosa ao rapaz que já tinha sido marcado para a matança, e cuja morte não seria uma calamidade, mas outro sopro de encontro a Voldemort.

E Dumbledore sabia que Harry não sairia fora, que ele continuaria indo até o fim, embora ele fosse o seu fim, porque ele tinha tomado a preocupação para vir conhecê-lo, não é? Dumbledore sabia, como Voldemort soube, que Harry não deixaria ninguém mais morrerpor ele, agora que ele tinha descoberto que estava em seu poder pará-lo. As imagens de Fred, Lupin, e Tonks mortos na Grande Sala fez recuar o seu caminho da sua mente, e por um momento ele pode respirar apenas. A morte foi impaciente... Mas

Dumbledore tinha-o superestimado. Ele tinha falhado: A serpente sobreviveu, uma horcruxe ficou atando Voldemort à terra, até depois que Harry tinha sido morto. A verdade é que isto significaria um trabalho mais fácil para alguém. Ele admirou-se quem o faria... Ronny e Hermione saberiam o que tinha de ser feito, naturalmente... Teria sido por isso que Dumbledore quis que ele confiasse em outros dois ... de modo que se cumprisse o seu destino verdadeiro um pouco adiantado, poderiam continuar…

Como uma chuva em uma janela fria, esses pensamentos tamborilaram contra a superfície difícil da verdade incontrovertível, que era a que ele devia morrer. Devo morrer. Deve terminar.

Ron e Hermione pareciam muito longe, em um país distante; e ele sentiu-se como se ele tivesse se separado deles há muito. Não haveria nenhum adeus e nenhuma explicação, foi determinado deste modo. Esta era uma viagem que eles não poderiam fazer juntos, e as tentativas que eles fariam para pará-lo desperdiçariam um tempo valioso. Ele olhou para o relógio dourado batido que ele tinha ganhado no seu décimo sétimo aniversário. Quase a metade da hora dada por Voldemort para sua rendição tinha se passado.

Ele levantou-se. O seu coração pulava contra as suas costelas como um pássaro frenético. Possivelmente ele sabia que tinha pouco tempo ainda, possivelmente foi determinado para cumprir golpes de uma vida antes do fim. Ele não olhou para trás quando fechou a porta do escritório. O castelo estava vazio. Ele sentiu um

espectro medir passos com ele sozinho, como se ele já tivesse morrido. As pessoas dos retratos ainda falavam das suas armações; o lugar inteiro foi sinistramente evaporando, como se todo o seu sangue vital restante fosse concentrado na Grande Sala, onde os mortos e os lamentadores estavam sendo juntados.

Harry puxou a Capa da Invisibilidade por cima dele e desceu pelos andares, na última marcha da escadaria de mármore na sala de entrada. Possivelmente alguma parte muito pequena dele esperou ser sentida, ser vista, ser parada, mas a Capa esteve, como sempre, impenetrável, perfeita, e ele alcançou as portas dianteiras facilmente.

Então Nevil e quase bateu nele. Ele era uma metade de um par que transportava um corpo entre as terras. Harry olhou de relance para abaixo e sentiu outro sopro maçante no seu estômago: Colon Creevey, embora menor de idade, ele deve ter andado furtivamente atrás dele tal como Malfoy, Crabbe, e Goyle tinham feito. Faltava pouco para sua morte.

“Você sabe quem é? Eu posso controlá-lo sozinho, Nevil e,” disse-o Harry Potter, e ele levantou Colon por cima de seu ombro e transportou-o até a Grande Sala.

Nevil e inclinou-se de encontro ao frame de porta por um momento e limpou sua testa com a parte traseira de sua mão. Ele pareceu um homem velho. Então ele partiu na escuridão para fora outra vez afim de recuperar mais corpos.

Harry fez um exame da sala atrás da porta na entrada da Grande Sala. Pessoas moviam-se em volta, tentando consolar uns aos outros, bebendo, ajoelhando-se ao lado dos mortos, mas ele não podia ver algumas das pessoas que ele amou, nenhuma insinuação de Hermione, Ronny, Ginna, ou nenhum de outros Weasleys, nenhuma Luna.Ele sentiu que ele teria dado todo o tempo restante para apenas um último olhar neles; mas então, ele teria alguma vez a força para deixar de olhar? Ele pareceu-se melhor com isto.

Ele abaixou os passos e saiu para a escuridão. Eram quase quatro de manhã, e a calma mortal das terras sentiu-se como se eles prendessem a sua respiração, esperando ver se ele poderia fazer o que ele devia. Harry moveu-se em direção a Nevil e, que se debruçava sobre outro corpo.

- “Nevil e. ”

- “Harry, você quase me mata do coração!"

Harry tinha retirado a capa: A idéia não tinha vindo de nenhum lugar, fora carregado de um desejo de fazer absolutamente o certo.

- "Onde você está indo, sozinho? "Nevil e perguntou suspeitosamente.

- "Isto é toda a parte do plano," disse Harry.

- "Há algo que eu tenho de fazer. Escute - Nevil e"

- "Harry! " Nevil e pareceu repentinamente assustado.

- "Harry, você não está pensando em entregar-se está?"

- "Não," Harry mentiu facilmente. - "'Claro que não ... isto é algo

mais. Mas eu poderia estar longe da vista durante algum tempo. Você conhece a serpente de Voldemort. Nevil e? Ele tem uma enorme serpente... Chamada Nagini...”

- "Ouvi falar dela, sim... Que tem ela?"

- “Isto tem que ser morto.”

Ron e Hermione sabem disso, mas a título de prevenção eles ---"a venerabilidade daquela possibilidade o sufocou por um momento, fez o possível para continuar falando. Mas ele disse novamente: Isto era crucial, ele devia parecer-se com Dumbledore, manter uma mente fresca, assegurar-se que havia apoios, outros a continuar. Dumbledore tinha morrido sabendo que três pessoas ainda sabiam sobre as Horcruxes; agora Nevil e tomaria conhecimento: Haveria além de Harry, ainda mais três sabendo do segredo.

- "A título de prevenção eles estão---ocupados---e você torna-se a possibilidade---"

- "Matar a cobra?"

- "Matar a cobra," repetiu-se Harry.

- "Muito bem, Harry. Você me aprova, não é?"

- "Você é perfeito. Orbigado, Nevil e."

Mas Nevil e agarrou o seu pulso fazendo com que Harry parasse.

- "Estamos todos indo continuar lutando, Harry. Você sabe disto?"

- "Sim, eu---"

Um sentimento sufocado extinguiu o fim da sentença; ele não pode seguir. Nevil e não pareceu achá-lo estranho. Ele acariciou Harry no

ombro, liberou-o, e partiu para procurar mais corpos. Harry balançou a capa por cima dele e andou. Alguém mais não muito longe movia-se, inclinando-se por cima de outra figura propensa na terra. Estava longe dele quando ele viu que era Ginna. Ele parou no seu caminho. Ela agachava-se por cima de uma menina que sussurrava para sua mãe.

- "Está muito bom," dizia Ginna. - "Está bem. Estamos indo começálo para dentro."

- "Mas quero ir para casa," sussurrou a menina. - "Não quero lutar mais!"

- "Sei," disse Ginna, e a sua voz se quebrou. - "Ela está indo muito bem."

Ondulações de frio batiam por cima da pele de Harry. Ele quis gritar à noite, ele quis que Ginna soubesse que ele estevalá, ele quis que ela soubesse onde ele estava indo. Ele quis ser parado, ser arrastado para trás, ser mandado para casa...

Mas ele não tinha casa. Hogwards foi a primeira e a melhor casa que ele havia conhecido. Ele, Voldemort e Snape, rapazes abandonados, todos tinham encontrado repouso por lá...

Ginna ajoelhava-se junto da menina ferida agora, prendendo a sua mão. Com um enorme esforço Harry forçou-se a passar. Pensou que ele viu o olhar de Ginna ao redor enquanto ele passou, e se admirou se ela tinha sentido alguém andar próximo, mas ele não falou, e ele não olhou para trás.A cabana de Hagrid apareceu fora da escuridão. Não houve nenhuma luz, nenhum som do Colmilho

arranhar a porta, o seu latido em crescimento de boas-vindas.
Lembrou-se de todas aquelas visitas a Hagrid, e o vislumbre da caldeira de cobre no fogo, e bolos de rocha e larvas gigantescas, e a sua grande cara barbuda, e Ron que vomitando lesmas, e Hermione o ajudando a salvar Norbert...

Ele continuou andando, agora alcançando o fim da floresta e parou.
Um enxame de dementadores estavamplanando em meio às árvores; ele podia sentir sua ansidade, e não tinha certeza se poderia passar por eles em segurança. Ele não tinha força para um Patrono naquele momento. Não podia controlar sua tremedeira.
Não era, afinal de contas, tão fácil morrer. Cada segundo que respirava, o cheiro da grama, o ar fresco em seu rosto, eram muito preciosos: Pensar que as pessoas tinham anos e anos, tempo para gastar, tanto tempo gastou, e ele estava se segurando a cada um dos segundos. Ao mesmo tempo em que achou que não seria capaz de ir em frente, sabia que deveria. O longo jogo estava terminado, o Pomo fora capturado, era hora de se acalmar...

O Pomo. Seus dedos deixaram por um momento escapar para a bolsa no seu pescoço e ele o puxou para fora.

Eu abro ao fechar.

Respirando rápido e forte, ele olhou para aquilo. Agora que ele queria tempo para mover-se tão lentamente quanto possível, ele parecia ter acelerado, e o entendimento estava vindo tão rápido que parecia contornado. Essa era a conclusão. Esse era o momento.

Ele pressionou o metal dourado contra seus lábios e sussurrou, "Estou a ponto de morrer."

A casa de metal se abriu.Ele abaixou sua mão balançando, levantou a varinha de Draco abaixo da Capa Cloak, e murmurou, "Lumos."

A pedra negra com um corte denteado pelo centro ajustou-se nas duas metades do Pomo. A Pedra da Ressurreição tinha quebrado a linha vertical representando a Varinha Anciã. O triângulo e o círculo representando a Capa e a pedra ainda eram discerníveis.

E novamente Harry entendeu sem ter que pensar. Não importava trazê-los de volta, para ele o que importava era juntá-los. Ele não estava realmente atingindo-os: Eles o estavam.

Ele fechou seus olhos e rodou a pedra em suas mãos três vezes.

Ele sabia que tinha acontecido, porque ele ouviu suaves movimentos ao redor dele que sugeriam corpos frágeis fixando seus pés no terroso chão que marcava o fim da floresta. Ele abriu os olhos e olhou ao redor.

Eles não eram nem fantasma, nem carne, ele podia vê-los. Eles pareciam muito com o Riddle que escapara do diário há tanto tempo, e ele fora feito praticamente sólido. Menos substanciosos que corpos vivos, mas muito mais que fantasmas, eles moveram-se na direção dele. E em cada rosto, lá estava aquele sorriso amoroso.

Tiago tinha exatamente a mesma altura que Harry. Ele estava vestindo as roupas com as quais morrera, e seu cabelo estava

desarrumado e ondulado, e seus óculos estavam um pouco tortos, assim como os do Sr. Weasley.

Sirius era alto e bonito, e muito mais jovem do que Harry o tinha visto em vida. Ele correu vagarosamente com uma leve graça, suas mãos nos bolsos e com um sorriso em seu rosto.

Lupin estava mais jovem também e muito menos maltrapilho e seu cabelo estava mais grosso e mais escuro. Ele parecia feliz de estar nesse local familiar, cena de muitas andanças adolescentes.O sorriso de Lilian era o mais largo de todos. Ele empurrou seus longos cabelos negros para trás quando chegava perto de Tiago, e seus olhos verdes, assim como os dele, procuraram seu rosto vorazmente, mesmo que ela nunca pudesse olha-lo o suficiente.

- “Você foi tão corajoso.”

Ele não podia falar. Seus olhos a fitaram, e ele pensou que gostaria de ficar em pé a olhando para sempre, e aquilo seria suficiente.

- "Você está quase lá,”disse Tiago. - “Muito perto. Nós estamos...muito orgulhosos de você.”

- “Está doendo?”

A pergunta infantil caiu dos lábios de Harry antes que ele pudesse pará-la.

- “Doendo? De jeito nenhum,”disse Sirius. - “Mais rápido e mais fácil que cair no sono.”

- “E ele vai querer que seja rápido. Ele quer que acabe,”disse Lupin.

- “Eu não queria que você morresse,” Harry disse. Essas palavras

vieram sem sua vontade. - “Nenhum de vocês. Sinto muito-“

Ela se referiu a Lupin mais do que a qualquer outro

deles,suplicando.

“-l ogo depois de você ter tido seu filho, Remo, sinto muito -“

“Também sinto,”disse Lupin. - “Sinto muito que nunca vá conhecêlo..mas ele saberá porque eu morri e espero que ele entenda. Eu

estava tentando fazer um mundo em que ele pudesse viver uma

vida mais feliz.”

Um brisa gelada que parecia emanar do coração da floresta

levantou os cabelos da testa de Harry. Ele sabia que os outros não

o mandariam ir,que teria que ser a sua decisão.

- "Você ficará comigo?" - "Até o mesmo fim," disse James. - "Eles

não serão capazes de vê-lo? "perguntou Harry. - "Somos parte de

você," disse Sirius. - "Invisível a tudo mais."

Harry viu sua mãe.

- “Permaneça perto de mim,” disse calmamente.

E ele estabeleceu. O frio dos dementadores não o superou; ele

passou por eles com os seus companheiros, e eles agiram como

Patronos, e em conjunto eles marcharam pelas velhas árvores que

cresceram estreitamente em conjunto, os seus ramos entrelaçados,

as suas raízes rosnaram e torceram-se sob os pés. Harry apertou a

Capa justamente em volta dele na escuridão, viajando mais

profundo e mais profundo na floresta, sem idéia onde exatamente

Voldemort foi, mas seguro que ele o encontraria. Junto dele,

fazendo apenas um sólido, andou James, Sirius, Lupin, e Líliam e a sua presença foi a sua coragem, e a razão para ele ser capaz de continuar pondo um pé em frente do outro.

O seu corpo e a mente sentiram-se esquisitamente desconectados agora, os seus membros que trabalhavam sem instrução consciente, como se ele fosse o passageiro, e não o motorista, no corpo que ele esteve a ponto de deixar. Os mortos que andaram junto dele pela floresta foram muito mais verdadeiros para ele agora do que a vida atrás no castelo: Ronny, Hermione, Ginna, e todo os outros eram esses quem se sentiram como espíritos quando ele tropeçou e deslizou em direção ao fim da sua vida, em direção a Voldemort...

Uma batida e um sussurro: Alguma outra criatura viva se tinha agitado perto, perto. Harry parou sob a capa, perscrutando em sua volta, escutando, e sua mãe e pai, o Lupin e Sirius pararam também.

- "Alguém lá," veio um sussurro áspero perto de sua mão. Ele tem uma Capa da Invisibilidade. Ele pode ser---?"

Duas figuras emergiram atrás de uma árvore próxima: Suas próximas chamejadas, e Harry viu Yaxley e Dolohov que perscrutavam na escuridão, diretamente no lugar em que Harry, sua mãe, seu pai, Sirius e o Lupin estiveram. Ao que parecia eles não podiam ver nada.

- "Ouvi algo definitivamente," disse Yaxley. - "Animal, d' que você

está falando? ”

- “Daquele caso principal em que Hagrid guardou um ramo inteiro do material aqui dentro,” disse Dolohov, olhando de relance sobre seu ombro.

Yaxley olhou para o seu relógio. - "Quase em cima do tempo. O Potter teve a sua hora. Ele não está vindo." - "Melhor voltarmos," disse Yaxley. - "Descubra qual é o plano é agora."

Ele e Dolohov viraram e entraram mais profundamente na floresta. Harry seguiu-os, sabendo que eles o conduziriam exatamente onde ele quiria ir. Ele lançou os olhos para um lado, e sua mãe sorriu a ele, e o seu pai acenou com cabeça o encorajando.

Eles tinham andando uns poucos minutos quando Harry viu uma luz adiante, e Yaxley e Dolohov saíram em uma clareira que Harry sabia tinha sido o lugar onde o monstruoso Aragog tinha vivido uma vez. Os restos de sua correia ainda estivam lá. Entretanto, os enxames de descendentes que ele tinha criado tinham sido expulsos pelos Comensais da Morte, para lutar pela sua causa.

Um fogo queimado no meio da clareira, e a sua luz que cintilava tombou uma multidão de Comensais da Morte completamente silenciosos, vigilantes. Alguns deles ainda estavam mascarados e cobertos; os outros mostraram as suas caras. Dois gigantes sentaram-se nos arrabaldes do grupo, lançando sombras maciças por cima da cena, as suas caras cruéis, ásperas e talhadas como rocha. Harry viu Fenrir, esconder, mastigando os seus pregos

longos; o grande loiro Rowle tocava levemente no seu lábio sangrento. Ele viu Lucius Malfoy, que parecia derrotado e estarrecido, e Narcisa, cujos olhos estavam dissipados e cheios da apreensão.

Cada olho estava fixado sobre Voldemort, que estava com a sua cabeça curvada, e as suas mãos brancas dobradas por cima da Varinha Mais Velha na frente dele. Ele poderia ter estado rezando, ou contando silenciosamente na sua mente, e Harry, ficou imóvel na borda da cena, embora absurdamente quieto como uma criança que conta um jogo de esconde-esconde. Atrás da sua cabeça, ainda girando e enrolando, a grande serpente Nagini flutuou no seu brilho, jaula encantada, como um halo monstruoso. Quando Dolohov e Yaxley tornaram a reunir o círculo, Voldemort olhou para cima.

- "Nenhum sinal dele, o meu Senhor," disse Dolohov. A expressão de Voldemort não se modificou. Os olhos vermelhos pareceram queimar-se na luz de fogo. Lentamente ele extraiu a Varinha Mais Antiga entre os seus longos dedos.

- “Meu senhor ---“

Bel atrix tinha falado: Sentou-se o mais perto a Voldemort, desgrenhando, sua cara um pouco sangrenta mas de outra maneira incólume.

Voldemort levantou sua mão para silenciá-la, e ela não falou uma outra palavra, mas olhou-no com um fascínio respeitador.

- "Pensei que ele viria," disse Voldemort na sua voz alta, clara, os seus olhos pulando nas chamas. "Esperei que ele viesse."

Ninguém falou. Eles pareceram tão assustados quanto Harry, cujo coração se lançava agora contra as suas costelas como se estivesse determinado a escapar e o corpo esteva a ponto de desmoronar ao lado. As suas mãos estavam suando enquanto retirava a Capa da Invisibilidade e a colocou abaixo dos seus mantos, com a sua varinha. Ele não quis ser tentado a lutar.

- "Parece que fui... enganado," disse Voldemort.

- "Você não foi."

Harry disse-o tão em voz alta quanto ele poderia, com toda a força que ele poderia juntar: Ele não quis soar medroso. O Pomo de Ressurreição deslizou do meio dos seus dedos entorpecidos, e fora do canto dos seus olhos ele viu os seus pais, Sirius, e Lupin desaparecendo quando ele deu passos para a frente da luz do fogo. Naquele momento ele sentiu que ninguém importunou Voldemort. Eram somente os dois.

A ilusão foi indo logo que ele chegou. Os gigantes rugiram como os Comensais da Morte subiram em conjunto, e houve muitos gritos, respirações, até risada. Voldemort tinha se congelado onde estava, os seus olhos vermelhos tinham encontrado Harry, e olhou fixamente enquanto Harry se moveu para ele, com nada mais entre o fogo e eles.

Então uma voz gritada: - “HARRY! NÃO! ”

Ele girou: Hagrid estava sendo arrastado e amarrado a uma árvore próxima. O seu corpo maciço sacudiu os ramos a cima quando ele lutou, desesperado.

- "NÃO! NÃO! NÃO VAI FICAR CALADO E QUIETO-?" - "TRANQÜILO! "gritou Rowle, e com uma chicotada da sua varinha, Hagrid foi silenciado.

Bel atrix, que tinha pulado a seus pés, estava olhando ansiosamente de Voldemort a Harry, arfando o peito. As únicas coisas que se moveram foram as chamas e a serpente, enrolando e desenrolando-se na gaiola brilhante atrás da cabeça de Voldemort. Harry pôde sentir a sua varinha contra o seu peito, mas ele não fez nenhuma tentativa de extraí-la. Ele sabia que a serpente estava demasiadamente bem protegida, sabia que se ele conseguisse apontar a varinha em Nagini, cinqüenta maldições bateriam nele primeiro. E Entretanto, Voldemort e Harry viram um a outro, e agora Voldemort inclinava a sua cabeça um pouco para o lado, considerando o rapaz que está a sua frente, e um sorriso particularmente triste surgiu no canto de sua boca.

- "Harry Potter," ele disse muito quietamente. A sua voz poderia ter sido parte do fogo que cospe. - "O Menino Que Viveu."

Nenhum dos Comensais da Morte se moveram. Eles esperavam: Tudo esperava. Hagrid estava esforçando-se, e Bel atrix arquejava, e pensamento de Harry inexplicavelmente foi a Ginna, e seu olhar ardente, e a sensação dos seus lábios no seu---Voldemort tinha levantado a sua varinha. A sua cabeça ainda

estava inclinada para um lado, como uma criança curiosa, querendo saber o que aconteceria se proseguisse. Harry rememorou nos olhos vermelhos, e quis que acontecesse agora, rapidamente, enquanto ele ainda podia estar imóvel, antes que ele perdesse o controle, antes que ele perdesse o medo ---Ele viu a boca mover-se e um flash de luz verde, e isso foi tudo.



Capítuo 35

King's Cross

Ele permaneceu de cabeça baixa, escutando o silêncio. Ele estava totalmente sozinho. Ninguém estava assistindo. Ninguém mais estava lá. Ele não estava completamente certo de que ele estava totalmente sozinho.

Um longo tempo depois, ou talvez nenhum tempo, veio a ele a idéia de que ele deveria existir, deveria ser mais que a idéia de desencarnar, porque ele estava deitado, definitivamente deitado em uma superfície. Ele teve uma sensação de toque, e a coisa no qual

ele estava deitado deveria existir também.

Quase ao mesmo tempo que ele pode concluir isso, Harry tomou consciência de que estava nu. Convencido de sua total solidão, isso não o incomodou, mas o intrigou levemente. Ele se perguntou se, se ele podia sentir, ele seria capaz de enxergar. Quando os abriu, ele descobriu que tinha olhos.

Ele deitou em uma nevoa brilhante, no entanto não era como a névoa que ele tinha conhecido antes. Os arredores não estavam escondidos pelas nuvens de vapor. Em algumas partes ainda não tinha se formado as nuvens de vapor. O chão em que ele estava deitado parecia ser branco, nem quente, nem frio, estava simplesmente ali, uma superfície, um espaço vazio.

Ele se sentou. Se corpo parecia ileso. Ele tocou seu rosto. Ele não estava mais usando óculos. Então um barulho o trouxe para o nada que o cercava: algo pequeno e colossal que vibrava, agitava-se e debatia-se. Era um lamento, que soava levemente indecente. Ele teve a inconfortável sensação de que estava a beira de algo ocuto, vergonhoso.

Pela primeira vez, ele desejou estar vestido. Mal ele tinha formado o desejo em sua cabeça e vestes apareceram a uma curta distância. Ele as pegou e vestiu. Elas estavam macias, limpas e quentes. Era impressionante como elas tinham aparecido no exato momento que ele tinha as desejado.

Ele se levantou, olhou a sua volta. Estava ele em uma grande sala

de requerimento!? Quanto mais ele olhava, mais havia para ver. Um grande telhado em cupulo resplandecia sobre ele com a luz do sol. Talvez fosse um palácio. Tudo estava quieto ainda, exceto por aqueles estranhos e lamentosos barulhos vindos de algum lugar omitidos pela nevoa...

Ele se virou lentamente no lugar onde estava, e os arredores parecerem se inventar diante de seus olhos. Um grande e aberto espaço, brilhante e limpo, um hal maior que o Grande Salão, com sua cúpula de vidro. Estava quieto e vazio... ele era a única pessoa ali.

Ele recuou. Ele tinha maculado a coisa que estava fazendo os barulho. Ele tinha a forma de uma pequena e nua criança, encolhido no chão, a pele nova e inacabada, com aspecto esfolado, e ele permanecia tremendo sobre o assento onde tinha sido deixado, indesejado, sem visão, lutando para respirar.

Ele estava com medo daquilo. Aquilo era pequeno e frágil e com opiniões feridas. Ele não queria se aproximar. Todavia, ele puxou lentamente para perto, pronto para pular pra trás a qualquer momento. Assim que ficou perto o suficiente para tocar, ele não pode se obrigar a fazer aquilo. Ele se sentiu covarde. Ele queria conforta-lo, mas foi repulso.

“Você não pode ajuda-lo”.

Ele girou a sua volta. Alvo Dumbledores estava falando atrás dele, vivo e em pé, usando largas vestes azul meia noite.

“Harry”. Ele abriu amplamente seus braços, e suas mãos estavam ambas estavam totalmente brancas e sem danos. “Você é um garoto maravilho, você é bravo, um homem. Vamos conversar”

Atordoado, Harry seguiu Dumbledores a passos largos do lugar onde a criança esfolada permanecia tremendo, mostrou a ele duas cadeiras que Harry não tinha notado anteriormente. Alguma distância acima, o céu cintilava. Dumbledore se sentou em uma das cadeiras e Harry na outra. Harry encarou a face do velho diretor. A longa barba prateada, os olhos azuis faiscantes por detrás dos óculos de meia lua, o nariz quebrado. Tudo estava da maneira como ele se lembrava. E ainda...

“Mas você está morto...” disse Harry

“Oh... sim…” disse Dumbledore

“Então… eu estou morto também!?”

“Ah...”, disse Dumbledore, ainda sorrido. “Isto por uma pergunta, não é!? Em todo, meu caro garoto, eu acho que não”

Eles olharam um para o outro, o velho homem ainda sorridente…

“Não!?” repetiu Harry

“Não”, disse Dumbledore

“Mas...” Harry levantou sua mão instintivamente para a cicatriz. “Eu não me defendia! Eu me propus a deixar ele me matar...”

“E isto...” disse Dumbledore “bem, eu acho, teve ter feito toda a diferença...”

Felicidade parecia irradiar de Dumbledore como luz, como fogo.

Harry nunca havia visto o homem tão completamente, tão palpavelmente feliz.

“Explique”, disse Harry

“Mas você já sabe”, disse Dumbledore. Ele girou os polegares entrelaçados.

“Eu deixei ele me matar”, disse Harry, “Não deixei!?”

“Sim, deixou” disse dumbledore acenando “Vamos lá!”

“Então a parte da alma dele que estava em mim...”

“Dumbledore acenou ainda mais entusiasmado, incentivando harry a prosseguir, um largo sorriso encorajador seu rosto

“... ele se foi!?”

“Ahhh sim!” Disse Dumbledore. “Sim, ele o destruiu. Sua alma está inteira, e completamente em você harry...”

“Mas então...”

Harry olhou por sobre os ombros, para onde a criatura tremia sobre a cadeira.

“O que é aquilo professor?”

“Algo que está além da nossa ajuda”, disse Dumbledore.

“Mas se Voldemort usou a maldição da morte” harry começou novamente “e ninguem morreu por mim deste vez, como eu posso estar vivo!?”

“Eu acho que você sabe”, disse dumbledore. “Pense. Lembre o que ele fez, em sua ignorância, sua raiva e sua crueldade.”

“Harry pensou. Ele deixou seu olhar sobre os arredores. Se aquilo

era de fato um palácio onde eles estavam, era um palácio singular, com cadeiras enfileiradas, grades aqui e ali, e ainda assim, ele, dumbledore e a estranha criatura sobre a cadeira, eram as únicas pessoas ali. A resposta veio a seus lábios facilmente, sem dificuldade.

“Ele usou o meu sangue” – disse harry

“precisamente!” disse dumbledore. “Ele usou seu sangue e reconstruiu seu corpo com ele. Seu sangue nas veias dele, Harry, a proteção de Lilian dentro de vocês dois. Ele limitou você a viver enquanto ele vivesse!”

“Eu vivo... enquanto ele vive!? Mas eu pensei... eu pensei que fosse ao contrário! Eu achei que nós dois teríamos que morrer! Ou é a mesma coisa!?

Ele estava distraído pelo canto choramingando e golpeando à criatura agonizada atrás deles e olhou atrás a isto contudo novamente.

"Você está seguro nós não podemos fazer nada? "

Não há nenhuma ajuda possível."

"Então explique. . . mais", disse o Harry, e Dumbledore sorriu.

"Você foi o sétimo Horcruxe, Harry, o Horcruxe que ele nunca pretendeu fazer. Ele tinha feito a alma dele tão instável que quebrou separadamente quando ele cometeu esses atos de mal inclusive o assassinato de seus pais, os matando para matar uma criança. Mas o que escapou daquele quarto era até mesmo menos que ele

soube. Ele deixou para trás mais que o corpo dele. Ele deixou parte dele trancada a você, a vítima que pretende ser que tinha sobrevivido.

"E o conhecimento dele permaneceu woeful y incompleto, Harry! Que Voldemort não avalia, ele não leva nenhuma dificuldade para compreender. De casa-duendes e os contos de crianças, de amor, lealdade, e inocência, sabe Voldemort e não entende nada. Nada. Que todos eles têm um poder além o próprio dele, um poder além do alcance de qualquer mágico, é uma verdade que ele nunca agarrou.

"Ele levou seu sangue acreditando que o fortaleceria. Ele levou no corpo dele uma parte minúscula do encanto sua mãe se deitada em você quando ela morreu para você. O corpo dele mantém o sacrifício dela vivo, e enquanto aquele encanto sobreviver, assim o faça e assim faz a uma última esperança de Voldemort por ele."

Dumbledore sorriu a Harry, e o Harry o encarou.

"E você soube isto? Você soube - desde o princípio? "

"Eu adivinhei. Mas minhas suposições normalmente foram boas", disse Dumbledore felizmente, e eles sentaram em silêncio para o como o qual parecia muito tempo, enquanto a criatura atrás deles continuou choramingando e tremer.

Há mais", disse o Harry. Há mais a isto. Por que minha varinha quebrou a varinha dele que era emprestada? "

"Sobre isso, eu não posso estar seguro."

"Tenha uma suposição, então", dito o Harry, e Dumbledore riu.
"O que você tem que entender, Harry, é que você e Lord Voldemort viajaram juntos em reinos de desconhecidos de hitherto mágico e não experimentado. Mas aqui é isso que Eu penso acontecido, e é sem precedente, e nenhum wandmaker puderam, eu penso, alguma vez predisse ou expliquei isto a Voldemort.
"Sem significar, como você agora saiba, Lord Voldemort dobrou o laço entre você quando ele voltou a uma forma humana. Uma parte da alma dele ainda foi prendida a sua, e, pensando se fortalecer, ele levou uma parte do sacrifício de sua mãe nele.
Se ele poderia ter entendido só o poder precioso e terrível daquele sacrifício, ele não vai, talvez, ousar tocar seu sangue. . . .
Entretanto, se ele tinha podido entender, ele não pôde ser Lord Voldemort, e nunca poderia ter assassinado nada.
Tendo "assegurado esta conexão dos dois dobra, depois de ter embrulhado seus destinos junto mais com firmeza que já foram unidos dois feiticeiros em história, Voldemort errou ao atacar com uma varinha que compartilhou o mesmo núcleo com à sua. E agora algo muito estranho aconteceu, como sabemos nós. Os núcleos reagiram, pois Lord Voldemort que nunca soube de certo modo que sua varinha era uma gêmea da sua, ele nunca ia ter esperado.
"Ele tinha mais medo que você era aquela noite, Harry. Você tinha aceitado, até mesmo abraçou, a possibilidade de morte, algo que Lord Voldemort nunca pôde fazer. Sua coragem ganhou, sua

varinha dominou a sua. E fazendo assim, algo aconteceu entre essas varas, algo que ecoou a relação entre os mestres delas.

"Eu acredito que sua vara absorveu alguns dos poderes e qualidades da varinha de Voldemort essa noite que é dizer que conteve um pouco do próprio Voldemort. Assim sua varinha o reconheceu que quando ele o procurou, reconheceu um homem que era família e o inimigo mortal, e regurgitou alguma da própria magia dele contra ele, magia muito mais poderosa que qualquer coisa a varinha de Lucio alguma vez tinha executado.

Sua varinha conteve o poder de sua coragem enorme agora e da própria habilidade mortal de Voldemort: Que chance fez aquela varinha do pobre uso de Lucio Malfoy? "

"Mas se minha varinha fosse tão poderosa, como à da Hermione pôde quebrar isto? " Harry perguntado.

"Meu querido menino, seus efeitos notáveis só foram dirigidos a Voldemort que tinha se tornado tão doente e descuidado com as leis mais fundamentais da magia. Só para ele era aquela varinha anormalmente poderosa. Caso contrário era uma varinha como qualquer outra. . . embora um bom, eu estou seguro", Dumbledore terminou amavelmente.

Harry sentou por muito tempo em pensamento, ou talvez segundos. Era muito difícil estar seguro de coisas como tempo, aqui.

"Ele me matou com sua varinha."

"Ele não o matou com minha vara", Dumbledore corrigiu o Harry.

"Eu penso que nós podemos concordar que você não está morto - entretanto, claro que", ele somou, como se temendo que ele tinha sido descortês, "eu não minimizo seus sofrimentos que eu estou seguro eram severos."
"Eu sinto grande no momento, entretanto", disse o Harry, enquanto olhando para baixo às mãos limpas, puras dele. "Onde nós estamos, exatamente? "
"Bem, eu ia lhe perguntar que", disse Dumbledore, enquanto dando uma olhada. "Onde você diria que nós estamos? "
Até que Dumbledore tinha perguntado, o Harry não tinha sabido. Porém, agora ele achou que ele tinha uma resposta pronta dar.
"Olha", ele disse lentamente, "como a estação de Cruz do Rei. Exclua um limpador de lo e esvazie, e não há nenhum trem até onde eu posso ver."
A estação de Cruz do rei"! " Dumbledore estava rindo imoderadamente. "Bom cortês, realmente? "
"Bem, onde você pensa que nós estamos? " Harry perguntado, um pequeno defensivamente.
"Meu querido menino, eu não tenho nenhuma idéia. Isto é, como dizem eles, sua festa."
Harry não teve nenhuma idéia o que isto significou; Dumbledore sendo enfurece. Ele luziu a ele, então se lembrou de uma pergunta muito mais urgente que o do local atual deles.
"As Relíquias Mortais", ele disse, e ele estava alegre ver que as

palavras esfregaram o sorriso da face de Dumbledore.

"Ah, sim", ele disse. Ele parecia um pequeno preocupado até mesmo.

"Bem? "

Pela primeira vez desde que o Harry tinha conhecido Dumbledore, ele olhou menos que um homem velho, muito menos. Ele se parecia fleetingly um menino pequeno pegado em mal.

"Você pode me perdoar? " ele disse. "Você pode me perdoar por não confiar em você? Por não lhe falar?, Eu só temi que você falhasse como eu tinha falhado. Eu só pensava que você cometeria meus erros. Eu almejo seu perdão, Harry. Eu soube, de algum tempo para cá, que você é o homem melhor."

Sobre "o que está você está falando? " Harry perguntou, assustado pelo tom de Dumbledore, pelas lágrimas súbitas nos olhos dele.

"O Consagra, o Consagra", Dumbledore murmurado. O sonho de "um homem desesperado!

"Mas eles são reais! "

"Real, e perigoso, e uma isca para bobos", disse Dumbledore. "E eu era tal um bobo. Mas você sabe, não o faça? Eu não tenho nenhum segredo mais de você. Você sabe."

"O que eu sei? "

Dumbledore virou o corpo inteiro dele para estar em frente de Harry, e lágrimas ainda brilharam nos olhos brilhantemente azuis.

"Mestre de morte, Harry, mestre de Morte! Eu era melhor, no final

das contas, que Voldemort? "

"Claro que você era", disse o Harry. "Claro que - como você pode perguntar isso? Você nunca matou se você pudesse evitar isto! "

"Retifique, retifique", disse Dumbledore, e ele estava como uma criança que busca confiança. "Ainda eu busquei um modo para conquistar à morte, Harry", também.

"Não o modo que ele fez", disse o Harry. Afinal de contas a raiva dele a Dumbledore, como estranho era sentar aqui, em baixo do teto alto, saltado, e defende Dumbledore dele. "Reliquias, não ás Horcruxes."

Houve uma pausa. A criatura atrás deles choramingou, mas Harry já não olhou ao redor.

- "O Grindelwald procurava-os também? "ele perguntou.

Dumbledore fechou os seus olhos por um momento e acenou com cabeça.

- "Ele foi a coisa, antes de mais nada, que nos juntou," ele disse calmamente.

- "Dois rapazes inteligentes, arrogantes com uma obsessão compartilhada. Ele quis vir à Cova de Godric, como estou seguro que você adivinhou, por causa da sepultura de Ignotus Peverel . Ele quis explorar o lugar em que o terceiro irmão tinha morrido."

- "Portanto é verdadeiro? "perguntou Harry. Tudo isto? Os irmãos Peverel -"

- “foram os três irmãos do conto," disse Dumbledore, acenando com

cabeça. “Oh sim, penso que assim. Só que eles encontraram a Morte em um caminho solitário...”

Eu acho que é mais provável que os Peverel eram apenas irmãos sortudos e perigosos magos que tiveram sucesso na criação daqueles objetos poderosos. A história deles serem as próprias Relíquias Mortais parece para mim um tipo de lenda de cerca essa sorte de criações.

- “A Capa, como você sabe a gora, viajou através dos anos, de pai para filho, mãe para filha, até chegar no último descendente vivo de Ignotus, que nasceu, assim como Ignotus, na vila de Godric’s Hol ow.”

Dumbledore riu de Harry.

- “Eu?”

- “Você. Você adivinhou,, eu sei, por que a Capa estava em minha posse na noite em que seus pais morreram. Tiago mostrara ela pra mim apenas alguns dias antes de morrer. Isso explica muito das coisas erradas qeu ele fez na escola sem ser percebido! Eu mal podia acreditar no que estava vendo. Eu a pedi emprestada, para examiná-la. Passou muito tempo depois que eu desisti de meu sonho de unir as Relíquias, mas eu não pude resistir, não pude olhar com mais cuidado... Era uma Capa de um tipo que eu jamais vi, imensamente velha, perfeita em cada item... e então seu pai morreu, e eu tinha duas Relíquias afinal, todas para mim!”

Seu tom era insuportavelmente amargo.

- “A Capa não os teria ajudado a sobreviver, de qualquer modo,” Harry disse rapidamente. - - - “Voldemort sabia onde minha mãe e meu pai estavam. A Capa não poderia tê-los feito invencíveis frente aos feitiços.”

- “Verdade,” suspirou Dumbledore. “Verdade.”

Harry esperou, mas Dumbledore não falou, então Harry o instigou.

- “Então você desistira de procurer as Relíquias quando viu a Capa?”

- “Oh sim,” disse Dumbledore fracamente. Parecia que ele forçou a si mesmo para encontrar os olhos de Harry. “Você sabe o que aconteceu. Você sabe. Você não pode me desprezar mais do eu desprezo a mim mesmo.”

- “Mas eu não desprezo você –”

-“Então deveria,” disse Dumbledore. Respirou profundamente. “Você sabe o segredo da saúde de minha irmã, o que aqueles Muggles fizeram, o que ela se tornou. Você sabe como meu próprio pai buscou vingança, e pagou o preço, morreu em. Você sabe como minha mãe desistiu da própria vida para cuidar de Ariana.

- “Eu fiquei ressentido, Harry.”

Dumbledore disse aquilo sem rodeios, friamente. Ele estava agora olhando por cima da cabeça de Harry, a distância.

- “Eu era soruto, eu era brilhante. Eu queria escaper. Queria brilhar. Queria glória.

- “Nâo me entenda mal,”ele disse, e dor cruzou a face e então ele

pareceu ansioso novamente.“Eu os amava, eu amava meus pais, amava meu irmão e minha irmã, mas eu era egoísta,Harry, mais egoísta que você, que é marcadamente uma pessoa abnegada, poderia possivelmente imaginar.
- “Então, quando minha mãe morreu, foi deixada comigo a responsabildiade sobre uma irmã doente e um irmão genioso, eu retornei a minha vila com raiva e amargo. Perido, eu pensei! E depois, é claro, ele veio...”
Dumbledore olhou diretamente nos olhos de Harry novamente.
- “Grindelwald. Você não pode imaginar como suas idéias me cativaram, Harry, me inflamaram. Muggles forçados em subserviência. Nós magos triunfantes. Grindelwald e eu, os gloriosos jovens líderes da revolução.
- “Oh, eu itnha alguns escrúpulos. Eu acalmei minha consciência com palavras vazias. Tudo seria por um bem maior, e cada dano causado seria reparado por cem vezes em benefício aos bruxos. Eu sabia, do fundo do meu coração, o que era Gel ert Grindelwald? Eu acho que sim, mas eu fechei meus olhos. Se os planos que nós estávamos fazendo viessem a dar frutos, todos os meus sonhos tornar-se-iam realidade.
- “E no coração de nossos planos, as Relíquias Mortais! Como elas o fascinavam, como elas fascinavam ambos! A varinha invencível, a arma que nos levaria ao poder! A Pedra da Ressurreição–para ele, porém, eu fingia não saber sobre ela, isso significava uma arma de

Inferi! Para mim, eu confesso, significava o retorno dos meus pais, e a retirada de toda a responsabilidade de meus ombros.

- “E a Capa..de algum modo, nós nunca discutimos muito a Capa, Harry. Ambos podíamos nos esconder muito bem sem a Capa, a verdadeira mágica da aqual, é claro, é que pode ser usada pra proteger e blindar outras pessoas assim como o seu dono. Eu pensava que, se nós a achássemos, ela seria útil em esconder Ariana, mas nosso interesse na Capa era principalmente em completar o trio,pela fato de a lenda dizer qeu o homem que tivesse unido todos os três objetos seria o verdadeiro mestre da morte, o que nós encaramos como significando ‘invencíveis.’

- “Mestres invencíveis da morte, Grindelwald e Dumbledore! Dois meses de insanidades, de sonhos cruéis, e de negligências aos dois membros de minha família que me restavam.

- “E depois..você sabe o que aconteceu. A realidade tomou a forma de meu rude, desletrado e infinitamente mais admirável irmão. Eu não queria ouvir as verdades que ele gritava para mim, eu não queria ouvir que eu não podia sair e perseguir Relíquias com uma instável e fraca irmã no colo.

- “A discussão virou uma briga. Grindelwald perdeu o controle. Controle que eu sempre tinha sentido nele, mesmo que eu fingisse que não, agora tornado um ser terrível. E Ariana..após todos os cuidados de minha mãe...cai morta no chão.”

Dumbledore ofegou e começou a chorar fervorosamente. Harry o

deu apoio e estava feliz de poder tocar Dumbledore: Harry apertou seu braço fortemente e Dumbledore gradualmente retomou o controle.

- “Bem, Grindelwald voou, como todos exceto eu podiam ter predito. Ele despareceu, com seus planos para mostrar o poder, seus esquemas de torturar Muggle, e seus sonhos das Relíquias Mortais, sonhos nos quais eu o encorajei e ajudei. Ele fugiu, enquanto eu fui deixado a enterrar minha irmã, e aprendi a viver com miha culpa e minha terrível mágoa, o preço da minha vergonha.

- “Anos passaram-se. Havia rumores sobre ele. Diziam que ele procurava uma varinha de poder imenso. Eu, enquanto isso, tinha recebido a oferta do cargo de Ministro da Magia, não uma, mas várias vezes. Naturalmente, eu recusei. Eu aprendi que não devia ser confiado com poder.”

- “Mas você teria sido melhor, muito melhor, que Fudge ou Scrimgeour!” rosnou Harry.

- “Teria?” perguntou Dumbledore com veemência. “Não tenho tanta certeza. Eu tinha provado, como um homem muito jovem, que o poder era minha fraqueza e minha tentação. É algo curioso, Harry, mas talvez aqueles que são melhor indicados para o poder são aquels que nunca o procuraram. Aqueles que, como você, têm liderança sobre eles, e que pegam o manto porque devem, e encontre à sua própria surpresa que eles o usam bem.

- "Estive mais seguro em Hogwarts. Penso que fui um bom

professor-"

-"Você foi o melhor---"

- "---você é muito gentil, Harry. Mas enquanto eu eu mesmo com o treinamento de magos jovens, Grindelwald levantava um exército. Eles dizem que ele me temeu, e possivelmente ele o fez, mas menos, penso, do que o temi.

-"Oh, não morte," disse Dumbledore, na resposta ao olhar de interrogatório de Harry.

- "Não poderia me fazer mágica." Eu sabia que fomos exatamente combinados, possivelmente que fui uma sombra mais hábil. Ele foi a verdade que temi. Você vê, eu nunca sabia qual de nós, naquela última luta, horrífica, tinha lançado de fato a maldição que matou minha irmã. Você pode me chamar de covarde: Você teria razão, Harry. Temi além de todas as coisas que o conhecimento que eu tinha ocasionou a sua morte, não simplesmente pela minha arrogância e estupidez, mas que de fato bati o sopro que apagou a sua vida.

- "Penso que ele o sabia, penso que ele sabia o que me assustou. Atrasei a reunião até ele finalmente, teria sido demasiado vergonhoso resistir mais tempo. As pessoas morriam e ele parecia imbatível, e tive de fazer o que eu poderia.

- "Bem, você sabe o que aconteceu depois. Ganhei o duelo. Ganhei a varinha."

Outro silêncio. Harry não perguntou se Dumbledore tinha

descoberto alguma vez quem golpeou os mortos de Ariana. Ele não quis saber, e até menos fez ele queria que Dumbledore tenha de dizer-lhe. Finalmente ele sabia o que Dumbledore teria visto quando ele olhou no espelho de Erised, e por que Dumbledore tinha estado entendendo, e a fascinação que ele tinha exercido sobre de Harry. Eles sentaram-se no silêncio de um longo tempo, e o urro da criatura atrás deles mal pertubou Harry.

Finalmente ele disse, "Grindelwald tentou parar Voldemort depois com a varinha. Ele mentido, você sabe, fingiu que ele nunca a tinha tido."

Dumbledore acenou com cabeça, olhando para o seu regaço, lágrimas que ainda resplandecem no nariz torcido.

- "Eles dizem que ele mostrou o remorso anos depois, sozinho na sua célula em Nurmengard. Espero o seja é verdadeiro. Eu gostaria de pensar que ele realmente sentiu o horror e vergonha do que ele tinha feito. Possivelmente aquela mentira a Voldemort foi a sua tentativa de reparar erros ... para impedir Voldemort de tomar Hal ow ..."

- "... ou talvez de quebrar no seu túmulo? "sugeriu Harry, e Dumbledore tocou levemente os seus olhos.

Depois de outra pausa curta Harry disse, "Você tentou usar o Pomo de Ressurreição." Dumbledore acenou com cabeça.

- Quando o descobri, depois de todos aqueles anos, enterrados na casa abandonada do Gaunts. Eu tinha desejado Hal ow mais que

tudo, embora na minha juventude eu o tivesse querido para razões muito diferentes---perdi a minha cabeça, Harry. Se não bastasse esqueci de que eu não era um Horcrux, que o anel estava seguro para transportar uma maldição. Busquei-o, e durante um segundo imaginei que estive a ponto de ver Ariana, e minha mãe, o meu pai, e dizer-lhes como muito, muito pesar, eu fui...

- "Fui tolo, Harry. Depois de todos aqueles anos eu não tinha aprendido nada. Fui indigno para unir-me com as Relíquias Mortais, eu tinha-o comprovado repetidas vezes, e aqui esteve a prova final."

- "Por que?" disse Harry.

- "Foi natural! Você quis vê-los novamente. O que há errado com isso?"

- "Talvez um homem em um milhão pode unir as Relíquias, Harry. Era cabível só possuir os mais avaros deles, menos extraordinário. Era cabível possuir a Varinha Mais Velha, e não e não matar com ela. Fui permitido domá-lo e usá-lo, porque o tomei, não para o lucro, mas salvar outros dele."

- "Mas a Capa, tomei fora do campo de visão, e portanto ele nunca pode ter trabalhado para mim como ele trabalha para você, os seus proprietários verdadeiros. O pomo eu teria usado em uma tentativa de arrastar para trás aqueles que são em paz, antes que permitir o meu próprio-sacrifício, como você fez. Você é o possessor digno de Hal ow."

Dumbledore acariciou a mão de Harry, e Harry olhou acima no velho homem e sorriu; ele não poderia ajudar-se. Como conseguiria permanecer zangado com Dumbledore agora? "Por que você teve de fazê-lo tão difícil?"

O sorriso de Dumbledore foi trêmulo.

- "Temo que eu contei com a Senhorita Granger para diminuir você, Harry. Temi que a sua cabeça quente pudesse dominar o seu bom coração. Fiquei assustado que, se apresentado diretamente com os fatos sobre os que tentam objetos, você poderia agarrar Hal ow como fiz, no tempo incorreto, para as razões incorretas. Você poderia colocar suas mãos erradamente nele, eu quis que você os possuísse seguramente. Você é o mestre verdadeiro da morte, porque o mestre verdadeiro não procura fugir da Morte. Ele aceita que ele deve morrer, e entende que há coisas distantes, muito piores no mundo vivo do que a morte. "

- “E Voldemort nunca soube sobre Hal ows? ”

- "Não penso assim, porque ele não reconheceu o Pomo da Ressurreição que ele converteu em um Horcrux. Mas mesmo se ele souber sobre eles, Harry. Duvido que ele estivesse interessado em algum exceto o primeiro. Ele não pensaria que ele precisou da Capa, e quanto ao pomo, quem ele quereria trazer para trás dos mortos? Ele teme os mortos. Ele não ama. "

- “Mas você esperou que ele fosse depois da varinha?"

- "Estive seguro que ele tentaria, depois que a sua varinha bateu

em Voldemort no cemitério de Little Hangleton . No início, ele temeu que você o tivesse conquistado pela habilidade superior. Uma vez que ele tinha raptado Ol ivander, contudo, ele descobriu a existência dos núcleos de gêmeo. Ele pensou que tudo estava explicado.
Ainda assim a varinha emprestada não fez melhor contra a sua!
Assim Voldemort, em vez de perguntar-se que qualidade estava em você que tinha feito a sua varinha tão forte, que presente você possuia que ele não tinha, naturalmente pretendeu encontrar uma varinha que, eles disseram, acabaria com alguma outra. Para ele, a Varinha Mais Velha ficou sendo uma obsessão para rivalizar com a sua obsessão por você. Ele acredita que a Varinha Mais Velha retira a sua última fraqueza e o faz realmente invencível. Pobre Severus ... "
- "Se você planejou a sua morte com Snape, você pensou em terminar com a Varinha Mais Velha, não é?"
-"Admito que foi a minha intenção," disse Dumbledore, "mas ele não trabalhou como destinei, não é?"
- "Não", disse Harry. "Aquele bruxo não realizou."
A criatura atrás deles empuou e gemeu, e Harry e Dumbledore ficaram sem falar um tempo mais longo ainda. A realização do que aconteceria depois ajustado gradualmente por cima de Harry nos longos minutos, como a neve que cai quietamente.
- "Tenho de voltar, não é?"
- "Isto está à sua altura"

"Tenho uma escolha?"

"Oh sim," Dumbledore sorriu a ele. "Estamos na Cruz do Rei que você diz? Penso que se você decidiu não voltar, você seria capaz de... digamos ... pegar um trem."

- "E onde ele me pegaria?"

-" Acima," disse Dumbledore simplesmente.

Silêncio novamente.

- "Voldemort tem a Varinha Mais Velha."

"Verdadeiro. Voldemort tem a Varinha Mais Velha."

- "E ainda assim você quer que eu volte?"

- Penso," disse Dumbledore, "que se você decidir voltar, há uma possibilidade que isto pode ser terminado para sempre. Não posso prometê-lo. Mas sei disto, Harry, que você tem menos para temer se voltar aqui do que ele." Harry lançou os olhos novamente à ferida que tremia e bloqueou na sombra abaixo da cadeira distante.

- "Não se compadeça dos mortos, Harry. Compadeça-se da vida, e antes de mais nada, daqueles que vivem sem amor. Voltando, você pode assegurar que menos almas serão mutiladas, menos famílias serão rasgadas. Se lhe parece um objetivo digno, vamos adeus por enquanto."

Harry acenou com cabeça e suspirou. Sair deste lugar não seria quase tão duro quanto andar na floresta tinha sido, mas foi quente e leve e pacífico aqui, e ele soube que estava dirigindo para trás para poder superar o medo de mais perdas. Ele levantou-se, e

Dumbledore fez o mesmo, e eles se encararam por um longo momento em cada um - outras caras.

- "Diga-me uma última coisa," disse Harry, "isto é verdadeiro? Ou isto esteve acontecendo dentro da minha cabeça?"

Dumbledore emitido nele, e a sua voz soou alta e forte nas orelhas de Harry embora a névoa brilhante descesse novamente, obscurecendo a sua figura.

- "Naturalmente está acontecendo dentro da sua cabeça, Harry, mas por que é que isto deveria significar que não é verdadeiro?"



Capítulo 36

A Falha no Plano

Ele estava voando com o rosto virado para baixo no grond(?) novamente. O cheiro da floresta preencheu suas narinas. Ele podia sentir o solo duro e frio sob sua bochecha, e a dobradiça de seus óculos qual foi batido lateralmente pela queda . Cada centímetro de seu corpo doía , E O lugar onde Maldição Mortal tinha batido nele doía como a batida de uma barra de ferro . Ele não se mexeu, mas ele permaneceu exatamente onde ele tinha caído, com seu braço esquerdo dobrado fora em um ângulo estranho e sua boca formando brecha.

Ele tinha esperado ouvir ânimo de triunfo e jubilação em sua morte, mas em vez apressou pegadas, sussurros, e sussurros solícitos preencheram o ar.

" Meu Lorde... Meu Lorde... " excluir

Foi a voz de Belatrix, e ela falou como para um amante. Harry não desafiou abrir seus olhos, mas permitiu seus outros sentidos explorar seu estado. Ele soube que sua varinha ainda foi alojada sob sua capa porque ele podia sentir pressionar entre seu tórax e o solo. Um leve amortecendo na área de seu estômago disse a ele que a Capa de Invisibilidade estava também ali.

" Meu Lorde... "

" Aquele vai fazer, " Disse Voldemort está voz.

Mais pegadas. Várias pessoas estavam retrocedendo da mesma marca. Desesperado ver que estava acontecendo e por que, Harry abriu seus olhos apenas alguns milímetros.

Voldemort pareceu rumar para seus pés. Vários Comensais da Morte estavam indo para longe dele, retornando para a multidão . Belatrix só permaneci atrás, ajoelhando ao lado de Voldemort.

Harry fechou seus olhos novamente e considerou que ele tinha visto. Os Comensais de Morte foram atraídos como metal ao redor Voldemort, que pareia caído para o solo. Alguma coisa tinha acontecido quando ele lancou a Maldição Mortal. Teve Voldemort também desmoronado? Pareceu com ele. E deles brevemente tinha caído inconsiente e dele agora tinha retornado...

" Meu Lorde, deixe-me - - "

" Eu não re" Eu não

" Eu não requiro de assitência, " Disse Voldemort friamente, e embora ele não podia vê-lo, e Bel atix imobilizou-se retirando uma mão prestativa. " O menino... Ele está morto? "

Havia um silêncio completo na clareira. Ninguém se aproximou de Harry, mas ele sentiu seus olhares concentrados; pareciam pressioná-lo mais ainda no chão, e ele sentiu um terrível dedo cutucando-o com toda a força.

"Você" - disse Voldemort - e ou ve um estrondo e um pequeno gemido de dor. "Examine ele. Diga-me se ele está mesmo morto".

Harry não soube quem tinha sido mandado para verificá-lo. Ele poderia somente esperar lá, com seu coração batendo traiçoeiramente, e esperar para ser examinado, mas ao mesmo tempo nada, uma pequena esperança que ele tinha, que Voldemort

estava cauteloso de se aproximar dele, que Voldemort suspeitava
que nem tudo tinha sido conforme planejado...
Mãos, mais macias que ele tinha imaginado, tocou o rosto de Harry,
e sentiu seu coração. Ele podia ouvir a mulher respirando,
Ela batendo para confirmar a morte contra suas costelas.
" Draco está vivo ? Ele está no castelo? "
O sussurro apenas foi audível, seus lábios estiveram a uma
ploegada de suas orelhas , sua cabeça dobrou tão baixo que seu
cabelo longo protegeu sua face Dos espectadores.
" Sim, " Ele respirou costas.
Ele sentiu a mão em seu contrato do tórax: Suas unhas o
perfuraram. Então foi retirado. Ela tinha olhado para cima.
" Ele está morto! " Narcissa Malfoy chamou para os observadores.
E Agora eles gritaram , Agora eles gritaram em triunfo e pularam
sobre seus pés , E Através de suas pálpebras, Harry viu estouros
Vermelhos e prata acenderem no ar em comemoração.
Com seu fingimento de morte, ele deitado no solo percebeu o ato
de Narcisa. Narcissa Soube que aquele era o único caminho para
ser permitida sua Entrada em Hogwarts , E achar seu filho, . Ela
não se importava mais se Voldemort havia vencido.
" Vocês vêem? " Gritou Voldemort sobre o tumulto. " Harry Potter
está morto pelas minhas mãos, e nenhum homem vivo pode
ameaçar mim agora!
Observem! Crucio! "

Harry tendo esperado, soube que ao seu corpo não seria permitido remanescer imaculado em cima do chão da floresta; deve ser sujeitado a humilhações para provar a vitória de Voldemort. Ele foi levantado no ar, e usou sua determinação para ficar frouxo (nota: com o corpo mole), contudo a dor que esperou não veio.

Seu corpo foi jogado uma vez, duas vezes, três vezes no ar. Seus óculos voaram e sentiu sua varinha deslizar um pouco abaixo de suas vestes, mas ele manteve a si mesmo flexível e morto, e quando caiu na terra por uma última vez, a clareira ecoou com zombaria e gritos do laughter.

“Agora,” disse Voldemort, “nós vamos ao castelo, e mostraremos o que aconteceu com seu herói. Quem deve arrastar o corpo? Não. - espere -”

Havia um ataque fresco do laughter, e após alguns momentos Harry sentiu a terra que treme abaixo dele.

“Você carrega-o,” Voldemort disse. “Será agradável e visível em seus braços, não? Carregar seu amigo pequeno, Hagrid. E os óculos – coloque os óculos - deve ser reconhecível -”

Alguém colocou os óculos de Harry para trás em seu rosto com força deliberada, mas as mãos enormes que o levantaram no ar eram excessivamente delicadas. Harry poderia sentir os braços de Hagrid que tremiam com a força de seu choro alto; os rasgos grandes espirraram para baixo em cima dele como Harry embalado Hagrid em seus braços, e Harry não ousou, pelo movimento ou a

palavra, uma declaração a Hagrid que tudo não estava, contudo, perdido.

“Mova-se,” disse Voldemort, e Hagrid tropeçou para a frente, forçando seu caminho através das árvores, através da floresta. Galhos agarraram no cabelo e nas vestes de Harry, mas ficou quieto, sua boca um pouco aberta, seus olhos fechados, e na escuridão, quando os Comensais da morte estavam em torno deles, e quando Hagrid Chorava as cegas, ninguém viu uma batida do pulso na garganta exposta de Harry Potter… Os dois gigantes moviam-se longitudinalmente atrás dos Comensais da Morte; Harry poderia ouvir árvores quebrando e caindo enquanto passaram; fizeram tanto barulho que os pássaros emitiram um som agudo no céu, e mesmo a zombaria dos Comensais da morte foram afogados. A procissão vitoriosa marchou sobre a terra aberta, e após um tempo Harry poderia dizer, pelo diminuir da escuridão através de seus palpebras fechadas, que as árvores estavam começando a diluir.(ficar mais afastadas umas das outras)

“BANE!”

o grito de HAdrid forçou HArry abrir seus olhos. "Agora estão felizes, não lutarão, vocês são covardes centauros! Estão felizes pela morte de HArry Potter?

Hagrid não conseguiu continuar, mas caiu para baixo lágrimas no Harry. Harry viu muitos centauros prestarem atenção na prossição passar ;

Ele viu os Comensais da Morte insultarem os centauros.Um pouco atrasado, Harry
ficou aliviado, pelo refrescar do ar, tinham alcançado a borda da floresta.
"pare."
Harry pensou de que Hagrid deve ter sido forçado a obedecer o comando de Voldemort, porque balançou um pouco. E agora um frio estabeleceu-se sobre eles sood, e Harry ouviram a respiração dos dementadores que patrulharam as outras árvores. Não o afetariam agora. O fato de sua própria sobrevivência queimou-se dentro dele, um talismã de encontro a elas, como se o seu pai manteve-se de guardião dentro dele.
Alguém passou perto de Harry, e ele soube que era Voldemort porque Voldemort tinha falado um momento atrás, sua voz mágica se ampliou de modo que ela avolumou-se através da terra, um barulho sobre o tímpano de Harry.
"Harry Potter está morto. Ele foi assassinado, foi até mim, numa tentativa de salvar a sí próprio quando vocês dispuseram de suas vidas para salvar a dele Nós trazemos-lhe seu corpo como a prova que seu herói se foi. “A batalha foi ganha. Vocês perderam a metade de seus lutadores. Meus comensais da morte estão em maior número , e o “menino que sobreviveu” está acabado. Não deve haver mais guerra. Qualquer um que continuar a resistir, homen, mulher ou criança, será massacrado, como cada membro

de sua família. Saiam do castelo agora, ajoelhem-se diante de mim, e você será poupado. Seus pais e crianças, seus irmãos e as irmãs viverão e serão perdoados, e você juntar-se-á a mim no mundo novo que nós construiremos o togheter. Havia um silêncio nas terras e do castelo. Voldemort estava assim tão perto dele que Harry não ousou abrir seus olhos outra vez.

"venha," disse Voldemort, e Harry ouvi-o mover-se adiante,e Hagrid era forçado para seguir.Agora Harry abriu seus olhos a um fragmento,e verificou Voldemort franquear no interior da face,desgastando a serpente grande Nagini em torno de seus ombros,livrou ela de sua gaiola.Mas Harry não teve nenhuma possibilidade de extrair sau varinha escondida sobre suas vestes sem ser observado pelos comensais da morte,que marcharam em ou outro lado deles com escuridão...

"Harry," sussurrou Hagrid. "Oh, Harry... Harry..." Harry fechou seus olhos firmemente outra vez.Soube que se aproximavam do castelo e forçaram suas audiçõespara distinguirem,acima das vozes dos comensais da morte e de seus passos vagando,eles viram que havia sinal de vida dentro do castelo.

"pare."

Os comensais da morte coxexaram; Harry ouviu-os espalhar para fora em uma linha que enfrenta as portas dianteiras da escola.Poderia ver,mesmo as portas fechadas,o fulgor do teddish que a luz significava fluiu em cima dele no salão de entrada.Algum

momento, os povos para quem tinha tentado morrer o via, encontrando-se aparentemente absolutamente, nos braços de Hagrid.

“NÃO.!”

O grito era o mais terrível porque tinha esperado ou tinha sonhado que nunca a professora McGonagal poderia fazer tal som. Ouviu-se umas outras mulheres que riam próximo, e souberam que Bel atrix gloriou no desespero de McGonagal ... Squinted outra vez para um único segundo e viu a entrada aberta que se enchia com os povos, como os sobreviventes da batalha veio para fora nas etapas dianteiras enfrentar seus vencedores e ver a verdade da morte de Harry para ele. Viu Voldemort estar um pouco na frente dele, afagando a cabeça de Nagini com um único dedo branco. Fechou seus olhos outra vez. “Não.!” “Não."Harry! HARRY!"As vozes de Ron, de Hermione, e de Ginny eram mais do que McGonagal ; Harry querido nada mais do que à chamada para trás, contudo lhe fêz-se ele mesmo a mentira silencioso, e seus gritos agiu como um disparador; a multidão dos sobreviventes fêz exame acima da causa, gritando e gritando o abuso dos comensais da morte, até - “SILÊNCIO!gritou Voldemort,e havia um estrondo e um flash da luz brilhante, e o silêncio era de todos. “pare! me ponha para baixo, Hagrid, em meus pés, onde pertence! “

Harry sentiu que ele mesmo se abaixou na grama."você vê?gritou Voldemort,e Harry sentiu arremessar inverso e para diante ao lado

do lugar aonde coloca. "Harry Potter está morto! Compreenderam agora? Não era nada, sempre, mas um menino que confiasse em outro para se sacrificar para ele! “ “Bateu-o!” Ron gritado, e o encanto quebrou, e os defensores de Hogwarts estavam gritando outra vez até um segundo, mais o estrondo poderoso extinguiu suas vozes. “Foi matado ao tentar introduzir fora das terras do castelo,” disse Voldemort, e havia um relish em sua voz para a mentira. “matado ao tentar para conservar-se ele mesmo - “ Mas Voldemort interrompeu-se: Harry ouviu uma briga e um grito, então um outro estrondo, um flash da luz, e grunhido da dor; abriu seus olhos um infinitesimal uma quantidade. Alguém tinha quebrado livre da multidão e tinha carregado em Voldemort: Harry viu a figura bater a terra. Desarmado, Voldemort que joga o desafiador varinha de lado e rio. “E quem é este?” disse no silvo da sua serpente macia. “Quem se ofereceu para demonstrar o que acontece àqueles que continuarem a lutar quando a batalha é perdida? “ Bel atrix deu um riso deleitado. “É Nevil e Longbottom, meu senhor! O menino que tem dado o problema de Carrows tanto! O filho do Aurors, recorda?” "Ai, sim, eu me lembro", disse Voldemort, enquanto olhava para Nevil e que estava de volta em luta aos pés dele, desarmado e desprotegido, se levantando em terra entre os sobreviventes e os Comensais da Morte. "Mas você é um sangue puro não é?, um menino valente! Voldemort perguntou a Nevil e que estava em suafrente, as mãos vazias dele enrolaram em punhos. "

"O que disse que eu sou?" disse Nevil e ruidosamente. "Você mostra espírito e coragem e você vem de familia nobre. Você será muito valioso sendo um Comensal da Morte. Nós precisamos de pessoas como vc, Nevil e.

“Eu me juntarei quando o inferno se congelar,” disse Nevil e.

“Armada de Dumbledore!” Ele Gritou, e havia uma aclamação em resposta da multidão, que os encantos de silêncio de Voldemort pareceram incapazes de prender.

“Muito bem,” disse Voldemort, e Harry ouviu mais perigo na suavidade de sua voz do que na maldição mais poderosa. “Se esta é sua escolha, Longbottom, nós voltamos ao plano original. Em sua cabeça, “disse quietamente, “é ele.”

Ainda prestando atenção através de seus cílios, Harry viu Voldemort ondular sua varinha. Segundos depois, uma janela do castelo foi quebrada, algo como um pássaro desfigurado voou através da meia luz e aterrisou na mão de Voldemort. Ele agitou o objeto coberto de mofo por sua extremidade pontiaguda, vazia e áspera: o chapéu seletor.

“Não haverá mais seleção em Hogwarts” disse voldemort “Não haverá mais casas. O emblema, o Escudo e as cores serão as de meu nobre ancestral, Salazar Slytherin, será suficiente para todos. Não é , Nevil e Longbottom? “

Apontou sua varinha para Nevil e, que ficou rigido e então forçou o chapéu na cabeça de Nevil e, de modo que deslizasse para baixo

abaixo de seus olhos.
Havia uns movimentos da multidão prestando atenção na frente do castelo, e como se fossem um , os comensais da morte levantaram suas varinhas, prendendo os lutadores de Hogwarts na baía.
O golpe da lâmina de prata não podia ser ouvido sobre o rugido da multidão próxima ou dos sons dos gigantes confrontando ou dos casco dos centauros, no entanto, ele seemd para extrair cada olho.Como único recurso, nevil e cortou a cabeça da grande cobra, a qual girou altamente no ar, brilhando na luz que inundava o salão de entrada , e a boca de Voldemort estava aberta em um grito do furia que ninguém poderia ouvir, e o corpo da serpente bateu à terra em seus pés.
Escondido embaixo da capa de invisibilidade, Harry lançou um feitiço protetor no meio entre Nevil e e Voldemort antes que este levantasse sua marca para a luta dos gigantes. O grito de Hagrid veio loudets de tudo.
"HARRY!" Hagrid gritou. "HARRY – AONDE ESTÀ HARRY?"
O caos dominava. O carregamento de centauros dispersava os Comensais da Morte, e todos estavam sentido os fortes passos dos gigantes, cada vez mais próximos, trovejando contra os reforços que chegavam de algum lugar; Harry viu grandes criaturas aladas planando sobre as cabeças dos gigantes de Voldemort, testrálios e Bicuço, o Hipogrifo, arranhando seus olhos enquanto Grope esmurrava e socava eles. E agora os bruxos, defensores de

Hogwarts e Comensais da Morte foram forçados a entrarem no castelo. Harry estava atirando feitiços e maldições em qualquer Comensal da Morte que ele podia ver, e eles, machucados, não sabiam o que o quem os acertara, e seus corpos eram atropelados pela multidão em fuga. Ainda escondido sob a Capa de Invisibilidade, Harry adentrou o Hal de Entrada: Estava procurando por Voldemort e viu ele do outro lado da sala, disparando feitiços de sua varinha enquanto voltava para o Grande Salão, continuando a gritar instruções para seus seguidores, enquanto mandava maldições para todos os lados; Harry jogou mais Feitiços Escudo, e Voldemort era sua provável vítima. Simas Finnigan e Anna Abbott, encontraram-se perto dele no Grande Salão, onde entraram na luta já formada dentro dele.

Agora havia mais pessoas na luta, e Harry viu Charlie Weasley alcançando Horácio Slughorn, que ainda vestia seus pijamas esmeralda. Parecia que as famílias e os amigos de todo aluno de Hogwarts que haviam ficado para lutar junto dos moradores de Hogsmeade e dos outros estavam ali. Os centauros Bane, Ronan e Magorian entraram com um estouro no Hal com grande barulho de seus cascos, enquanto atrás de Harry a porta que levava para as cozinhas eram explodidas.

Os elfos domésticos de Hogwarts entraram em abundância no Hal de Entrada, gritando e balançando esculpidas facas e cutelos, e em seu comando, com o medalhão de Régulus Black balançando em

seu peito, Monstro. Sua voz de sapo sempre audível sempre:
"Lutem! Lutem! Lutem pelo meu Mestre, defensor dos elfos domésticos! Lutem contra o Lorde das Trevas, em nome do corajoso Régulus! Lutem!"
Eles estavam no calço dos Comensais da Morte que tinham suas pequenas faces lívidas de maldade, e aonde quer que Harry olhasse, Comensais da Morte estavam caindo pelo quantidade em que eles estavam, submetidos por feitiços, andando com dificuldade devido as feridas, apunhalados nas pernas por duendes, ou então simplesmente tentando escapar, mas foram engolidos pela aproximação da ordem (ou pode ser pessoas, multidão).
Mas isso não havia acabado ainda: Harry apressou-se entre os combatentes, past atruggling prosoners (passando pelos prisioneiros aturdidos?), e entrou no salão principal.
Voldemort estava no centro da batalha, e ele estava evidentemente destruindo todo o interior ao seu alcance. Harry não poderia acertar um feitiço certeiro nele, mas poderia lutar a sua maneira, uma vez que continuava invisível, e o Salão Principal parecia cada vez mais e mais cheio como se todos que pudessem andar tivesses sidos forçados para dentro.
Harry viu Yaxley sendo surrado no chão por Geoge e Lino Jordam, viu Dolohov cair com um grito pelas mãos do Flitwick, viu o carrasco Macnair ser jogado através do salão por Hagrid, bater na parede oposta, e deslizar inconsciente rumo ao chão. Viu Rony e Nevil e

trazerem Fenrir Greyback a baixo. Aberforth atacando Rookwood,

Arthur e Percy derrotando Thicknesse, e Lucius e Narcisa Malfoy,

correndo através do salão, nem ao menos atentos a batalha,

gritando por seu filho.

Voldemort estava agora duelando com McGonagal , Slughorn e

Kingsley juntos, e havia um ódio frio em seus rostos quando eles

moveram e se mergulharam em volta dele, incapazes de acabar

com ele--Bel atrix continuava lutando também, cinqüenta jardas longe de

Voldemort, e como seu mestre duelava com três de uma vez:

Hermione, Gina e Luna, todas elas dando o seu máximo, mas

Bel atrix se esforçava como elas, e a atenção de Harry foi desviada

por uma maldição da morte que passou tão próximo de Gina que a

errou por um dedo—

Harry mudou seu curso, indo de encontro a Bel atrix assim como

Voldemort, mas antes que ele pudesse dar alguns passos ele sentiu

algo passando a sua lateral.

"A MINHA FILHA NÃO, SUA VACA!"

A srª Weasley jogou fora seu casaco enquanto corria, deixando os

braços livres, Bel atrix deu um giro, rindo estridentemente ao ver a

nova desafiante.

"FIQUEM FORA DO MEU CAMINHO" A srª Weasley berrou para as

três garotas, e com um simples balançar de varinha ela começou a

duelar. Harry observava com seu terror aumentando enquanto a

varinha de Mol y torceu e reluziu, e o sorriso de Bel atrix Lestrange

hesitou e transformou-se em um ranger de dentes. Os jatos de luz voavam de ambas varinhas, o chão em volta dos pés das bruxas rachou; as duas estavam duelando para matar.

"Não!" A srª Weasley gritou para alguns estudantes que pareciam vir em sua ajuda. "Se afastem! Se afastem! Ela é minha!"

Centenas de pessoas estavam próximas as paredes, observando as duas lutas, Voldemort com seus três oponentes, e Bel atrix e Mol y, e Harry continuava parado, invisível, entre as duas batalhas, querendo atacar e ao mesmo tempo proteger, incapaz de ter certeza de que não acertaria um inocente.

"O que acontecerá com seus filhos quando eu tiver te matado?" provocou Bel atrix, tão irada quanto seu mestre, saltando como se os feitiços de Mol y estivessem dançando em torno dela. "Quando mamãe tiver ido embora da mesma forma que Fred?"

"Você --nunca --mais --irá --tocar --nossos --filhos --novamente!" A srª Weasley gritou.

Bel atrix gargalhou da mesma forma como quando seu primo Sirius havia tombado através do véu, e surpreendentemente Harry sabia o que iria acontecer antes que acontecesse.

O feitiço de Mol y passou por debaixo do braço de Bel atrix e a acertou em cheio no peito, exatamente sobre seu coração.

O sorriso zombeteiro de Bel atrix congelou, seus olhos pareceram esbugalhar: Em um pequeno espaço de tempo que ela soube o que havia acontecido, e então ela tombou no chão, e a multidão de pessoas assistindo rugiu, e Voldemort gritou.

Harry sentiu como se tudo tivesse girado: ele viu McGonagal, Kingsley e Slughorn explodindo para trás, caindo no ar, e a fúria de Voldemort estava no seu auge, explodindo com a força de uma bomba, Voldemort ergueu sua varinha na direção de Mol y Weasley.
"Protego!" Harry rugiu, e o feitiço protetor se expandiu no meio do salão, Voldemort olhou fixamente para a fonte do feitiço quando Harry finalmente retirou a capa de invisibilidade.
O grito de choque, de prazer, os gritos de todos:"Harry!!ELE ESTÁ VIVO!" eram imensos. A multidão estava com medo, e o silencio caiu bruta e completamente, enquanto Voldemort e Harry olhavam um para o outro, e começaram, no mesmo momento, a circular um ao outro.
"Eu não quero que mais ninguem me ajude," Harry disse em voz alta, e no silencio total sua voz foi levada como o barulho de tambores." Tem que ser desse jeito.Tem que ser eu."
Voldemort assobiou.
"Potter não quer dizer isso," ele disse, seus olhos vermelhos estavam bem abertos."É assim que isso funciona, não é mesmo? Quem você vai usar como escudo hoje, Potter?"
"Ninguém," disse Harry de forma simples."Não existem mais Horcruxes. É apenas você e eu.Nenhum pode viver enquanto o outro sobreviver, e um de nós está prester a ir embora para sempre..."
"um de nós?"zombou Voldemort, e todo o seu corpo estava tento e

seus olhos vermelhos encarando, a cobra estava para atacar. "Você acha que será você, não é mesmo. o menino que sobreviveu por acidente, e porque Dumbledore estava puxando suas cordinhas?"
"Acidente, foi quando, minha mãe morreu para me salvar?" perguntou Harry. Ainda habiam sombras se movimentando, os dois, em um perfeito circulo, mantendo a mesma distancia um do outro, e para Harry não existia nenhum rosto a não ser o de Voldemort. 'Acidente, quando eu decidi lutar no cimiterio?Acidenten, que eu não me defendi essa noite, e ainda sobrevivi, e voltei para lutar novamente?"
"Acidentes!" gritou Voldemort, mas ainda sim ele não acertou, e a multidão estava paralizadas como se estivessem petrificados, os dos cem pessoas que haviam na Hal , ninguem parecia respirar a não ser os dois."Acidente e chance e o fato que você se encolheu e choramingou atrás de grandes homens e mulheres, e me permitiu que matasse você!"
"Você não irá matar mais ninguem está noite," disse Harry enquanto eles circulavam, e se encaravam um nos olhos do outro, verde no vermelho."Você não será capaz de matar mais ninguem novamente.Você não entende?Eu estava pronto pra morrer, pra te impedir de machucar essas pessoas-"
"Mas você não o fez!"
-Eu penso que sim e foi o que fiz. Fiz o que minha mãe fez. Eles estão protegidos de você. Não notou que nenhum de seus feitiços

acertou eles? Você não pode torturá-los. Você não aprende com os seus erros, Riddle, Aprendeu?

-Você me desafia?

-Sim eu te desafio - disse Harry. - Eu sei de coisas que você não sabe, Tom Riddle. Eu sei montes de coisas que você não sabe!

-Quer ouvir mais, antes de cometer outro grande erro?

Voldemort não falou mas, andou em circulos, e Harry sabia que ele estava temporariamente na mesmice de sempre, preso a menor possibilidade que Harry tinha em saber um segredo final...

-É o amor de novo? - dissew Voldemort, sua cara de cobra zombando. - Solução favorita do Dumbledore, amor, o que pode vencer a morte, acho que o amor não parou suafalha na torre parecendo um buneco de cera? Amor, que não preveniu eu de matar sua mão sangue-ruim como uma pedra, Potter - e ningué, parece que ama você o suficiente para entrar na frente do meu feitiço e parar meu feitiço. Então o que irá parar sua morte quando eu lançá-lo?

-Só uma coisa - disse Harry - e circulou junto ao outro, seguro por nada mais que pelo último segredo.

-Não será o amor que salvará você agora. - disse Voldemort - você deve acreditar que sabe magias que eu não sei, ou tem uma arma mais poderosa que a minha?

-Eu acredito em ambos - disse Harry, e ele viu um shoque passar no rosto de cobra, pensadando que ele deve ter se desajeitado,

Voldemort volou a si, e o som mais do que medo, insanidade e humor, isso ecou no Hal silencioso.
-VocÊ acha que sabe mais magias do que eu? - ele disse. - Do que o Lord Voldemort, que fez magias que Dumbledore nunca sonhou em fazer?
_ah ele sonhou com isso. - disse Harry - Mas ele sabia mais do que você, sabia o suficiente para não fazer o que você fez.
"Você quer dizer que ele era fraco!" gritou Voldemort. "Muito fraco para se atrever, muito fraco para pegar o que podia ter sido dele, o que será meu!"
"Não, ele era mais esperto que você," disse Harry, "um bruxo melhor, um homem melhor."
"Eu fui responsavel pela morte de Alvo Dumbledore!" (não é assim que ele diz, mas é nesse sentido)
"Você pensou que fez isso," disse Harry, "mas você está anganado."
Pela primeira vez, a multidão se movimentou enquanto as cem pessoas envolta das paredes respiravam como um.
"Dumbledore está morto!" Voldemort hurrou as palavras para Harry ele está em tumulo de marmore nas terras desse castelo, eu vi, Potter, e ele não irá retornar!"
"Sim, Dumbledore está morto," disse Harry. "Snape pertencia a Dumbledore.De Dumbledore no momento em que você começou a cassar a minha mãe. E você nunca percebeu, porque era um a

coisa que você não podia entender. Você nunca viu, Snape lançar um Patrono, viu, Riddle?

Voldemoprt não respondeu.Eles continuaram em circulo como lobos prester a rasgar no meio um ao outro.

"O patrono de Snape era uma corça," disse Harry, "o mesmo que o da minha mãe, porque ele a amou por praticamente toda sua vida, desde que eles eram crianças.Você deveria ter percebido," ele disse enquanto ele via as narinaz de Voldemort se alargarem, "ele pediu para você poupar a vida dela, não pediu?"

"Ele a desejava, isso era tudo,"zombou Voldemort, "mas quando ela se foi, ele concordou que haveria outra mulher, uma de Puro Snague, digna dele -"

"É claro que ele lhe disse isso," disse Harry, " mas ele era o espião de Dumbledore desde o momento que você a ameaçou, e ele binha trabalhando contra você desde então!Dumbledore já estava morrendo quando Snape o matou!"

"Não importa!" gritou Voldemort, quem tinha ouvido todas as palavras com atenção, mas agora deixavam escapar uma gargalhada. "Não importa se Snape era meu ou de Dumbledore, ou que pateticos obstaculos eles tentaram colocar no meu caminho! Eu os esmaguei como esmaguei sua mãe, o suposto grande amor de Snape!Oh, mas tudo faz sentido, Potter, em jeitos que você não entenderia!

"Dumbledore estava tentando manter a varinha anciã longe de mim!

Ele pretentia que Snape fosse o verdadeiro mestre da varinha!Mas eu a consegui antes que você, a pequena Varinha anciã, a virinha da morte, a varinha do Destino é verdadeiramente minha! O ultimo plano de Dumbledore saiu errado, Harry Potter!"

"Sim, saiu." disse Harry. "Você está certo. Mas antes de você tentar me matar, eu aconselho você a penar sobre o que você fez... pense, e sinta algum remorso, Riddle..."

"O que é isso?"

De todas as coisas que Harry havia dito para ele, alem de qualquer revelação ou insulto, nada havia chocado Voldemort como isso. Harry viu suas pupilas se contraindo, viu a pele em volta dos seus olhos se esbranquissarem.

"É a sua ultima chance," disse Harry," é tudo que sobrou pra você... eu não vejo outra forma... seja um homem... tente... tente sentir algum remorso..."

"Você se atreve--?" disse Voldemort novamente.

"Sim eu me atrevo," disse Harry, "porque o ultimo plano de Dumbledore não saiu pela culatra de jeito não.Saiu pela culatra com você Riddle."

As mãos de Voldemort estavam tremendo com a varinha anciã, e Harry segurou Draco muito forte. O momento que ele sabia, estava a segundos de distancia.

"A varinha ainda não está funcionando direito pra você porque você assassinou a pessoa errada. Severus Snape nunca foi o verdadeiro

meste da varinha anciã.Ele nunca derrotou Dumbledore."

"Ele matou--"

"Você não estava ouvindo?Snape nunca derrotou Dumbledore!A morte de Dumbledore foi planejada entre eles! Dumbledore pretendia morrer, vitorioso, como o ultimo verdadeiro mestre da varinha! Se tudo tivesse saido como ele havia planejado, o poder da varinha teria morrido com ele. porque ninguem nunca havia ganhado dele!"

-Mas aí POtter, Dumbledore era tão bom que me deu a varinha. - A voz de Voldemort saiu com um quê de malicia. - Eu roubei a varinha no tumulo do último mestre! Eu removi ela contra o desejo de seu mestre! Seu POder é meu!.

-Você não ganhou poder, Riddlw, Ganhou? Possuir a varinha não é o suficiente! Segurá-la, usá-la, isso realmente não te pertence. Não ouviu ao Olivaras? A varinha escolhe o bruxo... A varinha anciã reconheceu um novo mestre antes de Dumbledore morrer, alguém que nunca tocou nela. Um novo mestre removeu a varinha de Dumbledore contra seu desejo, não realizando assim o que ele fez, ou neste mundo a mais perigosa varinha foi totalmente fiel a ele!

O peito de Voldemort rosnou rapidamente, e Harry pode sentir a maldição vindo, sentindo dentro de si a varinha apontada para seu rosto.

-A verdadeiro Mestre da varinha anciã era Draco Malfoy.

-Um branco perpassou na face de Voldemort por um momento, mas

passou.

-Mas o que isso importa? - ele disse mansamente. - Se você estiver certo, não faz diferença para você ou para mim. Você não tem a varinha de fênix a um tempo: Vamos duelar com habilidades apenas... e depois de eu te matar, passo para Draco Malfoy.

-Mas é tarde demais. - disse Harry. - Você perdeu sua chance. Eu peguei ele primeiro. Eu derrotei Draco semanas atrás. Eu tirei a varinha dele.

Harry puxou a varinha de unicórnio, e viu que os olhos de todo mundo no Hal estavam nela.

-Então tudo acaba aqui, não é? - disse Harry - A varinha que está em sua mão sabe que seu ultimo mestre foi desarmado? Porque se ela souber... Eu sou o novo mestre da varinha anciã.

Um brilho dourado passou subitamente no céu acima deles e aluz solar ia aparecendo próximo a janela, A luz pegou todas as faces ao mesmo tempo, e quando Voldemort era subitamente um borrão flamejante. Harry ouviu uma voz alta e então também gritou:

- Avada Kedavra!

- Expel iarmus!

A colisão pareceu um tiro de canhão, e as chamas douradas que saíram entre eles, na parte central do circulo que eles faziam, marcaram o ponto onde os feitiços se colidiram.

Harry viu o jato de luz verde de Voldemort bater no seu próprio feitiço, viu a varinha anciã voar alto, a escuridão sobre a luz solar,

girando através do teto encantado como na cabeça de Nagini, girando pelo ar não mataria seu mestre, mas quem não tomasse posse total dela por último. E Harry, com sua enorme agilidade de apanhador, catou a varinha com sua mão livre e Voldemort caiu para trás, braços arqueados, as pupilas vermelhas rolaram para cima, Tom Riddle bateu no chão com um fim mundano, seu corpo espalhado e vazado, as mãos brancas vazias, sua aparência de cobra tinha saído de sua cara. Voldemort estava morto, morto por seu próprio ricochete de feitiço, e Harry ficou com as duas varinhas nas mãos, aonde abaixo jazia o corpo de seu inimigo.

Um tiritar de segundo de silencio, o choque momentâneo suspendeu-se: e ai o tumulto quebrou sobre Harry então os gritos, os berros, e os rugidos dos que assistiam encheram o ar. Uma nova luz solar ainda mais forte rompia da janela trovejando nela, e os primeiros a alcançarem ele foram Rony e Gina, e isso era, seus braços estavam agarrados nele, o incompreensível acontecia com ele. Aí Gina, Nevil e, e Luna estavam lá, e todos os Weasleys e o Hagrid. E Quim e McGonagal e Flitwick e Sprout, e Harry não podia ouvir uma palavra que qualquer um falava, não sabia quantas mãos estava nele, puxando ele, tentando pegar alguma parte dele, centenas delas apretando, todos determinados em tocar no MeninoQue-Sobreviveu, a razão veio então a tona.

O sol nesceu firmimente sobre Hogwarts, e o Grande Salão brilhava com vida e luz.

Harry era uma indispensavel parte do aglomeração e emanação de

festa na manhã, de pesar e celebração. Eles queriam ele lá com eles, o seu lider e simbulo, seu salvador e guia, e aquele que não havia dormido, aquele que havia ansiado por companhia de apenas alguns deles, parecia não pedir auxilio a ninguem. Ele precisava falar para os corajosos, batendo palamas,testemunhando suas lagrimas, recebendo seus obrigados, ouvindo as noticias que agora se espalhavam enquanto a manhã se estendia; aqueles que estavam sendo controlados com o Imperios foram libertados, e voltaram a sí, os Comensais da Morte estavam fugindo ou sendo capiturados, os inocentes que estavam em Azkaban estavam sendo libertados naquele mesmo instante, e Kingsley Shacklebolt havia sido nomeado temporariamente a ministro da magia.

Eles moveram o corpo de Voldemort e o deitaram numa camera do Hal , longe dos corpos de Fred, Tonks, Lupin, Colin Creevey, e outros quinze que haviam morrido lutando com ele.McGonagal havia trocado as mesa das casas, ninguem estava sentado de acordo com suas casas mais: todos se misturaram, professores e alunos, fantasmas e parentes, centauros e meio-elfosm e Firenze deitou se recuperando num canto, e Groupe olhava por trás de janela quebrada, e as pessoas estavam arremessando comido em suas bocas que sorriam.

Depois de um tempo, exausto e exaurido, Harry estava sentado em um banco do lado de Luna.

"Eu quero alguma paz e silencia, se você está estiver aqui comigo,"

ela disse.

"Eu adoraria algum," ele respondeu

"Eu vou distrailos" ela disse, "Use sua capa."

E antes que ele dissesse uma palavra ela gritou, "Ohh, olhem, um Blibbering Humdinger!” e apontou para janela.Todos que ouviram olharam ao redor, e Harry colocou a capa sobre ele , e levantou. Agora ele poderia se mover no Salão sem interferências. Ele localizou Gina duas mesas a diante; ela estava sentada com a cabeça no ombro de sua mãe: Eles teriam tempo para conversar depois, hora e dias e talvez anos para poder conversar. Ele viu Nevil e, a espada de Gryffindor estava do lado do seu prato enquanto ele comia, cercado por um grupo de fervorosos admiradores. Enquanto ele andava ao longo do corredor entre as mesas, ele identificou os três Malfoys, abraçados juntos e amedrontados como se eles não devessem estar ali, mas ninguém estava prestando atenção neles. Em qualquer lugar que ele olhasse ele viu famílias reunidas, e finalmente, ele viu duas pessoas cuja companhia ele desejava mais q tudo.

"Sou eu" ele murmurou, encurvando-se entre eles. "Vocês viriam comigo?"

Eles se levantaram imediatamente, e juntos, ele, Rony e Hermione deixaram o Salão Principal. Faltavam grandes pedaços de mármore nas escadarias, parte da balaustrada tinha sumido, havia cascalho e manchas de sangue pela escada enquanto eles subiam.

Em algum lugar distante eles podiam ouvir Pirraça zumbir pelos corredores cantando uma canção de sua própria composição:

Nos conseguimos, nós vencemos eles, Potter é o cara,

E o péssimo Voldy está morto, então vamos ter um pouco de diversão!

"Realmente passa um sentimento da tragédia que foi, não? disse Rony, empurrando uma porta para deixar Harry e Hermione passarem.

A felicidade viria, Harry pensou, mas no momento ele estava se arrastando d tão exausto, e a dor de ter perdido Fred e Lupin e Tonks perfurava-o como se fosse uma ferida física a cada passo. Grande parte dele se sentia estupendamente aliviado, e ansiando por dormir. Mas antes d td ele devia uma explicação a Rony e Hermione, q tinham estado com ele por tanto tempo, e mereciam a verdade. Detalhadamente ele contou o que havia visto na penseira e o que aconteceu na floresta, e eles não tinham nem começado a expressar seu choque e perplexidade, quando chegaram no último degrau, embora nenhum deles tivesse mencionado o destino.

Da última vez que ele a tinha visto, a Gárgula do escritório do diretor, ela tinha sofrido uma pancada de lado, estava torta, parecendo que tinha apanhado e Harry quis saber se poderia descobrir mais senhas.

"Nós podemos subir?" -Harry perguntou à Gargula.

"Sintam-se livres!" -gemeu a Gargula.

Eles subiram nela e a escada de pedra em espiral se moveu lentamente para cima liberando a passagem. Harry empurrou a porta que estava aberta.

Ele deu um olhar breve na Penseira em cima da mesa onde a tinha deixado e um ruído ensurdecedor o fez chorar, pensando nas maldições imperdoáveis e no retorno dos Comensais da Morte e no renascimento de Voldemort.

Mas era aplausos. Todos em torno das paredes, os diretores e diretoras de Hogwarts davam-lhe aplausos; acenaram seus chapéus e em alguns casos suas asas.

Alcançaram através de seus quadros para dar-se as mãos; dançaram acima e para baixo em suas cadeiras onde foram pintados: Dilys Derwent começou a chorar sem vergonha. Dexter Fortescue escutava com sua corneta apertada na orelha; e Phineas Niggelus chamou, em sua pronta voz elevada, "e que seja anotado que a casa de sonserina fêz sua parte! Deixe nossa contribuição não ser esquecido!"

Mas Harry manteus seus olhos no homem que esteve no quadro logo atras da cadeira

do direto.Lagrimas estavam escorrendo por de trás do espetaculo da meia lua ateh

a grande e prateada barba, e o orgulho e as congratulações emanavam dele enxendo Harry

com o mesma tranquilidade da canção da fenix.Por ultimo, Harry

levantou suas mãos

e o porta retrato silenciou-se respeitavelmente,esfregou seus olhos enquanto esperava

que ele falasse (não ta bem assim mas é o sentido). Ele direcionou suas palavras

para Dumbledore,entretano, as escolheu com um enorme cuidado. Exausto e com sua visão turva,

teve que fazer um ultimo esforço, procurando por uma ultima parte do aviso."O que estava

escondido no pomo de ouro", ele começou, " Eu o deixei cair na floresta.

Não exatamente aqui, mas não vou voltar a procurar por isso de novo.

Você concorda?"

"Eu concordo, meu garoto." Disse Dumbledore, quando os retratos de seus companheiros

olharam confusos e curiosos."Uma decisão sabia e corajosa, mas eu não esperava menos de você.

"Mas alguem sabe onde caiu?"

"Não ninguem", disse Harry, e Dumbledore demonstrou sua satisfação.

"Estou indo pegar o presente de Ignotus, penso." disse Harry, e Dumbledore irradiou felicidade.

"Mas é claro, Harry, é seu para sempre, a não ser que você o

passe!"

"E então tem isto"

Harry levantou a varinha mais velha, e Ron e Hermione olharam-na com reverencia,

que nem em seus mais confusos sonhos, Harry gostaria de ver.

"Eu não a quero." disse Harry

"O que ??" Ron falou alto." Você e doido." (Nao ta assim mas e isso que quer dizer)

"Eu sei que ela é poderosa," falou Harry cansado. "Mas eu estou feliz com a minha. Entao..."

Ele quebrou a varinha no veio e no meio, e separou as duas partes sagradas da varinha, ele quebrou a pena da fênix. Hermione disse que eles não poderiam repará-la, o dano tinha sido grande. Tudo o que ele sabia é que ela jamais funcionaria de novo.

Ele deixou a varinha quebrada sobre a mesa do diretor, encostou as duas partes da varina e murmurou – Reparo.

A sua varinha ricocheteou, fagulhas vermelhas saíram de sua varinha. Harry sabia que tinha sido bem sucedido. Ele pegou a sagrada e a varinha de fênix e colocou-as presas em seus dedos, então a varinha e a mão estavam reunidas.

-Colocarei a varinha anciã. – ele disse a Dumbledore, que assistia a ele com enorme afeição e admiração, - devolta de aonde ela veio. Ela poderá ficar aqui. Se eu morrer por morte natural como Ignotus, este poder será quebrado, não será? O ultimo mestre jamais será

derrotado. Então será o fim disso tudo

Dumbledore assentiu. Eles sorriram entre si.

-Você tem certeza? – disse Rony. Tinha um traço mais fraco em sua vos enquanto olhava a varinha Anciã.

-Eu acho que Harry está certo! – disse Hermione baixo.

-Essa varinha não causará mais dano! – disse Harry. – E honestamente – ele virou-se para a os quadros pintados, pensando agora só nos cama dossel
Esperando por ele na torre da Grifinória, e desejando que Monstro poderia levar a ele um sanduíche lá – Eu tive problemas o suficiente por toda minha vida!



Epílogo

Dezenove anos depois...

O outono pareceu chegar de repente naquele ano. A manhã de 1º de setembro estava fresca como uma maçã, e a pequena família se agitava pela ruidosa rua rumo à grande estação coberta de fuligem, a fumaça do escapamento dos carros e a respiração dos pedestres reluziam como teias de aranha no ar frio. Duas grandes gaiolas se agitavam com ruído no topo dos carrinhos carregados de bagagem que os pais empurravam; as corujas dentro delas piavam indignadas, e a menina ruiva andava lentamente e de modo tímido atrás de seus irmãos, segurando o braço de seu pai.

"Não demora muito, e logo será sua vez de ir," Harry disse a ela.

"Dois anos," fungou Lílian. "Eu quero ir agora!"

Os transeuntes fitavam as corujas com curiosidade, assim que a família seguia seu caminho em direção à barreira entre as plataformas nove e dez, a voz de Alvo soou às costas de Harry, sobre a barulheira do lugar; seus filhos retomaram o debate que começaram no carro.

"Eu não vou! Eu não vou ser um sonserino!”

"Tiago, dá um descanso!", disse Gina.

"Eu só disse que ele poderia ser,” disse Tiago, sorrindo maliciosamente para o irmão mais novo. “Não há nada de errado com isso. Ele poderia ficar na Sonserina.”

Mas Tiago silenciou ao receber o olhar de sua mão. Os cinco Potter se aproximaram da barreira. Com um olhar levemente arrogante sobre o ombro para seu irmão mais novo, Tiago tomou o carrinho das mãos de sua mãe e avançou correndo. Um momento depois, ele desaparecera.

"Você vai me escrever, não vai?", Alvo perguntou aos pais imediatamente, aproveitando a ausência momentânea de seu irmão.

"Todo dia, se você quiser," respondeu Gina.

"Não todo dia," disse Alvo depressa, "Tiago dia que a maioria das pessoas só recebe cartas de casa mais ou menos uma vez por mês.”

"Nós escrevemos a Tiago três vezes por semana no último ano," disse Gina.

"E você não quer acreditar em tudo o que ele lhe conta sobre Hogwarts," acrescentou Harry. "Ele gosta de rir, o seu irmão."

Lado a lado, eles empurraram adiante o segundo carrinho, ganhando velocidade. Assim que eles se aproximaram da barreira, Alvo estremeceu, mas não houve colisão. Então, a família apareceu

na plataforma nove-e-meia, que estava enevoada pelo espesso vapor que saía do escarlate Expresso Hogwarts. Figuras indistintas fervilhavam na névoa, entre as quais Tiago já desaparecera.

"Onde eles estão?" perguntou Alvo ansioso, observanto atentamente as formas enevoadas enquanto eles passavam, dirigindo-se à plataforma.

"Nós os encontraremos," disse Gina de modo tranqüilizador.

Mas o vapor estava denso, e foi difícil distinguir a face de alguém. Destacadas de seus donos, as vozes soavam anormalmente altas, Harry pensou ter ouvido Percy discursar em voz alta sobre os regulamentos do uso de vassouras, e ficou muito satisfeito da desculpa para não parar e dizer olá...

"Eu acho que aqueles são eles, Al," disse Gina de repente.

Um grupo de quatro pessoas surgiu da névoa, em pé ao lado do último vagão. Suas faces só entraram em foco quando Harry, Gina, Lílian e Alvo chegaram bem perto deles.

"Oi," disse Alvo, soando imensamente aliviado.

Rosa, que já usava suas vestes de Hogwarts novinhas em folha, sorriu radiante para ele.

"Estacionou direitinho, então?" Rony perguntou a Harry. "Eu sim. Hermione não acredita que eu pude passar no teste de direção trouxa, você acredita? Ela pensou que eu tive de Confundir o instrutor."

"Não, eu não pensei," disse Hermione, "Eu tenho completa

confiança em você."

"Na prática, eu o Confundi sim," Rony cochichou para Harry, enquanto juntos, eles erguiam o baú de Alvo e a coruja para o embarcarem no trem. "Eu só esqueci de olhar no espelho retrovisor, e cá entre nós, eu posso usar um Feitiço Supersensor para isso."

De volta à plataforma, eles encontraram Lílian e Hugo, irmão mais novo de Rosa, tinham uma discussão animada sobre para qual Casa eles seriam sorteados, quando finalmente fossem para Hogwarts.

"Se você não for para a Grifinória, nós vamos deserdar você," disse Rony, "mas sem pressão."

"Rony!"

Lílian e Hugo riram, mas Alvo e Rosa ficaram sérios.

"Ele não quis dizer isso," disse Hermione e Gina, mas Rony não estava prestando muita atenção. Recebendo um olhar de Harry, ele acenou discretamente para um ponto uns quinze metros dali. A neblina havia diminuído por um momento, e três pessoas se encontravam em um agudo contraste junto à inconstante névoa.

"Olhe quem é."

Lá estava Draco Malfoy, com sua mulher e o filho, uma capa preta abotoada até a garganta. Seu cabelo recuava um pouco, o que acentuava seu queixo pontudo. O novo menino lembrava Draco, assim como Alvo lembrava Harry. Draco percebeu que Harry, Rony, Hermione e Gina o fitavam, acenou com a cabeça brevemente, e

virou-se de novo.

"Então lá está o escorpiãozinho," disse Rony em voz baixa.

"Certifique-se de superá-lo em cada teste, Rosinha. Graças a Deus, você herdou o cérebro de sua mãe."

"Rony, pelo amor de Deus," disse Hermione, meio áspera, meio divertida. "Não tente deixá-los um contra o outro antes mesmo de ter começado a escola!"

"Você está certa, desculpe," disse Rony, mas incapaz de se segurar, ele acrescentou, "Não seja muito amigável com ele, então, Rosinha. O vovô Weasly nunca perdoaria você por se casar com um sangue-puro."

"Ei!"

Tiago reapareceu; ele se livrara de seu baú, da coruja e do carrinho de bagagem por conta própria, e estava, evidentemente, cheio de novidades.

"Teddy está lá trás," ele disse sem fôlego, apontando acima do ombro para trás, para dentro de uma massa de névoa. "Acabei de vê-lo! E adivinhem o que ele está fazendo? Ele e Victoire estavam se beijando!"

Ele encarou os adultos, evidentemente desapontado pela falta de reação.

"Nosso Teddy! Teddy Lupin! Ele e Victoire se beijando! Nossa prima! E eu perguntei ao Teddy o que ele estava fazendo..."

"Você os interrompeu?" perguntou Gina. "Você é tão parecido com

Rony..."

"...e ele disse que veio para se despedir dela! E então, mandou-me ir embora. Eles estão se beijando!" Tiago acrescentou, preocupado que não estivesse sendo claro.

"Oh, seria fascinante se eles se casassem!" sussurou Lílian em êxtase. "Então Teddy seria realmente parte da família!"

"Ele já aparece para jantar quase quatro vezes por semana," disse Harry "Por que apenas não o convidamos para viver conosco, e terminamos logo com isso?"

"É!" disso Tiago entusiasmado. "E não me importo de dividir o quarto com Al... Teddy poderia ficar com meu quarto!"

"Não," disse Harry resoluto, "você e Al só dividirão o quarto quando eu quiser demolir a casa." "Ele checou o velho relógio de pulso que já fora de Fabian Prewett's.

"São quase onze, é melhor vocês embarcarem."

"Não esqueça de dar um abraço em Nevil e!" Gina disse a Tiago enquanto o abraçava.

"Mamãe! Eu não posso dar um abraço a um professor!"

"Mas o Nevil e, você sabe..."

Tiago girou os olhos.

"Fora da escola, sim, mas dentro, ele é o Professor Longbottom, não é? Eu não posso entrar na aula de Herbologia e dar-lhe um abraço..."

Balançando a cabeça pela tolice de sua mãe, ele desabafou o que

sentia mirando um pontapé em Alvo.

"Até mais,Al. Cuidado com os testrálias. "

"Eu pensei que eles fossem invisíveis? Você disse que eles eram invisíveis!" mas Tiago apenas riu, permitiu que sua mãe o beijasse, deu um abraço rápido e, seu pai, e então, saltou rápido para dentro do trem. Eles o viram acenar, e depois correr a toda velocidade pelo corredor para encontrar os amigos.

"Testrálias não são algo com que se preocupar," Harry disse a Alvo. "Eles são dóceis, não há por que se assustar com eles. De qualquer jeito, você não irá para a escola nas carruagens, mas sim nos botes."

Gina deu um beijo de despedida em Alvo.

"Vejo você no natal."

"Tchau, Al," disse Harry enquanto o abraçava. "Não esqueça que Hagrid convidou você para o chá na próxima sexta-feira. Não faça bagunça com Peeves. Não duele com ninguém até que você tenha aprendido como. E não deixe Tiago enrolar você."

"O que faço se eu for para a Sonserina?"

O sussuro foi apenas para o pai, e Harry sabia que somente o momento da partida forçaria Alvo a revelar quão grande e sincero esse seu medo era. Harry se agachou e a face de Alvo ficou só levemente acima da sua. Dos três filhos de Harry, Alvo foi o único a herdar os olhos da avó, Lílian.

"Alvo Severo," Harry disse calmamente, de modo que ninguém

além de Gina pudesse ouvir, e ela foi delicada o bastante para fingir acenas para Rosa, que estava à bordo do trem agora. "você recebeu o nome de dois diretores de Hogwarts. Um deles foi sonserino, e o outro, provavelmente o homem mais magnífico que já conheci."

"Mas apenas diz..."

"...então, a Sonserina ganharia um excelente aluno, não? Não importa para nós, Al. Mas se importa para você, você será capaz de escolher entre Grifinória ou Sonserina. O Chapéu Seletor considerará sua escolha."

"Sério?"

"Foi assim comigo," disse Harry.

Ele nunca contara algo do tipo a nenhum de seus filhos antes, e ele viu a admiração no rosto de Alvo quando o contou. Mas como as portas estavam batendo ao longo de todo o trem escarlate, e os contornos obscuros dos pais se aglomerando adiante pelos beijos de despedida e últimas recomendações, Alvo subiu ao vagão e Gina fechou a porta logo após ele. Os alunos se dependuravam às janelas mais próximas. Um grande número de rostos, tanto no trem como fora dele, pareciam se voltarem para Harry.

"Por que todos eles estão olhando?" perguntou Alvo enquanto ele e Rosa estendiam os pescoços para olhar os outros alunos.

"Não se preocupe com isso," disse Rony. "Sou eu, eu sou extremamente famoso."

Alvo, Rosa, Hugo e Lílian riram. O trem começou a se mover, e Harry andava ao longo dele, observando o rosto magro de seu filho, já inflamado de excitação.

Harry permaneceu sorrindo e acenando, mesmo sendo uma pequena perda e por pouco tempo, observando seu filho delizar para longe dele...

O último rastro de névoa evaporou no ar do outono. O trem dobrou a esquina. A mão de Harry ainda levantada num gesto de adeus.

"Ele ficará bem," murmurou Gina.

Harry olhou para Gina e, então, ele baixou sua mão distraidamente e tocou a cicatriz em formato de raio em sua testa.

"Eu sei que ficará."

A cicatriz não doía há dezenove anos. Tudo estava bem.

danos que possam a ser produzidos em seu computador.

Espero que tenha apreciado a leitura.

Obrigado pela atenção.

DarkElite